ISSN:2318-4817

ALTUS

REVISTA ACADÊMICA MULTIDISCIPLINAR DA FACULDADE CIDADE DE JOÃO PINHEIRO

CIÊNCIA

FCJP
FACULDADE
CIDADE DE JOÃO PINHEIRO

v.3
n.3
jan. a dez.
2015

ALTUS CIÊNCIA

Revista Acadêmica Multidisciplinar
da Faculdade Cidade de João Pinheiro- FCJP

H918

ALTUS CIÊNCIA -Revista Acadêmica Multidisciplinar da Faculdade Cidade de João Pinheiro - FCJP, ano 3. n 3. v.1. Jan a Dez.2015.
348p.
Anual

1.Ciências da Saúde 2.Ciências Sociais

ISSN 2318-4817

CDU 3

H918

ALTUS CIÊNCIA -Revista Acadêmica Multidisciplinar da Faculdade Cidade de João Pinheiro - FCJP, ano 3. n 3. v.1. Jan a Dez.2015.
344p.
Anual

1.Ciências da Saúde 2.Ciências Sociais

ISSN 2318-4817

CDU: 3

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da FCJP

Estrutura Organizacional
Direção Geral:
Dr. Paulo Cesar de Sousa

Instituição de Ensino
Faculdade Cidade de João Pinheiro- FCJP

Diretorias
Direção de Projetos: Dr. Sandro Pereira de Carvalho
Direção Jurídica: Dr. Cláudio Márcio Pessoa Giansanti
Coordenação Acadêmica: Msc. Estanislau Gonçalves Jovtei
Direção de Clínicas: Paulo César Segundo de Sousa
Coordenação do Núcleo de Pesquisa e Iniciação Científica:
Dra. Maria Célia da Silva Gonçalves

ALTUS CIÊNCIA

Revista Multidisciplinar da Faculdade Cidade de João Pinheiro- FCJP
ISSN 2318-4817

OS ARTIGOS PUBLICADOS NESTA REVISTA SÃO DE INTEIRA RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES.
Revista Acadêmica Multidisciplinar da Faculdade Cidade de João Pinheiro- FCJP

EDITORA RESPONSÁVEL:
Profa. Dra. Maria Célia da Silva Gonçalves

CONSELHO EDITORIAL:
Profa. Dra. Alice Fátima Martins-UFG
Prof. Dr. Álvaro Pereira do Nascimento- UFRRJ
Profa. Dra. Anna Christina de Almeida- UFMG
Prof. Dr. Carlos Ângelo de Meneses Sousa- UCB
Profa. Dra. Cléria Botelho da Costa- UnB
Porfa. Ms. Daniela Cristina Silva Borges- FCJP
Prof. Msc. Estanislau Gonçalves Jovtei- FCJP
Porfa. Ms. Giselda Shirley da Silva - FCJP
Profa. Dra. Jeane Medeiros Silva -UFRN
Prof. Dr. José Alberto Carvalho dos Santos Claro -UNIFESP
Profa.Dra. Letícia Costa Rodrigues Vianna - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN
Prof. Dr. Luiz Síveres - Universidade Católica de Brasília - UCB
Prof. Dr. Marcelo Marques Araújo- UFU
Prof. Dr. Marcelo Santiago Berriel- UFRRJ
Prof. Dra. Marilena Aparecida de Souza Rosalen- UNIFESP
Profa. Dra. Margareth Vetis Zaganelli-UFES
Profa. Dra. Priscilla Cardoso Rodrigues- UFRR
Prof. Dr. Rafael Reis Ferreira- UFRR
Prof. Ms. Vandeir José da Silva -FCJP
Profa. Dra.Vera Lúcia Caixeta - UFT

CAPA:
Hamilton Morais
Projeto gráfico e Editoração eletrônica:
Gráfica Côrtes
Elielda Soares
Correspondências e artigos para a publicação deverão ser encaminhados a
ALTUS CIÊNCIA
Av. Zico Dornelas, 380 - Santa Cruz II - CEP 38770-000 - João Pinheiro/MG
Fone: (38) 3561-3900 - E-mail: altusciencia.fcjp@gmail.com

CONSULTORES *AD DOC*

Prof. Dr.Alexandre Guida Navarro- UFMA
Prof. Dr.Augusto Rodrigues da Silva Junior –UnB
Prof. Dr.Carlos Roberto de Oliveira- Unesp
Prof. Dr. Frederico Alexandre Hecker –Mackenzie/ Unesp
Prof. Dr. João Gabriel Lima Cruz Teixeira- UnB
Prof. Dra.Vanessa Maria Brasil – UnB

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 11

EDITORIAL 13

CADERNO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE 17

RISCOS E IMPACTOS AMBIENTAIS EM OLARIAS 19
Eliana da C. M. Vinha 19
Eduardo M. Vinha 19

OS BENEFÍCIOS DA ACUPUNTURA NO TRATAMENTO DA FIBROMIALGIA: REPRESENTAÇÃO CONSTRUÍDA POR MEIO DE UM ESTUDO DE CASO 31
Cláudio José Olegário e Aguiar 31
Karenyne Thácylla de Paiva Oliveira 31
Marcelo Aguiar Ferreira 31

VISITA DOMICILIAR A PACIENTE: UM ESTUDO DE CASO PSIQUIÁTRICO 45
Agatha Siqueira Afonso 45
Bárbara Donnária da Silva Gonçalves 45
Carla Nassur Ozório 45

FISIOLOGIA DA PRIVAÇAO DE INDIVÍDUOS SOTERRADOS 59
Cesar Romero Soares Sousa 59
Walquiria Lene dos Santos 59
Hugo Christiano Soares Melo 59

CADERNO DE CIÊNCIAS SOCIAIS 67

FEMINIZAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO: UM ESTUDO DE CASO EM UMA EMPRESA DE AUTOPEÇA NA CIDADE DE JOÃO PINHEIRO (MG) 69
Maria Eva da Silva 69
Maria Célia da Silva Gonçalves 69
Margareth Vetis Zaganelli 69
Maria Rita Ferreira Dias de Souza 69

CONTABILIDADE DE CUSTOS: FORMAÇÃO DE PREÇO DE VENDA EM UMA PANIFICADORA DE JOÃO PINHEIRO 93
Polyana Rosa dos Santos 93
Renata Suzelli Souza Gonçalves 93

INFLUÊNCIA DAS LIDERANÇAS NA CULTURA ORGANIZACIONAL 109
Osnir Martins Rodrigues 109

IMPORTÂNCIA DA ABORDAGEM ESCOLAR DA CANNABIS 119
Letícia Juliana da Silva 119
Daniela Cristina Silva Borges 119

CONTRIBUIÇÕES DOS CONTOS DE FADA NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DO 1° ANO, ANOS INICIAIS, DO ENSINO FUNDAMENTAL I DE UMA ESCOLA EM JOÃO PINHEIRO-MG 131
Ludimila Cunha de Oliveira 131
Maria de Lourdes de Aguiar Ferreira 131

A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NAS SÉRIES INICIAIS NO VIÉS DAS CRIANÇAS OUVINTES 143
Bárbara Maciel Guimarães 143
Marilda de Souza Almeida 143

AFETO E APRENDIZAGEM: SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO EM UMA ESCOLA ESTADUAL EM JOÃO PINHEIRO (MG) 157
Daiane Ribeiro de Souza 157
Mírcia Adriana de Oliveira Melo 157

DIMENSÕES DO AFETO NO PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM: REPRESENTAÇÕES DOS ACADÊMICOS DE PEDAGOGIA DE UMA FACULDADE NO NOROESTE DE MINAS GERAIS 171
Gilberto Alves Noronha 171
Maria Célia da Silva Gonçalves 171
Margareth Vetis Zaganelli 171

A DISCRIMINAÇÃO RACIAL E SUAS INFLUÊNCIAS NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM: UM ESTUDO DE CASO NO ENSINO FUNDAMENTAL 189
Fátima Aparecida Pereira Santos 189
Marcelo Pereira de Souza 189
Helen Cássia dos Reis Oliveira Souza 189

O BULLIYNG E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DE 0 A 4 ANOS 201
Emília Aparecida Batista dos Santos 201
Maria da Conceição Ferreira 201

O LÚDICO COMO INSTRUMENTO DE ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL 215
Edson Geraldo Fagundes 215
Cleide da Conceição Fagundes 215

O PROFESSOR: QUESTÕES IDENTITÁRIAS E O PAPEL SOCIAL 225
Rosângela Soares Braga Indelécio 225

REFORMA DO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA UM ENSINO DE QUALIDADE 237
Patrícia Alvares Pereira 237

NISTAGMO: APONTAMENTOS SOBRE AS NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL 245
Simone de Oliveira 245
Saulo Gonçalves Pereira 245
Luciana Araújo Mendes Silva 245

ESTUDO DE RUÍDOS NA TRANSMISSÃO DE DADOS VIA REDE ELÉTRICA 257
Fabrício Alencar Ferreira de Souza 257

JOÃO PINHEIRO: ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS 265
Gustavo Henrique de Souza Nogueira 265
Giselda Shirley da Silva 265

CARETAGEM DE SÃO SEBASTIÃO: TRADIÇÃO E REPASSE DA IDENTIDADE NA FESTA DE SÃO JOÃO BATISTA EM PARACATU-MG 279
Vandeir José da Silva 279

A RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA COMO PROBLEMÁTICA PARA O SENTIDO DO COTIDIANO DO POPULAR 291
Gerson de Sousa 291

MCLAREN CONTA A SUA HISTÓRIA NA FÓRMULA 1: REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DO AUTOMOBILISMO EM *TOONED 50* 303
Rafael Duarte Oliveira Venancio 303
Universidade Federal de Uberlândia 303

PODER, HISTÓRIA E IDEOLOGIA NOS TEMPOS DA DITADURA: OS DISCURSOS EM VEJA E PASQUIM 315
Emílio de Sá Vieira 315
Marcelo Marques Araújo 315

ORDEM DOS NÚMEROS PRIMOS, O TEOREMA DE CHEBYSHEV 335
Davi José dos Santos 335
José Fabio Xavier 335
Willian Reis Moura do Couto 335

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO 343

APRESENTAÇÃO

A Faculdade cidade de João Pinheiro pautada em sua missão e objetivos, bem como em seus valores, utiliza-se da iniciação cientifica para nortear ações de pesquisa por entender que as práticas investigativas como estudos de caso, trabalhos de campo, trabalhos de incentivo ao fortalecimento de ações associativas e cooperativas entre os docentes e discentes dos diversos cursos são formas de integração do conhecimento.

A Revista Altus configura-se a consolidação do incentivo à pesquisa. Entendemos que Pedro Demo tem razão em mostrar o caminho da pesquisa como uma das metodologias mais enriquecedoras de aprendizagem. Docentes e discentes pesquisadores aprendem métodos, aprendem a elaborar melhor o pensamento a compreender o implícito, tornando mais claro o que indicava obscuridade.

Trabalhar com a pesquisa auxilia a consolidar o argumento do pesquisador tornando-o apto a fundamentar-se sem ser dono da verdade. A máxima da filosofia de Sócrates manifesta-se através da pesquisa, já que indubitavelmente nos confere a percepção de que quanto mais se aprende menos se sabe. A pesquisa possibilita ainda ao pesquisador aprender a escutar, a consolidar ideias a ser parceiro, compartilhar suas descobertas, a ser coprodutor de um dos patrimônios da humanidade, o conhecimento.

É por acreditar no grande potencial educacional da pesquisa, por entender que quem pesquisa bem, torna-se um profissional melhor, que a FCJP apresenta mais um número de sua Revista Altus Ciência, permeado de variados temas, para que nossos leitores deleitem-se com o conhecimento produzido na comunidade acadêmica e compartilhado com os amantes da leitura, corroborando o Lema da Instituição: Ética, Conhecimento e Cidadania.

Dr. Paulo Cesar de Sousa
Diretor Geral da Faculdade Cidade de João Pinheiro- FCJP

EDITORIAL

Reafirmando o caráter multidisciplinar da Revista **ALTUS CIÊNCIAS**, este terceiro volume encontra-se dividido em dois cadernos temáticos: **Ciências da Saúde e Ciências Sociais**.

O primeiro caderno que abre este número é ode **Ciências da Saúde** e está constituído de artigos que contemplam as mais diversas áreas do referidocampo; para facilitar a leitura, optou-se pela distribuição dos artigos em seções temáticas.

A primeira seção desse caderno é proveniente da **Biologia** e foi constituída por um artigo de autoria de **Eliana da C. M. Vinha** e **Eduardo M. Vinha.** Em sua pesquisa, os autores têm por objetivo analisar os riscos e impactos ambientais causados pela atividade de olaria.

A segunda seção é oriunda da **Biomedicina** e conta com uma pesquisa dos biomédicos **Cláudio José Olegário** e **Aguiar**, **Karenyne Thácyllade Paiva Oliveira** e **Marcelo Aguiar Ferreira**.Os pesquisadores elaboraram um estudo de caso que visa demostrar que a fibromialgia é um conjunto de sinais e sintomas e os principais aspectos é a sensibilidade aumentada da dor, caracterizada pela presença de, no mínimo, 11 dos 18 pontos anatomicamente específicos chamados de *tender points*, dolorosos à palpação.

A terceira seção desse caderno filia-se à **Medicina** e está composta por dois artigos: as pesquisadoras **Agatha Siqueira Afonso**, **Bárbara Donnária da SilvaGonçalves** e **Carla Nassur Ozório**investigaram os resultados de um trabalho de campo realizado por acadêmicas de medicina, do sexto período de uma faculdade particular de Vitória (ES), que em união com uma Unidade Básica de Saúde visou estabelecer uma relação médico-paciente satisfatória e, assim, promover melhor adesão ao tratamento, avaliar a evolução da doença e adquirir um maior conhecimento na área de saúde mental.

Em segundo lugar, **Cesar Romero Soares Sousa**, **Walquiria Lene dos Santos** e **Hugo Christiano Soares Melo** estabeleceram por meta descrever a fisiologia da privação sofrida pelo indivíduo soterrado. Quando o território orgânico é submetido a tal situação limite, existem inúmeros mecanismos de controle biológico que identificam esta perturbação e regulam a homeostase, através de mecanismos bioquímicos delicados e uma regulação hormonal precisa.

O Caderno de **Ciências Sociais** também foi organizado por seções temáticas. A primeira seção contempla pesquisa da **Administração** e está composta por três artigos, a saber: **Maria Eva da Silva**, **Maria Célia da Silva Gonçalves** e **Margareth Vetis Zaganelli**investigaram os determinantes da participação das mulheres no mercado de trabalho, assim como avaliaram em que medidas a atuação dessas mulheres são limitadas pela questão de gênero.

O segundo artigo é de autoria de **Polyana Rosa dos Santos** e **Renata Suzelli Souza Gonçalves**e elas tiveram como proposta analisar o cálculo dos custos e a formação do preço e venda de alguns produtos em uma Panificadora na cidade de João Pinheiro (MG).

O terceiro artigo dessa seção foi escrito pelo administrador **Osnir Martins Rodrigues** e propõe um breve relato sobre cultura, assim como as mudanças que podem ocorrer nas organizações por meio das pessoas que são a mola mestra neste processo, tomando como base a importância da mudança na cultura de seus proprietários, gestores e líderes para a consecução plena destas mudanças no ambiente laboral e empresarial.

A segunda seção está composta por 11 artigos da **Educação.**

O primeiro é de autoria de **Letícia Juliana da Silva** e **Daniela Cristina Silva Borges**. As pesquisadoras discutiram acerca dasformas de uso e da abordagem da *Cannabis*no âmbito escolar. A pesquisa foi realizada com um estudo qualitativo por meio da aplicação de 40 questionários com cinco perguntas para alunos de uma escola pública do interior de Minas Gerais.

Ludimila Cunha de Oliveira e **Maria de Lourdes de Aguiar Ferreira**escreveram o segundo artigo da seção de Educação e visaram analisar as contribuições dos contos de fada no processo ensino aprendizagem no 1° ano, anos iniciais, do ensino fundamental de uma escola de João Pinheiro-MG no ano de 2014.

O terceiro artigo consistiu na análise da importância da contação de histórias, para alunos das séries iniciais em uma escola de João Pinheiro – MG e foi elaborado por **Bárbara Maciel Guimarães** e **Marilda de Souza Almeida**.

O quarto artigo apresenta um estudo sobre a relação entre afetividade e aprendizagem, realizada através de uma pesquisa de campo em uma Escola Estadual no ano de 2014, com o intuito de compreender se o afeto influencia na educação. Essa pesquisa foi elaborada por **Daiane Ribeiro de Souza** e **Mírcia Adriana de Oliveira Melo.**

Gilberto Alves Noronha,**Maria Célia da Silva Gonçalves e Margareth Vetis Zaganelli** objetivaram investigar a dimensão afetiva no processo ensino/aprendizagem por meio da representação dos acadêmicos de Pedagogia de uma faculdade localizada no noroeste de Minas Gerais.

Partilhar o resultado da pesquisa, realizada em uma determinada Escola Estadual do Município de João Pinheiro – MG, sobre a discriminação racial e sua influência no processo ensino aprendizagem durante os anos de 2012 a 2014 foi a proposta de **Fátima Aparecida Pereira Santos**, **Marcelo Pereira de Souza** e **Helen Cássia dos Reis Oliveira Souza.**

Emília Aparecida Batista dos Santos e**Maria da Conceição Ferreira**tiveram o intuito de identificar as consequências causadas pelo *Bulliyng* e quais as sequelas que deixam nas crianças, visando seus comportamentos dentro de sala de aula, onde elas passam maior parte do tempo.

Edson Geraldo Fagundes e **Cleide da Conceição Fagundes**tiveram como objetivo apresentar aos educadores a importância do Lúdico como instrumento de Alfabetização na Educação Infantil, verificando as diferentes conotações e significados deste modelo de ensino

que, atualmente, celebra a interatividade como precursora do desenvolvimento motor, sensitivo e cognitivo do educando, permitindo, através da multiplicidade de fatores, desenvolver habilidades e tornar-se um agente transformador do seu ambiente.

Discutir a relação entre a construção da identidade profissional do professor e a sua prática em sala de aula foi a proposta de **Rosângela Soares Braga Indelécio**,para tal tarefa eladesenvolveu- uma análise do compromisso ético e moral como parte complementar do docente, por ser ele um profissional compromissado com os valores morais e o futuro das novas gerações.

A pedagoga **Patrícia Alvares Pereira** teve por objetivo rever e analisar a atual situação do Ensino Superior no Brasil, mostrando os desafios e as perspectivas para o futuro.

Simone de Oliveira, **Saulo Gonçalves Pereira** e **Luciana Araújo Mendes Silva**procuraram demostrar que as pessoas portadoras do Nistagmo são consideradas cegas totais ou de baixa visão. O Nistagmo enquadra-se como doenças relacionadas à vestibulopatias periféricas que são caracterizadas como distúrbios decorrentes do comprometimento do sistema vestibular periférico. As crianças com visão subnormal sempre são acompanhadas de outras enfermidades, mas são capazes de aprender no seu ritmo.

A terceira seção desse caderno está composta por um artigo de **Engenharia Elétrica** e foi escrito por **Fabrício Alencar Ferreira de Souza,**versando sobre a transmissão de dados via rede elétrica e tem como objetivo mostrar que mesmo com o desenvolvimento de novas tecnologias, em alguns ambientes é impossibilitadasua realização.

A quarta seção desse caderno está composta por cinco artigos de **História**, sendo que o primeiro é de autoria de**Gustavo Henrique de Souza Nogueira** e**Giselda Shirley da Silva**e teve como objetivo conhecer a história local, abordando o processo de crescimento e desenvolvimento econômico de João Pinheiro no recorte específico da criação de gado entre os anos de 1911 a 2011, ano do centenário de emancipação política do município situado no noroeste de Minas Gerais.

O segundo artigo dessa seção é de autoria de **Vandeir José da Silva** e teve como meta analisar o significado cultural e religioso da Festa de Caretagem, que ocorre na noite do dia 23 para 24 de junho, em homenagem a São João Batista na cidade de Paracatu (MG).

O terceiro artigo dessa seção traz o registro conclusivo de uma pesquisa de **Gerson de Sousa**, com financiamento da FAPEMIG, e mostra o paradoxo da reconstrução histórica da produção de sentido e de significados do cotidiano de homens e mulheres de Uberlândia por meio da memoria ao narrar sua experiencia vivida no cinema como espaço de sociabilidade.

O quarto artigo é um trabalho em que **Rafael Duarte Oliveira Venâncio** analisa o modo pelo qual a escuderia McLaren de Fórmula 1 contou sua história de cinqüenta anos na categoria através de um desenho animado postado no YouTube intitulado *Tooned 50*.

Em outro artigo, **Emílio de Sá Vieira** e **Marcelo Marques Araújo** propõem uma análise do discurso comunicacional (Veja e Pasquim) registrado no período da ditadura militar, em especial quando abordavam a ditadura e a censura.

A quinta e última seção desse caderno é oriunda da **Matemática** e contou com um artigo de **Davi José dos Santos**, **José Fabio Xavier** e **Willian Reis Moura do Couto**.Os pesquisadores fizeram uma demonstração do Teorema de Chebyshev, assim como deram evidência numérica do comportamento de $\pi(x) / (x/\log(x))$ para grandes valores de x. Aqui $\pi(x)$ denota a quantidade de números primos entre 2 e x.

A Faculdade Cidade de João Pinheiro reconhece que o momento atual é de um despertar na busca de alternativas para a vida em sociedade. Aqui vemos o papel do cientista, daquele que pesquisa no campo das ciências da Saúde e Sociais rumos novos para a sociedade. Socializar o que é produzido nestas áreas, sob variados aspectos, é dar significativa contribuição na busca de soluções. Os textos publicados neste número de ALTUS CIÊNCIAS percorrem vários segmentos das mais diversas ciências e pontuam para respostas que se possam dar na análise contextualizada das mais diferentes dimensões sociais. A sua leitura reflexiva irá proporcionar uma maneira mais esperançosa de se olhar a sociedade na ótica transformadora proposta pelas ciências.

Na oportunidade, queremos apresentar aos autores da casa que escreveram os textos deste volumee os demais pesquisadores de outras universidades o nosso apreço pela grande contribuição dada à nossa Academia com suas publicações científicas.

CADERNO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

RISCOS E IMPACTOS AMBIENTAIS EM OLARIAS

Eliana da C. M. Vinha[*]
Eduardo M. Vinha[**]

Resumo: Desde os primórdios dos tempos, acontecem intervenções humanas no meio ambiente, para satisfazer as suas necessidades, têm provocado a exploração contínua dos recursos naturais e gerado inúmeros impactos ambientais. Este trabalho tem por objetivo analisar os riscos e impactos ambientais causados pela atividade de olaria. Os impactos positivos são a minoria, porém há de se destacar: a geração de emprego e renda, pois vários trabalhadores sobrevivem dos trabalhos nas olarias e movimentam a economia da região e do município. Dentre os impactos negativos cita-se a possibilidade do aumento de doenças na população transmitidas pela poluição do ar e proliferação de insetos.

Palavras chaves: Impacto Ambiental. Olaria. Segurança no Trabalho

Abstract: Since the dawn of time, place human intervention in the environment, to meet their needs, have caused the continuous exploitation of natural resources and generated numerous environmental impacts. This work aims to analyze the risks and environmental impacts caused by the pottery activity. The positive impacts are the minority , but there to stand out: the generation of employment and income, as several workers survive the work in brick kilns and move the economy of the region and the municipality. Among the negative impacts cites the possibility of increased disease in the population transmitted by air pollution and insect proliferation.

Keywords: Environmental Impact. Pottery .Workplace Safety

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios dos tempos, acontece as intervenções humanas no meio ambiente, para satisfazer as suas necessidades, têm provocado a exploração contínua dos recursos naturais e gerado inúmeros impactos ambientais.

Contrariando às demais espécies animais que procuram o equilíbrio entre o sistema que lhe assegura a sua subsistência, à espécie humana, no decorrer dos anos tem se preocupado com a satisfação imediata das suas necessidades independente, dos riscos à saúde e das mesmas provocarem os impactos ao ecossistema do qual são parte integrante.

O artigo 225 da Constituição Federal ao estabelecer o "meio ambiente ecologicamente equilibrado" como direito dos brasileiros, "bem de uso comum e essencial à sadia qualidade de vida", também, atribui ao "Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações (BRASIL, 1988)".

Devido à falta de conhecimento da sociedade sobre os riscos e impactos ambientais, principalmente em relação ao funcionamento das empresas de olarias, conhecidas

[*]Fisioterapeuta do Trabalho. Especialista em Ergonomia, Segurança e Saúde do Trabalhador. Prof.ª na Faculdade Cidade de João Pinheiro(FCJP). E-mail: elianafisio@gmail.com

[**] Engenheiro Agrônomo. E-mail: emvinha@hotmail.com

popularmente, como cerâmicas de tijolos levanta-se o seguinte questionamento: quais são os riscos e impactos ambientais trazidos ao meio ambiente pela atividade executada pelas olarias na fabricação de tijolos?
Nesse contexto este trabalho tem por objetivo analisar os riscos e impactos ambientais causados pela atividade de olaria. Os fatores norteadores deste trabalho serão as imagens iconográficas, fotografias, os relatos e os questionamentos relativos ao funcionamento das empresas de olarias, localizadas no Distrito Parque das Andorinhas no município de João Pinheiro – MG.
A metodologia de pesquisa utilizada foi revisão de literatura, elaboração de questionário com 05 perguntas objetivas para os entrevistados. Os setores, empresas e funcionários expostos terão seus nomes resguardados.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Gomes (2010) define olaria como um local ondese fabricam peças de cerâmica utilizando-se de argila extraídos de rios, córregos e várzeas. Olaria é um ramo produtivo da indústria da construção civil, cuja atividade principal é a fabricação de tijolos e telhas,
De acordo com o Sindilouça (2011)objetos cerâmicos, como vasos, potes, telhas e tijolos, já eram produzidos no Brasil pelos indígenas e pelos colonizadores europeus, durante os períodos colonial e imperial, porém a produção era artesanal. Iniciou-se no final do século XIX a produção de cerâmica. A primeira grande fábrica do Brasil foi fundada em São Paulo, em 1893, por quatro irmãos franceses, naturais de Marselha, encerrando suas atividades em 1956. O nome das telhas, conhecidas por “francesas” ou “marselhesas”, deve-se ao País de origem destes empresários. Durante os últimos anos do século XIX e início do XX, as empresas cerâmicas passaram a especializar-se em determinados tipos de produtos, o que gerou uma paulatina separação na classificação das empresas entre “olarias” e “cerâmicas”. Assim, as olarias eram as unidades produtoras de tijolos e telhas, e as cerâmicas fabricavam produtos mais “sofisticados”, como manilhas, tubos, azulejos, potes, talhas, louças e porcelanas. A organização como “indústria”, foi somente na década de 1910 em São Paulo, onde houve o surgimento de olarias e fábricas de louças de barro que produziam em série, telhas, tijolos, ladrilhos, vasos, potes e manilhas.
Segundo Santos et al (2009) as olarias estão entre os empreendimentos que mais causam impactos ambientais decorrentes de suas atividades, principalmente, a exploração da argila que é a principal matéria prima para a confecção dos produtos cerâmicos.
Para Keimerich et al (2011),todo ou qualquer empreendimento provoca algum tipo de impacto ambiental, e este impacto pode agredir tanto o solo, a água e/ou o ar atmosférico em conseqüência dos processos, desde a instalação até o produto final gerado pela empresa. Dessa forma qualquer atividade ou projeto exerce sobre o meio físico, social e econômico, impactos positivos e negativos.
Flogliotti et al (2004) definem impacto ambiental como qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e/ou biológicas do meio ambiente, provocada direta ou indiretamente por atividades antrópicas que podem afetar a saúde, a segurança e a qualidade dos recursos naturais.
Para Felipe (2008) impacto ambiental é uma degradação que causa prejuízo ao homem afetando sua saúde, a segurança e o bem-estar de toda a população. Cria também condições adversas às atividades sociais e econômicas, afetam desfavoravelmente a biota, afeta as condições estéticas ou sanitárias do meio ambiente e por fim lançam materiais em desacordo com os padrões ambientais estabelecidos.

As empresas conforme disposto na Norma Regulamentadora – NR 6 (2009) deverá fornecer gratuitamente aos empregados EPI adequado ao risco e em perfeito estado de conservação e funcionamento. É importante dizer que o EPI deve ser usado quando as medidas de proteção coletiva forem tecnicamente inviáveis ou não oferecerem completa proteção contra os riscos de acidentes de trabalho/doenças profissionais, enquanto medidas de proteção coletiva estiverem sendo implantadas ou para atender situações de emergência. O uniforme é de grande importância para a proteção do corpo dos trabalhadores e dos agentes agressores manipulados dentro da empresa. Devem também ser fornecidas pela empresa luvas, calçados de segurança e outros equipamentos que se fizerem necessários, para todos os envolvidos na área de produção.

Conforme Araújo (2008) a falta de informação do empregador e do trabalhador aliados a informalidade das atividadesdificulta ainda mais a aplicação dessas medidas preventivas.

Para Gomes (2010) todos os funcionários de olarias brasileiras têm de seguir as normas de segurança, usando luvas, calça jeans, botas com bico de aço, capacete e, no caso dos forneiros e queimadores, avental, óculos de proteção e macacão contra altas temperaturas, no entanto, devido ao descaso dos donos das olarias e desafio às condições de risco do serviço, muitos trabalhadores deixam de usar os equipamentos de segurança.

O Ministério da Saúde por meio da Secretaria de Política da Saúde (2005) relatam que o trabalhador das olarias tem probabilidade de desenvolver várias doenças, entre elas as doenças das vias aéreas, pois são diretamente relacionadas aos materiais inalados nos ambientes de trabalho. Por exemplo, a pneumoconiose causada por inalação de poeira de sílica livre cristalina (quartzo). Caracteriza-se por um processo de fibrose, com formação de nódulos isolados nos estágios iniciais e nódulos conglomerados e disfunção respiratória nos estágios avançados. Atingem trabalhadores inseridos em diversos ramos produtivos entre eles os trabalhadores em cerâmicas e em olarias.

Vale ressaltar que os acidentes, são eventos agudos, que decorrem de situações de risco presentes nos locais de trabalho, relacionados aos agentes físicos (ruído, vibração, calor, frio, luminosidade, ventilação, umidade, pressões anormais, radiação etc.); aos agentes químicos (exposição a substâncias tóxicas através de gases, fumos, névoas, neblinas e poeiras, contato térmico ou ingestão); à organização do trabalho (divisão do trabalho, pressão de chefia por produtividade ou disciplina, jornada, ritmo, pausas, trabalho noturno ou em turnos, organização do espaço físico, esforço físico intenso, levantamento manual de peso, posturas e posições inadequadas, repetitividade de movimento, etc.). Há ainda outras situações que predispõem ao surgimento de acidentes, tais como: arranjo físico inadequado, falta de proteção em máquinas perigosas, ferramentasdefeituosas, possibilidade de incêndio e explosão, presença de animais peçonhentos, etc. (BRASIL, 2005).

Araújo (2008) diz que é dever de toda a coletividade a preservação do meio ambiente, inclusive o dotrabalho, buscando promover a conscientização entre osenvolvidos em uma relação de emprego, bem como promover a discussão de temasrelacionados a fim de buscar melhorias nos processos de prevenção de acidentes e deriscos ocupacionais no trabalho.

Em geral, os trabalhadores em olarias acabam tendo seus dedos, articulações e mãos deformadas, algias na coluna e déficit da audição, conforme relata um trabalhador:

> *Trabalhei em uma das olarias no ano de 2000, eu era carregador de tijolo, saí porque sentia fortes dores na coluna, dores que sinto até hoje, uso aparelho auditivo e sem ele ouço apenas dez por cento, na época só a empresa tinha uma média de 60 empregados, uns 40 era de João Pinheiro e uns 20 da Ruralminas (M. A.P, 43 anos ex-trabalhador das olarias).*

Uma característica secular do trabalho em olarias é a participação da família no trabalho, na sua maioria, sem registro em carteira, à margem de todos os direitos trabalhistas. Inclusive normas sobre segurança, saúde e higiene do trabalho. Realizado sob sol intenso e caracterizado por um processo mecânico e rotineiro, o trabalho nas olarias é considerado insalubre e penoso, sendo que na grande maioria das vezes o trabalhador está totalmente desprotegido.

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1. Área estudada

Foto 01 – Olarias Distrito Parque das Andorinhas

Fonte: Google Earth, 2015.

Durante as visitas às olarias, observou-se a quantidade de trabalhadores, e de outras localidades, que se deslocam diariamente até as empresas, para trabalhar na fabricação de tijolos.

Alguns trabalhadores e suas famílias moram ao redor das olarias, em casas mal acabadase expostas a todo tipo de perigo, como a inalação de substâncias tóxicas produzidasna produção dos tijolos. Não somente está sob risco o trabalhador no exercício da sua atividade, também sua família, devido as proximidades da olaria recebem as substâncias tóxicas que são lançadas ao ar.

O número de empresas e trabalhadores vem aumentando com o decorrer do tempo e a população migratória ao entorno das olarias é crescente, apesar de gerar mais empregos diretos e indiretos para o município e região.

Percebe-se grande volume de barros próximo aos montes de lenhas como tocos, gravetos, sobras de tijolos quebrados, etc. O local é de fácil e livre acesso a terceiros, correndo o risco também ao transitar pelo local de trabalho.

3.2.Descrição da Atividade

De acordo com a observação *in lócus*, o início da fabricação do tijolo vem da extração de argila, geralmente, extraída do fundo de rios e córregos relativamente próximos de onde se localiza a olaria, posteriormente a argila é estocada e deixada ao sol, para haver a decomposição de matérias orgânicas que por sorte estiveram junto da argila no momento da extração, após o tempo de cura, que é determinado pelo proprietário da olaria.

Numa segunda fase a argila é processada por uma máquina conhecida como picador, ou amassada com ajuda animal, e segue ou para outra máquina que efetua o modelamento e corte da argila, ou para um funcionário efetuar, de maneira manual, sua moldagem e corte e é nesse momento que a argila, já como tijolo, é posta para secar ao sol e, após dois dias de secagem, é posta nos fornos.

Para serem queimados, no forno, por um período de dois a três dias, após esse período, os tijolos são postos para esfriar por ação do tempo. Depois de resfriados, os funcionários, tidos como carregadores, possam colocar os tijolos em caminhões e, por fim, possam ser utilizados.

Para efetuar o cozimento dos tijolos, é utilizado o eucalipto como material combustível.

4. Aspectos e impactos ambientais das olarias

Keimerich et al (2011), disseram que no processo de extração da argila é realizado o decapeamentodo solo para posterior extração da mesma, podendo causar erosão do solo e a alteração da paisagem. Na medida em que o solo vai sendo retirado, o lençol freático torna- se mais vulnerável, facilitando assim, a contaminação das águas subterrâneas, caso ocorram derramamentos de óleo ou derivados provenientes das máquinas que atuam no local.

Foto 02 – Crateras no solo devido a extração da argila

Fonte: Google Earth, 2015.

Na imagem acima, percebe-se o tamanho das crateras no solo, podendo ser comparadas ao tamanho de um caminhão toco (14 metros). No local próximo a localização dessas crateras, de onde a argila é retirada para a fabricação dos tijolos, avista-se discreta vegetação, dificultando assim o desenvolvimento da fauna e da flora na região. Estas crateras estão próximas ao rio da Prata e por serem grandes e profundas, são diariamente inundadas.

Esse fato é importante a ser analisado, pois com o acúmulo de água parada, estas crateras servem de criadoras de mosquitos, causadores de doenças, como a malária e a dengue (BRASIL, 2007).

Além do impacto causado pela retirada do barro, ainda podem ocorrer emissão de poeira, causada pelo fluxo de veículos no local, a geração de impactos visuais, acúmulo de resíduos provenientes da produção de cerâmica e retirada do solo para a fabricação dos materiais e, ainda, a ocorrência de ruídos e vibrações causadas pelos maquinários utilizados na extração, produção e transporte do material produzido, gerando assim uma degradação no ambiente trabalhado (KEIMERICH et al, 2011).

Foto 03: Cozimento de Tijolos na Olaria

Fonte: VINHA, Eliana. Out/2014.

Observa-se, na foto 03, que não há cerca ou barreira de proteção, a fuligem saem dos fornos, possivelmente contaminando tudo que está nas redondezas, uma vez que a lenha utilizada na queima aparenta ser de diversas espécies. De acordo com Gomes (2010) a maioria das fábricas que compõem os setores de olarias e cerâmicas vermelhas, têm como características a precariedade nas condições de trabalho e pouco conhecimento sobre cultura de segurança do trabalho. Destaca ainda, que essas situações podem estar relacionadas às características das empresas serem predominantemente familiares, de pequeno porte, tecnologias rudimentares e localizadas na zona rural.

Enquanto alguns tijolos estão em constante cozimento, outros são transportados, o barro é umedecido e preparado, não é visto chaminés altas.

É grande a movimentação de trabalhadores sem Equipamentos de Segurança Individual, às vezes o trânsito de veículos comuns e pessoas incluindo crianças, se misturam em meio aos fornos, tijolos, barros, lenhas, máquinas, caminhões, tratores, fumaça e poeiras, como relata uma moradora da comunidade.

> *O problema maior é a fumaça, poeira e pó de mico, nas casas, porque são muitos problemas respiratórios que nós moradores vivemos e que é mais grave nas crianças e nos mais velhos. Moramos perto por necessidade e cada vez mais outras pessoas como empregados vem morar perto das olarias para facilitar o deslocamento de todo dia ir e voltar pra João Pinheiro. Só aqui no Parque das Andorinhas existem 09 a 10 olarias grande ... nem contei as pequenas. Mais nos outros lugares por aqui tem muitas outras pequenas fábricas de tijolos de fundo de quintal* (G. 60 anos, moradora há 07 anos no Distrito Parque das Andorinhas).

A poluição do ar no ambiente de trabalho associa-se a inúmeras doenças respiratórias, que dependem de vários fatores, podendo-se destacar os efeitos próprios dos poluentes, as características individuais, entre outros.

Randon et al (2010) relatam que a poluição presente nas indústrias de cerâmicas é ocasionada pela dispersão dos poluentes dentro do galpão da indústria e atinge os trabalhadores das diferentes ocupações como batedores, carregadores, forneiros, lanceadores e queimadores, isto é, tanto aqueles da linha de produção, quanto os que

trabalham na área administrativa e a população que reside aos arredores. Neste contexto fica nítido que os trabalhadores das indústrias de olarias por não terem opção, apresentam-se mais expostos à poeira derivada de matérias-primas, possibilitando assim a inalação de substâncias químicas no processo produtivo.

Um bom exemplo foi dado pelo ministério público de Santa Catarina ao implantar um Termo de Compromisso de Ajustamento de Condutas criando um programa de prevenção e repressão à poluição atmosférica, estabelecendo os seguintes objetivos, de acordo com o Ministério Público de Santa Catarina (2004)

> (1) preservação dos cursos d'água e demais áreas ambientalmente protegidas, com a disciplina e adequação legal do uso do solo nas jazidas de extração de argila; (2) recuperação dos passivos ambientais, consubstanciados nas cavas de extração a céu aberto, verdadeiros focos de criação de mosquitos e outros insetos nocivos à saúde, além de representar perigo para a segurança das pessoas que transitam ou residem nas áreas circunvizinhas; (3) controle das emissões atmosféricas, em função das inversões térmicas que ocorrem principalmente em épocas de inverno na região de maior influência, com conseqüências danosas à saúde da população local.

Foto 04 – Criança no local de trabalho

Fonte: VINHA, Eliana. Out/2014.

Na foto 04, observa-se uma criança em meio às fuligens, madeiras, entulhos, plásticos e forno em pleno funcionamento e possivelmente em alta temperatura devido à necessidade do cozimento do barro. Através do relato de um trabalhador, menor de idade, nas olarias verifica-se o desgaste físico dessa atividade

> O trabalho é bastante pesado, nos primeiros dias me deu até calos de sangue e meu corpo ficou todo arrebentado, só quem precisa mesmo, que aguenta e quem não é fichado, ganha mais do que quem é (P.C. 15 anos, trabalhador serviço gerais).

Acredita-se que a escravidão do país acabou, mas não é muito difícil perceber que escravidão, exclusão, discriminação e desigualdade ainda persistem no meio social.

> Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais (BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei Nº 8.069/90)

A irresponsabilidade das famílias, do governo e da sociedade parece contribuir para que as crianças e adolescentes fiquem desamparados, esquecidos e perdidos em meio a exploração criminal, sexual e trabalhista, não é difícil perceber que os jovens estão confusos, e na maioria das vezes precisando apenas de acolhimento, afeto e respeito.

Para Franco (2011) a estrutura da legislação ambiental começou a ser implementada no país a partir de 1981 com a Política Nacional de Meio Ambiente (Lei 6.938), que tem uma série de instrumentos para o planejamento, a gestão ambiental e a fiscalização, já a Constituição Federal trata de forma abrangente os assuntos ambientais, reservando à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios a tarefa de proteger o meio ambiente.

Segundo Gomes (2010) a questão dos impactos ambientais têm sido um dos principais temas da contemporaneidade, porém observa-se que muitas olarias e cerâmicas não têm dada a necessária atenção das obrigatoriedades legais em relação a essa área. Para o funcionamento dessas empresas é obrigatório o cumprimento da Lei Federal Nº 9.605 de 12 de fevereiro de 1998que dispõem sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente e dá outras providências. Pode citar como exemplo de sanções, os seguintes artigos

> Artigo 55 – Executar pesquisa, lavrar ou extração de recursos minerais sem a competente autorização, permissão, concessão ou licença, ou em desacordo com a obtida: Pena - detenção, de seis meses a um ano, e multa. Parágrafo único - Nas mesmas penas incorre quem deixa de recuperar a área pesquisada ou explorada, nos termos da autorização, permissão, licença, concessão ou determinação do órgão competente.
> Artigo 60 – Construir, reformar, ampliar, instalar ou fazer funcionar, em qualquer parte do território nacional, estabelecimentos, obras ou serviços potencialmente poluidores, sem licença ou autorização dos órgãos ambientais competentes, ou contrariando as normas legais e regulamentares pertinentes: Pena – detenção, de um a seis meses, ou multa, ou ambas as penas cumulativamente (Lei Nº 9.605 de 12 de fevereiro de 1998).

De acordo com Franco (2011) a legislação ambiental brasileira é uma das mais avançadas do mundo. Todas as ações e atividades que são consideradas como crimes ambientais podem ser punidos com multas, seja para pessoas físicas ou jurídicas.

Rose (2011) descreve que as leis e normas nem sempre são corretamente aplicadas, fiscalizadas e cumpridas, a sociedade deveria ser a maior e melhor órgão fiscalizador de leis no país, pois muitos impactos que contribuem para as catástrofes ceifam muitas vidas e os motivos esta relacionado a corrupção, entre os poderes constitucionais, a morosidade da justiça fazem com que muitas penalidades como as multas não sejam cumpridas e nem pagas e os responsáveis não sejam punidos, e isto também contribui com que os impactos desnecessários continuem sendo executados no país.No Brasil, 99% das multas ambientais não são pagas.

5. Resultados

a) Poluição do ar

A possível química entre poeiras e fuligens se misturam na atmosfera e nas proximidades das empresas e podem assim trazer doenças respiratórias e ou pulmonar aos moradores e aos trabalhadores.

b) Desmatamento ilegal

Por falta de reflorestamentos próprios das empresas, há a comercialização de madeira ilegal, estas são realizadas diariamente entre pequenos agricultores, como o relato de um latifundiário da região

> forneço a lenha do lote que adquiri pelo INCRA para as olarias, devido o desemprego e eu necessitar de comprar alimentos, as olarias fazem um bom negócio, outros compradores nem pagam, se eu pudesse forneceria também o barro (M.A.P, 43 anos).

c) Degradação ao solo

São várias e imensas as crateras inundadas deixadas no solo de onde a argila é retirada. Nessas crateras acumulam água, tornando um forte local para procriação de vetores, como os mosquitos que transmitem a dengue e a malária.

d) Desperdício de água

Os grandes amontoados de barro nos pátios das olarias são constantemente umedecidos da água que é retirada dos lençóis freáticos, impactando negativamente o solo e a água.

e) Risco social

Segundo moradores e trabalhadores da comunidade os tijolos defeituosos, visto como entulhos não são reaproveitados nas indústrias e são comercializados por um preço mais acessível ao consumidor final.

Os impactos positivos são a minoria, porém a de se destacar: a geração de emprego e renda, pois vários trabalhadores sobrevivem dos trabalhos nas olarias e movimentam a economia da região e do município.

É visível a super lotação no transporte dos trabalhadores e inúmeros comércios como Bares, Restaurantes e mercados nas proximidades das empresas e Distrito.

São inúmeros os impactos e aspectos negativos e riscos ambientais causados diretamente e ou indiretamente pelas olarias pesquisadas e visitadas, alguns pontos negativos são de grandes destaques, uma vez que há a possibilidade de aumento de doenças na população transmitidas pelo ar e por insetos.

Estes impactos podem se apresentar como impacto de grande, média ou pequena magnitude, sendo possível minimizá-los ou compensá-los com o intuito de deixar a área atingida próximo ao que era anteriormente à instalação do empreendimento, basta investimento adequado e conscientização dos proprietários, funcionários e comunidade.

Portanto, é de suma importância à atuação de profissionais capacitados junto às olarias, para detectar e auxiliar nas atividades que diminuem os impactos e aspectos negativos dos empreendimentos, auxiliar junto aos órgãos competentes e a sociedade no cumprimento das Leis ambientais, trabalhistas e sociais, promover a educação ambiental, para que as empresas possam ter produtos sustentáveis e de qualidade e reconhecidos por selos de certificação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os impactos positivos são a minoria, porém há de se destacar: a geração de emprego e renda, pois vários trabalhadores sobrevivem dos trabalhos nas olarias e movimentam a economia da região e do município. Dentre os impactos negativos cita-se a possibilidade do aumento de doenças na população transmitidas pela poluição do ar e proliferação de insetos.

As olarias pesquisadas, do Distrito Parque das Andorinhas do Município de João Pinheiro – MG não investem em tecnologias a fim de minimizar os impactos negativos. È necessário adequarem às leis e normas de preservação ambiental, implantar sistemas de gestão e educação ambiental. Os empresários precisam ter plena consciência de suas responsabilidades, com a sociedade, o meio ambiente e a vida dos funcionários e clientes.

Após a análise dessa pesquisa recomenda-se:

1- Implantar sistemas de educação ambiental, fazendo também com que, principalmente os empresários, tenham a plena consciência das suas responsabilidades com a sociedade o meio ambiente. Que as empresas invistam em tecnologias que minimizem a poluição do ar e solo, além de adequar às leis e normas de preservação ambiental;

2- Criação de um setor de reflorestamento, para adquirirem a lenha que necessitarem;

3- Investir em higiene ocupacional, principalmente em segurança a fim de evitar acidentes;

4- Controlar a entrada, saída e permanência de moradores, terceiros, transeuntes e crianças nas dependências da empresa providenciando placas indicativas, barreira de contenção, entre outros.

5- Utilizar cerca viva para minimizar o vento e a poeira que vão para as residências.

Por fim, as olarias precisam se adequar e não ficar presas às culturas passadas. É importante o acompanhamento da tecnologia e modernização a fim de produzirem produtos sustentáveis, socialmente justos e ecologicamente corretos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Patrícia Pires de**.** Tutela do meio ambiente do trabalho. **Revista Científica da Faculdade das Américas**, Ano II, nº1, 2008.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm> Acesso em 14/01/2015.

_____. Constituição Federal. **Meio ambiente ecologicamente equilibrado**. Artigo 225. 1988.

_____. Ministério da Saúde. **Combate a dengue**. Disponível em: <www.combateadengue.com.br> Acesso em14/01/2015.

_____. Doenças Ocupacionais e Acidentes de Trabalho. Ministério da Saúde Secretaria de Políticas de Saúde Departamento de Gestão de Políticas Estratégicas Coordenação de Saúde do Trabalhador. 2005.

DELDUQUE, Marcelo. Gente de argila. **Revista Globo Rural**. Disponível em: <http://revistagloborural.globo.com> Acesso em 29/01/2015.

FELIPE, Julis Orácio. O significado impacto ambiental e a ciência. **Revista Jus Vigilantibus** [online] 22 de fevereiro de 2008. Disponível em: <http://jusvi.com/artigos/31744> Acesso em 22/01/2015.

FOGLIATTI, M.C et al. **Avaliação de Impactos Ambientais: Aplicação aos Sistemas de Transporte**. Interciência: Rio de Janeiro, 2004.

FRANCO, José Gustavo de. Redação do Diário de Pernambuco. Disponível em:<http://www.pernambuco.com> Acesso em 08/02/2015.

GOOGLE EARTH. Mapa da região do Parque das Andorinhas, João Pinheiro – MG. Disponível em:<http://maps.google.com.br/maps?hl...>0pinheiro%20mg>Acesso em 08/02/2015.

GOMES, Marcos Hister Pereira. **Manual de Prevenção de Acidentes e Doenças do Trabalho**

nas Olarias e Cerâmicas Vermelhas de Piracicaba e Região. Piracicaba – SP, 2010. Impresso.

KEMERICH, Pedro Daniel da Cunha et al. Avaliação de impactos ambientais na implantação e operação de olaria. **Engenharia Ambiental**. Espírito Santo do Pinhal, v. 8, n. 1, p. 134-150, jan. /mar, 2011.

MINISTÉRIO PÚBLICO DE SANTA CATARINA. **Olarias – Programa de Prevenção e Repressão à Poluição Atmosférica**. Santa Catarina – SC, 2004.

NORMAS REGULAMENTADORAS – NR. **Segurança e Medicina do Trabalho. Portaria 3214/78**. Ed. 63ª. São Paulo: Atlas, 2009.

RONDON, Edilaura Nunes *et al*. Sintomas respiratórios como indicadores de estado de saúde em trabalhadores de indústrias de cerâmicas.**Jornal Brasileiro de Pneumologia** [online]. 2011, vol.37, n.1, pp. 36-45. ISSN 1806-3713.

ROSE, Ricardo. **Da natureza e da cultura**. 08/05/2011. Disponível em: <www.ricardorose.blogspot.com> Acesso em 11/02/2015.

SANTOS, Helder Manuel da Costa et al. **Identificação e análise dos principais impactos ambientais provocados por olarias no Município de Tabatinga-Amazonas.** Caminhos de Geografia Uberlândia v. 9, n. 29 Mar/2009 p. 71 – 75.

SINDILOUÇA. **História da porcelana no Brasil**. Disponível em: <http://porcelanabrasil.com.br/historia14.htm> Acesso em 15/01/2015.

OS BENEFÍCIOS DA ACUPUNTURA NO TRATAMENTO DA FIBROMIALGIA: REPRESENTAÇÃO CONSTRUÍDA POR MEIO DE UM ESTUDO DE CASO

Cláudio José Olegário e Aguiar[*]
Karenyne Thácylla de Paiva Oliveira[**]
Marcelo Aguiar Ferreira[***]

Resumo: A fibromialgia é um conjunto de sinais e sintomas e os principais aspectos é a sensibilidade aumentada da dor, caracterizada pela presença de no mínimo 11 dos 18 pontos anatomicamente específicos chamados de tender points, dolorosos à palpação. Sendo a dor difusa, o sintoma principal da fibromialgia. A metodologia usada foi estudo de caso em uma paciente com fibromialgia comprovada, revisão bibliográfica, pesquisa qualitativa e quantitativa. Pudemos concluir através do estudo de caso realizado que a acupuntura tem proporcionado excelentes resultados para melhora dos sintomas, se tornando uma excelente alternativa para aumentar a qualidade de vida.

Palavras-chave: Acupuntura. Fibromialgia. Tender Points. Dor. Tratamento.

Abstract: Fibromyalgia is a set of signs and symptoms and the main aspects is the increased sensitivity of pain, characterized by the presence of at least 11 of 18 anatomically specific points called tender points, painful on palpation. With diffuse pain, the main symptom of fibromyalgia. The methodology used was the case study in a patient with proven fibromyalgia, literature review, qualitative and quantitative research. We concluded performed through case study that acupuncture has provided excellent results for symptom improvement, becoming a great way to increase the quality of life.

Keywords: Acupuncture. Fibromyalgia. Tender Points. Pain. Treatment.

1. INTRODUÇÃO

A acupuntura controla o fluxo de energia por meio dos canais de energia e dos órgãos, extrai bloqueios bem como fortalece a energia, uma vez que para a medicina chinesa o corpo é formado por matéria e energia conhecidas como yang e yin, quando estas energias permanecem estáveis o organismo permanece com saúde, por outro lado se há uma desordem destas energias certamente poderá gerar doenças, dentre elas a fibromialgia.

[*] Biomédico graduado pela Faculdade Cidade de João Pinheiro – FCJP. Pós-Graduado em Perícia Criminal pela Universidade Castelo Branco - UCB. Biomédico Responsável pelo Laboratório do Hospital Imaculada Conceição de Conceição de Mato Dentro-MG; E-mail: claudinhooproprio@hotmail.com

[**] Biomédica graduada pela Universidade de Uberaba – UNIUBE; Pós Graduada em Acupuntura pela UNISAÚDE/CENTER FISIO – IMES, Brasília DF e em Análises Clínicas pela UNIASSELVI/ Instituto Máximo Passo 1. Patos de Minas, MG. Professora da Faculdade Cidade de João Pinheiro – FCJP; Biomédica Responsável Técnica pelo Laboratório do Hospital Municipal Antônio Carneiro Valadares e pelo Laboratório de Análise Clínica LABORLIDER na cidade de João Pinheiro-MG. E-mail: karenynepaiva@hotmail.com

[***] Biomédico Graduado pela Faculdade Cidade de João Pinheiro – FCJP - Pós-Graduado em Análises Clínicas pela UNIASSELVI/ Instituto Máximo Passo 1, Patos de Minas – MG, Biomédico pelo Laboratório de Análises Clínica LABORLÍDER na cidade de João Pinheiro MG; Professor de Técnico em Análises Clínicas do Colégio Visão de João Pinheiro- MG. E-mail: marceloaguiar1988@yahoo.com.br

De acordo com a Medicina Tradicional Chinesa a causa da Fibromialgia está relacionada com os canais curiosos e com desequilíbrio energético entre rim, fígado e baço-pâncreas.A Fibromialgia também é considerada uma síndrome dolorosa que acomete preferencialmente as mulheres dos 17 aos 70 anos, não por uma disfunção especifica, mas sim pela quantidade de sintomas apresentadas como: artralgia[1], disúria[2], cefaleia[3], distúrbios do sono, depressão, ansiedade, fadiga, além de outras.

O conceito da fibromialgia tem diferenciado e evoluído em relação à visão que se tinha entre 20 a 50 anos atrás.

É de admirar-se a quantidade de pessoas acometidas pela fibromialgia que estão buscando tratamentos diferenciados como a Acupuntura, que visa minimizar os sintomas, e assim reestabelecer suas atividades de vida diárias utilizando a aplicação de agulhas em pontos que restabelecem a harmonização energética Yin e Yang. Além disso, a utilização dos cinco elementos e os canais de energia curiosos são de grande importância e bons métodos que a Acupuntura disponibiliza para que haja controle nos sintomas da fibromialgia.

O tratamento pela acupuntura não visa apenas tratar o local comprometido no corpo, age sobre o sistema nervoso, estimulando um equilíbrio em todo o corpo, para com isso diminuir consideravelmente os sintomas da doença.

1. Histórico da Medicina Tradicional Chinesa

Por ser uma prática milenar, está a se perder de vista a verdadeira história da Medicina Tradicional Chinesa (MTC) assim como a Acupuntura. Conforme Sussmann (2005), a acupuntura nasceu na China e a história da medicina chinesa acontece relativamente igual à história das dinastias do país, isso a mais de 4 mil anos atrás.

Conta à lenda que um guerreiro foi ferido em uma batalha por uma flecha. Este homem sofria de uma doença gástrica que o incomodava frequentemente e por isto ele ficava muitas vezes acamados por longos períodos. Durante a batalha suas dores ficaram insuportáveis, mas muito corajoso e forte, ele suportava a imensa dor, até que aquela bendita flecha inimiga o aliviou daquela dor para sempre. Daí para sempre ouve experimentação de punção de determinados pontos e seus efeitos no homem, assim deve-se ter originado a descoberta dos meridianos, ou seja, canais que abrigam os pontos que usamos para tratar um enfermo (SERAFIM, Teixeira, 2006. p. 23).

Esqueceremos momentaneamente a origem da acupuntura e voltemos nossa atenção para um dos livros mais antigos e respeitáveis que existem sobre acupuntura, que é o "hoang ti nei king su wen", ou seja, "clássico de medicina interna do imperador amarelo", este livro foi desenvolvido em +/- 4.000ac, porém só foi escrito por volta do ano 300ac. Apesar de ser um livro escrito há tanto tempo, mantém seus conceitos usados até hoje, devido ao seu avançado conhecimento. Já descrevia a circulação do sangue "... o sangue circula pelos vasos, como num círculo, e jamais para durante a vida, o coração regulariza o curso do sangue no corpo." o ocidente só descobriu isto em 1619, por sir willian harvey, ou seja, centenas de anos após a acupuntura já existir.

[1]Artralgia, dor na articulação;
[2]Disúria, o mesmo que micção difícil e dolorosa;
[3]Cefaleia, o mesmo que "cefalalgia", "dor de cabeça";

1.2. Acupuntura

A Acupuntura assim como a Medicina Tradicional Chinesa (MTC) tem como base o Taoísmo e conceitos filosóficos que incluem a Teoria do Yin e Yang, Teoria Zang-Fu e a Teoria dos Cinco Elementos. O Tao é considerado a Via, Caminho, Energia Original (DULCETTI, 2001).

Segundo Andrade (2004), a acupuntura é baseada em um método simples, mas que ao mesmo tempo complexo. É simples por utilizar instrumentos de fácil manuseio (agulha); e complexo por envolver um raciocínio com múltiplas variáveis a respeito dos processos naturais e do funcionamento orgânico do corpo.Além disso, são encontradas duas naturezas da energia original, que são ao mesmo tempo, contrapostas e complementares a outra, estas energias são chamadas de yin e yang.

Segundo o ensinamento da Acupuntura, todo o estruturalismo do organismo permanece em equilíbrio pela atuação destas energias citadas anteriormente. Se este equilíbrio das energias Yang e Yin permanecerem estável o organismo permanece com saúde, por outro lado se há uma desordem destas energias certamente poderá gerar doenças.

Frio	**Calor**
Úmido	Seco
Feminino	Masculino
Sombra	Luz
Sangue	Energia
Escuro	Claro
Interno-Profundo	Externo-Superfície
Anterior	Posterior
Baixo	Alto
Repouso	Atividade
Noite	Dia
Lua	Sol
Esquerda	Direita
Passivo	Ativo

QUADRO 01: Fonte: Adaptado de: FAHRNOW, 2007 e CORDEIRO, 2001

A energia vital ou "Qi" é um conceito essencial na MTC e é considerada nossa "essência de vida", que guia nosso corpo físico, mente é espírito.

Segundo (YAMAMURA, 2001), a energia vital está em todo lugar. Seu fluxo de energia circula em canais específicos ou meridianos ao longo do nosso corpo em contínua movimentação, entre meio aos tecidos, células, músculos e órgãos internos, conserva o equilíbrio do "Qi" entre:

> Wei Qi: energia de defesa, proveniente da união da Energia Celeste com a terrestre e responsável por toda defesa e resistência contra as energias perversas (fatores de adoecimento); circula fora e dentro dos Canais de Energia Principais dependendo do horário. Rong Qi (Yong Qi): energia nutritiva, proveniente da essência dos alimentos e responsável por toda a

> nutrição energética das estruturas do corpo; circula nos Canais de Energia. Zhong Qi: formação semelhante ao Wei Qi. É responsável pela dinâmica cardiorrespiratória e pela respiração celular. (YAMAMURA, op.cit., 2001. p. LVII).

O fluxo dessa energia pode ser atrapalhado por um acometimento externo, como em um acidente automobilístico, um ferimento, ou por mudanças internas, como estresse ou a depressão, ou até mesmo, mudanças climáticas.

Assim a acupuntura tem como fator primordial restabelecer esta energia, tonificando-a, regulando-a, esfriando-a, purificando-a, sedando-a para tentar ajustar qualquer desequilíbrio apurado.

A teoria Zang-Fu é considerada e distinguida pela M.T.C. em dois grupos, entre órgãos e vísceras. O Zang está incluído no grupo do Ying e os órgãos responsáveis são: Fígado, Coração, Pulmão, Rins, Baço-Pâncreas, Circulação e Sexualidade. Estes 5 órgãos armazenam e produzem a essência Qi, Zang e fluídos corporais. Enquanto o Fú está inserido no grupo do Yang e as vísceras responsáveis são: Estômago, Intestino Grosso, Intestino Delgado, Vesícula Biliar, Bexiga e Triplo Aquecedor. Estas seis vísceras Fú digerem e recebem alimentos, transportam e transformam substâncias sem armazená-las, absorvem substâncias e nutrientes.

Segundo MACIOCIA (1996), pode-se observar que a Teoria Zang – Fu expressa à visão da Medicina Tradicional Chinesa do organismo integrado e composto por uma rede energética onde os órgãos internos são analisados por seu aspecto anatômico, suas emoções, atividades mentais, órgãos dos sentidos, cores, sabores e demais correspondentes.

Na acupuntura observa-se que as doenças e as diversas dores físicas, se dão pelo desequilíbrio das energias yang e yin, estas energias, necessária e complementar e que dão vida ao homem, é o que a acupuntura busca restabelecer seu equilíbrio, e o consegue restaurando o bem estar físico e mental e o conforto geral do paciente.

A utilização da acupuntura vem sendo cada dia mais requerida pelos clientes para tratar diferentes condições dolorosas. Um dos efeitos que interferem nos neurotransmissores relacionados à dor e a depressão são os efeitos neurobiológicos que qualificam o método como eficiente para o tratamento da dor crônica (SANCHEZ, MORAIS, LUZ, 2004. p.43).

Os benefícios da acupuntura permitem que as pessoas vivam uma vida saudável, amenizando as dores físicas, doenças e mal estar, que é prejudicial no decorrer de nossa vida principalmente na 3ª idade.

A base teórico-filosófica do tratamento através da acupuntura é no reequilíbrio energético dos meridianos, que são canais que conduzem a energia vital (Qi) pelo nosso organismo (FREITAS, Filho, 2004. p.15). Deve-se realiza a introdução das agulhas nos pontos corretos e exatos, de onde estão localizados os canais energéticos.

A Acupuntura tem como objetivo, estimular os pontos que tenham a característica de restaurar e reequilibrar a energia alcançando assim, resultados terapêuticos e amortecendo o quadro clínico para que o paciente volte a ter novamente uma melhor qualidade de vida.

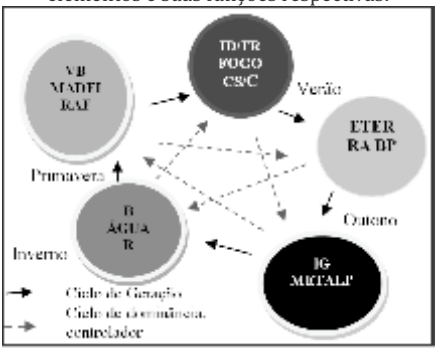
Um dos vários métodos de tratamento que pode ser realizado e vem sendo utilizado é a teoria dos cinco elementos por meio dos sintomas observados na avaliação do paciente. Na teoria dos cinco elementos o objetivo principal é a observação dos fatores climáticos juntamente as emoções humanas e a diferenciação das condições climáticas em relação aos fenômenos externos do corpo humano.

1.3. Teoria dos Cinco Elementos

A Teoria dos Cinco Elementos é de grande importância para a acupuntura e está interligada com a Teoria Yin e Yang e Zang-Fu. Os Cinco Elementos não se referem os elementos materiais, mas sim a forças e tendências, são: Madeira, Fogo, Terra, Metal e Água (SUSSMANN,op.cit., 2005. p.99).

Os cinco elementos,vistos na Figura 01, estão distribuídos pelas 5 estações, enquanto o elemento que pertence a uma estação está na sua altura máxima, o elemento ligado com este esquema está vivo por 9 meses mais forte durante a sua estação particular – e inativo pelos 3 meses do seu eclipse.

Figura 01 – Representação do ciclo dos cinco elementos e suas funções respectivas:



Fonte: (Baseado em Cordeiro, 2001).

Cada órgão do corpo humano pertence a um elemento, e graças às propriedades de cada um dos elementos pode-se explicar as particularidades da atividade filosófica dos órgãos.

A Acupuntura caracteriza-se como uma técnica milenar, na qual vem adquirindo um amplo espaço na Medicina Ocidental como tratamento alternativo e na maioria das vezes eficaz em inúmeras patologias, dentre elas está a Fibromialgia, conhecida como uma síndrome dolorosa, crônica, distinta por uma dor difusa, não inflamatória, seguida por fadiga, pontos dolorosos pré-determinados e distúrbios do sono.

> Por ser identificada na maioria das vezes mais pela quantidade de sintomas do que por uma disfunção específica, a fibromialgia é considerada uma síndrome. Porém não fundamentalmente deverá apresentar todos os sintomas, mas outros de origem disfuncionais podem estar presentes como: Parestesias[4]; Síndrome de cólon irritável[5]; Fenômeno de Raynaud[6]; Dismenorreia[7]; Disúria[8]; Artralgias[9] e distúrbio psicológico como: depressão e ansiedade (WOLFE, 1986. p.7).

Parestesia, que o termo que se refere a sensações cutâneas subjetivas, como frio, calor, formigamento, pressão, etc., sentidas na ausência de estimulação real;

Síndrome de cólon irritável, que causa grande desconforto nas pessoas que a apresentam. É caracterizada por dor abdominal com cólica, distensão abdominal por gases;

Fenômeno de Raynaud é um episódio de constrição de pequenas artérias, desencadeando alterações da cor da pele das extremidades, ora com palidez, ora com cianose (extremidades roxas), seguidas ou não de hiperemia reacional (vermelhidão);

Dismenorreia, que é o sintoma caracterizado por dor pélvica que surge no primeiro dia do período menstrual, devido à contratilidade uterina aumentada;

Disúria, o mesmo que micção difícil e dolorosa, cefaleia o mesmo que "cefalalgia", "dor de cabeça";

Artralgias, dor na articulação;

Os primeiros relatos sobre a fibromialgia foram ao século XIX, quando Balfour (1816) associa o reumatismo muscular e os pontos dolorosos. Posteriormente, foi utilizado o termo fibrosite, sendo este abandonado por não ter comprovação de processo inflamatório nas fibras musculares (CLAUW, 2001).

Por fim, a partir de estudos de Swythe e Moldofsky (1977) definiu-se o termo fibromialgia. Surgiram então, várias pesquisas com dados contraditórios quanto à incidência e diagnóstico da fibromialgia e, somente em 1990 o Colégio Americano de Reumatologia (ACR) realiza um estudo e estabelece critérios de classificação para a Síndrome da Fibromialgia (WOLF,op.cit., 1990. p.160).

1.4. Fibromialgia

A Fibromialgia está sendo vista como uma das queixas reumáticas mais comuns, afetando 2% da população onde o predomínio é pelo sexo feminino cuja idade varia de 25 a 50 anos (PAULA, 1999), por isso foi reconhecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS)

A dor invoca emoções e fantasias muitas vezes incapacitantes que traduzem o sofrimento, incerteza, medo de incapacidade, da desfiguração e da morte. Preocupação com perdas materiais e sociais são alguns dos diferentes componentes do grande contexto dos traços que descrevem a relação doente e sua dor (OLIVEIRA et al., 1997).

No caso da dor aguda, que é comumente associada a dano tecidual, a percepção da sensação da dor atua como um sinal que induz a pessoa a adotar comportamentos que objetivam afastar, diminuir ou abolir a causa da dor. Já em contraste com a dor aguda, a dor crônica tem função biológica diferente e associa-se a muita hiperatividade autonômica. Os doentes com dor crônica geralmente, exibem sintomas neurovegetativos como alterações nos padrões de sono, apetite, peso e libido, associados à irritabilidade, alterações de energia, diminuição da capacidade de concentração, restrições nas atividades familiares, profissionais e sociais (OLIVEIRA et al.,1997).

Um elemento indispensável e essencial no tratamento de fibromialgia é a atividade física regular e leve, pois desencadeia a produção do hormônio serotonina.

A serotonina é uma substância que favorece o mecanismo que ajusta e regula a sensação de dor. Este hormônio é um importante neurotransmissor que entre outras coisas, regula e afeta o sono, o humor e percepção sensorial. A serotonina é produzida no nível delta do sono, que é constantemente interrompido na Fibromialgia (DINERMAN, GOLDENBERG, FELSON,1986. P.368).

O sono se divide em duas etapas: Sono REM (Movimento Rápido dos Olhos) e Sono não REM, que se divide em 4 fases, e a serotonina sendo um neurotransmissor importante e a responsável pelasfases 3 e 4 do sono não REM se não for produzido em concentrações normais, afetará na qualidade do sono, é quando o portador da fibromialgia acorda com a sensação de um cansaço como se não tivesse dormido.

A fibromialgia pode ser caracterizada pela presença de diferentes tipos de estresse com traumas físicos, alterações hormonais, doenças e várias outras causas. Podendo gerar dores físicas ou fadigas, que mesmo após descanso não melhoram.

Alguns pacientes são capazes de identificar alguns fatores que precipitam ou agravam seu quadro doloroso entre eles, os quadros virais, traumas físicos (acidentes

automobilísticos), traumas psíquicos (problemas com filhos, divórcios e outros), mudanças climáticas (especialmente o frio e a umidade), sedentarismo e a ansiedade são os mais relatados, porém, o único achado relevante ao exame físico é a presença dos pontos dolorosos ou "tender points" (GOLDENBERG, 1991. p.247).

Os tender points são os pontos sensíveis que na qual são representados por 18 pontos, sendo que se 11 deles forem positivos, o incômodo será diagnosticado como sendo Fibromialgia.

Ocorrem também diarreia de caráter tensional ou do tipo enxaqueca, sensibilidade ao frio referindo que suas dores pioram no inverno, vertigem, dificuldade de concentração, boca e olhos secos, batedeira no peito, tensão pré-menstrual e irritabilidade; os distúrbios de humor são comumente encontrados nestes pacientes, particularmente a ansiedade e a depressão (GOLDENBERG,op.cit., 1991).

Através de um exame físico detalhado e de uma correta anamnese é possível diagnosticar a fibromialgia, pois o seu diagnóstico é essencialmente clínico.

Segundo Weidebach (2002. P.291), "a expressão dói tudo" é constante na anamnese desses pacientes.De acordo com Hirakui (2007):

> Além da dor, a fibromialgia pode ocasionar rigidez e fadiga (em geral pela manhã), ansiedade, cansaço extremo que se mantém durante o dia, iarreia tensional ou enxaqueca, dificuldade de concentração, boca e olhos secos, distúrbios funcionais da articulação têmporo-mandibular, obstipação ou iarreia e bruxismo (HIRAKUI,. 2007).

De acordo com Bennet (2006), em 1990, o Colégio Americano de Reumatologia, a partir de estudos realizados nos Estados Unidos e Canadá durante 4 anos, estabelece os seguintes critérios para diagnóstico da fibromialgia: história de dor difusa generalizada com duração de mais de 3 meses. A dor deve estar presente no eixo espinhal (coluna cervical, torácica e lombar); apresentação de dor em pelo menos 11 dos 18 pontos dolorosos empregados nos critérios da classificação. A palpação desses pontos pode ser feita aplicando uma pressão com o dedo polegar ou indicador com força igual a 4kg.

Figura 02 – Localização dos Pontos Dolorosos ou Tender Points no Corpo Humano.:

Fonte: (http://smmhc.adam.com/graphics/images/en/9758.jpg)

De acordo com os critérios atuais, os nove pares de tender points localizados bilateralmente no corpo são:1. Sub-occiptal – na inserção do músculo sub-occiptal;2. Cervical baixo – atrás do terço inferior do esterno-cleidomastóideo, no ligamento intertransverso C5-C6;3. Trapézio – ponto médio do bordo superior, numa parte firme do músculo;4. Supra-espinhoso – acima da escápula, próximo à borda medial, na origem do músculo supra-espinhoso;5. Segunda junção costo-condral – lateral à junção, na origem do músculo grande

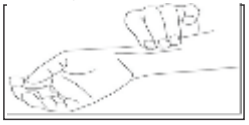
peitoral;6. Epicôndilo lateral – 2 a 5 cm de distanciado epicôndilo lateral;7. Glúteo médio – na parte média do quadrante súpero-externona porção anterior do músculo glúteo médio;8. Trocantérico – posterior à proeminência do grande trocanter;9. Joelho – no coxim gorduroso, pouco acima do epicôndilo medial do fêmur.

De acordo com a National Fibromyalgia Partnership, (NFP) 2006:

> A sensibilidade dolorosa nos pacientes acometidos pela fibromialgia pode variar de um dia para outro ou de um mês para outro. Consequentemente, a quantidade de pontos dolorosos em um determinado dia pode ser menor que os 11 pontos preconizados e em outros dias pode ser maior. Além do que, alguns pacientes nem sempre sentem dor nos quatro quadrantes do corpo, podendo sofrer dor unilateral.

De acordo com Dulcetti (2001) na Teoria Zang-Fu cada órgão está conectado ao seu meridiano e ao seu elemento respectivo, e suas condições energéticas de excesso ou insuficiência são refletidas no pulso radial.

Figura 03 –
Diagnostico do Pulso



O diagnóstico pelo pulso contribui para o conhecimento do equilíbrio energético yin-yang e da condição energética, informando sobre os excessos e insuficiência dos meridianos (SUSSMANN, 2005).

Inicialmente procura-se o diagnóstico de excesso ou insuficiência geral do Yin ou do Yang comparando-se os pulsos esquerdos com os direitos e os superficiais com os profundos.

De acordo com o quadro clínico do paciente é que deve-se estimular o meridiano correto e isto poderá ser observado e trabalhado de acordo com os sintomas.

A fibromialgia está agregada à síndrome do Yang Quiao Mai (ou Yang Tsiao Mo) por apresentar dores musculares, contraturas e tem como sinal essencial de ataque a insônia, sono agitado ou sono não reparador, sendo estes sintomas presentes na fibromialgia, o tratamento pela acupuntura tradicional utilizará este Vaso Maravilhoso (INADA, 2000).

Além dos canais principais o corpo humano possui os canais secundários ou meridianos secundários que entre os seus quatro tipos estão os meridianos curiosos ou vasos maravilhosos.

Os vasos maravilhosos possuem 8 pontos dos quais possuem um efeito idêntico e poderosos sobre a própria energia e suas manifestações, sendo que cada um dos 8 pontos possui um ponto de comando localizado em um Meridiano principal.(Center Fisio, 2005. p.2).

Para Dulcetti (2001), o vaso maravilhoso Yang Tsiao Mo é o Vaso Maravilhoso dos excessos do Yang e tem como características as dores articulares, cefaléia, insônia, superexcitarão mental, contraturas. Tais sintomas também relacionados à fibromialgia. E segundo Cordeiro (2001), os Vasos Maravilhosos Yang agem sobre as doenças externas.

Amaioria dos Fibromiágicos tem muita dificuldade em praticar atividades rigorosas, em curvar-se e ajoelhar-se, mas devemos reforçar que atividades físicas moderadas são

extremamente importantes no tratamento da Fibromialgia, a adesão a atividades físicas regular é um dos fatores mais importantes para a recuperação.

No convívio familiar, o Fibromiálgico deve procurar manter um diálogo aberto com seus amigos e familiares e tomar uma postura positiva em busca da melhora dos sintomas. O grande efeito prejudicial das reclamações e as falas pessimistas afetam a auto-estima e as relações familiares, impondo o Fibromiálgico como um ser incapaz. Uma vez que atuam como fatores estressantes não se devem levar adiante discussões e conflitos familiares e sociais.

Em relação ao lazer deve ser enfrentado como uma terapêutica na fibromialgia, uma vez que possamos observar uma diminuição do nível de hormônios do estresse, há uma grande melhora no condicionamento físico e no fator do sono. Além disso, devolve o individuo para a sociedade, para as relações sociais, as quais o motivam a obter uma importante melhora de sua situação clínica.

Na fibromialgia a avaliação da intensidade da dor é de grande importância, mas insuficiente. Como na Fibromialgia vários outros aspectos estão presentes, como a fadiga, alterações do sono, depressão e ansiedade são necessários instrumentos que avaliem o Fibromiálgico de maneira o mais completa possível.

Em relação ao ambiente profissional, o Fibromiálgico não se deve colocar em um estado de fragilidade e sim de compromisso com o seu trabalho. Com a finalidade de se organizar, o Fibromiálgico deve elaborar uma lista de suas atividades por grau de importância. Para não se sobrecarregar de serviço ou buscar metas inalcançáveis. Ao contrario de sentir culpado frente aos insucessos, deve tentar compreender onde fracassou e aperfeiçoar-se. E acima de tudo, não se culpar a si mesmo nem os outros pelas frustrações pessoais.

2. Análise e Discursão do Estudo de Caso

A análisee discursão do estudo de caso, esse que para Yin (2005, p. 32) é "uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real", fizemos pesquisa bibliográfica amparados na afirmativa de Caldas (1986, p. 15)"a pesquisa bibliográfica representa a coleta e armazenagem de dados de entrada para a revisão, processando-se mediante levantamento das publicações existentes sobre o assunto ou problema em estudo, seleção, leitura e fichamento das informações relevantes". Sendo assim pautamos nas abordagens qualitativa e quantitativa. A técnica de abordagem de dados qualitativos, podendo ser também utilizada para complementar informação obtida em outras fontes [...] documentos de diversos tipos podem ser utilizados, visando a prover o pesquisador com dados complementares para a melhor compreensão do problema investigado (GODOY, 1995A, p. 67-68). Já a abordagem quantitativa (FONSECA 2002, p. 20) diz que diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa.

Para realizar as seções do estudo de caso, foi necessária a utilização de agulhas próprias para acupuntura novas, descartáveis e flexíveis, com diâmetro de 30 mm de comprimento e 0,20 mm de espessura.

Os pontos utilizados foram para alivio da dor, depressão e da ansiedade. Foram realizadas 12 sessões, 3 vezes por semana, com duração de 30 minutos realizados pela mesma especialista em acupuntura, sendo que durante todas as sessões os pontos utilizados foram os mesmos.

Para análise dos dados foi incluído um paciente do sexo feminino, idade de 62 anos, que tinha confirmado o diagnostico de síndrome de fibromialgia e que aceitou participar da pesquisa mediante a assinatura de um termo de consentimento para comparar os níveis de dor sentida antes da realização da sessão de acupuntura e os níveis após o termino das seções durante as quatro semanas.

NÍVEL DA DOR ANTES E APÓS O TRATAMENTO

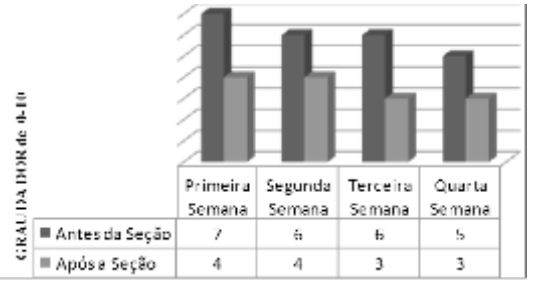


Gráfico 01: Fonte: direta

No período da primeira semana para a quarta semana, para a paciente A.M.B.S. 62 anos de idade do sexo feminino, casada, professora aposentada, portadora de fibromialgia e que faz o uso de medicamentos contra artrosehouve torno de 25% na diminuição do nível da dor por sessão.

Após o término do tratamento em resposta â pergunta: Descreva o que a senhora sentia, onde doía mais.

> *"No início do tratamento estava com fortes dores musculares, tensa e nódulos nos braços e ombros, também estava com insônia, acordando várias vezes à noite, mesmo com o uso de remédios,"*

Relate o que sentiu durante as sessões.

> *"Após algumas sessões já senti grande alívio das dores, desapareceram os nódulos e passei a dormir e sem uso de medicamentos."*

Sendo assim podemos afirmar que as seções de acupuntura realizadas com a paciente diminuíram o nível da dor nitidamente, podendo ser afirmado que o tratamento com a acupuntura pode ser uma das alternativas para tratamento da fibromialgia, lembrado que não buscado a cura, mas sim diminuir o quadro álgico da dor.

2.1 Procedimentos e Práticas

Foram aplicados pontos para o tratamento geral, envolvendo todos os sintomas observados como fadiga, insônia, dores em geral, usados na prática diária da acupuntura. Os pontos escolhidos foram usados para fadiga, alívio da dor, da ansiedade e da depressão. A

definição da localização dos pontos seguiu a nomenclatura segundo o livro da Acupuntura Clássica Chinesa (Wen, 2006). São eles, IG-4, CS-6, BP-6, VB-34, F-3, F-2, R-6, E-36 bilaterais e VG-20, Yin-tang unilateral.

Os locais, as técnicas e os benefícios dos pontos escolhidos que poderão ser observados nas imagens 01, 02, 03, 04e 5.

IMAGEM 01: Técnica de aplicação e localização do ponto Yintang.

Fonte: Arquivo dos pesquisadores

O Yin-tang localiza-se entre as sobrancelhas (Wen, 2006) e sua aplicação se consiste em um agulhamento obliquo, de cima para baixo, 0,1- 0,2 polegada, unilateral (Imagem 01). Indicados para: cefaléia frontal, tontura, insônia, hipertensão.

O ponto IG-4 se localiza no lado dorsal da mão, entre o primeiro e o segundo osso metacarpo, no meio da linha entre a junção do primeiro e do segundo osso do metacarpo, o ponto mais alto em cima do músculo interósseo (Wen, 2006) e sua aplicação se consiste em um agulhamento perpendicular, 0,5- 1 polegada, bilateral (Imagem 02). Indicados para: dor de cabeça, dor de dente, amigdalite, dor no braço e ombro, insônia, nervosismo, gripe.

IMAGEM 02: Aplicação e localização dos pontos IG-4 e PC-6.

Fonte: Arquivo dos pesquisadores

O ponto PC-6 se localiza duas polegadas acima do punho, entre os tendões dos músculos palmar longo e flexor carpo-radial (Wen, 2006) e sua aplicação se consiste em um agulhamento perpendicular, 0,3- 0,5 polegada, bilateral (Imagem 02). Indicados para: dor no coração, pressão no peito, ansiedade, insônia, febre, dor no braço.

O ponto BP-6 se localiza três polegadas acima do maléolo medial, na borda póstero-medial da tíbia (Wen, 2006) e sua aplicação se consiste em um agulhamento perpendicular, 0,3- 1 polegada, bilateral (Imagem 03). Indicado para: distúrbios de estômago e pâncreas, indigestão, distensão epigástrica, impotência.

IMAGEM 03: Aplicação e localização dos pontos BP-6 e VB-34.

Fonte: Arquivo dos Pesquisadores.

O ponto VB-34 se localiza uma polegada abaixo do joelho, na depressão anterior e inferior da cabeça da fíbula, na fáscia do músculo fíbular longo (Wen, 2006) e sua aplicação se consiste em um agulhamento perpendicular, 0,5- 1,5 polegadas, bilateral (Imagem 03). Indicados para: artrite ou periartrite na perna, dor na perna, tontura, qualquer distúrbio dos tendões.

O ponto F-2 se localiza entre o primeiro e o segundo dedo do pé, na frente das articulações metartaso-falangeais, na sua bifurcação (Wen, 2006) e sua aplicação se consiste em um agulhamento obliquamente, 0,3- 0,5 polegada, bilateral (Imagem 09). Indicado para: uretrites, dor na margem costal, hipertensão, insônia, dor ciática.

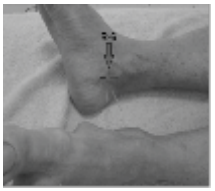
IMAGEM 04: Técnica de aplicação e localização dos pontos F-2 e F-3

Fonte: Arquivo dos pesquisadores

O ponto F-3 se localiza entre o primeiro e o segundo metatarso, atrás das articulações metartaso-falangeais, na sua bifurcação (Wen, 2006) e sua aplicação se consiste em um agulhamento, 0,5- 1 polegada, bilateral (Imagem 09). Indicado para: dor de cabeça, tontura, hérnia, dor e distensão na margem costal.

O ponto VG-20 se localiza na linha central do esterno, no nível da junta entre manúbrio esterno e corpo esterno (Wen, 2006) e sua aplicação consiste em um agulhamento obliquamente, 0,3- 1,5 polegada. Indicado para: dor de garganta, tosse, asma, opressão no peito.

IMAGEM 05: Técnica de aplicação e localização do ponto R-6.



Fonte: Arquivo dos pesquisadores.

O ponto R-6 se localiza na depressão entre o maléolo medial e o osso tálus (Wen, 2006) e sua aplicação consiste em um agulhamento, obliquamente, 0,4 polegada, bilateral (Imagem 05). Indicado para: amigdalite, constipação, insônia.

O ponto E-36 se localiza três polegadas abaixo da patela entre o músculo da tíbia anterior e o músculo extensor longo dos dedos (Wen, 2006) e sua aplicação consiste em um agulhamento, perpendicularmente, 0,5- 1 polegada, bilateral. Indicado para dor de estomago, enterite, paralisia na perna, faringite, fortalecimento geral.

A inclinação da agulha foi de 90º em todos os pontos utilizados. A profundidade da agulha foi determinada de acordo com o tubo auxiliador (mandril) que vem juntamente com as agulhas, não houve qualquer estimulação ou rotação manual após a aplicação das agulhas.

Considerações Finais

Tendo como base todas as sessões práticas realizadas e os referenciais teóricos estudados, podemos concluir que a utilização da Acupuntura como um tratamento alternativo para a fibromialgia tem demonstrado ser eficaz no tratamento da dor, melhora no sono, aumento da disposição e melhora da qualidade de vida. Pode-se observar que a Acupuntura serviu como terapia na diminuição da intensidade da dor na maioria dos pontos dolorosos tratados.

E devemos destacar que no tratamento pela acupuntura não foi relatado efeitos colaterais.

O uso de um número exagerado de pontos de acupuntura, não proporciona grandes benefícios aos pacientes acometidos pela Fibromialgia.

REFERÊNCIAS

BENNET, R.M. **A gestão racional dos pacientes fibromialgia.** Reum. Dis. Clin. Norte. Am, vol.28, nº 2, p. 181-199, 2002.

CALDAS, Maria Aparecida Esteves. **Estudos de revisão de literatura: fundamentação e estratégia metodológica.** São Paulo: Hucitec, 1986.
CENTER FISIO – IMES, **Instituto Mineiro de Estudos Sistêmicos**. **Módulo 2**.Uberlandia: Edibrás, 2005.

CLAUW DJ. Ruddy.**Kelley's: O livro de Reumatologia**, 6ª ed. W. B. Sauders Companhia: S.L., 2001.
CORDEIRO, A. T. e Ruy César Cordeiro. **Acupuntura, elementos básicos**. 3ª edição. São Paulo: Polis, 2001.

DINERMAN, H.; GOLDENBERG, D.L; FELSON, D.T. **A avaliação prospectiva de 118 pacientes com a síndrome de fibromialgia, prevalência do fenômeno de Raynaud, sintomas de secura, ANA, complemento baixo, e deposição de Ig na junção dermo-epidérmica**. J. Rheumatol., 368-373, 1986.

DULCETTI, O. Jr. **Pequeno tratado de acupuntura tradicional chinesa**. São Paulo: Andrei, 2001.

FREITAS FILHO, C. H. B.; SILVA, J. R. T. da; SILVA, M. L.. **Princípios Etiológicos e de Diagnose em Fibromialgia e seu Tratamento Através da Acupuntura**. Rev. Soc. Bras. Fis. Acup.vol.1 nº: 5, 2004.

GODOY, A. S. A pesquisa qualitativa e sua utilização em administração de empresas. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n. 4, p.65-71, jul./ago. 1995ª

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GOLDENBERG, D.L. **Fibromialgia, síndrome de Fadiga crônica e síndrome de dor miofacial**. Curr. Opin. Reumatol., 3:247-58, 1991.

HIRAKUI, Thaisa. **Acupuntura, uma terapêutica alternativa no tratamento da fibromialgia**. Artigo de conclusão da graduação UNIBAN – SP. Disponível em: <http://interfisio.com.br/?artigo&ID=105>. Acesso em: 13 de novembro de 2014.

INADA, T. **Vasos Maravilhosos e Cronoacupuntura**. São Paulo: Roca, 2000.

NFP – National Fibromyalgia Partnership. **Fibromialgia: Sintomas, diagnóstico,**

tratamentos e investigação. P. O. Box 160, Linden, Virginia USA. Disponível em: <http://www.fmpartnership.org/Files/Website2005/Learn%20About%20Fibromyalgia/TableContents-ALL/TableContents-2C.htm>. Acessado em: 13 de novembro de 2014.

PAULA, A.P. **Análise do Comportamento do Eixo Hipotálamo – Hipófise – gonadal em Mulheres com Fibromialgia durante o sono**. Dissertação (Doutorado), Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 1999.

SANCHEZ, H. M.; MORAIS, E. G.; LUZ, M. M. M. **Acupuntura Fisioterapêutica no Tratamento da Fibromialgia: Uma Revisão**. Rev. Soc. Bras. Fis. Acup. Vol.1 nº3, 2004.

SERAFIM TEIXEIRA, Luciano Túlio. **Acupuntura: aplicações terapêuticas em pacientes acometidos por lombalgias**. João Pessoa, 2006. 41p. Monografia (pós- graduação) – Curso de Acupuntura, Centro de Terapia Energética – CITE.

SUSSMANN, D.J. **Acupuntura: teoria e práctica**. Buenos Aires: Kier, 2005

WEIDEBACH, WAGNER FELIPE DE SOUZA. **Fibromialgia: evidências de um substrato neurofisiológico**. Rev. Assoc. Med. Bras., São Paulo, vol. 48, nº:.4, 2002.

WEN, TON SINTAN. **Acupuntura Clássica Chinesa**. 12ª Reimpr. Da 1ª Ed. De 1987. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

WOLFE, F. **A síndrome clínica de fibrosite**. Ed. J. Med., 81(suppl. 3A):7-14, 1986.

WOLFE, F.; SMYTHE,H.A.; YUNUS, M.B.; BENNETT, R.M.; BOMBARDIER, C.; GOLDENBERG, D.L.; TUGWELL, P.; CAMPBELL, S.M.; ABELES, M.; CLARK, P.; FAM, A.G.; FARBER, S.J.; FIECHTNER, J.J; FRANKLIN, C.M.; GATTER,R.A.;HAMATY,D.; LESSARD, J.; LICHTBROUN, A.S.; MASI, A.T.; MCCAIN, G.A.; REYNOLDS, W.J.; ROMANO, T.J.; RUSSELL, I.J.; SHEON, R.P. **O Colégio Americano de Reumatologia 1990 – Critériospara a classificação da fibromialgia - Relatório da Comissão Critérios multicêntrico. Artrite Reumat.** 33:160-72, 1990.

YAMAMURA, Ysao. **Acupuntura Tradicional: a arte de inserir**. 2.ed. São Paulo:Editora Roca, 2001.

YIN. R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

VISITA DOMICILIAR A PACIENTE: UM ESTUDO DE CASO PSIQUIÁTRICO

Agatha Siqueira Afonso[*]
Bárbara Donnária da Silva Gonçalves[**]
Carla Nassur Ozório[***]

Resumo: O presente artigo investiga os resultados de um trabalho de campo realizado por acadêmicas de medicina, do sexto período de uma faculdade particular de Vitória, ES, que em união com uma Unidade Básica de Saúde visou estabelecer uma relação médico-paciente satisfatória e, assim, promover melhor adesão ao tratamento, avaliar a evolução da doença e adquirir um maior conhecimento na área de saúde mental. Foram realizadas visitas semanais à paciente, diagnosticada com depressão, no período de 20/08/2014 a 12/11/2014, onde foram realizados a entrevista psicológica, o exame físico e exames de saúde mental (Mini-Mental). Os resultados desse trabalho reiteram a importância de manter o tratamento farmacológico aliado à assistência domiciliar e a projetos sociais como o Centro de Convivência, os quais proporcionam uma melhoria na qualidade de vida. O distúrbio psíquico é caracterizado pela alteração da estabilidade mental que interfere no convívio social e pessoal. Algumas medidas são tomadas para auxiliar na inserção do paciente psiquiátrico na sociedade, como o Centro de Atenção Psicossocial (Caps) e a assistência domiciliar.

Palavras-chave: Psiquiatria. Saúde mental. Depressão. Inclusão social. Medicina

Abstract: The present article investigates the results of a field work accomplished by academic of medicine, of the sixth period of an university peculiar of Vitória, that together with a Basic Unit of Health sought to establish a satisfactory doctor-patient relationship and, like this, promote a better adhesion to the treatment, evaluate the evolution of the disease and acquire a larger knowledge in the area of mental health. Weekly visits were accomplished to the patient, diagnosed with depression, in the period from 20/08/2014 to 12/11/2014, where the psychological interview, the physical exam and exams of mental health were accomplished (Mini-mental). The results of that work reiterate the importance of maintaining the pharmacological treatment togheter with home attendance and social projects as the Center of Coexistence, which provide an improvement to the life quality. The psychic disturbance is characterized by the alteration of the mental stability that it interferes in the social and personal relationship. Some actions are taken to help the psychiatric patient's insertron into the society, as Attention Psicossocial's Center (Caps) and home care.

Keywords: Psychiatry. Mental health. Depression. Social inclusion. Medicine

1 INTRODUÇÃO

Atualmente a saúde mental é definida como a ausência de comportamentos que desequilibre o convívio social e pessoal. O diagnóstico de algum distúrbio psicológico ainda hoje é coberto de preconceito, por parte de uma sociedade que ainda classifica as pessoas com

[*] Acadêmica do sétimo período de Medicina na Faculdade Brasileira. E-mail: agatha.afonso@hotmail.com.

[**] Acadêmica do sétimo período de Medicina na Faculdade Brasileira. E-mail: barbaradonnaria@hotmail.com.

[***] Acadêmica do sétimo período de Medicina na Faculdade Brasileira. E-mail: carlanassur@hotmail.com

distúrbio psicológico como "loucos", por motivos culturais, já que no passado esses pacientes eram submetidos a tratamentos de isolamento. Por isso, a importância de tratar desse assunto como uma doença, na tentativa de introduzir esses pacientes na sociedade novamente.

Hoje no Brasil, de acordo com o Ministério da Saúde, 12% da população precisa de atendimento em saúde mental, sendo ele eventualmente ou com acompanhamentos. (BRASIL, 2008)

O Centro de Atenção Psicossocial (Caps) mostra sua importância nesse momento, quando faz o acompanhamento do paciente e da família, já que a mesma deve ser utilizada como um pilar, avaliando o paciente em todo o contexto, principalmente em seu convívio familiar e social. É importante que os profissionais encontrem onde estão os fatores que prejudicam o tratamento e a possível cura do distúrbio. É relevante salientar que a ausência de distúrbio psicológico não significa que o indivíduo esteja com uma boa saúde mental, pois existem comportamentos como ansiedade, nervosismo e estresse, que podem evoluir para um quadro psiquiátrico. (SAURI, 2001; SILVA, 2011)

Uma faculdade particular de Vitória, ES, em união com uma Unidade Básica de Saúde (UBS), corrobora para o desenvolvimento de atividades prático-teóricas, sendo de suma importância para o aprendizado dos alunos do sexto período na disciplina de saúde mental do curso de medicina.

A paciente, acompanhada pelas alunas, é diagnosticada com a doença depressão, que será frisada durante todo o trabalho em questão.

2 OBJETIVOS

Através de visitas semanais com os pacientes do Programa de Saúde Mental de uma UBS em Vitória, busca estabelecer uma relação médico-paciente satisfatória, procurando assim estabelecer um aprendizado para os alunos e o acompanhamento do paciente, buscando a melhor adesão ao tratamento e avaliando a evolução da doença. A pesquisa teve por objetivos específicos: avaliar o estado mental e físico da paciente; estudar o transtorno mental da paciente acompanhada; entender as consequências do transtorno mental na vida da paciente; colher informações para o relatório clínico de Saúde Mental; observar suas relações pessoais e sociais; incentivar o tratamento do paciente; verificar as medicações da paciente;aprimorar os conhecimentos obtidos nas aulas teóricas da disciplina de Saúde Mental; aplicar os conhecimentos obtidos nas aulas teóricas da disciplina de Saúde Mental.

3 METODOLOGIA

Através de escolha aleatória de pacientes proposta pela assistente social do Programa de uma Saúde Mental da UBS, fomos direcionadas à paciente A.L.S. O trabalho foi realizado com visitas semanais do período 20/08/14 a 12/11/14, previamente marcadas nas quartas-feiras, com o consentimento da paciente.

Foram realizadas 10 visitas domiciliares onde foram realizados os procedimentos: entrevista psicológica, exame físico e exames de saúde mental (Mini-Mental). Após cada visita, foi registrado no prontuário online da UBS tudo que foi observado pelas alunas, observações e

evolução da paciente. Com discussões dos casos e das evoluções dos mesmos, entre os estudantes, e pesquisa bibliográfica sobre a doença que a paciente apresenta e da qual está sendo tratada, com supervisão da professora e da preceptora da disciplina de saúde mental.

4 RESULTADOS

Examinadores: Os exames foram feitos por 03 acadêmicas do 6º período do curso de medicina de uma faculdade particular de Vitória, ES.

Local de atendimento: Casa da irmã da paciente, onde a paciente reside.

4.1 EXAME PSÍQUICO E AVALIAÇÃO PSICOSSOCIAL

4.1.1 Dados de identificação

Nome do paciente: A.L.S
Sexo: feminino
Idade: 64
Data de nascimento: 19/02/1950
Cor / etnia: afro-descendente
Estado civil: solteira
Número de filhos: 2
Escolaridade: ensino fundamental incompleto
Naturalidade: Itaguaçu, ES
Procedência remota: Vitória, ES
Procedência atual: Vitória, ES
Ocupações anteriores: empregada doméstica
Ocupação atual: do lar
Religião: católica
Nome da mãe: L.H.S.
Filiação a órgão: não possui

4.1.1 Acolhimento

Paciente previamente acolhida na Unidade de Saúde. Atendida atualmente pelos alunos de uma faculdade particular de Vitória, ES, do 6º período de medicina em visita domiciliar.

No dia 20/08/14, iniciamos as visitas domiciliares. Nesse dia fomos recepcionadas apenas pela paciente, que se encontrava sozinha em casa e fomos devidamente apresentadas pela assistente social que nos acompanhou no primeiro dia. A paciente estava previamente avisada e não houve surpresa com a nossa chegada, pelo contrário, A.L.S. aguardava ansiosamente pelo retorno das visitas domiciliares pelos alunos. Mostrou-se muito receptiva, colaborativa e bem-humorada, elogiou muito os alunos das visitas anteriores e relatou que gostou muito do retorno dessa assistência.

Deixamos pré-programados nossos encontros semanais e nos mostramos dispostas e solícitas em ouvi-la e ajudá-la no que fosse necessário.

4.1.3 Queixa principal

A paciente queixa se expressando da seguinte forma: "*Sinto falta de algo, que não sei o quê".*

4.1.4 Motivo do atendimento

Paciente com história de irritabilidade e agressividade procurou ajuda na UBS em 2010, sendo então inserida no programa de saúde mental desta unidade. Atualmente apresenta desorganização com seus pertences e carência afetiva.

Para os alunos, o atendimento domiciliar possui como finalidade a complementação do aprendizado teórico-prático da disciplina de Saúde Mental em associação com a prática multidisciplinar adotada pela equipe da Unidade de Saúde.

4.1.5 História da Doença Atual

Paciente relata que desde que seu filho morreu, em 1993, sente falta de algo, que não sabe o quê, e para suprir essa falta, compra objetos em demasia e ingere alimentos em excesso. Além disso, relata não conseguir organizar os seus pertences, como roupas e remédios e quando tenta arrumar suas roupas, sente-se impaciente, não consegue mais dobrá-las, mistura as roupas limpas com as sujas, tem vontade de jogá-las fora ou incinerá-las e comprar tudo novamente, desistindo de continuar a arrumação.

4.1.6 Doenças Passadas

Paciente é portadora assintomática de hemofilia, apresenta hipertensão arterial sistêmica (HAS), cardiopatia, espondilólise e depressão.

4.1.7 História Familiar

Relata mãe falecida aos 68 anos com provável AVE hemorrágico; pai alcoólatra, falecido aos 70 anos, sem diagnóstico específico; irmão assassinado aos 40 anos; irmã diabética, falecida aos 70 anos, sem diagnóstico específico; irmã falecida aos 68 anos com câncer de mama; irmã falecida aos 70 anos após IAM; irmão alcoólatra faleceu aos 50 anos, sem diagnóstico específico; irmão hemofílico, faleceu aos 38 anos, após aneurisma; filho hemofílico faleceu aos 17 anos. Uma irmã com HAS e diabetes e outra portadora assintomática de hemofilia, filha e netos hígidos.

4.1.8 História Pessoal

Infância e adolescência:relata nascimento a termo, em Itaguaçu-ES, de parto normal, em sua residência. Nega consultas de pré-natal pela sua mãe, enquanto a gestava. Relata rejeição por parte da mãe, por ser do sexo feminino, pela predileção do pai por descendentes do sexo masculino. Frequentou a escola por apenas 4 anos. Aos 7 anos de idade iniciou trabalho em casa, Itaguaçu, ES, como cozinheira, e aos 8 anos de idade já trabalhava na casa de outra família, como doméstica, em Vitória, ES. Aos 12 anos de idade, quando sua mãe foi trabalhar em um orfanato de Vitória como cozinheira, a paciente saiu da casa da família que trabalhava desde os seus 8 anos de idade e foi para o orfanato, por causa de sua mãe. Devido ao

difícil relacionamento com a mãe, em menos de um mês saiu do orfanato e foi trabalhar em outra casa de família, como empregada doméstica e babá dos 5 filhos do casal. Paciente relata que amava essas crianças e que essa foi a melhor época de sua vida, onde trabalhou até os seus 17 anos. Quando a família se mudou para Juiz de Fora, ela passou 6 meses com eles, mas não se adaptou ao clima da cidade e retornou a Vitória, voltando a morar com sua mãe na Serra. Nega uso do cartão de vacinação durante a vida e refere alergia às vacinas.

Escolaridade: ensino fundamental incompleto, até o quinto ano.

Idade adulta:relata ter sido rejeitada por seus pais desde o seu nascimento e nunca tiveram um bom relacionamento. Ao engravidar de seu namorado, aos 20 anos de idade, foi expulsa de casa, indo morar com o pai de sua primeira filha, em Aracruz, ES. Lá viveu bem por um ano, até pouco tempo depois do nascimento de sua filha. Tinha uma relação muito difícil com esse parceiro por ele permanecer alcoolizado nos finais de semana e fora de casa de sexta a domingo, traindo-a sexualmente, enquanto ela ficava sozinha em casa com a filha e era agredida fisicamente por ele, quando esse retornava para casa. Relata ter se distanciado do seu primeiro parceiro para não matá-lo. Voltou a residir em Vitória, na casa de outra família, trabalhando como empregada doméstica. Cinco anos depois, conheceu seu segundo parceiro, com quem teve um filho com hemofilia. Esse segundo parceiro era alcoólatra e agressor físico e verbal da paciente e dos filhos, o qual a esfaqueou por ciúmes. Paciente refere início de depressão associada a esse segundo relacionamento. Relata que esse homem foi o grande problema da vida dela. O seu filho hemofílico morreu aos 17 anos de idade e, a partir daí, sua vida não tinha mais valor, com a perda de um filho que ela tanto amava. Paciente relata que após 40 dias rezando na igreja, o seu companheiro resolveu abandonar a casa. Ao sair de casa, desmoralizou a paciente com a vizinhança, gritou para todos ouvirem que ao se juntar com ela, a mesma já tinha uma filha de outro homem, segredo esse que a paciente implorou ao segundo parceiro que nunca fosse revelado. A paciente foi morar com a sua filha para ajudá-la a cuidar de seus três netos, filhos de pais distintos e sem a presença paterna. Teve dificuldade de se relacionar com a filha, a qual é usuária de drogas ilícitas e, por discutirem muito, foi expulsa de casa pela filha, sentindo-se rejeitada mais uma vez. A paciente, então, passou a residir na casa de sua irmã, com quem mora até hoje.

Religião: católica.

História legal: o neto de 18 anos já foi detido por suspeita de tráfico de drogas.

Fantasias e sonhos: refere desejo de construir sua casa no seu terreno em Areinha, porém sua filha não permite e a paciente relata que prefere não insistir, pois acha que a filha é capaz de mandar matá-la, caso ela insista.

Valores: sistema de valores morais, culturais e sociais preservados e bem determinados, embasados em seu caráter.

4.1.9 Condições Socioeconômicas e Culturais

Reside com a sua irmã T.R.S., que tem casa própria, de alvenaria, dois andares, com oito cômodos. Possui água encanada, coleta de lixo e rede de esgoto. Renda mensal de aproximadamente 532 reais. Refere relacionamento conflituoso com sua filha, usuária de drogas e bom relacionamento com sua irmã T.R.S. Nível cultural médio.

5 EXAME DO ESTADO MENTAL (EXAME PSÍQUICO)

5.1 ASPECTO GLOBAL

Paciente com boa aparência, bem cuidada, boa higiene, cabelos bem cuidados, roupas limpas e dentes preservados, em tratamento dentário, o que demonstra cuidados dentários. A paciente encontra-se com sobrepeso e se mostra incomodada, pela aparência física. Mostra-se cooperativa, desinibida e com facilidade para relatar seus sofrimentos passados.

5.2 NÍVEL DE CONSCIÊNCIA

Apresenta-se vigíl, sem alterações qualitativas ou quantitativas da consciência.

5.3 ORIENTAÇÃO

Apresenta-se orientada no tempo e no espaço e orientada quanto às outras pessoas. Ausência de delirium, demência e desorganização mental grave.

5.4 ATENÇÃO

Encontra-se com normoprosexia e vigilante, atenção voluntária e atenção espontânea preservadas, sem alterações quantitativas e qualitativas da atenção.

5.5 MEMÓRIA

Paciente demonstra facilidade em recordar acontecimentos remotos e recentes, porém queixa-se de esquecimentos leves de memória, diariamente.

5.6 SENSOPERCEPÇÃO

Sem alterações. Nega ilusões, alucinações ou pseudo-alucinações, e alterações quantitativas ou qualitativas da sensopercepção.

5.7 PENSAMENTO

Pensamento encontrava-se com nexo, coeso e sem retardamento das associações.

5.8 LINGUAGEM

Sem alterações. Apresenta boa articulação das palavras, com fala coerente. Não apresenta alterações quantitativas ou qualitativas.

5.9 JUÍZO DE REALIDADE

Normal, sem qualquer alteração.

5.10 VIDA AFETIVA (HUMOR)

Paciente agradável, bem-humorada e de fácil socialização. Apresenta afeto

aumentado pelos estudantes que realizam a visita domiciliar. Ausência de alterações qualitativas.

5.11 VOLIÇÃO

Relata atos compulsivos por compras e ingestão alimentar. Nega alterações quantitativas da volição.

5.12 PSICOMOTRICIDADE

Sem alterações.

5.13 INTELIGÊNCIA

Preservada, com capacidade de usar e compreender analogias, adequação do juízo e raciocínio, vocabulário extenso, bom desempenho, lida bem com os problemas do dia-a-dia, boa conduta social e entendimento de provérbios.

5.14 PERSONALIDADE

Extrovertida e bem-humorada.

6 SÚMULA PSICOPATOLÓGICA

Paciente com aparência bem cuidada, cooperativa, desinibida e vigil. Orientação autopsíquica e alopsíquica espacial e temporal preservadas. Paciente encontra-se com atenção voluntária preservada, normoprosexia e vigilante. Apresenta boa conservação da memória sensorial, de curto e longo prazo, porém com relativa hipomnésia seletiva. Ausência de alterações quantitativas e qualitativas da sensopercepção, do pensamento, da linguagem, da volição e da psicomotricidade. Paciente apresenta prosódia. Juízo de realidade preservado. Apresenta hipertimia pelas alunas das visitas domiciliares e ausência de alterações qualitativas do humor. Paciente apresenta atos compulsivos por compras e ingestão alimentar. Inteligência preservada.

7 DIAGNÓSTICO MULTIAXIAL

Eixo 1 – Depressão.
Eixo 2 – Nenhum diagnóstico.
Eixo 3 – Paciente com diagnóstico de cardiopatia, hipertensão arterial, obesidade grau II, espondilólise e é portadora do gene para hemofilia.
Eixo 4 – Paciente não se relaciona com a única filha, usuária de drogas e por isso também não se relaciona com os seus três netos, os quais gosta muito e sente falta.
Eixo 5 – Mini - Exame do Estado Mental: Escore: 28

8 EXAME FÍSICO GERAL

Paciente em bom estado geral, lúcida e orientada no tempo e no espaço, em estado de vigília, com perceptividade, reatividade, deglutição e reflexos preservados, sem alterações da fala e da linguagem. Sua altura é de 1,53m e seu peso atual é de 84kg. Paciente com obesidade grau II (IMC = 35,88) com distribuição androide da gordura corporal. Cintura = 107cm e

quadril = 108cm, com relação cintura-quadril de 0,99, apresentando maior risco para doenças cardiovasculares. Possui desenvolvimento físico normal e fácies e marcha atípicas.

Encontra-se hidratada. Não apresenta movimentos ou atitudes involuntárias. Mucosas normocoradas, com umidade normal e ausência de lesões. Pele normocorada, com umidade, textura, espessura, temperatura, elasticidade, mobilidade, turgor e sensibilidade normais. Acianótica. Anictérica.

Cabelos pintados, de implantação normal, com distribuição uniforme, com quantidade, consistência, brilho e espessura normais. Unhas com implantação formando um ângulo menor que 160º, com superfície lisa e brilhante, de cor róseo-avermelhada, com espessura e consistência firmes.

Musculatura com troficidade normal, tônus normal e ausência de movimentos involuntários. Ausência de linfonodos palpáveis em cadeias linfonodais: occipitais, auriculares anteriores e posteriores, amigdalianos, submaxilares, submentonianos, cervicais, supra e infraclaviculares, grupo ganglionar das axilas e grupo ganglionar das virilhas. Ausência de edema. Apresenta biótipo mediolíneo e boa postura na posição de pé.

9 EXAMES COMPLEMENTARES PSICOLÓGICOS E NEUROLÓGICOS

Os testes psicológicos, apesar de não serem patognomônios, são instrumentos que facilitam no diagnóstico psiquiátrico. Estão sujeitos às interferências de fatores que comprometam a sua validade e confiabilidade. As indicações disponíveis são: eletroencefalograma; exames radiológicos (radiografia simples de crânio, tomografia computadorizada); ressonância magnética, cintilografia cerebral, tomografia por emissão de pósitrons (PET), a medida do fluxo sanguíneo cerebral e o mapeamento da atividade elétrica cerebral (BEAM); além de exames laboratoriais (avalia anormalidades laboratoriais que possam estar relacionadas com os distúrbios psiquiátricos orgânicos); e testes neuroendócrinos. (PORTO, 2014)

Ao exame neurológico: marcha atípica, fácie atípica, força muscular grau V, ou seja, força normal em MMSS e em MMII, e tônus muscular normal. Provas dedo-nariz, calcanhar-joelho e dos movimentos alternados normais, refletindo ausência de ataxia cerebelar, sensorial e mista. Reflexos bicipital, tricipital, patelar e aquileu classificados como (+), ou seja, normorreflexia. Sensibilidades tátil, térmica e dolorosa normais. Olfação, visão, gustação e audição normais. Sem alterações no exame dos pares cranianos. (LÓPEZ, 2004)

10 EXAMES COMPLEMENTARES – OUTROS

10.1 SINAIS VITAIS
PA: 190/100 mmHg
FC: 68 bpm
FR: 20 irpm
FP: 64 bpm

10.2 EXAME FÍSICO CARDIOVASCULAR

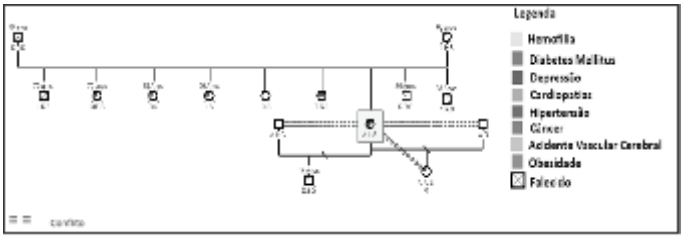
À inspeção, paciente mediolínea, tórax sem abaulamentos, retrações, batimentos ou movimentos visíveis.

Ritmo regular em dois tempos, bulhas normofonéticas, sem presença de sopros.

Quanto à palpação, os pulsos: temporal superficial, carotídeo, subclávio, axilar, braquial, cubital, radial, femoral, poplíteo, tibial posterior, pedioso e seus homolaterais, apresentavam ritmo regular de amplitude mediana, pulso do tipo mole e onda de pulso normal. Foi realizada palpação de artéria radial direita e de sua homóloga, obtendo frequência de pulso igual a 64 bpm, caracterizando normosfigmia. Ausência de frêmito e sem alterações da pele.

A pressão arterial foi aferida no membro superior esquerdo, sentada, obtendo-se, 190/100 mmHg, com uso desregular da medicação.

11GENOGRAMA



11 DISCUSSÃO DO DIAGNÓSTICO – DEPRESSÃO

O último relatório da Organização Mundial de Saúde (OMS) colocou a depressão como uma das principais doenças, ficando em quarto lugar. De acordo com o mesmo relatório, estima-se que até 2020 alcançará o segundo lugar, ficando atrás apenas do infarto agudo do miocárdio. (BRASIL, 2008; AROS; YOSHIDA, 2009)

É importante caracterizar a doença, a depressão se manifesta com sintomas depressivos, sendo eles: perda de interesse ou do prazer em realizar as atividades cotidianas e humor depressivo, na maioria do tempo. Na Classificação Internacional de Doenças da OMS, esses sintomas devem ser mantidos por um período de pelo menos duas semanas, sendo relatados diariamente com sintomas adicionais, como: energia reduzida e sono excessivo, alterações no apetite ou peso, fadiga, dificuldade de pensamento ou de escolhas e decisões, irritabilidade, pensamentos de morte ou ideação de suicídio e redução do interesse sexual.(AROS; YOSHIDA, 2009)

A depressão durante toda história vem sendo classificada de varias formas, de acordo com todos os pontos de vista e com os estudos que havia na época. Entre os quadros mencionados, atualmente se encontram: depressão integrante dos transtornos bipolares tipos I e II, transtorno depressivo maior, melancolia, distimia, etc. (DEL PORTO,1999; OMS,1993)

O tratamento consiste em: fármacos quando necessários, com prescrição de antidepressivos dependendo da gravidade do quadro depressivo. Frequentemente são prescritos benzodiazepínicos para controle de sintomas, uma vez que os antidepressivos são de efeito lento, sendo relatados efeitos após duas semanas de uso do medicamento; psicoterapia, pois é evidente a importância do acompanhamento do paciente pela equipe

envolvida; intervenções psicossociais, buscando uma maior adesão do paciente ao tratamento, é importante o incentivo às atividades esportivas, principalmente as realizadas em convívio social, incentivando assim a maior aproximação com outras pessoas, o colocando em um contexto de novas amizades. (ANDRADE; VIANA; SILVEIRA, 2006)

13 MEDICAMENTOS EM USO

- Losartana potássica 50mg
1 comprimido pela manhã e 1 comprimido à noite.
- Omeprazol 20mg
1 comprimido pela manhã.
- Espironolactona 50mg
½ comprimido pela manhã.
- Cloridrato de metiformina 500mg
3 comprimidos pela manhã e 1 comprimido após o almoço.
- Citalopram 20mg
1 comprimido pela manhã.
- Clonazepam 0,25mg
1 comprimido pela manhã e 1 comprimido à noite, quando sente dor no pescoço e na nuca.
- Furosemida 40mg
1 comprimido pela manhã.
- Fenofibrato 200mg
1 comprimido após o almoço.
- Acetildor 100mg
1 comprimido após o almoço.

14 CONDUTA TERAPÊUTICA

Consiste em tratamento medicamentoso e não medicamentoso. Enfatizar a importância da continuidade do tratamento com as visitas domiciliares e acompanhamento psiquiátrico rotineiro, além das atividades sociais realizadas no Centro de Convivência. Há a necessidade de uma equipe multidisciplinar para o sucesso de sua terapêutica.

15 CONCLUSÃO

Dia 20/08/2014: realizamos a primeira visita na casa da paciente, onde fomos apresentadas pela assistente social. Paciente se mostrou bastante receptível, alegando que estava sentindo falta dos seus "menininhos", forma carinhosa que utiliza para se referir aos alunos que todo o semestre fazem o seu acompanhamento de evolução, e por essa falta estava se sentindo um pouco desorganizada com os remédios e roupas e estava com uma certa compulsão por compras de roupas e se alimentando exageradamente. Relatou ainda que havia acabado de chegar do seu exercício físico diário que realiza no Centro de Convivência, e que estava muito feliz em saber do retorno das visitas. Avaliamos o quintal e as condições da residência da paciente, em boas condições de limpeza e organização. Encerramos a visita combinando o horário de retorno na semana seguinte, às quartas-feiras às 9h da manhã.

Dia 27/08/2014: como combinado chegamos à casa da paciente no horário marcado, paciente se mostrou receptiva e alegou que já estava a nossa espera. Foi questionada sobre como foi sua semana e se havia realizado suas atividades com alguma dificuldade,

alegou que não houve dificuldade, porém reclamou mais de uma vez da falta de organização. Questionamos sobre o seu passado, com proposito de colher dados para a anamnese e possível entendimento do diagnóstico. A paciente se mostrou muito colaborativa, relatando fatos e sendo prestativa ao responder todas as perguntas realizadas. Relatou muito o passado, suas relações conturbadas com os pais, que a rejeitou, o preconceito que sempre sofreu, por ser negra, os dois relacionamentos conturbados com os parceiros que teve. Foram avaliados os sinais vitais de paciente, onde averiguamos uma descompensação da pressão arterial, questionamos sobre o uso de medicamentos, relatou que não estava fazendo o uso de furosemida, pois o mesmo a atrapalhava na realização das suas atividades no centro de convivência. Incentivamos a paciente sobre a importância do uso dos medicamentos para o seu quadro clinico, já que a mesma é portadora de HAS e diagnosticada com cardiomegalia. A paciente demostrou interesse em tratar-se adequadamente.

Dia 03/09/2014: chegamos à casa da paciente no mesmo horário, com o propósito de ajudar a paciente a organizar seus medicamentos e averiguar se o tratamento estava sendo seguido. Organizamos todos os medicamentos de uso da paciente, por horário a ser tomado. A paciente nos mostrou exames cardiológicos e ortopédicos, nos quais mostra hipertrofia de ventrículo esquerdo e modificações na constituição óssea das vértebras da paciente, que relata lombalgia. Nessa visita continuamos o questionamento sobre acontecimentos de sua vida, para colheita de dados minuciosos para a anamnese. Paciente relatou estar bem mais animada após as visitas e se mostrou prestativa em contar os acontecimentos do seu dia a dia. Observamos uma possível euforia por parte da paciente, ao conversar conosco. Avaliamos os sinais vitais, em que houve uma pequena diminuição em relação a ultima aferição realizada, é importante relatar que todas as aferições foram realizadas com a paciente sentada e após 40min ou mais da realização de exercício e ingestão de alimentos. Ao questionarmos à paciente sobre o uso dos medicamentos, a mesma relatou que estava fazendo o uso de todos e que havia retornado o uso da furosemida. Relatou que estava fazendo uso exacerbado de sal e que estava se alimentando de formar inadequada, orientamos a paciente a seguir sua dieta, de acordo com que os médicos haviam prescrito. Relatamos a descompensação de PA à profissional responsável para possível consulta com o clínico.

Dia 10/09/2014 : paciente bem disposta, animada , havia acabado de chegar de seu exercício físico. No início da visita, a irmã que reside junto com a paciente estava em casa, e relatou que a alimentação da paciente ainda se encontrava fora das regras, que deveriam ser seguidas. Realizamos o exame físico completo. Mostrando paciente normocorada, sem alterações em cabeça e pescoço, pele com elasticidade preservada, úmida e sem alterações e lesões. Pelos e Fâneros sem alterações. Sem alterações no exame físico cardíaco e pulmonar.

Dia 17/09/2014 : paciente receptiva, com visita em casa, e irmã presente durante a visita. Foi-nos relatado que havia uma consulta marcada para aquele dia e no mesmo horário da nossa visita e a paciente não queria ir à consulta, devido a isso, acompanhamos a paciente à consulta, que foi realizada na Unidade de Saúde, com um clinico geral, para controle da HAS. Antes de sair da residência da paciente foi realizada a averiguação dos sinais vitais, mostrando ainda a PA alta 180/110mmHg. Enquanto esperávamos pela consulta na UBS, colhemos os dados para a realização do genograma. A paciente se mostrou bem humorada e colaborativa com o médico, durante a consulta, relatou ao médico que não estava fazendo o uso da alodipina, por causar cefaleia. Foi orientada pelo profissional a fazer o uso do medicamento e prescreveu um outro medicamento que iria evitar a cefaleia. A paciente mostrou animação na

adesão ao tratamento, relatou ainda coceira devido ao suor, e foi prescrita uma pomada para alívio dos sintomas e tratamento da possível candidíase. No final, foi aplicado o mini exame do estado mental.

Dia 08/10: fomos à casa da paciente para a visita semanal, e a mesma relatou que sentiu nossa falta, já que devido ao período de provas e a um feriado, ficamos três semanas sem realizar as visitas. A paciente se mostrou receptiva e contente, contou de suas apresentações e de suas atividades semanais. Relatou estar tomando todos os medicamentos regularmente, porém queixa-se de que a furosemida atrapalha a realização das suas atividades físicas, por isso faz uso da mesma após os exercícios físicos. Foi realizado exame físico geral, onde percebemos que ela se encontra em um bom estado geral, exame físico cardiovascular, pulmonar e abdominal, paciente não apresentou alteração nos mesmos. A paciente fez questão de nos mostrar seu quarto e suas roupas organizadas, salientando que fez isso com o nosso apoio.

Dia 22/10: chegamos à casa da paciente no horário marcado, e a mesma tinha acabado de chegar do seu exercício físico diário, mostrou-se eufórica e relativa hipomnésia seletiva, tendo esquecido os nossos nomes. Realizamos exame físico, aferição de pressão arterial sistêmica, circunferência abdominal e do quadril, exame pulmonar e exame abdominal, que não mostrou qualquer alteração. Pressão se manteve a 150/90 mmHg. Paciente relatou que ainda não havia feito uso de furosemida.

Dia 29/10: paciente se apresentou eufórica, querendo contar todos os acontecidos da semana, resolvemos deixar que ela falasse sem interferência, já que sentimos que a mesma necessitava de atenção. Relatou de problemas respiratórios, e que no sábado sentiu-se mal e buscou atendimento em um PA de Vitória, onde foi diagnosticada com pneumonia. Paciente relatou que acredita que isso tenha sido decorrente de algum ritual de magia negra, que fizeram para ela, com o qual sonhou. Ao ser interrogada sobre a crença nesses rituais, ela disse que é tradição de sua família, que seu pai era feiticeiro e sua mãe também realizava rituais e, assim como todos os seus irmãos, ela também já havia participado de muitos rituais durante sua vida. Foram realizados os exames físicos geral, cardíaco, pulmonar e abdominal que não tiveram alteração. Foi aferida a pressão arterial sistêmica, 140x90 mmHg. Paciente relatou de sua vontade de tirar fotos atuais, já que ela achava visível sua diferença física depois do tratamento para depressão. Mostrou-nos fotos antigas.

Dia 05/11: chegamos à casa da paciente às 9h, como o combinado, ela se apresentou animada e eufórica, nos presenteou com uma toalha para cada aluna, pintada pela própria. Realizamos todo o exame físico rotineiro, como em todas as outras visitas fizemos questão de realizar. Conversamos com a paciente tentando procurar a melhor maneira para relatar que as visitas iriam sofrer uma interrupção, com o término do período letivo. Paciente se mostrou apreensiva, e falou dos medos e da falta que sentirá das visitas nesse período. Tentamos mostrá-la como está bem e que é importante ela continuar com o tratamento, já que o mesmo trouxe-a tantos benefícios, inclusive para o seu convívio em sociedade. Resolvemos fazer as fotos que ela tinha nos pedido para presenteá-la. Convidamos a paciente para a confraternização que ocorreria na próxima quarta-feira na UBS.

Dia 12/11: paciente deslocou-se até a UBS, onde foi organizada uma confraternização para os pacientes e os alunos, com a presença da professora da disciplina de saúde mental e da assistente social da unidade de saúde. Paciente pediu a palavra e se mostrou bem contente em estar presente, relatou que as visitas só lhe fizeram bem, que em todo o tratamento se sentiu acolhida, agradeceu por toda atenção e assistência que foi direcionada a

ela. Ao final presenteamos a com 2 porta-retratos com fotos nossas com ela, para mostrar todo o carinho que temos por ela, e para agradecer por toda contribuição ao nosso ensino.

Concluímos, portanto a importância de manter o tratamento para a paciente em questão, uma vez que a mesma apresenta-se em bom estado, responsiva ao tratamento. Foi notória a importância que a paciente revela ao acompanhamento pelas visitas domiciliares, relatadas por ela como momentos de prazer. Assim como suas atividades em grupo no Centro de Convivência, onde tem suas relações pessoais. É nítida a evolução do quadro da paciente, com remissão dos sintomas depressivos a partir do momento que teve um tratamento envolvendo todos os contextos que devem ser abordados no tratamento da depressão, com melhoria nas relações interpessoais.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L.H.S.G.; VIANA, M.C. & SILVEIRA, C.M.. **Epidemiologia dos transtornos psiquiátricos na mulher. Revista de Psiquiatria Clínica**, 33 (2), 2006..

AROS, Marcelo Salomão; YOSHIDA, Elisa Medici Pizão. Estudos da depressão: Instrumentos de avaliação e gênero. **Bol. psicol**, São Paulo , v. 59, n. 130, jun. 2009 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432009000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 02 out. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Saúde Suplementar (Brasil) **Diretrizes assistenciais para a saúde mental na saúde suplementar** / Agência Nacional de Saúde Suplementar (Brasil). - Rio de Janeiro: ANS, 2008. 63 p

DEL PORTO, José Alberto. Conceito e Diagnóstico. **Rev. Bras. Psiquiatr.** , São Paulo, v. 21, Supl. 1, maio de 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44461999000500003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 de outubro de 2014 http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44461999000500003. Acesso em 22/09/2014.

LÓPEZ, M. **Semiologia médica**: as bases do diagnóstico clínico. 5 .ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10*:* Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

PORTAL EDUCAÇÃO, 2014(SAURI, J.J. **O que é Diagnosticar em Psiquiatria**. São Paulo: Escuta, 2001.)

PORTO, C.C. **Semiologia médica.** 7.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.

SILVA CMC, TEIXEIRA ES, SABÓIA VM, VALENTE GSC. **Visita domiciliar na atenção à saúde mental**. Ciência y enfermeria [periódico on line]. 2011 [capturado em 02 out. 2014]; XVII (3): 125-136. Disponível em: http://www.scielo.cl/pdf/cienf/v17n3/art11.pdf.. Acesso em 22/09/2014.

FISIOLOGIA DA PRIVAÇAO DE INDIVÍDUOS SOTERRADOS

Cesar Romero Soares Sousa[*]
Walquiria Lene dos Santos[**]
Hugo Christiano Soares Melo[***]

Resumo: Após ser soterrada, como em um terremoto por exemplo, uma pessoa paira no limite entre a vida e a morte, sobrevivendo por semanas embaixo de escombros através de mecanismos biológicos complexos que o permite aguardar pelo resgate. O objetivo deste estudo foi descrever a fisiologia da privação sofrida pelo individuo soterrado. Quando o território orgânico é submetido a tal situação limite existe inúmeros mecanismos de controle biológico que identificam esta perturbação e regulam a homeostase, através de mecanismos bioquímicos delicados e uma regulação hormonal precisa. Ainda assim, é necessário um suprimento de águaproporcional ao tempo de sobrevivência desses indivíduos. Na situação ideal de nutrição, a regulação de homeostase pelo organismo é capaz de manter o mesmo vivo por períodos que chegam a meses.

Palavras-chave: Homeostase. Privação. Sobrevivência

Abstract: After being buried, as in an earthquake for example, a person hovers on the edge between life and death, surviving for weeks under rubble through complex biological mechanisms that allows him to wait for rescue. The objective of this study was to describe the physiology of deprivation suffered by a buried individual. When the organic territory is subjected to such extreme situation, there is several biological control mechanisms that identify this disorder and regulate homeostasis through delicate biochemical mechanisms and hormonal regulation. Still, a water supply proportional to the buried time is required. In the ideal nutrition status, the body homeostasis regulation is capable of keep the individual living for periods that come to months.

Keywords: Homeostasis. Deprivation. Survival

INTRODUÇÃO

Em todo o século XIX ocorreram 41 grandes terremotos, acarretando pouco mais de 350 mil mortes. No século XX, até maio de 1997, já haviam ocorrido 96 grandes terremotos, que provocaram a morte de mais de 2 milhões e 150 mil pessoas. No começo de 2010 o mundo se assustou com dois terremotos de alta magnitude, um no Haiti em janeiro, e um no Chile em março. Evan Muncie, um haitiano de 28 anos, foi encontrado com vida na capital do Haiti, Porto Príncipe, 16 dias após as buscas terem sido encerradas, ficando um total de 27 dias soterrado (CARROLL, 2010). Entre estes dados não estão nas estatísticas ou registrados nos órgãos competentes aqueles que, ocorreram em pequenas escalas e no dia-a-dia, em

[*] Educador físico. Mestre em Ciências da Saúde Doutorando em biologia animal pela UnB e Docente na FACESA- Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires. Valparaíso de Goiás. E-mail: professorcesarromero@yahoo.com.br

[**]Enfermeira. Mestre em Enfermagem pala UFG - Coordenadora do Curso de Enfermagem da FACESA - Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires. Valparaiso de Goiás. E-mail: walquirialane@hotmail.com

[***] Biólogo. Doutor em Genética e Bioquímica e docente da FPM – Faculdade de Patos de Minas.E-mail: hugo.some@gmail.com

acidentes na construção civil, deslizamentos de terra em áreas de risco e em acidentes de trabalho nas mais diversas áreas.

Segundo a Defesa Civil, movimentos naturais da crosta terrestre que se propagam por meio de vibrações podem ser percebidos diretamente pelas pessoas ou por meio de instrumentos especiais chamados sismógrafos. O Instituto Alemão de Geociências e Recursos Naturais (*Federal Institute for Geosciences and Natural Resources*) registra anualmente cerca de um milhão de abalos sísmicos, do quais cerca de 5.000 são percebidos pelo homem e 20 a 30 são de efeitos danosos. Questionamentos são levantados: Como os indivíduos conseguem sobreviver em condições extremas como estas? Quais são os mecanismos biológicos que organismo utiliza para economizar energia para manter a vida, que no vocabulário das tragédias se chama situação-limite?

Neste ambiente insalubre onde falta luz natural, umidade inadequada e a privação de alimento e água, as consequências para a saúde são eminentes, desde a depleção de vitaminas e minerais e substrato energético até os efeitos psicológicos do confinamento prolongado, alterações do ritmo circadiano, mudanças nos processos metabólicos, hormonais e cardiorrespiratórios (TOWNSENDet al., 1988).

O corpo humano possui milhões de células interdependentes que são capazes de viver, crescer e desempenhar suas funções específicas enquanto estiverem disponíveis (GUYTON & HALL, 2002). Estas células necessitam de condições relativamente constantes para funcionar efetivamente, para exercer suas funções e contribuir para manter o equilíbrio orgânico como um todo. A manutenção de condições estáveis para suas células, que é denominada homeostase, é uma função essencial do corpo humano. A homeostase (do grego *homeo* = igual e *stasis* = ficar parado) é uma condição na qual o meio interno do corpo permanece dentro de certos limites fisiológicos, ou seja, condições ideias para o seu pleno funcionamento harmonioso, na zona de conforto. No entanto, as funções essenciais a vida não são perturbada por qualquer estresse, bem como as atividades orgânicas não essenciais a vida podem desacelerar seu funcionamento ou mesmo serem abolidas com a finalidade de prolongar a vida. As condições fisiológicas extremas do ambiente do soterramento perturbam a homeostase e o equilíbrio funcional orgânico, através do estresse gerado por estes estímulos.

Quando o território orgânico é perturbado inúmeros mecanismos de controle biológico identificam esta perturbação e regulam a homeostase, mecanismos estes que vão desde o controle genético de todas as células regulando suas funções, bem como mecanismos de controle de concentração dos elementos sanguíneos, temperatura corporal, volume e pH dos líquidos corporais, pressão arterial e frequência cardíaca. A constituição orgânica é altamente organizada e precisamente ordenada, onde todas as estruturas biológicas são inter-relacionadas, porém com certo grau de independência o que mantém o grau de inter-relação com o único objetivo de manter a homeostase. Estes mecanismos de controle homeostáticos estão sob controle do sistema neuroendócrino, no entanto todos os sistemas agem de maneira integrada. O sistema nervoso, por exemplo, detecta com muita rapidez qualquer variação, mesmo a mais sútil que não gera perigo biológico e que geralmente é desprezada, ou aquelas que merecem uma resposta apropriada para reverter este estímulo, através de órgãos efetuadores. As reações efetivas podem ser uma resposta reflexa (local) ou uma reação global, ações estas com o objetivo de garantir a estabilidade operacional. Há uma diferença temporal entre as respostas, pois os impulsos nervosos coordenam a homeostase rapidamente enquanto que os hormônios atuam de forma mais lenta (FOX, 2007).

A maioria dos sistemas de controle corporal atua por *feedback* negativo. O grau e eficiência com que um sistema de controle mantém as condições constantes é determinado pelo ganho do *feedback* negativo. Em raros casos, o corpo aprendeu a usar o *feedback* positivo de forma vantajosa para si (GUYTON & HALL, 2002).

Segundo Bernard (2009) "o corpo vivo, embora necessite do ambiente que o circunda, é, apesar disso, relativamente independente do mesmo. Esta independência do organismo com relação ao seu ambiente externo deriva do fato de que, nos seres vivos, os tecidos são, de fato, removidos das influências externas diretas, e são protegidos por um verdadeiro ambiente interno, que é constituído, particularmente, pelos fluidos que circulam no corpo".

Na condição da situação limite, os determinantes mais importantes do tempo de sobrevivência são principalmente a adversidade do local do acidente como o espaço físico, luminosidade, temperatura, umidade, horário do acidente, tempo de espera para o resgate, condições meterológicas do tempo, altitude e a oferta de oxigênio. Também são importantes as condições do individuo antes da tragédia, como patologias pré-existentes e ou traumatismos durante o acidente, estado psicológico (nível de estresse, fadiga e condicionamento físico), estado de hidratação, peso e estado nutricional.

O objetivo desse artigo foi descrever a fisiologia da privação sofrida pelo individuo soterrado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Homeostase metabólica e reservas de energia

A aquisição de energia em seres humanos através de alimentos é periódica e a taxa de gasto energético no estado basal ou no trabalho muscular intermitente é geralmente menor e independe da quantidade e frequência das refeições. Portanto, em uma situação considerada normal o consumo metabólico é menor que a ingestão periódica e o organismo se vale de mecanismos precisos de sistemas de armazenamentos energéticos. Entretanto quando ocorre um desequilíbrio entre a geração e o consumo de energia, rapidamente o equilíbrio metabólico é restabelecido devido as reservas energéticas. No entanto, se há a depleção da massa corporal total, esta condição de privação levará invariavelmente a morte (BERNER et al., 2004).

Segundo Berner et al. (2004) as reservas de gordura podem suprir as necessidades energéticas por até 2 meses em completo jejum em indivíduos de peso normal. O fornecimento de energia para os diferentes órgãos, na forma de lipídios ocorre para a maioria das células, exceto os eritrócitos e os neurônios que são glicose dependentes. O sistema nervoso não possui a habilidade bioquímica de oxidar ácidos graxos, sendo assim precisa ser suprido com um fornecimento ininterrupto de glicose, pois este é um dos poucos nutrientes capazes de irromper a barreira hematoencefálica, que é uma rede de defesa virtual formada pelos astrócitos e que impede a entrada de toxinas e patógenos nos neurônios. Esta glicose é fornecida pelo glicogênio hepático que possui a função principal de manter a glicemia sanguínea durante períodos curtos de jejum, neste caso não mais que 8 a 12 horas. No caso de um indivíduo soterrado há alguns dias, quem fornece a glicose é o processo chamado gliconeogênese que utiliza principalmente aminoácidos proveniente dos tecidos musculares para sintetizar glicose. Em um indivíduo adulto de estatura média a degradação pode chegar até 1/3 dos cerca de 10kg de proteínas corporais (CHAMPE et al., 2009).

Nosso organismo não possui a habilidade de converter a gordura armazenada em glicose, porém após períodos prolongados de jejum, ocorre uma adaptação importante nesse metabolismo. Durante esses períodos de jejum, a oxidação de ácidos graxos é intensa, o que leva a um acúmulo hepático intracelular de acetil-CoA, um subproduto da oxidação de lipídios. O fígado responde a esse acúmulo convertendo parte das moléculas de acetil-CoA em moléculas conhecidas como corpos cetônicos (acetoacetato, o betaidroxibutirato e a acetona) que provocam um hálito cetônico nos indivíduos que estão há muitos dias sem se alimentar. Essas moléculas têm a função de exportar energia de forma hidrossolúvel para outros tecidos, como o cérebro. O cérebro passa a utilizar corpos cetônicos como parte da sua fonte de energia em situações de jejum prolongado, e pode utilizar até cerca de 70% de corpos cetônicos quando a glicemia sanguínea está em níveis baixos. Porém, a síntese de corpos cetônicos nessas situações extremas pode levar a uma condição chamada de cetoacidose, que promove o abaixamento do pH sanguíneo (PRATT & CORNELY, 2006; LEHNINGER et al., 2007).

A inanição proveniente da privação alimentar pode levar a manifestações psicogênicas ou disfunções dos núcleos do hipotálamo (centros da fome, sede e da saciedade) que acarretam em algumas vezes a uma condição denominada caquexia ou inanição grave, que é uma síndrome complexa multifatorial, associada a algumas patologias, e a longos períodos no caso de soterrados, leva a um quadro de perda de massa corpórea e tecido adiposo, atrofia muscular ou sarcopenia, fadiga e fraqueza. Neste caso pode ocorrer a redução do número de neutrófilos, linfócitos e dos níveis séricos de glicose, insulina e posteriormente de vitaminas (MCARDLE et al., 2003).

Também existem as complicações em realimentar por via enteral ou parenteral às vítimas de privação prolongada, que é a *síndrome da realimentação ou roubo celular,* cujo mecanismo é ainda pouco conhecido. Esta síndrome é oriunda do desequilíbrio de eletrólitos (hipofosfatemia, hipopotassemia e hipomagnesemia) e caracteriza-se peloaparecimento de alterações neurológicas, respiratórias e cardíacas que podem levar a falência multiorgânica (SILVA, 2013).

Homeostase hídrica

Em condições extremas faz-se necessário a ação de mecanismos compensatórios para economizar água, onde o hormônio antidiurético (ADH) é capaz de reduzir o volume urinário. Segundo Douglas (2006), nosso organismo libera ADH diante de fatores relacionados com as variações do volume de líquidos (volemia) e da pressão arterial sistêmica. Porém este mesmo hormônio pode ser liberado em situações como dor, medo, hipóxia, insuficiência cardíaca ou suprarrenal, ou seja, condições em que, em geral há estado de alerta e excitação do sistema simpático, fazendo com que, situações de sobrecarga ou estresse, aumente a secreção de ADH (também conhecida como vasopressina pois promove uma vasoconstrição de artérias e arteríolas do nosso organismo).

A secreção de ADH pela neuro-hipófise pode ter influência de muitos fatores reguladores primários, principalmente a osmolaridade plasmática e o volume e pressão sanguíneos (AIRES, 1999). Sua secreção é determinada através de duas vias: uma mediada pelos osmorreceptores, e também por receptores de volume ou de barorreceptores (DAVIES et al, 2002).

O ADH é um hormônio peptídico que atua sobre os rins, normalmente ajustando o volume e a tonicidade da urina com o intuito de evitar a perda de líquidos pela mesma e assim evitar a desidratação. Quando o organismo apresenta o nível plasmático do ADH baixo, então é excretado grande volume de urina, fenômeno conhecido como diurese e a urina é diluída.

Quando se tem a situação contrária, ou seja, um nível plasmático de ADH elevado, nosso organismo elimina pouca urina, condição denominada antidiurese e a urina é concentrada (AIRES, 1999; DAVIES, et al., 2002; NAVES et al. 2003).

O ADH apresenta dois efeitos principais, um atuando como antidiurético e outro como vasopressor, e ambos são mediados por subtipos específicos (V1 e V2), que são receptores para o ADH localizados nas membranas superficiais de suas células alvo (DAVIES et al., 2002). Segundo Aires (1999) o ADH possui ainda duas ações primárias sobre os rins, primeiramente estimula a reabsorção de NaCl pelo ramo grosso ascendente da alça de Henle, e posteriormente atua aumentando a permeabilidade do ducto coletor da água e ureia. Em condições de desidratação severas este hormônio atuara na regulação da resistência vascular periférica e na pressão sanguínea arterial sistêmica, em virtude de seus efeitos vasoconstritores (AIRES, 1999).

Quanto ao efeito antidiurético, ocorre um aumento da difusão retrógada de água da urina existente nos ductos coletores renais, ocasionando um aumento da osmolaridade urinária e em volume urinário diminuído. A estimulação para a reabsorção de água é mediada pelos receptores V2 (DAVIES et al., 2002). Essas células apresentam perto da superfície apical vesículas difusamente distribuídas pelo citoplasma (aquaporinas), onde existem canais de água prontos para serem introduzidos na membrana apical. Após a ativação do sistema adenilciclase/AMPc, as vesículas fundem-se com a membrana luminal, tendo como resultado a inserção destes canais para a passagem de água (AIRES, 1999).

De acordo com DAVIES et al. (2002) os receptores V2 são estimulados por concentrações de ADH mais baixas que as necessárias para estimular os receptores V1 do músculo liso. Quanto ao efeito vasopressor o ADH é considerado potente, pois atua na contração da musculatura lisa das arteríolas. Quando ocorre essa venoconstrição, há uma remoção do sangue periférico, ocasionando assim um aumento do retorno venoso e da pressão venosa central. Desta forma, o efeito final do ADH eleva a pressão arterial e diminui a frequência cardíaca.

O hipotálamo e a hipófise

A glândula pituitária, também conhecida de hipófise, é mede em torno de 1 cm de diâmetro e pesa de 0,5 a 1g. Ela se localizada em uma cavidade óssea na base do cérebro, denominada sela túrcica. A hipófise é dividida em duas partes consideráveis: a hipófise anterior, que também é conhecida de adeno-hipófise, e a hipófise posterior, também conhecida de neuro-hipófise (GUYTON & HALL, 2002).

O hipotálamo por sua vez ocupa em torno de 2% do volume do encéfalo, localizado na base do diencéfalo, e tem função ampla, sendo sua parte medial rica em corpos celulares neuronais, enquanto a parte lateral apresenta trato de fibras nervosas (Setian, 2007).

O hipotálamo e a glândula hipófise formam uma unidade funcional que atuam no controle da função de várias glândulas endócrinas, como tireoide, adrenais (ou suprarrenais) e gônadas (FRIEND, 2002; COOK et al., 2004; Setian, 2007). Segundo Setian (2007), a íntima interação entre o hipotálamo e hipófise foi estabelecida por Galeno no século XI d.C. A princípio observou-se um prolongamento ventral do hipotálamo, que apresentava a forma de um funil e terminava em uma massa glandular envolvida por um rico aporte sanguíneo. O verdadeiro significado do hipotálamo como controlador de todas as secreções hipofisárias, só foi desvendado no século XX. Em 1920, Lewi e Greving, identificaram o trato hipotálamo-neuro-hipofisário; logo depois, em 1930, Popa e Fileding demonstraram a existência de uma ligação vascular entre hipotálamo e hipófise, porém apenas em 1947 que Greem e Harris,

elucidaram seu significado fisiológico (Setian, 2007).

Além de sua participação nos fenômenos emocionais, as áreas encefálicas relacionam-se também com comportamentos ligados as necessidades básicas do organismo tais como a sede, a fome e o sexo. O fato de que as áreas encefálicas que regulam o comportamento emocional também regulam o sistema nervoso autônomo torna-se mais significativo ao se considerar que as emoções se expressam através de manifestações viscerais como o choro e o aumento de salivação, e são acompanhadas de alterações da pressão arterial, do ritmo cardíaco e respiratório (GUYTON&HALL, 2002).

Alterações do ritmo biológico em situação fisiológica extrema do ambiente de soterramento

O Sistema Nervoso Central (SNC) é fundamental para a definição dos ritmos biológicos. Dentre as estruturas que desempenham um papel importante estão o núcleo supraquiasmático (NSQ) localizados no hipotálamo, a glândula pineal, a retina e diversas vias aferentes neurais. Os olhos são considerados partes importantes na fotorrecepção, pois a alternância claro/escuro e dia/noite é um dos Zeitgeber (sinal ambiental - como a ocorrência da luz e escuridão - que ajuda a regular os ciclos do relógio biológico de um organismo). Ou seja, relacionado com o ciclo circadiano mais distinto na sincronização em vertebrados (DOUGLAS, 2006).

Douglas (2006) declara que cerca de 80% dos neurônios do núcleo supraquiasmático aumentam sua excitabilidade na presença de estímulos luminosos. A partir do acionamento de fotorreceptores localizados na retina, ocorre uma geração de potenciais de ação que seguem por conexões aferentes pelo folheto intergeniculado, rafe dorsal e áreas hipotalâmicas adjacentes até o núcleo supraquiasmático no hipotálamo: sendo este núcleo pode ser um dos osciladores endógenos principais ou do Zeitgeber biológico. Portanto, na retina o processo de sincronização envolve a ativação de células retinianas que, por sua vez, manda as informações seguindo a via do trato retino-hipotalâmico e a via do trato geníciulo-hipotalâmico para o núcleo supraquiasmático.

A luz solar ao atingir fotorreceptores na retina do mamíferos, desencadeia estímulos que viajam até o cérebro através do nervo óptico. No cérebro, estes estímulos dirigem-se ao NSQ, determinando os períodos do ciclo. As fibras nervosas também levam sinais do Sistema Nervoso Central para a hipófise, afetando diversos níveis hormonais. Na maioria dos seres humanos a falta de luz, como numa situação de soterramento, indicará ao organismo um período de noite, e assim iniciará uma intensa regulação fisiológica cujo objetivo é produzir o relaxamento. No entanto, no indivíduo soterrado, essas modificações acabam por auxiliar sua fisiologia, como a diminuição de sua função digestiva, de sua frequência cardíaca e do metabolismo em geral, provocando assim uma economia de energia, assim como evitando a perda de sais minerais pela excreção.

A pineal e o ciclo circadiano

A glândula pineal se encontra localizada na base do hipotálamo cerebral e atua na produção de melatonina. É uma glândula do tamanho de uma ervilha situada no centro do cérebro e conhecida como o relógio do corpo humano e é produzida a partir do momento em que fechamos os olhos. Na presença de luz, entretanto, é enviada uma mensagem neuro-endócrina bloqueando a sua formação (KITAY&ALTSCHULE, 1954).

Embora ainda não se tenha informações precisas sobre a localização exata do relógio circanual, é possível traçar as vias prováveis utilizadas para mandar informações circadianas

e sazonais para todo o corpo (DOUGLAS, 2006). Segundo Aires (1999) a produção do hormônio da glândula pineal é regulada pelo ciclo de iluminação ambiental, característico do dia e da noite, sendo a produção de melatonina exclusivamente noturna.

Essas características de produção e secreção de melatonina determinam portanto, o papel fisiológico da glândula pineal: sinalizar pra o meio interno, pela presença ou ausência diária (amplitude da curva circadiana) de seu principal hormônio (melatonina) na circulação e nos diversos líquidos corpóreos, se é noite ou dia no exterior e, através das características do seu perfil plasmático noturno (duração do episódio secretório de melatonina) e qual é a estação do ano (AIRES, 2008).

Desta forma, a glândula pineal, é responsável por diversos eventos fisiológicos e comportamentais, que são necessários à adaptação de qualquer indivíduo e das diversas oscilações cíclicas do meio ambiente. No adulto, o ritmo circadiano de liberação de melatonina pela glândula pineal se dá de forma perfeitamente sincronizada com as horas de sono. A temperatura corporal também está associada com a ritmicidade circadiana (DOUGLAS, 2006).

Em seres humanos a intensidade da luz do dia - quase cinco vezes mais brilhante que a artificial – diminui a secreção de melatonina. Na existência de ritmos biológicos circadianos, tanto ligados ao ritmo de 24 horas ou ritmos sazonais associados a mudanças de estações, ou concernentes a extensão da duração dos dias e das noites, adverte-se que ditos ritmos não são perturbados pelas variações da luz artificial, apesar da proposta do uso da luz artificial brilhante como meio para manipular os ritmos sono-vigília em seres humanos, como também sugerido o uso de luz ou melatonina no tratamento de distúrbios do relógio biológico – incluindo transtornos emótico-afetivos sazonais, bem como de outros transtornos do humor e algumas alterações de sono (DOUGLAS, 2006).

A liberação de melatonina causada pela diminuição da luminosidade de estar soterrado pode provocar mudanças fisiológicas como diminuição significativa da produção de cortisol e de adrenalina e assim evita o processo de estresse celular, que juntamente com sua habilidade antioxidante (de resistir a radicais livres) e de aumentar a restauração de DNA lesado aumenta a sobrevivência a nível celular. Ademais, a melatonina vem se destacando como um mantenedor da homeostasia do sistema imune, o que aumenta a capacidade de defesa do indivíduo soterrado contra bactérias e outras doenças, que aumentará a expectativa de vida do mesmo (Kerr-Corrêa et al., 1995).

Várias são os fatores que fazem a oscilação de melatonina, mais essa secreção diminui bastante com a idade, tanto é que isto seria o fator responsável pela insônia na velhice. Há existência de outras estruturas que podem produzir melatonina, dentre as quais se destacam retina, intestino e glândulas lacrimais. A concentração de melatonina existente no interior da glândula pineal varia entre os valores diurnos de 50 pg/g e noturnos de 40 pg/g, sendo que 80% do hormônio circulam ligados a albumina pela corrente sangüínea e os outros 20% estão na forma livre (DOUGLAS, 2006).

CONCLUSÃO

O ser humano é dotado dos mecanismos bioquímicos e fisiológicos capazes de mantê-lo vivo por tempos que ultrapassam o inacreditável. A gordura armazenada no nosso corpo é um verdadeiro equipamento de sobrevivência, porém a disponibilidade de água é um limitante nesse processo. Existem vários exemplos de pessoas que sobrevivem por várias semanas sem alimento algum, nutridas apenas pela gordura corporal, porém há sempre a necessidade de água, ou a desidratação é fatal em poucos dias. Sabemos que é possível

sobreviver a dois dias e meio sem água num calor de 49ºC, desde que permaneça todo o tempo à sombra. Se a temperatura ficar abaixo de 21ºC, podemos aguentar até 12 dias (How Stuff Works, 2011). Desta forma, a sobrevivência desses indivíduos em tempos incríveis também exigem atitudes incríveis, principalmente em relação ao suprimento de água. Não são raros os casos que as pessoas tiveram que ingerir água de poças ou até mesmo a própria urina para manter-se hidratados.

A capacidade de adaptação do organismo humano a condições limites é incrível. Nossos hormônios que nos regulam nas atividades triviais do dia a dia, se modificam e mantém nosso organismo funcionando (mesmo que em condições anormais) enquanto houver chances de sobrevivência.

REFERÊNCIAS

AIRES, M. M. **Fisiologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999.

AIRES, M. D. M. **Fisiologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

BERNARD, C. **Introduction à l'étude de la médecine expérimentale** Paris: Éditions Garnier-Flammarion, 1865.

BERNE, R. M. et al. **Fisiologia**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

CARROLL, R. Haiti man rescued after 27 days in quake rubble The Guardian, 2010. Disponível em: < http://www.theguardian.com/world/2010/feb/09/haiti-man-rescued-27-days-rubble >. Acesso em: 21/02/2015.

CHAMPE, P. C.; HARVEY, R. E.; FERRIER, D. R. **Bioquímica Ilustrada**. 4a. Porto Alegre: Artmed, 2009.

COOK, D. M. et al. American Association of Clinical Endocrinologists medical guidelines for clinical practice for the diagnosis and treatment of acromegaly **ENDOCRINE PRACTICE,** v. 10, n. 3, 2004.

DAVIES, A.; BLAKELEY, A. G. H.; KIDD, C. **Fisiologia Humana**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

DOUGLAS, R. C. **Tratado de Fisiologia aplicada às Ciências Médicas**. 6a. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

FOX, S. I. **Fisiologia Humana**. 7.ed. Barueri - SP: Editora Manole, 2007. 744 ISBN 978-85-204-1473-6.

FRIEND, K. E. Acromegaly: A New Therapy. **Cancer Control,** v. 9, n. 3, 2002.

GUYTON, A. C.; HALL, J. E. **Tratado de fisiologia médica**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

WORKS, H. S. **Histórias incríveis de sobrevivência**. 2011. Disponível em: < http://esporte.hsw.uol.com.br/historias-terriveis-de-sobrevivencia1.htm >. Acesso em: abril, 2014.

KITAY, J. I.; ALTSCHULE, M. D. The pineal gland. A review of the physiologic literature. **The pineal gland. A review of the physiologic literature.**, 1954.

LEHNINGER, A. L.; NELSON, D. L.; COX, M. M. **Lehninger: Princípios de Bioquímica**. 4.ed. São Paulo: Sarvier, 2007.

MCARDLE, W. D.; KATCH, F. I.; KATCH, V. L. **Fisiologia do Exercício: energia, nutrição e desempenho humano**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

NAVES, L. A. et al. Distúrbios na secreção e ação do hormônio antidiurético. **Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia,** v. 47, n. 4, p. 14, 2003.

PRATT, C. W.; CORNELY, K. **Bioquímica essencial**.. Rio de Janeiro: Guanabara koogan, 2006.

CADERNO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

FEMINIZAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO: UM ESTUDO DE CASO EM UMA EMPRESA DE AUTOPEÇA NA CIDADE DE JOÃO PINHEIRO (MG)

Maria Eva da Silva[*]
Maria Célia da Silva Gonçalves[**]
Margareth Vetis Zaganelli[***]
Maria Rita Ferreira Dias de Souza[****]

Resumo: A presente pesquisa tem por objetivo investigar os determinantes da participação das mulheres no mercado de trabalho, assim como avaliar em que medidas a atuação dessas mulheres são limitadas pela questão de gênero. Para a execução de tal pesquisa utilizou-se da metodologia qualitativa realizando um estudo de caso, por meio da técnica do *Survey*, em uma empresa de autopeças situada na cidade de João Pinheiro – MG. A pesquisa buscou responder as seguintes indagações: Qual o perfil das colaboradoras da empresa de autopeças? Quais as dificuldades enfrentadas por cada funcionária no exercício de sua função? Qual o grau de formação dessas colaboradoras? De que forma a sua formação tem contribuído para o desenvolvimento e execução de suas tarefas na organização? Essas colaboradoras se sentem valorizadas pelo trabalho desempenhado na organização? Como elas avaliam as participações das mulheres no mercado de trabalho atual? Ao final da pesquisa conclui-se que as mulheres enfrentam muitos desafios, mesmo diante de uma sociedade tão rica em informações, ainda é possível perceber o preconceito de gênero no espaço laboral. Por outro lado, embora existam adversidades, as mulheres buscam sempre mais qualificações, e tem ocupado um número crescente de vagas no mercado de trabalho, nas mais diversificadas áreas.

Palavras- chave: Mulheres. Gênero. Mercado de trabalho. Conquistas sociais.

Abstract: The present research has for objective to investigate the determinant of the women's participation in the job market, as well as evaluating in that measured those women's performance are limited for the gender subject. For the execution of such research it was used of the qualitative methodology accomplishing a case study, through the technique of Survey, in a located company of car spares in João Pinheiro's city - MG. The research looked for

[*] Bacharel em Administração pela Faculdade Cidade de João Pinheiro- FCJP. E-mail: mevasilva2011@bol.com.br

[**] Doutora em Sociologia e Mestre em História pela Universidade de Brasília - UnB. Especialista em História Pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).Especialista em História do Mundo Moderno e Contemporâneo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora de Sociologia e Trabalho de Conclusão de Curso, coordenadora dos Cursos de História e Geografia da Faculdade Cidade de João Pinheiro- FCJP. Membro Laboratório Transdisciplinar de Estudos da Performance (TRANSE) SOL/UnB. E-mail: mceliasg@yahoo.com.br

[***] Mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. Doutora em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Estágio Pós-Doutoral em Bioética e Filosofia do Direito na Scuola di Giurisprudenza da Università degli Studi di Milano-Bicocca -UNIMIB. Estágio Pós-Doutoral em Bioética e Filosofia do Direito na Alma Mater Studiorum Università di Bologna - UNIBO. Professora Associada da Universidade Federal do Espírito Santo-UFES. E-mail: mvetis@terra.com.br

[****] Coordenadora de Relações Institucionais, Coordenadora Adjunta do Curso de Pedagogia, professora de Literatura Brasileira, e do curso de Pedagogia da Faculdade Cidade de João Pinheiro- FCJP. E-mail: mritafsouza@yahoo.com.br.

answering the following inquiries: Which the collaborators' of the company of car spares profile? Which done the difficulties face by each employee in the exercise of your function? Which the degree of those collaborators' formation? That it forms your formation has been contributing for the development and execution of their tasks in the organization? Are those collaborators valued by the work carried out in the organization? How do they evaluate the women's participations in the current job market? At the end of the research it is ended that the women face many challenges, even before such a rich society in information, it is still possible to notice the gender prejudice in the laboral space. On the other hand, although adversities exist, the women always look for more qualifications, and hve been occupying a growing number of vacancies in the job market, in the more diversified areas.

Keywords: Women. Gender. Job market. Social conquests.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo investigar os determinantes da participação das mulheres no mercado de trabalho, assim como avaliar em que medidas a atuação dessas mulheres são limitadas nas suas atividades laborais. Para a execução de tal pesquisa, foi realizado um estudo de caso em uma empresa de autopeçassituada na cidade de João Pinheiro (MG).

A luta das mulheres pelo reconhecimento de seus direitos e a inclusão no mercado, assim como por melhores condições de trabalho não são novas. Esse movimento remonta ao dia 08 de março de 1911, há mais de um século, quando mais de 90.000 trabalhadoras foram às ruas na Rússia com o intuito de reforçar a conscientização e promover o debate sobre a inserção da mão de obra feminina no mercado de trabalho. De lá até os nossos dias, observa-se uma luta constante das mulheres com a finalidade de serem aceitas e respeitadas no mundo do trabalho.

Sem dúvida, é possível notar muitos avanços no que se refere às mulheres nos mais diversos campos sociais, mais ainda é possível encontrar retrocessos e barreiras a serem vencidas.

Partindo dessa observação, essa pesquisa investigou a importância do trabalho feminino de uma forma geral, e as diferentes vertentes que tornam o gênero um fator de extrema divisão na sociedade. Assim como buscou pontuar quais as possíveis causas e explicações para a forma injusta como as mulheres são vistas e avaliadas no contexto social, econômico e profissional, buscando evidenciar suas conquistas ao longo dos tempos, participação no mercado de trabalho, capacitação e especializações, perfil, idade, grau de escolaridade, dentre outras características.

O universo de pesquisa é uma empresa no ramo de venda de peças para veículos automotores. A referida empresa possui 12 funcionários, sendo 05 do sexo feminino e os demais do sexo masculino, divididos em 05 departamentos: de compra e venda de peças, fiscal, financeiro, caixa e cobrança.

A pesquisa buscou responder as seguintes indagações: Qual o perfil das colaboradoras da empresa de autopeças? Quais as dificuldades enfrentadas por cada funcionária no exercício de sua função? Qual o grau de formação dessas colaboradoras? De que forma a sua formação tem contribuído para o desenvolvimento e execução de suas tarefas na organização? Essas colaboradoras se sentem valorizadas pelo trabalho desempenhado na organização? Como elas avaliam as participações das mulheres no mercado de trabalho atual? Essa pesquisa foi desenvolvida através de um estudo de caso por perceber que essa técnica

traria um maior conhecimento e análise do universo pesquisado. Para a realização desse trabalho foi adotada metodologia exploratória de natureza qualitativa por entender que:

> A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transforma o mundo em uma série de representações [...] a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos de significados que as pessoas a eles conferem (DENZIN; LINCOIN, 2006, p.17).

A pesquisa qualitativa oferece ao pesquisador uma possiblidade de utilização de diversas técnicas de coleta de dados empíricos, nesse caso foi utilizada em primeiro momento a técnica do *Survey*, partindo da premissa que os dados quantitativos são muito importantes para confirmarem os qualitativos.

A metodologia qualitativa foi escolhida por permitir a análise direta de sentimentos das pessoas a respeito de suas ideias, valores e reflexões, enfim de suas reflexões sobre a própria vida; no caso dessa pesquisa objetivou-se avaliar a representação das trabalhadoras acerca da importância de seu trabalho, assim como dos avanços e retrocessos das mulheres no mercado de trabalho. Foram aplicados a 05 colaboradoras questionários composto por questões abertas e fechadas. A escolha da amostra se deu em função ser esse o atual número de empregadas mulheres trabalhando na empresa pesquisada.

1- AS MULHERES NO CONTEXTO SOCIAL

1.1- A mulher e o lar

O termo mulher se define por um ser humano na fase adulta do sexo feminino, responsável pela perpetuação da espécie humana. Normalmente, é responsável pelo cuidado da casa e dos filhos, conforme cultura e costumes sociais arraigados ao longo dos tempos e da história. Essas questões culturais e históricas dificultaram e ainda dificultam muito o cotidiano e ingresso das mulheres na sociedade como um todo.

> As identidades coletivas são construções históricas e relacionais, e dependem, em cada caso, das formas históricas em que as fronteiras entre nós e os outros se constroem, se reproduzem ou se modificam. As tradições e práticas culturais também circulam, transformam-se e modificam-se, mas se efetivam em um nível diferenciado, funcionando como gramáticas a definir o repertório de possibilidades de pensamento e ação dos diferentes agentes sociais. Toda identidade historicamente construída tem de se apoiar em algum tipo de práticas culturais. (MATTOS, 2009, p.128)

Essa imagem direcionada à mulher é uma forma de identidade social muito forte, as pessoas se remetem a visão da estrutura familiar de gerações anteriores e nesta fase reproduzem um comportamento social baseado nos conceitos da sociedade como um todo, e focalizam o ser feminino para o lar e os filhos. A partir desses olhares são desencadeadas várias situações que de forma preconceituosa comprometem a modificação da realidade das mulheres nos mais diversificados setores da sociedade.

Existem várias limitações que impedem as mulheres de terem direitos, participação

e serem valorizadas como os homens, a diferença entre os gêneros ainda é encarada como fator de divergências e barreiras nas relações sociais na atualidade.

> As desigualdades entre as funções desempenhadas por homens e mulheres, que os identificaram ou com a rua ou com a casa, não vieram desacompanhadas de uma valorização cultural. Isto é, as atividades masculinas foram mais reconhecidas pelas mulheres razão pela qual foram dotadas de poder e de valor. O trabalho era o que de fato conferia poder ao marido, assim como lhe outorgava pleno direito no âmbito familiar, ao mesmo tempo em que o tornava responsável, ainda, que de modo formal pela manutenção, assistência e proteção dos seus. (MALU; MOTT, 2010, p. 380 e 381).

De acordo com os costumes e cultura sociais, o trabalho de casa era alocado à imagem feminina, enquanto o homem era responsável por trabalhar e manter as necessidades da família. De uma forma geral, este tinha representatividade de maior valor em sua figura por ser o provedor do sustento e dinheiro da residência, não considerando o valor atribuído às atividades desempenhadas pela mulher por não ser remunerada, o que não configura um trabalho sem valor. Desta divisão de tarefas surgem as barreiras que dificultam o ingresso e conquista das mulheres no mercado de trabalho e na sociedade, essa exclusão de socialização feminina vai se estendendo a todas as dimensões de relacionamento que estas possam vir a desenvolver.

> A persistência de um modelo de família no qual cabem à mulher as responsabilidades domésticas e socializadoras determina a necessidade de uma constante articulação entre papéis familiares e profissionais. A disponibilidade dos indivíduos do sexo feminino para o trabalho depende de uma complexa combinação de características pessoais, de idade e a de escolaridade, e de outras relacionadas à família, como o estado civil e a presença de filhos, o ainda de características da própria família, como o ciclo de vida e a estrutura familiar. Mas esses fatores se inter-relacionam também com a condição econômica da família, direcionando as mulheres em cada etapa de vida familiar para os afazeres domésticos ou para atividades econômicas dentro ou fora do lar. (BRUSCHINI, 1994, p. 182).

Ao analisar a mulher como mão de obra disponível no mercado é necessário avalia-la por diversos ângulos. Os filhos, a condição financeira da família, a presença ou ausência de um companheiro e até mesmo a localização de sua residência podem interferir diretamente em suas possibilidades de abrangência e desempenho de seu profissionalismo.

A mulher já tem sua imagem moldada para o cuidado doméstico, esta situação é atribuída à sua imagem, para que ela desenvolva qualquer outra atividade é preciso desenvolver antes, um cronograma ou roteiro que lhe permita visualizar as possibilidades das ações e a conciliação de todos os seus compromissos.

Os desafios são os mais variados, a presença de filhos, o cônjuge, a vivência familiar, e até a localização de sua casa podem interferir em seu ingresso em uma atividade profissional remunerada. A presença de filhos reduz a disponibilidade de tempo livre, o cônjuge pode exigir um formato de relacionamento ou mesmo não permitir que esta tenha um trabalho em um ambiente formal. A localização de sua casa pode ser uma barreira, por se tornar um fator impeditivo de cumprimento de horários por causa de distâncias, periculosidade ou carga horária a ser cumprida. Então, para que ela cumpra todas as suas "obrigações", irá sempre

retardar suas possibilidades de melhoria por priorizar a família e os filhos, deixando em segundo plano sua atividade profissional, retardando o ingresso no mercado de trabalho cada vez mais.

> Um inegável crescimento tem levado, portanto, um número cada vez maior de mulheres ao mercado de trabalho, tornando cada vez mais visível a participação econômica feminina. Contudo, as mulheres ainda estão longe de superar todas as suas dificuldades. No que tange á conciliação entre as responsabilidades familiares que socialmente lhe foram atribuídas e o trabalho, as contradições se tornam tanto mais agudas quanto mais estruturadas forem às atividades, sujeitando as trabalhadoras a regras mais rigorosas como horários e deslocamentos casa/ trabalho. No entanto, são estas em geral as ocupações que costumam obter melhores rendimentos, além de assegurar ás trabalhadoras, certos direitos constitucionais que lhes permitem usufruir de uma condição mais favorável. (BRUSCHINI, 1994, p. 187 e 188).

A condição de assumir uma atividade formalizada pode garantir para a mulher diversos benefícios e direitos trabalhistas, melhores salários e melhores condições de trabalho, tanto no aspecto físico como na carga horária a ser cumprida.

1.2 As mulheres e o mercado de trabalho

O termo mercado de trabalho se define pelo comércio em geral em todas as suas instâncias e as oportunidades de emprego que são oferecidas pelas empresas. Este mercado movido pelo grande fluxo de informações e as influências da globalização se torna cada dia mais seletivo e exigente, incrementando a lista de requisitos para os candidatos interessados á ocupação de alguma vaga.

Algumas vagas oferecidas nesse mercado de trabalho podem ser desempenhadas tanto por homens ou mulheres e nessa parte do processo é que surgem as disparidades, onde o público feminino, por diversas vezes, é remunerado de forma inferior por um mesmo serviço prestado e de mesma qualidade.

Considerando as pessoas os principais agentes neste cenário, justifica-se a constante exigência de qualificação para a ocupação de cargos, tanto homens quanto mulheres buscam melhores empregos, condições de trabalho e salários. A capacitação das pessoas de uma forma geral tem se diversificado de forma contundente, homens e mulheres têm se dedicado para que não haja mais divisão de profissões de acordo com o sexo, tanto eles como elas têm capacidade para desempenhar as mesmas funções e têm demonstrado isso.

> O conceito de gênero resulta de uma longa germinação de experiências e ideias, extraídas das relações entre homens e mulheres em suas muitas vidas em comum. Examinadas como naturais, essas relações, a partir de certo momento, expuseram-se com seus significados políticos e isso mudou muita coisa. Registros históricos sobre essa trajetória não estão suficientemente sistematizados, mas evidenciam-se nela instigantes indícios sobre a marcha dos processos civilizadores. No plano intelectual, o conceito de gênero aparece

> como um dentre outros elaborados nas recentes aproximações da história com a antropologia. É parte das muitas questões expostas em pesquisas sobre a história das mulheres, uma regular prática acadêmica, antes uma quase disciplina em alguns centros universitários, nas duas últimas décadas do século XX. Essa história, por muitos meios, esteve empenhada em retirar os véus da invisibilidade das mulheres como sujeitos históricos. Isso ocorre sob o crescente recuo do estruturalismo a partir dos meados de 1970. (COSTA, 2009, p.187)

Mas, ainda há diversos obstáculos para que a mulher possa ocupar de maneira igualitária seu espaço e ter os mesmos direitos e reconhecimento que os homens.

> Diversos estudos têm comprovado uma alta relação entre o nível de escolaridade alcançado pelas mulheres e sua participação no mercado de trabalho. Porém, tem evidenciado também aspectos negativos, como o aumento de escolaridade não ter sido suficiente para alterar significativamente a estrutura de empregos e a falta de correspondência entre o nível salarial das mulheres e sua formação educacional. (COSTA, 2013. p. 39)

Ainda há muitas disparidades quando se observa o âmbito do trabalho e posicionamento social feminino.

> O contexto mais amplo desta apreciação favorável é a incrível mudança na posição social das mulheres, a maior transformação social ocorrida na segunda metade do século XX, segundo Eric Hobsbawn, que altera a equação espaço privado versus espaço público para o sexo feminino, num processo em que as mulheres deixam progressivamente de se voltar prioritariamente para o espaço doméstico. No Brasil é inegável o avanço das mulheres na última década, que pode ser considerada, de acordo com os mais diversos indicadores, como a década das mulheres. (COSTA, 2013, p. 38).

As mulheres têm superado os preconceitos e redirecionado suas metas de vida, em busca de melhorias pessoais e de sua família.

A partir da modificação de prioridades é que surge o grande avanço do público feminino nos mais variados setores do mercado e da economia, mesmo que sua responsabilidade pelo cuidado da casa e dos filhos seja uma característica direcionada pela sociedade, a sua mudança de opinião é que sugere novas possibilidades e possíveis mudanças de atitude no cenário de seu cotidiano.

2 HISTÓRICOS DO POSICIONAMENTO FEMININO NA SOCIEDADE

As mulheres de uma maneira geral sempre tiveram tratamento e representatividade diferenciada na sociedade como um todo, o que gerou uns olhares e análises específicas para elas ao longo dos tempos.

> Nas últimas décadas do século XX, a história sofreu grandes transformações teóricas e metodológicas que direcionaram os olhares dos historiadores a temas e grupos sociais que, até então, estavam à margem dos estudos históricos, como as mulheres, os velhos, os operários, os camponeses e os escravos. Daí a história das mulheres emerge como um campo de estudo,

> influenciada pelos novos interesses da disciplina histórica e pelas campanhas feministas. (NASCIMENTO, 2008, p.28).

Normalmente as mulheres sempre ocuparam posição social inferior aos homens, o que sempre fez com que seus papéis fossem de lutas e batalhas para conquistar seu lugar tanto na sociedade como no mercado de trabalho. Primeiramente, as mulheres eram subordinadas às ordens de seus pais, e posteriormente eram subordinadas a seus maridos, tendo postura e obediência incondicional, conforme cita o autor:

> Historicamente, o poder sempre foi praticado e exercido pelos homens, pois as mulheres eram consideradas subalternas, devendo obediência e respeito às pessoas do sexo masculino. Esse processo envolve relações de gênero porque as relações existentes são desiguais, ocorrendo uma forma de dominação patriarcal dos homens sobre as mulheres, em um modelo masculino de dominação, tanto na esfera privada (ambiente familiar), quanto na esfera pública (organizações que envolvem o trabalho). Os ranços da sociedade grega perpetuaram até algum tempo atrás, quando as diferenciações entre mulheres e homens eram visíveis, não sendo as primeiras consideradas cidadãs plenas. (CARVALHO, 2011, p.33).

Os costumes e a cultura da sociedade fizeram com que as mulheres tivessem postura de subordinação, não podendo expressar sua opinião, ou sugerir algo, tinham apenas que concordar e cumprir as ordens que fossem direcionadas a elas. Cuidavam de suas casas e de seus filhos, cumprindo as ordens de seus senhores.

De uma forma geral não eram vistas como cidadãs, dotadas de personalidade e capacidade de atuar na sociedade e no mercado. Assim afirma o autor:

> a partir de uma somatória de fatores sociais, históricos, econômicos e filosóficos, criou-se no brasil uma estrutura eminentemente machista, onde características próprias do país somaram-se a influências europeias e religiosas. historicamente, as mulheres sempre estiveram em situação desigual quando comparadas aos homens, mas são também históricas as lutas que elas desenvolveram para assegurar que a história lhes faça justiça e lhes garanta tratamento igual. (nogueira, jacino, 2013, p.279).

Essa desigualdade entre os gêneros é uma característica arraigada no Brasil, inserida e vivenciada na cultura de seu povo desde sua origem. O autor ainda afirma:

> No Brasil Colônia, a economia nacional estava baseada no trabalho escravo. Estranhamente, nessa época, a mulher escrava tinha maior valor do que o homem escravo, porque nas grandes fazendas poderiam aumentar o plantel com seus filhos, o que propiciava ao senhor de escravos a incorporação de novos cativos sem a necessidade de importa-los a preço alto da África. Desde que dispusesse de capital suficiente para aguardar a entrada da criança no mercado de trabalho, a presença de mães geradoras, eram ao longo do prazo, vantajosa. (NOGUEIRA, 2013, p.280)

As mulheres escravas eram vistas apenas como geradoras de escravos, enquanto as senhoras de classe social mais elevada coordenavam os cuidados da casa e dos filhos. A situação das mulheres se modificou, agregando novas conquistas e ocupação ainda maior para as mulheres.

> Na relação gênero/ trabalho, de maneira geral, é lenta a superação das desigualdades. A entrada da mulher no mercado de trabalho não faz, por exemplo, que ela se desobrigue dos afazeres domésticos e dos compromissos familiares. Apesar das transformações ocorridas nas famílias e do maior acesso das mulheres aos bancos escolares e ás universidades, persiste praticamente intocável a responsabilidade feminina pelo trabalho doméstico e por compromissos familiares. (NOGUEIRA, 2013, p. 281).

Com as pequenas conquistas adquiridas ao longo do tempo, as mulheres começaram a ocupar espaços no mercado e na sociedade, fazendo com que sua rotina, fosse somente acrescida de novas tarefas, aumentando sua ocupação e responsabilidades como cita o autor acima. O início das lutas femininas foi um marco na história a partir de 1970, conforme relata o autor abaixo:

> A partir da década de 1970, conhecimentos sobre a história das mulheres se multiplicaram, numa íntima associação com os movimentos feministas, ressurgidos, nesse período, com uma pauta de lutas reconhecidamente sexistas, ou seja, voltada para as questões específicas do feminino, em contraposição ás preocupações de gerações anteriores, associadas antes a lutas por diversos direitos sociais, de caráter geral. Essas novas questões femininas traduziam, agora, uma experiência social marcada pelo advento da pílula anticoncepcional por tosa parte; ampliaram-se poderes femininos quanto a decisões sobre a reprodução e o reconhecimento de que o pessoal é o político. (COSTA, 2009, p.190)

Nesta etapa a mulher começava a identificar possibilidades diferenciadas de vida e conquistas, podendo decidir sobre suas vontades e definir seus próprios caminhos.

> Ao mesmo tempo, as novidades sobre a vida cotidiana redimensionam o poder dos homens, das mulheres e a presença de ambos na história nossa de cada dia. Esse movimento intelectual não pode ser dissociado das mudanças operadas na vida das mulheres desse tempo. Ocorre quando, em diferentes partes do mundo, sob as mais duras adversidades, as mulheres passam a engrossar parcelas significativas da população economicamente ativa; quando, diante das modificações radicais do mundo do trabalho, vivenciam redefinições de emprego colocadas pela ordem neoliberal em marcha, sujeitando – as tantas e tantas vezes, a desempregarem e a substituírem os homens – com vistas ao rebaixamento global dos salários; quando na vida institucional e intelectual e na política ascendem as posições nunca alcançadas; quando, regulando sua fecundidade sob o advento dos contraceptivos e das esterilizações, definem o tamanho da prole desejada, ampliam o tempo dedicado ao próprio aprimoramento.... (COSTA, 2009, p. 190)

No mundo inteiro desde então, as mulheres se tornaram foco de diversos estudos e pesquisas e os grupos feministas começaram a difundir suas ideias e estabelecer seus princípios. A década de 90 por sua vez veio fomentar estas discussões através das características da globalização, da celeridade da informação e da influência que a mídia exerce sobre a opinião pública.

> Nas duas décadas finais do século XX, estimulam os debates conceituais em curso: o vasto legado intelectual construído pelos movimentos feministas; a consolidação das ONGs a seu serviço; a maior disponibilidade de fluxos regulares de financiamento vinculados às mais diferentes organizações de mulheres em ações locais, regionais, nacionais e internacionais; além da notável rapidez na propagação de ideias, através de redes de intercâmbios entre centros de pesquisa. Já na década de 1990, as novas técnicas de comunicação através da internet ampliam canais de informação e aceleram ritmos de atualização de saberes, com sensíveis impactos sobre pesquisas em andamento. (COSTA, 2009, p.191)

Pode-se entender que as evoluções dos processos e da tecnologia têm vindo acompanhadas de transposições de barreiras de preconceito e de cultura, com as novas formas de viver tem se desenvolvido novas formas de se relacionar e eliminar as barreiras existentes em todas as relações independentes de seu âmbito de agravação. Homens e mulheres têm buscado alternativas para melhorar suas **relações:**

> Ainda que pululem, por toda parte, tantas desigualdades, homens e passaram a caminhar, nos anos finais do século XX, em direção à busca da igualdade na diferença – ideário peculiar às chamadas minorias, de tanta visibilidade nas sociedades democráticas contemporâneas. Novas referências impulsionam a tomada de consciência de desigualdades do presente e do passado; motivam lutas do presente contra a opressão e a discriminação por sexo, mas não só. Descobriu-se mais: a dominação masculina constrói – se com a feminina. (COSTA, 2009, p.192).

De acordo com o observatório Brasil de igualdade de gênero, a realidade feminina presentou significativas melhorias em estudo realizado entre os anos 2000 e 2010, conforme resultados apresentados em relatório recente. Este apresenta resultados em diferentes vertentes sobre a realidade das mulheres, conforme se segue:

> **Trabalho** - As mulheres que trabalham com carteira assinada representavam 51,4% em 2000 e chegaram a 57,9%, dez anos depois. O aumento de formalização foi identificado também quando se observa a questão de raça. As pretas e pardas passaram de 43,3% para 50,8% no mesmo período. A contribuição das mulheres no rendimento familiar também cresceu mais que a dos homens: chegou a uma média de 40,7% no Brasil. Em áreas rurais, foi superior a esse índice: 42,4%. O Nordeste apresenta uma diferença ainda maior, de 46,8%. Esses resultados decorrem das políticas públicas adotadas pelo governo federal na última década, como a valorização do salário mínimo e a implantação de programas sociais, a exemplo do Bolsa Família e do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).O percentual de crianças de até três anos que frequentavam creches foi 65,4% em 2010. Esse indicador impacta diretamente no nível de ocupação das mulheres em relação àquelas que não dispõem desse serviço. (SPM -Comunicação Social, 2014).

Sobre a educação faz a seguinte análise:

> **Educação** - Houve ainda aumento da frequência escolar, no ensino médio, de 9,8 pontos percentuais em relação à masculina no período. A taxa feminina foi de 52,2%, quando os homens alcançaram 42,4%. Outro fator positivo é o aumento do percentual de jovens (15 a 17 anos) que se mantinham cursando o nível educacional apropriado à sua idade. Subiu de 34,4% em 2000 para 47,3% em 2010. "Foi um esforço muito grande do governo para adequar esse indicador à faixa etária", observou a secretária Vera Soares. Ainda na educação, em 2010, havia um contingente maior de mulheres entre os universitários de 18 a 24 anos. Elas representavam 57,1% do total de estudantes na faixa etária. Consequentemente, o nível educacional das mulheres é maior do que o dos homens na faixa etária dos 25 anos ou mais. A proporção de adolescentes (15 a 19 anos) com filhos, também reduziu-se na década: de 14,8% para 11,8% . A gravidez precoce é um dos motivos para que adolescentes interrompam os estudos, prejudicando a formação profissional. (SPM- Comunicação Social, 2014).

A globalização tem alcançado várias dimensões sociais e levado melhorias a situações que eram de exclusão e desconforto. As conquistas femininas ora se explicam pela imensa dedicação e busca por perspectivas diferenciadas de vida que mudem o curso de suas vidas para ambientes diferentes daquilo que era imposto de forma sutil e delicada no cotidiano de cada uma das mulheres que viveram em tempos ainda menos democráticos. Os estudos atuais sobre as mulheres começam a desenvolver análises diferenciadas, focando na temática do desenvolvimento das conquistas e da postura de importância e representatividade positiva que estas têm vivenciado a cada dia mais.

> O estudo das mulheres, a história social e dos feminismos, aproximados, serão, agora, os lugares principais de assentamento do conceito de gênero. Agrupadas sob diferentes interesses intelectuais, pesquisadoras, feministas ou não, portam inquietações e tradições intelectuais, e, se com elas se ingressa nos debates sobre o conceito de gênero, experimentam-se profundas mudanças paradigmáticas na história social e pessoal. O Brasil não fugiria a essa tendência: entre as décadas de 1970 e 1990, pesquisadoras, feministas ou não, em estudos sobre mulheres e feminismos, um campo fértil de semeaduras de diferentes áreas do conhecimento, expressam uma experiência em tudo e por tudo muito distante daquela vivida por suas mães. (COSTA, 2009, p. 195)

A ocupação dos espaços, o comportamento e as atitudes assumidas pelas mulheres começam a construir este novo universo ao seu redor, configurando novas possibilidades de melhoria de vida. O autor cita o distanciamento entre a realidade vivida no tempo recente e a realidade vivenciada no tempo passado, podendo estabelecer a descrição de duas realidades opostas, mesmo quando analisando mãe e filha, por exemplo, em uma mesma família, já era possível pontuar modificações sociais de uma geração para outra.

3-ALGUNS DADOS SOBRE AS MULHERES BRASILEIRAS NA ATUALIDADE

Segundo IBGE (2012) a participação das mulheres no mercado de trabalho, é possível destacar que:

> Em 2011, as mulheres eram maioria na população de 10 anos ou mais de idade (PIA), cerca de (53,7%). Contudo, eram minoria (45,4%) na população ocupada (PO). Essa estrutura distributiva reflete-se no nível de ocupação, relação que mostra o contingente de ocupados em relação ao total da PIA. Para as mulheres, esse indicador foi de 40,5% em 2003 passando para 45,3% em 2011. Entre os homens, esse percentual era de 60,8%, passando para 63,4%. A partir dessa evolução, percebe-se o maior crescimento do nível de ocupação das mulheres, vis à vis ao dos homens, ainda que em patamar bem inferior ao dos homens. A presença feminina também era majoritária na população desocupada (PD) e na população não economicamente ativa (PNEA), como mostrado nos gráficos a seguir. Em média, elas totalizavam 11,0 milhões de pessoas na força de trabalho, sendo, 10,2 milhões ocupadas e 825 mil desocupadas. Na inatividade, o contingente feminino era de 11,5 milhões de pessoas. Na comparação com 2003, o crescimento da participação das mulheres na população economicamente ativa (PEA) foi de 1,8 ponto percentual (de 44,4% para 46,1%), No mesmo período, a proporção de mulheres na população desocupada e na população ocupada tiveram elevação de, respectivamente, 3,3 e 2,4 pontos percentuais. (IBGE, 2012).

O gráfico abaixo destaca a população masculina e feminina, em diversas situações econômicas, possibilitando uma análise clara da participação das mulheres em cada etapa.

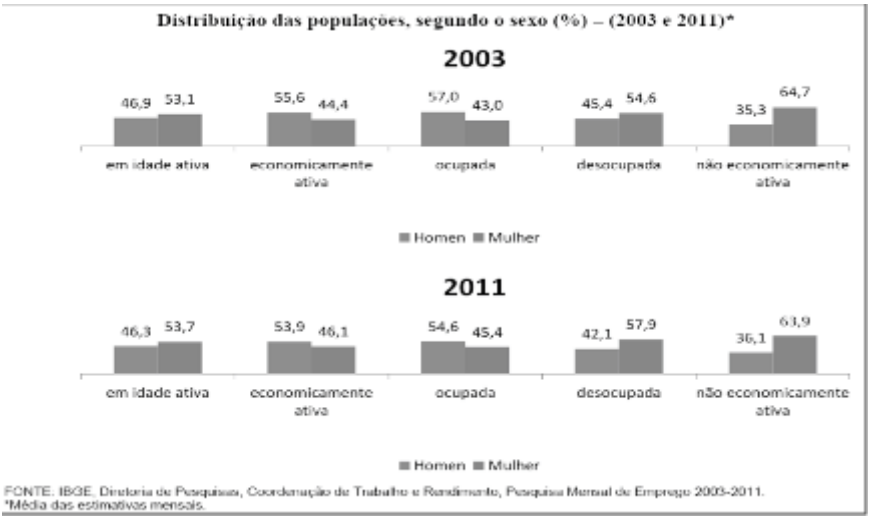


Gráfico 1: Distribuição das populações, segundo sexo (%) - 2003-2011.
FONTE: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego 2003-2011. *Média das estimativas mensais.

No gráfico acima observamos a população masculina e feminina nos anos de 2003 e 2010. No primeiro período analisado as mulheres representavam 53,10% da população em idade ativa, enquanto os homens representavam 46,9 %. As mulheres representam 44,4% da população economicamente ativa e os homens sobressaem somando 55,6% do total abordado. As mulheres 43% da população ocupada, 54,6% da população desocupada e 64,7% da população economicamente não ativa, enquanto os homens somam respectivamente 57%, 45,4% e 35,4%.

No ano de 2013 a população feminina em idade ativa e economicamente ativa diminuiu para 46,3% e 53,9%. A população feminina ocupada, desocupada e economicamente não ativa também diminuiu.

O gráfico 2 demonstra a distribuição da população ocupada por grupos de idade, no ano de 2003 e no ano de 2011, conforme se segue:

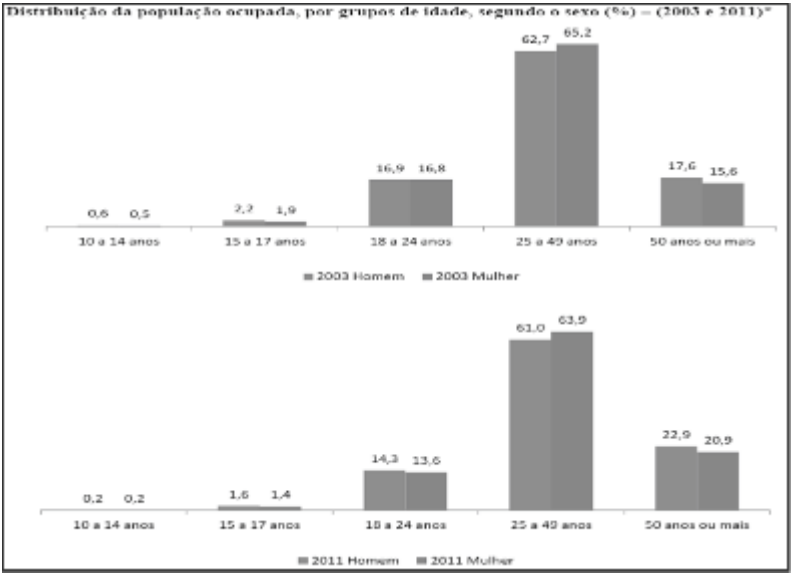


Gráfico 2: Distribuição da população ocupada, por grupos de idade, segundo o sexo (%) – (2003 e 2011)*.
FONTE: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego 2003-2011.
*Média das estimativas mensais.

Analisando a ocupação da população por gênero observamos que não há grandes diferenças entre as porcentagens de homens e mulheres ocupadas. No ano de 2003 a diferença entre eles foi de 0,1% para pessoas entre 10 e 14 nos. Para o público entre 15 e 17 anos esta diferença foi de 0,3%; entre 18 e 24 anos apenas 0,1%; somente na população compreendida entre 25 e 49 anos esta diferença foi maior onde a população feminina ocupada foi superior à masculina em 2,5%. No público de 50 anos acima, os homens superaram as mulheres em 2% da população ocupada.

No ano de 2013 estas diferenças também foram pequenas, na primeira faixa etária o percentual foi igual, o segundo percentual apresentou diferença de apenas 0,2% no público feminino, no terceiro percentual a população feminina foi 0,7% maior que a feminina. Na faixa etária de 25 a 49 a diferença foi de 2,9%%, onde o público feminino superou o masculino. Na faixa dos 50 anos ou mais o público masculino foi 2% maior que o feminino. O gráfico abaixo demonstra a ocupação da população feminina e masculina por tempo dedicado a estudo:

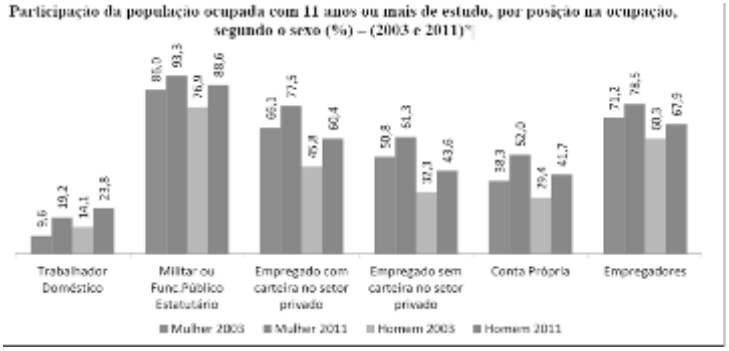


Gráfico 4: Participação da população ocupada com 11 anos ou mais de estudo, por posição na ocupação, segundo o sexo (%) – (2003 e 2011)*. FONTE: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego 2003-2011. *Média das estimativas mensais.

O gráfico 5, contempla a população ocupada com nível superior completo:

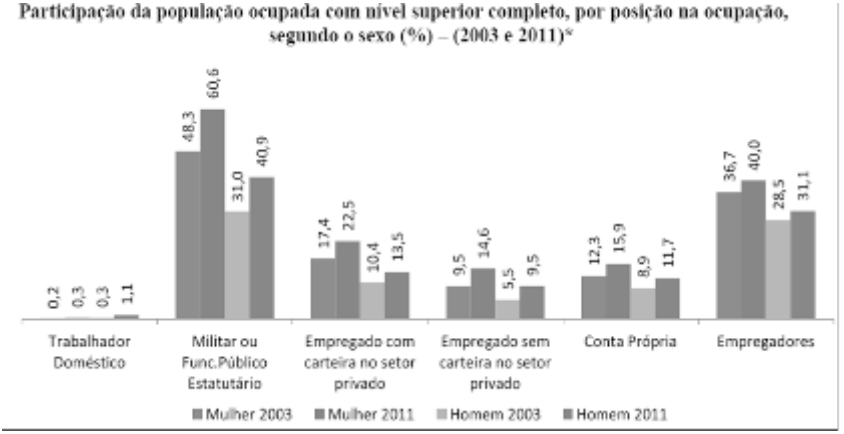


Gráfico 5: Participação da população ocupada com nível superior completo, por posição na ocupação, segundo o sexo (%) – (2003 e 2011)*. FONTE: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego 2003-2011. *Média das estimativas mensais.

Esse gráfico contempla uma situação extremamente importante e relevante para teste trabalho, pois, retrata a mulher no ano de 2003 e 2011, com ocupação extremamente superior, ao homem em todos os setores analisados. As conquistas e busca por qualificação têm concedido à mulher essa postura de ascensão e reconhecimento no mercado e na sociedade.

A escolaridade tem ligação direta com as oportunidades, pois, o gráfico retrata a ocupação das mulheres que têm ensino superior completo.

O gráfico 6, o número de horas semanais habitualmente trabalhadas pelas mulheres em quantidade de anos dedicadas aos estudos.

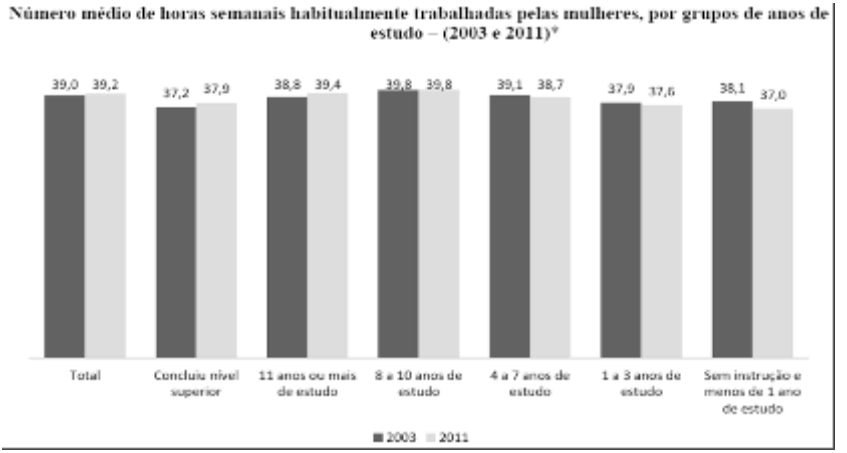


Gráfico 6: Número médio de horas semanais habitualmente trabalhadas pelas mulheres, por grupos de anos de estudo – (2003 e 2011)*. **FONTE:** IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego 2003-2011. *Média das estimativas mensais.

Ao analisar o gráfico 6, não observamos uma diferença grande de horas dedicadas ao trabalho por quantidade de tempo dedicado aos estudos, a formação nesta vertente não configura um fator de decisão nesta ocasião.

O gráfico 7, retrata o rendimento médio real do trabalho das pessoas ocupadas, por sexo entre os anos 2003 e 2011 comparando a realidade dos homens e das mulheres. O que se pode observar uma vez mais é a diferença da remuneração direcionada a homens e mulheres, em todos os anos analisados o homem apresentou rendimentos muito maiores do que as mulheres, a cada ano se configura uma diferença ainda maior entre as duas realidades. Os valores reais seguem no gráfico à seguir:

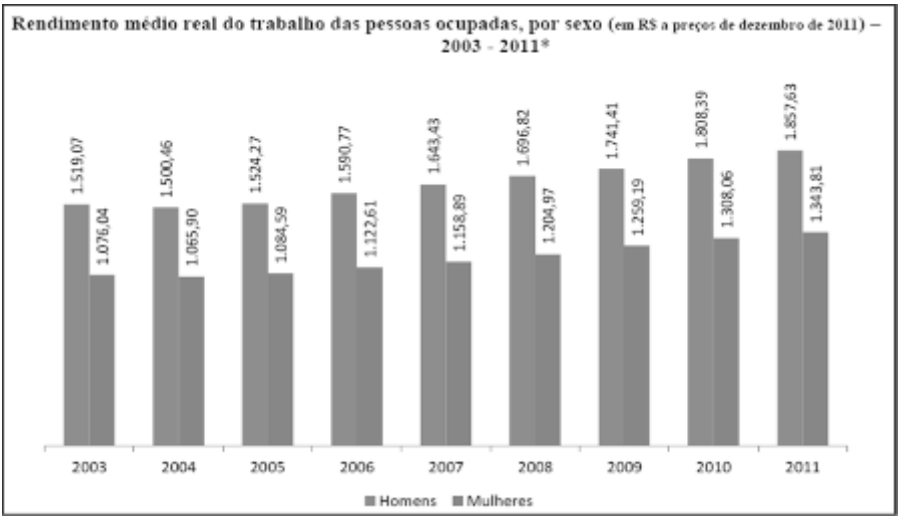


Gráfico 7: Rendimento médio real do trabalho das pessoas ocupadas, por sexo (em R$ a preços de dezembro de 2011) – 2003 – 2011. FONTE: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego 2003-2011. *Média das estimativas mensais.

4- MULHERES E MERCADO DE TRABALHO: ANALISANDO OS DADOS DE EMPRESA AUTOPEÇAS EM JOÃO PINHEIRO (MG)

No desenvolvimento do perfil social do público entrevistado para a realização da proposta do trabalho, as entrevistas foram feitas somente com as colaboradoras sendo dispensada a contribuição do público masculino na empresa pesquisada. Foi pesquisada a faixa etária das colaboradoras conforme representado no gráfico abaixo:

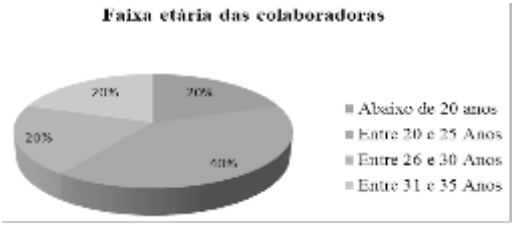


GRÁFICO8: Faixa etária das colaboradoras. FONTE: Pesquisa direta, 2014.

Observou- se no gráfico 08 que não há uma disparidade muito grande entre a idade das colaboradoras, e que compõem um quadro jovem de força de trabalho para a empresa em que atuam. Identificou-se que 20% (vinte por cento) delas encontram-se abaixo de vinte, 40% (quarenta por cento) entre vinte e vinte e cinco, 20% (vinte por cento) entre vinte e seis e trinta e 20% (vinte por cento) das mesmas têm entre trinta e um e trinta e cinco anos de idade.

A segunda pergunta teve a função de avaliar a escolaridade do grupo analisado, como está a preparação dessas mulheres que compõem o quadro social brasileiro no âmbito trabalhista e economicamente ativo. O gráfico abaixo nos demonstra este perfil do grupo:

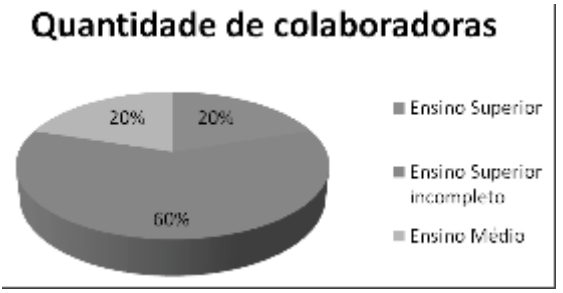


GRÁFICO 9: Grau de Escolaridade das colaboradoras.
FONTE: Pesquisa direta, 2014.

Como pode ser observado no gráfico 09, 20% (vinte por cento) das colaboradoras concluíram o ensino superior, 20% (vinte por cento) cursaram apenas ensino médio e 60% (sessenta por cento) têm ensino superior incompleto, porém, duas destas estão em fase de conclusão do curso superior.

A partir desta análise é possível entender que a educação é o meio fundamental que direciona as pessoas para melhores caminhos e oportunidades. Todas as colaboradoras concluíram o ensino médio, uma delas já é graduada em curso superior, outras estão em processo de conclusão ou pelo menos iniciaram o ensino superior, somente uma delas não ingressou no ensino superior.

A preparação para o mercado de trabalho se tornou característica predominante para ter melhores oportunidades, e este se torna a cada dia mais seletivo e exigente, e para acompanhar é preciso estar preparado e qualificado no exercício da profissão que se exerce.

> Os motivos para a discriminação na contratação estão se deslocando do gênero dos candidatos e do fato de pertencerem ou não a um grupo minoritário para o nível educacional. Aqueles sem formação educacional encontrarão trabalho na parte da força de trabalho que recebe os menores salários. Uma vez que existem diferenças entre grupos raciais, religiosos e étnicos no acesso à educação, oportunidades que se baseiam no nível educacional continuarão a traduzir essas diferenças. (HALL, 2004, p. 8 e 9)

As barreiras existentes para inserção no mercado de trabalho têm se modificado e conforme cita o autor acima, tende a se desfocar de características culturais para se embasar nas características educacionais. A educação está se tornando fator decisivo na escolha de um profissional, e estas colaboradoras do estudo estão atentas a isso, pois, o gráfico demonstra a escolaridade média ou superior de todas elas.

E não somente a vaga de trabalho, mas, também as condições de trabalho, conforme análise do autor, a baixa escolaridade oferecerá oportunidades para trabalhos mais desgastantes e menos valorizados, configurando um cenário pouco promissor para pessoas que tiveram menos acesso a escolaridade.

A terceira pergunta direcionada às entrevistadas buscou demonstrar de que maneira a formação escolar reflete no exercício da profissão de cada uma. A partir do questionamento: se havia contribuição do ensino na execução de seu trabalho, obtive as seguintes informações:

Sim, porque cada conhecimento, cada informação a mim passada no decorrer da minha formação escolar contribuiu para meu crescimento / desenvolvimento na empresa onde trabalho, me tornando mais capacitada para exercer minha função. (Colaboradora 01.)

Sim, contribuiu com saberes básicos que me ajudaram na prática do meu dia a dia. Nossa realidade mudou muito nos últimos anos, exigindo cada vez mais, por isso não podemos viver fragmentados, dissociados da realidade, mas sim com um comprometimento que nos prepare para enfrentarmos o processo de globalização. (Colaboradora 02).

Sim. Porque planejar, organizar, dirigir e controlar são pontos chaves para o desenvolvimento da organização. (Colaboradora 03).

Sim, pois para conseguirmos um melhor cargo em nossa função precisamos de uma boa escolaridade e curso superiores. (Colaboradora 04).

Sim, porque o ensino nos direciona a forma de trabalhar para ter melhores rendimentos, nos instrui a ter organização, planejamento, estratégia e controle em tudo o que formos desenvolver em nossa vida. (Colaboradora 05).

Pode-se perceber que a formação escolar ou acadêmica é que permite um bom desempenho na vida e na profissão de uma pessoa, oferecendo melhores condições para a execução das tarefas de forma mais precisa, com isso o colaborador pode oferecer maior produtividade e qualidade no serviço prestado em um mesmo intervalo de tempo.

Nas respostas percebe-se que todas as colaboradoras atribuíram ligação direta entre o melhor desempenho de suas funções e o ensino básico ou superior conquistado por cada uma delas. A cidadania, a educação, a ética, são valores evidenciados nas escolas e introduzidos ao ensino de forma gradativa e eficiente, buscando desenvolver um bom relacionamento com as pessoas. As disciplinas exatas com sua precisão direcionam a projetos precisos, corretos e estimula o raciocínio lógico para melhor execução das ações. Então, o ensino é uma porta de acesso a maiores oportunidades de sucesso e bom desempenho profissional em qualquer função que se desenvolva.

O quarto questionamento buscou entender qual o perfil econômico das mulheres entrevistadas, qual a renda mensal familiar de cada uma delas. A renda das mesmas está representada no gráfico a seguir:

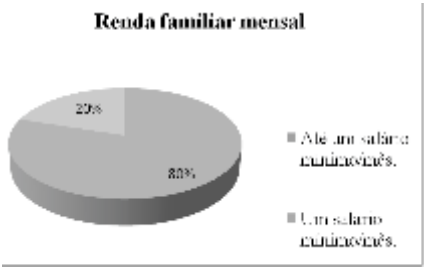


GRÁFICO 10: Renda familiar mensal.
Fonte: Pesquisa Direta, 2014.

Nesta análise também não foi observada grande disparidade de resultados, 80% (oitenta por cento) das entrevistadas apresentam renda familiar mensal entre dois e três salários mínimos, e 20% (vinte por cento) delas apresentam renda familiar mensal entre quatro salários mínimos ou mais, o que demonstra que estas profissionais possuem classe social semelhante.

> Várias são as razões do ingresso acentuado das mulheres no mercado de trabalho a partir dos anos 70. A necessidade econômica, que se intensificou com a deterioração dos salários reais dos trabalhadores e que as obrigou a buscar uma complementação para a renda familiar é uma delas. Os dados referentes à década de 70 mostraram, porém, que não só as mulheres pobres entraram no mercado, mas também as mais instruídas e das camadas médias. Outras causas, portanto, também explicavam o novo comportamento feminino. A elevação, nos anos 70, das expectativas de consumo, face à proliferação de novos produtos e à grande promoção que deles se fez, redefiniu o conceito de necessidade econômica, não só para as famílias das camadas médias, mas também para as de renda mais baixa, entre as quais, embora a sobrevivência seja a questão crucial, passa a haver também um anseio de ampliar e diversificar a cesta de consumo. Trabalhar fora de casa para ajudar no orçamento doméstico adquire novas possibilidades de definição, que se expressam de maneiras diferentes em cada camada social, que só se viabilizam pela existência de emprego. (BRUSCHINI, 1994, p. 179 e 180).

Com base nos dados coletados e na análise do autor citado, é possível pontuarmos causas para o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, independentemente de sua classe social. A desvalorização dos salários, gerando uma necessidade de complementação da renda familiar ou até mesmo os desejos e necessidades de consumo, faz com que as mulheres uma vez mais busquem emprego para satisfazer suas necessidades/desejos de consumo, mediante um mercado tão abrangente e diversificado de produtos e serviços. Um marketing focado no consumismo, que classifica o consumo com um fator que deve ser predominante na vida de todo cidadão, principalmente das mulheres. Elas buscam emprego para acompanhar a evolução de todo este processo em suas possíveis vertentes e aos poucos vão conquistando uma fatia maior de participação na economia de uma forma geral.

O quinto questionamento buscou identificar a realidade das entrevistadas com a maternidade, onde pergunta se a mesma tem filhos, e se a resposta for positiva, quantos são. As respostas estão representadas no gráfico a seguir:

GRÁFICO 11: Número de filhos por colaboradora.
FONTE: Pesquisa direta, 2014.

Foi investigado se as colaboradoras tinham filhos com o intuito de avaliar as possíveis dificuldades de exercer uma profissão após a maternidade, devido às responsabilidades de cuidados com os mesmos. Do grupo analisado apenas duas colaboradoras são mães, cada uma tem um filho. A presença de filhos pode de alguma forma comprometer a carreira profissional de uma mulher, ao mesmo tempo em que ela realiza seu sonho de ser mãe, torna mais difícil a sua ausência domiciliar, acarreta sobre si um número maior de responsabilidades e afazeres, podendo paralisar, mesmo que temporariamente, sua profissão. A autora faz uma alusão a esta realidade na citação que se segue:

> Mas é a presença de filhos o que mais interfere na participação feminina no mercado de trabalho. A responsabilidade pela guarda, cuidado e educação dos filhos na família e a insuficiência de equipamentos coletivos como as creches limitam a saída da mulher para o trabalho remunerado, sobretudo se os rendimentos obtidos são insuficientes para cobrir custos com formas remuneradas de cuidado infantil. Contudo, quando a necessidade econômica é tão premente que inviabiliza o exercício da maternidade em tempo integral, como nas famílias muito pobres ou nas chefiadas por mulheres, outros arranjos como a rede de parentesco ou de vizinhança poderão ser acionados para olhar as crianças enquanto a mãe vai trabalhar. (BRUSCHINI, 1994, p.182).

Ao analisar o quesito maternidade observamos que as colaboradoras que não têm filhos, têm mais facilidade e desprendimento para executarem sua profissão, porém, as colaboradoras que já são mães, têm maiores desafios no exercício de suas atribuições. Uma das colaboradoras que tem filho tem uma secretária que cuida de sua filha no período matutino, e no vespertino a criança vai para a escola. Esta colaboradora possui renda complementar, pois, exerce outra profissão em outra organização. A outra colaboradora que declarou ter filhos, ainda está no período de gestação, mas, já declara enfrentar algumas dificuldades.

O sexto questionamento buscou identificar as barreiras que cada colaboradora enfrenta em seu cotidiano perguntando a cada uma quais as dificuldades enfrentadas no exercício de sua função. As respostas coletadas foram as seguintes:

> *Nenhuma. (Colaboradora 01).*
> *No mundo empresarial rege um ditado que diz: "Abrir um negócio é fácil. Difícil é mantê-lo". Na prática esse ditado nos mostra uma realidade. Operações burocráticas do dia a dia, tais como: impostos, fluxo de caixa, carga tributária, além de falta de planejamento dificultam no exercício da função. (Colaborada 02).*
>
> *Dificuldades todos nós temos, mas quando fazemos e executamos as tarefas de forma planejada e organizada sempre obtemos resultados que beneficia o colaborador no crescimento e desenvolvimento da organização. (Colaboradora 03).*
>
> *Dificuldades sempre temos em qualquer um dos nossos cargos, precisamos somente enfrenta-los com muita coragem, harmonia e força de vontade. (Colaboradora 04).*

Ás vezes eu tenho dificuldades quando dependo do trabalho de um colega para executar alguma tarefa, em alguns casos, há demora para resolver os problemas e ás vezes algumas pessoas não têm tanto respeito quando têm que se relacionar com uma mulher, principalmente no comércio. (Colaboradora 05).

Nesta pergunta foram observadas algumas diferenças nas respostas coletadas, algumas colaboradoras têm dificuldade no próprio exercício de sua função, outras, dificuldades com relacionamento com os companheiros de equipe e outras ainda que, enfrentam os desafios conforme surgem, e por fim, uma não tem nenhuma dificuldade. A dependência da ajuda do colega para a resolução de um problema foi citado como uma barreira, a falta de planejamento, os processos burocráticos, a alta carga tributária do país, a organização financeira como um todo configura uma situação de desafio que requer maior atenção e critério para seu tratamento.

Segundo Machado (2002), o administrador financeiro exerce um papel de extrema importância dentro de uma organização. Desempenha funções que podem determinar o sucesso ou o fracasso do empreendimento. Algumas das dificuldades mencionadas no questionamento acima se justificam pela delicadeza da tarefa executada, configurando o entendimento de que a dificuldade não está presente pelo fato de que a tarefa é executada por uma mulher, mas, que a dificuldade está diretamente ligada à complexidade da função em análise, à falta de uma forma sistemática e padronizada de desenvolver a mesma.

> Portanto, conclui-se do que foi analisado, que a organização é um sistema planejado de esforço cooperativo no qual cada participante tem um papel definido a desempenhar e deveres e tarefas a executar. Esse conceito, contudo, compreende somente um aspecto da organização, isto é, aquele ao qual se deu estrutura formal, envolvendo, portanto, os aspectos planejados de organização. Esse ângulo ou aspecto formal da organização abrange problemas de estruturas, normas, métodos e processos de trabalho, como concebidos pelos criadores da organização. (CURY, 2005, p.116).

A partir do enfoque deste autor analisamos o outro fator citado como barreira no exercício do trabalho um fato comum que pode prejudicar qualquer organização ou profissional, considerando que ao lidar com pessoas, lidamos automaticamente com opiniões, personalidades, sentimentos totalmente diversificados gerando assim, diferentes comportamentos e concepções da realidade. Por isso ao depender de um colega de trabalho pode haver o comprometimento de função a ser desempenhada, tanto pela demora ou má qualidade da informação ou contribuição fornecida.

O sétimo questionamento quis saber a opinião acerca da participação das mulheres no mercado de trabalho na atualidade, elas responderam da seguinte forma:

Em vista de antigamente melhorou bastante, mais ainda acho que muitas mulheres são desvalorizadas no mercado de trabalho, principalmente as gestantes. Em alguns casos, a partir do momento em que o empregador fica

sabendo de um caso de gravidez na sua empresa, já trata a funcionária grávida diferente, penso que só não manda embora porque perante a lei é errado. (Colaboradora 01).

Hoje assistimos a mudanças significativas no papel das mulheres na sociedade brasileira. Elas consomem mais que os homens e ainda influenciam a decisão do que eles querem comprar. É difícil imaginar um setor, seja na política, seja no mundo dos negócios, em que as mulheres não tenham uma forte presença, elas tem uma posição de liderança. (Colaboradora 02).

As mulheres atualmente é de extrema ajuda nas organizações, pois são pessoas capacitadas que trazem e fornecem conhecimentos válidos para as organizações auxiliando-as para o sucesso. (Colaboradora 03).

As mulheres no mercado de trabalho são mais prestativas, mais atenciosas, e na maioria das vezes mais educadas.(Colaboradora 04).

Vejo que elas têm conquistado grande número de vagas e têm se aperfeiçoado para se manter no mercado e conquistar melhores oportunidades de emprego, salário e benefícios trabalhistas. Tem se destacado excelentes profissionais por sua delicadeza, seu empenho, sua dedicação e capricho no que faz. (Colaboradora 05).

A análise da participação feminina no mercado de trabalho na atualidade é extremante positiva conforme a opinião de todas as colaboradoras. O autor abaixo também comunga com as entrevistadas:

> O crescimento da participação feminina no mercado de trabalho brasileiro foi uma das mais marcantes transformações sociais ocorridas no país desde os anos 70. Fartamente documentada pelos estudos sobre o tema e apoiada em dados, a presença das mulheres no mercado de trabalho brasileiro, sobretudo o urbano, vem sendo cada vez mais intensa e diversificada e não mostra nenhuma tendência a retroceder, apesar das sucessivas crises econômicas que têm assolado o país a partir dos anos 80. (BRUSCHINI, 1994, p. 179).

Com certeza, esta participação e permanência feminina no mercado se devem à suas habilidades, a qualidade de seu trabalho e profissionalismo de uma forma geral.

O oitavo e último questionamento indagou as entrevistadas se elas se sentem valorizadas na empresa onde atuam, os resultados coletados foram os seguintes:

Nem sempre, às vezes penso que ainda sou mantida na empresa onde trabalho pelo fato de estar grávida, porque no caso de demissão a empresa estará agindo contra a lei. Acho que independente de estar grávida ou não temos os mesmos direitos, sou um ser humano como qualquer outra pessoa. Me sinto muitas vezes

pressionada no serviços e acho que as pessoas deveriam ter mais compreensão e sensibilidade, quem é gestante sabe como é difícil ser aceita no mercado de trabalho, as pessoas te olham diferente, te criticam e não sabe o que enfrentamos no decorrer dos dias. (Colaboradora 01).

Sim, pois eu é que dou devido valor no que faço, não espero de terceiro, pois, poderá ficar a desejar. Gosto muito do que faço e isso faz toda a diferença. (Colaboradora 02).

Sim, pois eu colaboradora preciso da organização, quanto a organização precisa da execução das tarefas que ela necessita para alcançar determinado objetivo. (Colaboradora 03).

Sim, sou bem reconhecida por todos, mas para isso, precisamos efetuar nossos trabalhos com muita determinação. (Colaboradora 04).

Sim, pois todos me respeitam e respeitam meu trabalho mas, também busco fazer o meu trabalho da forma mais correta possível, e contribuir para o crescimento, melhoria e desenvolvimento da empresa. (Colaboradora 05).

Analisando as informações coletadas é possível visualizar que 80% (oitenta por cento) das colaboradoras se declararam como sendo valorizadas e respeitadas nas atividades que exercem somente 20% (vinte por cento), teve opinião contrária atribuindo a não valorização ao fato de estar grávida, se sente desvalorizada e pressionada no desempenho de seu trabalho.

5-CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado mostrou que a representatividade feminina começou a conquistar espaços a partir de 1970, onde as mulheres começaram reivindicar de forma sensível seus direitos e participação na sociedade de uma forma geral. Foi possível entender que estas lutas são existentes e que modificaram seu foco conforme as características da sociedade em cada época em que se desenvolve. São estabelecidos grupos sociais, políticas públicas e diversas ações para amenizar as diferenças estabelecidas pelos traços históricos e culturais entre os gêneros, fazendo com que a figura feminina fosse atribuída a valores desfavoráveis e menores em relação aos homens.

Todas as lutas femininas buscaram em sua íntegra o reconhecimento de sua importância, e a valorização de sua participação nos espaços públicos e privados. Elas buscam desmembrar da imagem da mulher a figura do ser responsável pela criação dos filhos e o cuidado do lar, passando a ocupar espaços na economia, no mercado, e na educação.

Este trabalho constatou que no universo pesquisado as colaboradoras fazem parte de uma parcela beneficiada pelas conquistas já alcançadas pelas lutas femininas anteriores. O público alvo desta pesquisa compõe um quadro jovem de colaboradoras para a empresa em que atuam, são mulheres que buscam um nível de escolaridade maior, pois todas possuem o ensino médio, e algumas o ensino superior. Elas consideram a formação escolar um fator de contribuição positiva no exercício de sua função. A renda familiar das colaboradoras é semelhante, configurando um nível social semelhante, algumas dificuldades são enfrentadas,

mas, dificuldades comuns às diversas profissões. Todas elas avaliam a participação das mulheres no mercado de trabalho na atualidade crescente e positiva, associam esta situação ao profissionalismo e dedicação das mulheres no trabalho em que desempenha. Se sentem valorizadas no local de trabalho, porém, o fator maternidade foi citado como um fator que gera exclusão e preconceito, configurando assim, características da exclusão feminina ao longo da história.

REFERÊNCIAS:

ABID, Maron Emile Abi, MIRANDA, Danilo Santos. **Em busca da inserção das mulheres na sociedade brasileira.** In: VENTURI, Gustavo; GODINHO, Tatau (Orgs.) **Mulheres brasileiras e Gênero nos espaços público e privado**: uma década de mudanças na opinião pública. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Edições Sesc SP, 2013.

ALBUQUERQUE, Flávia. **Presença das mulheres no mercado de trabalho cai em 2013. Disponível em <**http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2014-03/presenca-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho-cai-em-2013> Acesso em 17 de abril de 2014.

BOAVENTURA, Edivaldo M. **Metodologia de Pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2007.

BRUSCHINI, Cristina. **O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes.** Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewArticle/16102.

CARVALHO, Antônio Vieira. NASCIMENTO, Luiz Paulo. **Administração de Recursos Humanos.** 7. reimpr. da 1. ed. de 1993, São Paulo. Pioneira Thomson Learning, 2004. 339 p.

CARVALHO, Débora Jucely, **A conquista da cidadania feminina**. Disponível em<http://www.uniesp.edu.br/revista/revista11/pdf/artigos/12.pdf> Acesso em 01 de maio de 2014.

COSTA, Albertina de Oliveira. Felizes, contentes e feministas. In: **Mulheres brasileiras e Gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública.** : VENTURI, Gustavo; GODINHO, Tatau (Orgs.) **Mulheres brasileiras e Gênero nos espaços público e privado**: uma década de mudanças na opinião pública. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Edições Sesc SP, 2013.

COSTA, Suely Gomes. Gênero e História. In: **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia.** Martha Abreu e Rachel Soihet (orgs.) 2. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.

CURY, Antônio. **Organização e Métodos. Uma Visão Holística.** 8. ed. ver. eampl. São Paulo: Atlas, 2005.

HALL, Richard H. **Organizações, Estruturas, Processos e Resultados.** 8. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.

LACOMBE, Francisco. HEILBORN, Gilberto. **Administração Princípios e Tendências.** 2.ed.. São Paulo: Saraiva, 2008.

MACHADO, José Roberto. **Administração de Finanças Empresariais.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

MALUF, Mariana; MOTT, Maria Lúcia. **Recôndito do mundo feminino**. In: SEVCENKO, Nicolau. (org.) **História da Vida Privada no Brasil República: da Belleépoque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Vol. 3, p. 368-421

MATTOS, Hebe Maria. O Ensino de História e a Luta contra a discriminação racial no Brasil. In: **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia.** Martha Abreu e Rachel Soihet (orgs.) 2. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.

NASCIMENTO, Marcilene. **História das mulheres e as representações do feminino.** Disponível em :http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2009000300021&script=sci_arttext . Acesso 22 de mai. De 2014 .

NOGUEIRA, Maria Júlia Reis. JACINO, Hakon. A mulher negra e as desigualdades no mundo do trabalho. : VENTURI, Gustavo; GODINHO, Tatau (Orgs.) **Mulheres brasileiras e Gênero nos espaços público e privado**: uma década de mudanças na opinião pública. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Edições Sesc SP, 2013.

SPM (Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República). 04/12/2014. **Mulheres aumentam rendimento e nível educacional; analfabetismo cai.** Disponível em: http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/mulheres-aumentam-rendimento-e-nivel-educacional-analfabetismo-cai. Acesso em 01 de maio de 2014.

SROUR, Robert Henry. **Poder, Cultura e Ética nas organizações.** 3 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CONTABILIDADE DE CUSTOS: FORMAÇÃO DE PREÇO DE VENDA EM UMA PANIFICADORA DE JOÃO PINHEIRO

Polyana Rosa dos Santos[*]
Renata Suzelli Souza Gonçalves[**]

Resumo: O presente artigo tem como proposta analisar o cálculo dos custos e a formação do preço e venda de alguns produtos em uma Panificadora na cidade de João Pinheiro - MG. O estudo foi realizado em duas fases. Na primeira foi realizada uma revisão bibliográfica de alguns autores com visões diferenciadas das questões de custos, contabilidade e formação de preços. Na segunda, foi aplicado um questionário, para um número de quatro pessoas que fazem parte da empresa pesquisada, a fim de buscar respostas para uma melhor compreensão de como calcular os custos dos produtos e o porquê desse cálculo. Por fim, o trabalho relata quais os fatores que influenciam ou alteram o custo total de um produto, como deve ser realizado esse cálculo e qual o impacto desses valores no preço de venda do produto.

Palavras- chave: Custos. Estoques. Preço de Venda. Panificadora.

Abstract: The present article has as proposal to analyze the calculation of the costs and the formation of the price and sale of some products in a Bakery in João Pinheiro's city - MG. The study was accomplished in two phases. In the first a bibliographical revision was accomplished of some authors with differentiated visions of the subjects of costs, accounting and formation of prices. On Monday, a questionnaire was applied, for a number of four people that they are part of the researched company, in order to look for answers for a better understanding of how to calculate the costs of the products and the reason of that calculation. Finally, the work tells which the factors that influence or they alter the total cost of a product, as that calculation should be accomplished and which the impact of those values in the price of sale of the product.

Keywords: Costs. Stocks. PriceofSale. Bakery.

Introdução

A presente pesquisa visou fazer uma mensuração dos custos de produtos de panificação e a formação de preço de venda dos mesmos. Foram analisados apenas dois produtos finais, o pão sovado e o pão de sal, também conhecido como pão Francês. Foi realizado um levantamento de todos os custos de produção dos produtos citados e as despesas diretas e indiretas para chegar até a formação do preço de venda, conseguindo assim apurar o lucro e o ganho real.No processo de investigação buscamos comparar à alta nos preços das matérias-primas com o reajuste nos preços de venda.

O universo dessa pesquisa é uma Panificadora de pequeno porte situada na cidade

[*]Bacharel em Administração pela Faculdade Cidade de João Pinheiro- FCJP. E-mail: polyanarosadossantos@gmail.com

[**]Especialista em Didática e Metodologia Ensino Superior pela FCJP e Auditoria pela UNIMONTES. Professora e Contadora na Faculdade Cidade de João Pinheiro (FCJP). E-mail renatassg@yahoo.com.br

de João Pinheiro. João Pinheiro localiza-se no Noroeste do estado de Minas Gerais e possui aproximadamente 47.549 habitantes (IBGE, 2013) É o maior em extensão territorial de Minas Gerais com 10.727,471 km^2 de extensão.

Acreditamos que ao pesquisar iremos enriquecer nossos conhecimentos, buscarmos novas técnicas e projetos, abandonando métodos obsoletos de administrar e aliando de maneira eficaz a teoria analisada com a realidade prática da empresa. Acreditamos também que todo administrador deverá atualizar-se diariamente para conseguir manter-se no mercado competitivo, cenário que nos é oferecido atualmente. Podemos verificar a importância da pesquisa na vida de um administrador, conforme afirma Demo. "Admitimos que não há ciência sem o adequado movimento teórico, que significa a ordenação da realidade ao nível mental. Não há pesquisa apenas teórica, pois seria pura especulação"(DEMO, 2008, p.23).

A presente pesquisa buscou responder os seguintes questionamentos: como é feito o levantamento de custo e a formação de preços dos produtos fabricados pela Panificadora em estudo? Como é feito a seleção dos fornecedores, a definição da quantidade a ser comprada e seu controle? Como são rateados os custos variáveis de produção? Como são gerenciadas as perdas de produtos e matéria prima, para não impactar nos custos?

A pesquisa objetivou mensurar a apuração de custos e despesas para a formação de preço de venda dos produtos da Panificadora estudada; analisar o critério usado na escolha ou seleção dos fornecedores e como é calculada a quantidade a ser adquirida; investigar como são rateados os custos variáveis de produção perante o custo total; Mensurar o valor do transporte para entrega do produto pronto; apurar a destinação de matérias primas e produtos prontos fora da data de validade, a forma de gerenciamento dessas perdas e desperdícios, e seus respectivos valores junto ao custo final.

As hipóteses iniciais da pesquisa revelaram que a formação de preço da Panificadora em estudo era baseada no mercado, nos concorrentes e similares.

É essencial que a empresa aprimore sua apuração de custos para analise junto ao mercado, analisando a viabilidade de produção.

O estudo realizado tem uma abordagem qualitativa e o relatório foi redigido embasando na pesquisa bibliografia relacionada à Contabilidade de Custos de Formação de Preços em obras de autores conceituados. Foi realizada uma pesquisa de campo utilizandofontes diversas.

De acordo com Gil (2002, p. 52):

> (...) pesquisa de campo é desenvolvida por meio da observação direta com a situação de estudo. Também se exige do pesquisador que permaneça o maior tempo possível na comunidade, pois somente com essa imersão na realidade é que se pode entender as regras, os costumes e as convenções que regem o grupo estudado (GIL, 2002 p.52).

Entre elas, as notas de preços e documentos disponibilizados para a coleta dos dados e a realização de entrevistas com 4 pessoas, entre eles, os proprietários da empresa, assim como o instrumento da observação que proporcionou muitas informações sobre o funcionamento da empresa.

1 – CONTABILIDADE DE CUSTOS NA PANIFICADORA EM ESTUDO

1.1 Contabilidade de Custos

> Contabilidade de Custos é um ramo da contabilidade, responsável por acumular, agrupar e analisar os recursos consumidos por uma empresa, apurando assim os custos dos produtos departamentos, setores, etc., emitindo relatórios com informações aos usuários internos, para controle e planejamento das operações e ainda tomada de decisões. (BATISTA, 2013, p.1)

A Contabilidade de Custos desempenha um papel de relevância fornecendo dados gerados relacionados a custos, averiguando e aplicando esse procedimento em todas as áreas da empresa, não sendo apenas na área de produção como geralmente acontece.

Para chegar ao preço de venda de um determinado produto é preciso levar em consideração todos os processos que o produto percorre até chegar ao consumidor final; Todos os custos e despesas variáveis e fixos devem ser calculados para que tenhamos o custo real e efetivo do produto em questão.

Os produtos ou serviços são analisados individualmente, apurando o custo um a um, quais a suas origens se são diretos ou indiretos, fixos ou variáveis. Durante a aplicabilidade da Contabilidade de Custos são considerados todos os custos, inclusive aqueles que os empresários não consideram relevantes, deixando-os sem calcular, como água, energia elétrica, logística e outros. Esses custos têm um impacto no fluxo financeiro da empresa e tem significativa presença no custo dos produtos e serviços, alterando seu preço final quando calculados. Diante das informações fornecidas por tal análise, é possível averiguar a margem de lucro e a viabilidade do produto e serviço perante o mercado.

Segundo Dutra (2003) o preço de venda para conter lucro deve ser calculado o custo mais o lucro, se o preço de venda for calculado simplesmente o custo, não terá lucro nem prejuízo, e se for calculado abaixo do custo, será obtido prejuízo. O preço de custo em sua composição deverá conter todos os custos de forma mais precisa possível para não oferecer a margem de falsos lucros, a falta de cálculo de algum custo poderá acarretar a não obtenção do lucro almejado e até um possível prejuízo.

1.2 Histórico da Contabilidade de Custos

Para muitos estudiosos a contabilidade teve sua origem na pré-história. Conforme Machado. "em sítios arqueológicos do Oriente Próximo foram encontrados materiais utilizados por civilizações pré-históricas que caracterizaram um sistema contábil utilizados entre 8.000 e 3.000 C". (MACHADO, 2007, p. 21)

Em determinados momentos na história os homens perceberam a necessidade de registrar suas posses e trocas. Essa necessidade de registrar todas as operações que evolvem a vida do ser humano foi crescendo paralela com o desenvolvimento.

Para Silva "a contabilidade não teve descobrimento, porém nasceu com a necessidade de se controlar os itens patrimoniais. Tem-se registro de que o homem primitivo assinalava nas paredes suas riquezas". (SILVA, 2009, p.35).

No passado os registros contábeis não eram explorados de forma que as empresas tivessem acesso a toda riqueza de informações que era possível extraírem deles.

> Até o século XVIII, os registros contábeis foram quase que exclusivamente utilizados para apuração dos resultados das operações da empresa e para elaboração de demonstrativos predominantemente destinados à informação de terceiros interessados no seu desempenho. (bancos, fornecedores, fisco, etc.) (BATISTA, 2013, p.1)

Os registros contábeis não tinham todas as utilidades que atualmente, eram usados apenas na apuração de estoques, resultados das empresas e formulação de demonstrativos contábeis. A principal finalidade que os demonstrativos contábeis possuíam, era para apresentação a bancos com a finalidade de financiamentos e empréstimos, junto aos fornecedores afim da aprovação de cadastro para compras à prazo e para o fisco demonstrando seu faturamento para cálculo de impostos.

Com o passar dos tempos e o aumento da produção de produtos e serviços, surge à necessidade de um acompanhamento mais preciso de seus custos.

> A contabilidade de custo surgiu com o advento do sistema produtivo, ou seja, com a Revolução Industrial, na Inglaterra, no final do século XVIII. As empresas que surgiram em decorrência dessa profunda modificação no sistema produtivo necessitavam de informações contábeis diferentes daquelas desenvolvidas pelas empresas comerciais da era mercantilista, porque passaram a transformar os insumos, que antes em comprados. Assim surge a demanda por indicadores, para determinar o preço do produto que era obtido nas operações internas. (STARK, 2007, p.3)

Com a Revolução Industrial surgiu a Contabilidade de Custos, para suprir a necessidade de análise de dados mais complexos referentes a custos de produção.

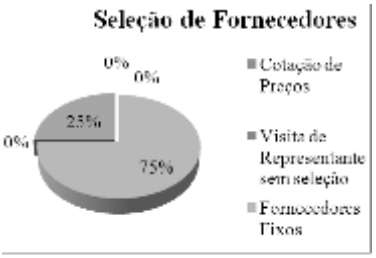
Foram criados novos procedimentos técnicos para aperfeiçoamento dos registros contábeis aliados ao desenvolvimento da indústria e maior complexidade em suas atividades. O desenvolvimento dessas novas técnicas trouxe a possibilidade de mensurar o custo real de produtos de serviços, calcularem a margem de lucro e comparar a viabilidade de comercialização perante o mercado.

2 – RESULTADOS DA PESQUISA REALIZADA NA PANIFICADORA ESTUDADA

Esse item evidencia o resultado obtido com a pesquisa de campo realizada com quatro pessoas que compõem o quadro administrativo da empresa Panificadora. Os dados foram tabulados para melhor apresentação e compreensão dos resultados.

A primeira pergunta teve o objetivo de conhecer como era feita a seleção de fornecedores para a realização de compras da empresa. O gráfico abaixo apresenta como era feita essa seleção ou como as pessoas que estão envolvidas entendem está questão:

Gráfico 1- Seleção dos Fornecedores



Fonte: Pesquisa direta, 2014.

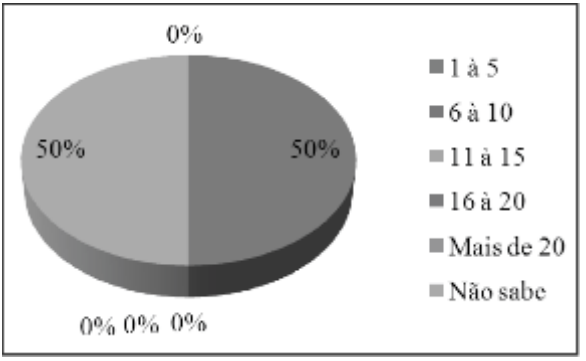
Observamos nos dados apresentados no gráfico que 25% dos entrevistados não participam do processo de compra e que 75% disseram que a empresa conta com fornecedores fixos (aqueles que visitavam a empresa) para efetuarem suas compras. A maioria dos entrevistados tem conhecimento de quem são seus fornecedores.

Os fornecedores são parceiros importantes dentro de uma empresa, devemos saber selecioná-los para não nos deparar com situações embaraçosas como falta de estoque ou custo elevado de nosso produto devido a uma compra mal feita.

A seleção de fornecedores não é simples. É preciso de uma pessoa responsável para realizá-la. Esta deve ter conhecimento dos processos da empresa e materiais que utilizam. Um ponto importante é o tempo, é necessário um determinado período para a seleção de fornecedores, esse processo deverá ser feito de maneira tranquila e eficiente, conseguindo analisar alguns pontos entre as varias opções que o mercado oferece. Deverá ser analisado o preço, entrega, qualidade e o comprometimento desses fornecedores.

O segundo questionamento busca identificar a quantidade de fornecedores que a empresa trabalha. No gráfico abaixo apresentamos o resultado das resposta dos entrevistados:

Gráfico 2- Quantidade de Fornecedores



Fonte: Pesquisa direta, 2014.

No gráfico percebemos que 50% dos entrevistados não sabem quantos fornecedores atendem a empresa e 50% apontam que os fornecedores são 6 a 10. Apenas a metade dos entrevistados tem conhecimento de quantos fornecedores à empresa trabalha atualmente.

Três funcionários conhecem o processo de compra da empresa, consequentemente a mesma quantidade deveria ter conhecimento de quantos fornecedores tem a empresa.

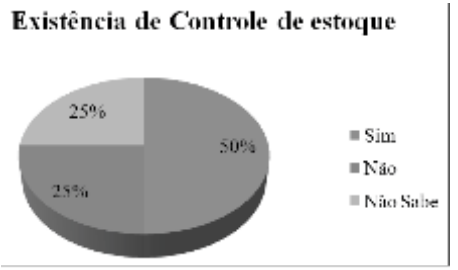
A compra era feita de qualquer jeito, sem as informações acerca da quantidade de produtos a serem comprada e principalmente de quem comprar. Nem todas as pessoas envolvidas com compras estão bem informadas, esse é um ponto que deverá ser revisto.

> A complexidade aumenta em função das características do item ou serviço a ser comprado, pois as exigências podem ser maiores ou menores. O ato de comprar deixou de ser simplesmente o de efetuar uma cotação de preços. Há três características básicas que devem ser consideradas em um processo de decisão para se selecionar um fornecedor: preço, qualidade e serviço. (TECHOJE, 2014, p.4.)

As características a serem analisadas para efetuar a seleção dos fornecedores de uma empresa são inúmeras. Esta analise é feita através de comparação entre os fornecedores, dessa forma é interessante que a empresa possa contar com uma quantidade significativa de fornecedores para que esta analise seja feita de forma eficiente. Quando a empresa trabalha com apenas um fornecedor para cada segmento de produto ele se torna "refém" da situação, podendo ocorrer atrasos de entrega a clientes entre outros problemas.

A terceira pergunta está voltada para o controle de estoque visando mensurar a quantidade a ser comprada. No gráfico abaixo podemos observar se a empresa possui esse controle e se os envolvidos têm conhecimento dele:

Gráfico 3- Existência de Controle de Estoque



Fonte: Pesquisa direta, 2014.

Observamos no gráfico que 25% dos entrevistados, que representa um deles não tem conhecimento se a empresa possui ou não o controle de estoque, 25% dos entrevistados que (representa um deles) afirma que na empresa não existe o controle de estoque e 50% dos entrevistados (que representa dois deles) afirmam que a empresa possui tal controle.

A metade dos entrevistados demonstrou ter conhecimento e utilizar de algum tipo de controle de estoque para efetuar as compras e a outra metade afirmou não existir ou não ter conhecimento de tal controle.

O controle de estoque é uma ferramenta gerencial que todos os envolvidos com a área devem ter conhecimento e prática de manuseio, dos entrevistados apenas dois tinham conhecimento do controle de estoque executado na empresa, o aconselhável é que todos os entrevistados estivessem bem inteirados sobre o controle de estoque.

> Antes de fabricar algo, devem-se saber quais são os componentes necessários. Para assar um bolo, é necessário uma receita. Para misturar elementos químicos, é preciso uma fórmula. Para montar um carrinho de mão, é preciso uma lista de componentes. Embora os nomes sejam diferentes, receitas, fórmulas e lista de componentes indicam as pessoas o que é necessário para se fabricar o produto final. Todas elas são contas de materiais. (ARNOLD, 2006, p.96).

Uma ferramenta essencial para o inicio e execução do controle é a Conta de Materiais. Foi como colocado por Arnold é uma ferramenta simples, consta apenas os materiais necessários para a produção de determinado produto. É o primeiro passo para fazer o controle de estoque, porque sabendo o que cada produto irá gastar para a sua produção trará possibilita conhecer o que e quanto comprar.

A quarta pergunta estabeleceu como meta saber qual o tipo de controle de estoque praticado na empresa. Nas respostas abaixo conseguimos obter uma noção de como é feito o controle de estoque na Panificadora estudada.

> *"Em branco."* (Entrevistado 1)
> *"Olho o estoque no momento de comprar, se estiver pouco eu compro."* (Entrevistado 2)
> *"O estoque é contado na hora que o vendedor chegar, se precisar, é feita a compra."* (Entrevistado 3)
> *"Não tem nenhum controle de estoque, está sendo iniciada uma tentativa de controle comalgumas planilhas de Excel."* (Entrevistado 4)

De acordo com os entrevistados o controle de estoque existente na empresa não é totalmente controle de estoque. Fazem a contagem dos produtos e materiais no momento da compra, dependendo da quantidade disponível são feitos novos pedidos. Um dos entrevistados disse que estão iniciando o controle de estoque em planilhas.

O controle de estoque é muito importante para as empresa, principalmente de produção e fabricação. O controle de estoque evita a falta de produtos e mercadorias e dissolve custos que seriam provenientes de manutenção de grandes estoques.

> Em administração financeira, o objetivo básico em relação aos estoques é minimizar as necessidades de investimento nesse tipo de ativo, pois, apesar dos benefícios acima indicados, esse investimento, além de reduzir a rotação geral dos recursos comprometendo a rentabilidade geral da empresa, também produz custos decorrentes de sua manutenção. (SANVICENTE, 2008, p. 134).

Na empresa ainda não existia um controle de estoque ativo, apenas um projeto para ser iniciado. Fazendo as compras sem nenhum controle pode ocorrer à falta de mercadorias e produtos que são essenciais para a produção ocasionando a sua paralisação ou ocorrer à compra em excesso de produtos com baixo consumo, isso acarretara perda no capital, que ficará parado e também os custos de movimentação e manutenção de um grande estoque.

Objetivamos saber como são rateados os custos variáveis como água, luz, gás e outros. Nas respostas abaixo conseguimos obter uma noção de como é feito esse rateio.

> *"Não sei."* (Entrevistado 1)
> *"Coloco 10% do valor em cada produto, no custo final."* (Entrevistado 2)
> *"Não sei."* (Entrevistado 3)
> *"Muito Superficial, são apenas divididos por dias e horas trabalhadas e posteriormente pela média de produção."* (Entrevistado 4)

Os custos variáveis são calculados de forma muito superficial, ou com uma média preestabelecida. Não apurando desta forma o real custo a ser agregado ao produto.O cálculo do custo variável é importante para a composição do custo total.

> são os custos que variam de acordo com a quantidade produzida, porém existe uma parcela fixa, ou seja, mesmo que não seja produzido nada esse custo não ser nulo, como acontece nos custos variáveis. Considere, por exemplo, a conta de energia elétrica da fabrica, na qual a concessionária cobra um taxa mínima mesmo que nada seja gasto nada no período. (NEVES e VICECONTI apud SILVA, 2013, p.30)

Os custos de água, energia elétrica, gás e outros também são chamados de custos semi variáveis, eles irão variar de acordo com a quantidade produzida, mas não irão chegar à zero quando não houver produção, são variáveis até um determinado ponto ou valor.

A sexta pergunta visou saber sobre o custo de transporte das mercadorias se ele é considerado no custo total dos produtos. No gráfico abaixo podemos observar se esse custo é calculado ou não baseado na resposta dos entrevistados:

Gráfico 6 - Custo de Transporte é calculado?

Fonte: Pesquisa direta, 2014.

No gráfico acima se verificamos que 25% dos entrevistados não possui conhecimento se a empresa agrega ou não o custo do transporte no custo total dos produtos. 25% afirmam que a empresa faz o calculo do custo de transporte e 50% afirmam que a empresa não apura esse custo. Nesse sentido, apenas 25% dos entrevistados tem conhecimento de que o custo de transporte deve ser agregado ao valor total dos produtos. O correto seria o conhecimento e conscientização de todos perante aos custos.

> Conhecer o tipo de carga, trajeto e custos são essenciais para a escolha correta de um modal. Todas as modalidades têm suas vantagens e desvantagens. Algumas são adequadas para um determinado tipo de mercadorias e outras não. A escolha da melhor opção, analisando os custos, características de serviços, rotas possíveis, capacidade de transporte, versatilidade, segurança e rapidez contribuirão para a satisfação do cliente. Por exemplo, geralmente os custos dos modais ferroviários e aquaviário são fixos, ao mesmo tempo em que nos modais aéreo e rodoviário predominam os custos variáveis com a distância e o peso.(TECHOJE, 2014, p1.)

A entrega das mercadorias e produtos é um assunto que traz muitas discussões e cálculos. A escolha do modal é fundamental para a eficiência do transporte, para essa escolha existem vários pontos a serem observados. Na empresa, que foi nosso objeto de pesquisa, o transporte utilizado é o rodoviário e esse é feito em um veículo da própria empresa. Os custos desse transporte devem sim ser calculados de forma bem minuciosa em relação aos produtos.

A sétima pergunta objetivou de saber como é realizado o cálculo do custo de transporte das mercadorias e os entrevistados responderam que:

> *"Não sei."* (Entrevistado 1)
> *"Em branco."* (Entrevistado 2)
> *"Não sei se é calculado."* (Entrevistado 3)
> *"Não é feito."* (Entrevistado 4)

Como foi colocado, o custo do transporte aparentemente não é calculado no custo total dos produtos. Um dos entrevistados respondeu que era feito o cálculo, porém não sabia como ele era realizado.

A oitava primeira pergunta visou investigar o motivo de não somar o custo do transporte ao custo total dos produtos. Dois dos entrevistados deixaram sem responder e 50% dos entrevistados responderam

> *"Ainda não parei para fazer esse cálculo, mas vamos começar a somar."* (Entrevistado 2)
> *"Esse custo ainda não era considerado, mas já está sendo revisto para integrar o custo. Nunca foi levado em consideração por não ter um controle sobre o valor."* (Entrevistado 4)

Como foi colocado nas respostas acima, o custo do transporte realmente não era calculado e nem somado ao custo total dos produtos.Um dos entrevistados respondeu que o custo do transporte está sendo analisado para ser calculado de forma a integralizar-se ao custo final dos produtos. Esse custo que muitas vezes não levamos em conta pode ser o gargalo de várias empresas que estão passando por momentos de dificuldade financeira.

A nona pergunta visou identificar se os entrevistados sabiam o percentual de desperdícios perante a produção, desperdícios esses que são troca de produtos, produtos vencidos e/ou estragados e outros. No gráfico abaixo podemos observar quantas pessoas e seu percentual tem conhecimento desse desperdício dentro da empresa:

Gráfico 7 - Conhecimento %de desperdício

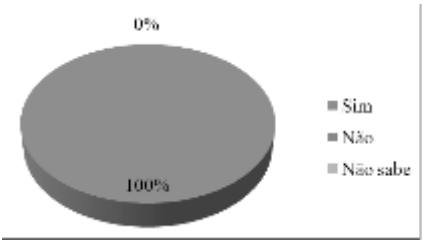
Fonte: Pesquisa direta, 2014.

Observamos nos dados apresentados no gráfico que 25% dos entrevistados não têm conhecimento dos desperdícios da empresa e nem seu percentual. 50% dos entrevistados afirmam que tem ciência do percentual de desperdícios da empresa. Apenas dois dos entrevistados tinham em mente o percentual de desperdício da empresa. O desperdício é um gargalo de custo imenso em toda e qualquer empresa, o ideal que todos os envolvidos na empresa estivessem totalmente participativos e informados sobre o assunto.

Foi ainda perguntado sobre o percentual aproximado do desperdício da empresa perante a produção. Apenas dois entrevistados responderam a pergunta apontando o percentual de 10% a 20% de desperdício. Esse valor observado superficialmente pode parecer pequeno, mas em uma produção de grande escala um desperdício de 10% representa milhões em valores monetários.

Outra pergunta visou saber se o valor dos desperdícios é agregadoao custo dos produtos. No gráfico abaixo podemos observar se o valor é embutido ou não nos custos dos produtos de acordo com as respostas dos entrevistados:

Gráfico 8 - O desperdício é agregado ao custo?



Fonte: Pesquisa direta, 2014.

Observamos no gráfico que 100% dos entrevistados que representa quatro, o total deles afirmam que o valor dos desperdícios são calculados no custo total dos produtos.

Todos os entrevistados afirmam que o custo dos desperdícios é calculado junto ao custo total do produto, desta forma é o ideal para trabalhar que todos tenham conhecimento sobre as questões que envolvam custos. "Trata-se de um gasto não intencional decorrente de fatores externos ou da atividade normal da empresa" (STARK, 2007, p. 24).

Em conformidade com Stark (2007) os desperdícios são gastos não intencionais e que são originados de fatores externos e internos. Dentro das organizações, em sua grande maioria é considera perda apenas aqueles produtos perdidos por troca, estragado ou descartados durante a produção. Mas existem várias situações em que se enquadram as perdas e desperdícios, como retrabalho, hora extra para reposição de uma greve ou falta de energia e outros.

Ainda procurou saber como é feito o cálculo dos desperdícios perante o custo total dos produtos. Nas respostas abaixo conseguimos observar como é feito esse cálculo:

"10% do valor de custo." (Entrevistado 1)
"Não sei." (Entrevistado 2)
"É calculado 10% sobre o custo de todos os produtos."(Entrevistado 3)
"Em branco." (Entrevistado 4)

Como foi colocado nas respostas acima, o valor dos desperdícios são calculados somando 10% sobre o valor de custo de cada produto. Seria o ideal, caso tenha sido feito um calculo prévio de valores para chegar nesse percentual.

Perguntamos também qual a destinação dos produtos que compõem o desperdício da empresa e os entrevistados responderam que os produtos originados dos desperdícios são enviados a fazenda para alimentação de porcos. Essa é uma medida que dá outra finalidade a esse descarte que não o lixo. De certa forma não é desperdiçado, mas sim reaproveitado.

3 - CÁLCULOS DO CUSTO E DO PREÇO DE VENDA DOS PRODUTOS FABRICADOS PELA PANIFICADORA

Os valores usados para calcular os custos apresentados são fictícios, bem como as quantidades produzidas informadas a fim de realizar o custeio por absorção. A divulgação das informações reais não foi autorizada pelo proprietário da empresa estudada.

3.1 - Pão de Sal

Para calcular o custo do pão de sal é preciso listar todos os ingredientes necessários para a sua produção. Devemos agregar o valor dos custos fixos e custos variáveis.

Segue abaixo planilha com o cálculo do custo e o preço de venda do pão de sal:

Planilha 1 - Custo do Pão de Sal

		Custo	Percentual	Lucro	Venda
REDIMENTO	250	R$ 0,38	50%	R$ 0,19	R$ 0,56
Quant	Und	Descrição	Valor		
10	KG	Farinha de Trigo	R$ 40,00		
0,2	KG	Sal	R$ 1,00		
0,05	Lt	Óleo Emulsificante	R$ 0,73		
0,07	KG	Fermento	R$ 0,57		
0,02	KG	Reforçador	R$ 2,40		
		Água	R$ 0,89		
		Energia Elétrica	R$ 3,87		
		Mão de obra	R$ 25,47		
		Gás	R$ 3,00		
		Combustível	R$ 1,52		
		Aluguel	R$ 5,86		
			R$ 85,31		
Perdas		10%	R$ 8,53		
	Custo Total		**R$ 93,84**		

Fonte: Elaborada pelas autoras

Para chegar ao valor da média das perdas dos produtos, foi feito um acompanhamento diário sobre quantidades e valores de mercadorias que não foram aproveitadas por todos os motivos. Após coletar os dados durante noventa dias foi dividido pelos dias úteis de um mês e se chegou a uma média de 10% de perdas nos produtos fabricados na Panificadora. O percentual de 50% de margem de lucro para venda também é fictício, essa margem pode variar de acordo com a empresa e o cenário do mercado atuante.

3.2 - Pão Sovado

Para calcular o custo do pão sovado foram usados os mesmos métodos ao calcular o custo do pão de sal, foi preciso listar todos os ingredientes necessários para a sua produção e agregar o valor dos custos fixos e custos variáveis.

Segue abaixo planilha com o cálculo do custo e o preço de venda do pão sovado:

Planilha 2 - Custo do Pão Sovado

		Custo	Percentual	Lucro	Venda
REDIMENTO	30	R$ 3,35	50%	R$ 1,67	R$ 5,02
Quant	Und	Descrição	Valor		
12	KG	Farinha de Trigo	R$ 48,00		
2	KG	Açucar	R$ 5,00		
8	Unid.	Ovo	R$ 8,00		
0,4	KG	Margarina	R$ 5,00		
0,2	KG	Fermento	R$ 2,00		
0,15	KG	Reforçador	R$ 5,00		
0,05	KG	Anti-mofo	R$ 10,00		
		Água	R$ 0,11		
		Energia Elétrica	R$ 0,46		
		Mão de obra	R$ 3,06		
		Gás	R$ 3,83		
		Combustível	R$ 0,18		
		Aluguel	R$ 0,70		
			R$ 91,34		
Perdas		10%	R$ 9,30		
	Custo Total		**R$ 100,47**		

Fonte: Elaborada pelas autoras

A média de perda agregada ao custo do Pão Sovado foi apurada na mesma coleta de dados usada para o pão de sal. E a margem de lucro segue o mesmo critério do pão de sal, pode variar de acordo com a empresa e o cenário do mercado atuante.

3.3 – Rateio dos Custos do Pão de Sal e do Pão Sovado

Os custos de água, energia elétrica, mão de obra, aluguel e combustíveis foram divididos pelo método de custeio por absorção, tomando por base a quantidade total de produtos fabricados pela panificadora. Apenas o gás que foi calculado de acordo com o tempo em que cada produto leva para ser assado no forno.

3.3.1 – Rateio do Custo da Água

A água é um custo cobrado mensalmente e varia de acordo com a produção. Pode ser também semi-variável, porque toda produção terá um custo da taxa de consumo de água. Na planilha abaixo esse custo foi considerado como variável e rateado pelo método de absorção.

Planilha 3 - Rateio do Custo da Água

	Água	Valor Água	Dias Consumo	Valor diario	
		R$ 380,00	26	R$ 14,62	
	Quant/dia	%	Consumodiario	Consumo Mensal	Custolote
Pão de Sal	1500	37%	R$ 5,35	R$ 139,02	R$ 0,89
PãoSovado	100	2%	R$ 0,36	R$ 9,27	R$ 0,11
Outros Produtos	2500	61%	R$ 8,91	R$ 231,71	
Total	4100	100%	R$ 14,62	R$ 380,00	

Fonte: Elaborada pelas autoras

3.3.2 – Rateio do Custo da Energia Elétrica

A energia elétrica também é cobrada mensalmente e varia de acordo com a produção, podendo igualmente a água ser semi-variável, porque toda produção terá custos da taxa de consumo de energia. Na planilha abaixo esse custo foi considerado como variável e rateado pelo método de absorção.

Diante da pesquisa observamos que o consumo de energia elétrica e água têm um valor consideravelmente alto na empresa e esses dois custos não são inclusos no preço de custo das mercadorias. Ambos são custos variáveis de produção que se não computados poderão comprometer posteriormente financeiramente à empresa.

A importância e a evolução dos custos variáveis podem ser observadas:

> São aqueles custos que mantêm uma relação direta com o volume de produção ou serviço e, consequentemente, podem ser identificados com os produtos. Dessa maneira, o total dos custos variáveis cresce à medida que o volume de atividades da empresa aumenta. Na maioria das vezes, esse crescimento no total evolui na mesma proporção do acréscimo no volume produzido. (OLIVEIRA, 2007, p.58)

A empresa depende muito dos recursos como energia elétrica e água, O consumo desses recursos varia de acordo com a produção e a mesma deverá elaborar um método de rateio eficaz para esses custos e incluí-los no preço fina dos produtos. O rateio consiste na divisão dos custos que envolvem a produção de um produto ou serviço. Os custos são divididos ou rateados seguindo algum critério, este pode ser por peso, por ocupação da área de produção, por tempo de produção ou por quantidade produzida. A empresa que é nosso objeto de pesquisa utiliza o critério de quantidade produzida; se excluem.

Planilha 4 - Rateio do Custo da Energia Elétrica

Energia Elétrica	Valor Energia	Dias Consumo	Valor diario	
	R$ 1.650,00	26	R$ 63,46	
	Quant/dia	%	Consumo diario	Consumo Mensal	Custo lote
Pão de Sal	1500	37%	R$ 23,22	R$ 603,66	R$ 3,87
Pão Sovado	100	2%	R$ 1,55	R$ 40,24	R$ 0,46
Outros Produtos	2500	61%	R$ 38,70	R$ 1.006,10	
Total	4100	100%	R$ 63,46	R$ 1.650,00	

Fonte: Elaborada pelas autoras

3.3.3 – Rateio do Custo da Mão de Obra

A mão de obra é um custo que conseguimos analisar de vários ângulos, pode ser fixo. Independente da produção o valor pago aos funcionários será o mesmo, ele irá variar se o pagamento for ser feito por meio de comissão. No caso dos produtos da Panificadora estudada esse custo é fixo. Na planilha abaixo esse custo foi considerado como fixo e rateado pelo método de absorção.

Mão de Obra	Valor Mão Obra	Dias Consumo	Valor diario	
	R$ 10.860,00	26	R$ 417,69	
	Quant/dia	%	Consumo diario	Consumo Mensal	Custo lote
Pão de Sal	1500	37%	R$ 152,81	R$ 3.973,17	R$ 25,47
Pão Sovado	100	2%	R$ 10,19	R$ 264,88	R$ 3,06
Outros Produtos	2500	61%	R$ 254,69	R$ 6.621,95	
Total	4100	100%	R$ 417,69	R$ 10.860,00	

Fonte: Elaborada pelas autoras

3.3.4 – Rateio do Custo do Gás

O custo com o gás usado nos fornos para assar os pães é calculado de acordo com o tempo que cada produto gasta para ser assado. Esse cálculo é feito em minutos, foi apurado quantos minutos de duração ou vida útil um botijão de gás tem em cada forno. Os fornos têm variação de consumo de gás. Na análise do pão de sal e pão sovado, fizemos o cálculo do forno industrial turbo de dez grades, pois ambos são assados nesse tipo de forno. Na planilha abaixo o custo foi variável e rateado de acordo com o tempo em minutos no forno.

Planilha 6 - Rateio do Custo do Gás

Gás	Valor Gás	endimento Minut	Valor minuto
	R$ 50,00	600	R$ 0,08
	Minutos no forno	Valor Gás	Quantidade Forn	Custo Unitario
Pão de Sal	36	R$ 3,00	250	R$ 0,01
Pão Sovado	46	R$ 3,83	30	R$ 0,13

Fonte: Elaborada pelas autoras

3.3.5 – Rateio do Custo do Combustível

O custo com o combustível é calculado pelo método de absorção. A empresa conta com três veículos para entrega, sendo uma moto e dois carros de passeio. O valor consumido entre os três veículos são somados e divididos entre os produtos. Na planilha abaixo o custo com combustível foi considerado como variável e calculado pelo método de absorção com base na quantidade total da produção da empresa.

Planilha 7 - Rateio do Custo do Combustível

	Combustível	Valor Combustível	Dias Consumo	Valor diario	
		R$ 650,00	26	R$ 25,00	
	Quant/dia	%	Consumo diario	Consumo Mensal	Custo lote
Pão de Sal	1500	37%	R$ 9,15	R$ 237,80	R$ 1,52
Pão Sovado	100	2%	R$ 0,61	R$ 15,85	R$ 0,18
Outros Produtos	2500	61%	R$ 15,24	R$ 396,34	
Total	4100	100%	R$ 25,00	R$ 650,00	

Fonte: Elaborada pela autora

3.3.6 – Rateio do Custo do Aluguel

O aluguel é pago mensalmente ao dono do imóvel. Esse custo é fixo e calculado pelo método de absorção. Na planilha abaixo o custo com o aluguel foi considerado como fixo e calculado pelo método de absorção com base na quantidade total da produção da empresa.

Planilha 8 - Rateio do Custo do Aluguel

	Aluguel	Valor Aluguel	Dias Consumo	Valor diario	
		R$ 2.500,00	26	R$ 96,15	
	Quant/dia	%	Consumo diario	Consumo Mensal	Custo lote
Pão de Sal	1500	37%	R$ 35,18	R$ 914,63	R$ 5,86
Pão Sovado	100	2%	R$ 2,35	R$ 60,98	R$ 0,70
Outros Produtos	2500	61%	R$ 58,63	R$ 1.524,39	
Total	4100	100%	R$ 96,15	R$ 2.500,00	

Fonte: Elaborada pelas autoras

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as analises realizadas observamos alguns processos dentro da Panificadora são relacionados a custos e formação de preço de venda. Foi feita a observação, a análise e criteriosamente apresentadas soluções para os possíveis problemas encontrados.

Buscamos mensurar a apuração de custos e despesas para a formação de preços de venda dos produtos da Panificadora estudada e foi observado que os processos adotados pela empresa em relação aos custos eram obsoletos. Após analises e pesquisas foram apresentadas propostas de mudanças e novas ferramentas de gestão das quais algumas foram aceitas e já estão em uso.

A seleção dos fornecedores era feita de forma que a empresa sempre ficava refém de seus fornecedores, porque sempre comprava apenas daqueles que visitassem a empresa e da

forma que eles apresentavam as mercadorias e suas condições de venda. Foi proposto um modelo simples de acompanhamento em planilha, mas que seria capaz de fornecer informações importantes como, o preço das mercadorias, o ultimo preço que foi compro, de qual fornecedor foi feito a compra e qual a ultima condição de pagamento.

Alguns custos variáveis dos produtos como água, energia elétrica, gás e transporte não eram agregados ao custo total, não conseguindo dessa forma apurar o custo real para a fabricação dos produtos. Após ratear esses custos foi notória a diferença no preço dos produtos, eram valores não observados que tinham um relevante peso no orçamento da empresa.

As perdas e desperdícios de matéria prima também não eram gerenciados, dessa forma não era possível ter uma média dessa perda em relação à produção e nem o valor a ser agregado no custo. Foi feito um levantamento diário com anotações de quantidades que eram devolvidas ou perdidas, através delas em um determinado período foi possível fazer a média dessas perdas e desperdícios e agregar o valor no custo total dos produtos.

Durante a pesquisa foram levantadas várias ferramentas de melhoria nas quais muitas foram aceitas e utilizadas pela empresa, além do ganho que a mesma teve em substituir métodos obsoletos por ferramentas atualizadas. O conhecimento que a experiência trouxe para os envolvidos na pesquisa foi de grande importância, contribuindo para a formação e crescimento profissional, uma vez que o processo de cálculo de custo é uma ferramenta que deve ser exercitada sempre, no dia a dia, para que a empresa consiga acompanhar as variáveis do mercado em que está envolvida.

REFERÊNCIAS

ARNOLD, Tony. **Administração de Materiais.** São Paulo: Atlas, 2006.210

BATISTA, José. **A Contabilidade de Custos - Conceito, origem, evolução e campo de aplicação.** Disponível em<http://acentraldecustos.blogspot.com.br/2013/06/a-contabilidade-de-custos-conceito.html> Acesso em: 01 de mai. de 2014.

DEMO, Pedro. **Pesquisa Participante.** 2. ed.Brasília:LiberLivro,2008.23p.

DUTRA, Rene. **Custos Uma Abordagem Prática.** 5. ed. São Paulo: Atlas S.A,2003.32p.GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LEONE, George S. Guerra; LEONE, Rodrigo José Guerra. **Os 12 Mandamentos da Gestão de Custos.** Rio de Janeiro: FGV, 2007. 67p.

MACHADO, Nilson Perinazzo; et al. **Teoria da Contabilidade.** São Paulo: Atlas, 2007.21p.

OLIVEIRA, Luís; PEREZ JR, José. **Contabilidade de Custo para não Contadores.** 3. ed. São Paulo:Atlas,2007.58,243p.

SANVICENTE, Antonio Zoratto. **Administração Financeira**. 53.ed. São Paulo: Atlas, 2008. 134 p.

SILVA, Jaqueline Pereira. **Sistema de Apuração de Custos.** João Pinheiro: 2013. 30 p.

SILVA, Lourival Lopes Da. **Contabilidade Geral e tributária**. 5. Ed. São Paulo: IOB, 2009.35p.

STARK, Jose Antônio. **Contabilidade de Custos.** São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.30p.

INFLUÊNCIA DAS LIDERANÇAS NA CULTURA ORGANIZACIONAL

Osnir Martins Rodrigues*

Resumo: O presente artigo visa mostrar a importância da influência dos líderes ou gestores na cultura de nossas organizações. Não existe possibilidade de mudanças na cultura de nossas empresas, se não houver uma participação significativa de seus líderes. A mudança na cultura de uma organização, seja ela público, privada, ou do terceiro setor, é um processo contínuo e na grande maioria dos casos longo e com uma boa dose de sacrifício e persistência. Importante dizer que para que haja uma verdadeira mudança, as pessoas devem mudar, e em último caso deve se mudar as pessoas. Esta pesquisa propõe um breve relato sobre cultura, assim como as mudanças que podem ocorrer dentro das organizações através das pessoas que são a mola mestra neste processo, tomando como base a importância da mudança na cultura de seus proprietários, gestores e líderes para a consecução plena destas mudanças no ambiente laboral e empresarial.

Palavras-chave: Lideranças. Mudança. Cultura Organizacional.

Abstract: This article aims to show the importance of the influence of leaders and managers in our culture. There's no possibility of changes in our companie's culture, if there's no significant participation of the leaders. The change of an organization's culture, public, private, or a third section one, is a continuous process and most of the time it's long and require a great dose of sacrifice and persistence. It's important to say that for a real change, people must change, and in a last chance you must switch people. This research proposes a brief description about culture, as well as changes that may occur inside organizations, through people that are indispensable in this process, taking as base the importance of culture change of its owner, managers and leaders for the fulfillment of these changes at work and in business.

Keywords: Leadership. Change. Organizational Culture.

1.Introdução

A Administração vem passando por profundas mudanças nos últimos anos. Muitas coisas vêm acontecendo no mundo dos negócios desde a Administração Clássica de Taylor e Fayol que deram uma grande contribuição ao pensamento administrativo.

A Administração contemporânea exige profundas mudanças no modo de gerir nossas organizações sejam elas públicas, privadas ou do terceiro setor. Vivemos em um mundo mercadológico de incertezas e para que nossas empresas permaneçam no mercado com resultados positivos, este ambiente requer novas abordagens no funcionamento dos nossos negócios. Vivemos hoje em um ambiente bastante competitivo, com muita informação, inovação e tecnologia.

As organizações possuem sua própria cultura organizacional, e isto acompanha as empresas desde o início de suas atividades no mercado, mas isto não quer dizer que estas não precisem passar por mudanças.

* Mestrando em Administração pela Fundação Pedro Leopoldo – FPL. Atualmente Professor e Coordenador do curso de Administração na Faculdade Cidade de João Pinheiro – FCJP. E-mail osnirmartins2005@yahoo.com.br

Segundo Dubrin (2006, p.352), várias forças moldam a cultura de uma empresa. Frequentemente, sua origem está nos valores e nas práticas administrativas e na personalidade do fundador ou fundadores. Desta maneira percebe-se que a cultura de uma organização condiz assiduamente com as características daqueles que a fundaram ou daqueles que a lideram, bem como as visões que possuem. O referido autor ainda menciona que a cultura organizacional responde e reflete as escolhas conscientes e inconscientes, aos padrões de comportamento e aos preconceitos dos gerentes executivos. O que de certo modelo reforça a afirmação feita anteriormente.

Muitas de nossas empresas, por que não dizer em sua grande maioria são micro e pequenas empresas, e são empresas familiares, normalmente com uma cultura organizacional muito atrasada, pautada em tradições, valores e crenças muito antigas com grande resistência a inovação e a mudanças. Isto contribui negativamente para o conceito da empresa perante a comunidade.

Ulrich (2000), um dos autores mais lidos no meio acadêmico, nos fala sobre diversos assuntos ligados às questões organizacionais, alinhamento estratégico entre a cultura organizacional e estratégias de gestão de pessoas. Segundo este renomado autor, várias ações, atitudes e o alinhamento da cultura organizacional em uma parceria estratégica com os colaboradores de qualquer organização, possibilita a criação de importantes valores para nossas organizações.

Diante desta realidade, é importantíssimo uma verdadeira mudança e transformação na cultura organizacional destas empresas, começando por suas lideranças.

Neste contexto, o papel de nossas lideranças, de nossos gestores é fundamental. A cultura organizacional é um conjunto de hábitos e crenças, valores estabelecidos através de normas, atitudes e expectativas compartilhadas por todos os membros da organização, fazendo com que isto a distingue das demais organizações. São normas informais e não escritas que orientam o comportamento dos membros de uma organização no dia-a-dia e que direcionam suas ações para o alcance dos objetivos da organização.

Esta pesquisa propõe um breve relato sobre cultura organizacional, assim como as mudanças que podem ocorrer dentro das organizações através das pessoas que são a mola mestra neste processo, tomando como base a importância da mudança da cultura de seus proprietários, gestores e líderes para a consecução plena destas mudanças no ambiente laboral e empresarial.

O Estudo da Cultura Organizacional, tema objeto desta pesquisa, muito discutido e pesquisado no meio acadêmico e empresarial, torna-se muito importante para que tenhamos um entendimento claro da cultura organizacional, assim como as mudanças que deve ocorrer no ambiente empresarial, começando pelos administradores, gestores e lideranças. Qualquer mudança neste sentido deve começar de cima para baixo, para tenhamos um ambiente e um clima organizacional saudável.

Uma organização que possui uma boa cultura organizacional aliada ao conhecimento, com uma visão estratégica e globalizada do negócio, contribui significativamente para se chegar a excelentes resultados financeiros e econômicos para os proprietários e seus *Stakerolders* que são os colaboradores, clientes, fornecedores, governo e outros grupos que mantém relacionamento com esta organização.

É bom lembrar que uma organização é constituída de pessoas que se relacionam, que se integram entre si visando alcançar objetivos comuns. Podemos afirmar ainda que uma organização é a interação entre os indivíduos, que através de convívio social, desenvolvem norteados pelos princípios e nos objetivos definidos pela própria estrutura das organizações.

As mudanças que ocorrem em uma organização passam necessariamente e mexe diretamente na sua cultura, que é sem sombra de dúvida um dos fatores cruciais que leva estas organizações ao sucesso ou ao insucesso.

2 Referencial Teórico

2.1 Cultura Organizacional – Origens e Conceitos

Sobre a origem da palavra cultura, Morgan fala que:

> A palavra deriva metaforicamente da idéia de cultivo: o processo de preparar e melhorar a terra. Quando falamos sobre cultura, geralmente nos referimos ao padrão de desenvolvimento refletido no sistema de conhecimento, ideologia, valores, leis e rituais diários de uma sociedade. A palavra também é frequentemente usada para se referir ao grau de refinamento evidente em sistemas de crença e prática, como na noção de ter "cultura". O conceito de cultura significa que diferentes grupos de pessoas tem diferentes modos de vida. Ele é uma metáfora de considerável relevância para nossa compreensão das organizações. (MORGAN, 2002, p. 137)

A cultura do povo de um País tem uma relação direta com o modo e processo de colonização e civilização deste povo. A cultura do povo brasileiro é diferente da cultura dos Europeus, Asiáticos ou Africanos, assim como é diferente também da cultura de Nações do nosso próprio continente como Argentina, Uruguai, Chile e outros Países da América Latina, pois aqui fomos colonizados por Portugueses e Africanos, ao passo que as demais Nações vizinhas foram colonizadas em sua grande maioria pelos Espanhóis. Seguindo esta linha de raciocínio, o modo que cada Nação, País, Tribos, e outros povos foram civilizados tem uma relação direta com sua cultura.

Barbosa (1996), nos diz que questões culturais dentro de nossas organizações, teve um destaque a partir dos anos de 1980, quando este termo começou a ser praticado com mais ênfase dentro das corporações, por ser um assunto importante nas novas práticas administrativas. A partir daí houve grande interesse por estudos e a aplicabilidade da cultura organizacional dentro das organizações.

Já Freury e Ficher (1996), escrevem sobre a cultura em um contexto antropológico que nos traz um ensinamento sobre padrões culturais não como algo que já vem pronto com condutos iguais, mas como uma estrutura que nos proporciona ver significados de certas ações em um cenário composto de regras.

Com o passar dos séculos, dos anos, algumas regiões vem passando por um verdadeiro processo de aculturação, devido a convivência diária e relacionamentos com outros povos, a modernidade, integração entre os Países através de Mercados Comuns como Mercosul, Mercado Comum Europeu e outros. A Globalização e esta Era da Tecnologia, tem também influído muito na cultura dos povos, e consequentemente na cultura de nossas organizações.

Segundo SROUR (2012), "a cultura é aprendida, transmitida e partilhada. Não decorre de uma herança biológica ou genética, mas resulta de uma aprendizagem socialmente

condicionada." Ninguém já nasce com uma cultura pronta e acabada. O tipo de cultura vai depender do meio e ambiente onde uma pessoa vive o que ela vê e aprende. Esta por sua vez depois de aprendida é transmitida e partilhada.

Dentro de uma organização, os colaboradores acabam aprendendo e assimilando a cultura de seus líderes, mesmo que não concordem com esta cultura, por uma questão de subordinação e obediência, acabam aceitando. Com o passar dos anos, esta cultura aprendida dentro das organizações acabam sendo transmitida e partilhada. Neste contexto, é muito importante quando os gestores e lideranças possuem e transmitem para os colaboradores e seus *Stakerolders* uma cultura moderna, democrática e participativa.

Para identificar a cultura organizacional de uma empresa, é necessário conhecer toda a sua estrutura, seus relacionamentos, e o seu histórico, seus costumes e as mudanças comportamentais que eles provocam quando há mudanças.

"Diz-se, com frequência, que as pessoas reagem mal às mudanças e, em parte, isso pode ser verdade em função da necessidade de desconfirmar o que antes era considerado importante na realidade daquela organização" (FREITAS, 2010, p.20).

"A mudança de cultura é um processo mais longo, duro e nada fácil, porém possível. Na maioria das vezes, ela ocorre em função de alguma mudança radical, do ponto de vista do negócio ou da gestão" (TANURE, 2010, p.24).

Fernandes e Pedroso nos ensina que:

> Todas as pessoas tem suas crenças e apresentam tendências a resistir a mudanças, mas essas mudanças são aquelas que impulsionam na direção da mudança desejada e as resistências são as que tendem a conter essas ocorrências de mudanças, quando as forças desestabilizadoras, que são as forças externas, são resistentes às mudanças o processo pode ser lento (FERNANDES; PEDROSO, 2010, p.26)

Dubrin (2006, p.352) nos ensina que várias forças podem moldar a cultura de uma empresa. Sua origem está nos valores e práticas administrativas, bem como na personalidade do fundador ou dos fundadores. Diante disto, percebe-se que a cultura de uma organização tem relação direta com as características daqueles que a fundaram ou daqueles que a lideram, bem como as visões que possuem.

Para este pesquisador, a cultura organizacional é um dos ramos e estudos mais interessantes na área de administração, pois entendemos que uma empresa para ser próspera precisa ter um modelo de gestão mais flexível, democrático e participativo. Se as lideranças da organização não tiverem uma cultura organizacional voltada para isto, a empresa fica fechada e caminha para um modelo com a prática do autoritarismo.

A cultura organizacional dentro de uma concepção e visão moderna melhora muito o ambiente de trabalho.

Segundo diversas pesquisas que já fizemos, identificamos com muita clareza que as empresas mais modernas da Europa, Estados Unidos, Ásia como no Japão e Coréia do Sul principalmente são totalmente voltadas para uma cultura organizacional democrática, participativa, flexível, e que se prezam pela qualidade dos produtos, serviços, bom

atendimento, aliado a um crescimento consistente com responsabilidade social e ambiental.

Uma boa parte das organizações brasileiras, mesmo com todo o esforço de instituições como SEBRAE, SENAI, Associações Comerciais, Universidades e um grande número de empresas de consultoria que a todo o momento estão oferecendo cursos, palestras, treinamentos e outros para melhorias no modelo de gestão, mudanças de processos, qualificação de gestores, motivação, boas práticas de técnicas administrativas ente outras, ainda estão muito aquém do que seria o ideal.

Uma mudança na cultura organizacional incluindo diretorias, gerências, operacional, poderia muito mudar esta realidade, pois uma cultura organizacional deve estar aliada a realidade do mercado, a um mundo globalizado e competitivo.

Veja o que fala Dubrin sobre a cultura organizacional:

> a cultura é aprendida, transmitida e partilhada. Não decorre de uma herança biológica ou genética, porém resulta de uma aprendizagem socialmente condicionada. A cultura organizacional exprime então a identidade da organização. É construída ao longo do tempo e serve de chave para distinguir diferentes coletividades. (DUBRIN, 2006, p. 98).

Com este raciocínio, entendemos que a cultura está presente em toda e qualquer organização, como algo intrínseco, não havendo desta forma nenhuma organização que não possua um tipo de cultura. Mintzberg et al. (2000, p.195) nos ensina que a cultura organizacional passa a ser a mente da organização, as crenças comuns que se refletem nas tradições e nos hábitos, bem como em manifestações mais tangíveis, histórias, símbolos, ou mesmo edifícios e produtos; em certo sentido, a cultura representa a força vital da organização, a alma de seu corpo físico.

Dubrin (2006) lista essas dimensões em oito, sendo as que seguem abaixo:

- Valores: os valores são a base de qualquer cultura organizacional. A filosofia da empresa é expressa por meio de valores, e estes guiam o comportamento diário.
- Histórias organizacionais com significados subjacentes: Em muitas organizações ocorre a prática da circulação de históricos para reforçar os princípios que a gerencia executiva considera importantes.
- Mitos: São narrativas dramáticas ou eventos imaginados sobre a história da empresa. Eles contribuem para a formação de lendas dentro da empresa, ajudando a unificar os grupos, podendo gerar vantagens competitivas.
- Grau de estabilidade: Uma empresa dinâmica, que opera em ritmo acelerado, tem uma cultura diferente de uma empresa estável, que opera em ritmo lento.
- Alocação de recursos e recompensas: O modo como o dinheiro e os outros recursos são alocados exerce uma influencia fundamental sobre a cultura.
- Ritos e rituais. Uma parte da cultura de uma empresa é formada por suas tradições ou ritos e rituais. Os exemplos incluem as reuniões regulares da

equipe, banquetes de celebração de aposentadoria e recepções para visitantes ilustres.

· Senso de propriedade: Quando os empregados são encorajados a agir e pensar como donos. Uma cultura de propriedade inclui o crescimento da lealdade, a melhoria do esforço de trabalho e o alinhamento dos interesses dos funcionários com os da empresa.

· Espiritualismo coorporativo e espiritualidade organizacional: o primeiro ocorre quando a gerencia é igualmente preocupada com o bem estar dos funcionários e com o lucro. Já a espiritualidade organizacional se refere ao fato de os trabalhadores em todos os níveis, acreditarem em algo maior que eles mesmos, além da religião.

Estes fatores contribuem para a formação da cultura dentro da organização, de modo que em maior ou menor proporção podem fazer com que ela possa se destacar ou positivamente ou negativamente, caso não se ajuste a personalidade dos funcionários.

> O conceito de cultura organizacional não deve, por sua vez, ser confundido com o conceito de satisfação, mesmo havendo pontos semelhantes entre ambos, o primeiro trata-se de um conceito descritivo, já que as pesquisas sobre cultura organizacional tem buscado medir como os funcionários vêem sua organização: ela estimula o trabalho em equipe? Recompensa a inovação? Reprime iniciativas? Já a satisfação com o trabalho é um conceito voltado para a avaliação, procurando medir a resposta efetiva ao ambiente de trabalho (ROBBINS, 2005, p. 143).

Estas considerações de Robbins são bastante úteis para que seja possível não mais confundir um conceito com o outro, ambos apesar de semelhantes não significam a mesma coisa.

Araujo, Garcia e Martines (2011) falam que

> as vezes estas afirmações de que a mudança da cultura deve necessariamente passar pela mudança das pessoas nos intriga, pois se a cultura é criada pelas pessoas, como pode ela se perpetuar ao longo dos anos? Isso seria admitir o poder personalizado das organizações, onde estas últimas "são formadas por cargos e não por pessoas", como afirmava Max Weber? Visão esta bastante radical, mas não totalmente equivocada. (ARAUJO, GARCIA e MARTINS, 2011, p.122)

É bem verdade, que não podemos mudar a cultura de uma organização, sem mudar a cultura das pessoas, como modo de pensar, de agir, os valores, tradições, crenças e outros, mas é importante dizer que como todos os cargos têm o seu desenho, suas tarefas e atribuições, a cultura organizacional deve vir acompanhada também da atualização, mudanças e inovação destes cargos, para que assim ocorra uma mudança eficiente e eficaz.

O diretor de gestão de pessoas, por exemplo, de qualquer organização deve observar as modernas teorias e técnicas administrativas de como gerir as pessoas com uma ótica e visão contemporânea com práticas modernas e atuais de gestão de pessoas. Mas reafirmamos que primeiramente as mudanças da cultura organizacional devem passar necessariamente através das pessoas, principalmente através de suas lideranças.

Huntington (1997) nos oportuniza um ensinamento importante concernente a

cultura, e fala até sobre o Choque das Civilizações, enfatizando que a causa de muitos conflitos no mundo moderno não é mais pelo Poder, por questões econômicas, políticas e ideológicas como a Guerra Fria (queda do Muro de Berlin e queda do comunismo nos anos 90), mas sim por causas culturais, e isto em muitos Países tem influência na cultura organizacional.

Veja o que este renomado autor fala em sua obra que tem suscitado grandes debates em diversos Países e em Universidades:

> A política mundial está sendo reconfigurada seguindo linhas culturais e civilizacionais. Nesse mundo, os conflitos mais abrangentes, importantes e perigosos não se darão entre classes sociais, ricos e pobres, ou entre outros grupos definidos em termos econômicos, mas sim entre povos pertencentes a diferentes entidades culturais. As guerras tribais e os conflitos étnicos irão ocorrer no seio das civilizações. Entretanto, a violência entre Estados e grupos de civilizações diferentes carrega consigo o potencial para uma escalada na medida em que outros Estados e grupos dessas civilizações ocorrem em apoio a seus "países afins". O sangrento choque de clãs na Somália não apresenta nenhuma ameaça de um conflito mais amplo. O sangrento choque de tribos em Ruanda tem consequências para Uganda, Zaire e Burundi, mas não muito além desses países. Os sangrentos choques de civilizações na Bósnia, no Cáucaso, na Ásia Central e na Caxemira poderiam se transformar em guerras maiores. Nos conflitos iugoslavos, a Rússia proporcionou apoio diplomático aos sérvios, enquanto a Arábia Saudita, a Turquia, o Irã e a Lìbia forneceram fundos e armas para os bósnios, não por motivos de ideologia, de política de poder ou de interesse econômico, mas devido à afinidade cultura. Václav Havel assinalou que "os conflitos culturais estão aumentando e são mais perigosos hoje em dia do que em qualquer momento da História". Jaques Delors concordou que "os futuros conflitos serão deflagrados mais por fatores culturais do que pela economia ou pela ideologia". (HUNTINNGTON, 1997, p.21)

Grandes empresas no mundo contemporâneo tem tido sucesso em suas estratégias de negócios, porque tão muita ênfase e importância além da estrutura que é importante, a sua cultura organizacional.

Os autores Hitt, Miller e Colella nos relata sobre isto:

> Uma cultura apropriada é também necessária para a implementação eficaz da estratégia e para conquistar um forte desempenho geral. Cultura Organizacional envolve valores e normas compartilhadas que influenciam o comportamento. Trata-se de uma força poderosa dentro das organizações. Por exemplo, a cultura organizacional da Google tem sido considerada uma das razões para seu sucesso fenomenal. Como uma das melhores empresas para se trabalhar, e uma das empresas mais admiradas no mundo, a FedEx é também famosa por ter uma cultura especial. (HITT, MILLER e COLELLA, 2013, p. 395).

3.Metodologia

O método utilizado na presente pesquisa objetivo deste trabalho foi o qualitativo. Pesquisamos o assunto em vários artigos fidedignos de reconhecido valor acadêmico e em livros de autores já consagrados.

4. Resultados

Os gestores e lideranças de qualquer organização tem uma influencia direta na cultura organizacional. Esta influência pode agir de uma forma negativa ou positiva no ambiente de trabalho, dependendo do papel, da forma e da autoridade que estas exercem sobre os colaboradores, clientes, fornecedores entre outros grupos que se relacionam direta ou indiretamente com a empresa.

Ao iniciar um empreendimento qualquer, o gestor, líder ou proprietário leva para dentro deste ambiente seu histórico social e familiar, suas crenças, valores, tradições, normas, visão de mundo etc., daí começa então desde o início implantar uma cultura organizacional de acordo com este histórico que leva para dentro da empresa, o que gera uma influencia na organização como um todo.

Segundo pesquisas realizadas por este pesquisador, há inúmeros casos de líderes que tem influenciado suas equipes de uma forma negativa, passando um modelo de gestão atrasado, fechado, inflexível, autoritário, o que gera um péssimo clima organizacional, resultando na falta de harmonia da equipe, produtividade, absenteísmo, e muita rotatividade, o que traz grandes prejuízos para as organizações.

Da mesma forma, há inúmeros casos de líderes que exercem esta influencia em suas equipes, porém de uma forma positiva, transmitindo um modelo de gestão moderno, aberto, flexível, democrático e participativo, resultando neste caso ótimo clima organizacional, com muita harmonia na equipe, produtividade, motivação, permanência dos colaboradores na empresa por muito tempo, tornando assim ótimas empresas para se trabalhar.

Conforme falamos na introdução desta pesquisa, o mundo dos negócios passa por um processo de grandes mudanças. Os consumidores, fornecedores, governo e a sociedade como um todo estão muito exigentes. É necessário que as empresas ofereçam produtos e serviços de excelente qualidade, e todas as empresas estão sendo avaliadas pelo público. Nossas organizações precisam urgentemente se adaptar a estas mudanças. A mudança de rumo quanto a cultura que é praticada dentro destas empresas é extremamente necessária.

5. Considerações Finais

Acreditamos que este trabalho tenha proporcionado ótimas contribuições para nossas organizações, comunidade acadêmica e para demais interessados no tema, pois procuramos mostrar a importância da mudança na cultura organizacional para o sucesso destas organizações sejam elas privadas, públicas ou do terceiro setor. Também enfatizamos que estamudança deve começar com os administradores, gestores (presidentes, vice-presidentes, diretores, gerentes) e finalmente para o operacional.

Outra contribuição não menos importante, é de afirmar aos nossos empresários,

demais lideranças empresariais de todos os segmentos organizacionais, ao público acadêmico e aos demais leitores deste artigo que é possível sim mudar a cultura organizacional de qualquer empresa, ou de melhorá-la, pois a credibilidade, confiança e o modo de como as pessoas enxergam as organizações, depende muito do seu modelo de gestão, e mais notadamente a cultura organizacional praticada nestas organizações.

Este trabalho também nos oportunizou um extraordinário aprendizado de que uma boa cultura organizacional aliada a uma visão estratégica e globalizada do ambiente interno e externo das nossas empresas, será perfeitamente possível a plena consecução dos objetivos das organizações que é o de oferecer produtos, serviços e atendimento de boa qualidade aos seus clientes e demais *Stakerolders,* além de proporcionar um excelente clima e desenvolvimento organizacional.

É importante destacar que na formação da cultura de uma organização, existem algumas dimensões ou elementos que influenciam a cultura, bem como na formação do comportamento dos empregados.

A imagem de uma organização depende em muito de sua cultura organizacional. Aprendemos que para haver uma mudança de cultura, tem que começar pelas pessoas, através de suas lideranças, pois estas tem influencia sobre seus liderados.

Nossas organizações devem ter um foco não só em sua estrutura, mas principalmente nas pessoas com uma moderna cultura organizacional, pois o mundo vive em constantes mudanças e isso exige, a cada dia mais, que os líderes tenham capacidade de adaptação a diversos ambientes e situações.

A cultura organizacional aliada a uma Gestão de Pessoas dentro de uma prática estratégica de gestão, oportuniza à nossas organizações melhores resultados econômicos e financeiros, serviços e produtos com mais qualidade a seus clientes, além de criar valor nestas organizações.

Esperamos que este trabalho, objeto de muito estudo e pesquisa tenha contribuído positivamente para nossas organizações, público acadêmico, nossas instituições de ensino superior e para a sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Luis César G.; GARCIA, Adriana Amadeu; MARTINES, Simone. **Gestão de Processos. Melhores Resultados e Excelência Organizacional**. São Paulo: Atlas, 2011

BARBOSA, Lívia Neves de Holanda. Cultura administrativa: uma nova perspectiva das relações entre antropologia e administração. São Paulo: **Revista de Administração de Empresas,** v, 36, n. 4, p. 6-19, 1996.

DUBRIN, A. J. **Fundamentos de Comportamento Organizacional**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006

FERNANDES, I.O; PEDROSO, R. Cultura Organizacional: A Influencia da Cultura nas Organizações. **Revista Olhar Científico** – Faculdades Associadas de Ariquemes – V. 01, n.1. Jan/Jul 2010.

FREITAS, M.E. de. **Cultura Organizacional, evolução e crítica.** Coleção debates em administração. São Paulo: Cengage Learning, 2010

HITT, Michael A; MILLER, C. Chet; COLELLA, Adrienne. **Comportamento Organizacional.** 3 ed. Rio de Janeiro:LTC, 2013

HUNTINGTON, Samuel P. **O Choque de Civilizações e a recomposição da Ordem mundial.** Rio de Janeiro:Objetiva, 1997

MINTZBERG, H. et al. **Safári de Estratégia:** um roteiro pela selva do planejamento estratégico. Porto Alegre: Bookman, 2000

MORGAN, Gareth. **Imagens da Organização**. 2 ed. São Paulo:Atlas, 2002

ROBBINS, S. P. **Comportamento Organizacional**. 11 ed. São Paulo:Pearson Prentice Hall, 2005

SROUR, Robert Henry. **Poder, Cultura e Ética nas Organizações.** 3 ed. Rio de Janeiro. Elsevier, 2012

TANURE, B. **Gestão à Brasileira: uma comparação entre América Latina, Estados unidos, Europa e Ásia.** 2 ed. 3 reimp. São Paulo: Atlas, 2010

ULRICH, D. (Org). **Recursos humanos estratégicos**: novas perspectivas para osprofissionais de RH. São Paulo: Futura, 2000.

VAN MAANEN, John. Processando as pessoas – estratégias de socialização organizacional. In: FLEURY, Maria Leme; FISCHER, Rosa Maria (Org.). **Cultura e poder nas Organizações**. São Paulo: Atlas, 1989, p. 45-62.

IMPORTÂNCIA DA ABORDAGEM ESCOLAR DA *CANNABIS*

Letícia Juliana da Silva[*]
Daniela Cristina Silva Borges[**]

Resumo: A abordagem escolar da *Cannabis* é importante, visto que é uma droga e está sendo discutida no âmbito fitoterápico. O trabalho, discuti acerca de suas formas de uso e sua abordagem e visão no âmbito escolar. É um estudo qualitativo por meio da aplicação de 40 questionários com cinco perguntas para alunos de uma escola pública do interior de Minas Gerais. A pesquisa mostrou que; (65%) *Cannabis* não é abordado em sala de aula; (90%) vicia; (68%) é de uso recreacional e indiscriminado; (90%) essas formas de uso não prejudicam a saúde e (55%) sem informações da fitoterapia. Os pros e contras partem de pesquisas e interesses medicinais e isso gera confusão e cabe aos educadores e pais debate-los a fim de discernir os fatos e promover autonomia nos alunos.

Palavras-Chave: Fitoterapia. Escola. Canabinoides.

Abstract: The school approach of cannabis is important, since it is a drug and is being discussed within herbal medicine. The work, discuss about their ways of use and its approach and vision in schools. It is a qualitative study through the application of 40 questionnaires with five questions for students of a public school in the state of Minas Gerais. Research has shown that; (65%) Cannabis is not covered in class; (90%) addictive; (68%) is of recreational and indiscriminate use; (90%) of these forms of use not harmful to health and (55%) without information of herbal medicine. The pros and cons run research and medical interests and this creates confusion and it is up to educators and parents debate them in order to discern the facts and promoting autonomy in students.

Keywords: Phytotherapy. School. Cannabinoids.

1 INTRODUÇÃO

Cannabis é um gênero botânico de angiosperma popularmente conhecida por maconha por ser seu subproduto mais utilizado. Este gênero possui mais de cem espécies (FIGUEIRA, 2010) dentre elas as mais conhecidas são: *C. sativa*, *C. indica* e *C. ruderalis*. Essas e outras espécies são usadas em cruzamentos genéticos para criar espécies de *Cannabis* com maior produção de THC (tetrahidrocanabinol), um composto psicoativo usado para fabricar entorpecentes (BAESSO, 2013). Os princípios ativos (canabinoides), de maior interesse são: delta-nove-tetrahidrocanabinol (Δ9THC) e canabidiol (CBD) (CAGNI, 2012).

Os canabinoides são moléculas que auxiliam a neuroproteção, uma estratégia terapêutica que impede a perda neural e a evolução de uma doença, eles têm a capacidade de recuperar neurônios da hipóxia ou trauma, restaurar o suprimento sanguíneo por seu efeito

[*]Graduanda em Ciências Biológicas pela Faculdade Patos de Minas (FPM). E-mail: leticia00juliana@hotmail.com

[**]Doutoranda em Ciências veterinárias pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Mestra em Ciências Veterinárias pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), especialista em didática do ensino superior pela Faculdade Patos de Minas (FPM), professora orientadora da Faculdade Patos de Minas (FPM). E-mail: danybio@hotmail.com.

de vasoconstrição e são excelentes fitoterápicos (OLIVEIRA, 2009). No organismo humano existe o sistema endocanabinoide que atua na regulação da homeostase energética, incluindo a memória, o aprendizado, as emoções, a nocicepção e o apetite. Este sistema reage de maneira igual ou semelhante aos efeitos da *Cannabis*, (CAGNI, 2012), mas a estrutura química dos cannabinoides e endocanabinoides é diferente (SILVA, 2011).

Os receptores canabinoides CB1 e CB2 regulam sistemas neurotransmissores potencializando suas ações (JUNGERMAN; LARANJEIRA; BRESSAN, 2005). CB1 se encontra no sistema nervoso Central (SNC) e CB2 no sistema nervoso periférico e imune, células hematopoiéticas e muito pouco no SNC. O uso recreacional ao mesmo tempo em que dá a sensação de calma, relaxamento e vontade de rir, pode provocar tremor, sudorese, angústia e medo e a fumaça traz problemas respiratórios. Os cannabinoides podem agir de maneira oposta como também podem inibir a ação de outros canabinoides (CLARK, 2008).

Maconha é considerada uma droga segura pelo quase inexistente número de dependentes e pelos seus fins medicinais. Pensar dessa forma trouxe uma nova visão da *Cannabis* para a sociedade, uma vez que o fato de ser de uso medicamentoso distorce a informação (CRUZ, 2013). No entanto, muitos ainda consideram seus efeitos negativos de nível moral, no âmbito religioso, na convivência social, familiar, no trabalho, na escola e nos processos de civilização (SAAD, 2013). É importante trabalhar a fitoterapia e os prejuízos que acarreta a saúde humana a fim de evitar o seu consumo para lazer, uma das causas de evasão escolar, déficit de aprendizado e dependências (ALMEIDA et al., 2008).

Atualmente muito tem se discutido acerca do uso de *Cannabis* como fitoterápico, sendo assim um estudo enfatizando seus princípios ativos e efeitos fisiológicos bem como a importância de trabalhar o tema no contexto escolar é de suma importância para a formação de cidadãos mais conscientes e informados de forma a não serem influenciados. A problemática deste trabalho questiona a possibilidade de abordar o tema de modo transversal no contexto escolar. Esta abordagem terá suas dificuldades e será motivo de críticas, mas se trabalhado de forma adequada poderá repercutir positivamente na sociedade. O trabalho tem como objetivo discutir acerca do uso indiscriminado e fitoterápico da *Cannabis* e sua visão no âmbito escolar.

2 METODOLOGIA

O presente estudo do tipo descritivo, transversal e qualitativo foi realizado por meio da aplicação de um questionário elaborado pela pesquisadora com cinco perguntas sobre *Cannabis*, que discutem se ela é abordada em sala de aula, se vicia, se ela pode ser de uso recreacional e indiscriminado, se essas formas de uso são prejudiciais à saúde e se existe conhecimento sobre a sua utilização no tratamento de tumores e pós-quimioterápico. Responderam ao questionário alunos do ensino fundamental do 6° ao 9° ano e do ensino médio do 1° ao 3° ano de uma escola pública do interior de Minas Gerais em Presidente Olegário. Para a pesquisa constou-se de 40 voluntários legalmente aceitos.

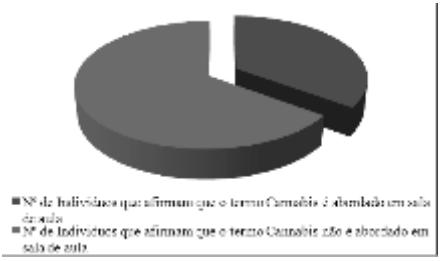
A pesquisa foi submetida ao comitê de ética em pesquisa da (CEPE) Universidade de Franca (UNIFRAN), de protocolo (CAAE) 35564514.0.0000.5495. A coleta de dados durou três dias, 13, 14 e 15 de outubro de 2014, no primeiro dia foi entregue o TCLE (termo de consentimento livre e esclarecido) do menor e o termo de assentimento, no segundo dia foram recolhidos os documentos e no terceiro e último dia foram recolhidas algumas documentações e foi aplicado o questionário.

Os alunos levaram os documentos para casa para que os pais ou responsáveis que autorizassem sua participação na pesquisa assinassem. Foi feita a tabulação dos dados pelo Microsoft Excel seguida da análise e discussão dos resultados. A identidade dos participantes foi mantida em sigilo e não foi apresentada nenhuma forma de risco para responderem ao questionário.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando questionados se o termo *Cannabis* é abordado em sala de aula quando o tema da aula é drogas, os dados coletados encontram-se distribuídos na figura a seguir:

Figura 1- Opinião dos alunos quanto àabordagemdo termo *Cannabis* (droga) em sala de aula



Fonte: Letícia Juliana da Silva 2014.

O gráfico evidenciou que (65%) dos alunos responderam que o termo *Cannabis* não é abordado em sala de aula e 35% responderam que é abordado. É importante que seja trabalhado na escola evitando má interpretação e uso da informação, pois o problema das drogas é a construção social e de comunicação em torno dela; seu uso se relaciona à própria visão de mundo e a artifícios individuais e culturais (TRIANA; OLIVEIRA, 2008).

O uso de drogas se conecta a aspectos históricos, socioculturais, econômicos, políticos e individuais e segundo pesquisa a maioria dos alunos não diferencia drogas lícitas de ilícitas, não consideram álcool e tabaco drogas e não associam o uso indevido de medicamentos ao consumo de drogas. A informação que vem da escola é escassa e parte dela é omitida porque este tema polêmico gera medo de repressão, constrangimento, preconceito o que torna os professores resistentes quanto a sua abordagem. A percepção que os alunos têm do assunto vem de meios como, internet, redes sociais, grupos de amigos, do par e experiências compartilhadas, vivenciadas, curiosidades e experimentação (ADADE, MONTEIRO, 2014).

A escola e a família precisam estar preparadas no combate as drogas, pois mesmo informados e conscientes os adolescentes se encontram vulneráveis a influência social e ao fácil acesso que se tem da maconha pelo fácil cultivo e baixo custo. Um método pedagógico é criar espaços para a prática de esportes com o intuito de trabalhar o espírito de equipe, obediência a regras e disciplina. Também pode influenciar no apreço a leitura e filmes informativos para que os alunos adquiram conhecimentos para distinguir os fatos (ANDRADE, 2009). Esta escola em pesquisa utiliza de dois projetos de prevenção do uso de drogas o Proerd e "Previna, Sua Escola Sem Drogas".

O Programa Educacional de Resistência às Drogas (Proerd) é aplicado nas escolas do Brasil pelos instrutores da Polícia Militar, este programa tem por objetivo prevenir o uso de drogas entre crianças e adolescentes e ações de violência. Este trabalho é realizado através do diálogo entre instrutores e adolescentes (ORZIL, 2010). O projeto "Previna, Sua Escola Sem Drogas" da editora Previna tem por objetivo auxiliar a escola e família no combate as drogas. Este programa doa um livro "Droga Disfarçada de Estudante", escrito por Filippe Maffra que relata a vida de seu pai, um usuário de drogas. Os alunos fazem a leitura em casa com a família e leva as discussões, dúvidas, curiosidades e conclusões feitas em casa para editora que finaliza o projeto através de uma palestra (MAFFRA, 2012).

Para uma melhor conscientização devem ser apresentados fatos científicos atuais ao contrário do que se é adotado que são lições de moral dramáticas, exageradas e sensacionalistas (ANDRADE, 2009). Segundo os PCNs este tema deve ser abordado de forma flexível respeitando as particularidades e singularidades do individuo. Uma das maneiras didáticas mais apropriadas é discutir sobre as informações contidas em jornais, revistas, livros, fotos, propagandas ou programas de TV de forma a traduzir suas mensagens estejam elas implícitas ou explícitas levando em conta valores e papéis sociais. Na tentativa de impedir que a mídia influencie negativamente, pois aborda apenas fatos escandalosos deixando uma imagem pejorativa (BRASIL, 1998).

Em 2014 foi lançada a sexta edição do curso de Prevenção do Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas através da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD), do Ministério da Justiça e da Secretaria de Educação Básica, do Ministério da Educação (SEB-MEC), este curso treina os educadores para abordar e lidar de maneira correta com o problema das drogas em território escolar por meio de estratégias e projetos escolares articulados a políticas públicas. A inscrição do curso é feita pelo site www.senad.gov.br (BRASIL, 2014).

Quando questionados se a maconha vicia, os dados coletados encontram-se distribuídos na figura a seguir:

Figura 2- Opinião dos alunos quanto a concordarem que a maconha vicia

Fonte: Letícia Juliana da Silva 2014.

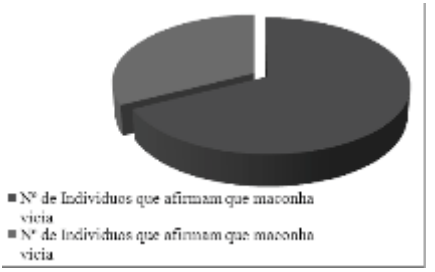
O gráfico evidenciou que 10% dos alunos responderam que a maconha não vicia e 90% que vicia. A *Cannabis* vicia, porém a longo prazo e tem menor índice de dependência que álcool e tabaco as drogas mais consumidas em todo o mundo e com altos índices de dependência, danos físicos e quadros clínicos que acarretam a morte do indivíduo mesmo que em longo prazo (BAESSO, 2013).

O prazer provocado por drogas ultrapassa os limites cerebrais e faz com que o cérebro se esqueça do que era agradável e gerava prazer antes e o foco se torna a nova sensação de prazer que passa a ser um vício com potencial autodestruidor e os hábitos, atitudes e comportamentos tendem a mudar negativamente (TIBA, 2012). O vício por maconha é considerado subalterno, vindo da cultura africana que atingia as classes mais pobres (SAAD, 2013). Sempre existiu um preconceito quanto aos negros e as classes menos favorecidas financeiramente, mas a idade, o sexo, o nível de escolaridade e o poder aquisitivo não influenciam no consumo de substâncias abusivas porque isso depende de cada cidadão, da autonomia e não necessariamente do contexto em que se vive (COSTA, 2004).

Os pais assim como os professores precisam se habilitar para abordarem este tema seja para impedir, remediar ou resgatar seus filhos do uso de drogas e para isso a principal ferramenta além de conhecer seus filhos, participar e acompanhar suas vidas, mostrar afeto e deixar claro que são importantes é ter conhecimento e informação suficiente e adequada para terem argumentos e permanecerem firmes quando confrontados pelos filhos. Os pais devem provar que estão certos para orientarem seus filhos de maneira correta deixando claro que a consequência de suas escolhas e de seus atos é de sua inteira responsabilidade. É fato que as pessoas se encontram vulneráveis e influenciáveis, mas isso não justifica seus atos e escolhas porque o individuo enquanto cidadão tem o direito a dizer não (TIBA, 2007).

Quando questionados se a maconha (droga) apesar de ser fitoterápico não deve ser de uso recreacional e indiscriminado, os dados coletados encontram-se distribuídos na figura a seguir:

Figura 3- Opinião dos alunos sobre o uso recreacional e indiscriminado de maconha (C*annabis*)



Fonte: Letícia Juliana da Silva 2014.

O gráfico evidenciou que 32% dos alunos responderam que a *Cannabis* não deve ser de uso recreacional e indiscriminado e 68% disseram que deve. Muitas culturas utilizam plantas em suas terapias e na medicina tradicional (BAESSO, 2013) e o aumento do uso da fitoterapia está associado a uma alternativa mais saudável, e ao fato de parte da população não ter acesso aos medicamentos industrializados. As plantas medicinais foram o primeiro recurso terapêutico utilizado principalmente por influência da cultura africana, indígena e europeia. Mas o crescimento do uso de fármacos sintéticos devido a industrialização, urbanização e avanço tecnológico a substituiu por medicamentos industrializados com a promessa de cura rápida e total (SPINDOLA; BINSFELD, 2012).

Cannabis foi muito usada na china para curar reumatismo, febre beribéri, malária, desatenção, no combate a hemorragia urinária e para acelerar as contrações do útero em

trabalho de parto. Seus efeitos são influenciados pelo metabolismo, o psicológico, as condições socioambientais, a personalidade, estabilidade emocional e a forma de consumo (BARRETO, 2002). Apesar de seus efeitos fitoterápicos o seu uso recreacional e indiscriminado não é viável, principalmente pelos adolescentes que estão com o sistema endocanabinoide em formação e já passam por inúmeros transtornos e conflitos de identidade (ANDRADE, 2009).

Os tipos de *Cannabis* utilizadas pelo tráfico são a marijuana (erva), a maconha e a resina (haxixe) com 3 a 4% de THC e recentemente o skunk, uma espécie de *Cannabis* de pequeno porte com 16 a 20% de THC (CRUZ, 2013). Seu uso medicinal e de seus derivados naturais ou sintéticos não devem ser confundidos com o seu uso recreacional e indiscriminado assim como os termos legalização e regulamentação, pois muitos mitos surgem através da informação má interpretada oriunda de artigos científicos e mídia (CARLINI, 2011).

As pessoas que são contrárias ao seu uso medicinal alegam que sua regulamentação estimularia o recreativo e indiscriminado trazendo graves consequências para a saúde pública. A falta de informação faz com que a fitoterapia seja utilizada de maneira errônea o que acarreta a sociedade prejuízos (CARLINI, 2011) de nível moral, religioso, na convivência social, no âmbito familiar, no trabalho, na escola e nos processos de civilização, fato que torna sua abordagem na escola importante, pois o cidadão está se formando e deve ter uma visão real e crítica (SAAD, 2013).

Cabe aos educadores a produção de materiais educativos para auxiliar os alunos no discernimento entre o seu uso fitoterápico e o seu uso indiscriminado. Uma alternativa de material educativo é o jogo da onda, um jogo de tabuleiro criado pela Fundação Oswaldo Cruz com o intuito de informar aos alunos para que eles pensem a respeito de determinados assuntos e saibam discernir entre o certo e o errado. Este jogo é uma medida preventiva educacional contra HIV/AIDS e o uso de drogas, ele estimula a troca de experiências, a aquisição de conhecimento e a reflexão dos temas. Ele é jogado em dupla e aborda conceitos sociais e familiares (MONTEIRO et al., 2003).

Quando questionados se já ouviram falar que *Cannabis* se mostrou eficiente no tratamento de tumores e pós-quimioterápico, os dados coletados encontram-se distribuídos na figura a seguir:

Figura 4- Opinião dos alunosquanto ao Tratamento de tumores e pós-quimioterápico com *Cannabis*

Fonte: Letícia Juliana da Silva 2014.

O gráfico evidenciou que 55% dos alunos responderam que nunca ouviram falar do uso de *Cannabis* no tratamento de tumores e pós-quimioterápico e 45% disseram que já ouviram falar.

O CBD (canabidiol), um de seus princípios ativos impede o crescimento de tumores o que facilita no seu combate (FIORAVANT, 2006), ele é alopático, ou seja, produz efeitos o oposto do que ocorre no organismo, por isso é muito utilizado no tratamento pós-quimioterápico, pois elimina a sensação de dor. Não causa efeitos colaterais adversos e atua como ansiolítico[5], antipsicótico, anticonvulsivante para epiléticos, nas desordens do movimento distônico[6], nos sintomas da doença de Huntington [7], em casos de insônia crônica (BARRETO, 2002), leucemia, doenças neurodegenerativas (Alzheimer) e depressões. CBD pode proteger o sistema nervoso central, ampliar a vida dos neurônios, combater inflamações e controlar a pressão arterial (FIORAVANT, 2006).

Em experiências laboratoriais CBD eliminou uma colônia de bactérias resistentes a penicilina e se mostrou eficiente no combate a infecções por fungos (BARRETO, 2002). É capaz de aumentar a interação social, fato comprovado em experiências com ratos, é utilizado no tratamento de transtornos de personalidade e controle do estresse. Sua administração aguda mostrou melhora no comportamento de pacientes com esquizofrenia e seu uso contínuo pode vir a melhorar o funcionamento cognitivo desses pacientes (CRIPPA et al., 2010).

THC outro princípio ativo em testes laboratoriais reduziu tumores em 82% em ratos e foi capaz de destruir o vírus do herpes. Este canabinoide também alivia os sintomas de enjoo, náuseas e vômitos da quimioterapia. Em níveis baixos diminui as funções do sistema nervoso central, alivia a ansiedade, é analgésico e causa sonolência, já em níveis altos aumenta a percepção, principalmente da visão e audição, interfere na concentração, desempenho psicomotor, memória de curto prazo, pode ser sedativo e anestésico, mas a dosagem influencia nos sintomas (BARRETO, 2002).

CBD e THC são os princípios ativos mais utilizados e seu uso medicamentoso foi permitido no Brasil através do Savitex um spray que contém THC e CBD, um óleo que contém apenas CBD e a planta moída que será colocada no vaporizador contendo CBD e THC; eles são usados para tratamento principalmente de convulsões, espasmos musculares e efeitos colaterais da quimioterapia (BRANDALISE; PERES, 2014).

Anny Fischer de 6 anos filha de Katiele Fischer depende de um medicamento a base de CBD para reduzir suas convulsões no tratamento de uma doença genética rara CDKL5 [8]. Thais Carvalho descobriu um câncer no ovário, seu marido Jairo Carvalho pesquisou na internet medicamentos que aliviassem os sintomas da quimioterapia e encontrou informações sobre *Cannabis* medicinal. O médico de Thais descartou a possibilidade de uso, mas ao fumar o cigarro de maconha os sintomas foram aliviados e Jairo resolveu importar sementes da planta para cultivar então foi intimado pela policia federal. Sofia Langebach de 5 anos filha de Margarety Brito possui a mesma doença que Anny e utiliza do mesmo medicamento para tratamento (BRANDALISE; PERES, 2014).

[5] Efeito ansiolítico: reduzem a ansiedade, agitação e tensão.

[6] Movimento distônico: movimento involuntário da musculatura que promove movimentos e posturas anormais.

[7] Doença de Huntington: doença degenerativa rara do sistema nervoso central.

A mídia divulgava a maconha como a erva diabólica buscando explicar através do vandalismo, crimes, marginalização e violência que os efeitos psicoativos da *Cannabis* eram os responsáveis por esse tipo de comportamento. Eram utilizados com frequência para divulgar essa questão a prisão de cidadãos sobre o efeito da droga, com vestígios dela na corrente sanguínea ou transportando-a. Esse tipo de divulgação envolvendo inclusive famosos, auxiliou e reforçou a conscientização dos seus prejuízos a saúde. Com o passar dos tempos e o avançar dos estudos a fitoterapia ganhou espaço e passou a se discutir os pros e contras (SOUZA, 2012).

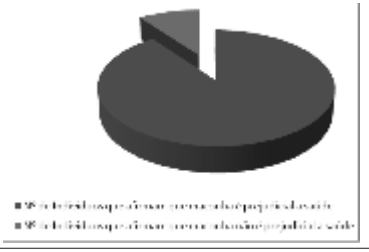
Inúmeras pesquisas atuais evidenciam um despreparo teórico e afetivo para essa abordagem, fato expresso em negação e/ou omissão do assunto e falta de subsídio. Supõe-se que a resistência dos professores está vinculada à falta de formação apropriada e às ideias preconcebidas acerca das relações entre droga, violência e criminalidade. O preconceito dificulta a sua abordagem, mas parte dos jovens tem interesse, dúvidas e curiosidades por esse assunto, mas querem uma abordagem participativa e conjunta (ADADE, MONTEIRO, 2014).

A escola é a instituição educativa que trabalha a socialização e foi escolhida para mediar o problema das drogas através de práticas pedagógicas voltadas a prevenção e conscientização. No entanto os pais e sociedade fazem má interpretação do trabalho docente bloqueando sua ação (RIBEIRO, 2001). Os professores que têm iniciativas frente ao tema em sua maioria não criam espaços para que os jovens se posicionem e construam valores próprios ligados a cultura e sociedade. Muitos pesquisadores acreditam que proibir é um estimulo e que as práticas pedagógicas devem permitir a participação e acesso dos alunos a todas as informações (RIBEIRO, 2001).

Alguns médicos criticam o uso da fitoterapia por leigos, devido ao fato de alguns profissionais e parte da população não terem informações adequadas da forma de uso que deve ser racional, jamais utilizada como medicina alternativa. Afirmam que este fato pode trazer prejuízos a fitoterapia restaurando o preconceito e a corrente contra sua utilização, pois sem informação e utilizada de qualquer maneira pode ter o efeito desejado ou não e os efeitos deletérios de *Cannabis* podem se tornar bem expressivos na sociedade de maneira a ser vista apenas como uma droga ilícita sem qualquer beneficio fitoterápico (BRASIL, 2012).

Quando questionados se o uso recreacional e indiscriminado é prejudicial à saúde, os dados coletados encontram-se distribuídos na figura a seguir:

Figura 5- Opinião dos alunos quanto à concordarem que maconha(droga) é prejudicial a saúde



Fonte: Letícia Juliana da Silva 2014.

[8] Causa convulsões com frequência desde os primeiros meses de vida o que retarda o desenvolvimento neurológico. A maioria dos portadores não consegue andar, falar e se alimentar.

O gráfico evidenciou que 10% dos alunos disseram que o uso recreacional e indiscriminado de *Cannabis* não causa prejuízo a saúde e 90% disse que causa. O uso de *Cannabis* acelera os batimentos cardíacos, dobra a pulsação e causa apatia (falta de emoção, motivação ou entusiasmo), associada a outras drogas seus efeitos podem ser alterados ou inibidos um exemplo é a associação com o tabaco sendo ele vasoconstritor inibi o efeito vasodilatador da maconha assim como outros efeitos medicinais (BARRETO, 2002).

O uso recreacional e indiscriminado provocam déficits motores e cognitivos, ansiedade, pânico, psicoses, perda temporária da razão inibindo a concentração, piora quadros de esquizofrenia e causa a doença em indivíduos com predisposição (RIBEIRO; MARQUES, 2012). Reduz a produção de hormônios sexuais, causa alucinações, taquicardia, hiperemia conjuntival e (CLARKE, 2008) a fumaça pode afetar os pulmões acarretando problemas respiratórios como a bronquite (FIORAVANTI, 2006). Provoca mudanças comportamentais causando isolamento, irritabilidade, distração, mudanças de hábitos e ânimo. (ANDRADE, 2009). Em crianças e adolescentes o sistema endocanabinoide está em formação e o uso da maconha deixa o pensamento confuso e dificulta o discernimento entre fatos reais e ilusões além de impedir a formação da memória (FIGUEIRA, 2010).

As limitações e o insucesso das abordagens do tema drogas são decorrentes do fato de se repreender julgando que a droga é ruim e precisa ser eliminada e que as pessoas são vulneráveis, indefesas e passivas quanto ao seu consumo. Uma maneira de abordar este tema na escola é a redução de danos (RD), uma estratégia de redução do consumo que pode interromper o uso. Uma das propostas desta técnica é minimizar os prejuízos individuais e sociais possuindo como foco o respeito as singularidades, resgate do direito individual de escolha e de acesso aos serviços de saúde. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a temática drogas será inclusa como tema transversal na educação infantil, ensino fundamental e médio, uma vez que faz parte do cotidiano social, sendo dever da escola capacitar professores e definir estratégias pedagógicas (ADADE, MONTEIRO, 2014).

Os cannabinoides ao ligar nos receptores causam efeitos simpatomiméticos[9], depressores e perturbadores, prejudicam a memória, a função de neurotransmissores, o nível e funções de hormônios e outras substâncias no organismo (ZANCANARO, 2012). O uso de maconha produz efeitos de euforia, disforia, sedação, distorção na percepção do tempo, interfere na atenção, no tempo de reação, nas funções sensoriais e no aprendizado. Fisicamente é comum notar boca seca e hipotensão postural que consiste na brusca descida da pressão arterial ao se levantar após ter permanecido algum tempo deitado ou sentado. Os Efeitos adversos são crises de ansiedade, ataques de pânico e aumento de sintomas psicóticos (CRIPPA et al., 2005).

CONCLUSÃO

Os pros e contras do uso de *Cannabis* partem de pesquisas e interesses medicinais e isso gera confusão e distorção de informações e cabe aos educadores debatê-los, pois existe divergência de opiniões e preconceito de nível social, histórico e cultural. Mas sem o apoio dos pais, sociedade e principalmente dos professores que apresentam resistência a essa temática é difícil trabalhar o tema na escola de forma a promover autonomia para formar cidadãos críticos e reflexivos, capazes de fazer escolhas sábias através de seus próprios conceitos.

[9] Efeitos simpatomiméticos: que reproduz os efeitos provocados pela estimulação dos nervos simpáticos.

Com base nos resultados da pesquisa 65% dos alunos alegam que o tema não é abordado em sala de aula. No entanto a escola tem parceria com os projetos Proerd e "Previna, Sua Escola Sem Drogas", este ano de 2014 a abordagem voltou-se principalmente a *Cannabis* por medo de que as discussões sobre a fitoterapia influenciassem o consumo e o tráfico de maconha. Devido a iniciativa da escola com a ação desses projetos 90% dos alunos apresentam conhecimento de que maconha vicia e que é prejudicial a saúde.

O fato de 68% responderem que maconha (*Cannabis*) deve ser de uso recreacional e indiscriminado justifica-se por não terem conhecimento destas palavras, pois entrou em discordância com a afirmação acima. E o fato de 55% não terem conhecimento da sua utilidade no tratamento de tumores e pós-quimioterápico reforça o preconceito e a resistência contra abordar a fitoterapia não por discordarem ou desacreditarem nela, mas por medo de que essa abordagem venha a influenciar o uso de drogas. Então os alunos buscam se informar em outros meios estando sujeitos a informações erradas e mal interpretadas o que pode vir a influenciar o consumo e o tráfico prejudicar a fitoterapia com *Cannabis*.

REFERÊNCIAS

ADADE, MARIANA; MONTEIRO, SIMONE. **Educação sobre drogas: uma proposta orientada pela redução de danos.** Revista Educ. Pesqui., São Paulo, v. 40, n. 1, p. 215-230, jan./mar. 2014.

ALMEIDA, Priscila Previato et al. Revisão: funcionamento executivo e uso de maconha. **Revista Brasileira de Psiquiatria,** São Paulo, v.30, n. 1, p.69-76, 30 jan. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1516-44462008000100013&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 03 jan. 2014.

ANDRADE, F. T. **As consequências do consumo da maconha no comportamento e na aprendizagem dos adolescentes de escolas públicas**. 2009. Monografia (Graduação) – Curso de Ciências Biológicas Faculdade Patos de Minas (FPM), Patos de Minas, p. 18, 2009.

BAESSO, Daniel Cesário. **Cannabis: Geografia econômica e política**. 2013. 120 f. Monografia (Bacharel) - Curso de Geografia, Departamento de Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013. Disponível em: <http://www.ufjf.br/latur/files/2011/07/Cannabis-_Geografia_econômica_e_política.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2014.

BARRETO, Luiz André A. S. **A maconha (Cannabis sativa) e seu valor terapêutico**. 2002. 37 f. Monografia (Graduação) - Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Departamento de Faculdade de Ciências da Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2002. Disponível em: <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/2435/2/9760798.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2013.

BRANDALISE, Camila; PEREZ, Fabíola. Maconha medicinal no brasil. Sd: **Isto é**, v. 20, n. 50, 23 maio 2014. Semanal. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/364676_MACONHA+MEDICINAL+NO+BRASIL>. Acesso em: 19 set. 2014.

BRASIL, Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas. **Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas.** 6. ed. Brasília: Ministério da Justiça, 2014. 212 p. disponível em: <http://educadores.senad.gov.br/images/Livro_texto_Cursode_Prevencao_completo.pdf. Acesso em: 05 nov. 2014.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF/ Secretaria de Educação Fundamental, 1998. 436 p. disponível em:<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2014.

CAGNI, Priscila Lelis. **Efeitos de ligantes do receptor canabinoide CB1 nos comportamentos de ansiedade e na hipervigilância induzida por cocaína em mico estrela.** 2012. 158 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências D Saúde, Departamento de Programa de Pós- Graduação da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11526/1/2012_PriscilaLelisCagni.pdf>. Acesso em: 26 out. 2013.

CARLINI, Elisaldo Luis de Araújo; Orlandi-Mattos, Paulo Eduardo. Cannabis sativa l (maconha): medicamento que renasce?. **Bsbm (brasiliamedica),** Brasília, DF, v. 4, n. 48, p.409-415, fev. 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/CARLINI_art_esp_cannabis_sativa_l_2012%20(1).pdf>. Acesso em: 01 nov. 2014.

CLARK, Julia Helena Rosauro. **Estudo sobre a participação de receptores canbinoideshipocampais na retenção da memória de reconhecimento**. Março,2008. 69 f. Tese (Mestrado) - Curso de Pós Graduação em Neurociências, Departamento de Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/13854/000655658.pdf?sequence=1>. Acesso em: 13 out. 2013.

COSTA, Humberto. **A politica do ministério da saúde para a atenção integral ao usuário de álcool e outras drogas**.2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. 66 p. (B - textos básicos de saúde). Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/212433036/A-politica-do-ministerio-da-saude-para-a-atencao-integral-a-usuarios-de-alcool-e-outras-drogas>. Acesso em: 01 nov. 2014.

CRIPPA, José Alexandre et al. Efeitos cerebrais da maconha – resultados dos estudos de neuroimagem. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, Ribeirão Preto, Sp, v. 27, n. 1, p.70-78, 27 mar. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462005000100016. Acesso em: 10 set. 2013.

CRIPPA, José Alexandre S.; ZUARDI, Antonio Waldo; HALLAK, Jaime E. C. Uso terapêutico dos canabinoides em psiquiatria. **Revista Brasileira de Psiquiatria,** Ribeirão Preto, Sp, v. 32, supl. 1, p.56-66, maio 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v32s1/a09v32s1.pdf>. Acesso em: 10 set. 2013.

CRUZ, Ana Luísa Mayer Rodrigues Vera. **Cannabis e Doença Mental**. 2013. 32 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Medicina, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Maio, 2013. Disponível em: <http://www.fcsaude.ubi.pt/thesis/upload/0/1199/a21254_4974pdf.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2014.

FIGUEIRA, Mafalda D'almeida Matono Saias. **A Canabis Medicinal no Ordenamento Jurídico Português.** 2010. 87 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Direito, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, s.d. Disponível em: <http://run.unl.pt/bitstream/10362/6818/1/Figueira_2011.PDF>. Acesso em: 23 mar. 2014.

FIORAVANTI, Carlos. Extraído da maconha, canabidiol age contra ansiedade e outros distúrbios mentais. **Revista Pesquisa Fapesp: afinação cerebral,** Sd, ed. 125, p.37-41, 11 jul. 2006. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2006/07/036-041-farmacologia.pdf>. Acesso em: 10 set. 2013.

JUNGERMAN, Flavia S.; LARANJEIRA, Ronaldo; BRESSAN, Rodrigo A. Maconha: qual a amplitude de seus prejuízos? **Revista Brasileira de Psiquiatria,** São Paulo, v. 27, n. 1, p.5-6, 3 mar. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462005000100003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt&userID=-2>. Acesso em: 5 out. 2013.

MAFFRA, Filippe Arlem Oliveira. **Droga Disfarçada de Estudante**. 17 ed. São Paulo: Previna, 2012. 145p.

MONTEIRO, Simone Souza; VARGAS, Eliane Portes; REBELLO, Sandra Monteiro. Educação, prevenção e drogas: resultados e desdobramentos da avaliação de um jogo educativo. **Educ. Soc.,** Campinas, v. 24, n. 83, p.659-678, ago. 2003. Disponível em: http://www.cedes.unicamp.br. Acesso em: 27 abril. 2014.

OLIVEIRA, Leandro Jorge Nunes de Carvalho. **Sistema endocanabinóide e neuroprotecção no sistema nervoso central.** 2009. 99 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Medicina, Departamento de

Área Científica de Farmacologia, Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, Portugal, 2009. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/16222/1/Sistema Endocanabinóide e neuroprotecção no SNC.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2014.
ORZIL, Camila de Lima. **A percepção dos agentes e alunos do Proerd sobre o programa**. 2010. 44 f. Monografia (Especialização) – Curso de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010. Disponível em:<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-9BDG95/monografia_final_12_12_10.pdf?sequence=1>. Acesso em: 08 dez. 2014.
RIBEIRO, M.; Marques, A. C. P. R. Abuso e Dependência - Maconha. **Projeto Diretrizes: Associação Médica Brasileira e Conselho Federal de Medicina,** São Paulo, p.87-95. Publicado pela secretaria de saúde do estado de São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.projetodiretrizes.org.br/projeto_diretrizes/006.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2013.
RIBEIRO, Wânier Aparecida. **Abordagens Pedagógicas de Prevenção do Uso Indevido de Drogas por Adolescentes: da Prática da Opressão à "Prática da Liberdade".** 2001. 196 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 20012001. Disponível em: <file:///H:/tese.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2014.
SAAD, Luisa Gonsalves. **"FUMO DE NEGRO": a criminalização da maconha no Brasil** (c. 1890-1932). 2013. 139 f. Dissertação (Pós-Graduação) - Curso de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Programa de Pós Graduação em Historia, Universidade Federal da Bahia, Salvador - Ba, 2013. Disponível em: <http://www.ppgh.ufba.br/wp-content/uploads/2013/09/Fumo-de-Negro.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2013.
SILVA, Juliana Almeida. **Estudo Neurofarmacológico da Interação entre Circuitos Endocanabinoides e Opioides da Substância Negra, Parte Reticulada, Sobre Atividade da Via GABAérgica Nigro-Tectal, e de seu Papel na Modulação da Analgesia Induzida pelo Medo Inato.** 2011. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Medicina, Departamento de Farmacologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/JAS.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2013.
SOUZA, Jorge Emanuel Luz. **Sonhos da diamba, controles do cotidiano:** uma história da criminalização da maconha no Brasil republicano. 2012. 195 f. Tese (Doutorado) - Curso de Historia, Departamento de Programa de Pós-graduação em Historia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: <http://www.ppgh.ufba.br/wp-content/uploads/2013/09/Sonhos-da-Diamba-Controles-do-Cotidiano.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2014.
SPINDOLA, Daiana Botelho. **Fitoterápicos:** oportunidades, desafios e controle sanitário. 2012. 18 f. Monografia (Especialização) - Curso de Vigilância Sanitária, Departamento de Instituto de Estudos Farmacêuticos e Pontifícia, Universidade Católica de Goiás, Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.cpgls.ucg.br/8mostra/Artigos/SAUDE E BIOLOGICAS/FITOTERÁPICOS OPORTUNIDADES, DESAFIOS E CONTROLE SANITÁRIO.pdf>. Acesso em: 02 set. 2014
TIBA, Içami. **Juventude e Drogas: Anjos caídos**. São Paulo: Integrare Editora, 2007. 327 p.
TIBA, Içami. **Pais e educadores de alta performance**. São Paulo: Integrare Editora, 2012. 219 p.
TRIANA, Bruna Nunes da Costa; OLIVEIRA, Lucas Amaral. **Juventude e drogas: uma outra abordagem**. Ciências Sociais da UEL. 15 f. Sd. 2008. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-estudo/gaes/pages/arquivos/ARTIGO%20JUVENTUDES%20E%20DROGAS%20-%20BRUNO%20E%20LUCAS%20gt%202.pdf. Acesso em: 02 de Agosto 2014.
ZANCANARO, Ivomar. **Análise de substâncias psicoativas em fluido oral de condutores brasileiros por cromatografia líquida de alta eficiência acoplada à espectrometria de massas (lc-ms/ms).** 2012. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Ciências da Saúde, Departamento de Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11655/1/2012-IvomarZancanaro.pdf>. Acesso em: 30 out. 2013.

CONTRIBUIÇÕES DOS CONTOS DE FADA NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DO 1° ANO, ANOS INICIAIS, DO ENSINO FUNDAMENTAL I DE UMA ESCOLA EM JOÃO PINHEIRO-MG

Ludimila Cunha de Oliveira [*]

Maria de Lourdes de Aguiar Ferreira[**]

Resumo: Este artigo visou analisar as contribuições dos contos de fada no processo ensino aprendizagem no 1° ano, anos iniciais, do ensino fundamentalde uma escola de João Pinheiro-MG no ano de 2014; apresentar como surgiram, quais as características e os principais autores dos contos de fadas; analisar as contribuições dos contos de fadas como instrumentos de aprendizagem nas escolas. Para a realização da proposta de investigação, buscou-se a pesquisa qualitativa. Fez-se pesquisa bibliográfica que serviu de embasamento para a pesquisa, posteriormente entrevista com a professora regente da turma em estudo.

Palavras-chave: Contos de Fadas . Crianças. Contribuição. Ensino/Aprendizagem

Abstract: This article aimed to analyze the contributions of fairy tales in the learning process in the 1st year, early years, primary education do i of a school João Pinheiro -MG in 2014; present as emerged, the characteristics and the main authors of fairy tales; analyze the contributions of fairy tales as learning tools in schools. To carry out the research proposal, we attempted to qualitative research. A bibliography research that formed the basis for the search later interview with the ruling class teacher in study.

Keywords: Fairy Tales. Children. Contribution. Teaching / Learning

INTRODUÇÃO

Desde muito pequenos somos apresentados a um mundo de fantasia, mundo esse, cujos ouvintes ou leitores passam a ser príncipes ou princesas, bruxos(as), fadas ou até mesmo animais. Personagens que usam a inteligência para vencer a força e o bem vencer o mau, enfim cada um pode se tornar o que quiser. Este mundo maravilhoso, fantástico ou misterioso vem dos contos de fadas orais contados pelos pais, avós, babás, enfim daqueles que nos cercam.

[*] Graduada em Pedagogia pela Faculdade Cidade de João Pinheiro – FCJP. E-mail: ludmila@raimundocontabilidade.com.br

[**]Graduada em Letras pela Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG/Faculdade de Filosofia e Letras de Diamantina – FAFIDIA; Especialista em Letras pela Fundação Superior de Passos/ Faculdade de Filosofia de Passos; Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade Cidade de João Pinheiro – FCJP; Especialista em Metodologia do Ensino e Tecnologia par Educação a Distância pela Faculdade Cidade de João Pinheiro – FCJP; Pós-graduanda em Revisão de Texto pela UNYLEYA.Professora e Ouvidora da Faculdade Cidade de João Pinheiro – FCJP, Professora de Redação do Colégio Cenecista de João Pinheiro, efetiva na Rede Estadual de Minas Gerais Professora como professora de Língua Portuguesa. E-mail: mlourdesfcjp@hotmail.com

Incialmente eles têm como finalidade entreter as crianças, educar, pregar valores, pois os maus são castigados, as mocinhas têm que ter bom comportamento, serem humildes, passar por provações para encontrar o príncipe encantado para ser feliz para sempre, já os mocinhos aprendem a ser valentes, passam por desafios inimagináveis, mostram-se verdadeiro heróis que salvam famílias e a moça amada, atos para serem, também, felizes para sempre.

No entanto, o mundo encantado da literatura está sendo trocado pelos meios tecnológico.

> Tudo vem à nossa casa via on-line. A relação com a realidade concreta, com seus cheiros, cores, frios, calores, pesos, resistências e contradições é medida pela imagem virtual que é somente imagem. O pé não sente mais o macio da grama verde. A mão não pega mais um punhado de terra escura. O mundo virtual criou um novo habitat para o ser humano, caracterizado pelo encapsulamento sobre si mesmo e pela falta do toque, do tato, do contato humano. (BOFF, 1999, p.11).

Comos avanços tecnológicos mais presentes como jogos, bate-papos e mensagens que disputam o toque mais rápido, as famílias vêm perdendo o hábito de contar histórias, assim como as crianças perdendo a paciência de ouvi-las. É somente nos meios educacionais que esse hábito perdura, pois são usados para alfabetizar, para ensinar a ler e produzir textos.

Foi em um desses meios educacionais, ao presenciarmos a forma lúdica de contar e recontar os contos com o projeto "Pais contadores de história" que surgiram os seguintes questionamentos: Quando e como surgiram os contos de fadas?, Quais os principais autores?, Quais as características dos contos de fadas?,Qual a contribuição dos contos de fadas para a aprendizagem das crianças?, A leitura ajuda as crianças superarem as dificuldades no dia a dia da sala de aula?, Como a professora explora a ética e a moral contidas nos contos de fadas?

Depois dos questionamentos surgiu o interesse de pesquisar sobre o tema: Contribuições Dos Contos De Fada No Processo Ensino Aprendizagem No 1° Ano, Anos Iniciais, Do Ensino Fundamental I De Uma Escola De João Pinheiro-MG No Ano De 2014 com objetivo de analisar as contribuições do conto no ensino/aprendizagem de crianças do 1º Ano do Ensino Fundamental, Anos Iniciais; apresentar como surgiram, quais as características e analisar as contribuições dos contos de fadas como instrumentos de aprendizagem nas escolas.

A Escola, escolhida para a pesquisa, localiza-se em local privilegiado no Centro da João Pinheiro-MG, esta, por sua vez, está localizada no noroeste mineiro, tem de extensão territorial 10.717 km^2, por isso é considerada o município de maior em extensão territorial de Minas Gerais. Tem como Características geográficas uma área 10 716,960 km^2, comportando uma população 45.260 habitantes de acordo com o (IBGE/2010).

Para a realização da proposta de investigação, buscou-se a pesquisa qualitativa. Fez-se pesquisa bibliográfica, revisitando os pressupostos teóricos acerca dos contos, desde as suas origens. Em um primeiro momento os principais estudiosos sobre o assunto foram Coelho (2004), Coelho (2005) Zilberman (2005), SEE-MG - Decretaria de Educação do Estado de Minas Gerais – (2002) Câmara Cascudo (2006) que serviram de embasamento para a pesquisa.

1.1 quando e como surgiram os contos de fada

No começo, os contos ainda não eram de fadas. As histórias originais pouco lembram as histórias que conhecemos hoje e, em sua maioria, apresentavam enredos assustadores que dificilmente fariam sucesso nos tempos atuais. Isso porque hoje respeitamos e conhecemos o significado da palavra infância.

De acordo com Franz (1990, p. 15) "impossível determinar um país somente onde os contos de fadas teriam se originado e que diferentes contos poderiam provir de diferentes países", no entanto segundo Coelho (2000, p.175) diz que: "Os primeiros contos de fadas teriam surgido entre os celtas, povos bárbaros que, submetidos pelos romanos (séc. II a.C./séc.I da era cristã)"

> Aquele que lê ou escuta essas histórias – já que se trata muitas vezes de tradições orais – adere totalmente àquilo que lê ou escuta, pelo menos durante o tempo da leitura ou da audição. Não põe em questão o que está escrito ou o que está sendo contado. Como escreve Jean Paul Sartre, 'se estou invertido, em um mundo invertido, tudo me parece direito'. (LAPLANTINE e TRINDADE, 2003, p. 31-32)

Surgidos da oralidade, herança de diversos cantos do mundo os contos revelando em si um mundo de magia, fantasia, mistério, o sobrenatural, a ilusão e a realidade, assim os contos adentraram no seio familiar e escolar dos brasileiros. "{...} Todos sabiam contar histórias. Contavam com gestos de evocação e desenhos mímicos com as mãos. Com as mãos amarradas não há criatura vivente para contar uma história..." (CASCUDO, 1984, p. 15) e ainda para Cascudo, "[...] contos, lendas, mitos, adivinhações, provérbios, parlendas, cantos, orações, frases feitas, tornadas tradicionais ou denunciando uma estória, enfim todas as manifestações culturais, de fundo literário, transmitidas por processos não gráficos". (CASCUDO, 2006, p. 333)

No momento em que se lê ou ouve um conto, foge-nos a realidade, cria-se apenas uma expectativa do que estar por vir no desenrolar do enredo.

> Muitos deles foram depois recolhidos em antologias por estudiosos, com maior ou menor fidelidade à versão original de seus contadores e contadoras. Em vários casos, foram recontados e reelaborados, ora ganhando qualidade literária nas novas roupagens (...) (MACHADO 2010, p.9).

Os contos são muito importantes até mesmo para serem relembrados como as pessoas viviam e termos uma visão de como eram educadas as crianças nos séculos anteriores.

Os contos inicialmente não tinham sempre um final feliz, eles foram sendo adaptados para o bem ou para o mal, seguindo o percurso histórico e cultural da sociedade em que era contado. Mesmos queos personagens não despertassem muito interesse devido às características assustadoras de alguns, das maldades estabelecidas. O que não acontece na atualidade, pois estão cada vez mais modernos, contudo eles ainda têm o objetivo de passar sentimentos, anseios e perda do medo, valor ético e moral.

> Os contos, assim como as lendas, os mitos e as fábulas são tipos de narrativas originárias desde as mais antigas civilizações. Esses povos, através das histórias que contavam, passavam ensinamentos e preservavam sua cultura. Graças à tradição oral e, mais tarde, ao texto impresso, a arte de contar histórias foi passada de geração a geração, constituindo, até os dias de hoje, importantes fontes de informações para entendermos a história das civilizações[10].

"Os contos de fadas fazem partes desses livros eternos que os séculos não conseguem destruir e que, a cada geração, são redescobertos e voltam a encantar leitores ou ouvintes de todas as idades" (COELHO, 2004, p.21). Da tradição oral, hoje, escrito, lê-se, dentre outros, os contos fantásticos, maravilhosos e de mistério, todos com estilos próprios daqueles que os escreveram, tais como os inesquecíveis Esopo, Charles Perrault, Hans Christiam Andersem, La'Fontaine e os irmãos Grimm.

1.3 Os contos de fada e suas características

O conto é um texto narrativo centrado em um relato referente a um fato ou determinado acontecimento. Sendo que este pode ser real, pois podem ser baseados em notícia jornalística, um evento esportivo, dentre outros. Podendo também ser fictício, ou seja, algo resultante de uma invenção.

> O conto é uma narrativa de extensão menor, se diferencia do romance e da novela, outras duas espécies de narrativas, não só pelo tamanho, mas também por sua estrutura. O conto é uma amostragem, um flagrante ou instantâneo de um episódio vivido pelos personagens. Tendo um núcleo de ação, um fio de interesse conduzindo os acontecimentos. O conto é considerado o embrião do romance (SEE-MG, 2002, p.39).

Ele apresenta-se condensado, sucinto, com um único conflito que norteia toda narração. Cada um em suas especificidades cria no leitor sensação de satisfação, assombro, temor, desconcerto e de admiração dependendo do gênero do conto contado pode ser fantástico, maravilhoso ou misterioso.

1.3.1 O Conto Fantástico

O enredo do conto fantástico traz em si uma mistura do real e do fantástico, ligando o fictício ao real. Nesse enredo as ações são inusitadas, estranhas, incialmente enigmáticas. "(...) fazendo surgir, no seio do próprio cotidiano por ele (racional) vigiado e codificado, o inexplicável, o sobrenatural – o irracional em suma" (PAES, 1985, p.190).

> O realismo mágico, na sua configuração, viola esses padrões realistas de representação literária, ao tornar naturais os elementos sobrenaturais. Essa categoria literária se diferencia assim da ficção fantástica, que utiliza a incerteza e a ambiguidade para envolver o leitor num ambiente de mistério, inexistente no realismo mágico, em que não há hesitação, uma vez que os eventos considerados irreais fluem naturalmente (LOPES, 2008, p. 382).

[10] Efeitos simpatomiméticos: que reproduz os efeitos provocados pela estimulação dos nervos simpáticos.

O conto fantástico envolve tanto o leitor que esse acredita ser o irreal real, seres que aparecem e desaparecem como realmente algo comum, são processos sobrenaturais vistos naturalmente como se esses fossem comuns em seu dia a dia, porém inexplicáveis.

> O fantástico contenta-se em fabricar hipóteses falsas (o seu "possível" é improvável), em desenhar a arbitrariedade da razão, em sacudir as convenções culturais, mas sem oferecer ao leitor, nada além da incerteza. A falácia das probabilidades externas e inadequadas, as explicações impossíveis – tanto no âmbito do mítico – se constroem sobre o artifício lúdico do verossímil textual, cujo projeto é evitar toda asserção, todo significado fixo. O fantástico "faz da falsidade o seu próprio objeto, o seu próprio móvil" (CHIAMPI, 1980, p. 56).

A narrativa fantástica do conto mostra-nos uma realidade ilógica, exposta dentro de uma lógica. O narrador exibe um mundo fantástico de tal modo que o leitor/ouvinte submerge no mundo dos personagens e tem uma visão ambígua dos acontecimentos. Lovecraft (Apud Santos, 2008, p. 372) afirma que "Nós podemos dizer, de maneira geral, que uma estória fantástica que pretenda ensinar ou produzir um efeito social ou, na qual o horror é explicado por meio de regras naturais, não é um conto genuinamente de grande medo". Ainda para o autor não se deve julgar um conto pela finalidade de quem o escreve, contudo por seu grau de emoções mais incomum.

Apesar parecer temeroso, os contos fantásticos trazem em si emoção, as bruxas que aparecem em seu enredo, têm ações que não causam traumas, pois podem ser revertidas, podem ser desfeitas até mesmo no mundo irreal.

1.3.2 O Conto Maravilhoso

A narrativa maravilhosa do gênero textual conto busca preconizar em suas narrativas uma problemática social, destacando a parte material, sensorial e ética do ser humano, e parte da miséria ou da necessidade de sobrevivência do personagem central. Neste tipo de conto, o herói ou anti-herói se realiza com bases materiais de sua vida socioeconômica. Ao contrário da "poética da incerteza", calculada para obter o estranhamento do leitor, o realismo maravilhoso desaloja qualquer efeito emotivo de calafrio, medo ou terror sobre o evento insólito (CHIAMPI, 1980, p. 56).

> ... a maravilha é (está) (n)a realidade. Os objetos, seres ou eventos que no fantástico exigem a projeção lúdica de suas probabilidades externas e inatingíveis de explicação, são no realismo maravilhoso destituídos de mistério, não duvidosos quanto ao universo de sentido a que pertencem. Isto é, possuem probabilidade interna, têm causalidade no próprio âmbito (CHIAMPI, 1980, p. 56).

É uma magia incorporada no mundo real, que, às vezes, o leitor resolve mesmo antes do seu desfecho, pois dentro do contexto narrativo é possível de acontecer sem mistério ou dúvida.

1.3.3 O Conto Misterioso

Nascidos dos contos maravilhosos, os contos misteriosos trazem em seu enredo a magia do mistério. São ações que não podemos afirmar existir ou que venha acontecer na realidade. Os personagens entram em conflito com fantasmas, com almas. São interpelados por assombrações que querem transmitir algo do passado ou predestinar algo.

> Desse maravilhoso nasceram personagens que possuem poderes sobrenaturais; deslocam-se contrariando as leis da gravidade; sofrem metamorfoses contínuas; defrontam-se com as forças do Bem e do Mal personificadas; sofrem profecias que se cumprem; são beneficiadas com milagres; assistem a fenômenos que desafiam as leis da lógica, etc. (COELHO, 2000, p. 172)

Se na narrativa maravilhosa sempre aparece uma fada, um príncipe para solucionar os problemas das princesas e salvá-las das bruxas que são bruxas desde o início da narrativa, o conto misterioso apresenta os personagens que são beneficiados com milagres, com fenômenos sobrenaturais. Com isso as crianças se deixam levar pela curiosidade e sua imaginação torna-se mais efetiva, comparam as ações dos contos misteriosos aos causos contados, para pregar o medo, por pais ou avós.

1.4 Os contos de fada como instrumento da aprendizagem na educação infantil nas escolas.

De acordo com o RCNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil):

> é também por meio da possibilidade de formular suas próprias questões, buscar respostas, imaginar soluções, formular explicações, expressar suas opiniões, interpretações e concepções de mundo, confrontar seu modo de pensar com os de outras crianças e adultos, e de relacionar seus conhecimentos e ideias a contextos mais amplos, que a criança poderá construir conhecimentos cada vez mais elaborados".(BRASIL, 1998, p.172).

As histórias e os contos de fadas são de suma importância no processo ensino aprendizagem das crianças, principalmente quando trabalhados desde a educação infantil que é a base para a construção da aprendizagem. Depois de contar uma história, o professor deve conduzir a criança a criar ou representar com seus colegas a mesma história ou outra que ela mais goste, pois assim ela se embrenha no mundo mágico e fantástico da atuação de cada personagem. E isso favorece o seu desenvolvimento cognitivo e sócio afetivo, sendo uma forma excelente de auxiliar no processo ensino aprendizagem.

Oconto é uma experiência estética democrática por salientar os bens simbólicos e reabilitar o fantástico, promovendo uma relação íntima entre contador e ouvinte que valoriza a palavra humana e traz o calor de uma presença, que não se encontra nos outros meios de comunicação. (PATRINI, 2005, p. 4).Assim, o conto de fadas, como forma de aprendizagem, contribui para que a criança desenvolva sua capacidade criativa e competência em contar e ouvir histórias com sentido completo, mostrando capacidades de criatividade sem inibições, colocando nas palavras ou frases, suas emoções, anseios relacionados ao seu cotidiano.

Ele, o conto, na educação tem toda uma característica para que o aluno ao ouvi-lo, construa, através de suas fantasias, seu conhecimento para uma vida em sociedade. A magia envolvente da voz do professor que imita cada personagem leva a criança a uma viagem imaginária. O quanto lhe ouvimos contar, segue, lentamente ao nosso lado, nas horas tranquilas e raras de alegria serena. (CASCUDO, 1986, p. 16).

Por isso o trabalho do professor, deve ser sempre renovado pedagogicamente recriando as narrações com magia e encantamento, para prender a atenção da criança, pois escutar, compreender, viver a magia da história é um bom caminho para a descoberta e para a compreensão de mundo. Laplantine e Trindade (2003, p. 27): "O imaginário, ao libertar-se do real que são as imagens primeiras, pode inventar, fingir, improvisar, estabelecer correlações entre os objetos de maneira improvável e sintetizar ou fundir essas imagens".

De acordo com Freire, (1996, p.20) "Qualquer texto necessita que o leitor ou leitora a ele se entregue de forma crítica crescente e curiosa". Pois, como se sabe a curiosidade é aguçada e é com entusiasmo que se desperta na criança o fascínio pela magia dos contos de fadas, envolvendo o senso crítico na construção do seu conhecimento sem esforço e com prazer.

> Se tivéssemos que resumir em poucas palavras a mensagem geral que as histórias nos proporcionam, essas palavras poderiam ser: "vocação de independência, intrepidez e generosidade", pois os contos celebram a confiança perplexa do homem em si mesmo e dos homens no que todos os homens têm de humano, porque permite a troca de posições, o estímulo ao sonho de infância e as aspirações de adolescência que nos acompanhará por toda vida: necessidade de independência e intrepidez, que sempre perdem, tornando o herói ou a heroína mais atraente para a criança (GABRIOTTI, 2003 p.10).

Os momentos de descontração e prazer propiciados pelos contos e histórias, mesmo os alunos tendo contato diariamente com as novas tecnologias, são impregnados magicamente na mente dos mesmos como uma atividade lúdica e propícia a construção do conhecimento. Por isso pode-se dizer que o conto infantil é uma necessidade na vida da criança, por ser uma forma de ordenar sua fantasia, criando um amplo e significativo espaço aberto às emoções e a imaginação, ajudando-a conhecer a si própria e a construir conceitos de acordo com suas facilidades de aprendizagem. Nada melhor que ter essas formas de auxilio que é o conto para trazer para a vida das crianças proveitos e sentimentos que contribuem para um desenvolvimento melhor.

É importante salientar que para o conto ser compreendido pela criança com prazer é preciso entrar em um clima de encantamento, no qual os personagens dancem nas mentes inocentes das crianças, pois estão sendo preparados para serem futuros leitores e contadores de histórias e terão que aprender a ter graciosidade, admiração para que também prendam a atenção de sua plateia.

O universo do conto é tão amplo e diversificado que pode envolver o aluno, fazendo com que através da imaginação ele seja capaz de encontrar respostas para seus anseios e necessidades. Principalmente se ele for inibido, pode manifestar seus desejos e medos, suas esperanças e alegrias, pois sua imaginação segrega fatos de histórias lidas ou contadas, facilitando assim a aprendizagem e o seu desenvolvimento cognitivo em outras áreas da vida e

nas atividades escolares, porque daí surge à descontração, a desinibição e a vontade de aprender cada vez mais.

"A leitura tornou – se hoje, uma ferramenta indispensável à vida em sociedade, mesmo que não levemos em conta qualquer preocupação cultural" (CHARMEUX, 2000, p.14). Devido ao grande avanço tecnológico, o momento fantástico e o deslumbramento pela internet, celulares cada vez mais avançados, a leitura que despertava a curiosidade da criança foi desaparecendo. Surge então a necessidade de resgatar a arte de contar contos, para que a criança construa seu conhecimento, visto que a leitura proporciona momentos inenarráveis de prazer à criança que libera seus pensamentos, sonhos, viagens imaginárias que com a chegada das novas tecnologias deixou de existir.

E a leitura do conto é uma arte que encanta e cria uma ponte entre a realidade e o imaginário, proporciona novas descobertas, novos mundos, novas perspectivas de ver, sentir e viver a vida. No espaço sobrenatural não existe tempo real, tudo acontece de repente e justamente, com total arbítrio do acaso. "Os personagens existem, mas não foram criados por leis humanas. São, antes, fenômenos naturais. Por isso são seres encantados" (MACHADO, 1994, p. 43).

Geralmente o conto faz com que a criança, através do seu imaginário, construa sua própria história, nela está contida seus referenciais como anseios, curiosidade, alegrias, sonhos misturados à sua realidade.

Ouvindo contos, o aluno manifesta prazer, alegria e outros sentimentos, pois é um momento de descontração que conduzirá a liberação de sua capacidade de inovar exercitando cada vez mais o processo de ensino aprendizagem.

Pensar na história e no conto de fadas sob o ponto de vista da aprendizagem é pensar que existe todo um mundo de relações entre a criança que ouve e o adulto que narra. Neste intermediário entre a história e seu conteúdo a criança tem oportunidade de brincar com os elementos misteriosos da vida sob aprovação do adulto.

O conto literário deve ser apresentado de forma clara, utilizando, gravuras, fantoches, slides, voz personalizada, mímicas, gestos graciosos sem perder o sentido da história e sua originalidade, de modo que a mensagem seja passada ao ouvinte e desperte nele as emoções relacionadas aos acontecimentos que vão se desenrolando. Por isso é importante que a contação de contos comece pela educação infantil, pois é uma experiência significativa para a construção da aprendizagem.

Eles são importantes, através deles as crianças têm possibilidades de viver uma infância mais plena. A história proporciona o desenvolvimento do pensamento lógico da criança que exige unidade, coerência e originalidade entre os elementos da narrativa, independente do que ela seja: se fantástica, maravilhosa, misteriosa ou realista.

O imaginário da criança faz distinção entre personagens reais (humanos) no caso do teatro, da dramatização, ou simbólicos (bichos, plantas, objetos) quando ouve uma fábula, uma lenda, um apólogo que possuam traços nítidos, desenvolvendo assim o seu conhecimento de mundo.

Ao pensar no proveito do conto no processo de ensino aprendizagem, percebemos uma afinidade entre o locutor e o interlocutor que por sua vez brinca e se diverte com os personagens que são misteriosos, mágicos, fabulosos, misteriosos, relaciona-os com a

realidade despertando sua capacidade criadora ao ouvir ou ler, pois procura o significado de palavras e frases as vai reunindo na mente, o que a desperta lenta ou rapidamente a criação, o desenrolar de outros acontecimentos que poderão brotar os mais diversificados detalhes que farão a criança viajar na em imaginação e recriar novas e semelhantes histórias. Isso facilitará, em todos os aspectos, o ensino aprendizagem de outras atividades pedagógicas curriculares sem grandes esforços, pois surge a descontração, a desinibição e a vontade de evoluir e mostrar cada vez mais sua capacidade cognitivas.

De acordo com Coelho (2005, p.25).

> Os contos de Andersen, resgatados do folclore nórdico ou inventados mostram as saciedades às injustiças que estão na base da sociedade, mas ao mesmo tempo, oferecem o caminho para neutralizá-las: a fé religiosa. Como bom cristão Anderson sugere a piedade e a resignação, para que o céu seja alcançado na eternidade. Anderson passou a história como à primeira voz autenticamente romântica a contar histórias para crianças e a sugerir padrões de comportamento a serem adotados pela nova sociedade que naquele momento se organizavam.

Por isso é relevante que o professor ao propor contar histórias valorize os diferentes sentimentos, que não sejam violentos, por ser mais interessante destacar o bom caráter da princesa, ou a esperteza do fraco sendo mais forte que o vilão do conto.

E é nesse momento que o mundo natural e o mundo cultural começam a se relacionar na percepção da criança, fazendo com que ela observa com mais atenção o espaço global em que vive.

De acordo com Coelho (2004, p.18) "os contos abrem espaços para que as crianças deixem fluir o imaginário e despertem a curiosidade, que logo é respondida no decorrer dos contos". Por isso é necessário que ao contar uma história para uma criança utilize materiais concretos, gravuras, brinquedos para que ela se interesse pelo conto e coordene as suas ideias em sua mente, estimulando seu estado emocional e criativo.

2.1 Pesquisa e Coleta de Dados

Depois de pedir autorização à direção da escola, entregou se quatro questionários com perguntas objetivas e discursivas às quatro professoras do 1º Ano do Ensino do Ensino Fundamental I, Anos Iniciais. O questionário, segundo Gil (1999, p.128), pode ser definido "como a técnica deinvestigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadaspor escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos,interesses, expectativas, situações vivenciadas etc."

Posteriormente, fez-se a análise das respostas obtidas, que também segundo os estudos de Gil (1999, p. 166) "...A análise tem como objetivo organizar e sumariar os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para a investigação." Através das respostas, obtém-se a pesquisa qualitativa que teve como intuito interpretar a contribuição dos contos de fadas para o processo ensino aprendizagem das crianças do 1º Ano do Ensino Fundamental, Anos Iniciais.

2.1.1 Análise das Entrevistas

Tudo o que se ensina na escola está diretamente ligado à leitura e depende dela para se manter e se desenvolver. (CAGLIARI, 1999, p. 149). A leitura incentiva as crianças superarem as dificuldades no dia a dia da sala de aula, tais como a escrita e a produção de textos.

> A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa presidir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se procedem dinamicamente à compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 2000, p.11).

Para interpretar é necessário ler e ler contos aflora a interpretação, pois mexe com a fantasia, com o mundo imaginário da criança, faz com que ela desvende o implícito que está no enredo misterioso, fantástico e maravilhoso dos contos.

Das professoras entrevistadas, 100% concordam que o hábito da leitura de contos é relevante, pois é através dela que os alunos enriquecemo vocabulário, obtém conhecimento, dinamizam o raciocínio e a interpretação. De acordo com a professora da turma em estudo: "*A leitura é uma grande estimuladora de mudanças na vida da criança e com os contos as crianças viajam na imaginação, produzindo textos, participando de teatros para um desenvolvimento maior no comportamento".*

Os professores da escola em estudo oferecem e desenvolvem projetos como pais contadores de histórias para que os pais participem junto com os filhos, pois nada melhor que os pais para incentivar, para provocar emoções e fazer com que os filhos revelem seus sentimentos, suas criatividades e por meio dos contos experimentar novas emoções, novos conhecimentos.

> Assim, os contos de fadas acabaram por reforçar a auto- imagem do leitor, colaborando pra seu crescimento interior e autonomia, o que justifica não apenas a pluralidade que detêm até nossos dias, como também a permanecia das figuras principais, convertidas, de certo modo, em símbolos de comportamentos e ideias, ultrapassando, portanto, o âmbito primeiro dentro do qual foram criados (ZILBERMAN, 2005, p. 92).

O conto tem como função passar para o leitor ensinamentos, culturas diferentes, diferentes modos de ver a vida e assim contribuem para sua autonomia. Por isso é necessário que antes que o usemos como estratégia para o ensino,analisemos o que ela traz em si, para que se torne útil, facilitadora das dificuldades, estimulo para novas buscas, para novas leituras, interpretações e produções textuais.

Ainda de acordo com a professora: "A leitura é uma grande estimuladora de mudanças na vida da criança e com os contos as crianças viajam na imaginação, produzindo textos, participando de teatros para um desenvolvimento maior no comportamento" (Professora regente). As respostas da professora vêm ao encontro do que diz Freire "A insistência na quantidade de leituras sem o devido adestramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita. Visão que urge ser superada. (FREIRE. 200.p.17).

Para as estratégias do professor para explorar os valores éticos e morais contidos nas histórias dos contos de fadas as professoras 01 e 04 afirmam que "*Fazer um paralelo da vida cotidiana do aluno e os contos de fadas observando respeito, solidariedade e cidadania que são muito importantes para todos".*

Foram várias as estratégias apresentadas pelas professoras, cada uma com sua particularidade, com sua didática. Todas cuidadosamente escolhidas para não "matar" o encantamento que os enredos dos contos trazem em si. Elas preservam o encantamento do conto como diz Bettelheim "Explicar para uma criança por que um conto é tão cativante para ela destrói, acima de tudo, o encantamento do conto, que depende em grau considerável, da criança não saber absolutamente por que está maravilhada". (BETTELHEIM, 1980, p. 27).

Para finalizar perguntou-se quais as contribuições o hábito de leitura de contos de fadas podem trazer para as crianças?

> *Uma linda forma de incentivá-los a entrarem no mundo da fantasia e do faz de conta é mostrando a eles o conto como forma de auxilio nas suas dificuldades fazendo com que eles mesmos produzem uma linda produção de texto com o conto ouvido e qual é a moral do conto com isso vai está trabalhando leitura e escrita. (Professor regente 2 e 3).*

Pode-se ver, segundo as professoras, que os contos podem contribuir para a desenvoltura da leitura e da escrita. Além disso, desvencilham a criança do medo, dos anseios, contribuição essa fundamental para o cotidiano da criança, para torná-las autônomas, criticas, com a autoestima elevada. "A aprendizagem da leitura, consequentemente, era vista como inseparável das atividades de expressão, de observação, de construção" (CHARMEUX, 2000.p.19). São várias as contribuições, os contos não são apenas instrumentos para passar tempo, eles ativam o raciocínio, o vocabulário, a leitura, a escrita, instigam o imaginário, fazem com que a criança se descubra e descubra outros mundos dentro de seu mundo.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este estudo podemos perceber que os contos de fadas têm relevantes contribuições para o ensino/aprendizagem das crianças quando esses são trabalhados de forma dinâmica, quando é usado não somente para ensinar valores, mas sim para mostrar para as crianças que os desafios têm que ser enfrentados na realidade, que encontramos no mundo diversas dificuldades que não são sanadas com uma varinha de condão, que muitos finais felizes dos contos têm outros finais no nosso cotidiano.

Pudemos concluir também que linguagem metafórica dos contos e ao mesmo tempo a linguagem simples de seu enredo fantástico, maravilhoso ou misterioso propiciam a criança, com auxílio do professor, a recriação, o desenvolvimento vocabular, entender o bem e o mau.

A contribuição dos pais aliada as estratégias do professor favorecem o gosto e o hábito de forma lúdica, prazerosa. Ambos atingem seus objetivos ao ensinar, ao preparar as crianças para vida, para torná-las críticas e efetivamente capazes de interpretar o conto e a realidade.

Os questionamentos foram respondidos, pois os professores não se limitam a um só tipo de conto, as crianças mudam seus comportamentos, o que se esperado, visto que todo aprendizado gera mudanças, principalmente em crianças que são mais influenciáveis e por fim os contos são sim de suma importância para o ensino/aprendizagem das crianças, com eles as crianças ampliam seu conhecimento, passam a interpretar melhor, além de aumentar seu vocabulário e redigir com mais coerência ao criar seus próprios textos, sejam eles recontos ou criações próprias.

5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAMBERGER, Richard. **Como Incentivar o Hábito de Leitura.** São Paulo: Ática, 2006, p.10 e 28.

BETTEHEIM, Bruno. **A Psicanálise do Conto de Fadas**.tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1980, p 19, 26,27.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: Apresentação dos Temas Transversais** – Secretaria de Educação Fundamental – Brasília MEC/SEE, 1998.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra.** Petrópolis,RJ: Editora Vozes, 1999.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil.** 2 ed. São Paulo: Global, 2006.

CHARMEUX, Eveline, **Aprender a ler: vencendo o fracasso.** Tradução de Maria José do Amaral Ferreira. – 5. Ed. – São Paula: Cortez, 200. p. 14, 15.

CHIAMPI, Irlemar. **O Realismo Maravilhoso**. São Paulo: Perspectiva:1980.

CHIAPPINI, Lígia. **Ensinar e aprender com textos**. Editora Cortez. v1. São Paulo: 1997, 2005, p.11, 27.COELHO, Betty. **Contar história, uma arte sem idade.**Ed. Ática, São Paulo – SP: 2004.

COELHO, Nely Novaes. **Literatura Infantil. Teoria e Análise Didática**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2005, p.18, 25, 178.

Conhecimento de Mundo-**Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEF, 1998. Vol. III

FRANZ, Marie-Louise von.**A interpretação dos contos de fada**. São Paulo: Paulus, 1990.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2005. p 11, 2000 p 11.

GAGLIARI, Luiz Carlos. **alfabetização e linguística.** Editora Scipione, São Paulo: 1999, p 149.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LAPLANTINE, François. TRINDADE, Liana Sálvia. **O que é imaginário.** – São Paulo: Brasiliense, 2003. – (Coleção primeiros passos; 309)

LOPES, Tânia Mara Antonietti. **O Realismo Mágico em José Saramago**. São Paulo: Estudos Linguísticos 37 (3): 379-386: Setembro a Dezembro de 2008.

LOVECRAFT, H.P. **Supernatural Horror in Literature**, Dover Publications, New York,**in** Santos, Marina Pozes Pereira. **Estranho, Fantástico E Sobrenatural: Três Gêneros Ou Categorias De Um Macro-Gênero? Uerj In Iii Painel "Reflexões Sobre O Insólito Na Narrativa Ficcional": O Insólito Na Literatura E No Cinema – Comunicações.** / Flavio García; (org.) – Rio de Janeiro: Dialogarts, 2008.

MACHADO, Ana Maria (org). **Contos de Fadas**. ed. Zahar. São Paulo: Edição de bolso luxo. 2010.

PAES, José Paulo. **As dimensões do fantástico**. Gregos e Baianos. São Paulo: Brasiliense. 1985.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto. Emergência de uma prática oral**. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

PIAGET,**o diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio**/ Maria da Glória Seber. São Paulo :Scipione, 1997. (Pensamento e ação no magistério).

SEE,MG. **Formação superior de professores: modulo 3_volume1**/ SEE-MG;orgs: Maria Umbelina Caiafa Salgado, Glaura Vasques de Miranda. Belo Horizonte: SEE-MG, 2002, p.39.

VAX, Louis. **A Arte da Literatura Fantástica**, PUF, Paris, 1960, p.120.

ZILBERMAN, Regina. **A Leitura Infantil Brasileira.**Rio de Janeiro**:** Objetiva, 2005.p.92

A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NAS SÉRIES INICIAIS NO VIÉS DAS CRIANÇAS OUVINTES

Bárbara Maciel Guimarães[*]
Marilda de Souza Almeida[**]

Resumo: O presente estudo consistiu na análise da importância da contação de histórias, para alunos das séries iniciais em uma escola de João Pinheiro – MG. Visando suas principais contribuições para a alfabetização e construção da identidade da criança. Averígua-se também a necessidade do trabalho com histórias, e sua colaboração para promoção da cultura, aprendizagem e formação de leitores. E de que forma elas podem se tornar mais atrativas, despertando a atenção e interesse da criança. A pesquisa mostrou a possibilidade do trabalho com histórias e quais são as de maior interesse das crianças. De acordo com os dados coletados a contação de histórias é de suma importância para a formação da criança. Portanto a metodologia de contação de histórias é uma prática de grande relevância que contribui para enriquecer e potencializar novos saberes para a criança que está em constante processo de formação.

Palavras-chave: Contação de histórias. Alfabetização. Identidade. Criança. Formação.

Abstract: This study was the analysis of the importance of storytelling, for students of the lower grades in a school João Pinheiro - MG. Aiming his major contributions to literacy and child identity construction. It also ascertains the need to work with stories, and their collaboration for the promotion of culture, learning and training players. And how they can become more attractive, drawing the attention and interest of the child. Research has shown the possibility of working with stories and what are the higher interests of children. According to the data collected storytelling is very important for the formation of the child. Therefore the methodology telling stories is a practice of great importance that contributes to enrich and enhance new knowledge for the child who is constantly training process.

Keywords: Storytelling. Literacy. Identity. Cchild. Training.

1- INTRODUÇÃO

A presente pesquisa **"A importância da Contação de Histórias, para alunos das Séries iniciais em uma escola em João Pinheiro - MG".** Objetiva identificar as contribuições da mesma para o desenvolvimento da identidade da criança e para sua alfabetização. A pesquisa procurou identificar quais as principais contribuições que a contação de histórias proporciona no desenvolvimento da criança na fase de alfabetização, período em que a criança está em latente processo de formação.

[*]Graduação em Pedagogia pela Faculdade Cidade de João Pinheiro- FCJP. E-mail: barbaramaisjp@hotmail.com

[**]Graduação em Normal Superior - Centro Universitário de Patos de Minas - UNIPAM. Especialização em Docência do Ensino Superior – Faculdades Integradas de Jacarepaguá. Especialização em Psicopedagogia – Universidade Castelo Branco. Especialização em Supervisão Escolar – Faculdades Integradas de Jacarepaguá. Especialização em Metodologia do Ensino e Tecnologia para Educação a Distância – Faculdade Cidade de João Pinheiro. Professora Aposentada da Educação Básica – Séries Iniciais; Secretaria do Estado de Educação de Minas Gerais. Professora do curso de Pedagogia da Faculdade Cidade de João Pinheiro: Formação de Professores. E-mail professoramarildasouza@gmail.com

As histórias levam a criança a um mundo de fantasia, necessário a esta idade de estruturamento do conhecimento e ao mesmo tempo domínio da realidade, desenvolvendo o imaginário, a criatividade, e estímulo à leitura, contribuído de forma significativa para a alfabetização e formação de um ser reflexivo.

A contação de histórias faz uma ligação maior entre aluno-professor uma vez que há uma maior interação entre ambos, pois são colocadas em evidência as emoções através da oralidade do contador, prendendo a atenção da criança e trabalhando com seu emocional, despertando sua curiosidade pela narrativa.Desta forma ela irá se sentir motivada pela leitura o que consequentemente despertará reflexos em sua escrita e vocabulário, tornando-se uma pessoa questionadora. Visto que para formar leitores, antes é necessário estimulá-los, fazer com que se apaixonem pela leitura, e a contação de histórias possui este caráter apaixonante. A criança que lê e é estimulada desde pequena, certamente se sentirá mais segura e confiante nas tarefas de leitura, escrita e oralidade, o que contribuirá decisivamente para que se estabeleçam vínculos saudáveis com a comunicação.

A pesquisa foi realizada no Colégio Cenecista João Pinheiro,localizado à Rua Treze de Maio n° 1600, no bairro Jardim Bela Vista, no município de João Pinheiro. O Colégio dispõe do Ensino Regular, sendo: Ensino Fundamental I (2º ao 5º Ano), Ensino Fundamental II (6º ao 9º Ano) e Ensino Médio 1º, 2º e 3º Anos. Segundo dados do Regimento Escolar o colégio é uma unidade prestadora de serviços educacionais pertencente à Campanha Nacional de Escolas da Comunidade – CNEC / MG, sociedade civil de caráter filantrópico, sem fins lucrativos, reconhecida de utilidade pública pelo Decreto Federal n° 36.505, de 30 de novembro de 1954, com estatuto registrado sob o nº 553, livro AF – 2, no Cartório do 2º Ofício de Títulos, Documentos e Pessoas Jurídicas do Distrito Federal.

A relevância deste trabalho está na percepção da importância da prática pedagógica por meio de histórias e projetos, pois estes são de suma importância para o desenvolvimento pleno da criança. O profissional da educação deve estar habituado a utilizar metodologias diversificadas, para promover uma aprendizagem significativa. Dessa forma ele deve estar em constante processo de pesquisa, pois segundo Freire (2002) "não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino".

Através da pesquisa é que há constatação e por meio dela que se faz intervenções contribuindo deste modo para a educação. Portanto:

> A verdadeira aprendizagem é aquela construída com esforço próprio através de elaboração pessoal. Para tanto, o caminho é a biblioteca, onde é preciso munir-se de leitura farta, para dominar posturas explicativas, entre elas escolher a mais aceitável e a partir desta elaborar uma própria, mesmo que seja síntese. O segundo passo é iniciar a elaborar, devagar e sempre, fazendo tentativas aproximativas, até sentir-se mais ou menos seguro de que é capaz de dar conta de um tema(DEMO, 2001, p.64).

Conforme o mencionado a pesquisa é fundamental para o desenvolvimento do educando e do educador, e por meio da contação de histórias é possível despertar o interesse do aluno para leitura e consecutivamente pela pesquisa.

O trabalho com contação de histórias é de suma importância, pois além da ludicidade presente é uma grande ferramenta propulsora da aprendizagem, que possibilita a

ampliação dos conhecimentos da criança através da cultura presente nos textos.

Através dos diferentes tipos de narrativas e características especificas de cada uma é possível o trabalho com valores, desenvolver o imaginário da criança, senso crítico, leitura, escrita e pela própria oralidade. Todavia que a contação de histórias proporciona entretenimento e enriquecimento histórico. Constata-se que:

> Ler é questionar o mundo e ser por ele questionado; é questionar-se a si mesmo. Ler significa também construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é; significa também, ter condições de questionar o texto escrito e de construir um juízo sobre ele (FOUCAMBERT, *apud.* RAMOS, 2011, p.28).

Para se formar bons leitores é necessário antes de tudo que seja estimulado a leitura, e as narrativas só veem a acrescentar situações positivas para este período de alfabetização. A contação de histórias desperta a curiosidade, imaginário, emoções, aguçando o interesse da criança e tornam-se um momento de prazer e descontração.

A oralidade tem uma forte característica de expressividade, os gestos, entonação, figurino e escolha adequada da história com a idade da criança, faz com que ela se torne ainda mais atrativa e enriquecedora para a criança.

As histórias possibilitam as crianças a viajarem por um mundo antes escondido e a se identificarem com os personagens, favorecendo a construção de novas atitudes, separando o bem do mal e o que é o mais correto a se fazer. Desta forma as histórias propiciam na criança um amadurecimento psicológico e social.

O trabalho retrata a apresentação e análise dos dados obtidos através de pesquisa realizada com os alunos do Colégio Cenecista João Pinheiro, sendo estes do 2º, 3º, 4º e 5º Anos do Ensino Fundamental I. Investigando as preferências dos alunos pela leitura, se a contação de histórias é algo do seu cotidiano e de que forma contribui para o seu aprendizado.

2- APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Procurou-se a seguir fazer uma análise de dados sobre a contação de histórias, abordando as preferências das crianças em relação às histórias, assim como se elas possuem o hábito de leitura e quais são as histórias que mais apreciam: história em quadrinhos, parlenda, romance, comédia, ação/suspense, lenda e fábula. Para a realização da análise foram aplicados 27 questionários para os alunos da primeira fase do Ensino Fundamental, com o intuito de verificar a compreensão deles sobre as histórias e de que forma elas contribuem para sua aprendizagem.

2.1 Entrevista e análise de dados com os alunos

Para análise dos dados de forma mais sucinta a primeira pergunta foi referente ao perfil social do entrevistado, sexo.

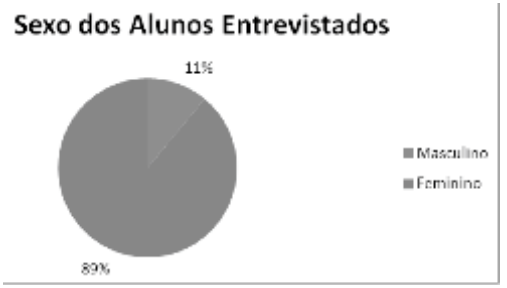


Gráfico 11: Sexo dos alunos entrevistados.
Fonte: Pesquisa Direta, 2014.

Como mostrado no gráfico1, a maior parte de alunos entrevistados foi do sexo feminino, representando um total de 89% dos alunos ouvidos. Portando a pesquisa conta em grande escala com os hábitos e preferências das meninas, visto que apenas 11% dos alunos entrevistados são do sexo masculino. Vale salientar que o estudo foi feito a partir das entrevistas, prevalecendo o gosto das meninas perante o dos meninos.

A segunda pergunta do questionário foi referente à faixa etária dos alunos. Sendo elas de 5 a 7 anos, 8 a 10 e maior de 10 anos.

Gráfico 12: Faixa Etária dos Alunos Entrevistados.
Fonte: Pesquisa Direta, 2014

De acordo com o gráfico 2 a maior parte dos alunos entrevistados tem a faixa etária de 8 a 10 anos de idade, representando um total de 74% dos alunos entrevistados, seguidos dos alunos com mais de 10 anos e em menor parte dos alunos com idade entre 5 a 7 anos. Constata-se que a pesquisa foi realizada em maior proporção com os alunos com faixa etária média de 8 a 10 anos que corresponde à faixa de idade correspondente ao término do Ensino Fundamental I.

A terceira pergunta da entrevista foi referente ao grau de escolaridade dos alunos, sendo eles 2º 3º, 4º e 5º Anos do Ensino Fundamental I.

Gráfico 13: Grau de Escolaridade dos Alunos.
Fonte: Pesquisa Direta, 2014

Conforme exposto no gráfico 3 a minoria dos alunos entrevistados foram do 2º Ano do Ensino Fundamental, evidenciando 11% dos alunos entrevistados. Os alunos do 3ºAno representaram um total de 18% dos alunos entrevistados. O 4º Ano representou 27% e o 5º Ano apresentou a maior parte dos alunos entrevistados, totalizando 44%. Portanto constata-se que foram entrevistados em maior quantidade os alunos do 5º Ano do Ensino Fundamental, pois é a última série do Ciclo de Alfabetização, devendo, nesta fase, todas as crianças estarem alfabetizadas.

A quarta pergunta foi de múltipla escolha, referente o tipo de história que eles mais gostam, sendo elas: história em quadrinhos, parlendas, romance, comédia, ação/suspense, lenda ou fábulas.

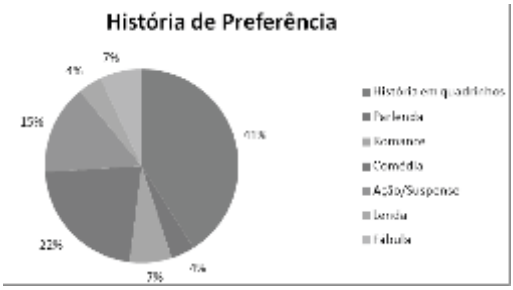


Gráfico 14: História de Preferência.
Fonte: Pesquisa Direta, 2014.

O gráfico 4 apresenta a história de preferência dos alunos, e conforme exibido a preferência maior dos alunos é por histórias em quadrinhos, comédia e ação/suspense. Nota-se que elas possuem caraterísticas semelhantes, como entretenimento, levando a informação de modo sutil e trabalhando com o emocional, proporcionando diversão, a alegria e o encantamento. A fábula e o romance ficaram com a mesma porcentagem, assim como a lenda e parlenda que representaram as histórias de menor interesse dos alunos.

Segundo o site Brasil Escola o que difere as histórias em quadrinhos das outras são:

> Ao invés do narrador, o diálogo é retratado de forma direta, representado em forma de balões, uma composição gráfica, em consonância com uma

linguagem não verbal, na qual as imagens representam um papel de destaque, de modo a promover a interação entre os interlocutores por meio de uma relação de causa e efeito (DUARTE, 2014).

Por consequência as histórias em quadrinhos promovem um interesse maior das crianças, uma vez que trabalha com diferentes linguagens proporcionando um melhor entendimento e envolvimento da criança com a história.

A quinta pergunta também foi de múltipla escolha sobre o hábito de leitura, se os alunos leem ou ouvem histórias em casa.

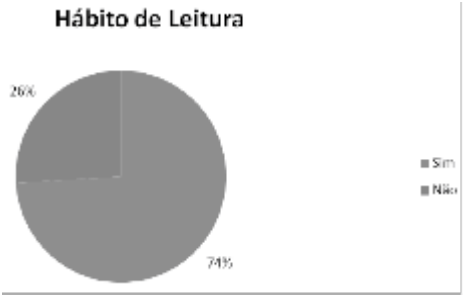


Gráfico 15: Hábito de Leitura.
Fonte: Pesquisa Direta, 2014.

De acordo com o observado no gráfico 5, 74% dos alunos entrevistados leem ou ouvem histórias em casa. Essa porcentagem é bastante significativa, uma vez que a leitura deve ser proporcionada e trabalhada com a criança desde cedo para que elas tenham um bom domínio da linguagem e escrita. A leitura é utilizada ao longo da vida, quanto mais se lê melhor compreende os significados das coisas, lugares e do mundo. Dessa forma Castelliano afirma "sem a comunicação é impossível viver. Porque sabemos que onde há vida haverá sempre algum tipo de comunicação, que é o ato de transmitir" (CASTELIANO, 2000, p.09).

Neste ponto observa-se que a leitura é um fator primordial para o desenvolvimento da oralidade, que é essencial em todas as relações cotidianas. A leitura contribui para a oralidade, assim como a boa oralidade de um contador contribui para o gosto da leitura e entendimento de mundo.

A questão de número seis levantou a seguinte indagação sobre quem conta história para o aluno, podendo ser: mãe/pai, avós, tio(a), irmão(a), lê sozinho(a) ou professor(a).

Gráfico 16: Quem Conta Histórias Para a Criança.
Fonte: Pesquisa Direta, 2014.

Conforme o gráfico 6, 38% dos alunos já leem histórias sozinhos. Essa porcentagem representa a maior parte das respostas coletadas através dos questionários aplicados aos alunos. É uma boa comparação quando se pensa que estes alunos já estão alfabetizados e se interessam pela leitura. Desta forma percebe-se também através do gráfico que este dado é um reflexo do incentivo dos pais, avós e professores, pois de acordo com a pesquisa são eles as pessoas que mais contam as histórias para as crianças. Portanto o ato de contar histórias por professores, pais e parentes mais próximos deve-se intensificar cada vez mais. Tornando–se algo do cotidiano, resgate da cultura, valores e incentivo a apreciação da leitura. Mostrando a criança como as histórias são importantes como propagação de cultura, enriquecimento histórico e entreterimento.

Mesmo que a criança esteja apta a ler sozinha é necessário um trabalho continuo de pais e professores, averiguando se a leitura está adequada à faixa etária do aluno e mostrando a importância da mesma para sua aprendizagem. De acordo com Betty Coelho "cada faixa etária de criança assim como o adulto possui um interesse diferenciado por histórias". Da mesma forma que as histórias devem respeitar a idade mental da criança. Para isso a autora utiliza-se de um quadro com a faixa etária e interesses:

Pré-escolares	Até 3 anos: fase pré-mágica 3 a 6 anos: fase mágica	• Histórias de bichinhos, brinquedos, objetos, seres da natureza (humanizados). • Histórias de repetição e acumulativas (*Dona Baratinha, A formiguinha e a neve* etc.). • Histórias de fadas.
Escolares	7 anos	• Histórias de crianças, animais e encantamento. • Aventuras no ambiente próximo: família, comunidade. • Histórias de fadas.
	8 anos	• Histórias de fadas com enredo mais elaborado. • Histórias humorísticas.
	9 anos	• Histórias de fadas. • Histórias vinculadas à realidade.
	10 anos em diante	• Aventuras, narrativas de viagens, explorações, invenções. • Fábulas, mitos e lendas.

Tabela 1: COELHO, Betty. Contar Histórias: uma arte sem idade. **10. ed. São Paulo: Ática, 2006**

Conforme o quadro apresentado, para cada faixa etária há um tipo de história a ser abalhada. Contemplando dessa forma a maturidade cognitiva da criança, despertando também um maior grau de interesse pela história.

A sétima pergunta foi referente ao uso da biblioteca, se os alunos tem o hábito de alugar livros.

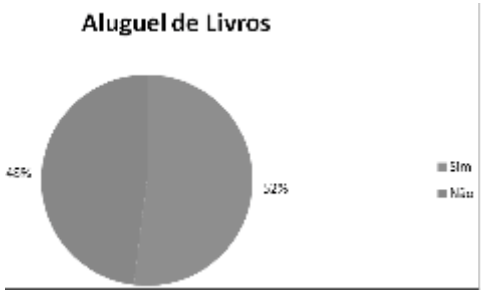


Gráfico 17: Aluguel de Livros.
Fonte: Pesquisa Direta, 2014.

Nesta pergunta os alunos ficaram bastante divididos. Conforme o gráfico 7, 52% dos alunos retiram livros na biblioteca e 48% dos alunos não retiram. Pode-se ainda levar em conta que alguns possuem livros em casa, mas mesmo assim é uma quantidade considerável. Deve-se trabalhar com a contação de histórias e estimular a leitura sempre, pois alunos que não leem com certeza terão dificuldades na fala e escrita futuramente. Conforme Cunha:

> Sem dúvida, o desinteresse dos nossos alunos tem como uma das causas esse nosso condicionamento, essa tranquilidade com que vamos ano após ano, levando às crianças os mesmo livros, as mesmas histórias, supondo sempre atividades iguais, para alunos iguais (CUNHA, 2004, p.18).

Logo se entende que é preciso um trabalho maior dos professores em relação à leitura. É preciso atividades diferenciadas que promovam o gosto deles pela leitura. E a contação de história é uma delas, todavia que se é trabalhado com diversas formas de apresentação das histórias, por meio da narração, do livro, de desenhos e acima de tudo do entusiasmo de quem a conta.

A oitava pergunta foi referente à capacidade de imaginação, se a criança consegue imaginar os personagens da história quando ouve uma história.

Gráfico 18: Capacidade de Imaginação dos Personagens.
Fonte: Pesquisa Direta, 2014

De acordo com o exposto no gráfico 8, os alunos não possuem muita dificuldade ao imaginar os personagens quando ouvem uma história, ou mesmo a leem. Desta forma é possível uma interação maior da criança com a história. Pois ao imaginar o personagem ela vivencia a história e a compreende melhor. Segundo Bettelheim:

> Devido a esta identificação a criança imagina que sofre com o herói suas provas e tribulações, e triunfa com ele quando a virtude sai vitoriosa. A criança faz tais identificações por conta própria, e as lutas interiores e exteriores de herói imprimem moralidade sobre ela (BETTELHEIM, 2006, p.16).

Portando, a imagem do personagem expressa na criança não somente características físicas, mas valores morais que contribuem para a construção da identidade da criança.

As histórias são apresentadas de diferentes formas, podendo ser por meio do teatro, filme, livro ou até mesmo a música. Na questão de número nove foi indagado aos alunos sobre a preferência em que são apresentados as histórias. Para responder a tal reflexão foi feita questão de múltipla escolha.

Gráfico 19: Formas que são Apresentadas as Histórias.
Fonte: Pesquisa Direta, 2014.

Conforme o gráfico 9 a preferência maior dos alunos são pelos filmes, totalizando um total de 59%. E a segunda maior preferência são pelos livros. Leva-se em conta que a grande parte dos filmes são adaptações de livros. Ou seja, o livro ainda é um dos maiores transmissores de histórias. De acordo com Perrenoud (1999) "Ler um livro é acumular um tesouro de conhecimentos". Todavia que o livro não contribui somente para a alfabetização da criança, mas traz ensinamentos que podem ser utilizados por toda vida.

A próxima questão abordada foi sobre o que chama a atenção da criança quando alguém conta a história para ela.

A pronúncia das palavras:
O modo que ela lê (aluno 1).
O jeito que ela fala (aluno 4).
O jeito de ler, da maneira de falar, etc. (aluno 6).
A leitura (aluno 9).
As palavras (aluno 23).

Conforme a fala dos entrevistados a maneira que o contador fala ou lê desperta sua atenção. Desta maneira é muito importante a entonação e mudança de voz de um personagem para o outro.

Os personagens:

Os personagens (aluno10).
Mais me chama a atenção as mudanças de voz de acordo com o personagem (aluno 15).
Os personagens e o modo que as pessoas contam (aluno 13).
Os nomes dos personagens (aluno 14).

Os personagens das histórias assim como a próprio contexto são uns dos grandes responsáveis pelo interesse da criança pela história.

O modo como a história é apresentada:

Da diversão (aluno 2).
A maneira que as pessoas contam, a introdução do leitor na história (aluno 5).
Nos mistérios (aluno 7).
Do jeito que as pessoas contam e expressão as histórias (aluno 8).
Como ele conta e como a história é (aluno 12).
Quando veste uma roupa diferente (aluno 27).

Como o observado há diferentes formas de se trabalhar com uma história de forma que ela desperte a atenção da criança e se torne mais atrativa. Entre elas se destacam: a pronúncia das palavras, entonação de voz, a ênfase nos personagens ou mesmo quando se veste uma roupa diferente para contar a história. Outro fator necessário para que a história contribua para o aprendizado da criança e que seja atrativa é "estudar uma história, portanto, é perscrutar - lhe todas as nuances e possibilidades de exploração oral" (COELHO, 2006, p. 24). Segundo a autora é necessário estudar a história para atingir as expectativas das crianças e possibilitar uma aprendizagem significativa.

A última questão foi sobre a aprendizagem dos alunos por meio das histórias, se eles acham que aprendem algo e que tipo de aprendizado as histórias trazem.

Valores morais:

Sim. A moral da história (aluno 1).
Sim. Me ensina muito (aluno 3).
Sim, acho interessante, porque no futuro vai me ajudar a ter ética (aluno 6).
A moral da história e as palavras (aluno 15).
Sim, eu aprendo moral, novas palavra e o que é certo e o que é errado (aluno 18).
O que eu acho é para o modo de viver (aluno 19).

Conforme mencionado pelos alunos as histórias podem trazer diversos tipos de aprendizados e valore éticos são um deles. As fábulas são umas das principais histórias que transmitem ensinamentos através de sua moral. Todas as histórias trazem algum tipo de

ensinamento mesmo que de forma implícita. Entre estes ensinamentos é mostrado que se deve obedecer aos pais, ser correto e não trapacear.

Palavras, leitura e conhecimento:
Sim. Eu aprendo a ler (aluno 4).
Sim, novas palavras e autores desconhecidos (aluno 5).
Sim, palavras novas e muito aprendizado (aluno 7).
Sim, acho que aprendemos palavras novas e vocabulários novos (aluno 8).
Sim, imagino elas (aluno 9).
Sim a história (aluno 10).
Sim, o conhecimento da história que eu li (aluno 12).
Muito bom pois viajo na imaginação (aluno 14).
Sim, eu aprendo palavras novas e descubro personagens novos (aluno 20).
Sim o hábito de ler e escrever melhor (aluno 24).
Palavras em inglês (aluno 25).

A pronúncia e uso das palavras de forma gramaticalmente corretas são umas das grandes contribuições por meio do trabalho com histórias. A literatura infantil e o trabalho com contação de histórias contribuem para o desenvolvimento de diversas capacidades das crianças, entre elas: leitura, escrita, cultura e construção de identidade.

Deste modo constata-se a influência que as histórias podem trazer para o crescimento intelectual e social da criança, uma vez que as histórias proporcionam não apenas alfabetização colabora de forma significativamente para conhecimento de mundo, conhecimento histórico, expressividade e expansão intelectual.

A contação de histórias nas séries iniciais é de suma importância para o desenvolvimento da criança em suas diversas esferas: psicológica, social além de ser um grande auxílio para a alfabetização e formação da criança como ser crítico. A criança deve ter o contato com os livros desde cedo para habituar-se à leitura. A criança que ouve histórias lê, escreve e articula melhor suas opiniões. Ao ouvir histórias a criança se imagina nela, sofre e diverte-se com os personagens e aprende com eles. Torna-se um melhor ouvinte e orador, uma vez que descobre novas palavras e aprendem sua pronúncia.

O estudo feito a cerca da importância da contação de histórias nas séries iniciais, mostrou através de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo com alunos, as principais contribuições que a contação de histórias proporciona para a alfabetização e desenvolvimento da identidade da criança. As principais contribuições estão relacionadas ao estímulo da leitura, melhoria da escrita, expansão da gramática, emprego e conhecimento de palavras novas, aperfeiçoamento da oratória e letramento.

Quanto à identidade da criança, as histórias favorecem principalmente na compreensão de novos valores como: respeito, amizade, carinho, honestidade, ética e determinação. É possível também a formação da identidade da criança através da cultura histórica, levando o entendimento a elas de como surgiram às coisas, o mundo, sua cidade, país e religião. Contando fatos passados que irão favorecer a compreensão do presente. A criança deve saber seu contexto histórico para conhecer suas raízes, cultura e auto conhecer-

se. Quando a criança a conhece sua história compreende a si mesma, forma-se como pessoa e constrói sua identidade.

Analisando a relevância do trabalho com histórias para a formação da criança a pesquisa abordou como é possível o uso das histórias de forma que promovam a cultura. Conforme os dados apresentados através da pesquisa as histórias promovem cultura, uma vez que o próprio hábito de leitura é uma prática cultural. As histórias de gêneros diversificados como o que é apresentado em jornais, revistas ou gibis também favorecem a cultura, pois a criança começa a ter contato com meios alternados de informação. Desta forma a criança é levada a pensar diferente e a respeitar as diferenças. É necessária também a compreensão das histórias que são contadas, o porquê das histórias e as mensagens de respeito, amizade, valorização e solidariedade que são transmitidas através do seu contexto.

Além da formação cultural da criança as histórias possibilitam aprendizagens diversificadas como a formação de valores, leitor crítico, conhecimento de textos diversificados, instruindo, divertindo e orientando. Aumenta o nível de percepção da criança, desenvolvimento cognitivo, leitura, escrita, oratória, gramática, produção de textos, criatividade. As histórias trazem um conhecimento de mundo. É necessário um trabalho pedagógico que saiba utilizar das diversas possibilidades de conhecimento que as histórias trazem. A literatura infantil proporciona por meio de suas histórias conhecimentos transversais que vão além do esperado em sala de aula, levam ensinamentos que as crianças vão utilizar por toda sua vida. Portanto o trabalho com histórias deve ser algo contínuo e diário, pois ao mesmo tempo em que informa promove momentos de ludicidade que também são muito importantes na fase de alfabetização.

Através da pesquisa foi possível identificar como é possível formar leitores através da contação de histórias. Todos os gêneros textuais podem auxiliar no processo da leitura, o que é necessário é o bom exercício que deles se fazem. Quanto maior for o uso das histórias no contexto educacional mais facilidade o aluno terá com a leitura e escrita, uma vez que ele se sentirá familiarizado. Como o mostrado pela pesquisa há algumas histórias que são de maior interesse das crianças. De acordo com a abordagem do gráfico 4, as histórias de maior preferência das crianças são: histórias em quadrinhos, comédia e ação/suspense. É importante que pais e professores saibam deste interesse. Pois ao ouvir uma história de sua preferência a criança prestará mais atenção e sentirá vontade de ler, de descobrir o desfecho da trama. Vale salientar que as histórias devem estar voltadas à realidade do aluno, fazendo uma comparação entre o real e o imaginário ou muitas vezes servindo como fonte de informação, esclarecimento e pesquisa.

Portanto para se formar leitores antes é preciso conquista-los para a leitura, ser criativo, despertar a atenção e aguçar a curiosidade em relação às narrativas.

Assim, ouvir histórias contribui não somente para a leitura e escrita, mas sim para a formação do individuo perante a sociedade. Para a composição de significados, de valores imprescindíveis a vida. Através das histórias a criança consegue respostas para suas ações e sentimentos, forma seu caráter e compreende o mundo.

Constata-se, portanto que a contação de histórias é uma prática que deve ser aperfeiçoada sempre pelo professor, pois a contação de histórias é indispensável na vida da criança, quanto aluno, quanto ser humano. Assim, torna-se necessário o trabalho intensivo com as narrativas nas séries iniciais, pois esta fase é marcada pelo momento de pleno desenvolvimento da criança, nas áreas social, psicológica, cognitiva, cultural.

Logo, conclui-se que a arte de contar histórias deve ser enfatizada nas escolas, beneficiando nossas crianças e tornando-as seres humanos mais completos, equilibrados e consequentemente mais felizes.

REFERÊNCIAS:

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, 366p.

CASTELLIANO, Tania . **A Comunicação e Suas Diversas Formas de Expressão**. Rio de Janeiro: Record, 2000, 282p.

COELHO, Betty. **Contar Histórias: uma arte sem idade.** 10. ed. São Paulo: Editora Ática, 2006, 78p.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: teoria e prática**. 18. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004, 176p.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2001, 117p.

DUARTE, Vânea. **Brasil Escola**. Disponível em:
< http://www.brasilescola.com/redacao/historia-quadrinhos.htm>. Acesso em 29 de Out. de 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:Saberes necessários a prática educativa.** 25.ed.São Paulo: Paz e Terra, 2002, 54p.

PERRENOUD, Philippe. **Construir as Competências dede a Escola**. Porto Alegre: Artmed Editora, 1999, 101p.

RAMOS, Ana Cláudia. **Contação de Histórias: um caminho para a formação de leitores?.**Tese de Mestrado. Londrina, 2011, 136p. Disponível em:
<http://www.uel.br/pos/mestredu/images/stories/downloads/dissertacoes/2011/2011_-_RAMOS_Ana_Claudia.pdf>. Acesso em 02 de Maio de 2014.

AFETO E APRENDIZAGEM: SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO EM UMA ESCOLA ESTADUAL EM JOÃO PINHEIRO (MG)

Daiane Ribeiro de Souza[*]
Mírcia Adriana de Oliveira Melo[**]

Resumo:O presente artigo apresenta um estudo sobre a relação entre afetividade e aprendizagem, realizada através de uma pesquisa de campo em uma Escola Estadual no ano de 2014, com o intuito de compreender se o afeto influencia na educação. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa e para a concretização da mesma foram realizadas entrevistas com os professores da escola, que depois de analisadas permitiram concluir que os professores consideram que o afeto é de extrema importância para o processo ensino-aprendizagem e o utilizam em suas práticas pedagógicas, mantendo uma relação de afeto e carinho com seus alunos em busca de uma aprendizagem significativa.

Palavras Chave: Afetividade. Aprendizagem. Pesquisa. Educação. Práticas Pedagógicas.

Abstract: This article presents a study about the relationship between affect and learning, realized through a field research in a state school in 2014, in order to understand if the affection has influences in education. The methodology used was the qualitative research and to achieve the same interviews were conducted with school teachers, and after analyzed were able to conclude that the teachers consider that the affection is of utmost importance to the teaching-learning process and they use it in their pedagogical practices, keeping a relationship of affection and care with their students looking for a meaningful learning.

Keywords: Affection. Learning. Research. Education. Pedagogical Practices

INTRODUÇÃO

Para estudarmos as relações de afetividade, primeiro faz se necessário entender o que é o afeto. O afeto é um sentimento que acompanha o ser humano desde o nascimento, se manifesta nas experiências que vivenciamos em nosso dia a dia, nossos impulsos emocionais tem inicio no afeto.

O primeiro caminho para a conquista da atenção do aluno é o afeto, ele é uma importante ferramenta para auxiliar o professor a fazer o aluno tornar-se participativo e interessado, tem o poder de derrubar barreiras emocionais e promover um bem estar no aluno.

[*]Graduação em Pedagogia – Faculdade Cidade de João Pinheiro (FCJP) E-mail: daiane.ribeiro.duda@hotmail.com

[**]Graduação em Psicologia – Universidade Newton de Paiva –Belo Horizonte (1990)- Especialista em psicologia Clinica- Especialização em Psicopedagogia -UEMG- Especialização em Saúde Mental Publica –Escola de Saúde de MG - Especialização em Metodologia do Ensino Superior- Faculdade Cidade João Pinheiro. Especialização em Gestão Escolar –Faculdade Pitágoras -Psicóloga clinica na Prefeitura de João Pinheiro – Psicopedagoga , psicóloga e professora na Faculdade Cidade João Pinheiro nos cursos: Administração, Pedagogia , Enfermagem, Educação Física e Biologia. E-mail: melomircia@yahoo.com.br

A presente pesquisa visou estudar a relação de convivência entre professor e aluno e como o afeto entre ambas as partes influencia no processo de aprendizagem. Foi realizada em uma escola estadualno município de João Pinheiro**.**

A escolha do tema se deu devido à identificação com a psicologia e pela curiosidade e afinidade em entender sentimentos, emoções, comportamentos e relações, por que e como as pessoas agem diante de determinadas situações. A escolha da escola se deu pela familiarização com a mesma.

O interesse surgiu na faculdade com a leitura do livro "**Afeto e Aprendizagem"** de Eugenio Cunha, e o fascínio no quanto tal sentimento pode influenciar na aprendizagem e na vida das pessoas.

Esta pesquisa terá um bom retorno para a sociedade, uma vez que teve como objetivo buscar formas e estratégias de melhorar as relações de convivência entre professor e aluno, visto que na sociedade atual, tal relação está cada vez mais comprometida, devido às tecnologias e atrativos que o mundo tem a oferecer, fica cada vez mais difícil para o professor se aproximar.

Os questionamentos elaboradas no início da pesquisa foram: O que é o Afeto e qual a relação tal sentimento estabelece no processo de ensino e na convivência entre professor e aluno? O que pensa e o que quer o aluno da sociedade atual? Quais as melhores formas de estabelecer o diálogo e a aproximação entre educador e educando?Como despertar o interesse e a motivação dos alunos diante da variedade de recursos disponíveis lá fora? Como cativar e conquistar o aluno? E como o afeto pode ajudar nas dificuldades de aprendizagem?

A presente pesquisa teve como objetivo analisar como o afeto influencia no processo de aprendizagem, bem como buscar formas para estabelecer uma relação de afetividade entre professor e aluno, para que através do afeto o professor possa cativá-lo e despertar o desejo de aprendizagem na escola e fora dela.

I-AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM

1.1 Definição de Afetividade

No âmbito da psicologia, afetividade é a capacidade individual de experimentar o conjunto de fenômenos afetivos (tendências, emoções, paixões, sentimentos). A afetividade consiste na força exercida por esses fenômenos no caráter de um indivíduo.

> (...) O afeto é neutro. Pode exprimir um sentimento de agrado ou desagrado em diferentes graus de complexão; disposição da alma, que tanto pode revelar amor ou ira. O afeto entretanto quando resulta da prática do amor, torna-se amorosidade, atitude que se reveste em um estímulo para o aprendizado, dando clareza e entendimento á consciência. (CUNHA, 2010, p.17).

O afeto é um sentimento presente na vida de todos os seres humanos, nossos impulsos emocionais têm início no afeto, influencia na forma como vemos, sentimos e percebemos as coisas, se gostamos ou não de algo, por isso influencia no processo de ensino aprendizagem, se um educando for envolvido pelo afeto, através do educador, com certeza será um estímulo para a aprendizagem.

Através da afetividade as pessoas conseguem criar laços, manifestar sentimentos, demonstrar emoções, o afeto determina a forma como o indivíduo se desenvolve, se uma criança recebe afeto desde pequena terá autoestima elevada e conseguirá se desenvolver com segurança e determinação.

A afetividade é indispensável para a aprendizagem, portanto os professores devem cultivar o afeto na sala de aula, pois ele é uma ferramenta essencial para pautar relações e fortalecer os vínculos entre professor e aluno.

1.2 Histórico da Afetividade a nível mundial

No campo educacional, o interesse pelo estudo da afetividade é um fenômeno relativamente recente. Por se tratar de um assunto que era visto como algo sem importância e não científico, que não influenciava no processo de aprendizagem.

Só a partir da década de 1970 temos o surgimento dos estudos empíricos que passam a incluir a afetividade, configurando um maior interesse científico nessa área. Quando se começa estudar as relações entre afetividade e cognição e como as relações familiares influenciam no comportamento do aluno.

Foi Henri Wallon quem colocou a afetividade como um dos aspectos centrais do desenvolvimento humano, para ele a inteligência surge depois da afetividade, por isso alguns alunos aprendem mais quando gostam do professor e se interagem e familiarizam com o tema e o ambiente.

Para Henri Wallon (2003), a evolução afetiva está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento cognitivo, visto que difere sobremaneira entre uma criança e um adulto, supondo-se a partir disto que há uma incorporação de construções de inteligência por ela, seguindo a tendência que possui para racionalizar-se.

Para o autor a afetividade é um dos principais elementos do desenvolvimento humano, a relação professor aluno deve ser pautada num sentimento de amor, carinho e respeito mútuo, precisa também conhecer e compreender o aluno, e que a escola deve ser um ambiente de se cultivar as emoções e a afetividade.

A inteligência precisa ser alimentada através do afeto, do carinho e do amor, e o professor é fundamental nesse processo, deve motivar o aluno, despertando nele o gosto da aprendizagem, para que ela não se torne mecânica e repetitiva, o professor além de transmitir conhecimentos, deve amar o que faz e fazer o seu trabalho com prazer para que o aluno se espelhe nele e tenha realmente vontade de aprender.

A afetividade só é estimulada quando se estabelece um vínculo de afeto entre professor e aluno, a criança precisa de estabilidade emocional para aprender e precisa do apoio e do carinho do professor para se desenvolver melhor.

1-3 Principais autores brasileiros que abordam a Afetividade.

Muitos autores e pesquisadores brasileiros estudam sobre como o afeto pode trazer benefícios a aprendizagem e ser um aliado aos educadores e profissionais da educação na missão de educar.

> (...) o que vai dar qualidade ou modificar a qualidade do aprendizado será o afeto. São as nossas emoções que nos ajudam a interpretar os processos químicos, elétricos, biológicos e sociais que experenciamos, e a vivência das experiências que amamos é que determinará a nossa qualidade de vida. Por esta razão, todos estão aptos a aprender quando amarem, quando desejarem, quando forem felizes. (CUNHA, 2010, p. 67).

A nossas emoções são a base para o aprendizado, elas determinam a intensidade como vemos as coisas, se algo for do interesse do aluno, se despertar o desejo em aprender, se ele se sentir tocado pela emoção, com certeza haverá melhor fixação no que foi apresentado, o aluno precisa ter vontade de aprender, de buscar o conhecimento, e o afeto torna as experiências vivenciadas bem mais agradáveis e significativas para o educando. O professor deve estar atento as emoções e reações dos alunos que necessitam do amor, afeto e compreensão para se desenvolver melhor.

"O que acontece conosco é que, se o que aprendemos não tem sentido, não atender alguma necessidade, não "apreendemos". O que aprendemos tem que "significar" para nós." (GADOTTI, 2003, p.29).Para que o conteúdo tenha sentido para o aluno o professor deve criar todo um contexto que o envolva despertando atenção e interesse, adequar os conteúdos dentro da realidade do mesmo, para que ele perceba que o que está aprendendo não será em vão, mas que será útil no decorrer de sua vida.

Corroborando com Paulo Freire (1996) "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção." Ensinar vai muito além de transmitir conteúdos didáticos, significa ensinar valores, como amor, afeto, carinho, humildade, respeito, valores que formam a dignidade humana, significa também não apresentar respostas prontas, mas questionar estimulando a curiosidade do aluno a buscar o conhecimento.

O professor deve ser um mediador de conhecimentos, utilizando sua situação privilegiada em sala de aula não apenas para instruções formais, mas para despertar os alunos para a curiosidade; ensiná-los a pensar, a ser persistentes, lutar por seus sonhos, fazê-lo se sentir capaz de ir muito além do que aprendem na escola, ensiná-lo a conviver em sociedade, numa sociedade mais justa, onde as pessoas se respeitem e tenham empatia, saibam se colocar no lugar do outro, que haja amor e afeto entre as pessoas, mais igualdade de direitos e menos desigualdades sociais.

Paulo Freire (1968, p.68) diz também que "O educador já não é o que apenas educa, mas o que enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando, que ao ser educado também educa".Dessa forma ambos se tornam sujeitos do processo de aprendizagem, aprendem juntos, crescem juntos e o professor não é o único detentor do saber, mas socializa os diferentes saberes dos educandos e sabe ouvi-los e compreendê-los.

> Até poucos anos atrás acreditava-se que todo sentimento era espontâneo e que as crianças nasciam modeladas para guiarem-se pela vida da forma como seu genoma as havia esculpido. Hoje sabemos que estas ideias eram tolas e que, ainda que se aceite expressiva influência da biologia, os sentimentos são educáveis e que é possível ajudar uma criança a construir bons ou maus sentimentos. (ANTUNES, 2008, p.17).

É necessário ensinar as crianças bons sentimentos, como a ética, respeito pelo outro, cortesia, educação, solidariedade, tais sentimentos ela precisará por toda a vida, em qualquer tempo, onde quer que seja. As crianças precisam compreender que os bons sentimentos devem levar a uma ação, uma boa intenção, precisa aprender a refletir e a se colocar no lugar do outro, e que mesmo todas as pessoas sendo diferentes merecem ser igualmente respeitadas. O respeito é uma etapa da educação, não adianta uma criança aprender a decorar frases sobre o respeito, ela necessita compreender que o respeito nasce na consciência e se externa nos atos.

> Em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto.Ele é um meio facilitador para a educação.Irrompe em lugares que, muitas vezes, estão fechados as possibilidades acadêmicas. Considerando o nível de dispersão, conflitos familiares e pessoais até comportamentos agressivos na escola hoje em dia, seria difícil encontrar algum outro mecanismo de auxílio ao professor mais eficaz. (CUNHA, 2010, p.51).

É comum haver alunos dispersos na sala de aula, com a mente vagueando na imaginação em algo que considere mais interessante, pois muitas vezes a escola representa para o aluno, tédio e desperdício de tempo, os seus pensamentos procurarão um lugar de refúgio, algo que lhe traga felicidade. Por isso a escola precisa conquistar a atenção do aluno, atrair para educar.

Segundo o autor Eugênio Cunha (2010, p.75) "Antes do aluno sentir-se objeto do ensino do professor, necessita sentir-se alvo do seu amor. Antes de sentir-se elemento de uma classe, necessita sentir-se acolhido por ela. O afeto deverá ser a primeira matéria a ser ministrada e a paciência a sua guardiã."

O aluno precisa sentir-se amado pelo professor, ele necessita de alguém que o compreenda e o aceite da forma como é, precisa ser tocado pela emoção e pelo carinho. A sala de aula deve representar um lugar prazeroso de se estar, o aluno deve aprender a tratar o seu semelhante com afeto e igualdade, pra que não se torne uma pessoa insensível e sem amor ao próximo. O mundo precisa de pessoas mais humanas e com mais amor no coração e esse amor deve ser sempre estimulado na escola, na família e na vida. para buscarmos uma sociedade melhor de se viver.

II-APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

2.1 Afeto e Aprendizagem

2.1.2A Importância de conhecer e utilizar o Afeto no processo de Aprendizagem

Foi proposto aos entrevistados que atribuíssem uma nota ao grau de importância que o afeto representava para os mesmos enquanto educadores no processo de ensino-aprendizagem.

Gráfico 1: A importância do Afeto no processo de ensino-aprendizagem
Fonte: Pesquisa Direta 2014

Conforme observado no gráfico acima 70% dos professores entrevistados deram nota 5 ao grau de importância que o afeto representa para eles, 20% deram nota 4 e 10% deram nota 3. Percebe-se que vêem o afeto como muito importante no processo ensino-aprendizagem, sendo que a maioria dos professores atribuíram a nota máxima proposta.

Segundo o autor Eugenio Cunha (2010) "O amor do professor, provoca o amor da classe, como resultado, há a fixação do que foi ensinado." O amor do professor é contagiante, e ao ensinar com amor, o educando também aprende com amor, e se estabelece uma relação entre prazer em ensinar e prazer em aprender.

A próxima pergunta feita aos professores foi se consideravam que o educador que utiliza a afetividade em suas práticas pedagógicas e estabelece uma relação de carinho com o educando tem maior sucesso na aprendizagem dos alunos?

Gráfico 2: A afetividade e as práticas pedagógicas
Fonte:Pesquisa Direta 2014

Como vemos ilustrado no gráfico acima, 90% dos entrevistados consideram que a afetividade auxilia na qualidade da aprendizagem, 10% consideram que às vezes influencia na aprendizagem, mas nem sempre, e nenhum dos entrevistados acha que a afetividade não contribui com a aprendizagem.

Segundo o autor Eugenio Cunha (2010 p.80). "Um dos primeiros cuidados que o educador deve ter para exercer atividades pedagógicas atraentes está ligado ao seu ambiente de trabalho."

Para exercer atividades pedagógicas atraentes o professor precisa cuidar da sala de aula, criando um ambiente aconchegante e acolhedor, deve planejar suas aulas com amor e dedicação, e acima de tudo ter desejo de ensinar, pois o professor comprometido com seu trabalho é capaz de criar uma aula completamente atrativa, mesmo com poucos recursos disponíveis.

A próxima pergunta foi quanto à concepção dos entrevistados se concordavam que o afeto contribui para melhorar a disciplina.

Gráfico 3: Afetividade e Disciplina
Fonte: Pesquisa Direta 2014

Conforme observamos no gráfico acima 100% dos professores entrevistados concordam que a afetividade pode contribuir para melhorar a disciplina.

De acordo com o autor Eugenio Cunha (2010 p.68) "A escola recebe constantemente alunos com baixa autoestima, rejeitados, frustrados com tantas outras somatizações que os aprisionam, porém, de maneira alguma, podem definir seu futuro."

Muitas vezes alunos indisciplinados trazem algum problema de casa, talvez por não receberem afeto da família, se tornam frustrados e desejam imensamente atenção, tem a necessidade de serem notados, por isso muitas vezes na sala de aula fazem de tudo para chamar a atenção do professor e dos colegas, mas alunos indisciplinados não devem ser tratados com indiferença, pelo contrário necessitam de muito carinho e atenção para suprir um pouco da carência afetiva que possuem.

Alunos indisciplinados e com problemas sempre existirão, por isso cabe aos professores terem uma postura condizente com a situação, sabendo valorizá-los e tratá-los igualmente aos demais alunos, com muito carinho e afeto para que os traumas, frustrações e baixa autoestima não possam influenciar negativamente em seu futuro.

Posteriormente foi perguntado aos professores se consideravam que o afeto pode melhorar as dificuldades de aprendizagem.

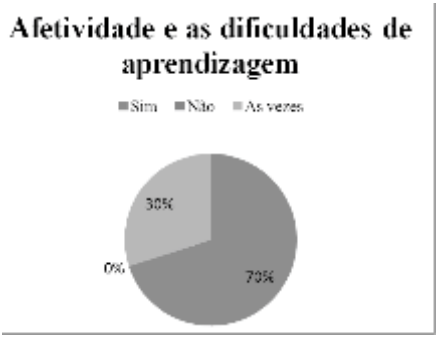


Gráfico 4: Afetividade e as dificuldades de aprendizagem
Fonte: Pesquisa Direta 2014

Conforme pode ser observado no gráfico acima, 70% dos entrevistados consideram que a afetividade pode melhorar as dificuldades de aprendizagem, 30% consideram que às vezes pode contribuir, mas às vezes não, e nenhum dos entrevistados considera que afetividade é irrelevante em relação às dificuldades de aprendizagem.

"Ainda que o afeto não seja considerado em muitas práticas pedagógicas, ele é inevitavelmente, lembrado nas dificuldades de aprendizagem, porque, em sua grande parte, elas estão relacionadas à ausência dele." (CUNHA, 2010, p. 73, 74).

Muitos alunos que não aprendem podem estar afetivamente carentes, talvez carreguem uma carga emocional de casa e distúrbios emocionais não compreendidos, as barreiras que impedem a aprendizagem precisam ser desfeitas, ou podem causar danos irreparáveis para o resto da vida. O amor é o grande diferencial na educação, deve ser usado para quebrar tais barreiras e ajudar a superar os obstáculos que impedem a aprendizagem. É preciso observar as diferenças individuais dos alunos, e adequar o planejamento de ensino, pois cada aluno é único, consequentemente seu jeito de aprender também é único, e todos são capazes de aprender.

"A prática docente requer mais dinâmica afetiva do professor com seu aluno. Mais desejo e prazer em ensinar como resposta à necessidade de mover-se sempre em busca de alternativas às dificuldades de aprendizagem discente." (CUNHA, 2010, p. 91).

A escola recebe constantemente alunos com dificuldades de aprendizagem e o professor precisa rever sua prática docente, buscar compreender os motivos pelos quais não aprendem, e trabalhar em cima desses motivos buscando formas e estratégias para superá-los juntamente com os alunos.

2.2 - A Afetividade na educação e suas implicações no processo ensino aprendizagem segundo professores da Escola Pesquisada

Foram feitas quatro questões abertas na entrevista aos professores. Seguem então os resultados obtidos:

Pergunta de número 1: Qual o grau de importância que o afeto representa para você enquanto educador no processo ensino-aprendizagem?

> *Entende-se que a escola é a continuação do lar, sendo que esta não pode se limitar a fornecer somente conhecimento, conceitos, mas contribuir para o desenvolvimento da personalidade de seus alunos em sua totalidade." (Professor 1).*
>
> *"O amor às pessoas precisa ser primordial em qualquer esfera da nossa vida! Pessoas afetivas e cheias de amor e atenção apresentam um rendimento melhor, em especial as crianças na escola."(Professor 2).*
>
> *"A afetividade possui grande importância no processo ensino-aprendizagem, é com um bom relacionamento entre professor e aluno que acontece uma aprendizagem satisfatória." (Professor 9).*
>
> *"O afeto no ensino-aprendizagem, contribui e muito, pois através do carinho o aluno se sente mais confiante e atraído para o processo escolar." (Professor 10).*

Todos os professores consideram o afeto de extrema importância no processo de ensino-aprendizagem, pois auxilia no desenvolvimento do aluno e de sua autoestima, uma vez que se sentindo amado e querido o aprendente terá prazer em aprender e consequentemente a aprendizagem será mais significativa.

De acordo com Eugenio Cunha (2010, p.100). "O afeto é movimento na educação. É a energia que demanda a ação, a ação que atende ao desejo." O afeto deve ser cultivado sempre na educação, é uma mola propulsora no desenvolvimento emocional e cognitivo, sem sua presença a aprendizagem não tem o mesmo sentido, se torna mecânica e monótona. Ele nos leva a buscar sempre mais o conhecimento e desperta o desejo em aprender, é o afeto que impulsiona as relações entre professor e aluno para que a aprendizagem realmente aconteça.

Pergunta de número 2: Em sua opinião, o afeto pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem? Em sua sala de aula você considera importante manter uma relação de afeto e carinho com seus alunos?

> *"Quando o aluno sente que é amado e importante na escola e para o professor, ele é motivado a todo momento a melhorar seu rendimento e consequentemente ser elogiado a continuar aprendendo". (Professor 2).*
>
> *"Claro que sim, o afeto motiva o comportamento e os leva a uma melhor aprendizagem. A relação entre professor e aluno necessita ser baseada no afeto e confiança." (Professor 3).*
>
> *"Sim. Dou grande importância a essa relação, pois percebo que é preciso uma maior aproximação para que o saber aconteça de fato" (Professor 5).*
>
> *"Sim, a maneira como o professor comporta através de palavras, olhares, não com beijos e abraços, contribui para a aprendizagem, uma relação do dia-a-dia, através de elogios, paciência, contribui para a melhora dos alunos em todos os aspectos" (Professor 6).*

Todos os professores consideram que o afeto pode contribuir para o processo ensino-aprendizagem e relataram manter uma boa relação de afeto com seus alunos, conforme podemos observar na fala dos entrevistados.

O afeto contribui muito para a aprendizagem, auxilia no desenvolvimento e na personalidade dos alunos, a relação entre professor e aluno necessita ser embasada no afeto e na confiança. Outro fator essencial que facilita a aproximação entre educador e educando é o diálogo. Corroborando com Paulo Freire (1987) "Sendo fundamento do diálogo, o amor é também diálogo." O diálogo fundamenta-se na humildade e no amor e implica o pensamento crítico. Sem ele não existe a comunicação, que é primordial para que a educação aconteça.

> É na relação professor-aluno que se instaura, de fato, o processo ensino-aprendizagem. Por isso, é válido afirmar que as chances de sucesso ou

> insucesso do trabalho pedagógico, deve em grande parte a qualidade dessa relação. Através dela é possível extrair toda uma concepção de educação em que emerge, com certeza, a visão que professores e alunos tem a respeito de seus papéis e das suas possibilidades de trabalho. (OBREGON, 2007, p.24)

Para que tais relações sejam significativas é necessário que o professor encontre a sua identidade, busque atualização e formação constante, saiba observar sentimentos e coordenar as relações sócio afetivas no ambiente educativo e também fora dele. Deve compreender que ser professor é muito mais do que ensinar, é fazer parte da construção do conhecimento e da identidade do aluno que o acompanhará por toda a vida.

Pergunta de número 3: Quais as estratégias e métodos que você utiliza para se aproximar dos seus alunos e despertar a atenção e o interesse deles diante da variedade de recursos e atrativos disponíveis lá fora?

> *"O professor deve conhecer cada um de seus alunos, tratando-os como seres humanos com limitações e dificuldades. A criança deve ter um espaço para se expressar e dialogar com a professora e seus colegas." (Professor 1).*
>
> *"Trabalhar de maneira lúdica, usando várias estratégias diferenciadas." (Professor 3).*
>
> *"Temos que ser verdadeiros artistas, pois a concorrência é desleal, porém uso de várias estratégias principalmente trabalhando o emocional. O remédio é brincar, usar o lúdico sempre que possível." (Professor 5).*
>
> *"O professor tem de utilizar todos os recursos disponíveis, Datashow, livros, jogos pedagógicos, material concreto, biblioteca, enfim, tornar as aulas mais atrativas, não utilizar somente o método tradicional, que cansa muito e não prende a atenção dos alunos." (Professor 6).*
>
> *"Diálogo em primeiro lugar, conscientizando-os dos direitos e deveres". (Professor 7).*
>
> *"Diálogo, demonstro respeito e exijo o mesmo." (Professor 8).*

Pode-se observar na fala dos entrevistados acima, que os professores utilizam todos os recursos disponíveis para conquistar a atenção do aluno, procuram planejar aulas criativas e que envolvam a ludicidade, sabem que a concorrência com os meios eletrônicos é desleal, mas não desistem e buscam conquistar o aluno através do diálogo e da compreensão, tentando conhecer um pouco de sua história e dando oportunidade e espaço para se expressarem, e dialogar com os professores e colegas, além de estimular a autoestima dos mesmos e os valores essenciais para o bom relacionamento no convívio social.

O autor Eugenio Cunha também retrata sobre a questão das novas tecnologias e a educação.

> Assim, como os meios eletrônicos, a escola precisa conquistar a atenção do aluno. Qualquer informação só chega a consciência quando prestamos atenção a ela. Canalizar a atenção significa demandar experiências, melhorar a qualidade do ensino, atrair para educar. A escola precisa estimular no aluno o raciocínio e o pensamento crítico, no melhor dos sentidos. (CUNHA, 2010, p.49).

Atualmente, vemos um crescente aumento na tecnologia e nos aparelhos eletrônicos, sabemos que está cada vez mais ao alcance de todos, sendo muito mais atrativo para os alunos, do que se sentar em uma cadeira na sala de aula, e copiar do quadro o que a professora escreve com giz, no qual o aluno se torna apenas um sujeito passivo, sendo que as novas tecnologias fazem com que tenham o raciocínio mais rápido, sendo sujeitos ativos nesse processo.

Diante isso surge à necessidade de inovar na educação, a escola precisa buscar formas de canalizar a atenção do aluno através da criatividade e do afeto, reforçando bastante a relação professor aluno, estimulando o raciocínio rápido e o pensamento crítico, para que o aluno se desenvolva, pois afinal assim como a sociedade mudou e muda a cada dia, o aluno também muda e consequentemente a escola deve mudar a forma como oferece o ensino para atender as necessidades desse "novo" aluno.

Para finalizar o questionário foi solicitado aos entrevistados que comentassem a seguinte citação do autor Eugenio Cunha: "O aluno precisa gostar de estar na escola, sentir-se seguro e acolhido, sentir-se bem e principalmente sentir-se amado para que a aprendizagem seja significativa, e o afeto é a base para que isso aconteça." E ressaltassem se concordavam ou não com a mesma.

> *"Sim, a afetividade é a dinâmica mais profunda na qual o ser humano pode participar, e que se inicia no momento em que um sujeito se liga a outro por amor. O professor deve se relacionar afetivamente com seus alunos para que não se sintam desmotivados, dificultando assim a aprendizagem do mesmo." (Professor 1).*
>
> *"Sim, é preciso considerar que todo aluno precisa ser amado, aceito, acolhido. Ele precisa ser ouvido e estimulado. (Professor 3).*
>
> *"Sim, o aluno ou qualquer ser humano que seja, necessita ser amado, respeitado, querido, para que tenha não só uma aprendizagem significativa, mas uma vida cheia de significados, com base na afetividade. Isso nos torna pessoas mais felizes!" (Professor 4).*
> *"Sim, a escola é uma continuação do lar, onde os alunos refletem tudo que trazem de casa, o papel do educador é de observar e ensinar o aluno para que se desenvolva da melhor maneira possível e isso acontece quando o mesmo sente-se seguro e amado pelo professor. O sucesso ou o fracasso depende da forma como agimos com esse aluno." (Professor 6).*
>
> *"Sim, a escola deve ser um espaço que motive e não somente que se ocupe em transmitir conteúdos, para que isso aconteça o professor precisa propor atividades que despertem a curiosidade, é necessário levá-los a fazer perguntas e procurar respostas." (Professor 9).*

"Sim, pois se o aluno sentir-se bem no âmbito escolar, ele vai procurar não faltar e se sentir mais interessado e motivado, aí a aprendizagem será um sucesso na vida escolar." (Professor 10).

A escola, podemos dizer que é a segunda casa do aluno, por isso ele precisa sentir-se bem nesse ambiente, desejar estar na escola, desejar aprender, e para que isso aconteça é necessário que a escola ofereça um clima aconchegante e acolhedor e o afeto é a base para que isso aconteça, uma vez que através deste se desenvolverá um clima de amor e cumplicidade.

III – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da construção da monografia os objetivos propostos foram alcançados, uma vez que se confirmaram as hipóteses previamente elaboradas no início da pesquisa.

Através da pesquisa de campo a hipótese de que o afeto contribui de forma significativa para a aprendizagem, auxilia no desenvolvimento e na formação da autoestima dos alunos, foi confirmada, o mesmo e é uma forma de atrair a atenção dos alunos, envolvê-los através de atitudes baseadas no amor para que se crie a confiança no professor e no que será ensinado.

Os professores entrevistados relataram que consideram o afeto de extrema importância no processo ensino-aprendizagem, procuram manter uma relação de afeto e carinho com seus alunos, fazendo-os se sentirem queridos e amados, para que desejem realmente aprender.

Para que haja mais aproximação e diálogo entre educador e educando é necessário que o educando tenha liberdade de expressão, autonomia, não se sinta preso ao ambiente escolar, que isso não seja colocado pra ele como uma obrigação a ser cumprida, mas que a escola seja vista como um lugar onde ele deseje estar por vontade própria.

Outra inquietação que surgiu no início da pesquisa foi conhecer quais as estratégias que os professores utilizavam para despertar a atenção e o interesse dos alunos diante da variedade de recursos e atrativos disponíveis lá fora. Os professores fazem o possível para que isso aconteça, se esforçando ao máximo.

Eles têm consciência de que não é fácil competir com tanta tecnologia e novidades que o mundo oferece, mas procuram utilizar todos os recursos disponíveis para tornar a aula mais atrativa e menos tradicional. Procuram inovar sempre, propõe práticas pedagógicas dinâmicas e interativas, nas quais o aluno se torna um sujeito ativo na construção do conhecimento, tendo liberdade para participar e incentivos para buscar o conhecimento.

Para cativar e conquistar o aluno é necessário, tratá-lo com afeto, amor, carinho e respeito, o aluno necessita sentir-se amado, acolhido, sentir-se bem, e quando lhes é propiciado um ambiente agradável, eles demonstram mais interesse, mais desejo em aprender.

Outro ponto analisado na pesquisa foi a sobre a influência do afeto para melhorar as dificuldades de aprendizagem. A maioria dos entrevistados considera que o afeto pode auxiliar nas dificuldades de aprendizagem, pois muitas vezes o aluno não aprende por estar afetivamente carente ou por algum problema emocional, e o afeto pode ajudar a superar dificuldades e obstáculos que impeçam a aprendizagem.

Enfim, conclui-se que o afeto deve ser utilizado como uma eficaz ferramenta de auxílio ao professor, pois o mesmo se utilizado corretamente nas estratégias e métodos de ensino pode contribuir muito para o processo ensino-aprendizagem, tornando o ato de aprender mais atrativo e significativo.

REFERÊNCIA

ANTUNES, Celso. **A linguagem do afeto: Como ensinar virtudes e transmitir valores**. 4.ed. Campinas , São Paulo: Papirus, 2005.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e Aprendizagem**.2.ed. Rio de Janeiro. Wak.2010.

DEMO, Pedro. Pesquisa: **Princípio Científico e Educativo**.8.ed.São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**.37.ed. São Paulo:Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 28.ed.Rio de Janeiro, Paz e Terra,1987.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho ensinar-e-aprender com setindo**. São Paulo. Grubhas, 2003.

LUDKE, Menga, MARLI E.D.A. André, **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas,** São Paulo 9. Ed. São Paulo Editora UPU, 1986.

WALLON, Henri **Formação/Conceito-Afetividade** Nova Escola, Disponível em: http://revistaescola.abril.com.br acesso em 14/05/2014

.

DIMENSÕES DO AFETO NO PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM: REPRESENTAÇÕES DOS ACADÊMICOS DE PEDAGOGIA DE UMA FACULDADE NO NOROESTE DE MINAS GERAIS

Gilberto Alves Noronha[*]
Maria Célia da Silva Gonçalves[**]
Margareth Vetis Zaganelli[***]

Resumo: O presente artigo objetiva investigar a dimensão afetiva no processo ensino/aprendizagem por meio da representação dos acadêmicos de Pedagogia de uma faculdade localizada no noroeste de Minas Gerais. Essa pesquisa estabeleceu como objetivo responder os seguintes questionamentos: em que momento o acadêmico de Pedagogia considera imprescindível o uso do afeto? Na visão desses acadêmicos a ausência da família na escola pode acarretar problemas no aprendizado da criança? Na ótica dos acadêmicos quais são os comportamentos provenientes da falta de afeto, e o que isso implica no desenvolvimento do aprendizado dos alunos? Para a execução da pesquisa utilizou-se da metodologia qualitativa realizando um estudo de caso, por meio da técnica do *Survey*, aplicado aos acadêmicos do 8º período do curso de Pedagogia. A turma contava com 40 alunos matriculados, mas, no entanto, no dia em que foram aplicados os questionários, fizeram-se presentes 21 alunos que se prontificaram em participar da pesquisa. Os dados foram analisados e tabulados nesse artigo.

Palavras-chave: Afeto. Aprendizagem. Família. Professor. Aluno

Abstract: The present article aims at to investigate the affectionate dimension in the process teaching / learning through the academics' of Pedagogy of a located university representation in the northwest of Minas Gerais. That research established as objective answers the following to do questions: in what moment the academic of Pedagogy considers indispensable the use of the affection? In those academics' vision the absence of the family in the school can cart problems in the child's learning? In the academics' optics which the coming behaviors of the lack of affection are, and the one what that implicates in the development of the students' learning? For the execution of the research it was used of the qualitative methodology accomplishing a case study, through the technique of Survey, applied to the academics of the 8th period of the course of Pedagogy. The group counted on 40 enrolled students, but,

[*]Licenciado em Pedagogia pela Faculdade Cidade de João Pinheiro (FCJP) E-mail:gilbertoeducacao@gmail.com

[**] Doutora em Sociologia e Mestre em História pela Universidade de Brasília - UnB. Especialista em História Pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).Especialista em História do Mundo Moderno e Contemporâneo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora de Sociologia e Trabalho de Conclusão de Curso, coordenadora dos Cursos de História ,Geografia e do Núcleo de Iniciação à Pesquisa da Faculdade Cidade de João Pinheiro- FCJP. Membro Laboratório Transdisciplinar de Estudos da Performance (TRANSE) SOL/UnB. E-mail: mceliasg@yahoo.com.br

[***] Mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. Doutora em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Estágio Pós-Doutoral em Bioética e Filosofia do Direito na Scuola di Giurisprudenza da Università degli Studi di Milano-Bicocca -UNIMIB. Estágio Pós-Doutoral em Bioética e Filosofia do Direito na Alma Mater Studiorum Università di Bologna - UNIBO. Professora Associada da Universidade Federal do Espírito Santo-UFES. E-mail: mvetis@terra.com.br

however, in the day in that they were applied the questionnaires, they were made presents 21 students that volunteered in participating in the research. The data were analyzed and tabulated in that article.

Keywords: Affection. Learning. Family. Teacher. Student

INTRODUÇÃO

O objetivo desse artigo foi investigar a dimensão afetiva no processo ensino/aprendizagem por meio das representações dos acadêmicos de Pedagogia de uma faculdade localizada no noroeste de Minas Gerais.

A escolha da utilização de representaçãosocial foi feita pelo fato desse conceito se apresentar como uma forma de pensar e interpretar o vivido cotidianamente, se tornando um conhecimento prático que atribui sentido aos eventos que nos parece muito corriqueiro e, portanto forjam as evidências de nossa realidade consensual e possibilitam a construção social de nossa realidade.

> De um lado a representação social é concebida como processo social que envolve comunicação e discurso, ao longo do qual significados e objetos sociais são construídos e elaborados. Por outro lado [...] as representações sociais são operacionalizadas como atributos individuais – como estruturas individuais de conhecimento, símbolos e afetos distribuídos entre as pessoas em grupo ou sociedades (WAGNER, 1995, p.149).

O afeto é algo imprescindível na vida do ser humano e principalmente no processo de desenvolvimento cognitivo da criança. É bem sabido que o afeto promove o aprendizado da criança e foi desde então que julgamos fundamental estudar o processo ensino-aprendizagem juntamente com o afeto, para evidenciar que é possível promover o aprendizado por meio de gestos de carinho e amorosidade.

Falar de afeto é muitas vezes tocar em determinadas feridas existentes na vida do educando e do educador, contudo é preciso dar e receber amor e assim mudar a face da nossa educação. Pensando nessa direção (CUNHA, 2010, p.16) afirma que:

> Nossos impulsos emocionais têm início no afeto. Referimo-nos às sensações que se vivenciam no campo dos sentimentos e que nos trazem experiências reais, boas ou ruins. Essas experiências são responsáveis pelo nosso prazer em viver e, em grande parte, pelo sucesso ou insucesso no mundo acadêmico. Na sua definição etimológica, o afeto é neutro. Pode exprimir um sentimento de agrado ou desagrado em diferentes graus de complexão; disposição da alma, que tanto pode revelar amor ou ira. O afeto, entretanto, quando resulta da prática do amor, torna-se amorosidade, atitude que se reveste em um estímulo para o aprendizado, dando clareza e entendimento à consciência.

O professor não pode ensinar somente com o que aprendeu em sua graduação, assim o aprendizado não será significativo, pois o mundo muda diariamente e o que ontem era valioso, hoje poderá não ter valor algum, uma vez que a aprendizagem é um processo contínuo.

Essa pesquisa estabeleceu por objetivos responder os seguintes questionamentos:

em que momento o acadêmico de Pedagogia considera imprescindível o uso do afeto? Na visão desses acadêmicos a ausência da família na escola pode acarretar problemas no aprendizado da criança? Na ótica dos acadêmicos quais comportamentos provenientes da falta de afeto, e o que ele implica no desenvolvimento do aprendizado dos alunos?

O cotidiano afeta e produz sentimentos que podem ser negativos, culminando em dificuldades de aprendizagem. A escola necessita, nesse contexto, afetar o educando de maneira profícua, despertando-lhe o amor e o interesse. Ainda que ele não tenha propensão para amar algum conteúdo acadêmico, poderá amar quem o educa (CUNHA, 2010, p.17).

Dessa forma o educador com todo o seu legado acadêmico, interpretará através do comportamento social da criança a falta de afeto e automaticamente criará laços de amizade entre educador e educando para sanar as dificuldades apresentadas.

Para tanto se faz necessário que o educador tenha em primeiro lugar amor a sua profissão e autocontrole, para que o mesmo possa ser ético e ter postura diante de comportamentos muitas vezes ofensivos da parte do educando para com o educador.

Para a realização dessa pesquisa optamos pelo cunho qualitativo com vista a obter respostas para a questão em estudo, a partir da percepção dos graduandos em Pedagogia, futuros profissionais da área da educação, uma vez que (CHIZZOTTI, 1991, p.79), ressalta que:

> a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

Os dados foram coletados em uma faculdade particular localizada no noroeste de Minas Gerais. A pesquisa contou com a aplicação de um questionário, o qual responderam os estudantes do 8º período do curso de Pedagogia. A turma contava com 40 alunos matriculados, no entanto, no dia em que foi aplicado o instrumento de coleta de dados, estiveram presentes 21 alunos que se prontificaram em participar da pesquisa. Os dados obtidos a partir das respostas das questões formuladas foram analisados e tabulados nesse artigo.

I- O AFETO COMO FERRAMENTA NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

1.1 Uma tentativa de definir afeto.

Afeto pode ser definido como uma relação de amorosidade em um relacionamento interpessoal: significa afeição, amizade, simpatia, sentimento de afeição por alguém.O afeto faz parte do aprendizado infantil, pois através do carinho os educandos podem ser

impulsionados a aprenderem conhecimentos novos. Em muitos casos, os pais dão aos filhos todo tipo de educação, mas se esquecem de educarem pelo afeto e isso pode trazer consequências no processo de ensino e aprendizagem.

Assinala Cunha que "ninguém chega à escola sem ter sido antes, de alguma forma, movido em suas dimensões afetivas" (2010, p.17). Nessa linha de raciocínio, "é indispensável que os pais possam educar seus filhos com doçura e coerência, não se deixando subornar nem recuando ante o primeiro choro, exercendo a autoridade com firmeza sem jamais delegá-la a outro" (ANTUNES, 2000, p.54).

A criança têm muitas maneiras de chamar a atenção, e isso não tem uma regra determinada, ela o fará sempre que necessário, pois a mesma precisa ser notada. E não há nada de muito gritante nisso: é um simples apelo pedindo atenção, afeto, carinho e amor. Essa necessidade de afeto que a criança possui se estende também para a vida estudantil.

Desta forma, em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do educando é o afeto. Ele é um meio facilitador para a educação e irrompe em lugares que, muitas vezes, estão fechados às possibilidades acadêmicas (CUNHA, 2010, p.51).

Pensando dessa maneira, se faz necessário que os pais deem aos filhos uma atenção especial no que tange os assuntos relacionados à escola. Isso pode proporcionar à criança um melhor aprendizado, que por sua vez pode melhorar seu desempenho na vida escolar. Assim cabe a família oferecer à criança as condições necessárias para a sua aprendizagem efetiva, dando suporte e propiciando um ambiente que facilite sua escolarização.

1.2 Relação professor-aluno

Muitos fatores podem influenciar o processoensino- aprendizagem, dentre eles a relação afetiva entre professor e aluno. O papel daafetividade no contexto ensino-aprendizagem tem sido objeto de estudos de muitos teóricos, dentre os quais Piaget,Wallon e Vigostky.

De acordo com Piaget (2001), é por meio da afetividade que ao passar pelas fases da vidao indivíduo obtém consciência de valores morais. Realizando as atividades durante o seu desenvolvimento, como os trabalhos escolares, após aprender sobre cooperação por meio da socialização e das relações entre os colegas e professores, e de aprender sobre a autonomia para tomar decisões, o indivíduo atinge a fase adulta e tem a sua personalidade formada.

Conforme o adolescente é exposto às diversas responsabilidades, que exigem que ele se torne cada vez mais autônomo ou em algumas situações, saiba como trabalhar em grupo socializando com outros colegas, ele vai perdendo algumas formas como ele agia anteriormente como adolescente, em um processo de amadurecimento (PIAGET, 2001).

Wallon (1995) elaborou uma teoria para explicar a importância da afetividade no processo de desenvolvimento cognitivo do ser humano. A construção do sujeito e do objeto com a qual ele construirá seu conhecimento depende da alternância entre afetividade, ou seja, com o modo como o indivíduo vai relacionar o objeto de estudo com o seu cotidiano: discutindo ativamente com o professor, estabelecendo relações mais íntimas com o professor, e a inteligência caracterizada pelo processo de cognição do aluno.

Vygotsky (2001) afirmou que a base do pensamento é afetivo-volitiva, ou seja,

existe uma relação muito grande do afeto que os discentes têm pela matéria ou pelo professor, com a nossa vontade de aprender, de compreender o que é lecionado.

No cotidiano de sua práxis, o professor não terá de lidar somente com conteúdos programáticos do currículo estabelecido pelo órgão estatal; ou transmitir para o aluno coisas que julga serem corretas. Educar é auxiliar o aluno a criar a sua identidade, fazer com que o mesmo se reconheça como parte de uma sociedade, e que dentro dessa sociedade vivem outras pessoas com religiões diferentes da dele, gostos, desejos, que devem ser respeitados.

Em qualquer circunstância, o caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto, é um meio facilitador para a educação. Irrompe em lugares que, muitas vezes, estão fechados às possibilidades acadêmicas. Considerando o nível de dispersão, conflitos familiares e pessoais e até comportamentos agressivos na escola hoje em dia, seria difícil encontrar algum mecanismo de auxílio ao professor mais eficaz (CUNHA, 2008).

O educador pode enfrentar casos de alunos dispersos, ao mesmo tempo em que o conteúdo está sendo trabalhado em sala de aula. Para tanto ele precisa despertar a atenção do aluno através da emoção, caso contrário , as informações aplicadas em sala de aula podem ser descartadas como lixo, pela memória do educando.

Assim, o ponto de partida do trabalho pedagógico deve ser a emoção. A emoção do aprendente apropria-se do que será aprendido e, desta forma, o afeto atua no início do processo de aprendizagem para canalizar a atenção e no final para ajudar a memória no resgate das informações (CUNHA 2010, p.44).

Infere-se que o educador deve aproveitar todo o tempo dentro da escola para resgatar o interesse do aluno pelo ambiente escolar e a sua prática deve ser voltada para a construção do conhecimento, de forma prazerosa.

1.3 Escola e família uma parceria que dá certo

Desdeo berço as crianças recebem dos seus pais, ensinamentos relacionados à emoção que levarão por todas suas vidas. O quanto antes os pais trabalharem o emocional das crianças, mais elas estarão preparadas para enfrentar a vida escolar.

A primeira oportunidade para moldar os ingredientes da inteligência emocional é nos primeiros anos, embora essas aptidões continuem a formar-se durante todo o período escolar. As aptidões emocionais que, posteriormente, as crianças adquirem formam-se em cima daquelas aprendidas nos primeiros anos (GOLEMAN, 1995, p.207).

(CUNHA, 2008, p.96), dá a sua contribuição ao assunto da seguinte maneira:

> Eventualmente, a escola cumpre o papel de resgatar junto ao seu aluno alguns valores da sua formação. Lares desestruturados não costumam ser bons ambientes para seus filhos. Normalmente, quando chegam à escola demonstram carência afetiva e alguns problemas emocionais.

O afeto que a criança recebe vindo da família configura um papel relevante e ajuda a aprimorar ainda mais a percepção, a memória e vontade própria. Assim, o afeto tem um denso

controle sobre o desenvolvimento cognitivo do aluno. Antes de a criança começar a frequentar a escola, é necessário um conhecimento básico de como aprender, são características que ajudarão muito em seu desenvolvimento escolar.

II - O AFETO NAS REPRESENTAÇÕES DOS ACADÊMICOS DE PEDAGOGIA

2.1 Representações dos futuros pedagogos sobre o afeto no processo ensino-aprendizagem

Os gráficos a seguir apresentam os percentuais obtidos na pesquisa com os alunos do 8º Período de Pedagogia de uma faculdade localizada no noroeste de Minas Gerais. O questionário teve os objetivos de investigar as representações dos acadêmicos em relação ao afeto no processo ensino aprendizagem da criança e o que sua ausência dele pode acarretar no desenvolvimento da mesma.

No gráfico 1, propõe conhecer o que pensam os questionados sobre afeto como facilitador no processo de aprendizagem da criança.

Gráfico 1 O afeto facilita a aprendizagem da criança?

Fonte: Pesquisa Direta, 2014

Podemos observar que 95% dos entrevistados disseram que o afeto facilita muito a aprendizagem da criança. Outros 5% disseram que às vezes o afeto facilita o aprendizado. O percentual obtido de 95% está em consonância com as afirmações de (CUNHA, 2010, p.44), quando diz que:

> O ponto de partida de qualquer trabalho pedagógico deve ser a emoção. Como vimos, a emoção do aprendente apropria-se do que será apreendido e, desta forma, o afeto atua no início do processo de aprendizagem para canalizar a atenção e no final para ajudar a memória no resgate das informações.

A emoção pode facilitar a assimilação das informações dadas dentro da sala de aula e o afeto pode proporcionar a busca das informações que emocionalmente foram gravadas no cérebro. A escola pode promover de modo peculiar o que a criança necessita para viver e produzir conhecimentos através do amor, do contato físico, música, dança, artes plásticas, teatro e produção de texto. Todo o contato que a criança tem com o educador e demais membros da escola, pode gerar desenvolvimento psicossocial imprescindível a sua formação.

Nesse mesmo sentido, na educação, a escola é quem melhor pode promover a vida, de vivência plena, experimentação sem desperdício, expressando o valor da coletividade na individualidade de cada um, participando do cotidiano e produzindo conhecimento por meio do afeto. A escola é uma árvore. A árvore é alimentada e alimenta. Abriga e ensina aos passantes à sua sombra. Sustenta os que se aconchegam e fazem seus ninhos e, como pássaros, prepara ali uma nova geração para voar (CUNHA, 2010, p.30).

O gráfico 2, apresenta o momento que o futuro pedagogo considera imprescindível o uso do afeto dentro da escola.

Gráfico 2: Em que momento você considera imprescindível o uso do afeto dentro da escola?
Fonte: Pesquisa Direta, 2014

O gráfico 2, apresenta a posição dos entrevistados com relação ao momento que o afeto deverá ser usado dentro da escola.

100% dos entrevistados julgam que o afeto deverá ser usado em todos os momentos, dentro da instituição de ensino, visto que o mesmo pode ser usado como uma ferramenta a mais para que a criança se sinta acolhida, protegida e incluída.

"Para o educando, a sala de aula é o seu momento de viajar pelo infinito. Esquecer os problemas pessoais e familiares, dando asas a digressões, buscando um mundo mais atraente, mais agradável, que lhe afete de forma amorosa, não mediante problemas e frustrações" (CUNHA, 2010, p.44).

Pode-se ter uma compreensão de que o mundo externo é cativante, interessante, envolvente para a criança comparado ao mundo interno da escola. O emprego do afeto deverá acontecer paralelo ao ingresso da criança, para que possa sentir-se acolhida por todos da comunidade escolar.

O gráfico3, faz referência ao afeto como um elemento fundamental na prática pedagógica.

Gráfico 3: Você concorda que o afeto é um elemento fundamental na prática pedagógica?
Fonte: Pesquisa Direta, 2014

No que tange o afeto como elemento fundamental na prática pedagógica, 100% dos entrevistados concordam que o mesmo é fundamental. Isto porque, há professores mesmo com pouquíssimos recursos que afetam tanto que são capazes de transformar suas aulas em dínamos de inteligências... em nossa memória, o que mais conservamos são as coisas que nos afetam, para o bem ou para o mal(CUNHA, 2010, p.69).

A falta de recursos pedagógicos não pode ser utilizada como pretexto para não ensinar o aluno algo proveitoso. A ferramenta do afeto estando em mãos pode tudo transformar: um pet descartável vira uma flor; um papel transforma-se em aviões e barquinhos e com isso a criança vai moldando o material e automaticamente aprendendo a dar forma a sua personalidade, ou seja, as suas características peculiares.

O gráfico 4, exibe os resultados obtidos dos questionados do 8º período de Pedagogia

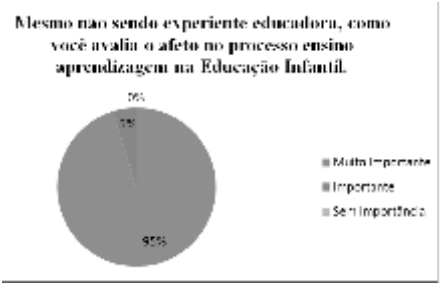


Gráfico 4: Mesmo não sendo experiente educadora, como você avalia o afeto no processo ensino aprendizagem?
Fonte: Pesquisa Direta, 2014.

Observa-se que, os futuros pedagogos não tendo tanta experiência em sala de aula, 95% dos entrevistados avaliam o afeto como muito importante, ficando apenas 5% avaliando o mesmo como importante.

Na lição de Paulo freire, a afetividade não se acha excluída de cognoscibilidade, entretanto, observa que ela não deve interferir no cumprimento ético do dever do professor, no exercício de sua autoridade. Não há como condicionar a avaliação do trabalho escolar ao maior ou menor bem-querer que se tenha por um aluno. "A minha abertura ao querer bem significa a minha disposição à alegria de viver. Justa alegria de viver, que, assumida plenamente, não permite que me transforme em um ser 'adocicado' nem tampouco em um ser arestoso e amargo". (FREIRE, 1996, p.11)

A escola deve ser o local por excelência para socializar a criança e as relações afetivas possuem um enorme valor nesse processo. Contudo o professor deve ter certo cuidado para que o afeto não atrapalhe a sua autoridade dentro do âmbito educacional. O professor deve ter um comportamento ético frente aos alunos e estreitar os laços de amizade com os mesmos.

O gráfico 5, retrata a relação escola e família para o desenvolvimento cognitivo da criança e o que sua falta pode causar.

Gráfico 5: A ausência da família na escola pode acarretar problemas no aprendizado da criança?
Fonte: Pesquisa Direta, 2014

A ausência da família na escola foi assinalada por 90% dos entrevistados como causadora de problemas no aprendizado da criança e 10% dos entrevistados apontaram que às vezes isso pode acarretar problemas.

A escola e a família devem andar de mãos dadas, para que a criança possa ganhar ainda mais com isso. A criança poderá ver a escola como uma aliada e não como uma rival ou algo prejudicial. E quando há conflitos entre pais e escola, os mesmos deverão ser resolvidos em particular para que a criança não tome partido de um e fique contra o outro.

O gráfico 6, traz os resultados do que está sendo questionado a seguir.

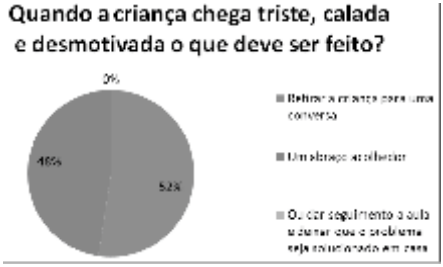


Gráfico 6: Quando a criança chega triste, calada e desmotivada o que deve ser feito?
Fonte: Pesquisa Direta, 2014

Podemos observar que 52% dos entrevistados responderam que ao chegar triste, calada e desmotivada na escola a criança deve ser retirada para uma conversa, enquanto 48% dos entrevistados responderam que dariam um abraço acolhedor.

A criança que vai a escola carrega toda uma história de vida que não pode ser deixada do lado de fora ao entrar. Portanto a paciência e o amor ao ensinar são fundamentais, visto que existem crianças que habitam lares desorganizados e sem estrutura e esses ingredientes podem fazer toda diferença no processo de ensinar e aprender.

Em alguns problemas recorrentes de alunos que habitam lares problemáticos, a escola tem o dever de ajudar essas crianças a encontrarem novamente esses valores sociais imprescindíveis que, ficaram encobertos no seio familiar. A escola como um todo, não deve apenas ensinar os conteúdos existentes no currículo, no entanto, a mesma deverá resgatar nessas crianças o direito de sonhar, viver e ser feliz.

2.2 Analisando as representações dos acadêmicos de Pedagogia

O questionário, contava com 3 perguntas abertas, pois entendíamos que seria necessário os entrevistados exporem suas ideias referentes ao afeto dentro do processo

ensino-aprendizagem na educação infantil. Foram colocadas as respostas dos vinte e um entrevistados e a mesmas foram transcritas na íntegra.

Para melhor entendimento das questões abertas, serão feitos dois blocos, sendo que o primeiro bloco terá 10 respostas e o segundo com 11 respostas seguidas de suas respectivas análises. Foi, portanto, perguntado aos entrevistados:

Você concorda que os termos educar e cuidar deve andar de mãos dadas, por quê?

Entrevistado 01. *"Sim, porque quem ama educa."*

Entrevistado 02. *"Concordo, porque na educação há o cuidado com a aprendizagem do aluno e com o próprio. O aluno é peça fundamental na escola".*

Entrevistado 03. *"Com certeza, porque como disse Rubem Alves que é preciso formar de dentro pra fora, ou seja é necessário cuidar da inteligência emocional formando valores saudáveis, para depois comer a inserir as disciplinas."*

Entrevistado 04. *"Sim, a criança deve ter o professor como um amigo, e deve se sentir bem e acolhido, na presença deste."*

Entrevistado 05. *"Sim. Porque através dos cuidados da família e da educação dada por eles a criança pode se tornar um adulto capaz de resolver seus problemas e se tornar um cidadão do bem."*

Entrevistado 06. *"Sim. Porque para educar é preciso sentir-se envolvido com o educando estabelecendo uma relação de cumplicidade e amor para que a aprendizagem seja significativa."*

Entrevistado 07. *"Porque juntos podem estar desenvolvendo um bom desempenho da criança."*

Entrevistado 08. *"Com certeza, a educação é um laço, para que a criança tenha uma aprendizagem significativa, o cuidar deve ser todos os dias."*

Entrevistado 09. *"Sim, porque ao educar você estará trabalhando e vivenciando com a criança e ao mesmo tempo cuidando para que tenha o bom resultado. É o mesmo que uma planta, para que haja bons frutos temos que cuidar até a colheita, na educação não é diferente."*

Entrevistado 10.*"Sim, porque quando um professor educa, principalmente com amor, ele estará cuidando."*

Em análise as respostas acima transcritas, percebe-se que todas mencionam e ratificam que educar e cuidar deve andar de mãos dadas. Destacamos a resposta do entrevistado 9:

"Sim, porque ao educar você estará trabalhando e vivenciando com a criança e ao mesmo tempo cuidando para que tenha bom resultado. É o mesmo que uma planta, para que haja bons frutos temos que cuidar até a colheita, na educação não é diferente".

Quem diz que educar e cuidar são fatores que não se separam deve ser porque acredita em uma educação melhor e correlaciona o bom aprendizado com essa ferramenta singular que tem por nome afeto. Antes de sentir-se objeto do ensino do professor, o educando necessita sentir-se alvo do seu amor. Antes de sentir-se elemento de uma classe, necessita sentir-se acolhido por ela. O afeto deverá ser a primeira matéria a ser ministrada e a paciência a sua guardiã (CUNHA 2010, p.47). Avulta-se que o aluno deve sentir-se cuidado, amado, protegido pelo educador e isso pode ser a chave principal para o seu bom relacionamento com a comunidade escolar.

Entrevistado 11.*"Sim, porque educar é cuidar da criança oportunizando a ele um futuro melhor através de uma melhor formação."*

Entrevistado 12. *"Sim. Porque educar requer: amor, atenção, cuidado e muito afeto."*

Entrevistado 13. *"Sim. Porque para se educar deve se cuidar, cuidar afetuosamente quanto a aprendizagem, quanto ao respeito e carinho."*

Entrevistado 14. *"Sim, ao educar o professor também cuida. Pois no dia a dia em sala de aula o vínculo entre aluno e professor fica muito forte, e o professor ao ensinar cuida e ama."*

Entrevistado 15. *"Sim. Pois quem ama educa, cuida."*

Entrevistado 16. *"Sim, pois queremos educar e cuidar sempre e fazendo possibilita a criança a um aprendizado sem problemas e melhor."*

Entrevistado 17. *"Sim. Porque ao educar a criança você pensa primeiro em cuidar, para que a criança tenha uma educação e boa convivência e um bom convívio social."*

Entrevistado 18. *"Sim, porque educar é cuidar, e cuidar exige que se eduque para que a criança tenha bom conhecimento de respeito e limites com todos."*

Entrevistado 19. *"Sim. Porque para educar exige um cuidado maior com a criança."*

Entrevistado 20. *"Sim, a meu ver a criança que tem o afeto do professor tem confiança, e mais liberdade de expressão as vezes o professor é o conselheiro que a criança não tem em casa, muitas das vezes pelos pais não terem tempo para eles."*

Entrevistado 21. *"Educar é uma demonstração de cuidado, de amor."*

Por meio das respostas representadas há evidências que educar e cuidar são coisas indissociáveis, pois o fato da criança está sendo educada configura cuidado, zelo, amor e afeto, visto que a educação é a preparação para a vida, para caminhar pelo mundo afora.

Isto porque é por meio do amor que se obtém a saúde mental e emocional. É em razão do amor que sabemos se somos felizes ou não. É por sua razão que os nossos alunos devem ser encorajados a romperem os seus limites em voos mais altos e a respeitarem voluntariamente os limites estabelecidos para a sua disciplina e aprendizado. Quando se ama, é quando se devem disciplinar e estabelecer limites, não em momentos de rancor instintivo, nos quais agimos mais em razão de nós mesmos do que pelas necessidades dos nossos alunos ou filhos. (CUNHA, 2010, p.17)

Através desse amor o aluno pode ser mobilizado a ir além, e ao mesmo tempo saber frear quando for necessário. Se o professor disciplinar seus alunos em sala de aula, estará cuidando, amando e educando. No ato de cuidar o aluno pode aprender conceitos sobre família, cidadania, ética, ou seja, pode construir valores humanos que venham nortear sua vida.

Perguntamos aos entrevistados "em sua opinião o afeto contribui no desenvolvimento cognitivo e da autonomia da criança?"

> Entrevistado 01. *"Sim, porque quando estamos tranquilos, com a autoestima estável, temos mais habilidade para desenvolver na criança ela sentirá apoio, e com isso ela terá possibilidade para desenvolver sua própria autonomia."*
>
> Entrevistado 02. *"Contribui e muito, os valores são uma forma de confiança entre a criança e professor."*
>
> Entrevistado 03. *"Sim, pois a criança que recebe o afeto se torna uma pessoa espontânea que interage com todos, tem uma melhor evolução."*
>
> Entrevistado 04. *"Sim, com certeza o afeto é uma ferramenta essencial de auxílio ao desenvolvimento da criança, uma vez que quando a criança se sente amada e acolhida se sente segura e tem liberdade de se expressar e se desenvolver com confiança, além disso, se ela recebe afeto, com certeza retribuirá com afeto também, a que irá refletir em ações em sua vida, mesmo fora da sala de aula."*
>
> Entrevistado 05, *"Com certeza, pois através do afeto a criança pode se tornar capaz de tomar suas decisões."*
>
> Entrevistado 06. *"Sim, uma criança amada, e querida se desenvolve com mais objetividade e clareza."*
>
> Entrevistado 07. *"Sim, a criança que se sente amada, ganha autoconfiança e autonomia para tomar e executar boas decisões."*
>
> Entrevistado 08. *"Sim, o afeto é importante para o desenvolvimento do aluno e contribui para o ensino aprendizagem e também em suas outras aptidões em sala de aula."*

Entrevistado 09. *"Sim, pois com o afeto a criança dar oportunidade com o que o professor a ajude no seu aprendizado, possibilitando a sua própria autonomia, seus próprios interesses."*

Entrevistado 10. *"Com certeza. A criança que se sente amada ela aprende mais e melhor."*

Concordam que o afeto facilita o aprendizado, pois a criança tem liberdade de aproximação com o educador e ao aproximar-se terá muitas dúvidas esclarecidas e automaticamente desenvolve sua autonomia, expressão, clareza e deixa de lado a timidez e o silêncio. O entrevistado 4 tributa a respeito:

"Sim, com certeza o afeto é uma ferramenta essencial de auxílio ao desenvolvimento da criança, uma vez que quando a criança se sente amada e acolhida se sente segura e tem liberdade de se expressar e se desenvolver com confiança, além disso, se ela recebe afeto, com certeza retribuirá com afeto também, a que irá refletir em ações em sua vida, mesmo fora da sala de aula."

Articula-se com transparência a respeito do afeto como ferramenta para a libertação, para o alcance da autonomia e da possibilidade de ser feliz. Um professor bem preparado pode utilizar sua experiência para aproximar do coração da criança e toca-lo e a mesma venha tornar-se livre dos bloqueios ocasionados.

Entrevistado 11. *"Sim, a criança que estuda ou convive em um ambiente afetuoso tem a oportunidade de desenvolver o seu cognitivo, estimulado pelo prazer de aprender, o qual é estimulado pelo afeto expressado pelo professor."*

Entrevistador 12. *"Sim porque quando o aluno recebe carinho, ele se torna uma pessoa confiante e isso é fundamental para um bom desenvolvimento e autonomia."*

Entrevistado 13. *"A criança se sente mais motivada quando percebe que ao seu redor tem pessoas que se importam com ela."*

Entrevistado 14. *"Sim, basta você analisar uma criança que tem o apoio do professor e outra que não tem, suas reações podem ser muito diferentes, no comportamento, e até mesmo nas notas."*

Entrevistado 15. *"Sim, o afeto demonstrado contribui muito para que a criança se desenvolva mais, e a socialização é mais rápida".*

Entrevistado 16. *"Sim, o afeto contribui no cognitivo porque a criança vai ter prazer em aprender quando o educador demonstra afeto por ela e vai ter prazer de ir a aula. Desenvolve a autonomia porque a criança não terá medo de falar e participar da aula porque vai se sentir segura e protegida com o afeto do professor."*

Entrevistado 17. *"Sim, pois a criança será um adulto bem desenvolvido na sua vida pessoal, possibilitando uma autonomia maior diante de várias situações tanto em sala de aula quanto fora dela."*

Entrevistado 18. *"Sim, pois possibilita a criança a ter autonomia e desenvolve suas dificuldades do seu dia a dia."*

Entrevistado 19. *"Sim, pois uma criança que tem afeto em qualquer lugar se torna mais capaz de aprender."*

Entrevistado 20. *"Sim, a criança como todo ser humano precisa de amor para se desenvolver. E ao receber amor em sala de aula a criança se sente melhor e consequentemente se desenvolve mais."*

Entrevistado 21. *"Sim, porque a criança que recebe afeto é encorajada desde cedo e recebe apoio da família e educadores, possui personalidade centrada e é mais segura dos seus atos."*

Consideram que o afeto contribui para o desenvolvimento cognitivo e da autonomia da criança. Para isso ocorrer o professor necessita atravessar as paredes rígidas da emoção da criança e buscar na sua existência sorrisos e vontades oprimidas por ações vivenciadas no cotidiano.

Fala a respeito do poder que há nas mãos do educador, poder esse que talvez não seja reconhecido. Fazer com que a criança se torne solo fértil pode ser o mesmo que semear boas sementes, que podem dar frutos maravilhosos em longo prazo. Os bons professores devem compreender que seus alunos precisam alcançar a liderança de si mesmos, que esses mestres sejam motivadores e saibam contribuir para que seus alunos possam desenvolver os aspectos intelectuais e emocionais.

Finalmente questionamos aos entrevistados "a criança que não recebe amor e carinho desenvolve qual tipo de comportamento?"

Entrevistado 01. *"A criança reflete aquilo que recebe, e seu comportamento muda quando ela sente-se indiferente. E quando ela não recebe amor em sala de aula ela se isola muitas vezes não aprende."*

Entrevistado 02. *"Essa criança desenvolve um comportamento agressivo, não se relaciona bem com os colegas e também não possui a empatia."*

Entrevistado 03. *"Sim, pois quando a criança recebe carinho e um acolhimento, interfere em seu comportamento e seu desenvolvimento."*

Entrevistado 04. *"Um comportamento agressivo, distante da realidade, uma criança revoltada sem saber o significado do respeito consigo mesma e com o próximo."*

Entrevistado 05. *"Agressividade, stress, não consegue aprender o conteúdo, desânimo das aulas e da escola, medo, angústia é uma criança agitada e atrapalha seus colegas".*

Entrevistado 06. *"Ela se torna agressiva e não quer compreender que a instituição está ali para ajudá-la."*

Entrevistado 07. *"A criança pode se tornar agressiva, desiludida, ou solitária, desinteresse escolar".*

Entrevistado 08. *"Ela pode desenvolver uma autonomia negativa fazendo o que quer na hora que deseja, agressividade, depressão ou se isolar do resto da turma."*

Entrevistado 09. *"Ela se torna uma criança rebelde, que chama a atenção de todos, como a indisciplina e a maioria fica violenta com seus coleguinhas."*

Entrevistado 10. *"Ele pode desenvolver um comportamento reprimido dentro da sala, comprometendo seu ensino aprendizagem."*

Nas respostas obtidas é possível entender que a ausência de amor e carinho pode gerar na criança algum tipo de comportamento desviante da normalidade. Assinala Cunha:

> As emoções são importantes para a saúde psíquica. Somos um ser social e afetivo. Afetivo, principalmente, porque nos relacionamos uns com os outros. A nossa primeira forma de aprendizagem vem pelas relações sociais, que sempre estarão conosco. Ainda que deixemos de estudar, ler, assistir à televisão e ir à escola, continuaremos a aprender pela convivência. Todo e qualquer distúrbio que interfere em nossas relações sociais é profundamente danoso à aprendizagem (CUNHA, 2010, p.39).

No emprego das palavras foi falado que se precisa estar mentalmente saudável para que não haja comprometimento na aprendizagem e na relação social. Nesse sentido, amor, carinho, paciência, cuidado, zelo e compromisso são fundamentais para as crianças que não tiveram em casa, junto à família.

Entrevistado 11. *"Desenvolve um comportamento agressivo, de maneira a chamar a atenção."*

Entrevistado 12. *"Desenvolve na criança um comportamento agressivo, não tem interesse em aprender nada nas aulas, e não tem compromisso, melhorar seu aprendizado."*

Entrevistado 13. *"Geralmente é depressiva ou agressiva, seu rendimento escolar é baixo. Se isola dos demais ou muitas vezes quer chamar atenção (já que não recebe em casa) sendo grosseira ou violenta."*

Entrevistado 14. *"Geralmente a criança que não recebe amor e carinho fica mais agressiva e seu comportamento em sala de aula e na escola tende a desrespeitar colegas e professores."*

Entrevistado 15. *"A criança que não recebe amor e carinho acaba se tornando tímida, retraída, medrosa e baixa autoestima, tem perda de autonomia e não se socializar."*

Entrevistado 16. *"É uma criança levada e sem limites, porém faz isso para chamar a atenção."*

Entrevistado 17. *"Um comportamento agressivo, rebelde, uma criança que não respeita, xinga e até mesmo bate nos outros."*

Entrevistado 18. *"Provavelmente será uma criança triste e afetivamente carente, poderá apresentar comportamento agressivo, porque não sabe tratar as pessoas com amor e carinho, uma vez que também não recebe tais sentimentos em casa."*

Entrevistado 19. *"A criança se torna uma pessoa triste, desmotivada, tem dificuldades até mesmo no aprendizado."*

Entrevistado 20. *"A criança, fica insegura, triste e não consegue desenvolver em sala de aula."*

Entrevistado 21. *"A criança que não recebe amor, ela pode ficar deprimida, retraída, pode ser uma criança agressiva, obviamente não recebendo carinho, não terá amor a ser repartido para com os outros, ela não tem convivência com a afetividade."*

Mesmo inexperientes todos os entrevistados citam algum tipo de comportamento relacionado à criança que não recebe amor e carinho.

> Hoje em dia, do ponto de vista material e cultural, os filhos são muito bem-educados. Mais do que antes. Frequentam aulas de idiomas, academias de ginástica, natação, cursos preparatórios diversos, além da consequente facilidade de acesso às novas tecnologias. A questão substancial está na qualidade da educação afetiva, que os pais, a cada dia, menos tempo têm para exercer. (CUNHA, 2010, p.17)

Com o mundo cada vez mais corrido e os pais tendo que trabalhar fora, praticamente as crianças fica a mercê dos empregados e essa ausência dos pais é totalmente nociva. Nesse sentido a escola deve afetar o educando de forma profícua para que desenvolva nele o desejo pelo aprendizado proveitoso. O professor pode e deve desenvolver na criança um pensamento curioso, livre e afetivo para que se torne aluno ativo e cheio de vida.

III- CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações interpessoais entre professor e aluno devem fazer parte da prática pedagógica. Nesse sentido, foi compreendido que o afeto se apresenta como uma ferramenta facilitadora do aprendizado das crianças que compõe as séries iniciais. Todo ser humano necessita de afeto, dentro do âmbito escolar não pode ser diferente, pois a própria relação entre professor e aluno necessita da presença do mesmo.

Dessa forma, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para melhor compreensão do tema em estudo. Sob o olhar de diversos teóricos percebemos a real contribuição que o afeto tem no aprendizado da criança. Mesmo a criança tendo um ritmo próprio de aprendizado, o professor afetuoso diminuirá as tensões do estudante, trará satisfação, possibilitará o desenvolvimento de fatores importantes como a criatividade, à iniciativa de querer participar mais ativamente das aulas, desenvolvendo também o senso crítico, ou seja, a capacidade de criar sua própria opinião, independentemente do senso comum.

O educador que por seus alunos detém um imenso carinho colabora muito para o desenvolvimento das suas habilidades. A própria história de vida do mestre pode ser de extrema relevância para que a criança estabeleça um paralelo entre suas dificuldades e as de outros. O professor deverá ter em mente que tudo que se refere ao educando, deve ser de interesse dele, pois ninguém ama o que não conhece e nesse sentido o aluno precisa ser amado e esse é mais um dever do educador.

A família e a escola devem compreender a sua missão que é a de construir um ser humano impar, e isso só ocorrerá através do afeto e do amor. Portanto o afeto torna-se uma boa solução para nossa educação, ou seja, mais humana, que adote uma pedagogia afetuosa e que influencie em nossa capacidade sonhar, enxergar a vida e todos os conteúdos propostos na escola.

Observamos que a escola está bem amparada com material didático e por profissionais competentes a ensinar, contudo precisa também de educadores que eduquem com afeto, amor, que tenham tolerância com as crianças que dão sinais de "problemas", que não saibam trabalhar em grupos, perder e por fim, que ainda não estão preparadas para viver em sociedade.

Portanto, deve-se trabalhar muito com emoção da criança, tocá-la, abraça-la, faze-la sentir-se querida e protegida, mostrar a ela que fazemos parte de uma mesma família e que o seu professor não é um militar presente, ditando regras, apontando defeitos e exigindo silêncio, que na verdade o professor é um amigo e está ali com o intuito de ajudar e nada mais. Diante do exposto, este estudo teve como objetivo geral a afetividade e sua influência sobre o processo ensino aprendizagem na Educação Infantil e a visão dos futuros pedagogos.

Foi realizada uma pesquisa de campo junto aos alunos do 8º período do curso de Pedagogia de uma faculdade localizada no noroeste de Minas Gerais. A partir da análise da pesquisa foi possível observar que a maioria dos entrevistados julga o afeto como muito importante e enxergam o mesmo como aliado ao processo ensino-aprendizagem. Ratificam ainda que o afeto deve ser praticado em todos os momentos do contexto escolar, como:

atividades de recreação, na chegada dos alunos a escola e também durante as aulas.

Os pesquisados afirmaram que o afeto contribui no desenvolvimento cognitivo e da autonomia da criança, pois a que recebe o afeto se torna uma pessoa espontânea que interage com todos, tem uma melhor evolução. Afirmam ainda que, com certeza o afeto é uma ferramenta essencial de auxílio ao desenvolvimento da criança, uma vez que quando a criança se sente amada e acolhida se sente segura e tem liberdade de se expressar e se desenvolver com confiança, além disso, se ela recebe afeto com certeza retribuirá. Ainda nesse sentido os pesquisados pensam que a falta de afeto pode desenvolver na criança um comportamento agressivo para chamar a atenção; ela fica triste, se torna uma pessoa desmotivada e tem dificuldade no aprendizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, C**. A construção do afeto**. São Paulo: Augustus, 2000.

CUNHA. Eugênio Antônio. **Afeto e Aprendizagem: relação de amorosidade e saber na prática pedagógica.** 2 ed. Rio de Janeiro: Wak 2010.

SHINYASHIKI. Roberto. A **Carícia Essencial: uma psicologia do afeto**. São Paulo: Editora Gente

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996

GOLEMAN, Daniel, PhD. **Inteligência Emocional: A Teoria Revolucionária que define o que é ser inteligente.** 70ª Ed. Objetiva LTDA, Rio de Janeiro RJ, 1995

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa**, Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus, 1992.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

WAGNER, W. Descrição, explicação e método na pesquisa em Representações Sociais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs.). **Textos em Representações Sociais.** Petrópolis: Vozes, 1995, p. 149-186.

WALLON, Henri. **As origens do caráter na criança**. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.

VYGOTSKY, L. S**. Psicologia pedagógica**. São Paulo: Artmed, 2001.

A DISCRIMINAÇÃO RACIAL E SUAS INFLUÊNCIAS NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM: UM ESTUDO DE CASO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Fátima Aparecida Pereira Santos[*]
Marcelo Pereira de Souza[**]
Helen Cássia dos Reis Oliveira Souza[***]

Resumo: O objetivo desse artigo é partilhar o resultado da pesquisa, realizada em uma determinada Escola Estadual do Município de João Pinheiro – MG, sobre a discriminação racial e sua influência no processo ensino aprendizagem durante os anos de 2012 a 2014. A metodologia contemplou a pesquisa de campo e aplicação de questionamentos acerca de assuntos como: a didática do professor, discriminação na escola, a Lei 10.639/03, família e valores. Explicitar os resultados obtidos e conscientizar os profissionais da educação sobre a necessidade de se colocar em prática ações voltadas a combater a discriminação racial e o preconceito, de forma lúdica e contextualizada, na prática do Ensino Fundamental. Para isso contou com a pesquisa qualitativa e quantitativa para análise subjetiva e objetiva dos dados coletados.

Palavras-chave: Discriminação racial. Ensino/Aprendizagem. Valores.

Abstract: The aim was to share the results of research carried out in a particular state school in the city of João Pinheiro - MG on racial discrimination and its influence in the learning process during the years 2012 to 2014. The methodology included the research field and application questions about such matters as: the methodology of teaching, discrimination at school, Law 10.639 / 03, and family values. Explain the results and raise the awareness of education professionals about the need to put in place actions to combat racial discrimination and prejudice, in a playful and contextualized in practice of elementary school. For this had the qualitative and quantitative research for subjective and objective analysis of the collected data.

Keywords: Racial Discrimination. Teaching / Learning. Values.

[*] Graduada em Pedagogia – Faculdade Cidade de João Pinheiro- FCJP. E-mail: fatimaaparecidajp@yahoo.com.br

[**] Graduado em História – Faculdade do Noroeste de Minas – FINOM. Especialização em História do Brasil – Especialização em Filosofia – Universidade de Brasília – UnB. Professor de História Ensino Básico; Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais. Professor das disciplinas: Filosofia da Educação; Responsabilidade Social; Filosofia - Faculdade cidade de João Pinheiro. Professor de Filosofia no Ensino fundamental II e Ensino Médio-Colégio Cenecista de João Pinheiro. E-mail: marcelomineirojp@yahoo.com.br

[***] Graduada em História – Faculdade do Noroeste de Minas – FINOM. Especialização em Gestão Ambiental – Universidade de Montes Claros. UNIMONTES. Professora de Geografia Ensino Básico; Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais. Professora de Geografia no Ensino fundamental II - Colégio Cenecista de João Pinheiro. E-mail: helenreis01@yahoo.com.br .

Introdução

Este trabalho visou investigar situações nas quais alunos apresentaram queda na aprendizagem, quando submetidos a alguma forma de discriminação. Uma vez que estes, inseridos na escola, foram vítimas de atos preconceituosos e racistas, percebeu-se o quanto essa prática abominável interfere no processo ensino aprendizagem do educando. Vimos nas palavras de Santos (2007) que a discriminação racial é uma das questões que mais dificulta o aprendizado escolar e quando o aluno sofre preconceito por uma de suas características físicas e se sente inferior, ele não apresenta um bom rendimento, não participa das atividades e dos projetos. Portanto, a necessidade de se focar em algo que dê sustentação ao combate à discriminação na escola, na busca pela valorização da cultura, pelo autoconhecimento e pelo convívio social se torna essencial.

O objetivo desse estudo foi compreender como a discriminação racial e o preconceito afetam o comportamento do educando, vitimando-o e fazendo com que o mesmo tenha baixa autoestima e sérios problemas de comportamento. Especificamente, objetivamos conhecer o trabalho dos educadores, como estes lidam com as questões supracitadas.

Como relevância social, este estudo busca perceber os problemas relacionados ao preconceito e ao racismo dentro de uma determinada escola, e como as ações afirmativas de combate a essas práticas podem amenizar os fatores negativos no processo ensino aprendizagem, com aqueles que são discriminados por motivo de sua etnia ou classe social. O público alvo da pesquisa é composto pelo corpo docente e discente da Escola e pelas famílias. Explicitar para toda a Comunidade Escolar os graves problemas que ocorrem quando há exclusão étnica e social dentro do ambiente escolar.

Movidos por diversas inquietações, procuramos responder os seguintes questionamentos: De que forma a discriminação racial afetou o aluno na sua trajetória escolar, levando-o ao abandono dos estudos? Qual é o papel do especialista da educação diante dos fatores de discriminação dentro do convívio escolar? O que levou um educando a cometer preconceito contra os colegas de classe e de outras turmas, sabendo que esta não é uma atitude ética? Que participação teve a família na vida escolar de seus filhos quando estes alunos sofreram preconceito racial? É possível resgatar diversos valores tais como o respeito, a tolerância, a dignidade, o autoconhecimento, diante de tantas "verdades" já estabelecidas? Como foi trabalhado na instituição a História da África e as questões raciais com os alunos e toda equipe pedagógica?A esse ritmo de questionamentos denominamos como diz (MINAYO, 1997, p. 25-26) "ciclo de pesquisa, ou seja, um processo de trabalho em espiral que começa com um problema ou uma pergunta e termina com um produto provisório capaz de dar origem a novas interrogações".

A metodologia utilizada pelos pesquisadores foi a pesquisa bibliográfica que segundo Lakatos (1999, p.73):

> A pesquisa bibliográfica ou de fontes secundárias, abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: raio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão.

A escolha pela revisão bibliográfica é por acreditarmos que sem fundamentação teórica e conhecimento dos discursos de outros autores argumentarmos com fundamentação e para comprovarmos nossos estudos pautamos na pesquisa de natureza qualitativa e

quantitativa, pois acreditamos obter maiores resultados a partir das mesmas. De acordo com Bogdan e Biklen (1982), a pesquisa qualitativa apresenta cinco características básicas:

> 1 A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.
> 2 Os dados coletados são predominantemente descritivos. O material obtido nessas pesquisas é rico em descrição de pessoas, situações, acontecimentos; inclui transcrições de entrevistas e de depoimentos, fotografias, desenhos e extratos de vários tipos e documentos.
> 3 A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto.
> 4 A análise de dados tende a seguir um processo indutivo.
> 5 O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são foco de atenção especial pelo pesquisador.

Para a pesquisa quantitativa concordamos com Fonseca (2002, p. 20):

> (...) os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros.

Foram observadas as metodologias utilizadas pelo professor para ministrar o tema em sala de aula, sua didática, elaboração do plano de ensino, seleção de livros que relatam o racismo e, como os mestres combatem a prática do preconceito – uma ação que fere os princípios da democracia, como pode ser observada nas palavras de Paulo Freire. Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. (FREIRE, 1996, p.17).

A hipótese do trabalho se assenta na ideia de que a discriminação racial afeta o educando no seu processo de ensino aprendizagem, acarretando problemas psicossociais. Estes serão evitados a partir da prática pedagógica eficaz de professores e especialistas.

1. Introdução

Propomos que façamos uma breve reflexão sobre o racismo e a partir daí, entendamos como essa prática interfere na identidade e na aprendizagem das crianças e dos adolescentes.

De acordo com Lopes, o racismo é uma prática histórica e cultural, que não se limita a um ou outro estereótipo, mas especificamente aos considerados diferentes em comunidades distintas.

> O racismo, desde os tempos antigos, é basicamente uma rejeição daquela pessoa que é diferente de nós. Segundo o historiador Heródoto, os antigos egípcios evitavam a companhia de pessoas de rosto claro e cabelos ruivos, como alguns gregos, por considerá-las maléficas; os persas por sua vez, consideravam-se absolutamente superiores ao resto da humanidade; (LOPES, 2007, p.18).

Nota-se que a discriminação não se refere apenas à maior ou menor pigmentação da pele; ela também é resultado das diferenças socioeconômicas existentes dentro da sociedade. O racista se sente superior ao outro por julgar ser mais importante e estar em outro nível de classe social.

> Na antiguidade o racismo sempre foi revelado na forma de escravidão, tanto pelos gregos, os egípcios, os babilônios ou até mesmo pelos romanos, com a caracterização de inferioridade do outro, mas no caso dos romanos, nos últimos dois séculos do império inicia-se uma relação amistosa entre Senhor e escravo, fruto do cristianismo e da degradação do próprio império (WEDDERBURN, 2007, p. 53).

Na Idade Moderna, a discriminação racial surge no Brasil com o seu "descobrimento". No processo de colonização, escravos eram importados para trabalhar nas plantações de cana de açúcar. Destituídos dos direitos civis, propagou-se a ideia, por parte dos dominantes, de que eles pertenciam a uma classe inferior.

> O Brasil, como outros países da América Latina e os Estados Unidos, conheceu um longo período de escravidão (até 1888) de pessoas negras trazidas da África ou de seus descendentes. Inicialmente, como legado da escravidão e posteriormente decorrente das práticas racistas, tem-se observado no país a convivência de desigualdade e preconceito raciais bastante intensos como mito da democracia racial, ou de "racismo cordial". (AQUINO, 1998, p.73).

Uma leitura atenta das palavras de Aquino permite entender que a escravidão no Brasil veio criando uma forma de preconceito intensivo sofrido pelos negros e seus descendentes. Mesmo após a abolição, as desigualdades sociais e econômicas não foram superadas. Ao longo dos tempos, todavia, viu-se a necessidade de inserir o negro nos meios sociais e foram criadas leis que beneficiam a comunidade negra. Entre as recentes, destaca-se a Lei nº10. 639/03, que regulamenta o ensino da História e Cultura Afro-Brasileiras nas escolas de Educação Básica.

> Art. 1º A Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:
> "Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro Brasileira.
> § 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a

> cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e políticas pertinentes à História do Brasil.
> § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e Histórias Brasileiras.
> "Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."
> Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – 9.394/06).

Na esfera nacional, a Lei 10.639/03, uma das atitudes voltadas ao combate do racismo e da discriminação e à valorização das etnias, ressalta a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira. Isso foi possível graças às várias reivindicações de movimentos negros e de outros segmentos no combate ao racismo. Por isso a lei tem como objetivo:

> Colaborar para que todo o sistema de ensino e as instituições educacionais cumpram as determinações legais com vistas a enfrentar todas as formas de preconceito, racismo e discriminação para garantir o direito de aprender e a equidade educacional a fim de promover uma sociedade mais justa e igualitária. (BRASIL, 2009, p.22)

Vê-se que não podemos rejeitar uma pessoa ou mesmo ignorá-la, pois essa prática leva à exclusão do cidadão, deixando-o distante daquilo que é inato ao ser humano, que é o convívio social; afinal, homem é um ser social. Faz parte da essência humana o convívio em sociedade, o não viver de forma isolada. A exclusão é um dos maiores castigos que se pode impor a uma pessoa, pois não fomos feitos para isso.

Nos últimos anos, surgiram propostas educacionais que vieram com esse intuito de combater a desvalorização das diferenças culturais, mostrar que não há uma cultura melhor do que outra, como defendiam os historiadores europeus com suas teorias eurocêntricas. Mas sim, a existência de uma pluralidade cultural entre países.

> O parecer procura oferecer uma resposta, entre outras, na área da educação, à demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afirmativas, isto é, de políticas de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura, identidade. Trata, ele, de política curricular, fundada em dimensões históricas, sociais, antropológicas oriundas da realidade brasileira, e busca combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros. (BRASIL, 2004, p. 06)

Não se pode negar as diferenças e impor a ideia de igualdade entre todos, o que deve ser evidenciado é o respeito pelo outro, a valorização da cultura, a ideia que a minha existência passa pela existência do outro de tal forma que não existimos sozinhos, mas coexistimos.

> [...] o sistema educacional brasileiro, da mesma forma as demais instituições sociais, está repleta de práticas racistas, discriminatórias e preconceituosas, o que, gera em muitos momentos, um cotidiano escolar prejudicial para o desenvolvimento emocional e cognitivo de todas as crianças e adolescentes, em especial às consideradas diferentes [...] (CAVALLEIRO, 2005, p. 68).

A afirmativa de Cavalheiro é verdadeira, pois realmente foi presenciado durante as observações do estudo de caso na Escola Estadual de João Pinheiro-MG, foi que o ambiente escolar nem sempre privilegia um convívio social em que as diversidades sejam respeitadas e entendidas como naturais.

Callinicos (2005, p.10) afirma que:

> Uma vítima do racismo não pode transformar-se para evitar a opressão; pessoas negras, por exemplo, não podem mudar a sua cor. Isso representa uma diferença importante, por exemplo, entre opressão racial e opressão religiosa, uma vez que a solução para alguém que seja perseguido por motivos religiosos é mudar a sua fé.

É inegável que uma das formas de minimizar a discriminação é através da informação, retratando as tradições e valores. Acreditando em uma sociedade justa e democrática é preciso valorizar as diferenças. Não se pode negar também, que é preciso reconstruir os currículos e valorizar uma prática docente que respeite realmente a diversidade cultural e a participação familiar.

Outro ponto predominante sobre a discriminação racial no campo escolar é a postura da família. Isso está bem claro neste estudo, pois houve uma situação em que o aluno comenta que alguém o agrediu verbalmente, porém os pais não deram importância. Isso gerou no educando um mal estar físico e psicológico, além de comprometer a sua aprendizagem, evidenciando que a falta de apoio familiar está diretamente relacionada ao insucesso escolar.

O papel do educador é, entre outros, potencializar valores humanos e auxiliar a convivência harmônica entre os alunos. Nesse sentido, pode-se dizer que diante de fatores de discriminação no ambiente escolar, criados através de ideologia dominante e das várias "verdades" socialmente estabelecidas, o profissional da educação imbuído de sua responsabilidade social, pode resgatar valores tais como a tolerância, a dignidade, o autoconhecimento, e mostrar ainda que as diferenças existem e que devemos respeitar a todos de maneira igualitária. Agindo de tal forma, o educador evitará a discriminação que limita e impede o desenvolvimento da plenitude humana, como pode ser observado nas palavras de Cavalleiro.

> A discriminação, por sua vez, é manifestação comportamental do preconceito, ou seja, é a materialização da crença racista em atitudes que afetivamente limitam ou impedem o desenvolvimento humano pleno das pessoas pertencentes ao grupo discriminado e mantém os privilégios dos membros do grupo discriminador à custa do prejuízo dos participantes do grupo discriminado. (CAVALLEIRO, 2001, p.75).

A família tem um papel fundamental na vida de seus filhos, pois é a primeira a ensinar-lhes regras, valores e atitudes para a convivência social.

Na pesquisa de campo, ao falar de alunos negros que sofreram preconceito, entender o papel da família foi importantíssimo. Na maioria das vezes, quando o aluno está sendo alvo de atitudes preconceituosas, o caso ocorrido não é levado à família. Em outros casos, quando os pais são comunicados, estes, por sua vez, não levam muito a sério, devido ao fato de se tratar de famílias desestruturadas e pobres, nas quais não há o hábito do diálogo na resolução de situações problema. Esse hábito gera reflexos negativos na criança e no adolescente. Utilizando o diálogo e baseando-se na autonomia e no respeito aos filhos, a família tem o poder de resolver muitas situações ou mesmo evitá-las.

Ressalta-se a importância do ensinar e aprender, bem como a valorização humana, acreditando que a educação seja uma das melhores alternativas para uma sociedade democrática. O papel do educador é de fundamental importância para a construção da personalidade humana, visto que essa construção requer de ambos (educando e educador) o interesse pelo ensino/aprendizagem.

É importante ressaltar que a escola não é o único ambiente para o processo de educar. A família e a comunidade se integram na construção das ações que geram igualdade e valorização da diversidade cultural.

2. O olhar dos educadores e especialistas na educação étnico racial

A partir das entrevistas e das respostas dadas pelos educadores e especialistas a respeito da educação étnico racial, foi possível analisar – contando com a construção de gráficos temáticos – a visão dos docentes e a forma como os mesmos tem trabalhado a gama de assuntos relacionados à cultura afro-brasileira, ao respeito mútuo e à diversidade. Considerando aLei 10.639/03, que prediz aos estabelecimentos de ensino a inserção no currículo escolar o estudo da História e cultura da África, a totalidade dos educadores demonstra o reconhecimento da Lei e a necessidade de colocá-la efetivamente em prática. Essa observação fica comprovada no gráfico abaixo, elaborado a partir do questionamento: "A aplicação da Lei 10.639/03 representou, de forma positiva, mudança de comportamento nos alunos dentro da Escola?"

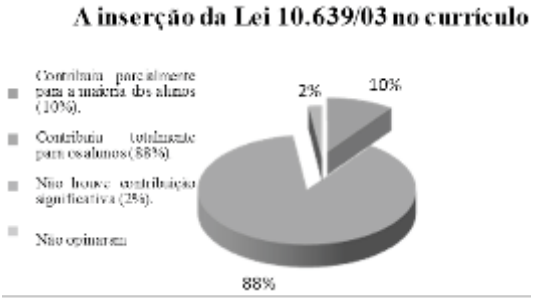


Gráfico 1: Inserção da Lei 10.639/03 no currículo
Fonte: Pesquisa direta, 2014

Como se percebe, a maioria das entrevistadas afirmam que o estudo da lei 10.639/03 é de fundamental importância e contribui para o ensino aprendizagem. A inserção no currículo baseia-se na construção de uma metodologia que retrata positivamente a diversidade cultural étnica.

Foram analisadas as respostas das entrevistadas e há concordância com as mesmas quando elas afirmam que é importante o estudo da lei e sua inserção no currículo escolar, uma vez que isto contribui para um ensino aprendizagem significativo.

Como afirma Souza (2005), ao que tudo indica, a lei considerou que era necessário não somente introduzir o ensino sobre a História e cultura Afro-Brasileira nos ensinos fundamental e médio, como também qualificar os professores para ministrarem esse ensino.

A qualificação profissional dos futuros especialistas é fundamental para uma efetivação da lei 10.639/03, pois aprendendo a História e cultura Afro-Brasileira na licenciatura, se torna mais fácil trabalhar nas escolas e no meio social.

Essa questão ficou esclarecida quando os docentes foram questionados sobre o seu papel diante das questões sociais a serem refletidas dentro e fora do universo educacional. Ao perguntarmos sobre a importância do conhecimento e da metodologia para trabalhar a cultura afro-brasileira, as entrevistadas disseram:

> *"Sim. Busco novas estratégias de forma que trabalho valores éticos e o respeito à cidadania de cada cultura"*. Professora 01
>
> *"Sim. Temos uma gama de valores advindos de nossos antepassados, como também culturas as quais ainda usamos"*. Professora 02
>
> *"Sim. Trabalho sempre roda de conversa com os alunos com o tema e outros temas, buscando sempre a conscientização de todos"*. Professora 03
>
> *"Sim. Esta formação faz parte de um bom profissional e para a qualidade do ensino dentro desta questão social histórica das desigualdades"*. Professora 04
>
> *"Sim, pois vivemos em um país e principalmente em uma região em que a cultura africana teve forte influência nos costumes, crenças, cultura, ou seja, a formação de uma sociedade. Vale ressaltar a contribuição da cultura africana para a miscigenação da nossa região*". Professora 05

A maioria das professoras disse que busca uma formação continuada, pois acredita que desta forma ensina melhor. Sua didática parte do desempenho de cada profissional e os alunos aprendem com mais entusiasmo, principalmente quando se fala de cultura africana, suas crenças e costumes. Segundo Gadotti (2003), a formação do professor deve basear-se no diálogo e visar a redefinição de suas funções e papéis. Nas palavras do autor, o profissional da área da educação deve estar sempre buscando se aperfeiçoar em sua função e suas estratégias de ensino.

A análise da entrevista realizada com a Diretora e a Supervisora, enfatiza que o ensino dos valores na escola é uma prática efetiva, construindo assim cidadãos conscientes com as questões étnicas.

Gráfico 2: Postura dos profissionais da educação diante da discriminação no convívio escolar
Fonte: Pesquisadireta, 2014

O gráfico acima ressalta que 85% dos entrevistados elaboram projetos para trabalhar a valorização das culturas, abrindo um diálogo aberto para com os alunos a fim de mostrar as diferenças, o respeito e a diversidade cultural. Concorda-se com esta opinião, pois um diálogo aberto com os educandos leva-os a um melhor entendimento sobre as diversas culturas e suas diferenças e valores, como pode ser observado por meio dessa afirmativa:

> Pode-se mesmo afirmar que o preconceito faz parte do nosso cotidiano. Frequentemente nos defrontamos com atitudes preconceituosas, seja em atos ou gestos, discursos ou palavras. A sala de aula não escapa disso. E trabalhar com essa questão, ou mesmo a intolerância, não está dentre as tarefas mais fáceis do professor. (AQUINO, 1998, p.119).

Como afirma Aquino, não é tarefa fácil trabalhar com o preconceito mesmo porque ele está impregnado na sociedade, na escola ainda é mais difícil, principalmente quando o professor se encontra despreparado para tomar uma posição firme e eficaz quando ocorrem atos de preconceito na sala de aula. O resultado disso gera no aluno agredido, um sentimento de incapacidade, falta de reação frente às asperezas encontradas, como pode ser visto:

> O sentimento de inferioridade imediatamente sugere o sentimento de limite, poder apenas uma parte e não o todo. A possibilidade de ser completo motiva o desprezo das necessidades de enfrentar desafios tão necessário para apreender sobre si, o outro e o mundo. (CAVALLEIRO, 2001, p.164).

Nesta situação requer-se uma atenção especial, pois o aluno ao se sentir inferiorizado em virtude das práticas racistas e preconceituosas, deposita uma confiança em quem está ali a sua frente, o responsável primeiro pela turma da qual faz parte, o mediador, o educador, com todas as letras, o educando espera que o professor passe a ajudá-lo de alguma forma.

Assim, compreende-se que o corpo docente e discente deve englobar sugestões que aderem às necessidades da escola, uma delas são os projetos que trabalham a valorização humana, as diferenças e valores éticos e morais. Sempre com um diálogo aberto com os alunos, mostrando os pontos negativos quando se é preconceituoso e trazendo-os para uma realidade de que há várias culturas e temos o dever de respeitar a característica de cada uma.

O interior de cada escola é palco dessa diversidade cultural, onde reúnem-se

educandos de cidades, regiões e Estados diferentes, fazendo-se necessário a realização de projetos voltados à diversidade cultural. Isso ficou confirmado por meio de uma entrevista com uma determinada diretora escolar, que fez a seguinte afirmação:

> *"Felizmente em nossa escola não há preconceitos desses gêneros, penso que é justamente porque realizamos projetos voltados para o respeito a diversidade e autoestima. Há uma convivência harmoniosa entre todos."* Diretora 01.

Discordamos da afirmação da diretora de que não há preconceito, pois mesmo que se elaborem projetos de conscientização para os educandos, ainda assim existe o preconceito e discriminação nas escolas, pois mesmo no ensino fundamental as crianças já apelidam os colegas negros com brincadeiras pejorativas.

Como de fato afirma Souza (2005), quanto mais a sociedade, a escola e o poder público negam a lamentável existência do racismo entre nós, mais o racismo existente no Brasil vai se propagando e invadindo as mentalidades, as subjetividades e as condições sociais dos negros, gerando dessa forma, uma desigualdade muito grande na sociedade brasileira. Ainda assim encontra-se presente este tipo de pensamento na escola, considerado um dos melhores lugares, além da família, para informar a respeito das diferenças culturais e étnicas.

A escola deve ser o ambiente que ensina às crianças o dever de crescer respeitando e valorizando todas as etnias e crenças.

3. Considerações finais

Durante a realização deste trabalho foi possível perceber a ação de todos os educadores diante da discriminação racial na escola, visto que são trabalhados projetos que aderem ao tema e a conscientização de todos para a valorização da cultura afro brasileira. É feita uma parceria entre família e escola sempre voltada ao ensino significativo da criança, ressaltando a importância de respeitar o próximo. Porém ao se tratar desta temática ainda existem várias divergências sobre o assunto como é possível ver nos autores citados.

Ao refletir sobre cultura africana pode-se perceber certo preconceito no olhar de algumas pessoas, mesmo estando em um período em que as relações étnicas raciais sejam um assunto atual, ainda assim, este pensamento de exclusão está impregnado na sociedade e isso é reflexo de tempos históricos, o que nos leva a entender que é preciso mais informação para amenizar a desigualdade entre as pessoas.

Nesta perspectiva, fica explícito como o racismo afeta as escolas e salas de aula, e o que leva o educando a discriminar o colega negro, estas questões nos leva a observar a atuação da escola em relação ao desrespeito. A escola deve mostrar para todos os educandos a importância de se respeitar e valorizar as diferentes culturas, trabalhando com projetos que elevam a autoestima da criança.

É ressaltada a inserção no currículo da instituição do estudo da História e Cultura Afro-brasileira, como estabelece a lei 10.639/03. Esta é trabalhada de forma contextualizada nas diversas disciplinas, sendo em projetos que discorrem sobre valores, nos acervos disponíveis na biblioteca, livros didáticos e no contexto atual a formação continuada dos profissionais.

A família é considerada como uma parceira fundamental no processo aprendizagem

do aluno sendo uma aliada nas ocasiões em que é solicitada. No entanto a escola tem um papel primordial na construção da identidade do aluno negro e não negro, pois toda sua trajetória escolar inicia-se na infância e geralmente os valores, crenças e diversidades culturais são concretizados nesta fase.

Foi possível ver ainda a participação e contribuição do poder público em relação as questões raciais, e a viabilização de dados que ainda deixa a desejar. Acreditando que uma ação conjunta entre família, sociedade e comunidade escolar é de fundamental importância. Nota-se que há muito a fazer para combater a pobreza e desigualdade social, e muitas vezes o educando que se considera negro pertence à classe menos favorecida. É preciso ter planejamento, inovar e agir em favor da igualdade e direitos para todos, principalmente na educação.

Assim sendo, é possível perceber que o trabalho foi bem desempenhado e os resultados muito bem coletados, foi colocada sinceridade em todas as respostas dos profissionais que demostraram interesse no trabalho realizado. Não apresentando uma solução definitiva para resolver o problema do racismo na escola, mas uma maneira de informar e conscientizar que ele existe e causa danos para aqueles que são discriminados.

Uma conclusão geral sobre este tema ainda não é possível, pois se trata de um assunto ainda polêmico e de grande amplitude na nossa sociedade, mas salienta-se a contribuição e o incentivo à pesquisa científica sobre o assunto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Julio**. Diferença e Preconceito na escola: Alternativas Teóricas e Práticas.** 2. ed. São Paulo :Summus,1998.215p.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasilia: Senado Federal, 2004

_____. MEC/SECAD. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. MEC/SECAD, 2005.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994]

CALLINICOS, A. **Capitalismo e racismo**. Disponível em: www.socialista.tripod. com. Acesso em novembro de 2014.

CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**.4.ed.São Paulo : Selo Negro 2001.213p.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessário à pratica educativa**. São Paulo :Paz na Terra 1996.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um Sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. São Paulo: Grubhas 2003.52 p.

LOPES, Nei. **O Racismo explicando aos meus filhos.** Rio de Janeiro: Agir, 2007. 206 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1997

SANTOS, Sales. **Ações Afirmativas e combate ao racismo nas Américas**. Brasília: Coleção Educação para todos 2005.400 p.

SOUZA, Andréia, Etal. **Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nª10.639/03/Secretaria de Educação Continuada,Alfabetização e Diversidade**, Brasília :Coleção Educação para Todos,2005.236 p.

WEDDERBURN, Carlos More. **O racismo através da história: da antiguidade a modernidade.**São Paulo: copyright 2007.250 p

O BULLIYNG E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DE 0 A 4 ANOS

Emília Aparecida Batista dos Santos [*]
Maria da Conceição Ferreira[**]

Resumo: Este trabalho tem o propósito de identificar as consequências causadas pelo Bulliyng e quais as sequelas que deixam nas crianças, visando seus comportamentos dentro de sala de aula, onde elas passam maior parte do tempo. Portanto pelos dados coletados, percebe-se a necessidade dos educadores das séries iniciais adotarem medidas para combater a prática do Bulliyng, pois é papel do professor criar cidadãos que sejam capazes de aprender a respeitar as diferenças dos outros e à melhor maneira de se passar isso para eles é ensinando valores éticos, que possam contribuir para uma relação de carinho com todos da escola. A pesquisa ainda define outras questões que dizem respeito às atitudes provocadas pela prática agressiva do Bulliyng. Depois desta análise percebe-se a necessidade das escolas preparar os educadores, capacitá-los os para adotarem medidas de prevenção baseadas no bem comum.

Palavras chave: Bullying . Educação Infantil. Escola. Professores. Consequências

Abstract: This work kept the purpose of identifying the consequences caused by Bulliyng and what the consequences that leave the children, to ensure their behavior within the classroom, where they spend most of the time. Therefore the collected data, we see the need for educators of the initial series adopt measures to combat the practice of Bulliyng as it is the teacher's role to create citizens who are able to learn to respect the differences of others and the best way to spend it for them is teaching ethical values, which can contribute to a caring relationship with all of the school. The research also defines other issues that relate to attitudes caused by aggressive practice of Bulliyng. After this analysis we see the need for schools to prepare educators, enabling them to adopt the measures of prevention based on the common good.

Keywords: Bullying . Early Childhood Education. School. Teachers. Consequences -

1. INTRODUÇÃO

Na faixa etária de zero a seis anos, muitas crianças são vistas e veem a outra fora dos parâmetros exigidos pela sociedade. São caracterizadas e caracterizam a outro como magra/gorda, bonita/feia, inteligente/não inteligente, demonstram pré-conceito racial ou econômico, entre outros.

Já nesta primeira etapa de escolarização as mesmas poderão apresentar as primeiras dificuldades, demonstrando, muitas vezes, um comportamento anormal interferindo na adaptação da criança no meio escolar e em seu meio social; por esta razão é de

[*] Graduada em Pedagogia pela Faculdade Cidade de João Pinheiro-FCJP. E-mail: emiliajpmg@gmail.com

[**] Graduada em Pedagogia pela Faculdade Noroeste de Minas Gerais; Pós-graduada em Psicopedagogia Institucional; Diretora do Centro Educacional Moranguinho. Professora de Alfabetização e Letramento do Curso de Pedagogia da Faculdade Cidade de João Pinheiro-FCJP. E-mail: cemjp@hotmail.com.br

extrema importância o aluno ser bem recebido na escola tanto pelo professor como pelos colegas e que os professores estejam atentos às mudanças de comportamentos da criança para evitar a prática do Bullying.

O Bullying é um tema que vem despertando cada vez mais o interesse dos profissionais das áreas; tanto da saúde quanto da educação, devido ao grande número de pessoas que sofrem com estes transtornos.Porém nem sempre foi assim, o fenômeno ganhou notoriedade na década de setenta quando o primeiro pesquisador Sueco Professor Dan Óleos, na época, resolveu dar maior ênfase ao fenômeno pelo fato de só a mídia, os pais e alguns professores preocuparem-se com isso. Daquela década para cá, está se estendendo para diversos campos além do campo educacional, como por exemplo,no trabalho, internet, instituições que abriga idosos, instituições para dependentes químicos, nos quais os agressores se apoderam dos mais fracos praticando o assédio moral, material, verbal, psicológico, maus tratos causando até mesmo o suicídio da vítima.

Para a realização desta pesquisa, incialmente, surgiram os seguintes questionamentos:O Bullying está presente na Educação Infantil?De que forma?,e como o professor deve combater o Bullying? Será que os educadores realmente estão preparados para trabalhar o fenômeno Bullying na escola pesquisada? As famílias estão realmente atentas ao comportamento da criança? E por fim como esse fenômeno se manifesta na Educação Infantil.

A pesquisa buscou orientar as escolas a trabalharem de forma mais explícita este fenômeno chamado Bullying e levar através de conversas e informações a sociedade um tema preocupante na atualidade,e ir além do campo educacional, prevenir a violência e atitudes agressivas nas escolas para evitarem problemas traumáticos, psicológicos e sentimento de vingança futuros em decorrência do Bullying.

A hipótese chegada é que esse tipo de violência é um fenômeno muito difícil de ser identificado pela família da vítima e também pela escola na fase infantil. De acordo com Almeida e Ribeiro apud NOVA ESCOLA, (2008, p. 35) "O Bullying não é um problema novo, mas apenas recentemente passou a ganhar mais notoriedade pela mídia e a sociedade. E na maioria das vezes, vem disfarçado de brincadeira "sem graça".

A metodologia utilizada na referida pesquisa baseou-se na pesquisa qualitativa através de estudos de autores estudiosos sobre a importância de trabalhar juntos ao combate do *Bullying* que está invadindo as escolas. Foi realizada também uma pesquisa descritiva por meio de uma pesquisa de campo, na qual foram utilizados como instrumento de coleta de dados questionários com perguntas abertas e fechadas destinadas a professores de uma rede particular de ensino no município de João Pinheiro – MG,visando investigar a existência do *Bullying.* Os referidos dados foram apresentados em gráficos e descritos na forma de texto como uma reflexão sobre o tema abordado.

Faz-se necessário levar em consideração a viabilidade de uma população desprovida dos interesses e assuntos relacionados ao Bullying sendo de extrema importância levar à escola e à família os danos causados pelo mesmo para que seja detectado e tratado a tempo, pois fica a cargo da escola e família desconfiarem de qualquer comportamento inadequado na criança.

2. CONCEITOS DE BULLYING

Bullying, palavra de origem inglesa que pode ser traduzida como "intimidar" ou "amedrontar" alguém, de acordo com Moura (2010, p. 02). É utilizada para descrever o conjunto de atitudes agressivas de um ou mais indivíduos contra outro, sendo geralmente o agressor (bullies) que quer dizer uma pessoa que está habitualmente cruel ou autoritária, especialmente para pessoas menores ou mais fracas.

> Bullying é uma palavra de procedência inglesa e foi adotada por muitos países para caracterizar o desejo consciente de agredir uma pessoa e colocá-la sobre tensão; o Bullying é conceituado por apresentar comportamentos agressivos, violentos, e até mesmo a falta de respeito com o próximo, ocasionado problemas no cotidiano e no ambiente escolar (FANTE, 2005, p.27).

Segundo a autora o Bullying é um conjunto de maneiras agressivas e violentas de pessoas que causa medo, insegurança, prejudica o aprendizado, passa descontrole e limita a socialização com os outros.

Ainda segundo Fante (2005, p. 28 e 29)

> Bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do "comportamento bullying .

O *Bullying* é um problema mundial, podendo ocorrer em praticamente qualquer contexto no qual as pessoas interajam, tais como escola, faculdade/universidade, família, mas pode ocorrer também no local de trabalho e entre vizinhos.

De acordo com Constantini:

> Bullying é um comportamento ligado à agressividade física, verbal ou psicológica. É uma ação de transgressão individual ou de grupo, que é exercida de maneira continuada, por parte de um indivíduo ou de um grupo de jovens definidos como intimidadores nos confrontos com a vítima predestinada. (CONSTANTINI, 2004, p.03)

Ainda segundo SILVA (2010, p.115) O fenômeno *Bullying* se divide em duas categorias, *Bullying* direto, que é a forma mais comum entre os agressores masculinos e usam xingamentos, murros, e apelidos ofensivos. Já o *Bullying* indireto, é mais comum entre mulheres e crianças, e a vítima se mantém isolada socialmente. Em geral, a vítima teme o(a) agressor(a) em razão das ameaças ou mesmo a concretização da violência, física ou sexual, ou a perda dos meios para se manter.

2.1 Panorama Atual do Bullying no Ambiente Escolar

A violência é uma das grandes ameaças do século XXI, em qualquer segmento social presenciamos formas diferenciadas de violência, principalmente no ambiente escolar, onde é evidente a crescente manifestação de atos violentos em diversos níveis de escolaridade.

Segundo dados colocados por SILVA (2010, p..117)"O Bullying ocorre em todas as escolas, independentemente de sua tradição, localização ou poder aquisitivo dos alunos. Pode-se afirmar que está presente, de forma democrática, em 100% das escolas em todo o mundo, públicas ou particulares." No Brasil, as pesquisas e atenção voltadas ao tema ainda se dão de forma incipiente. A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência (ABRAPIA) se dedica a estudar, pesquisar e divulgar o fenômeno Bullying desde 2001. Ainda segundo Silva "os índices encontrados podem variar em cada realidade escolar, isso acontece de acordo com o conhecimento da situação e da postura que cada instituição de ensino adota, ao se deparar com casos de violência entre os alunos." (SILVA, 2010, p.117).

Segundo SILVA (2010, pg115) "Enquanto as meninas fazem Bullying na base dos mexericos e intrigas, os meninos tendem a utilizar a força física para firmarem seu poder sobre os demais". É importante destacar que esse Bullying tecido à base dos mexericos e intrigas é muito mais potente que o da força física, pois atinge o psicológico, tornando–se um problema cada vez mais grave se não solucionado a tempo. É um fenômeno complexo, pois, às vezes, é confundido com agressão e indisciplina, exige um olhar atento e observador e acompanhamento constante do professor, pois geralmente a criança agressora age quando não há esse cuidado.

De acordo com Silva (2010, p.116) "Se a maioria das agressões ocorre no território escolar, especialmente nas salas de aula, os professores e as demais autoridades da instituição educacional estão falhando na identificação do problema", sendo assim um motivo a mais para os professores ficarem atentos para evitar atitudes que desencadeiem o Bullying.

Atualmente as agressões sofridas pelos alunos estão sendo levadas mais a sério devido à exposição dos acontecimentos, seja ela feita através da mídia ou do desenvolvimento tecnológico de comunicação. Hoje se pode ter acesso a relatos de adolescentes contando suas experiências obtidas dentro ou fora das escolas, há também a possibilidade de assistir cenas gravadas por celulares, com as quais os alunos se agridem fisicamente e moralmente. Infelizmente este avanço tecnológico estão sendo usados também para humilhar os outros, falar mal de colegas da escola, espalhar fotos não autorizadas e disseminar fofocas, é o que chamamos de "cyberbullying" ou "Bullying pela Internet".

Há uma tendência de as escolas não admitirem a ocorrência do *Bullying* entre seus alunos; ou desconhecem o problema ou se negam a enfrentá-lo. Esse tipo de agressão geralmente ocorre em áreas onde a presença ou supervisão de pessoas adultas é mínima ou inexistente. Estão inclusos no *Bullying* os apelidos pejorativos criados para humilhar os colegas.

As pessoas que testemunham o Bullying, na grande maioria, alunos, convivem com a violência e se silenciam em razão de temerem se tornar as "próximas vítimas" do agressor. No espaço escolar, quando não ocorre uma efetiva intervenção contra o *Bullying*, o ambiente fica contaminado e os alunos, sem exceção, são afetados negativamente, experimentando sentimentos de medo e ansiedade e as crianças ou adolescentes que sofrem *Bullying* podem se tornar adultos com sentimentos negativos e baixo autoestima.

São vários os motivos que levam os alunos a praticar o Bullying. Acredita-se que isto esteja relacionado às experiências que o educando tem na sua família e na comunidade. O(s) autor (es) das agressões geralmente são pessoas que têm pouca empatia, pertencentes às famílias desestruturadas, em que o relacionamento afetivo entre seus membros tende a ser escasso ou precário. Por outro lado, o alvo dos agressores geralmente são pessoas pouco sociáveis, com baixa capacidade de reação ou de fazer cessar os atos prejudiciais contra si e possuem forte sentimento de insegurança, o que os impede de solicitar ajuda.

Aqueles alunos que não são nem vítimas, nem agressores, apesar de não se envolverem diretamente ao Bullying, acabam sofrendo também as suas consequências. Isso acontece, porque o direito que eles tinham a uma escola segura e saudável foi se dissipando à medida que o Bullying corrompeu suas relações interpessoais, prejudicando o seu desenvolvimento sócio educacional.

A partir de todo esse contexto, relatado até aqui, percebe-se a grande importância das escolas e da sociedade, tomarem algumas medidas e buscarem algumas soluções que sejam capazes de combater ou ao menos prevenir o Bullying.

Arrieta (2000, p.65) quando descreve sobre a atribuição de competências e responsabilidades, diz que

> [...] é necessário que se encare com seriedade o desafio de não mais se restringir a uma atitude passiva, mas sim, que se tenha uma postura ativa, que contemple e procure realizar um trabalho profundo. Deve-se, portanto (...) estruturar-se o processo, atribuindo-se competências e responsabilidades aos órgãos e à comunidade participante

O problema existe, é necessário combatê-lo. Portanto, se desejamos evitar a proliferação do Bullying, é preciso implantar medidas de prevenção. Para que isso ocorra, é necessário que todos se sensibilizem e se conscientizem que o problema existe. Isso pode ser feito através da discussão que avaliem essa problemática, salientando que os próprios alunos devem participar dessas discussões. No momento em que os alunos tomarem conhecimento do fenômeno, eles se sentirão seguros para comunicar o educador, caso venham a se tornar vítimas do Bullying. Da mesma forma, os alunos analisarão as consequências, antes de decidirem tornar-se um possível agressor.O responsável pelo ato de *Bullying* pode também ser enquadrado no Código de Defesa do Consumidor, tendo em vista que as escolas prestam serviço aos consumidores e são responsáveis por atos de *Bullying* que ocorram dentro do estabelecimento de ensino/trabalho.

As formas de agressão entre alunos são as mais diversas, como empurrões, pontapés, insultos, espalhar histórias humilhantes, mentiras para implicar a vítima a situações vexatórias, inventar apelidos que ferem a dignidade, captar e difundir imagens (inclusive pela internet), ameaças (enviar mensagens, por exemplo), e a exclusão.

Entre os meninos, os tipos de vítimas são mais de cunho físico. Ainda que não efetivada a agressão, os agressores costumam ameaçar, meter medo em suas vítimas. O Bullying atrapalha inclusive a aprendizagem, sendo que normalmente os agressores são as

crianças com maior porcentagem de reprovação. Os casos de agressão, que acontecem por um período maior devem ser encaminhados para atendimento psicológico. Esta forma de violência é de difícil identificação por parte dos familiares e da escola, uma vez que a "vítima" teme denunciar os seus agressores, por medo de sofrer represálias e por vergonha de admitir que está apanhando ou passando por situações humilhantes na escola ou, ainda, por acreditar que não lhe darão o devido crédito.

Sua denúncia ecoaria como uma confissão de fraqueza ou impotência de defesa. Os "agressores" se valem da "lei do silêncio" e do terror que impõem às suas "vítimas", bem como do receio dos "espectadores", que temem se transformarem na "próxima vítima".

Para evitar os casos de agressão é preciso que os professores estabeleçam princípios e respeito desde cedo. É comum entre as crianças menores brigam pelo fato de não gostarem uma das outras, mas o professor precisa ensinar valores desde os primeiros dias de aula para o desenvolvimento da criança.

Quando o Bullying é identificado entre os pequenos, o educador tem que estar pronto para ajudar a vítima lidar com os constrangimentos trazidos pelo conflito. O sentimento de rejeição faz com que haja indignação na criança deixando algumas sequelas.

2.2 Consequências Do Bullying

O Bullying geralmente é diagnosticado dentro de instituições escolares com toda a faixa etária de idade, onde é comum a exclusão das vítimas prejudicando a aprendizagem do aluno em sala. Com as crianças as consequências são maiores devido às agressões elas começam a sofrer com o medo, a falta de apetite, prejudicando o sono e causando problemas ainda maiores como a depressão.

No ambiente escolar, encontram-se frequentemente isoladas do grupo, apresentam postura retraída deixando explícitas suas inseguranças e ansiedades; apresentam faltas frequentes às aulas com o intuito de fugir das situações de exposições e humilhações; mostram-se comumente tristes, deprimidas ou aflitas; aos poucas vão se desinteressando das atividades e tarefas escolares; nos casos mais dramáticos apresentam hematomas, arranhões, cortes etc.

> Definimos por agressividade/Bullying o que a literatura refere por comportamentos agressivos de intimidações e que apresentam um conjunto de características comuns, entre eles as quais identificam várias estratégias de intimidação do outro que resultam em práticas violentas exercidas por um indivíduo ou por pequenos grupos, com caráter regular frequente (PEREIRA, 2009, p.16).

Segundo o autor com essas características de agressividade a vítima não consegue esquecer esse tipo de situação sem que deixe marcas, principalmente atraso no aprendizado e na vida pessoal.

2.3 Identificando o Agressor do Bullying

Como as crianças que são vítimas apresentam comportamentos diferentes as crianças agressoras também mudam seu comportamento no ambiente escolar, normalmente são alunos populares que precisam de plateia; começam com brincadeirinhas de mau gosto que rapidamente evoluem para gozações, risos; colocam apelidos pejorativos; insultam, difamam, ameaçam, constrangem e menosprezam alguns alunos; fazem ameaças diretas e indiretas; perturbam e intimidam, utilizando-se de empurrões , socos, pontapés, tapas, beliscões , puxada de cabelos; pegam materiais escolares, dinheiro, lanches e qualquer outras crianças.

No ambiente doméstico essas crianças também apresentam comportamentos que os pais têm que ficar atentos para descobrirem essas mudanças.Em casa tendem a mostrar atitudes hostise desafiadoras com os pais não respeitando a hierarquia familiar, muitos adotam maneiras arrogantes de se vestir, mentem de forma convincente quando são questionados sobre suas atitudes, aparecem com objetos ou dinheiro que não possuíam, e é comum voltarem para casa com hematomas demonstrando envolvimento em brigas. Também é comum essas crianças se portarem normalmente como se nada estivesse acontecendo.

2.4. O pedagogo escolar e a participação da família

O pedagogo dentro da instituição escolar deve articular as necessidades junto à gestão de conhecimento. Cabe a este profissional provocar mudanças comportamentais nas pessoas envolvidas, favorecendo os dois lados, o aluno que quando motivado e por dentro dos conhecimentos necessários, sente-se melhor e produz mais e a escola quando se mantém com pessoas qualificadas obtém melhores resultados. O professor de educação infantil, devidamente preparado para intervir ao compreender as formas da criança se comunicar, contribuirá significativamente como mediador em sua aprendizagem. Para o processo de formação do pedagogo, ressaltamos a importância da prática do estágio como elemento curricular da formação de professores, pois o estágio tem por finalidade proporcionar ao aluno uma aproximação do futuro campo de trabalho. Torna-se necessário a continuidade do processo de formação do pedagogo, pois se trata de um processo imprescindível às suas ações pedagógicas, e é na busca dessa atualização que o professor contará com novos elementos para consolidar suas experiências, a transposição do saber, que é sua responsabilidade de profissional.

O pedagogo da Educação Infantil tem que estar preparado para trabalhar com os pequenos a pedagogia dos valores. Entre as crianças menores, é comum que as brigas estejam relacionadas às disputas de território, de posse ou de atenção - o que não caracteriza o *Bullying.* No entanto, por exemplo, se uma criança apresentar alguma particularidade, como não conseguir segurar o xixi, e os colegas a segregarem por isso ou darem apelidos para ofendê-la constantemente, trata-se de um caso de *Bullying.*

Já a família tem outro papel, é através da articulação escola/família que aumenta o interesse e a preocupação dos pais em participarem do processo escolar dos filhos se responsabilizando pelo o acompanhamento escolar no dia a dia do aluno. Nessa parceria é preciso manter uma relação dialógica, em que todas as partes envolvidas possam expressar na busca de soluções para os problemas educativos.

Sabe-se que no contexto escolar existem diversas maneiras dos pais participarem do processo de ensino-aprendizagem, e essa participação é de fundamental importância. Porém a escola vem fazendo um trabalho que precisa ser mais aprofundado, pois suas estratégias mais usadas como as reuniões e visitas a exposições escolares dos alunos, não significa a inserção completa dos pais no processo ensino aprendizagem com tanta responsabilidade como deveria.

De acordo com Chalita (2008,p.86,87)

> O perfil familiar desses personagens também tem muito a dizer sobre o seu comportamento. Normalmente, pertencem às famílias nas quais o afeto é escasso, os pais não acompanham filhos, deixando-os agir sem orientação ou supervisão. Diante dos conflitos, esses pais oferecem, em geral, como modelo, comportamento agressivo ou explosivo. Correríamos, o risco de rotular famílias inteiras, imputando toda a culpabilidade do fenômeno bullying aos lares desprovidos de afeto. Mas, seguramente, a ausência do afeto e do acolhimento, no ambiente familiar ou escolar, é um fator que merece vigilância e intercessão.(CHALITA,2008,p.86,87).

É importante que a família entenda que a educação para a cidadania de seu filho é necessária, porém requer muita atenção, perseverança e responsabilidade dos pais na aquisição dos conhecimentos para a vida. A família que acompanha de perto o rendimento do seu filho proporciona-lhe segurança e firmeza na educação tornando-se parceira da escola.

2.5 existência do *bullying* na educação infantil

Na educação infantil é que se moldam os saberes que nortearão toda a vida escolar da criança. Trata-se de uma fase importante que possibilita aos professores e à escola, juntamente com os pais, trabalharem conteúdos que despertem nas crianças o amor pelo próximo, o respeito e a solidariedade com todos.

A relação social começa cedo, a independência e a autonomia entre as crianças deve ser foco de atenção, pois estas usam e abusam de diferentes ocasiões para causarem práticas incomuns e violentas de convivência com os colegas. As regras de convivência que garantem uma boa relação social são constituídas na família e na escola, Freud esclarece apud: Andrade (2007, p. 41):

> São as crianças, e precisamente nesses primeiros anos, mais tarde velados pela amnésia, que frequentemente manifestam tal egoísmo em grau extremamente marcado e, invariavelmente, mostram evidentes rudimentos ou, expressando-se com maior correção, resíduos dele. As crianças amam em primeiro lugar a si próprio, e apenas mais tarde é que aprendem a amar os outros e a sacrificar algo de seu ego aos outros. As próprias pessoas a quem uma criança parece amar desde o início, no começo são amadas pela criança porque esta necessita delas e não pode dispensá-las- por motivo egoísta, mais uma vez. Somente mais tarde o impulso de amar se torna independente do egoísmo. É literalmente verdadeiro que seu egoísmo ensinou a amar.

Devemos lembrar que a criança na educação infantil encontra-se em expansão de suas estruturas sensório-motoras, vivenciando ainda o pleno campo da ação e construindo seu eu, sua identidade. Já se desenvolve em direção à representação ou simbolização, englobando dimensões cognitivas e afetivas. Nesta fase é natural o egocentrismo, visto que ela não consegue perceber os sentimentos e desejos do outro, ela é o centro de tudo. A criança deverá ser direcionada pelos pais e educadores para aprender a amar e consequentemente a conviver em paz no seu grupo social. Atitudes como mordidas, empurrões são frequentes na educação infantil, mas estes comportamentos devem ser observados e corrigidos, para que se tornem atitudes rotineiras, se persistirem é necessário observar e investigar as causas dessas práticas.

A prática do *Bullying* está por toda parte, ocorre em situações normais e principalmente com crianças negras, ruivas, gordas, tímidas, dentre outras. A convivência diária gera os conflitos como a escolha de um par para dançar em uma apresentação, a escolha do grupo que realizará uma atividade entre outras. Vale lembrar que todos os problemas gerados podem ser interrompidos com a ajuda dos professores em relação ao bom relacionamento em sala de aula.

> A escola é um espaço rico de possibilidades de ensinar e de aprender, de conviver e viver em harmonia. As relações professor/ aluno e aluno/aluno são um verdadeiro laboratório para a vida, pois estão repletos de dilemas, de conflitos, de escolhas que permitem exercitar, resgatar, revisitar, e rever os princípios, os objetivos, os valores que nos mantém unidos. (CHALITA, 2008, p.197)

O professor poderá aproveitar as situações surgidas, desde uma simples mordida, até uma exclusão de um colega pelo grupo na hora da brincadeira, é necessário abordar o assunto e trabalhar na solução do problema. Sabe-se que na educação infantil os temas devem ser trabalhados de forma lúdica e interativa podendo o professor usar como estratégia de trabalho histórias, filmes e diálogos esclarecendo que atitudes exclusivas não são boas e geram brigas e sentimentos tristes.

Encontrando-se na fase simbólica de representação, a criança diante de uma encenação de uma história terá oportunidade de vivenciar uma situação de exclusão ou de rejeição e assim concluir que não é um sentimento agradável de ser vivido. Dessa forma ela aprenderá realmente que não deverá agir assim.

3. Analisando os dados: *Bulliyng* e suas consequências na educação infantil.

É na Educação Infantil que começa o processo da construção da identidade e o preparo para a aprendizagem significativa. "A criança, por um lado, deve aprender a atenuar sua diferença individual para poder entregar-se à coletividade" (LLEIXÁ, 2004, p.50). A criança deve aprender a lidar com as diferenças primeiramente com ela, pois só assim conseguirá ter um bom relacionamento coletivo entre os colegas na escola.

Fez-se o seguinte questionamento.

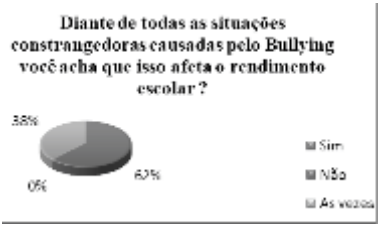


GRÁFICO 01:Fonte: Pesquisa direta, 2014

A maioria dos professores com sessenta e dois por cento acreditam que devido às situações agressivas as crianças que são vítimas dessa violência sentem muito com a descriminação que as atingem, onde acabam prejudicando seu rendimento escolar, poiso agressor não sabe identificar os danos psicológicos e emocionais causados na vida do colega.

Já os trinta e dois por cento dos professores acreditam que não afeta o rendimento da criança, mas trabalham no combate a essa descriminação levando em consideração que são crianças e que com um bom diálogo você pode intervir no comportamento do aluno e orientá-lo a buscar novas estratégias para manter um relacionamento amigável em sala de aula.

A primeira pergunta feita aos sete professores da instituição foi quais as primeiras evidências de *bullying* o professor deve estar atento em crianças da Educação Infantil?

> *- O professor deve estar sempre atento, realizando um papel de mediador e resolvendo os conflitos que vão surgindo. (Professor 1 e 4)*
>
> *- A melhor forma é estar observando o comportamento das crianças para poder melhor auxiliar quando houver brincadeiras que acabam afetando o desenvolvimento da criança. (Professor 2)*
> *- O pedagogo tem que estar preparado para solucionar pequenos atritos entre os colegas e levando uma relação amigável em sala. (Professor 3 e 5)*
>
> *- O professor deve estar sempre atento a sua volta, ensinando valores aos seus alunos, para que eles entendam que todos nós somos iguais, seres humanos, e tentando disseminar o foco das diferenças em sala de aula. (Professor 6)*
>
> *- O professor deve estar sempre atento ao comportamento das crianças, as primeiras evidenciam do Bullying são piadinhas com colegas, ofensas, exclusão e às vezes até a agressão. (Professor 7 e 8)*

O professor tem que estar preparado para diagnosticar as primeiras modificações surgidas ajudando a solucionar os pequenos conflitos no comportamento de alguns alunos que envolvem brincadeiras de mau gosto, piadinhas e até mesmo o isolamento dos colegas com o resto da turma. Isso acabará diferenciando o momento da socialização onde todos os alunos começarão a contribuir para um bom relacionamento entre todos.

Procurou-se saber se são trabalhadas as diferenças culturais e sociais na face inicial da Educação Infantil e qual a melhor forma de fazê-las entender as sérias consequências do Bullying.

- A melhor forma é sempre mostrando para elas o quanto o Bullying é ruim, prejudicial. Através de uma forma lúdica, com brincadeiras, histórias e muitas conversas na sala de aula. (Professor 1)

- Sim. Você deve prepará-las com um bom dialogo e relatando que o Bullying é uma maneira agressiva de tratar o colega. A melhor forma de trabalhar é através de contos e fabulas. Você pode trabalhar de forma objetiva mostrando como o colega fica triste quando é ofendido. Fazer muitas leituras em sala de aula e brincadeiras lúdicas. (Professor 2 e 3)

- Sim, desde as primeiras fases a criança consegue identificar o que se pode fazer ou não, tornando mais fácil para o professor trabalhar as diferenças. O professor deve fazer brincadeiras, brincadeiras, passar filmes educativos. (Professor 4,6 e8)

- E mostrar a elas que atitudes simples como não aceitar o colega na brincadeira prejudica deixando o colega triste. Através das próprias situações surgidas no contexto escolar o professor poderá utilizar de histórias, brincadeiras, filmes (bela e a fera, patinho feio, etc...)que ilustrem o fato ocorrido e dê espaço para a discussão sobre o tema. (Professor 7 e 5)

Para os professores uma das maneiras de incentivar as crianças para não haver comportamento ruim é ensinar valores sociais e culturais, pois através deles poderão aprender sobreas diferenças da vida de cada um, que poderá ser usado em muitas ocasiões para novas atividades pedagógicas. Estas atividades poderão ser pautadas através de diálogos e debates e de forma lúdica através de contos, histórias, filmes, jogos e brincadeiras que tenham como objetivo trabalhar as diferenças e entender que todos são diferentes e que temos que conviver com as diferenças. Para que haja aprendizado significativo, é necessário estímulo e dedicação do educador em transmitir com satisfação sua contribuição na conduta do comportamento de seus alunos.

A terceira indagação foi sobre o importante papel do professor no combate ao Bullying, citando situações e intervenções usadas para evitar ou combatê-lo.

- Sim, porque quando vemos algo errado, principalmente o Bullying que é tão prejudicial, devemos resolver e sempre mostrar as crianças que nunca se deve maltratar o outro e que todos somos iguais. (Professor 1 e 2)

- Sim, devemos estar atentos e sempre buscar a melhor forma de trabalhar agressividade ou brigas entre colegas de sala de aula. (Professor 3 e 4)

- Sim, porque é na fase inicial que a criança é moldada para que ela possa vir a se tornar um adulto que entenda que Bullying é algo que não se deve fazer com ninguém.(Professor 5 e 6)

- Sim, o professor é essencial nesta hora, pois ele é a base que auxilia na formação da criança e no ensino de qualidade. Desde pequena a criança apresenta atitudes egocêntricas, se o professor não intervir a criança continuará agindo da mesma forma. O diálogo é uma excelente estratégia, mostrando que não é correto o comportamento e estabelecendo regras para o bom funcionamento da turma. (Professor 7)

- Acredito que a melhor forma de evitar e combater o bullying nesta fase e a conversa além do auxilio dos pais e da prática pedagógica relacionado aos valores. (Professor 8)

O professor é autoridade na sala e o aluno respeita aquele professor que consegue manter a paz e a disciplina, nossas ações se tornam reflexos para quem está próximo, de acordo com as respostas acima o diálogo sobre o assunto é a melhor estratégia para evitar o problema.(CHALITA, 2008, p.51) "A palavra é um instrumento que, quando utilizado de modo comedido, no tom certo, com o tempero certo, edifica; do contrário, pode destruir".Se o professor utiliza de maneira correta sua intervenção com os alunos ele conseguirá alcançar seus objetivos para o bom andamento da turma. Já a palavra mal falada não estabelece boa utilização sobre ninguém.

O quarto questionamento foi qual foi o maior problema que você teve em sala de aula com alunos que sofrem ou sofreram *Bullying?*

- Na maioria das vezes a criança fica desinteressada, agressiva e com receio de voltar a escola, onde pais ou irmãos buscam resolver de maneira agressiva tornando ainda maior a situação. (Professor 1 e 3)

- Já houve caso em que as crianças não saíram para o recreio, permaneceu sempre sozinhas e comportamentos estranhos, como rabiscar o caderno e conversar sozinha e um que o aluno que sofria agressão ameaçou em bater no colega, onde ocasional briga em sala de aula.. (Professor 2)

- Como estou na educação infantil até hoje nunca tive problema com os pequenos. (Professor 4 e 6)

- Sim, já tive problemas durante aulas de atividades físicas, onde os alunos que estão acima do peso, são discriminados a participarem das brincadeiras, mas procuro sempre estabelecer um bom relacionamento entre todos evitando a exclusão de alguns. Também no período de festa junina as crianças negras e gordinhas são rejeitadas, dificultando conseguir um par para a dança. É difícil resolver por que,às vezes a rejeição vem da própria família. (Professor 7)

- O pior problema é quando a família do praticante do Bullying não colabora, é não leva a serio as observações feitas na sala de aula. Já com as crianças que sofrem o Bullying o problema que eu já presenciei é quando as ofensas passam a ser coletivas, ou seja, uma criança era vitima de racismo pelo colega é ele começou a induzir as outras crianças a excluir esse aluno por causa de sua cor. Foi

preciso muita conversa com o praticante do Bullying, com a turma e com a família dele para que auxiliasse na solução deste problema. (Professor 8)

Para a maioria dos professores são muito os problemas enfrentados no dia-dia com os alunos que são vítimas do B*ullying,* um deles é que a criança acaba se distanciando dos colegas e ficando disperso na hora das atividades e na maioria das vezes choram na hora de se arrumarem para ir à escola. O Educador deve procurar resolver amigavelmente brigas que surgem nas brincadeiras, envolvendo o racismo e outras discórdias, buscar sempre evitar situações constrangedoras que acabem deixando sequelas na vida das crianças prejudicando no seu rendimento escolar e em seu comportamento levando o aluno a se afastar dos colegas e se sentirem incapazes de novas amizades que ter conhecimento para resolver tudo amigavelmente; pois segundo (LIBÂNIO, 2000, p.22)"Educação é o conjunto de ações, processos, Influências, estruturas que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupo na relação ativa com o ambiente natural e social, num determinado contexto de relação entre os grupos e classes sociais".

A família ocupa um importante papel na mudança de comportamento de seus filhos, pois, intervém no desenvolvimento humano da criança na relação com o meio cultural e social em que está inserida. Dessa forma é de suma importância a parceria dos pais com os professores na construção do conhecimento das crianças.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Bullying* inicia de forma sutil, mas pode causar muitos traumas na vida de uma pessoa, daí a importância de se trabalhar esse tema na Educação Infantil,nesta fase o professor tem papel fundamental para constituir relações de afeto e confiança entre as crianças para que possa detectar e combater desde o início a prática deste mal que vem crescendo no ambiente escolar e consequentemente na sociedade, pois é na educação infantil que o professor vai intervir para amenizar essas violências que começa a se revelar na faixa etária em que a criança apresenta naturalmente o seu egocentrismo.

A maneira de evitar o *Bullying* é trabalhar de forma lúdica ,dialógica e diária, visto que a criança traz de casa atitudes adquiridas no ambiente familiar e essas sendo preconceituosas ou não acabam influenciando na socialização das crianças.

Outro fator observado foi que os professores da Educação Infantil desta escola estão prontos para trabalharem valores mostrando terem conhecimento de como intervir em casos que evidenciam o *bullying*, buscando embasar suas práticas pedagógicas em valores.

Apesar de ser um tema pouco conhecido nas escolas, entende-se que é necessário ser debatido pois como foi comprovado o Bullying está presente na Educação Infantil e os professoresdevem estar preparados para fazer combater esses comportamentos objetivando resultados que servirão de auxílio para o bom rendimento na aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Lédio Rosa, **Violência: psicanálise, direito e cultura**. Editora Millenium, 2007.

ARRIETA, G. A. **A violência na Escola: a violência na contemporaneidade e seus reflexos na escola**. Canoas: Ed. Ulbra, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: Apresentação dos Temas Transversais** – Secretaria de Educação Fundamental – Brasília MEC/SEE, 1998.

CONSTANTINI, A. **Bullying: como combatê-lo? Prevenir e enfrentar a violência entre os jovens**. Trad. Eugenio Vinci de Morais. São Paulo: Editora Itália Nova, 2004.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da Amizade- Bullying: O sofrimento das vítimas dos agressores**- Editora Gente- São Paulo-2008

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying – Como prevenir a violência nas escolas eeducar para a paz**. 2.ed.. Campinas SP: Veros Editora, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, Para quê?**3 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MOURA, A. C. S. **A violência nas práticas avaliativas e sua relação com o fracasso escolar**. CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE VIOLÊNCIAS NAS ESCOLAS, 2.,2005, Belém do Pará. Anais do II... Belém, 2005.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica.** 2.ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

PENIN, Sonia Terezinha de Souza. **Progestão: Como articular a função social da escola com as especificidades da comunidade?** Módulo I Coordenadora Geral Maria Aglaê de Medeiros Machado, Brasília: CONSED. Conselho Nacional de Secretários da Educação. 2001.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Para uma escola sem violência. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças**. Editora: Fundação Calouste Gulbenkian e FTC.Porto:2002.

REVISTA NOVA ESCOLA. **O que é bullying**? Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/*bullying*escola-494973.shtml> Desde 2008. Acesso em: 23 de outubro de 2014

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying :Mentes perigosas na escola**- Editora Objetiva-2010.

O LÚDICO COMO INSTRUMENTO DE ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Edson Geraldo Fagundes[*]
Cleide da Conceição Fagundes[**]

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar aos educadores a importância do Lúdico como instrumento de Alfabetização na Educação Infantil, verificando as diferentes conotações e significados deste modelo de ensino que atualmente celebra a interatividade como precursora do desenvolvimento motor, sensitivo e cognitivo do educando, permitindo através da multiplicidade de fatores desenvolver habilidades e tornar-se um agente transformador do seu ambiente. Destaca ainda que a introdução do lúdico no processo de alfabetização não descarta o compromisso dos educadores e educandos em ensinar e aprender, ele complementa e facilita na forma de compartilhar conhecimentos estabelecendo relações entre os envolvidos no campo educacional através dos jogos, permitindo a construção de novos conhecimentos.

Palavras-Chaves: Lúdico. Educação Infantil. Alfabetização. Jogos. Brincadeiras.

Abstract: This article aims to present to educators the importance of Playful as Literacy in Early Childhood Education instrument, checking the different connotations and meanings of this teaching model that currently celebrates interactivity as a precursor of motor development, sensory and cognitive of the student, allowing through multiplicity of factors develop skills and become a transforming agent of your environment. It also emphasizes that the introduction of playfulness in the literacy process does not rule out the commitment of teachers and students in teaching and learning, it complements and facilitates knowledge sharing in the form of establishing relationships between those involved in education through games, allowing the construction of new knowledge.

Keywords: Recreation. Early Childhood Education. Literacy. Games. Play.

1. INTRODUÇÃO

Todo indivíduo durante as fases da vida busca a descoberta e o aprendizado de coisas novas seja pelo contato com pessoas do seio meio social ou sobre o lugar em que vive ou está inserido.

O ser humano veio ao mundo para aprender, para descobrir e apoderar-se dos conhecimentos, que vão desde os mais simples até os mais complexos, e é isso que lhe atribui à garantia da sobrevivência e a integração na sociedade como um ser participativo, crítico e criativo.

[*]Enfermeiro, Especialista em Formação Pedagógica Para os Profissionais da Área da Enfermagem pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Orientador de Curso SENAC/Minas – CEP Três Marias. E-mail:edsongfagundes@bol.com.br.

[**]Graduação em Curso Normal Superior e Pedagogia com ênfase em Supervisão, Inspeção e Orientação pela UNIMONTES. Especialista em Educação Infantil pelo Instituto PROMINAS/FINOM

O lúdico possibilita de maneira geral o desenvolvimento global e conseqüentemente a compreensão de um mundo mais real; através das descobertas e da criatividade a criança terá possibilidades de criticar e transformar o mundo a sua volta e todo o seu contexto através do processo educacional.

Pode-se afirmar que o lúdico contribui para a melhoria do ensino, seja na qualificação ou formação crítica do educando, ou na redefinição de valores e melhoramento do relacionamento das pessoas na sociedade.

Isso possibilita-nos compreender que o lúdico é um mecanismo capaz de influenciar no processo educativo de forma positiva mesmo trazendo expressões diferentes embora com significações semelhantes, pois ele é eminentemente educativo no sentido em que constitui a força impulsora de nossa curiosidade a respeito do mundo e da vida, o princípio de toda descoberta e toda criação (Santo Agostinho).

Mas o lúdico só ganha o seu espaço quando os educadores se comprometem a utilizá-lo em suas atividades educacionais, assim, podemos afirmar que essa tomada de consciência permite a partir da prática educacional oportunizar trocas de experiência, conhecimentos, dúvidas e afetividades impulsionando a criança a estruturar e elaborar estratégias que resultará numa maior compreensão da atividade aplicada seja em sala de aula, ou fora dela.

É buscando novas maneiras de ensinar por meio do lúdico que conseguiremos uma educação de qualidade e que realmente consiga ir ao encontro dos interesses e necessidades da criança.

Cabe ressaltar que uma atitude lúdica não é somente a somatória de atividades, é, antes de tudo, uma maneira de ser, de estar, de pensar e de encarar a escola, bem como de relacionar-se com os alunos.

É preciso saber entrar no mundo da criança, no seu sonho, no seu jogo, e a partir daí, jogar com ela. Quanto mais espaço lúdico proporcionarmos as crianças, mais alegre, espontânea, criativa, autônoma e afetiva ela será.

Este artigo tem como objetivo apresentar aos educadores a importância do Lúdico como instrumento de alfabetização na Educação Infantil, dando ênfase ao lúdico como mecanismo favorável ao processo de ensino/aprendizagem, diferentemente do que é pensado por profissionais que o rotula apenas como forma de brincadeira ou divertimento.

2. DESENVOLVIMENTO

2. 1 A Criança, a Alfabetização e o Lúdico

A concepção de criança vem constantemente mudando com o decorrer dos tempos e não se apresenta de forma homogênea. Podem-se diferenciar as crianças de várias maneiras dependendo da classe social a qual pertence e da etnia em que está inserida.

Muitas crianças brasileiras vivenciam um cotidiano bem diferenciado, e a partir dessa convivência passam a fazer parte das condições de vida bastante precária, ao trabalho infantil, ao abuso e exploração por parte dos adultos, tornando-se cada vez mais vulneráveis.

Outras crianças já sentem mais protegidas, recebendo de suas famílias e da sociedade um tratamento mais adequado e eficaz ao seu processo de crescimento e de desenvolvimento, geralmente estas crianças tem seu aprendizado mais privilegiado.

A proposta curricular de Santa Catarina (1998, p21) apud Dallabona e Mendes (2004, p.109) definiu que:

> A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo social em que se desenvolve, mas também o marca.

Para Moreira e Schwartz (2009) a educação pelo lúdico se destaca na liberdade e no prazer de interagir tanto em jogos infantis como em atividades recreativas e teatrais, isso nos remete a ideia de que o lúdico é representado muitas vezes pelas ações artísticas oportunizando o surgimento de novos modos culturais e sociais onde se misturam materiais concretos e criatividade, provocando cada vez mais o saber dos educandos.

Carlos Drumonnd de Andrade firma que "brincar com as crianças não é perder tempo é ganhá-lo, se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem".

Diante desse contexto devemos como educadores rever os conceitos que de praxe estão sendo utilizados no nosso dia-a-dia e sermos refugazes diante da mesmice que colocam os nossos educandos como meros expectadores.

É a figura do educador apenas como emissor, que está sendo colocada em jogo nesse modismo imposto no nosso tempo de infância que deve ser modificada de forma que os alunos se sintam verdadeiros participadores das atividades cotidianas, fazendo assim um elo entre os afazeres da escola de da casa, pois o importante mesmo é fazê-lo ser o protagonista de sua própria história.

Fica evidenciado então que o brincar é uma construção sócio-histórico-cultural. Sabe-se que esse ato sofreu influência das cantigas de roda da época da colonização que foram passando de geração em geração e sendo adaptadas pelas novas (Altman, 2002).

Essa cultura lúdica foi constituída mediante as interações com os diferentes atores sociais (irmão, pais, colegas, professores, etc.) e para serem desenvolvidas elas necessitam de poucos objetos, que são encontrados na natureza ou no próprio ambiente e adaptados ou transformados em brinquedos e brincadeiras, fazendo nos perceber que a criatividade das crianças aflora durante essas brincadeiras.

Constatamos outras contribuições que o lúdico proporciona (Leontiev, 2001, Vygotsky, 1984, Wallon, 1986a, 1986b) *apud* Oliveira e Francischini (2009, p.68):

> Na cultura lúdica há a internalização de valores e elaboração de emoções, no estabelecimento de regras, a auto-avaliação das habilidades e progressos da criança, comparando-a com as outras, e a introdução e do elemento moral durante as brincadeiras de futebol, academia, jogo de dominó e de pular cordas.

É na relação com o outro que vai se construindo a cultura lúdica, pressupondo uma aprendizagem social, para Brougere (1998) *apud* Oliveira e Francischini (2009), esse fato é observado quando os alunos falam que aprenderam as brincadeiras e jogos com as professoras, os pais, primos e colegas, sendo este aspecto o lúdico é uma forma de interação criança/adulto.

A forma como cada criança vivencia a sua infância e, consequentemente, sua ludicidade, depende de como ela está inserida no ambiente e das interações com os diversos atores e integrantes do espaço escolar, da sua exposição à mídia televisiva, dentre outros aspectos, configurando as possibilidades múltiplas, dentre as quais, aquelas tornadas possíveis pela condição de inserção em atividades de trabalho.

Bomtempo (1986) *apud* Moreira e Schwartz (2009) comungam a idéia de que o lúdico permite à criança um mergulho prazeroso, agradável, sem se comprometerem com a realidade tornando-se assim um instrumento favorável à educação e a sua prática para o aprendizado, embora devemos ter o cuidado de não enxergamos o lúdico como um processo diferenciado e alheio ao cenário educacional, pois para Marcellino (1990) apud Moreira e Schwartz (2009, p.209) "essa é uma problemática em que ainda perdura a falta de solução".

Santos (2002) destaca o lúdico como um momento de gratuidade e liberdade, em que o autoritarismo não persiste, permitindo aos alunos destacarem suas espontaneidades e manifestações comuns da infância e conseqüentemente a liberdade de expressão, considerado um ponto importante para o aprendizado.

Sendo assim, o espaço educacional deve compreender que há uma diferenciação entre obrigação e prazer frente às especificidades da infância, pois quando há interação prazerosa, conseqüentemente há construção e aquisição de responsabilidade e competência.

Com base nesses pressupostos ao investigarmos as atividades lúdicas remetemo-nos o objetivo de melhorar o desempenho de ensinar/aprender algo definido e competir produzindo assim o conhecimento.

Os educadores devem estar atentos ao emprego do lúdico no processo educacional. Ele emerge através da tríade de inventar/integrar/apropriar, onde os alunos são estimulados a libertarem suas imaginações com a participação de outros colegas e assim destacarem o que foi aprendido e ensinado; pode-se dizer que os benefícios do lúdico atingem o ser humano em sua totalidade e em diversos pontos de vista.

É evidente que os benefícios dessas ações requerem aprofundamento para que de fato sejam consolidados e divulgados, uma vez que o lúdico e a Educação se justapõem sem produzir efeitos negativos aos seus integrantes.

Nas pesquisas de Pinto e Lima (2003, p. 5) verifica-se que:

> A brincadeira e o jogo são as melhores maneiras de a criança comunica-se sendo um instrumento que ela possui para relacionar-se com outras crianças. Através das atividades lúdicas que a criança pode conviver com os diferentes sentimentos que fazem parte da sua realidade interior. Ela irá aos poucos se conhecendo melhor e aceitando a existência dos outros, estabelecendo suas relações sociais.

Como se observa o jogo é um estímulo tanto para o desenvolvimento do intelecto da criança quanto para sua relação interpessoal, fundamental para o processo de aprendizagem infantil. Quando jogam ou criam os seus próprios jogos, as crianças terão uma compreensão maior de como o mundo funciona e de como poderão lidar com ele à sua maneira.

Os jogos, portanto, podem ser afirmações do que está acontecendo, ou representações do que as crianças entendem; no que consiste aos tipos de jogos, é de suma importância destacar que são normas às expressões como: jogo tradicional e jogo popular, como se constata nos estudos de Murcia (2005, p.110):

> O jogo tradicional é aquele transmitido de geração em geração, quase sempre de forma oral. De pais para filhos e de filhos para netos; de criança mis velhas para crianças menores (...). O jogo popular faz referencia ao que procede do povo, por isso se define o Jogo popular como aqueles que são praticados pelas massas e não necessariamente são jogos tradicionais, mesmo que com o tempo possam se perpetuar.

Portanto, os jogos podem ser classificados por diferentes nomenclaturas dependendo da sua origem no meio social e cultural do povo, uma vez que a compreensão da palavra se atém a outros significados.

O jogo está inserido em vários contextos e modalidades onde se destaca os jogos folclóricos por evidenciarem uma das diversas manifestações oriundas das realidades sócio-hirtóricas de uma sociedade.

Ele pode ser destinado tanto à criança quanto ao adulto; ele não é restrito a uma faixa etária podendo ser utilizado por qualquer pessoa, e contribuem com os aspectos formativos dos seres humanos, tendo em vista que na Educação Infantil o mesmo serve como recreação, favorecendo a aprendizagem da leitura e da escrita, e ao mesmo tempo pode ser utilizado como recurso para adequar o ensino às necessidades infantis.

Segundo Oliveira (2002, p, 64) o educador Comênio (1592-1670) defendia que "a exploração do mundo no brincar era vista como uma forma de educação pelos sentidos. Daí sua defesa de uma programação bem elaborada, com recursos diversificados, racionalização do tempo e do espaço escolar", portanto é possível entender que os jogos são utilizados para estimular os sentidos e fazer com que as crianças avancem em seu desenvolvimento cognitivo, fortalecendo a ideia de Comênio a cerca da educação e do brincar.

2.2 O Lúdico e suas significações

O lúdico possui diversos conceitos e significados e traz consigo inúmeras representações que dão importância a sua inserção na área educacional. Ele pode ser definido como um jogo onde há uma diversidade de manifestações competitivas entre os indivíduos no processo de alfabetização das crianças e portanto contribui para isso.

De acordo com Piaget (1975) e Winnicott (1975) apud Dallabona e Mendes (2004, p.108) "conceitos como jogo, brinquedo e brincadeira são formados ao longo de nossa vivência", mas para cada indivíduo a palavra pode trazer sinônimos diversos como divertimento, ação e prazer sendo compreendido de acordo com a sua cultura.

Estes conceitos podem ser definidos de acordo com Ferreira (2001) como: ***Jogo*** - atividade física ou mental fundada em sistema de regras que definem a perda ou o ganho, passatempo. ***Brinquedo*** - Objeto para as crianças brincarem Jogo de criança brincadeira. ***Brincadeira*** - ato ou efeito de brincar. Brinquedo. Entretenimento, brinquedo, gracejo, pilheria.

Compreende-se a partir desse contexto que os conceitos propostos comungam ideias semelhantes e que produzem um comportamento espontâneo em especial para as crianças, pois o ato de brincar é visto como uma necessidade para que o desenvolvimento se estabeleça como a arte do prazer.

Santos (1999) *apud* Dallabona e Mendes (2004) explicita pontos de vistas diferenciados e que estão em sintonia com as diversas dimensões do indivíduo, em especial as crianças.

Os pontos de vistas destacados por Santos (1999) *apud* Dallabona e Mendes (2004) referem-se à filosofia onde a emoção se consolida a razão e a ação; a sociologia que destaca a inserção da criança no meio social e cultural; a psicologia como instrumento de orientação para mudança de comportamento; a criatividade como mediadora da projeção da criança no mundo da informação, das imagens e das interpretações, e a pedagogia, estratégia fundamental para a busca do aprender.

Corroborando com as ideias de Dallabona e Mendes (2004) a arte de brincar pode ser compreendida e visualizada em diferentes ângulos, mas o que de fato importa é que ela está inserida em todas as vivências do ser humano e de forma mais ativa no cotidiano e na vida das crianças.

Isso nos leva a refletir que o ato de brincar estimula com eficácia o aprendizado, pois para Chateau (1987, p.14) apud Dallabona e Mendes (2004, p.108) "uma criança que não sabe brincar, uma miniatura de velho, será um adulto que não sabe pensar".

O lúdico é um instrumento de aprendizagem dinâmico e que desperta a psicomotricidade e o comportamento do ser humano. As atividades lúdicas envolvem a criança em sua totalidade, pois elas são vividas e sentidas o que proporciona maior prazer do que quando se está frente a um objeto acabado.

Na atividade lúdica, dá-se ênfase ao movimento e ao resultado, fundamentando-se na ideia de que para toda ação há uma reação baseada no pensar e no fazer, possibilitando a criança interferir no seu próprio mundo.

Quando direcionamos nossos pensamentos as atividades escolares dos alunos das séries iniciais, preocupamos simplesmente em alfabetizá-los de uma maneira em que o espaço de construção do próprio indivíduo às vezes não é respeitado, pois, ele se resume ao giz, ao quadro, à folhas mimeografadas, e são esquecidos que buscar as vivências do cotidiano das crianças é o melhor instrumento para alcançarmos êxito no processo ensino-aprendizagem.

Essa concepção pode parecer insignificante, mas se percebermos concretamente o sentido do brincar compreenderemos que embora haja ameaças em função da tecnologia e do despreparo de muitos profissionais ela ainda é um mecanismo que toma conta da criatividade e é evidenciada pela ação e pela atitude humana.

Rubem Alves (2007) afirma que "o mundo é para ser brincado. A vida é para ser brincada", esse é o verdadeiro sentido do lúdico, pois ele funciona como um intermédio entre um ensinamento e outro, extinguindo o ambiente pacato da sala de aula e das atividades condicionadas somente a materiais concretos.

Quando estimulados pelas atividades lúdicas, percebemos claramente que os educandos tornam o ambiente mais agradável, e suscitam a eficiência e a diversificação do seu conhecimento, apontando valores, atitudes e questionamentos que devem ser respeitados.

Através das atividades lúdicas a criança se torna um verdadeiro escultor, deixa de viver o mundo do faz-de-conta e acaba construindo e idealizando sua história, seu projeto de vida porque lhe é permitido questionar, aprender, vivenciar e referenciar o mundo exterior e interior.

O educador que adapta suas disciplinas a esta metodologia, consegue fazer com que o educando se torne espontâneo, capaz de imaginar e desenvolver atividades, sem a interferência do professor.

Há inúmeras formas de eleger o lúdico como instrumento primordial no ciclo de ensino-aprendizagem dentre elas a utilização de jogos educativos, de músicas, teatros, filmes, sucatas, reciclagens, etc, não importa como serão aplicadas estas atividades, o importante é como extrair na essência o saber científico e empírico dos educandos, pois essa diferenciação permitirá trazê-los a uma viagem inesquecível evidenciadas por lembranças positivas do cotidiano.

Sabemos que o conhecimento surge no momento em que há uma ligação com o prazer, pois tudo que é prazeroso tem maior aceitação, compreensão e absorção.

Esse é um pensamento que deve ser importante, pois imaginar que para algumas crianças várias disciplinas, em especial a de matemática se torna assustadora, talvez pela dificuldade de colocar em prática, mas tomemos como ponto crucial da resolução deste problema a visitação a um supermercado, ou melhor, a execução de um bolo que em seguida dever ser partilhado, consideravelmente veremos que de alguma forma essa prática levará os alunos a intuírem uma nova concepção da disciplina antes considerada difícil.

Temos que acreditar que embora existam muitos empecilhos para a realização destas atividades, ou melhor, para a introspecção do lúdico na vida diária dos educandos e educadores, há sempre uma fase intervencionista que preenche literalmente todas as lacunas destas dificuldades, resultando na promoção de uma interação social, de partilha, e sumariamente do confronto de saberes entre os alunos, capacitando-os a construírem o seu próprio conhecimento.

RONCA e TERZI (1995, p.96) afirmam que:

> O Jogo, a brincadeira e a diversão fazem parte de uma outra importante dimensão da aula, a ser desenvolvida pelos educadores, a qual denominamos amplamente de "movimento lúdico". O lúdico permite que a criança explore a relação do corpo com o espaço, provoca possibilidades de deslocamento e velocidade, ou cria condições mentais para sair de enrascadas. Vai, então

> assimilando e gostando tanto que tal movimento à faz buscar e viver diferentes atividades que passam a ser fundamental, não só no processo de desenvolvimento de sua personalidade e de seu caráter, como, também, ao longo da construção de seu organismo cognitivo.

Esse movimento lúdico deve induzir os educandos a compreenderem a limitação e as possibilidades de assimilarem novos conhecimentos, colocando-os diante de uma prática exploradora onde serão estabelecidos os limites existentes entre a exploração do imaginário e do concreto, redefinindo a amplitude de sua personalidade e do seu altruísmo.

De acordo com Vygotsky (1989, p.109) *"é enorme a influência do brinquedo no desenvolvimento da criança. É no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva"*, além disso, esse movimento se torna mais audacioso quando ele afirma que "a manifestação da conduta lúdica, na criança demonstra o nível de seus estágios cognitivos e constrói conhecimentos".

Percebemos então que através do lúdico a criança se desenvolve naturalmente, explorando sua criatividade e espontaneidade e de certa forma desenvolve suas potencialidades.

Para Miranda (1964, p.59*)* "é por meio da interação que a criança galga os patamares necessários à construção da sua personalidade", porque o lúdico não se resume a uma atividade isolada ou a um passatempo para distraírem alunos ou ocupar tempos ociosos, ele se estende à estimulação do crescimento e do desenvolvimento, da coordenação, e da indução a iniciativas individuais ou coletivas a partir da vivência e da percepção, então consideramos que "as aprendizagens se dão em forma de processos que incluem aquele que aprende, aquele que ensina e mais, a relação entre essas pessoas". (VYGOTSKY, 1989).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de fundamental importância refletir a importância das atividades lúdicas na educação infantil, portanto, a ludicidade é relevante para o desenvolvimento integral da criança, pois permite liberdade de ação, pulsão interior, naturalidade e, consequentemente prazer que raramente são encontrados em outras atividades escolares.

Vale ressaltar que só é possível reconhecer uma criança se nela o educador reconhecer um pouco da criança que foi e que, de certa forma, ainda existe em si, assim o educador poderá redescobrir e reconstruir em si mesmo o gosto pelo fazer lúdico.

Neste trabalho vários autores destacam que o jogo sempre esteve e está presente na vida dos seres humanos e é, portanto uma atividade necessária, porque é através dos jogos que as crianças expressam seus sentimentos que podem ser positivos ou negativos.

Portanto, as brincadeiras lúdicas fazem parte do processo de formação do ser humano, ele proporciona um desenvolvimento sadio e harmonioso, através de uma tendência instintiva da criança que ao brincar aumenta a independência, estimula sua sensibilidade visual e auditiva, valoriza a cultura popular, desenvolve habilidades motoras, diminui a agressividade, exercita a imaginação e a criatividade, aprimora a inteligência emocional, aumenta a integração, promovendo, assim o desenvolvimento, o crescimento mental e a adaptação social.

Podemos dizer que o lúdico instrumentaliza e contribui como pilar fundamental à prática pedagógica, pois "é no ato de brincar que a criança estabelece deferentes vínculos entre as características do papel assumido, suas competências, e as relações que possuem com outros papéis, tomando consciência disto e generalizando para outras situações". (BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. 1998).

Sabemos que as atividades lúdicas se encontram perdidas no tempo, pois, novas formas de pensar influenciam negativamente nelas como instrumento de formação de cidadãos críticos, participativos, conscientes e autônomos.

É preciso então que os educadores experimentem o lúdico na Educação Infantil, possibilitando aos alunos uma ação educativa diferenciada, sem paradigmas, onde há uma sinergia entre o aluno, o lúdico, a escola e a comunidade, melhorando a forma de ensinar/aprender. Para isso devemos rever nossa prática educacional, pois o lúdico para a Educação Infantil é na atualidade, embora com todos os empecilhos uma forma de estimular e contribuir para o processo de alfabetização das crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMAN, R. Z. Brincando na história. Em. M. Del Priori (org). **Histórias das crianças no Brasil.** 3 ed. Pp.231-258. São Paulo: Contexto. 2002.

APOSTILA UNIMONTES. **Disciplina: Brinquedoteca – Educação Infantil.** Curso de Complementação de estudos para Obtenção de Novo Título em Pedagogia. 2007.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil.** Vol. 1. Brasília: MEC/SEF. 1998.

DALLABONA, Sandra Regina. MENDES, Sueli Maria Schimitt. **O Lúdico na Educação Infantil: Jogar, Brincar, uma forma de educar.** Revista de Divulgação Técnico Científica do ICPG. Vol 1. Nº4. Jan-Mar/2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da Língua Portuguesa Século XXI**. 4 ed. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro. 2001.

MIRANDA, Simão. **Do Fascínio do Jogo á alegria de Aprender**. Campinas. SP: Papirus, 1964.

MOREIRA, Jaqueline C. Castilho; SCHWARTZ, Gisele Maria. **Conteúdos lúdicos, expressivos e artísticos na educação formal.** Revista Educar. Curitiba. N 33. p. 205-220. 2009. Editora UFPR.

MURCIA, Juan Antônio Moreno (Org). **Aprendizagem através do jogo**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de (Org). **Educação infantil: fundamentos e métodos.** 4 ed. São Paulo Cortez, 2002.

OLIVEIRA, Indira Caldas Cunha de; FRANCISCHINI, Rosângela. **Direito de brincar: as (im) possibilidades no contexto de trabalho infantil produtivo.** Revista Psico-USP. Nº 1. Vol 14. p. 59-70. Jan/Abr. 2009.

PINTO, Gerusa Rodrigues, LIMA, Regina Célia Villaça. **O desenvolvimento da criança.** 6.ed. Belo Horizonte: FAPI,2003.

RONCA, P. A. C; TERZI, C. A. **A aula operatória e a construção do conhecimento**. 9 ed. São Paulo: Edesplan. 1995.

SANTOS JR, M. F. **Da liberdade da infância ao cárcere escolar**. In: Congresso Científico Latino Américo da FIEOP – UNIMEP, 2; e Simpósio Cientifico Cultural em Educação Física e Esportes – Brasil/Cuba, 2002. Piracicaba: Coletâneas. Fieop-Unimep, 2002, p.244.

VYGOTSKY, L. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes. 1989.

O PROFESSOR: QUESTÕES IDENTITÁRIAS E O PAPEL SOCIAL

Rosângela Soares Braga Indelécio*

Resumo: O presente artigo tem por objetivo discutir a relação entre a construção da identidade profissional do professor e a sua prática em sala de aula. Atualmente, as pesquisas sobreas influências que os processos de construção identitária dos profissionais de educação exercem em seu dia a dia e em seu fazer pedagógico têm despertado o interesse dos pesquisadores e educadores em trazer para o palco das discussões e reflexões um tema tão necessário, cientes que estão de que as discussões sociais também norteiam o assunto - o que faz desta uma questão individual, mas principalmente coletiva, relativa aos professores e professoras. Essa é uma realidade que valoriza o papel do professor na sociedade do conhecimento quanto à sua identidade profissional, uma vez que ele avalia sua própria profissão. Dessa forma, desenvolveu-se uma análise do compromisso ético e moral como parte complementar do docente, por ser ele um profissional compromissado com os valores morais e o futuro das novas gerações. O aporte teórico-metodológico deste trabalho está ancorado nas contribuições de alguns autores que compõem o referencial teórico das pesquisas na área, comoBenjamin (1987); Castells (1999); Freire (2002); Hall (1999) e Nóvoa (1992, 2000).

Palavras-chave: Professor. Papel social. Identidade profissional.

Abstract: The present article has for objective to discuss the relationship between the construction of the teacher's professional identity and his practice in classroom. Now, the researches on the influences that the processes of the education professionals' construction identitária exercise in yours day by day and in yours to do pedagogic has been waking up the researchers' interest and educators in bringing for the stage of the discussions and reflections such a necessary, aware theme that they are that the social discussions also orientate the subject - what does a subject individual, but mainly collective of this, relative to the teachers and teachers. That is a reality that values the teacher's paper in the society of the knowledge as for his/her professional identity, once he evaluates his/her own profession. In that way, he grew an analysis of the ethical and moral commitment as the teacher's complemental part, for being him a professional compromissado with the moral values and the future of the new generations. The theoretical-methodological contribution of this work is anchored in the contributions of some authors that compose the theoretical referencial of the researches in the area, like Benjamin (1987); Castells (1999); Freire (2002); Hall (1999) and Nóvoa (1992, 2000).

Keywords: Teacher. Social paper. Professional identity.

* Graduação em Estudos Sociais (1997), e em História (1998). Especialista em História do Brasil pela PUC –MINAS. Especialização em Metodologia do Ensino Superior pela FCJP – Faculdade Cidade de João Pinheiro (2008), professora da FCJP – Faculdade Cidade de João Pinheiro. E-mail: tutoriajp-rosangela@hotmail.com .

Introdução

O presente trabalho lança um olhar sobre o fazer pedagógico do professor e as influências que o processo das construções identitárias exerce no cotidiano desse professor. Como professora de ensino superior nos cursos de licenciatura dedicados à formação de professores, observo a necessidade de se pensar a educação a partir de um compromisso que amplie o acesso ao saber em uma perspectiva de atuação necessária a uma prática docente ligada à reflexão e à pesquisa.

A relevância acadêmica deste estudo se concretiza na busca e reflexão acerca da identidade do professor e significados da percepção do professor sobre si para sua atuação profissional, bem como das consequências de seu papel na formação de alunos e construção do saber. Balizamos que, dentre os profissionais da educação, a identidade é o que sinaliza, inexoravelmente, a questão do valor e seus significados.

O docente, como agente principal no ensino, aponta para a questão da identidade amplamente discutida no âmbito teórico. Nesse sentido, partimos da seguinte inquietação: como se dá a construção da identidade profissional do professor? O que é ser professor hoje? Quais são os fatores que interferem diretamente na identidade desse profissional? Quais são os saberes necessários à prática docente e elementos constitutivos da identidade do professor?O professor pesquisador adota uma postura reflexiva perante sua prática?

A hipótese deste estudo assenta-se na ideia de que a construção dos processos identitários dos indivíduos de uma sociedade moderna é comparada à realidade social. Agora, mais do que nunca, a questão da identidade aparece em nossas vidas, adentrando nosso mundo particular ao levantar questionamentos tidos, até então, como tradicionais e invioláveis.

O objetivo da pesquisa é reconhecer as influências da identidade do professor no seu fazer pedagógico no momento atual. Objetivamos também perceber como se dá a construção da identidade profissional do professor; investigar o que significa ser professor hoje; analisar os fatores que interferem diretamente na identidade profissional do professor; refletir sobre os saberes necessários à prática docente e elementos constitutivos da identidade do professor; e estudar se o professor-pesquisador adota uma postura reflexiva perante sua prática.

O estudo que ora apresentamos foi realizado em uma abordagem qualitativa, realizada por meio da revisão da literatura relacionada à temática. Dependendo do contexto histórico ou do momento, a profissão de professor assume características bastante ímpares. Sendo uma profissão dinâmica, permite-nos acompanhar o movimento constante dos saberes.

1. A identidade do professor

A identidade, que é constituída diariamente, nas relações sociais, pelos grupos humanos, tem sido motivo de reflexões por vários teóricos em nível nacional e internacional, os quais procuram compreender o processo de construção e reconstrução da identidade - uma vez que não podemos definir a identidade como algo único ou fixo, mas plural -, e em constantes transformações, nas condições sociais econômicas e culturais. Nesse sentido, concordamos com Haal(1999, p. 12-13)**),** em sua reflexão de que "a identidade tem-se

delineado no contexto da crítica das concepções étnicas, raciais e nacionais no bojo da identidade cultural, política e pedagógica do professor."

Entendemos assim que há uma grande necessidade em discutir a "identidade" do professor, refazendo o percurso histórico na construção de sua identidade e sua importância na sociedade acadêmica. Com essa discussão, pretendemos refletir sobre a condição do professor do século XXI, qual a postura assumida por ele diante de tantos questionamentos em uma sociedade globalizada e de que maneira eles se reconhecem e se distinguem dos demais. Segundo essas categorias, ele se identifica, e é pelas outras pessoas identificado. É nesse jogo de espelhos que a sociedade permanentemente inventa e reinventa novas identidades, como é o caso da questão racial, que se transformou em questão étnica e hoje é essencialmente uma questão política.

A identidade é sempre construída e reconstruída ao longo do tempo porque está diretamente ligada à questão da aquisição de conhecimentos. À medida que adquirimos mais conhecimentos, vamos modificando nosso modo de ser e agir. Aprendemos porque somos seres inacabados. Essa mudança na nossa forma de ver está diretamente relacionada a fatores internos e externos.

A identidade está também diretamente relacionada aos aspectos ligados à vida profissional, ao papel social que se desempenha ao longo do tempo. Nesse sentido, a identidade do professor vai sendo forjada no cotidiano da sala de aula, no fazer do diário, na relação com o aluno e com os pares, na formação continuada etc. Destacamos, então, a necessidade de pensarmos sobre o que é ser professor hoje e os múltiplos papéis a relacionados a essa identidade.

1.1 O que é ser professor hoje

Devemos ressaltar que as mudanças nas práticas docentes só se efetivaram na medida em que o professor desenvolveu a consciência sobre sua própria prática, conscientizando-se da realidade de sua sala de aula, da escola e da sociedade.

A educação é um processo em constante transformação e que tem interesse direto na formação da sociedade. Nesse fazer constante no âmbito educacional, precisamos pensar no professor e no papel que ele desempenha na sociedade em relação à formação dos indivíduos. É necessário, portanto, pensar sobre a função que o professor desempenha no processo educativo e perceber a inter-relação entre a prática e a questão identitária desse profissional, que está diretamente ligado ao processo formativo e educacional.

Assim, os estudos sobre a identidade dos professores têm ganhado debates em face às mudanças epistemológicas e sociais cada vez mais exigentes no âmbito da educacional. Nesse ínterim, deve ser considerada também a identidade cultural do professor. Silva (2007, p.79) ressalta:

> Ao se pensar em identidade, é imprescindível que se fale em história, pois identidade é estreitamente relacionada à história. A história é a maneira pela qual as pessoas criam as identidades. É construção, sendo construída/reconstruída a cada momento no decorrer do tempo.

Segundo aautora, é imprescindível enfatizar que a identidade representa um processo de construção no qual o sujeito está historicamente situado. No decorrer da história, várias profissões surgiram, transformaram-se ou desapareceram; assim também surge o professor em um dado momento histórico. Em decorrência da necessidade social, esse profissional assimilando novas características, responde ao imperativo da sociedade. Em relação a essa opinião, Silva (2007,p. 80) completa:

> As identidades são múltiplas, estamos constantemente mudando, transformando nossa forma de ser, pensar e agir, identificar. Talvez essa seja a grande beleza. Essa movência da identidade. O fato de não estarmos prontos. A possibilidade de podermos mudar. A identidade constitui-se a partir da visão que temos de nós mesmos e pela forma que o outro nos vê.

Entende-se nas palavras da autora que é do significado atribuído pelo professor à sua atividade docente no cotidiano, com base nos seus valores, história de vida, representações pessoais e anseios, que emerge em grande parte o significado que tem em sua vida ser professor. Nossa prática está intimamente ligada à identidade, à forma como nos vemos e como o outro nos vê. A identidade agrega elementos que nos identifica e nos diferencia dos demais.Ao refletirmos sobre a identidade do professor, precisamos pensar sobre o que somos, sobre nossa prática e sobre como avaliamos e redimensionamos nossas ações pedagógicas.

O educador precisa indagar-se constantemente acerca do sentido do que está fazendo. O caminho segue em busca de ressignificar os procedimentos formativos a partir da reconstrução dos conhecimentos imprescindíveis à docência, destacando a prática pedagógica e docente como elemento de análise.Nóvoa (1992, p.24**)**afirma:

> O educador não deve se fechar no seu mundo, mas que abra as portas do futuro ao educando, fazendo-o vivenciar o presente da melhor forma possível, que possa distinguir o bem do mal, considerar os conflitos sociais e até tentar resolvê-los, vivenciando a mais bela missão de educador: "educar para a vida".

O ato de ensinar pressupõe treino e reflexão crítica sobre as práticas cotidianas docentes; é necessário que o professor seja conscientizado desde o seu processo de formação, aprimorando constantemente os seus conhecimentos, buscando novos saberes e fazeres, apreendendo novas estratégias de ensino e mecanismos necessários para alcançar os objetivos.Moacir Gadotti nos alerta sobre o papel do professor hoje e questiona "o que é ser professor hoje"? Em resposta ao questionamento que ele mesmo apresenta,o autor pondera que:

> Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo com consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Eles fazem fluir o saber - não o dado, a informação, o puro conhecimento - porque constroem sentido para a vida das pessoas e para a humanidade, buscam um mundo mais justo, mais produtivo e saudável para todos (GADOTTI, 2000, p. 23).

Na perspectiva do autor, ser professor hoje não é nem mais fácil, nem mais difícil do que antes. É apenas diferente. O mundo mudou, mudamos nós, mudaram os alunos, a forma de ensinar e aprender. O professor precisa estar atento a essas transformações que interferem diretamente em sua prática pedagógica e em sua identidade.

Com o advento das aulas virtuais, fala-se que o professor está fadado a desaparecer, sua função pode estar sendo substituída; isso, no entanto é um ledo engano: ela está sendo transformada, adquirindo nova roupagem. E isso não é novo, a cada geração de professores, uma nova identidade se constitui de acordo com o contexto em que se vive. No momento, o contexto é de um mundo globalizado.Há que se perceber que a docência, no sentido amplo da aprendizagem das relações, reflete um profissional especial, em um tempo no qual aprender é conviver com a incerteza, trazendo à tona a necessidade de reflexão a propósito do novo papel do professor,as exigências da profissão docente, principalmente no que se refere à formação continuada do professor.

Muitos insistem em afirmar que a profissão docente deve mudar, sobretudo em função da complexidade da nova sociedade, mas não se diz como, nem porque, nem para onde devemos mudar (GADOTTI, 2003, p. 27). Francisco Imbermon (2002, p. 18 apud GADOTTI, 2007) afirma que "não é de admirar que nos últimos tempos não apenas o professor, mas também as instituições educacionais passem uma sensação de desorientação que faz parte da confusão que envolve o futuro da escola e do grupo profissional". Onde há desorientação, há falta de sentido.

Quando se fala em mudanças, ou melhor, em formação para a mudança, logo se imagina um novo rumo ou nova diretriz, entretanto não estamos tratando de nenhuma novidade: o conhecimento está em constante transformação, consequência de respostas novas a perguntas que são constantemente refeitas. Assim, o professor precisa ser um aprendiz permanente, deve buscar sempre estudar e reconstruir seus saberes.

Na atual circunstância, as análises sobre as práticas apontam novas perspectivas e aberturas para a formação docente. Entre as discussões, encontram-se a identidade profissional do professor,embasada em suporte teórico-metodológico, a questão dos conhecimentos que compõem a docência e a ampliação dos processos de reflexão docente sobre a prática. O caminho segue em busca de ressignificar os procedimentos formativos a partir da reconstrução dos conhecimentos imprescindíveis à docência, destacando a prática pedagógica e docente como elemento de análise.

Pensar a prática nossa de cada dia é sempre um momento difícil, contextualizar o conteúdo que se pretende ensinar pode ser uma tarefa complicada se considerarmos as particularidades de cada turma em que o professor atua. Como equacionar então essa peculiaridade? É parte da própria formação do professor, a necessidade de buscar informações e de estar sempre atualizado.

Os saberes de maneira geral já estão sistematizados nos livros, enciclopédias, na internet. Dada à mudança constante do mundo, os saberes mudam em frações de minutos. Cabe aos professores instrumentalizar os alunos para descobrir o que sua curiosidade pede.

1.2 Saberes necessários a prática docente e elementos constitutivos da identidade do professor

O ato de ensinar não se resume apenas em dar a conhecer as primeiras letras ou seguir corretamente um currículo escolar, mas em fazer ver ao aluno que ele vive num mundo onde há disparidades culturais e que, de uma maneira ou de outra, elas influem em sua vida diária e no seu futuro como pessoa.

1.2.1 A formação política e ética que deve ter o professor

O ato de ensinar pressupõe um treino e uma reflexão crítica sobre as práticas cotidianas docentes; por isso, o professor precisa ser reflexivo acerca de seu papel, de sua função social e da sua própria prática pedagógica. É preciso ter consciência daincompletude, lembrando sempre que o ser humano é um ser em constante transformação, sendo necessário que busque sempre refletir sobre si mesmo e seu papel, recriando sua prática.Por isso, é necessário que o professor seja conscientizado desde o seu processo de formação, aprimorando constantemente os seus conhecimentos, buscando novos saberes e fazeres, apreendendo novas estratégias de ensino e novos mecanismos necessários para alcançar os objetivos.Nóvoa prossegue suas reflexões afirmando que:

> Ensinar é algo de profundo e dinâmico, onde a questão de identidade cultural que atinge a dimensão individual e a classe dos educandos é essencial à "prática educativa progressista". Portanto, imprescindível "solidariedade social e política para se evitar um ensino elitista e autoritário, como quem tem o exclusivo do 'saber articulado'". E, de novo, Freire salienta, constantemente, que educar não é a mera transferência de conhecimentos, mas sim conscientização e testemunho de vida, senão não terá eficácia (NÓVOA, 1992, p. 26).

A prática educacional deve sensibilizar os alunos e orientá-los no sentido de trilhar caminhos solidários, posto que se encontra em relação direta com a sociedade e está sujeito às suas consequências, seja na distribuição desigual dos benefícios, nas oportunidades ou mesmo na ascensão social, enquanto o cidadão deve compreender o mundo em que vive e escolher mudá-lo, não somente em benefício próprio, mas de toda uma comunidade, cidade ou país.A abertura para que isso ocorra é o comprometimento e o conhecimento, a interação entre aluno e professor; a forma como alunos veem o professor e como são vistos por ele é o que vai tornar o trabalho mais simples ou mais complicado.

> O educando é o primeiro agente do processo educativo. É ele quem se educa a si mesmo; ao educador compete apenas estimular e ordenar inteligentemente esse processo, de maneira que não seja anulada a espontaneidade e criatividade do educando; pelo contrário, deve chegar a expressar em forma autenticamente pessoal o seu conteúdo (NÓVOA, 1992, p. 45).

Para alcançar esse patamar, é necessário que o professor tome conhecimento de si próprio e de seus limites e possibilidades, o que será possível através do autoconhecimento profissional e até mesmo interpessoal. Conhecer sua identidade é algo que o torna único.

Callai (2010, p. 43) afirma que a formação do professor deve estar centrada na escola, porém de maneira a desenvolver, na prática, modelos de educação colaborativa e participativa envolvendo os profissionais da educação, mas nem sempre isso acontece. O diálogo entre profissionais da educação pode promover a reconstrução de suas funções e papéis, a redefinição do sistema de ensino e a construção continuada do projeto político-pedagógico da escola. O professor necessita repensar também o seu projeto educativo. Desta feita, cremos que a comunicação escolar e as relações poderiam ser bastante diferentes.

Algumas aflições dos profissionais da educação poderiam ser evitadas desde a sua formação inicial, se aprendessem menos técnicas e mais atitudes, hábitos e valores, e se a

formação estivesse voltada também a questões eminentes das salas de aula (CALLAI, 2010, p. 57). Na prática cotidiana do professor, antes de se perguntar o que deve saber para ensinar, o professor deveria estar preparado a responder a pergunta: porque e como ensinar.

O professor deve buscar sempre intercambiar os saberes e desenvolver a habilidade de trabalhar em equipe, partilhando saberes e trocando experiências entre os pares, sempre buscando a aquisição de conhecimentos por meio de pesquisas, debates, relatos de experiências, participação em congressos, seminários e outros espaços e momentos de construção coletiva dos saber. Aprender desde cedo no formato cooperativo, visto que o individualismo da profissão leva à ansiedade e angústia, ao sofrimento e à desistência daquele que perdeu a esperança.

É fácil confundir competência com habilidade, mas ter competência não é forçosamente ter habilidade; o professor pode ser competente, ter conhecimentos profundos de uma determinada disciplina e não ter habilidades práticas para o ensino. A educação não é só ciência, mas é também arte. O ato de educar é complexo. Poucos se dão conta disso.Nóvoa afirma que:

> Em sua caminhada e na busca por formação, o professor deve ser capaz de perceber as relações existentes entre as atividades educacionais e as relações sociais, políticas, econômicas, psicológicas, históricas, culturais, entre outras, em meio às quais o processo educacional ocorre, tornando-se, assim, capaz de com suas ações atuar como agente de transformações nessa realidade da qual faz parte, assumindo o seu papel social e o seu compromisso com a sociedade (NOVOA, 1992, p. 67).

Devemos ressaltar que as mudanças nas práticas docentes só se efetivam na medida em que o professor desenvolve a consciência sobre sua própria prática e se conscientiza da realidade de sua sala de aula, da escola e da sociedade.

O êxito do ensino não depende tanto do conhecimento do professor, mas da sua capacidade de criar espaços de aprendizagem, ou seja: "fazer aprender" e ter como projeto de vida continuar aprendendo.

2. A identidade do professor e sua prática na vida

No momento, ser professor significa ir além, buscar saberes, ter conhecimento de como planejar a organização o currículo. O professor atuante pesquisa e estabelece estratégias para formar grupos, para resolver problemas. Tenta relacionar-se com a comunidade e exercer atividades sócioantropológicas desde que a escola possua projetos nesse sentido.

No bojo dessas mudanças essenciais à formação do professor, devemos incluir ainda uma nova cultura profissional. E um dos grandes desafios dessa profissão centra-se na mudança de mentalidade, tanto do profissional da educação, quanto da sociedade, mas indubitavelmente nos sistemas de ensino.Gadotti (2003) nos lembra de que:

> A noção de qualidade precisa mudar profundamente: a competência profissional deve ser medida muito mais pela capacidade do docente em

> estabelecer relações com seus alunos e seus pares, pelo exercício da liderança profissional e pela atuação comunitária, do que na sua capacidade de "passar conteúdos". A prática pedagógica em si expressa às atividades rotineiras que são desenvolvidas no cenário escolar. Podem ser atividades planejadas com o intuito de possibilitar a transformação ou podem ser atividades bancárias, tendo a dimensão do depósito de conteúdo como característica central. (GADOTTI, 2003, p. 39)

O olhar atento do professor deve promover mudanças na sua prática de ensino muitas vezes repetitiva, essencialmente verbalística da realidade a qual o aluno e o próprio professor estão inseridos. É preciso estabelecer trocas dialógicas.

Paulo Freire (1987, p. 32) expressou inúmeras críticas à educação que denomina bancária, assim como elaborou uma proposta de educação libertadora, voltada para a transformação social e, portanto, centralizada no sujeito histórico que produz, apropria e vive a educação em um determinadocontexto mundial.

A prática pedagógica tem como objetivo exercitar o desafio maior que um professor tende a encontrar durante sua prática: despertar o interesse dos alunos pelos inúmeros tópicos que a disciplina aborda e estuda. A tarefa de despertar esse interesse reside quase que exclusivamente no proceder do professor e da sua capacidade de envolver o aluno na participação das atividades propostas, e, através delas, apreender os conteúdos.

Em uma mesma sala de aula convivem alunos com interesses, culturas, classes sociais e sentimentos diversos (Freire, 1987, p. 62). A sala de aula é um espaço heterogêneo que precisa ser administrado com base no conhecimento específico da disciplina aliado a uma metodologia que facilite e sensibilize o aluno, em direção à aprendizagem.

Não nos cabe julgar esta ou aquela situação; mas de início, para que ocorram mudanças no fazer pedagógico do professor, antes de se estabelecerem novas regras, as Universidades e Faculdades de formação deveriam promover mudanças consideráveis nos currículos das suas licenciaturas. Esse seria um bom começo.E é voz corrente que, passado algum tempo da formatura, o professor perde o incentivo, por incontáveis motivos que não nos cabe discutir neste momento, alegando falta de tempo, excesso de trabalho e tantos outros problemas, terminando por minimizar os esforços na preparação das suas aulas, caindo mesmo em uma rotina desagradável e pesada, de poucos resultados.

É preciso perceber o professor como um ser social, histórico e político, pertencente à determinada sociedade e que constrói sua identidade através de processos de socialização, tais processos ocorrem de maneira direta e indireta. A identificação do sujeito vai sendo moldada através dos relacionamentos que estabelece, como com a família desde seu nascimento; "aprenderá" relacionamentos indiretos por meio do contato de caráter impessoal no cotidiano, nas relações feitas no local onde vive e transita. A identificação profissional do docente será diferenciada de acordo com o seu desenvolvimento pessoal e socializada no campo escolar e profissional no que tange às competências para ensinar. Na maioria das vezes, a sociedade percebe o professor apenas como um agente capacitado para transmitir conhecimento e que, para isso, precisa dominar o conteúdo para o qual foi formado, através do conhecimento simplesmente técnico.

Tardif afiança:

> Amparado na literatura, é este conhecimento a principal característica da necessidade de um saber especializado e formalizado, o conhecimento técnico. Conhecimento este que deve ser alcançado por meio de uma formação de alto nível, de caráter universitário ou análogo (TARDIF, 2011, p. 25).

Dessa forma, Tardif (2011) nos assegura ainda que os "conhecimentos profissionais são construídos segundo as dificuldades deparadas"; em síntese, o profissional constrói e reconstrói seu conhecimento segundo a situação com que se depara, determinando a adequação e a percepção de improvisar e se adequar a dessemelhantes situações. Quanto ao conhecimento profissional, Nóvoa destaca que:

> O professor "tem uma dimensão teórica, mas não é apenas teórico; há uma dimensão empírica, mas não unanimemente produzido pela experiência". Deparamos-nos com um conjunto de aptidões, saberes e maneiras imperativas à educação. Existe até certa pressão quanto à importância desse conhecimento; entretanto, há um número bastante extenso de dificuldades na sua formulação e na sua conceituação. O professor não se apropria dos conhecimentos finalizados e estáveis nos bancos da Universidade ou no exercício da sua prática profissional (NÓVOA, 2008, p.7).

Os saberes dos professores são construídos ao longo da sua vida, em sua trajetória acadêmica, e por isso mesmo são vivos e mutáveis de acordo com as experiências que carregam. Trata-se de conhecimentos diversificados e que serão escritos a partir da sua história pessoal, do meio em que vivem e se relacionam, dificilmente sendo organizados, sistematizados ou conceituados.

O professor carece de um saber associado às questões interpessoais, diretamente à figura do discente. Nóvoa (2008, p. 9) trata da complexidade do ato de ensinar como sendo uma troca de saberes, uma vez que o aprendizado será efetivado a partir da aceitação e do processo de interação por parte do aluno. O autor completa o pensamento da seguinte maneira:

> É um caminho de mão dupla que flui bem quando há interesse dos potenciais envolvidos, professor e aluno, sem que haja imposição por uma das partes. Portanto, é necessário um saber interpessoal, no qual o docente consiga saber se relacionar com o aluno e acrescenta que o trabalho do docente está ligado à participação do aluno: "Um cirurgião opera um doente anestesiado, e um advogado pode defender um cliente silencioso, mas o sucesso do docente depende da cooperação ativa do aluno" (NÓVOA, 2008, p. 17).

O autor ressalta a importância da relação professor/aluno na contribuição ao sucesso do aluno. Isso se faz necessário porque ser professor no século XXI, num tempo de contínuas mudanças, exige do professor uma dedicação para acompanhar e aceitar os desafios da educação atual.

Para Freire (1998, p.52), "Ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção", e o caminho trilhado será por intermédio da interação professor/aluno, mediado por perguntas, tirando dúvidas, despertando curiosidades, provocando assimilações, construindo o conhecimento pelo aluno, orientado pela intermediação do professor. O professor atento consegue estimular o

aluno a pensar com ele, a interpretar e raciocinar de maneira lógica. É, no entanto, evidente que para isso ele necessita da participação do discente.

Os Pensadores da área de educação - não apenas os teóricos, mas também os oriundos da prática, importantes em igual medida para a formação profissional do professor - elencam saberes.Perrenoud (1993, p. 15) destaca que é necessário ao professor: organizar e dirigir situações de aprendizagem; saber administrar o progresso da aprendizagem; estar atento para arquitetar e fazer evoluir os dispositivos de distinção; envolver os alunos na aprendizagem e no trabalho; trabalhar em equipe; participar da administração da escola, quando for possível; informar e envolver os pais; fazer uso das novas tecnologias; encarar os deveres e os dilemas éticos da profissão; einvestir em sua formação continuada.

Lembramos que o autor trata de questões pertinentes que podem ser reconsideradas diante do quadro atual da educação, a qual patina em busca de soluções. Observamos então a necessidade de estabelecer uma nova cultura na prática do professor. Faz-se necessário que o docente faça constantemente uma avaliação de seu trabalho; redimensione o seu fazer buscando sempre a aquisição de novos saberes por meio da pesquisa e da partilha com o grupo de pares; atribua sentido ao seu fazer cotidiano na sala de aula, buscando sempre envolver os alunos por meio da inovação da sua prática e do uso de tecnologias e ferramentas que viabilizem o sucesso dos alunos no processo ensino-aprendizagem; bem como amplie seu cabedal de conhecimentos por meio da formação continuada.

Precisamos repensar o papel da pesquisa como um veículo importante para a reconstrução dos saberes, pois o professor pesquisador adota uma postura reflexiva perante sua prática e, por meio da investigação, reinventa sua práxis e viabiliza aos alunos uma aprendizagem significativa, rompendo com a visão de mero reprodutor ou transmissor de conhecimentos que muitas vezes soam distantes dos interesses e da vida dos alunos.

O exercício da docência requer conhecimentos que vão além do conhecimento técnico e/ou conceptual. Tardif (2011, p. 28) aponta que as atividades dos profissionais da área da educação movimentam ações de ordem técnica, afetiva, ético, política, social e artística.

É possível estabelecer- se uma comparação entre dois pensadores da área, Tardife Freire. Segundo as palavras dos autores: Tardif fala que os saberes são plurais e são formados pelos saberes da formação profissional, saberes disciplinares, saberes curriculares e saberes experienciais, dizendo que "saberes são formados pelo saber disciplinar, saber curricular, saber de ciências da educação, saber da tradição pedagógica, saber experiencial e saber da ação pedagógica. Freire considera que o ensino exige: rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, estética e ética, corporeificação das palavras pelo exemplo. Pimenta em outro trabalho apresenta a interdisciplinaridade, também, como um saber necessário ao docente" (PIMENTA, 2005. p. 11).

O pensamento transdisciplinar é condição necessária para uma atitude transdisciplinar. Devemos, pois nos debruçar sobre algumas questões que perturbam o desenvolvimento deste pensamento e a adoção dessa atitude. As ideias pré-concebidas e os preconceitos são igualmente uma ameaça ao pensamento transdisciplinar e um sério obstáculo à atitude transdisciplinar. Impedem a visão dos fatos por outro ângulo e oferecem considerável resistência e abertura ao diálogo, baseado em uma prática pedagógica que visa à apropriação de uma aprendizagem significativa e interativa(NICOLESCU, 1995, p. 4).

Trata-se de agentes de formação diferenciada e individualmente varia de acordo com sua especialização, sua formação didáticae sua experiência profissional. Os fatos nos levam averiguar se o docente possui uma identidade profissional a ser construída no percurso da vida profissional.

3 Considerações Finais

Nesse trabalho, passamos a entender que os professores, em suas atividades de ensino, são instruídos a não apenas transmitir o conhecimento ou sistematizá-los, mas a aliar essas atividades à realização de pesquisa que vise à construção do saber científico e ao desenvolvimento de fazeres pedagógicos, ligados às suas receptivas áreas de atuação, levando em consideração que a construção identitária depende de requisitos mínimos, como outras identidades dos atores professores, dos seus contextos interacionais e de suas possibilidades de interação. Isso nos permite sugerir que tais atores sociais, inseridos em contextos distintos, não percebem da mesma forma a estrutura das situações que vivenciam, levando-os à construção de distintas perspectivas em relação aos seus futuros.

Pressupondo-se que toda profissão afirma uma identidade, logo existe uma identidade profissional do professor, ou seja, uma maneira de ser professor, uma vez que sua ação está condicionada por uma série de outros fatores e inserida num processo muito mais amplo que o seu espaço/tempo de atuação.

Entendemos que as representações sociais a partir de seu caráter relacional podem perceber como "pesam" as expectativas que os "outros" projetam sobre a figura do professor. Dessa forma, é natural que seu discurso seja permeado por sentidos de compromisso e de responsabilidade social, que muitas vezes não são realizados por absoluta falta de condições objetivas no exercício cotidiano da profissão.

Esse é um tema muito importante a ser discutido, a pesquisa não se esgota por aqui e está aberta a novas propostas. Fica evidente nesta pesquisa que o professor na construção da sua identidade profissional busca no cotidiano o aprimoramento pelos caminhos da pesquisa e reflexão na sua prática pedagógica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALAI, H. C. **O Ensino em Estudos Sociais**. Santa Catarina: Unijui, 2010.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. São Paulo: EDUSC, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa, 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. **Pedagogia:** diálogo e conflito. São Paulo: Cortez, 1985.

_____. **PerspectivasAtuais da Educação.** São Paulo: Artmed, 2000.

_____. **Boniteza de um sonho:** ensinar-e-aprender com sentido. São Paulo: WTC Editora, 2007.

HALL, S.**A identidade cultural da pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 1987.

NICOLESCU, B. **Educação e transdisciplinaridade**, II/coordenação executiva do CETRANS. -São Paulo: TRIOM, 2002.

NÓVOA, A. **Os professores e suas histórias de vida**. In: Nóvoa, A. **Vidasde professores**. Porto Editora, 2000.

_____. **Profissão Professor**. 2. ed. Porto: Porto Editorial, 1992.

PERRENOUD, **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação**: Lisboa: Dom Quixote, 1993.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. das G. C. **Docência no Ensino Superior**. São Paulo: Cortez, 2005.

SILVA, G. S. da. **Um cotidiano partilhado entre práticas e representações de benzedeiros e raizeiros: remanescentes de quilombo de Santana da Caatinga** - MG/1999-2007. 2007. 186 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, 2007.

TARDIF, M.**O trabalho docente, pedagogia e o ensino**: **Interações humanas**, **tecnologias e dilemas**. Cadernos de Educação, 10. Pelotas. jan./jun.,p.15-47.

REFORMA DO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA UM ENSINO DE QUALIDADE

Patrícia Alvares Pereira[*]

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo rever e analisar a atual situação do Ensino Superior no Brasil, mostrando os desafios e as perspectivas para o futuro. Muito se tem pesquisado e discutido sobre este nível de ensino que tem como finalidade o desenvolvimento econômico e social, pois é o lócus onde se processa o conhecimento. Será apresentado como os governos vêem a Educação Superior e co-relacionar suas políticas públicas voltadas para a qualificação, financiamento e sua autonomia. Outro ponto que também será discutido neste trabalho será a expansão das IES privadas e a sua atual função no contexto educacional.

Palavras-chave: Ensino Superior. Reforma Educacional. Política-pública.

Abstract: The present work has for objective to review and to analyze the current situation of hegher education in Brazil, being shown the challenges and the perspectives for the future. Much has been searched and argued on this level of education that has as purpose the economic and social development, therefore is locus where if it processes the knowledge. It will be presented as the governments see the Education Superior and co-to relate its public politics directed toward the qualification, financing and its autonomy. Another point that also will be argued in this work will be the expansion of the private IES and its current function in the educational context.

Keyword: Higher education. Reforms Education. Politics-public.

Introdução

O sistema educacional do país se organiza, se modificar afim de se adaptar às mudanças que ocorrem na sociedade e conseqüentemente garantir uma educação de qualidade que respeite as diversidades culturais, religiosas, étnicas, políticas ao mesmo tempo atenta às transformações do mundo globalizado.

A pesquisa tem a intenção de mostrar ao leitor as diferentes nuances históricas da educação superior no Brasil, foi realizada uma busca por situações que caracterizassem as mudanças significativas nesse nível de educação, que tem por objetivo formar profissionais, intelectuais e acima de tudo mudar a história do país.A metodologia de estudo será de caractér bibliográfico e qualitativo.

O Ensino Superior é referência, e carrega em sua essência a responsabilidade de transformação do homem e com efeito da sociedade.

[*]Graduada no curso de Pedagogia da Faculdade FINOM. Pós-graduada em Metodologia da Educação Superior pela FCJP e pós-graduada em Supervisão Escolar pela FINOM. Professora na Faculdade Cidade de João Pinheiro FCJP. E-mail: patygirl2310@hotmail.com

A educação no Brasil passou e continua passando por profundas transformações, desde a Educação Infantil ao Nível Superior que é o objeto de estudo deste trabalho. Faremos então um histórico da trajetória da Educação Superior.

A revolução de 1930 e a transição do monopólio ao capitalismo, fez com que se abrissem os horizontes, assim a demanda sobre a educação cresce. É importante mencionar que o ensino se instala nas áreas onde o capitalismo se intensifica, e para atender a essa demanda do capitalismo a educação surge de forma não estruturada com vistas a uma educação elitizante, sem nenhuma política de educação previamente idealizada.

> É criado pela primeira vez, em 1930, um Ministério de Educação e Saúde, ponto de partida, segundo Valnir Chagas, para mudanças substanciais na educação, entre outras a estruturação de uma universidade. De fato, só então são fundadas no Brasil as primeiras universidades, pela fusão de uma série de instituições isoladas de ensino superior. (FREITAG, 1986, p. 50)

Pode-se observar que até então existia somente um Conselho Superior, um órgão consultivo, após algum tempo suas competências foram mudando assim como sua terminologia, de Conselho Superior de Educação para Conselho Federal de Educação até chegar ao contemporâneo Conselho Nacional de Educação. Vale lembrar que a criação do Ministério da Educação (MEC), também passou por várias fazes e o interessante é que sua criação sempre se deu em conjunto com outra pasta do ministério federal. No início Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública (1930), no mesmo ano passou a ser subordinada ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, em 1953 passou a denominar-se Ministério da Educação e Cultura, no ano de 1985 foi criado o Ministério da Cultura, conseqüentemente a nova denominação era Ministério da Educação conservando a sigla MEC. As mudanças não param por aí, a lei 8.490 de 19 de novembro de 1922, reconfigura o Ministério da Educação denominando-o Ministério da Educação e do Desporto. E por fim no ano de 2000 sua estrutura regimental foi reestrutura passando a ter como única e exclusiva área de competência a Educação em todos os seus níveis de ensino e modalidades. Desta forma podemos verificar que o Ministério da Educação sempre teve que se preocupar com outras áreas que não eram de sua competência.

Após 1930 o que se pode notar é um grande defasagem entre educação e sociedade, e o que norteia essa constatação segundo ROMANELLI (2006) é:

- primeiro aspecto da marginalização educacional: a oferta insuficiente,

- segundo aspecto da marginalização: o rendimento interno do sistema escolar;

- terceiro aspecto da marginalização: a discriminação social.

O primeiro aspecto nos dá a dimensão da insuficiência de vagas entre a população de idade escolar dos 5 a 24 anos, uma vez que a demanda sobre a educação cresceu rapidamente em virtude de um novo modelo econômico, o capitalismo que levava cada vez mais a população a procurar a educação como meio de acesso aos novos empregos que surgiam.

O segundo aspecto diz respeito ao rendimento interno do sistema escolar, isso quer mostrar que o sistema de ensino não consegue manter na escola os alunos que se matriculam:

> O alto grau de seletividade do sistema, 'peneirando' a maior parte da população que nele ingresse, no decorrer da vida escolar, faz com que exista enorme descompasso entre os diferentes níveis e, sob alguns aspectos, num mesmo nível, entre as várias séries que o compõem. (ROMANELLI, 2006, p. 88)

Isso só vem a confirmar o que de fato existe até hoje, uma grande quantidade de pessoas que querem e necessitam de uma educação sistematizada, mas que por um mecanismo de seletividade do próprio sistema educacional não conseguem ingressar ou até mesmo concluir os estudos.

O terceiro e último aspecto diz respeito à discriminação social, a autora faz referência à luta das classes pela educação já que a expansão desordenada trouxe consigo uma má formação de recursos humanos e materiais.

Instala-se um verdadeiro caos sobre a Educação no Brasil, e na década de 20 surgem as primeiras reformas no ensino. Os estados de São Paulo, Ceará, Rio Grande do Norte, Distrito Federal, Pernambuco, Paraná, Minas Gerais e Bahia já lutava por reformas na educação de seus estados, movimento que mais tarde em 1932 ficou conhecido com 'Manifesto dos Pioneiros da Educação Nacional'.

Outra reforma bastante conhecida foi a Reforma Francisco Campos, trouxe uma série de decretos e entre eles o de número 19.851 de 11 de abril de 1931,

– dispõe sobre a organização do Ensino Superior no Brasil e adota o regime universitário. Essa reforma teve repercussão nacional e não em alguns estados como aconteceu em outras reformas anteriores.

A reforma do Ensino Superior:

A história do Ensino Superior no Brasil, se dá no período colonial com a chegada da família portuguesa. Mas sua aprovação e organização só é concretizada pelo decreto número 14.343 de 07 de setembro de 1920 com a criação da universidade do Rio de Janeiro. Ao longo de todo país eram criadas novas faculdades e universidades. Em 11 de abril de 1931 pelo decreto número 19.851 foi criado o Estatuto das Universidades Brasileiras, em seu primeiro artigo refletiremos sobre a atual situação da educação superior:

Artigo 1º- O ensino universitário tem como finalidade: elevar o nível da cultura geral: estimular a investigação científica em quaisquer domínios dos conhecimentos humanos; habilitar ao exercício de atividades que requerem preparo técnico e científico superior, concorrer, enfim, pela educação do individuo e da coletividade pela harmonia de objetivos entre professores e estudantes e pelo aproveitamento de todas as atividades universitárias, para a grandeza da Nação e para o aperfeiçoamento da humanidade.

Eis um belo discurso se não fosse o abismo que separa o que há no estatuto das universidade e a atual realidade da educação Superior no Brasil. Podemos fazer uma análise sobre a investigação científica (pesquisa) e o que realmente se processa nas faculdades e universidades do país. Será que a pesquisa é realmente levada a sério pelos educandos que diga-se de passagem, serão os futuros profissionais que estarão atuando na sociedade e no

mercado de trabalho. Sabemos que a falta de tradição em nível de pesquisa é uma herança cultural. Uma outra questão que merece destaque é (...) harmonia de objetivos entre professores e estudantes (...) este trecho também retirado do artigo 1º do Estatuto das Universidades, põe em foco a didática entre professor e aluno.

Seu relacionamento deve ser de comprometimento com o ensino (professor) e a aprendizagem (aluno).

A Reforma do Ensino Superior se deu principalmente no que tange a sua estrutura e funcionamento, a lei 5.540 de 28 de novembro de 1968, baixou normas para a organização e funcionamento do Ensino Superior. Esta reforma se fazia necessária por uma série de problemas que ocorriam naquele momento histórico (e porque não falar até hoje) entre ele podemos destacar a falta de vagas nas universidades, democratização do acesso, extinção da cátedra, autonomia financeira. Para se obter uma resultado foi criado um grupo de trabalho (GT) formado por brasileiros e americanos, acordo chamado (MEC-USAID) uma espécie de ajuda internacional para solucionar os problema educacionais do país:

"O grupo está do mesmo modo consciente de que a reforma universitária perde sentido se for dissociada do processo global das reformas sociais e de que, por conseguinte, há de ser concebida como dado da totalidade nacional." (ROMANELLI, 2006, p. 222)

A este grupo de trabalho foi designado para estudar a reforma universitária visando sua modernização.

Partindo do princípio de que o ensino superior é o lócus onde se processa o conhecimento humano, devemos lançar um olhar mais apurado sobre este nível de ensino que é uma verdadeira fábrica de profissionais das mais variadas áreas dos saberes.

Já vimos anteriormente o papel que as reformas educacionais representaram em um dado momento histórico, momentos esses de governos militares e governos ditadores. Sendo assim, agora precisamos de uma reforma universitária que contemple o nosso momento de governos democráticos.

O projeto de lei 7.200/2006 trata da reforma da educação superior e está em tramitação no Congresso Nacional, o mesmo teve início no governo de Fernando Henrique Cardoso no ano de 1995 e até o presente momento não houve aprovação na casa. É importante destacar que antes do PL 7.200 ser enviado ao Congresso Nacional, ele esteve aberto a discussão da sociedade organizada ou não, assim demonstrando os anseios da população em relação a esta reforma do ensino superior que se faz necessária.

A Educação Superior no governo FHC:

Fernando Henrique Cardoso, assume a presidência da República Federativa do Brasil em 01 de janeiro de 1995, foi reeleito em 1999 permanecendo como presidente por oito anos. Seu mandato embora seja alvo de duras críticas e acusações, não será tratado neste trabalho, entraremos no mérito da questão da educação, mais precisamente da Educação Superior e seus efeitos no governo FHC.

Uma inquestionável conquista deste governo foi a promulgação da lei maior da educação brasileira, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (L.D.B. 9.394/96).

Lei esta que trata de todos os níveis de ensino e modalidades: educação infantil, educação básica, ensino fundamental, ensino médio, educação de jovens e adultos, educação profissional, educação superior e educação especial.

Devemos analisar a questão da situação do ensino superior neste período em foco e rever as medidas que o governo tomou, atingindo em cheio vários setores da organização pública. Assim cortes de verbas destinados às universidades públicas são o início da precarização deste nível de ensino. A universidade pública não goza de autonomia financeira e isso faz com que o "estado" financie esse setor. A LDB 9.394/96 deixou margens para outras leis, decretos e portarias no que tange o Ensino Superior, assim no governo de FHC houve uma crescente expansão do ensino superior.

O alvo das discussões deste trabalho se concentram no que diz respeito a este crescimento desmedido do ensino superior, o neoliberalismo do governo FHC permite que se fale em concorrência e competitividade na Educação Superior. Desta forma podemos ver o crescimentos das IES (INSTITUTOS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR) mais privadas que públicas gerando assim **'*verdadeiras empresas*'.**[2]

Brasil e Grandes Regiões	Ano	Matrícula				
		Total	Dependência Administrativa			
			Federal	Estadual	Municipal	Privada
Brasil	1981	1.386.792	313.217	129.659	92.934	850.982
	1994	1.661.034	363.543	231.936	94.971	970.584
	1996	1.868.529	388.987	243.101	103.339	1.133.102
	1998	2.125.958	408.640	274.934	121.155	1.321.229
	1999(1)	2.377.715	442.835	303.178	87.080	1.544.622

FONTE: INEP (Resultados e tendência da Educação Superior no Brasil)

A tabela acima nos mostra a diferença gritante no número de matrículas entre as instituições de nível superior e privado.

Fazendo uma análise destas 'empresas de educação superior' e tendo como base a tabela acima, podemos nos perguntar:

1- E a qualidade da educação superior como anda?

2- Há diferença entre a educação superior pública e privada?

3- O exame nacional de cursos (Provão) é competente, nos dá margem para medirmos a qualidade da educação no âmbito público e privado?

São questões que merecem certa reflexão por parte de todos nós e principalmente pelos responsáveis pela nação. Mas nós deparamos com uma realidade extremamente desanimadora.

> Ainda que a Educação constitua um dos temas favoritos das autoridades políticas, nos mais variados países, poucas vezes os debates sobre as questões educacionais conseguem ultrapassar o âmbito de sua dimensão econômica,

[2] Grifo da autora

limitando-se a uma parafernália de indicadores numéricos de diferentes tipos (...).(MACHADO, 2000, p.64)

Há que se dizer que a política de FHC para o ensino superior foi devastadora, provocando a privatização e a banalização do conceito de universidade, esta que deveria ser o locus de total desenvolvimento e valorização do conceito de homem e como bem está citado no artigo 1º do Estatuto das Universidades "(...) para a grandeza da Nação e para o aperfeiçoamento da humanidade."

A Educação Superior no governo Lula:

O governo de Luiz Inácio Lula da Silva, em seu segundo mandato é marcado por vários planos de aceleração do crescimento do Brasil, dentre eles devemos dar importância ao PDE, Plano de Desenvolvimento da Educação dirigida pelo atual ministro da Educação Fernando Haddad.

No que concerne a Educação Superior, o governo Lula tem se mostrado interessado, prova disso é a criação de políticas públicas para a inclusão de estudantes no nível superior, entre elas podemos destacar o PROUNI (Programa Universidade para Todos), UNIAFRO (Afro-brasileiros), INCLUIR (para pessoas com necessidade especiais), (PROLIND) (Formação de docentes indígenas), FIES (Financiamento ao estudante do ensino superior) entre outros. Em geral não há que se falar em grandes mudanças ocorridas na educação superior por implemento do governo Lula, o início da reestruturação talvez se dê pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) presidido pelo Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (CONAES). As métodos de avaliação devem assegurar instituições autônomas, pois não há que se falar em autonomia sem uma avaliação de qualidade. Devemos ressaltar que o plano de reforma universitária do governo Lula visa medidas administrativas quanto à abertura e ao credenciamento de novas IES, isso deverá regular em parte o crescimento de instituições privadas, ampliação dos financiamentos às universidades, e o aumento significativo das vagas para que seja realmente concretizado o sonho dos cidadãos de terem o curso superior concluído como uma forma de democratização da sociedade.

Acredito que o que se perdeu ao longo dos anos foi a valorização das instituições de ensino superior, massacrando seu caráter de formação humana e desenvolvimento da sociedade. "A universidade, diversidade organizada dentro da sociedade por condições geográficas e históricas, é a instituição autônoma que , de modo crítico, produz e transmite cultura através da pesquisa de ensino." (MATTEUCCI, 1991, p.283)

Considerações finais

Partindo do princípio de que a educação é um bem público, a valorização deste bem é imprescindível. Ao contrário do que já presenciamos universidades totalmente sucateadas, abandonadas pelo serviço público, põe em xeque a questão da qualidade da educação. Não é dada a devida valorização que as universidades merecem, por ser um local de representação intelectual e geradora de conhecimentos. O que se vê é a banalização do termo 'educação'.

A reforma do Ensino Superior que se desencadeia, deve ser gerida em um ambiente democrático, aberto e participativo para que sejam alcançados os objetivos propostos. Sabemos que as políticas educacionais até então implementadas são de resultados a longo

prazo, mas o importante é que se busque uma reforma que seja conivente com os anseios da população, não devemos e nem podemos aceitar uma reforma que atenda aos objetivos dos políticos como vem acontecendo.

O problema gerado em torno das instituições públicas é complexo, e trás à tona a falta de comprometimento por parte dos governantes que vêm se acumulando durante os anos de seus mandatos. O crescimento das Instituições de Ensino Superior, que não primam pela qualidade da educação, os controles de qualidade que deixam a desejar no quesito de abertura e credenciamento da instituições são indicativos de que algo vai mal. Assim estamos vendo uma descaracterização da função da Educação Superior. As 'empresas econômicas' abriram a livre concorrência, gerando assim uma alta concentração de IES privadas.

Necessitamos de políticas públicas para educação que sejam consistentes e duradouras para que possa haver uma real mudança na atual realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELORS, Jacques. **A educação para o século XXI questões e perspectivas.** Porto Alegre: Editora Artmed, 2005.

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado & Sociedade.** 6.ed. São Paulo: Editora Morais, 1986.

GISI, Maria Lourdes. **Políticas educacionais para a educação superior: acesso, permanênciae formação.** Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v.4, nº 11, p. 43-53, jan./abril 2004.

IBAÑEZ, Antonio Ruiz. **A educação no governo FHC (1995-2000). Universidade eSociedade**. Brasília: ANDES-SN: Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior. XI (24): 69-79, junho de 2001.

OLIVEIRA, Romualdo Portela. **Política Educacional impasses e alternativas.** 2.ed, São Paulo: Cortez, 1995.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**, 30.ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

SAVIANI, Dermeval. **Da nova LDB ao novo Plano Nacional de Educação: por um outrapolítica educacional.** 5.ed. São Paulo: Autores Associados, 2004.

SCHAFRANSKI, Márcia Derbli. **A educação e as transformações da sociedade**. Publ. UEPG Ci. Hum., Ci, Soc. Apl., Ling., Letras e Artes, Ponta Grossa, dezembro 2005.

SGUISSARDI, Valdemar. **Reforma Universitária no Brasil – 1995 – 2006: precáriatrajetória e incerto futuro.** Artigo apresentado no Seminário do Projeto Monitoramento Ativo da Participação da Sociedade (MAPAS). Rio de Janeiro, IBASE, 12 de dezembro de 2005.

TRINDADE, Hélgio. **A república em tempos de reforma universitária: o desafio dogoverno Lula.** Brasil, MEC.

NISTAGMO: APONTAMENTOS SOBRE AS NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Simone de Oliveira
Saulo Gonçalves Pereira[**]
Luciana Araújo Mendes Silva[***]

Resumo: As pessoas portadoras do Nistagmo são consideradas cegas totais ou de baixa visão. O Nistagmo enquadra-se como doenças relacionadas à vestibulopatias periféricas que são caracterizadas como distúrbios decorrentes do comprometimento do sistema vestibular periférico. As crianças com visão subnormal sempre são acompanhadas de outras enfermidades, mas são capazes de aprender no seu ritmo. No ensino fundamental, a participação de professores e pais é, indiscutivelmente, importante para este processo, em que devem ser utilizadas estratégias de ensino e respeitar a diferença individual de seu aluno. Dessa maneira, é importante ressaltar que a educação inclusiva é uma possibilidade integradora para alunos com necessidades especiais. Este trabalho é um estudo de natureza qualitativa, fundamentado em revisão bibliográfica e objetivou estudar as necessidades especiais de aluno com Nistagmo no ensino fundamental regular e propor melhorias.

Palavras-chave: Nistagmo. Baixa visão. Educação Adaptativa.

Abstract: People living with nystagmus are considered full blind or low vision. Nystagmus is classified as related to peripheral vestibular disorders that are characterized as disturbances result from involvement of the peripheral vestibular system diseases . Children with low vision are always accompanied by other illnesses , but are able to learn at your pace . At the elementary school attended by teachers and parents is undoubtedly important to this process , which teaching strategies should be used and respecting individual differences in their students . Thus , it is important to note that inclusive education is a possibility for integrating students with special needs . This paper is a qualitative study , based on literature review and personal interests aimed at studying nystagmus with especias needs in regular primary and propose improvements .

Keywords : Nystagmus .Low vision .Inclusive education :

1 INTRODUÇÃO

As pessoas portadoras do Nistagmo são consideradas cegas totais ou de baixa visão (BRUNO, 1997). Enquadra-se como doenças relacionadas á distúrbios decorrentes do comprometimento do sistema vestibular periférico. Especificamente, o Nistagmo pode se

Graduada em. Ciências Biológicas pela Faculdade Patos de Minas (FPM).E-mail: simoneoliveira3d@bol.com.br.
[**]Professor, Biólogo Especialista em Didática do Ensino Superior – FPM e Gestão Ambiental. Mestre em Saúde Animal e Doutorando em Saúde Animal pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: saulobiologo@yahoo.com.br.

[***]Doutoranda em Promoção de Saúde e Mestre na mesma área, possui Especialização em Histologia Humana; Especialização em Didática e Metodologia do Ensino Superior, graduada em Biologia. E-mail: posgraduacao@fcc.edu.br

bilateral esquerdo ou direito. Ele se origina em virtude de um desequilíbrio de informações aferentes dos labirintos, causando oscilações repetidas e involuntárias rítmicas de um ou ambos os olhos, em algumas ou todas as posições, podendo ser originar as labirintites. Fisiologicamente, o Nistagmo é um reflexo que ocorre durante a rotação da cabeça para estabilizar a imagem (WERNECK, 1997).

No Brasil, dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) revelam a existência de 40 milhões de pessoas deficientes visuais. Existem cerca de 3.000 crianças cegas, 500 com Nistagmo (BRASIL, 2001). Esses dados poderiam ser reduzidos mais da metade se fossem feitas mediadas de prevenção. Estando com a doença, algumas pessoas passam a vida com o problema de visão e não procuram atendimento médico, muito em função da falta de acesso físico, didático ou mesmo o SUS não oferece.

Em alguns casos, os médicos encaminham para que a estimulação visual seja feita por professores de Associações de Pais e Amigos de Excepcionais (APAES) ou setores especializados na área visual, utilizando recursos didáticos e educativos. A criança portadora do Nistagmo tem seus nervos ópticos atrofiados, tem movimentos involuntários dos olhos e cabeça (WERNECK, 1997). Os deficientes visuais utilizam o sistema braile para cegos, o que é de grande importância para a inclusão dessas pessoas. As crianças com visão subnormal mesmo outras enfermidades, mas são capazes de aprender no seu ritmo (FUNAYMA, 2005).

No ensino fundamental, a participação de professores e pais é, indiscutivelmente, importante para este processo. É importante ressaltar que não se deve perder o foco central do processo de ensino, em que devem ser utilizadas estratégias de ensino e respeitar a diferença individual de seu aluno (CARVALHO, 1998).

Nesse norte, o presente trabalho tem como tema: Nistagmo no contexto do ensino e aprendizagem e as necessidades educativas especiais no ensino fundamental regular. Acredita-se que uma formação deficitária do professor em sala de aula contribui para o fracasso da educação inclusiva. Sendo assim, surgem os seguintes questionamentos: quais são as possibilidades, os recursos e as metodologias para se trabalhar com a educação inclusiva, sobretudo com alunos com Nistagmo? Sendo essas as problemáticas iniciais do trabalho.

Acredita-se que, atualmente, os professores não têm o devido preparo para receber alunos com necessidades especiais, sobretudo no ensino fundamental II. Argumenta-se ainda que na educação inclusiva, apesar de ter sido garantida em legislação, ainda não foi bem recebida com ênfase por parte das escolas. Dessa maneira, é importante ressaltar que a educação inclusiva é uma possibilidade integradora para alunos com necessidades especiais, principalmente os acometidos com Nistagmo.

Nota-se que, existe uma grande discriminação por parte da sociedade, de alguns professores e de algumas escolas. Percebe-se a falta de preparo dos mesmos em atuarem em sala de aula com alunos que requerem mais de sua atenção no processo de ensino e aprendizagem. Além de que nas faculdades de licenciatura, na grande maioria, não existe uma disciplina específica de educação inclusiva. Sendo assim, acredita-se que este estudo possa colaborar para o levantamento de informações sobre o tema.

Objetivou-se estudar o Nistagmo na perspectiva educacional, bem como as necessidades educativas especiais no ensino fundamental II regular e propor melhorias aceitando as dificuldades apresentadas dentro da sala de aula buscou-se analisar os objetos pedagógicos e a atuação do educador em sala de aula para melhor desempenho de cada aluno.

E, por fim, pesquisar as leis, bem como a importância da educação inclusiva e propor melhorias para o auxílio dos portadores de Nistagmo no contexto escolar.

Este é um estudo de natureza qualitativa, fundamentado em revisão bibliográfica a partir de estudos em artigos científicos, monografias, teses, livros, revistas, que apresentem conhecimentos sobre aluno com baixa visão e Nistagmo, procedimentos do professor perante o aluno, conhecimentos sobre recursos didáticos pedagógicos, órgãos de planejamentos de organização da Educação Especial e Inclusiva de rede de Ensino fundamental e Centro de apoio Pedagógico para atendimento à pessoa com deficiência visual (CAP). Para a busca dos materiais, foram utilizadas as seguintes palavras-chave: nistagmo, baixa visão e inclusão. Os materiais utilizados foram preferencialmente aqueles publicados no período de 2004 a 2014.

2 A INCLUSÃO SOCIAL

O processo de inclusão social de pessoas com necessidades especiais tornou-se efetivo a partir da Declaração de Salamanca, em 1994, respaldada pela Convenção dos Direitos da Criança (1988) e da Declaração sobre Educação para Todos 1990 (BRASIL, 2006).

Porém, em meados dos anos 1970, começou a discutir a participação do Portador de Necessidades Especiais (PNEE) nas atividades sociais e educacionais com o objetivo de reabilitá-lo em ambientes regulares, com os apoios psicológicos necessários. E por volta dos anos 1980/1990, surgiram os serviços de educação especializada, porém, não só no ambiente das escolas regulares e assim, com serviços paralelos especializados (BUENO, 1999).

> Nessa direção, pode-se pensar que o homem cego vai ser aquele que não se "distrai". Olhando para fora de si, com o empírico ou o mundano. O homem cego tem o privilégio de olhar para dentro de si, de mergulhar em sua essência e, assim, reencontrar-se com o mundo inteligível das ideias, da substância primeira do humano ou reaproximar-se de Deus, de quem se afastou no pecado original. (CAIADO, 2006, p. 25).

Já, em 1981, o conceito em relação ao PNEE foi modificado. Não é o PNEE que tem que adaptar-se à sociedade, mas a sociedade tem que adaptar-se às pessoas 'diferentes', pois a deficiência não é então, uma característica do indivíduo, mas está relacionada à forma como a sociedade o vê, e assim, o enfoque médico, da patologia, passa a ser social (CARNEIRO, 1997).

Algumas leis estão em vigor para o apoio a pessoas acometidas e para a inclusão. São elas:

Lei nº 8.069, de 13 de 1990 atualizada até a lei n° 12.797/2013 de 04/abril que relata: "Declaração dos direitos da criança", adotada pela assembleia das Nações Unidas de 20/11/1959 e ratificada no Brasil, nunca esquecer ademais que quando se fala em direitos da criança fala-se de direitos humanos; "Declaração Universal dos Direitos Humanos", aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 10/04/1948,assim como o decreto n° 1.904/1996, de 13/05/1996, que institui o Programa Nacional Direitos Humanos (PNDH) (BRASIL, 1996).

Capítulo VI - Direito à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer: art.6°e 205 a 214 da CF e disposições da lei n°9.394/1996, lei da diretrizes e bases da Educação Nacional. (LDB). Art.217 da CF; lei 9.615/1998 de 24 /03/1998(também conhecida como "LEI PELE") que institui normas gerais sobre o decreto n°4.201/2002 de 18/04/2002 que dispõe sobre o Conselho Nacional de Esporte (BRASIL, 2006).

Lei n° 12.796/2013 de 04/04/2013: a educação básica passou a ser obrigatória a partir dos 04 (quatro) anos de idade, devendo a criança entre quatro e cincos anos ser matriculada na pré-escola e criança no ensino fundamental a partir dos 06(seis) anos de idade. Lei nº12. 796/2013, a "Educação Especial; decreto n° 3.298/1999, Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência assinada em Nova Iorque em 30 de março de 2007" (BRASIL, 1998). Decreto-lei n°3/2008 (publicado em Diário da República - 1ª serie - n°4 - 7de janeiro 2008) Art. 24 - Educação de alunos cegos e com baixa visão.

O educador deve assegurar uma solução visual e observar seu funcionamento no ensino e aprendizagem da leitura de suas diversas grafias e domínio da linguagem, utilizando meios tecnológicos específicos da informática, orientando seus alunos com limitações visuais, nos treinos diários, como Educação Física, Matemática, Biologia, Química, Línguas Estrangeiras, aconselhando educadores, pais e responsáveis e membros da educação (CAIADO, 2006).

As escolas de referências para educação de alunos cegos e com baixa visão concentram as criança e jovens de um ou mais conselho em função da sua localização e rede de transportes existentes.

A inclusão é um processo de aceitação da sociedade. Assim o portador de necessidades especiais ganha sua autonomia e assume sua cidadania. Na educação, as escolas regulares, com sua estrutura física, têm que se adaptar e qualificar seus professores, ao receber os alunos portadores de necessidades especiais permitindo, assim, total liberdade e incluindo-o à comunidade (SASSAKI, 1998).

Rabelo (1999) apud Vygostsky (1999) afirma que uma criança portadora de um "defeito" não é simplesmente uma criança menos desenvolvida que as demais, apenas se desenvolveram de forma diferente. É importante sair da inércia para que novos paradigmas pedagógicos sejam alcançados (FREIRE, 2002).

A pessoa portadora de alguma deficiência, normalmente convive socialmente somente com sua família, não tem amigos, não são bem vindos, nas escolas são ignorados pelos outros alunos, professores não sabem lidar com certas situações, ao andar nas ruas recebem olhares indiferentes e isso dificulta sua vida social. Existem leis, mas não são respeitadas, nas oportunidades fazem ótimas produções quando são estimulados (MANTOAN, 1997).

No espaço físico e no conteúdo do sistema educacional é esperado que o registro de inclusão ao portador de Nistagmo centralize uma melhor didática de educação para todos com qualidade. Porém pouca atenção é dada para uma abordagem em novas propostas em se preparar professores para um atendimento às necessidades educativas de todas as crianças com ou sem deficiências. É importante salientar que o sucesso de sua participação depende de práticas pedagógicas eficientes e orientadas (ODNOGHUE; CHALMERS, 2000).

Atenção especial deverá ser demonstrada a todos os professores para que exerçam sua autonomia e apliquem suas competências na prática dos programas de estudos, a fim de abordar as necessidades dos alunos e para que esclareçam com os especialistas e com os pais. É importante que o programa esteja de acordo com a criança e não ao contrário (BRASIL, 2004).

3. EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM DESAFIO

A educação brasileira busca, em pequena escala, oferecer melhorias em suas estruturas físicas, e uma educação inclusiva de melhor qualidade. Mas estas modificações precisam ser expressas na comunidade. O ensino especializado na educação regular vem melhorando e apoiando suas crianças com deficiências para que elas possam frequentar a rede regular de ensino. Isso é percebido nos currículos escolares, com professores de apoio, sobretudo na rede pública, onde o índice de alunos deficientes é maioria.

Quanto ao professor de apoio na educação inclusiva, destaca-se um trecho do texto de Crochik e Crochik (2008, 134-150).

> A imposição e um educador, ou uma pessoa próxima ao aluno incluído, para que esse seja aceito não deixa de ser também outra modalidade de discriminação. Claro que não deixa de ser purista e deixa de reconhecer que, por vezes, isso seja necessário, mas a escola que precisa de recurso de outros profissionais e pessoas, não está assumindo plenamente sua função. Assim, como discutido, a educação inclusiva é uma proposta importante que nos ajuda a pensar na educação como um todo. A dificuldade que as escolas mostram em relação à inclusão apenas comprova que a noção da educação está pouco clara para essas instituições.

Ainda pensando em educação inclusiva, sempre haverá alunos excluídos, com necessidades de serem resgatados em uma sociedade ignorante. No Brasil, a educação apresenta a mesma dificuldade com relaçãoaos não alfabetizados e à evasão escolar, dificultando, portanto, o desempenho dos alunos na sala de aula e o trabalho dos educadores. Os alunos especiais apresentam um grande desafio para os professores da educação inclusiva e é sabido que o fracasso não é culpa do sistema e sim de uma oportunidade do sistema no geral. A inclusão exige uma mudança de paradigmas educacionais, uma subdivisão das modalidades de ensino regular (MITTLER, 2003).

No intuito de melhor discutir a educação inclusiva brasileira, recorre-se aos estudos de Pacheco (2007) e Mittler (2003), sobre processo de inclusão escolar. De acordo com Pacheco, Eggerts Dóttir e Arinósson (2007) a educação inclusiva deve atender a todas as diversidades educacionais, permitindo que criança permaneça na escola mais próxima da sua casa. É necessária muita expectativa que encoraje e colabore com práticas inovadoras, que acredite e que tenha uma equipe de professores preparados, além de contar com o apoio dos pais e família. É importante que a sociedade o inclua, sem diferenças, e proporcione um ambiente mais harmônico com novos métodos de aprendizagem (CIRILO, 2008).

O trabalho com alunos portadores de Nistagmo baseia-se no princípio de estimular e

acreditar no potencial de sua visão, além de se descobrir outros sentidos que possa trabalhar com essas pessoas. A fim de superar as dificuldades no aprendizado e conflitos emocionais, é possível o professor identificar sinais psíquicos e sintomas físicos no aluno: nervosismo, inquietude, mudade lugar, esfrega os olhos, franze a testa, balança muito a cabeça, copia frases pela metade faltando letras, muitos erros de português, muitas vezes não consegue ler sua própria letra, não faz suas tarefas, sempre aproxima objetos perto dos olhos, intolerância à claridade, não consegue acompanhar, sempre se perde. Para o aluno com Nistagmo desenvolver suas atividades em sala de aula, o educador deve participar mais da vida desse aluno para que o mesmo desperte seu interesse e proporcione prazer em suas tarefas para que tenha autonomia (OLIVEIRA, 2000).

3.1 Métodos de ensino para alunos com Nistagmo

Organizar métodos de ensino adequados que favoreçam o acesso de alunos (inclusive dos alunos cegos) no ensino é de extrema importância. Mas é necessário haver grandes ou pequenos ajustes nos objetos, nos programas pedagógicos, estrutura física e nas avaliações, auxiliando, assim o acesso ao currículo do aluno com Nistagmo ou cego. A seguir estão listados alguns métodos e adaptações desejadas para a acessibilidade aos portadores de Nistagmo.

Estrutura física para facilitar seu acesso como: banheiro, biblioteca, a sala onde ele permaneça por mais tempo, um ambiente arejado e iluminado, uma mesa adequada, corrimão nas escadas para evitar acidentes (COLL, 1995).

Uma comunicação onde possibilite interações com os professores e funcionários e pessoas da comunidade escolar, e adote sistema da escrita braile, materiais didáticos ampliados, computador com áudio, livros falados, bengala longa, papel de pauta dupla, lupas, lupas eletrônicas, lápis 6b, caneta de ponta porosa de cores contraste, realização de provas orais (COLL, 1995).

E na realização deste ajuste, que garanta a participação ativa desse aluno em todas as atividades escolares, o sistema educacional tem como objetivo acolher o aluno com deficiência visual e exige mudanças no conteúdo didático pedagógico (COLL, 1995).

Os meios de informática auxiliam os educadores facilitando a comunicação com programas de voz. O mais conhecido é o DOSVOX, sistema desenvolvido na Universidade Federal do Rio de Janeiro, com aplicativo próprio com jogos interativos obtido por meio de download gratuito (LAJANJEIRA,1995).

Segundo Barsch (2008) poucos têm acesso a essa tecnologia que proporciona uma autonomia e uma independência em suas atividades diárias na escola que são de uso individual. Mas, os alunos do ensino fundamental têm mais dificuldades em ter acesso ao conhecimento científico e informação contida na internet. Quanto aosalunos de escolas públicas, suas condições econômicas são desfavoráveis para aquisição de recursos tecnológicos.

3.3. Ensino de Ciências

Segundo Brasil (1997) no ensino de Ciências, suas atividades são realizadas em laboratórios. No caso de não contar com essa possibilidade, o professor deve usar do aluno sua criatividade em fazer suas atividades laboratoriais na própria sala. As recomendações para alunos cegos serão as mesmas para outras matérias. O uso intensivo da comunicação deve garantir o uso de recursos ópticos, manuseio dos materiais com cuidados que são muito úteis. A seguir estão listados alguns métodos de auxílio.

Estudo da anatomia: usar modelos concretos desmontáveis ou seu próprio corpo. Esse tema pode ser usado como desenvolvimento habitual para que o aluno cuide de sua higiene pessoal. Célula: usar um ovo que pode ser uma célula. Mas, deixar claro que sua casca sendo associada a uma célula real, a gema é muito maior do que o núcleo da célula, e também existem vários detalhes da célula que não podem ser percebidos e é quando entra a orientação mais de perto. Força e movimento: pode ser feito diretamente no aluno exercendo sua própria força muscular (BRASIL, 1997).

O som: é mais fácil sua percepção, o som tem vibrações e é imediato.

Luz: agora experiências com fenômenos luminosos estão fora de cogitação para alunos cegos. Os com Nistagmo são sensíveis à luz.

Transformação da matéria: noções de misturas como um comprimido efervescente em água. Essa reação pode ser percebida pelo aluno com Nistagmo. Já o aluno cego, poderá provar água antes e depois ou colocar o dedo dentro do copo durante o processo, água fria, gelada, quente, água com sabão, água acidificada com suco de limão. Ter sempre o manual de segurança do laboratório e sempre que for levar um aluno com deficiência para o local, pedir a autorização ao professor especialista e usar em sua metodologia materiais adaptados para alunos com baixa visão, para que não ocorra nenhum tipo de acidente (BRASIL,1997).

4. A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA SOCIEDADE ESCOLAR INCLUSIVA

Para o aluno com deficiência visual, é de muita importância que sua família o acompanhe no seu dia a dia, que conheça a rotina da escola e o que ela tem de melhor para oferecer. Na medida em que os dois se influenciem diretamente, melhores serão as transformações ao longo da vida. As crianças e os adolescentes possuem o direito à educação inclusiva de acordo com o artigo 205 da Constituição Federal:

> [...] a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1998, p2).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no seu artigo 4º discorre:

> É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990 p. 5).

Segundo a Declaração de Salamanca, não basta o conhecimento em direitos à educação, mas o reconhecimento por parte da comunidade familiar ao ambiente escolar em sua capacidade, nas suas alternativas de elaboração do conhecimento. Os pais são a parte mais interessada quando diz respeito à educação dos filhos. Mas, entretanto, não pode ser somente de responsabilidade da família, pois os mesmos enfrentam dificuldade em encontrar uma escola adequada e preparada que garanta assistência especializada ao aluno, não deixando de denunciar as recusar às autoridades como o Conselho Tutelar e o Ministério Púbico Estatual (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA,1994).

Segundo Mito (1997) diante da recusa, a família não deve deixar de mandar seu filho para a escola. Isso pode ser um alívio naquele dia e uma grande consequência ao longo prazo, pois a família e a escola são um alicerce para este estudante, e devem estreitar laços, uma apoiando a outra, especialmente quando se trata de criança e adolescente com deficiência.

5 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Durante muitas décadas, predominavam práticas sociais orientadas por médicos modelo que pessoas com cegueiras eram incapazes, inválidas, que não contribuíam coisa alguma para sociedade. Eram, entretanto, excluídas, cuidadas somente pelas famílias e colocadas em instituição para essa finalidade (SOUZA ; CARVALHO,2000). E o deficiente era visto como um problema que tinha que se adaptar à vida social e submeter a tratamento e programa de reabilitação (SASSAKI, 1999).

Durante o século XIX, até criava-se escola pública comum, porém a criança deficiente era excluída por falta de educadores especializados. No final do ano 1960, a exclusão cedia espaço para inserir alunos com deficiência e que todos fossem encaminhados a um serviço educacional preparados (STAINBACK; STAINBACK,1999).

Não é de hoje a preocupação das escolas em inserir um programa de ensino a crianças e jovens que sofrem mudanças constantes. A deficiência não deve ser um empecilho para a educação e sim um incentivo para integrar como cidadão, que cumpra seu papel na sociedade. Há uma importância no ambiente escolar, sendo assim os educadores devem se adequar para melhor atender esse púbico. No ensino fundamental regular, o futuro educador deve ser preparado para lecionar a todos, independente de suas características, tem que existir uma troca de experiências, compartilhar vivências pessoais (COLL,1995).

Nas faculdades, é necessário que insira como disciplina a Educação Inclusiva, que exija uma carga horária mais intensiva, que formem professores mais integrados à educação inclusiva, que seja apoio a essas crianças. Mas não somente nas licenciaturas, pois sempre terá um funcionário, clientes, uma pessoa comum à espera de um apoio especializado, para que todos desenvolvam um sentimento de respeito, solidariedade e compreensão, que o incluso não se sinta excluído. Nossos valores, o respeito na conquista dos seres humanos em história, experiências científicas são atos heroicos. Este é o sacrifício da vida; estudar e dar sentido à vida, uma oportunidade especial. (GARDENER, 1997).

Na formação atual dos professores, não só um simples projeto pedagógico com conteúdos científicos e formais da didática seria suficiente. É preciso que se aprenda a realidade da educação inclusiva além dos educadores. O sucesso da inclusão está não somente nos deficientes e sim nos não deficientes, que são seus parceiros e que contribuem para um bom relacionamento em sala de aula transmitindo confiança e equilíbrio harmônico.

Segundo Cerqueira e Ferreira (2000), entretanto, em nenhuma forma de lecionar, os programas didáticos tenham tanta relevância quanto na educação especial de pessoas com Nistagmo. O manuseio de materiais facilita o desenvolvimento da percepção tátil, facilitando detalhes e ajudando nos movimentos dos dedos.

Njorge (1994) argumenta que é preciso acompanhar os alunos com visão subnormal a utilizar ao máximo de sua visão com a melhor adaptação e auxiliar no equilíbrio entre o que é prático e o que é fácil. Assim o educador que tem em sala de aula um aluno com necessidade especiais, deve alcançar o nível mais alto de sua criatividade nos recursos didáticos para motivar a vontade de aprender de seus alunos.

O sistema educacional vem buscando compreender as mudanças ocorridas na sociedade para melhor adaptação às fases da educação, e passou a entender que o papel da família é fundamental para o desenvolvimento da criança em toda fase escolar (KALOUSTIAN, 1998).

Conforme Nogueira (2002) está na legislação o dia da família na escola e tem obtido ótimos resultados, mas ainda não o suficiente para a educação. A escola, os educadores, diretores, orientadores e os estudantes devem planejar estratégias e levarem seus familiares à escola, não só por interesses de seus próprios filhos, mas de toda comunidade escolar, em todos os aspectos de vida social.

> Precisamos, isto é lógico, refletir sobre a construção de um modelo educacional que possa ser coerente com nossa realidade e que extrapole o universo escolar. É necessário que todas as crianças possam estar na escola, sim, mas com a garantia de desfrutar, no âmbito social, de uma vida mais digna, pois de nada adianta planejarmos leis e políticas inclusivas voltadas para o ambiente escolar, se não promovermos no social uma equidade econômica capaz de não só levar os alunos para a escola, mas principalmente, de deduzir a exclusão a que se acham submetidos inúmeros seres em nossa sociedade (FACION, 2008, p. 61-62)

Portanto, não basta inserir o aluno no ensino regular fundamental só porque está na lei de educação para todos. É preciso capacitar os educadores, adaptar um espaço físico, entre várias necessidades básicas, e perceber que muitas escolas não estão preparadas para receber esse aluno.

Neste sentido, Mantoan (2003, p.53) sublinha a importância da inclusão na escola:

> A escola, para muitos alunos, é o único espaço de acesso aos conhecimentos. É o lugar que vai proporcionar-lhes condições de se desenvolverem e de se tornarem cidadãos, alguém com uma identidade sociocultural que lhes conferirá oportunidades de ser e de viver dignamente.

Na sala de aula muitos obstáculos podem ser enfrentados é superados e graças a criatividade e vontade do professor para melhor conhecer os interesses de seu aluno precisa estimular a sua própria escuta.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação inclusiva é de grande importância, e o Nistagmo não tem atenção no atual modelo de ensino, e de forma mais abrangente, a educação inclusiva também não. Nos dados levantados, percebeu-se que a educação especial está passando por dificuldades devido à falta de recursos e conteúdo e preparação dos professores em sala de aula inclusivas são poucas efetivas. As leis que determinam a educação inclusiva. Algumas escolas estão preparadas para receber os alunos com Nistagmo, mas são poucas. Todavia acredita-se que estas devem ser modelo para as demais.

A vivência fez perceber o descaso acerca das tratativas sobre a educação inclusiva, sobretudo o Nistagmo. E o levantamento aqui apresentado constatou-se que a preocupação com esta modalidade de educação é quase inexistente, mas que a diferentes propostas de mecanismos para a mudança dessa realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Júlio Groppa (org). **Diferenças e preconceito na escola -** Alternativas teóricas e práticas.2° edição. Summus editorial,2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Referencial curricular nacional para a educaçãoinfantil. Brasília: MEC/SEF, 1998

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia**. Volume 5. Brasília: MEC/ SEF, 1997.

_____. **Proposta curricular para Deficientes Visuais.** Vol.4. Brasília: MEC/CENESP, 1979

CIRILO, M. A**, Deficiência e discussão pedagógica contemporânea**. 2008. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. DISPONÍVEL EM: www.sapientia.puc.sp.br / ACESSO EM: 21/07/14.

COLL, C. P.; J. E. M. A. **Necessidade Educativa Especial e Aprendizagem Escolar. Desenvolvimento Psicológico e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CROCHIK, J. L. CROCHIK, N. **Teoria crítica e educação inclusiva intermeio:** Revista do programa de pós-graduação em educação, Campo Grande, V.14, n°28, 2008. DISPONÍVEL EM: http://lattes.cnpq.br / ACESSO ECV: /551642434 6600815M:

LARANJEIRA, M. I. **Da Arte de Aprender ao ofício de Ensinar: Relato, em reflexão de uma trajetória** . Bauru. SP: Editora. EDUSC, 2000.

MITTLER, P. **Educação inclusiva: Contexto social.** Porto alegre: Artmed, 2003.

OLIVEIRA, R. C. S. **Entendendo a Baixa Visão: orientações aos professores**. Brasília: Ministério da Educação: Secretaria de Educação especial, 2000. Disponível em: www.scielo.br / acesso em: 23/10/14.

FERREIRA, E. M. B**. Recursos Didáticos _ uma possibilidade de produzir conhecimentos.** UNIRIO, Rio de janeiro/RJ, 1998. Monografia.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Diretrizes Nacionais para educação especial na educação básica. Brasília. MEC/SEEP.2001.DISPONÍVEL EM: http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183...000875074.pdf / ACESSO EM:26/10/14
BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. (LDB).Lei Federal.n°9.394,de 26/12/1996.

_____. **Ministério da Educação. Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental: deficiência visual** vol. 1 fascículos I – II – III. Brasília, DF: Instituto Benjamin Constant.: MEC, 2001. (Série Atualidades Pedagógicas).

BRASIL. **Lei nº 9.615/98 (Lei Pelé).** Presidência da Republica Federal do Brasil. DISPONÍVEL EM: www.planalto.gov.br. / ACESSO EM:09 SET.2014.

BRASIL. **Saberes e práticas da inclusão: Desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos cegos e de alunos com baixa visão**. 2. ed. Brasília, DF: MEC/SEE, 2006.

BRUNO, M. M. G. **Deficiência Visual: Reflexão sobre a prática pedagógica.**

LARAMARA --- Associação Brasileira de Assistência ao Deficiente Visual. Revista Contato. Conversas sobre Deficiência Visual, ano 3, nª 5, p. 33-44, maio, 1993.DISPONÍVEL EM: http// www.lamara.org.br

BUENO, J. G. S. **Crianças com necessidades educativas especiais, política educacional e a formação de professores: generalistas ou especialistas?** Revista de Educação Especial, Marilia, v.3, n.5, p. 7-25, nov. 1999. DISPONÍVEL EM: www.scielo.br/ / ACESSO EM:04/09/14.

CAIADO, K. R. M. **Aluno deficiente visual na escola: lembranças e depoimentos**. 2. ed. Campinas, SP: PUC, 2006 (Coleção educação contemporânea).

CARNEIRO, R. **Sobre a Integração de Alunos Portadores de Deficiência no Ensino Regular.** Revista Integração. Secretaria de Educação Especial do MEC, Brasília, 1997.

CARVALHO, R. E. **Temas em Educação Especial**. Rio de Janeiro: WVA, 1998,p.23

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia.** Saberes Necessários à prática educativa. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002,p24.

FUNAYAMA, C. A. R (org.). **Problemas de aprendizagem, enfoque multidisciplinar**. 2. ed. CIDADE: Átomo & Alínea, 2005.

MANTOAN, M. T. E. **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Mennon, 1997.p,174,183.

O'DONOGHUE, T. A.; CHALMERS, R. How teachers manage their work in inclusive classrooms. Teaching and Teacher Eduction?,London, p. 889-904, MESES. 2000. DISPONÍVEL EM:

www.scielo.com.br / ACESSO EM: 26/09/14

SASSAKI, R. K. Integração e Inclusão: do que estamos falando? Temas sobre Desenvolvimento, In, Brasilia, v. 7, n. Inclusão: Revista da Educação Especial, 39, p,42, out, 1998. DISPONÍVEL EM: http://ccs.infospace.com / ACESSO EM: 30/09/14.

WERNECK, C. **Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva**. Rio de Janeiro: WVA,1997.

CERQUEIRA, J. B.; FERREIRA, M. A. Os recursos didáticos na educação especial. Rio de Janeiro: Revista Benjamin Constant, nº 5, dezembro de 1996. P.15-20. DISPONÍVEL EM: www.cogeine.org.br/revista/cap0121./ ACESSO EM 21/09/14.

CHALITA, Gabriel Benedito Issaac. Educação: a solução está no afeto. São Paulo: Gente, 2001, p.107. DISPONÍVEL EM: www.públicadireito.com.br /conpedi/manaus/arquivos/Anais/.../1952. ACESSO EM 23/09/14.

FACION, José Raimundo (org.) Inclusão escolar e suas implicações. Curitiba, IBPX, 2008. DISPONÍVEL EM: www.livrariasaraiva.com.br /produto /2620357 ACESSO EM 23/09/14.

KARAGIANNIS, A.; STAINBACK, W.; STAINBACK, S. Fundamentos do Ensino Inclusivo. In: STAINBACK, W., STAINBACK, S. Inclusão: um guia para educadores. Porto Alegre: Artes Médicas do Sul, 1999. www.scielo.br /scielo.php?pid =S0104-40362007000400004&script... ACESSO EM 23/09/14

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?. São Paulo: Moderna, 2003. DISPONÍVEL EM: www.pucpr.br /eventos/educere/educere2008/anais/pdf/621_435. Pdf / ACESSO EM 23/09/14.

NJOROGE, M. El trabajo com alunos com baja visión: algumas consideraciones útiles. Seminário para Professores de Alumnos con Discapacidad Visual, Kajiado, Kenia, 1994. DISPONÍVEL EM: www.cogeine.org.br /revista/cap0121 / ACESSO EM 21/09/14.

SASSAKI, R. K. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997

NOGUEIRA, Raimundo Augusto. Mudanças na sociedade contemporânea, São Paulo: Mundo jovem, V.1,n°123, fevereiro.2002. DISPONÍVEL EM:<< Bdm.unb.br/bitstream /10483.. -juliano 2011 Silvério Branco Barbosa.

COLL, C; PALACIOS, J; MARCHESI, A. Desenvolvimento Psicológico e educação -Necessidades Educativas especiais e aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artmed, 1995. DISPONÍVEL EM: www.fc.unesp.br/upload/pedagogia/

GARDNER, Howard. Estruturas da mente. A Teoria das Inteligências Múltiplas. Porto Alegre. Artes Médicas, 1994. DISPONÍVEL EM: www.livrariacultura.com

BARSCH, R. Introdução à Tecnologia Assistiva. CEDI – Centro Especializado em Desenvolvimento Infantil. Porto Alegre-RS, 2008. DISPONÍVEL EM: http://www.nec.fct.unesp.br/TA/3ed/material/m2s1a1_introducao_ta_rita_bersch.pdf. / ACESSO EM 10/04/2014.

ESTUDO DE RUÍDOS NA TRANSMISSÃO DE DADOS VIA REDE ELÉTRICA

Fabrício Alencar Ferreira de Souza[*]

Resumo: Este artigo de cunho qualitativo versa sobre a transmissão de dados via rede elétrica e tem como objetivo mostrar que mesmo com o desenvolvimento de novas tecnologias em alguns ambientes são impossibilitadas de serem realizadas. Para tal pautou na revisão bibliográfica amparada por Rosa 2004, Soares 1995. Duque 2001, Asterix 2003.

Palavras chave: Transmissão. Dados . Rede elétrica . Ruído

Abstract: This qualitative nature of article deals with the transmission of data over power lines and aims to show that even with the development of new technologies in some environments are unable to perform. For this guided the literature review supported by Rosa 2004 Soares 1995. Duke 2001 Asterix 2003.

Keywords: Transmission. Data .Grid. Noise

1. INTRODUÇÃO

Há vários anos meios de transmissão de dados vêm sendo estudadas com o intuito de se obter melhorias. Com isso, resultou no desenvolvimento de novas tecnologias. Uma dessas novas tecnologias de transmissão de dados, responsável pela comunicação entre diversos dispositivos utilizando a rede de energia elétrica.

Alguns ambientes não permitem que reformas sejam feitas em suas estruturas. Exemplos destes ambientes são: construções antigas, fábricas e escritórios em funcionamento ou simplesmente construções já finalizadas cujos donos não desejam ter custos adicionais com mudanças estruturais (ROSA, 2004).

Com o desenvolvimento de um sistema cujas características permita sua implantação sem a necessidade de reformas para adaptação do ambiente será possível introduzir este sistema a diversos tipos de ambientes os quais não permitem a realização de reformas. Com a implantação destes sistemas será possível oferecer aos habitantes de tais ambientes, muitos benefícios proporcionados pela automação residencial (ROSA, 2004).

De fato o sistema elétrico da distribuição da energia é uma grande espinha dorsal

[*] Professor pela Faculdade Cidade de João Pinheiro – FCJP. Graduado em Engenharia de Computação pela Universidade do Estado de Minas Gerais campus de Ituiutaba- MG.Pós Graduado em Gerenciamento de Projetos, Banco de Dados Oracle, Linguagem Java e Docência no Ensino Superior pela Faculdade do Noroeste de Minas – FINOM – Paracatu-MG.Pós Graduado em Engenharia de Segurança do Trabalho pelo Centro Universitário Una – Belo Horizonte - MG.MBA em Gestão Integrada QSMS-RS (Qualidade, Meio Ambiente, Saúde & Segurança e Responsabilidade Social – ISO 9001, ISO 14001, OHSAS 18001 e AS 8000), pela Fundação de Pedro Leopoldo em convênio com o Instituto de Pós-graduação do Brasil – Belo Horizonte – MG. E-mail fabricio.alencar@gmail.com

que está sendo explorada para a transmissão de dados. O interesse para este meio inclui aplicações tais como a leitura automática de medidores da energia, gerência de sistemas elétricos da distribuição, automatização de edifícios comerciais e residenciais entre outros. (DUQUE, 2001).

2. MATERIAL E MÉTODOS

2.1 Transmissão De Dados

A comunicação é uma das maiores necessidades da sociedade humana desde os primórdios de sua existência. Conforme as civilizações se espalhavam, ocupando áreas cada vez mais dispersas geograficamente, a comunicação à longa distância se tornava uma necessidade indispensável e um desafio. Formas de comunicação através de sinais de fumaça ou pombos-correios foram às maneiras encontradas por nossos ancestrais para tentar aproximar as comunidades distantes. [SOARES 1995]

O sistema de comunicação vai se constituir de um arranjo topológico interligando os vários módulos processadores através de enlaces físicos (meios de transmissão) e de um conjunto de regras com o fim de organizar a comunicação (protocolos). Redes de computadores são ditas confinadas quando as distâncias entre os módulos processadores são menores que alguns poucos metros. [SOARES 1995]

A transmissão de dados é troca de informações a serem realizadas por um meio físico, adequando a velocidade de transmissão e a quantidade de informações a serem trocadas.

2.1.1 Par Trançado

É o meio de transmissão mais antigo e também o mais comum. O tempo de transmissão é medido em minutos ou horas e não em milissegundos. Consiste basicamente em dois fios de cobre encapados, (ver Figura 1). O trançado dos fios tem a finalidade de reduzir a interferência elétrica entre os pares de fios.

A aplicação mais comum é o sistema telefônico, pode percorrer diversos quilômetros sem amplificação, porém em distâncias mais longas é preciso usar um repetidor. Podem ser usados em transmissões analógicas ou digitais. Vantagens: fácil de instalar, econômica, leve, flexível, tecnologia atual e estável. Desvantagem: sensível à interferência eletromagnética, pode ser suscetível à escuta telefônica. [SOARES 1995]

Figura 1: Cabo Par Trançado

Fonte: http://tecnosolution.blogspot.com.br/2012/07/cabeamento-de-rede-cabo-par-trancado.html. Acessado em 15-12~2014

2.1.2 Cabo Coaxial

O cabo coaxial mantém uma capacitância constante e baixa, ao contrario do par trançado, teoricamente independente do comprimento do cabo. [ASTERIX 2003] Isso vai lhe permitir suportar velocidades da ordem de megabits por segundo, sem a necessidade de

regeneração do sinal e sem distorções ou ecos, propriedade que revela a alta tecnologia já dominada. O Cabo Coaxial tem uma imunidade a ruído de crosstalk1 bem melhor, e uma fuga eletromagnética mais baixa. [SOARES 1995]

- Banda Básica: Como são mais protegidos do que o par trançado ele pode percorrer distâncias maiores. Há dois tipos de cabo coaxial: os de 50 ohm, mais usados nas transmissões digitais; os de 75 ohms, usados nas transmissões analógicas, (ver Figura 2). Consiste em um fio de cobre esticado na parte central, envolvido por um material isolante e protegido por um condutor cilíndrico com uma camada plástica protetora. Com isso é proporcionada a ele uma boa combinação de alta largura de banda e excelente imunidade a ruídos. A largura da banda depende do tamanho do cabo. [SOARES 1995]

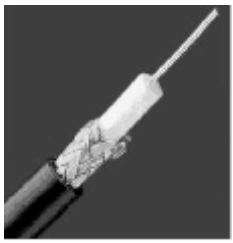


Figura 2: Cabo Coaxial
Fonte: http://www.solucoesindustriais.com.br/empresa/eletricidade-e-eletronica/contec/produtos/eletroeletronica/cabos-coaxiais. Acesso em 15-12-2004

- Banda Larga: São Divididos Em Vários Anéis, Cada Canal Pode Ser Usado Para Sinais Analógicos De Televisão Áudio Com Qualidade De CD, Ou Em Fluxo De Bits Digitais, (Ver Figura 3). [SOARES 1995] Diferença: Banda Larga Precisa De Amplificadores Por Abranger Grandes Áreas. Porém Eles Só Transmitem Sinais Em Uma Direção. Para Resolver Este Problema, Foram Desenvolvidos Dois Tipos De Sistemas De Banda Larga: Sistema De Cabo Duplo E Sistema De Cabo Único. [ASTERIX 2003]

2.1.3 Fibra Ótica

É realizada pelo envio de um sinal de luz codificado, dentro do domínio de frequência do infravermelho, 1012 a 1014 hertz. [SOARES 1995]

Seu índice de refração é definido como a razão entre a velocidade da luz nesse material e a velocidade da luz no vácuo. Como a velocidade da luz em qualquer meio é menor que a velocidade da luz no vácuo, o índice de refração de qualquer meio é sempre menor do que 1, (ver Figura 4). [SOARES 1995]

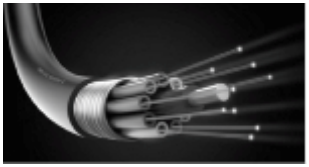


Figura 3: Fibra Ótica.
Fonte: http://www.getninjas.com.br/guia/reformas-e-reparos/eletricista/o-que-e-fibra-otica. Acesso em 15-12-2014

Toda vez que um feixe de luz atravessa um material e passa para outro material com índice de refração diferente, ocorre o fenômeno de refração, que ao passar por um meio com índice de refração menor, o ângulo do feixe de luz com a normal aumenta em relação ao ângulo de incidência.

O cabo ótico consiste em um filamento de sílica ou plástico, por onde é feita a transmissão de luz, e ao redor do filamento existem outras substâncias de menor índice de refração, fazendo com que os raios sejam refletidos internamente, (ver Figura 8). [SOARES 1995]

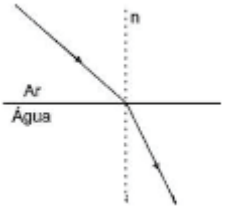


Figura 4: Refração.
Fonte: https://www.algosobre.com.br/fisica/refracao-da-luz.html. Acesso 15-12-2014

Tipos de Fibras:

- Multímodo degrau: as mais simples são baseadas no fenômeno da reflexão total interna na casca de índice de refração mais baixo. Degrau vem da existência de uma descontinuidade na mudança de índice de refração na fronteira entre o núcleo e a casca da fibra. Multímodo refere-se à possibilidade de que vários feixes em diferentes ângulos de incidência se propaguem através de diferentes caminhos pela fibra, (ver Figura 5). [SOARES 1995]

Figura 5: Multímodo Degrau.
Fonte: http://pt.slideshare.net/tinhobral/redes-de-computadores-meios-de-transmisso
Acesso 15-12-2014

- Multímodo de índice gradual: ao invés de uma mudança abrupta de índice de refração do núcleo para a casca, este índice vai diminuindo gradualmente de forma contínua. Com índice de refração menor significa maior velocidade de propagação do sinal, com isso adquirem maior velocidade nestas partes mais externas, estes fatores se compensam de tal forma que os raios apresentam os mesmos tempos de propagação, evitando o problema da dispersão modal, (ver Figura 6). [SOARES 1995]

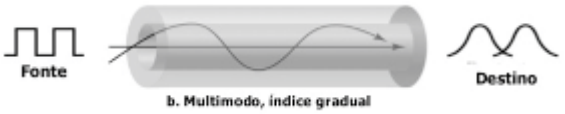


Figura 6: Multímodo de Índice Gradual
Fonte: http://pt.slideshare.net/tinhobral/redes-de-computadores-meios-de-transmisso
Acesso 15-12-2014

- Fibras de monomodo: a ideia é produzir núcleos de diâmetro tão pequeno, que apenas um modo será transmitido. Suas fontes de transmissão podem ser diodos emissores de luz ou lasers semicondutores (são mais eficientes em termos de potência, e devido a sua menor largura espectral), (ver Figura 7). [SOARES 1995]

Figura 7: Fibras de monomodo
Fonte: http://pt.slideshare.net/tinhobral/redes-de-computadores-meios-de-transmisso
Acesso 15-12-2014

- Fibras óticas são imunes a interferências eletromagnéticas e a ruídos e, por não irradiarem luz para fora do cabo, não se verifica crosstalk. Permite o isolamento completo do transmissor e o receptor, fazendo com que o perigo de curto entre os condutores não exista. Sua transmissão por linhas telefônicas pode chegar a distancias de 50 Km sem necessidade de um repetidor, com uma taxa de 150 a 620 Mbps, (ver Figura 8). [SOARES 1995]

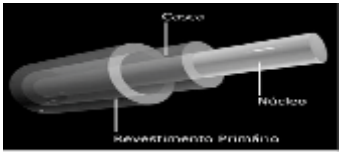


Figura 8: Fibra Ótica
Fonte:http://www.oficinadanet.com.br/artigo/redes/o-que-e-fibra-otica-e-como-funciona.
Acesso 20-12-2014

2.1.4 Rede Sem Fio

Os pacotes são transmitidos através do ar, em canais de frequência de radio (frequências na faixa de kHz até Ghz), ou infravermelho (ordem de THz). A radiodifusão é adequada tanto para ligações ponto a ponto quanto para ligações multiponto. É uma alternativa viável onde é difícil, ou mesmo impossível, instalar cabos metálicos ou de fibra ótica, (ver Figura 9). [SOARES 1995]

Também é utilizado em aplicações onde a confiabilidade do meio de transmissão é requisito indispensável, onde tem um papel relevante, especialmente se as redes estão distantes e o tráfego inter-rede é elevado. Circuitos telefônicos podem ser inadequados e a radiodifusão pode fornecer a largura de banda necessária. [SOARES 1995]

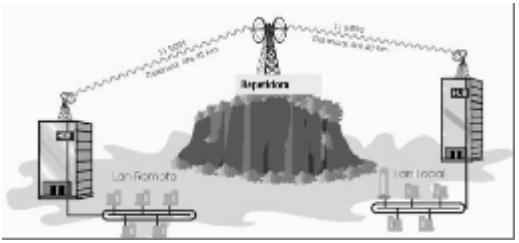


Figura 9: Transmissão de Wireless
Fonte: http://www.mjtx.com.br/images/Infovia.jpg?997
Acesso 20-12-2014

Parte das ondas de rádio são refletidas quando entram em contato com objetos sólidos, o que implica na formação de diferentes caminhos entre o transmissor e o receptor, principalmente em um ambiente fechado. Como consequência, acontece um espalhamento no tempo do sinal que chega ao receptor, isto é, várias cópias do sinal chegam ao receptor deslocadas no tempo. [SOARES 1995]

Um aspecto que tem que ser considerado é a segurança, teoricamente não existem fronteiras para um sinal de rádio, logo, é possível que ele seja captado por receptores não autorizados. Para garantir a privacidade, é indispensável à utilização de algum mecanismo de criptografia ao transmitir os sinais. [SOARES 1995]

Outro cuidado que deve ser tomado ao se utilizar radiodifusão como meio de transmissão, é a possível existência de interferência, provocada por fontes que geram sinais na mesma banda de frequência da rede (motores elétricos, radares, dispositivos eletrônicos, copiadoras, impressoras a laser, etc.). [SOARES 1995]

2.2 Protocolo X-10

A tecnologia X-10 usa a rede de distribuição de energia elétrica como o principal meio de comunicação entre vários dispositivos, é um aspecto chave desta tecnologia e a sua maior vantagem em relação aos outros protocolos de domótica. Esta tecnologia usa uma arquitetura descentralizada, não necessitando de nenhum elemento central para o seu funcionamento.

Este protocolo além de ser o mais antigo é também difundido, devido à simplicidade de operação na detecção dos sinais na rede elétrica. O protocolo de transmissão X-10 se baseia no ponto de passagem da onda fundamental de 60 Hz pelo ponto zero para que o sistema de geração de dados possa disparar o gerador de símbolos que serão inseridos na rede elétrica. No protocolo X-10, os símbolos são representados por *carries* de 120 kHz, sobrepostos à fundamental (60 Hz), figura 10.

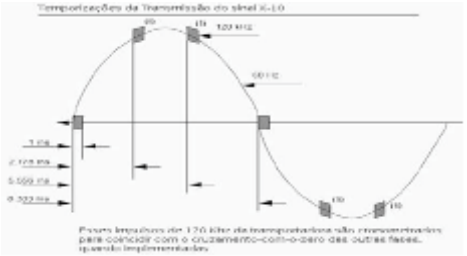


Figura 10: Portadora do sinal.
Fonte: http://www.profelectro.info/wp-content/uploads/SP32-20120225-163043.jpg
Acesso em 20-12-2014

Com todas essas vantagens existem também as desvantagens que são os ruídos causados por aparelhos ligados à mesma rede elétrica, ou seja, os motores (geladeira, liquidificador, batedeira, etc.), reatores de lâmpadas de descarga (fluorescentes e vapores metálicos entre outras). A maioria dos aparelhos necessita de corrente elétrica em um determinado espaço de tempo para o seu uso, porém ele acaba lançando de volta na rede elétrica uma pequena parte da energia que ele absorveu, isso corresponde a ruídos (sujeira), distorcendo a senoíde fundamental e a freqüência da rede elétrica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os testes realizados e os que iram ser realizados abordarão os itens que levariam a dificultar a comunicação entre os dispositivos através da rede elétrica.

- Harmônicos na rede;
- Pico de tensão;
- Transientes ou surto de tensão;
- Ruídos de linha (EMI/FMI);
- Distância da transmissão;
- Instalações com mais de uma fase.

Como foi abordado anteriormente, o ruído é a principal causa de interferência na comunicação entre os dispositivos. Para que isso seja reduzido ou até mesmo eliminado, foi feito um estudo sobre a onda senoidal em estado normal, figura 11, ou seja, a onda senoidal livre de carga e outra também livre de carga, mas, no momento em que a transmissão estiver sendo feita, figura 12. Logo após será pego a onda senoidal com carga e serão inseridos sinais para ser feita a avaliação da transmissão, figura 13.

Esses sinais foram pegos através de um osciloscópio, onde foi enviado até um computador onde foram retiradas as imagens para verificar se o ruído ali contido afetaria o sinal enviado. Capturadas as imagens das ondas senoidais, foram feitas comparações no instante que foi feito o envio do sinal de transmissão para os dispositivos. Nessas imagens analisadas poderá ser feito estudos para diminuir esse índice de interferência, possibilitando que a comunicação seja feita tranqüilamente sem nenhuma interferência.

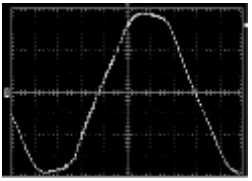


Figura 11: Onda senoidal em estado normal.

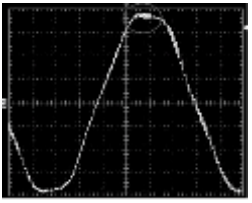


Figura 12: Onda senoidal em estado normal, com sinal em destaque.

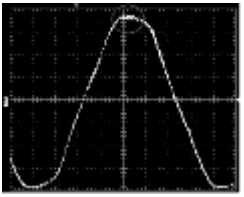


Figura 13: Ruído de batedeira com sinal.

4. Conclusão

Ao se tratar de tecnologia de transmissão de dados pela rede de energia, o Protocolo X-10 demonstrou ser um ótimo protocolo para efetuar esta comunicação. Os testes realizados até aqui demonstraram nenhum problema ou dificuldade de comunicação, ou seja, com os ruídos gerados na bancada de testes, o sistema apresentou ótimo tempo de resposta.

Este protocolo possui uma grande vantagem em relação aos outros protocolos para aplicação em domótica, que é o caso de cabeamento específico. Os demais protocolos necessitam de instalação de meio físico para fazer a comunicação entre os dispositivos instalados pela casa, com isso, necessitaria de uma reforma pela casa, resultaria também na compra do cabeamento, resultando isso tudo geraria mais gastos para o usuário.

No entanto o Protocolo X-10 não necessitará de instalar ou muito menos de reformar a casa, escritório, para o seu funcionamento.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOARES, Luíz Fernando Gomes; LEMOS, Guido; COLCHER, Sérgio; **Redes de Computadores**. Rio de Janeiro, Editora Campus. (1995).

DUQUE, Carlos Augusto; BARBOSA, Pedro Gomes; BAPTISTA, Douglas Priamo.**Data Transmission through Power Lines.**Juiz de Fora – Minas Gerais, Brasil: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2001, Dissertação de Mestrado.

ROSA, Stefan Oliveira; **Estudo de Tecnologia de Transmissão de Dados que Possibilite a Criação de Sistema com Qualidade e Economia de Recursos.** Ituiutaba – Minas Gerais, Brasil: Universidade do Estado de Minas Gerais, 2004. Monografia de Graduação.

ASTERIX, Coinfo; **Tipo de Cabeamento de Redes**.
http://asterix.coinfo.cefetpb.edu.br/~beti/cabos.htm: WWW, 2003. Acesso em: 03 de Maio de 2005.

JOÃO PINHEIRO: ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS

Gustavo Henrique de Souza Nogueira[*]
Giselda Shirley da Silva[**]

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo conhecer a história local, abordando o processo de crescimento e desenvolvimento econômico de João Pinheiro no recorte específico da criação de gado entre os anos de 1911 a 2011, ano do centenário de emancipação política do município situado no noroeste de Minas Gerais. A pesquisa foi realizada dentro de uma abordagem qualitativa, por meio do uso de fontes plurais, entre elas, as narrativas orais de atores sociais que fizeram parte dessa trajetória histórica, observando-se a forma como interpretam e atribuem significações a essa história e o uso de documentos acerca dessa trajetória. O referencial teórico está pautado no solo da História cultural e econômica. Os resultados apresentados apontam para um desenvolvimento econômico com forte dependência da atividade pecuária.

Palavras-chave: História. Memória. Economia. Pecuária.

Abstract: The present work has for objective to know the local history, approaching the growth process and economical development of João Pinheiro in the specific cutting of the cattle breeding among the years from 1911 to 2011, year of the centennial of political emancipation of the located municipal district in the northwest of Minas Gerais. The research was accomplished inside of a qualitative approach, through the use of plural sources, among them, the narratives orals of social actors that they were part of that historical path, being observed the form how they interpret and they attribute significances the that history and the use of documents concerning that path. The theoretical is ruled in the soil of the cultural and economical History. The presented results appear for an economical development with strong dependence of the cattle activity.

Keywords: History. Memory. Economy. Cattle.

Introdução

Este estudo traz a baila alguns aspetos da trajetória histórica de João Pinheiro, noroeste de Minas[1], com enfoque no aspecto econômico e um olhar mais detido para a pecuária. Buscamos perceber nas representações dos narradores inseridos na pesquisa como

[*] Bacharel em Administração pela Faculdade Cidade de João Pinheiro - FCJP.

[**] Mestre em História Cultural pela UnB. Graduada em Estudos Sociais e História pela Faculdade Noroeste de Minas (FINOM). Especialista em História do Brasil pela PUC-MINAS Integrante do grupo de pesquisa (TRANSE) Laboratório Transdisciplinar de Estudos Sobre a Performance (UnB). Historiadora atuante na Casa da Cultura de João Pinheiro (MG). E-mail: giseldashyrley@hotmail.com

[1]De acordo com o Sistema de Informações Territoriais (SIT, 2012), a região noroeste se divide em 2 microrregiões, que abrangem 22 municípios, sendo a microrregião Paracatu, que compreende os munícipios de Brasilândia de Minas, Guarda Mor, João Pinheiro, Lagamar, Lagoa Grande, Presidente Olegário, Paracatu, São Gonçalo do Abaeté, Varjão de Minas e Vazante; e também a microrregião Unaí, que compreende Arinos,

o município foi se estruturando e fortalecendo economicamente. Nesse sentido, foi necessário estabelecer relação com história regional.

O estudo contempla o desenvolvimento histórico e econômico do município de João Pinheiro, no recorte temporal compreendido entre os anos de 1930 do século XX a 2011, no século XXI, ano de comemoração do centenário de João Pinheiro; todavia, incursionamos por outros períodos para que possamos melhor compreender o cenário balizado no estudo.

A emancipação política do município deu-se por meio da Lei 556, de 30 de agosto de 1911, e esse espaço foi se reestruturando ao longo do tempo, por meio do trabalho e dos diversos interesses entrelaçados historicamente. O município era, nessa época, extremamente carente de recursos financeiros, dada a sua grande dimensão territorial e a precária infraestrutura, encontrou muitas dificuldadesao seu desenvolvimento.

É um desafio abordar a temática dos aspectos econômicos locais e não correr o risco de tentar homogeneizar espaços e experiências diferentes. A história não pode "fechar em um pacote" um percurso e desconsiderar as especificidades e singularidades de cada tempo e lugar; por isso, o que apresentamos neste texto é o resultado de algumas incursões feitas pela história local e regional e as respostas que elaboramos para as perguntas que nós mesmos fizemos ao problematizar essa realidade. As ponderações que ora apresentamos aparecem carregadas de nossos posicionamentos e modos de ver, ou seja, nosso lugar de fala.

As indagações acerca da história local surgiram a partir das inquietações acerca de questões importantes no âmbito administrativo e econômico. Como o município foi se estruturando economicamente e a pecuária se firmando nesse cenário? Qual a importância da pecuária na configuração dos usos e costumes dos moradores da região? De que forma a economia local se relaciona a microrregião de Paracatu, historicamente falando?

Não temos a pretensão de escrever uma história econômica, mas, objetivamos compreender como essa João Pinheiro que ora conhecemos foi sendo historicamente construída. Consideramos importante conhecer sobre a história local como uma forma de apreender e representara realidade e tecer narrativas acerca do resultado da pesquisa registrando fragmentos de nossa história.

O empírico deste estudo foi constituído de fontes plurais,das quais destacamos as narrativas orais de moradores do município, sendo a seleção desses narradores feita de forma aleatória, buscando conhecer suas representações sobre a história e economia local. Nesse sentido, destacamos o papel da memória para a escrita da história. O historiador Jaques Le Goff reflete sobre a relação entre história e memória e escreveu que "A Memória cresce, onde cresce a História, que por sua vez dela se alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens" (LE GOFF, 1994, p.5I). Nesse aspecto, a memória é um veículo que possibilita o conhecimento e o registro da história.

> Procuramos explorar a relação entre reminiscências pessoais e memória coletiva, entre memória e identidade e entre entrevistador e entrevistado. Na

Bonfinópolis de Minas, Buritis, Cabeceira Grande, Chapada Gaúcha, Dom Bosco, Formoso, Natalândia, Santa Fé de Minas, Unaí, Uruana de Minas, Urucuia.

> verdade, geralmente estamos tão interessados na natureza e nos processos de afloramento de lembranças quanto no conteúdo das reminiscências que registramos, e a relação entre as imagens e o conteúdo das reminiscências tornou-se de extrema importância na análise e no uso do testemunho oral (THOMPSON, 1992, p. 40).

Pensando nessa questão, optamos pela utilização da história oral, compreendendo que ela nos possibilita observar os sentidos atribuídos aos objetos e ações realizadas, as quais foram partilhadas para a escrita desse texto. Nós nos embasamos também em documentos escritos que fazem parte do acervo do Arquivo Público Genésio José Ribeiro e as atas de reunião da Câmara Municipal.

Os caminhos da história local

O processo de ocupação e desenvolvimento da região Noroeste de Minas deu-se em decorrência de alguns fatores, entre eles, a pecuária propiciada pelas amplas áreas de pastagens e a busca por ouro e diamantes, como no caso de Paracatu e João Pinheiro. Mello apresenta esses fatores motivacionais para o desenvolvimento da região e aponta que:

> A área regional foi primeiramente ocupada por criadores de gado. Todo o ocidente se povoou de sesmarias e o comércio de gado foi iniciado. Era gente provinda dos longes do nordeste através de estradas que passavam por São Romão e chegavam até Paracatu, preocupada com a descoberta do ouro (MELLO, 1994, p.202).

Oliveira Mello dedicou-se a conhecer e escrever sobre a história regional e em suas pesquisas observou que a criação e comércio de gado foram fatores de grande relevância para o desenvolvimento da economia. As diversas atividades desenvolvidas propiciaram a construção de saberes e fazeres relacionados ao trabalho no campo e lida com o gado e a roça possibilitando o entrecruzar de experiências com uma forte relação com o mundo rural.

A mineração possibilitou o desenvolvimento de algumas localidades, entre elas, Santana do Alegre, hoje, João Pinheiro, onde, de acordo com as narrativas de muitos idosos do município, foi um dos fatores que atraiu habitantes para o lugar.

Essa região corresponde aos domínios do Cerrado de Minas Gerais o que possibilitou a existência de pastagens. A vegetação nativa do cerrado e as pastagens abundantes possibilitaram a criação de gado leiteiro e de corte, tornando-se o município ao longo do tempo um grande produtor de rebanhos que fortaleceu nossa economia.

Além das fazendas de criação de gado, podemos mencionar também a existência de uma economia camponesa, lançando mão da agricultura e do plantio de roças.

Ricardo Ferreira Ribeiro (2005, p.201) estudou sobre a criação de gado na região das Minas Gerais e das vantagens do cerrado para a criação de rebanhos.

> Vários cronistas luso-brasileiros e estrangeiros do século XVIII e início do XIX apontam as vantagens naturais do Cerrado Mineiro para a criação de gado. O autor anônimo da Notícia da jornada do Guarda-Mor Inácio Correia Pamplona ao Sertão, em 1769, após verificar que tanto éguas como burros se apresentam

> gordos naquela região, concluía que "esta vistosa bizarria dos animais ficou servido de inacreditável indício [s] da boa qualidade dos pastos do sertão".

Nas palavras do autor podemos perceber a presença da pecuária e criação de animais nas pastagens naturais do cerrado mineiro. O viajante e botânico Francês Saint-Hilaire, que passou por esta região no início do século XIX, fez apontamentos sobre a vegetação e as pastagens mencionando a existência do "capim-flexa, gramínea que caracteriza as melhores pastagens" (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 73).

Ribeiro (2005) busca embasamento em diversos autores para mostrar as narrativas já produzidas sobre as pastagens nativas, sua forma de manuseio e a existência da pecuária nesta região no século XIX. Um desses autores é Eschwege, o qual escreveu que anualmente eram utilizadas as queimadas como forma de manejo dos pastos; feita pouco antes do período das chuvas, a queimada servia para que o capim brotasse na estação chuvosa. O objetivo das queimadas era evitar que as ervas daninhas crescessem em meio às pastagens.

> As pastagens nativas eram manejadas através do uso do fogo, nas áreas de campo, cuja vegetação formada por "gramíneas ou arbustos baixos (...) ficam inteiramente queimadas durante o estio, ocasião em que tem início às queimadas. A cinza aduba a terra e incentiva o surgimento do capim tão logo caem às primeiras chuvas" (ESCHWEGE, 1996, p. 97).

Saint- Hillaire esteve em Paracatu no século XIX e menciona também a forma como cuidavam das pastagens.

> Nos meses de junho e junho e julho, época em que a seca atinge o auge, morre muito gado ali, o que alguns atribuem à dureza do capim e outras perniciosas qualidades de certas plantas. (...) Os pastos nos arredores de Paracatu só são queimados nos meses de junho, julho e agosto, isto é, durante a estação seca, pois o fogo não se alastra neles quando ateado antes da época. Entretanto, quando os fazendeiros desejam ter pastos de capim novo mais cedo, para suas vacas leiteiras, eles reservam uma certa extensão deles, deixando de atear-lhes o fogo durante o ano inteiro para no ano seguinte poderem queimar-lhes nos meses de abril a maio.(...) Conforme a época em que tinham sido queimados, os pastos apresentam uma coloração diferente, e como a queimada é feita por etapas, vêem-se nas capinas todas as matizes de verde (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 96; 97; 152).

A ocupação econômica da região em estudo por fazendas que criavam gado datam do período colonial, época em que foram doadas sesmarias na região para a instalação de propriedades de criadores de gado. Segundo Saint-Hilaire, também se "exportava o gado das regiões de Paracatu e Arraial de Farinha Podre para comerciantes de Formiga, que os enviavamà Capital do Brasil, Rio de Janeiro. Observamos então o uso de pastos e águas minerais para criar gado e utilizá-los na comercialização.

Mello faz menção, em sua obra, da sua introdução na pecuária local.

> O gado introduzido na região acredita-se, é da mesma linhagem do introduzido por Tomé de Souza, na Bahia. Era de raça europeia, pois, por necessidade de trabalho e alimentação, foram os portugueses buscá-lo no reino e também em suas colônias na África e na Ásia (MELLO 1994, p. 215).

Nas palavras do autor, observamos o que ele acredita ser o gado introduzido na região,gado de origem europeia, sendo que esse tipo de animal não se aclimatou muito bem à região, devido à divergência nas condições climáticas locais em comparação à sua localidade de origem. A solução desse problema aconteceu através do cruzamento da raça de gado europeia com raças de origem indiana, que por sinal resultaram em um animal mais forte, resistente e mais apto à sobrevivência nessa região.Mello escreveu que "o gado 'curraleiro' passa a existir em todo o sertão, com destaque e relevo. Foi usado tanto para a produção leiteira como também para o corte" (1994, p. 453).

Para Carvalho (1993), "a pecuária que lançou as bases para o povoamento regional, elevou Paracatu no final do século XVIII à condição de segundo maior produtor da Capitania, após a comarca do Rio das Mortes (São João Del Rei)" o que demonstra a enorme participação e importância dessa atividade para a economia da região.

Ao escrever sobre a economia de Paracatu, Mello afirmou que o gado indiano é inserido na região somente no início do século XX pelos criadores paracatuenses.

Conforme dados obtidos na Enciclopédia dos Municípios Mineiros (1959, p. 374), era expressivo o desenvolvimento da pecuária em João Pinheiro. Foi realizado um Recenseamento Geral em 1950 e apresentaram-se os índices populacionais, conforme os ramos de atividade desenvolvidos pelos moradores do município, sendo que, 37,82 % da população local se dedicavam à agricultura, pecuária e silvicultura. É perceptível a predominância do sexo masculino ligado a essa atividade, sendo 4.438 homens e apenas 47 mulheres, correspondendo,em números absolutos, a 4.485 moradores do município, conforme o recenseamento de 1950.

Nessa enciclopédia, foram apresentados os índices do município relativos a rebanhos, em 1955, sendo o maior o índice de rebanho bovino.

A tabela abaixo apresenta os rebanhos de João Pinheiro em 31 de dezembro de 1955:

REBANHOS	Número de Cabeças	VALOR Cr$1.000,00	PORCENTAGEM (%) sobre o total
Asininos	28	84	0,05
Bovinos	96.000	134.400	80,67
Caprinos	350	35	0,02
Equinos	8.300	8.300	4,97
Muares	600	1.380	0,82
Ovinos	580	75	0,04
Suinos	28.000	22.400	13,43
Total		166.674	100,00

Quadro 1: Enciclopédia dos Municípios Mineiros,-1959, p. 374.
Acervo da Biblioteca Municipal Assis Chateaubriand – JP.

Com base nos dados apresentados na tabela, é perceptível a prevalência dos bovinos no rebanho local, sendo 96.000 cabeças levantadas no recenseamento, equivalendo a 80,67 % desse ramo de atividade. Estabelecendo um paralelo com a contemporaneidade, buscamos os dados do Censo Agropecuário realizado em 2006 e verificamos que no município foram catalogados 1.612 estabelecimentos agropecuários, nos quais totalizaram 250.281 cabeças

de gado. Foi apresentada uma totalidade de 23.032 cabeças de vacas ordenhadas. Percebemos pelos dados apresentados nessecenso que o investimento em bovinos é muito maior do que nos demais rebanhos, sendo catalogadas 5.494 cabeças de equinos em 1382 unidades e suínos correspondem a 6.695 cabeças (IBGE, 2006 - Censo Agropecuário).

Estabelecendo um paralelo entre o número de cabeças de gado "levantadas" no recenseamento, o rebanho bovino aumentou de 96.000 para 250. 281 cabeças. Nesse sentido, o crescimento do rebanho foi inversamente proporcional à redução do território do município, que "perdeu" parte de sua área com a emancipação política de Brasilânda de Minas.

Minas Gerais possui hoje o segundo maior rebanho bovino do país, com distribuição no interior de todo o estado.

O gado de origem indiana que hoje conhecemos começa especificamente a ser introduzido na região em estudo somente no começo do século XX, sendo esse o trabalho pioneiro de aperfeiçoamento genético, onde boiadas de zebu, com feições bem desejadas e dotados de enorme peso, passam a ser exportadas para o sul do estado.

O manejo na criação de gado no município de João Pinheiro desde os seus primórdios remonta a um modelo de bovinocultura do tipo extensivo, em que os animais são arrebanhados em extensões de terra, onde se alimentam à base da vegetação que cobre a superfície desses terrenos.

Mello (1994) afirmou que a partir de 1930 passam a existir investimentos por parte dos criadores locais, visando a obter melhoria genética de seus rebanhos por meio da seleção de raças e utilização de técnicas mais modernas como a implantação de pastagens artificiais.

Atualmente muitos produtores do município de João Pinheiro utilizam técnicas modernas no manejo do gado, tais como a inseminação artificial, que se dá através da seleção de matrizes de alta linhagem e reprodutores puros.

Foi descrito na Enciclopédia dos Municípios Mineiros (1959, p.376) que a pecuária tinha "bastante expressão econômica para o município, sendo que as medidas mais usadas no sentido de seu melhoramento consistem na apuração de uma raça melhor, adquirindo-se reprodutores de raça pura, assim como a conservação das pastagens".

Esse fato está relacionado à tradição da criação de gado; assim, como forma de comercializar, incentivare divulgar sua produção, destacou a realização das Festas de Exposição e leilões de gado.

Em sua entrevista, o Professor Hércules conta sobre o início das festas de exposição e um pouco da pecuária na década de 1960:

> *Eu me lembro, é que meu pai foi pioneiro da organização dessas exposições agropecuárias aqui [...] Ele já tinha essa vocação para a agropecuária, principalmente no setor que se relaciona com o gado Zebu. Nós sabemos que o gado zebu é originado da Índia, de características raciais apropriadas para o abate, para o corte, com características econômicas. Dentre essas raças, ele optou pela raça guzerá. Ele veio de Morada Nova de Minas e em Morada Nova também ele foi pioneiro. Ele começou as exposições agropecuárias e ele mesmo cuidava de organizar o parque de exposição. Ele obtinha o terreno que era cedido*

para ele e organizava o parque de exposições. E funcionaram em Morada Nova durante alguns anos essas exposições agropecuárias. Ele decidiu então, se transferir para João Pinheiro. Aqui chegando, como sempre, a vocação dele era a agropecuária. Ele começou a criação do Guzerá em João Pinheiro. Ele entendeu também de organizar uma exposição agropecuária aqui em João Pinheiro. Como também não havia um lugar apropriado, ele organizou a primeira exposição onde hoje é o campo de futebol, denominado Manoel Luiz de Paula Filho. Lá ele realizou a primeira exposição agropecuária com a colaboração do Zé Carneiro; Jarbas Mendonça, o prefeito da época; Speridião Simões Cunha, o Dozinho; e Dr. Olavo Valadares, que era promotor de Justiça e era um entusiasta do progresso de João Pinheiro.

Os pecuaristas do município buscaram ao longo do tempo o aprimoramento em relação à alimentação do gado, por meio do uso de silagens e rações adequadas, sendo que essa técnica possibilita a alimentação do gado no período das secas e estiagem, época em que normalmente há queda de produtividade e rentabilidade da atividade.

Mesmo com os avanços obtidos em relação à pecuária, ainda são constatados em muitas propriedades rurais, mesmo nos dias atuais, problemas na atividade de manejo da pecuária relacionados à precariedade de condições sanitárias, baixa qualidade genética do rebanho, deficiências nas instalações e infraestrutura em geral, como podemos observar nas palavras de um dos narradores da pesquisa. Geraldo Ferreira Porto falou da relevância da criação de gado para o desenvolvimento econômico do município:

Veja bem, isso esta nos dados do IBGE: João Pinheiro está entre os cem maiores municípios do agronegócio brasileiro, nós estamos pontuados no sexagésimo sexto lugar entre os cem maiores, com uma pontuação muito forte.

O Sr. Geraldo Ferreira Porto é presidente do Sindicato dos pecuaristas de João Pinheiro e mostra em sua narrativa que o setor produtivo relacionado ao agronegócio possui dificuldades que interferem no desenvolvimento econômico e que são entraves para a economia local. Segundo ele:

No nosso setor produtivo, o que a gente sente muito, principalmente na área da pecuária, é a capacitação de nossos produtores para melhorarem ainda mais a genética do nosso gado - e outra, melhorarem principalmente a genética do gado leiteiro. Outro fator preponderante é o fator de infraestrutura de estradas. As nossas estradas deixam muito a desejar. Até que nós temos estradas boas no interior do município, mas, essa realidade muda quando entramos em muitas fazendas. Nós tinhamos em mente criar um programa aqui em João Pinheiro; nós estávamos participando de uma coligação, e em vista disso, essa pergunta vem ao encontro do que foi levantado ali, do que nos propunham - e vou levar isso a quem ganhou, porque primeiramente nós temos que ser pinheirenses, e ter amor a nossa cidade, o programa porteira pra dentro... Porque as nossas estradas vicinais são até boas, mas da parte do produtor, para dentro da propriedade, são estradas ruins, que dificultam muito o escoamento da produção - e isso é um fator dificultador do nosso setor produtivo; o escoamento dos produtos dificulta principalmente a porteira para dentro. Nós íamos criar esse programa porteira para dentro, eu vou levar isso para a atual administração, para eles darem

condições ao produtor de escoar o produto de dentro da propriedade. Geralmente concentra-se na propriedade dele, tem uma descida, tem um brejo... Então só sai na época da seca, quando chove não sai nada. Nós temos que melhorar isso.

O Sr. Geraldo mencionou as dificuldades encontradas ainda hoje em relação ao escoamento da produção encontrada pelos criadores de gado. Observamos que historicamente os moradores do município que se dedicaram a vida no campo sempre encontraram dificuldades para escoar a sua produção em decorrência da falta de estradas ou do estado de conservaçao das mesmas.

É perceptível nos documentos encontrados no Arquivo Público Municipal "Genésio José Ribeiro" a preocupação com bom estado de conservação das estradas e mata-burros, sobretudo no período das chuvas. Genésio Ribeiro mencionou as dificuldades encontradas em relação ao aspecto ecônomico e o escomanento da produção ao falar do município em entrevista concedida na década de 1930.

> Uma das preocupações máximas das administrações de minha região é o problema das comunicações intermunicipaes, continuou o Sr. Genésio Ribeiro. Disso depende a existência dessas células, pois que vive exclusivamente da exportação desses productos de sua lavoura, o que só se pode fazer em havendo estradas boas que as liguem entre sí, abrindo caminho para o comércio com os grandes centros do meio e do sul do Estado. Esse problema tem sido tratado com muito carinho por mim, e para sua solução é que me tem servido a maior parte das rendas do município. Dentro dessa orientação, auxiliei financeiramente a construcção da estrada de rodagem de Pirapora a Paracatu e que passa por João Pinheiro. Essa via nos serve muito, apesar de usarmos também a navegação fluvial do Rio Paracatu pelos portos de Caatinga e Ponte Alta, naquelle districto de nosso município. Construi várias pontes dentro do nosso território, sendo uma no Ribeirão Caatinga, com 20 metros; Outra no Ribeirão dos Órphanse, outras duas nos córregos Sucuriu e Cercado, todas feitas de acordo com as regras da moderna engenharia.

Nas palavras do então prefeito de João Pinheiro, podemos observar que o desenvolvimento econômico dependia também da viabilidade em relação ao escoamento da produção do município, fosse ela em relação à agricultura ou à Pecuária. Anteriormente, era comum a presença nas estradas de boiadas tocadas por vaqueiros a cavalo, sendo levadas para outras regiões. O Sr. Abílio Moreira, um dos narradores deste estudo, é um desses personagens que por muito tempo dedicou-se à lida com o gado e com o mundo rural. Segundo ele:

> *A vida toda trabalhei em fazenda, viajando com boiada, tirando leite, carreando. Quando eu comecei a viajar, eu tinha 15 anos de idade. De Barreto para cá, vim a cavalo, tocando boi. De Barreto para cá, toquei boiada para Pirapora, Paracatu, esse mundo todo, tocava boiada aí... Daqui tocava boiada para Pirapora. Ia daí, tocando. Chegava a Pirapora, embarcava no trem de ferro que levava para Belo Horizonte. [...]: Éramos-nós dez "pião". Tinha mil e quinhentos bois tocados por nós. Não deixava de perder algum boi,* [mas] *não perdia muito! Perdia algum. Para alimentação, tinha um cargueiro carregado por um burro. Um burro carregado, bruaca, carregava mantimento ali. O cargueiro avisava: "tal lugar é para nós pararmos para almoçar. Então, o cargueiro ia adiante para fazer a bóia. Chegava lá, a bóia estava pronta: boiava, almoçava, tocava para frente. A gente*

> *dormia no chão, nos baixeiros, molhava tudo no sereno. Nesse tempo também chovia muito, a gente dormia na lama misturado, com o baixeiro molhado. Eu sofri muito! (pausa) Eu tenho saudade dessa época! Eu era novo, sadio; tenho saudade dessa época: sofria muito, passava fome, vontade de dormir, mas eu gostava assim mesmo*[3].

Nas palavras do Sr Abílio, é possível compreender como era o cotidiano de quem trabalhava transportando boiada, o que era comum naquela época. Mesmo sendo um percurso longo a boiada era levada ao destino conduzida pelos trabalhadores com experiência.

A pecuária do município ganhou ao longo dos anos relevância nacional, sendo os seus rebanhos reconhecidos pela excelência de qualidade dos animais, como podemos observar em outro trecho da entrevista de Afonso de Jesus Silveira Andrade.

> *Hoje nós somos conhecido no Brasil inteiro, que nós temos o melhor bezerro nelore do país, nós temos aqui o maior leilão de gado do Brasil, que é o leilão Onze Marcas. Esse leilão, em um dia só, faz um leilão de mais ou menos cinco mil cabeças de gado, e isso é nacional, é recorde nacional, que nós não fazemos propaganda, e são vendidos e bem vendidos esse gado nosso, que é o gado nelore, que é tradicionalmente conhecido como zebu, e nós temos bezerro nelorado, que serve pra corte, que é a vaca leiteira cruzada com o boi nelore, e sai um bezerro dócil e que serve muito para os confinamentos, o pessoal vem aqui comprar isso, então nós temos essas atividades influenciaram muito também, a partir dos anos dois mil*[4].

Em João Pinheiro existe a predominância da bovinocultura de corte, apesar de existir também uma cadeia muito importante na produção de leite, praticada por propriedades locais de portes distintos.

A comercialização do gado se deu no decorrer da história de forma distinta, como também o destino dado a essa produção local. A produção pecuária local em seus primórdios era levada ainda viva aos locais de destino. Os dados secundários relacionados aos efetivos da pecuária municipal estão relacionados na tabela de número 1, apresentada a seguir:

Efetivos da Pecuária de João Pinheiro de 1970 a 2010:

Ano	Bovinos	Suínos	Equinos	Asininos e Muares	Aves
1970	127.576	23.441	7.398	888	72.820
1980	209.928	22.516	10.977	934	128.357
1985	226.307	17.130	11.324	385	115.668
1995	218.620	13.805	9.400	400	112.720
2010	248.808	9.349	4.745	309	71.379

Fonte: IBGE Censos Agropecuários 1970, 1980, 1985, 1995 e 2010.

[3] Abílio Moreira. Entrevista integrante do acervo do Museu de Vozes da Casa da Cultura Dona Geralda Campos Romero.

[4] Afonso de Jesus Silveira Andrade tem a idade de 59 anos, é agricultor familiar e consultor ambiental na cidade de João Pinheiro. Entrevista concedida no dia 15/10/2012.

A comercialização de gado é importante para o incentivo à criação e preservação dos rebanhos. Nesse sentido, destacamos a importância da criação do Sindicato dos Produtores de Gado de Gado e da realização das exposições e leilões de gado, como podemos ver na fala de Geraldo Ferreira Porto.

> *Mesmo no decorrer de todo esse período, eu tive diversos sócios no sindicato, a gente comprava, vendia para os leilões, e foi na época que eu trouxe para aqui, no estado de Minas Gerais, a empresa chamada Canal do Boi. Essa empresa hoje possui diversos canais em torno dela, mas o principal é o Canal do Boi, e nos orgulha muito porque tornou João Pinheiro conhecida nacionalmente e teve até algumas vendas aqui de leilão, que nós tivemos de vender o gado daqui por telefone para gente que estava nos Estados Unidos, e um que estava no Canadá. Então a gente se orgulha muito por ter trazido, por ser pioneiro na vinda desse Canal do Boi para aqui.*

Geraldo F. Porto relata ainda que:

> *Nós começamos esses leilões aqui, vendendo estes touros à prestação. O rebanho de João Pinheiro transformou-se em outro rebanho. A qualidade virou de média para espetacular. Nós assistimos um leilão filmado na televisão pelo canal do boi e tinha uma empresa aqui em Morada Nova, chamada Portal de Minas. Essa empresa era cliente do Sindicato Rural. Ela tanto comprava, como vendia aqui. Eu disse: "nós vamos fazer esse leilão em Morada Nova e eu te prometo que eu levo os compradores". Levei diversos compradores. O maior comprador de João Pinheiro foi o Içan, que rematou 30% do leilão. Quando foi na outra semana, nós já realizamos o leilão em João Pinheiro. A partir dai, nós chegamos a atingir 68 leilões transmitidos pelo Canal do Boi. Vendemos gado para esse Brasil inteiro. Vendemos gado para comprador dos Estados Unidos, para compradores do Canadá em leilão nosso aqui, isso foi importante para a economia, para o incentivo e para os produtores locais. João Pinheiro hoje é conhecido no Brasil inteiro. Por quê? Pelo sinal do canal do Boi. Pelo trabalho que nós desenvolvemos com esses leilões em João Pinheiro. Todo mundo já ouviu falar em João Pinheiro. Qualquer um que seja ligado à pecuária nacional, eles falam em João Pinheiro.*

O rebanho criado no município de João Pinheiro é considerado por pecuaristas do país como um gado de boa qualidade. A divulgação dessa qualidade viabiliza a comercialização do gado. O resultado de todo esse processo de melhoramento genético aparece nessa situação que foi narrada, onde até estrangeiros passam a vir procurar gado no município para comprar, tendo em vista seu diferencial qualitativo.

Apesar da importância econômica, são encontradas diversas dificuldades na criação de gado, entre elas, uma maior competitividade regional. Na mesma atividade do município tem-se observado um aumento das pastagens plantadas, só que esse aumento da área de pastagens vem sendo acompanhado em contrapartida de uma redução do plantel. Esse fato está sendo causado pelo incremento de outras atividades produtivas que surgiram e se ampliaram a partir dos anos 80, como o reflorestamento e o plantio de cana de açúcar, e também em consequência da falta de crédito, com juros e prazos condizentes, destinados de forma específica a essa atividade, onde envolvem investimentos direcionados a formação de

[5] Geraldo Ferreira Porto possui 73 anos e é presidente do Sindicato dos Produtores Rurais de João Pinheiro. Entrevista concedida no dia 02/10/2012.

matrizes, em cercas e instalações das fazendas, na formação e recuperação de pastagens, formação e melhoria de plantel, dentre outros aspectos.

Em relação ao abate do gado e distribuição da carne, mencionamos a ausência de um frigorífico local que viabilize o escoamento da produção.

Em geral, as demandas por carne nas pequenas e médias cidades é suprida por fornecimento local, através do abate artesanal nas fazendas ou em pequenos abatedouros.

João Pinheiro dispõe de um matadouro municipal responsável pelo abate de suínos e bovinos. Os comerciantes proprietários de supermercados e açougues são responsáveis pela compra e transporte do animal até o matadouro para ser abatido. Devem pagar uma taxa referente ao abate. Após o animal ser abatido, a carne é entregue aos estabelecimentos comerciais, sendo assim, revendidas à população. São abatidas, nesse matadouro, atualmente, em torno de trinta rezes por dia, de segunda-feira a sábado, totalizando cerca de 700 rezes por mês e 250 suínos abatidos mensais.

A fiscalização sanitária dos abates é realizada pelo IMA, que atua por meio de uma estrutura composta por um veterinário, um técnico agrícola e três auxiliares.

Mesmo sendo um aspecto sumamente importante para nossa economia, os pecuaristas encontram dificuldade para continuar mantendo seu rebanho. Entre os maiores percalços apontados pelos produtores rurais relacionados ao desenvolvimento da pecuária está a falta de chuva durante alguns meses do ano. Segundo os entrevistados, essa atividade requer solos mais férteis e um índice pluviométrico maior e mais regular, como podemos ver na fala do narrador:

> *Acontece que nós moramos num municipio onde a chuva é muito irregular, aqui nos moramos num municipio muito rico em hidrografia, são diversos rios, diversas nascentes de agua. O período de chuva nosso é irregular, na época chove muito em um periodo e depois passa seis meses sem chuva, e isso dificultou e dificulta muito para o pecuarista, e hoje, nós estamos no ciclo da agricultura, quem toca agricultura é o cerqueiro*.

Nos últimos anos houve uma redução no período de chuvas e os longos períodos de estiagem afetam diretamente as pastagens, demandando um investimento do criador de gado em alternativas para alimentar os animais durante o período de escassez das pastagens. Mas mesmo apesar das dificuldades encontradas, muitos produtores acreditam ser possível e rentável empreender essa atividade.

A pecuária leiteira do município também sempre foi uma atividade importante. Ela é praticada por produtores rurais de diferentes portes e a ela se relaciona o fato de o leite proporcionar uma escala de rendimentos diários, ainda que em escalas muito distintas, visto que a bovinocultura de corte exigia certo tempo para que o produtor obtivesse o retorno de sua produção, devido ao ciclo produtivo maior se comparado ao leite.

Ao longo de nossa história, era e ainda é muito comum nas sedes das fazendas a presença dos currais, feitos geralmente de madeira. Eram nos currais que se "separavam" as vacas dos bezerros, "tirava-se" o leite e era o espaço que ainda servia como local para vacinar o gado. Era muito comum a presença do vaqueiro que, na lida cotidiana, era o responsável pelos cuidados relacionados ao rebanho. Com a tecnologia, temos a inserção das ordenhas em

substituição ao trabalho manual dos vaqueiros na tirada do leite em muitas propriedades. Nesse sentido, podemos perceber que houve muitas rupturas, mas também permanências na lida com o gado.

A produção de leite possui também um enlaçamento cultural muito forte junto à população do município, que sempre se sentiu muito ligada à atividade. Historicamente, o leite faz parte da culinária mineira e possibilitou a criação de muitas guloseimas que fazem parte da nossa cozinha. Os saberes e fazeres relacionados ao leite possibilitou a criação de uma teia de significados que identifica a cultura mineira. A produção de diversos tipos de queijo, requeijão, manteigas, doces, mingaus, entre outras delicias de cozinha local estão relacionadas à produção de leite bovino.

Em geral, o gado para produção de leite, mais comum na região, foi ao longo do tempo sendo substituído das raças denominadas curraleiras, para raças mestiças como a europeia holandesa, diferentemente do gado de corte, que sofreu modificação para raças indianas, principalmente o nelore. O melhoramento genético assim foi também marcante na atividade leiteira, tanto é que houve um incremento de produção muito vasto ao longo dos anos.

As instalações não sofreram uma evolução no mesmo compasso que a utilização das técnicas reprodutivas, nas quaisinseriu-se até a inseminação artificial.Provavelmente, esse fato se deu devido aos investimentos nas instalações exigirem um grande aporte de recursos financeiros, visto que o que se observa é a predominância de estruturas muito precárias no interior das fazendas.

Ao longo da história, João Pinheiro contou com diversas indústrias processadoras de leite em seu interior.

> *Nós temos que dividir em dois fatores:o processo produtivo urbano e o processo produtivo rural. No processo produtivo urbano,nós nos esbarramos nas indústrias, por que nós não temos indústrias de grande produtividade, grande produção, grande referência, a não ser alguns laticínios que vieram para João Pinheiro:nós tivemos quatorze de médio porte, hoje nós temos um. Então isso tudo se desenvolveu, teve um desenvolvimento bom, mas a falta de indústria faz com que o município tenha um gargualho. A pecuária leiteira sempre foi mediana em João Pinheiro, nunca teve uma ascensão alta, mas também não caiu, a não ser agora, nesses últimos dois anos em que está havendo uma decadência muito forte em função de climas, situações climáticas e também pelos preços dos insumos dessas atividades. Então, hoje ela está numa condição precária; mas houve um crescimento da nossa bacia leiteira: no inicio do ano 2000, 2005, mais do que dobrou a produção de leite da nossa região*.

Esse ganho de produtividade pode ser também evidenciado na tabela 2, apresentada abaixo, na qual se procurou demonstrar a produção municipal de leite.

Produção de leite bovino do Município de João Pinheiro.

[6]Geraldo Ferreira Porto possui 73 anos e é presidente do Sindicato dos Produtores Rurais de João Pinheiro. Entrevista concedida ao pesquisador no dia 02/10/2012.

Anos	Produção de leite de vaca em litros (em mil litros)
1970	6.140
1980	22.119
1985	41.504
1995	34.512
2010	41.019

Fonte: IBGE, Censos Agropecuários 1970, 1980, 1985, 1995 e 2010.

O senhor José Oliveira contou-nos que a partir da década de 1960, com a criação da rodovia federal BR 040 e a abertura de crédito do governo federal para os produtores, houve o fomento dessa atividade produtiva.

> *É aquilo que eu estava falando com você: os fazendeiros faziam financiamento no Banco do Brasil para o financiamento de gado leiteiro, criação de vacas leiteiras, e do leite; outros faziam os empréstimos para gado de corte, tiravam o financiamento do banco do Brasil para gado de corte; [isso] foi evoluindo nessa parte aí. A parte de leite foi crescendo também com a rodovia: a Itambé - não sei se a Nestlé chegou a entrar aqui - fazia os caminhões rodarem aí nas fazendas, para pegar o leite e levar para Sete Lagoas, onde tinha a fábrica de leite. Aqui, justamente esses financiamentos que o governo federal colocou à disposição desses fazendeiros, para os agricultores - financiou tratores, até carro, caminhões; financiou tratores paras as lavouras, e também fizeram o tal de silo, que eles falam, para criar gado; o silo subterrâneo e o silo ao ar livre, que eles falam.*

E assim foi se desenvolvendo e fortalecendo a atividade pecuária bovina no município de João Pinheiro. Nas palavras do narrador, podemos observar a importância da pecuária na economia do município, tanto para pequenos, quanto para os grandes pecuaristas.Essaé uma temática rica e aberta a diversas reflexões, sendo as considerações aqui apresentadas o resultado de uma pequena incursão pelo universo histórico e as respostas que apresentamos às perguntas que se constituíram em eixos norteadores de nosso estudo. Essa é uma temática profícua a outros estudos e investigações em diversos aspectos, que podem ser investigados, seja no âmbito econômico, cultural, no mundo do trabalho, na contribuição para a culinária local, saberes e fazeres, entre outros possíveis olhares.

Considerações finais

Este estudo apresentou algumas ponderações sobre a pecuária e sua importância para o desenvolvimento econômico de João Pinheiro.

Ao longo de sua história, o município passou por diversas etapas, dentre as quais se destacaram diversos tipos de atividades produtivas. Nos primórdios das atividades econômicas praticadas no município, destacam-se a pecuária e o garimpo, que foram durante um longo período sumamente importante na economia local.

A criação de gado está presente desde os primórdios do povoamento da localidade e

[7] Ronaldo Oliveira possui 45 anos, é consultor de empresas, empresário e produtor rural no município de João Pinheiro. Entrevista concedida no dia 03/10/2012.

ainda hoje é um pilares de nossa economia. Atrelada a essa atividade, foi se constituindo uma teia de saberes e fazeres ligados ao cotidiano e à lida com os animais, o enriquecimento da culinária e dos sabores da comida mineira contribuindo para a construção da identidade cultural regional.

As dificuldades encontradas ao longo do tempo devem-sea questões locais, regionais e até mesmo nacionais. A localização geográfica no interior do estado propiciou dificuldades no acesso a diversos bens e serviços que viabilizariam o desenvolvimento econômico, sendo que a criação de mecanismos e estratégias que possibilitassem melhoria na qualidade de vida e estruturação/reestruturação da economia local e do mundo do trabalho.

A pecuária foi e ainda é importante na configuração dos usos e costumes dos moradores da região, seja em relação à ligação com o campo, com a culinária e com os costumes que vão sendo repassados ao longo do tempo. Desde o pequeno proprietário ao grande produtor, a criação de gado viabiliza condições de sobrevivência e de geração de renda

Em relação à tendência para a criação de gado, João Pinheiro não se difere muito de Paracatu, município do qual se desmembrou politicamente em 1911.

Temos ciência de que o texto aqui apresentado trará contribuições para pensarmos um pouco sobre a história local e que, esperamos ser apenas o ponto de partida para outras pesquisas e reflexões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, M. C. A. M. de. A resposta da cidadania. In: **O movimento**. Paracatu. 4(63), outubro de 1993, p. 81.

ENCICLOPÉDIA dos municípios mineiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1959.

ESCHWEGE, W. L. **Brasil, novo mundo**. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais- Fundação João Pinheiro, 1996.

IBGE. Censo agropecuário 2006. Resultados Preliminares. 2006. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/2006/>. Acessado em: 20/02/3015.

LE GOFF, J. **História e memória.** 3ª ed. Campinas: UNICAMP,1994.

MELLO, A.de O. **As minas reveladas:** Paracatu no tempo. Paracatu: Ed. da Prefeitura Municipal de Paracatu, 1994.

RIBEIRO, R. F. **Florestas anãs do sertão** - o cerrado na história de Minas Gerais. São Paulo: Autêntica, 1995.

SAINT-HILAIRE, A. de. **Viagem as nascentes do Rio São Francisco.** Belo Horizonte: Itatiaia / São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

SILVA. G. S. da. João Pinheiro em perspectiva histórica. **Humanidades e Tecnologia em Revista**. 2009, vol. 3, n. 3/2009. ISSN1809-1628.

THOMPSON, P. **A voz do passado:** história oral. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

CARETAGEM DE SÃO SEBASTIÃO: TRADIÇÃO E REPASSE DA IDENTIDADE NA FESTA DE SÃO JOÃO BATISTA EM PARACATU-MG

Vandeir José da Silva*

Resumo:A presente pesquisa elege como objeto de estudo a "Festa de Caretagem",realizada na localidade de São Sebastião, município de Paracatu, noroeste de Minas Gerais. O objetivo da pesquisa foi analisar o significado cultural e religioso da Festa de Caretagem que ocorre na noite do dia 23 para 24 de junho, em homenagem a São João Batista. Essa manifestação festivo-religiosa foi iluminada com referenciais teóricos pautados no solo da História Cultural e, como suporte empírico, fontes plurais, incluindo entrevistas com narradores locais, iconografias e documentação do arquivo público. O argumento principal é de que a Festa de Caretagem é uma das maneiras de que os moradores se utilizam para reafirmar sua religiosidade e fortalecer a tradição herdada, componente da identidade cultural dos moradores do lugar.

Palavras-chave: Festa de carretagem. Religiosidade. Tradição. Cultura. Identidade.

Abstract: To present research chooses as study object the "Party of Caretagem", accomplished at São Sebastião's place, municipal district of Paracatu, northwest of Minas Gerais. The objective of the research was to analyze the cultural and religious meaning of the Party of Caretagem that happens in the night of the 23 for June 24, in honor to Saint John the Baptist. That manifestation festival-religious person was illuminated with ruled theoretical referenciais in the soil of the Cultural History and, as empiric support, plural sources, including interviews with local narrators, iconographies and documentation of the public file. The main argument is that the Party of Caretagem is one in the ways that the residents are used to reaffirm their religiosity and to strengthen the inherited tradition, component of the residents' of the place cultural identity.

Keywords: Caretagem party. Religiosity. Tradition.Cculture. Identity.

Introdução

Este estudovisa refletirsobre a Festa de Caretagem, realizada na localidade de São Sebastião na bicentenária Paracatu, noroeste de Minas Gerais, estabelecendo como marcos temporais os anos de 2013 e 2014.

A Caretagem é uma festividade religiosa e cultural dançada somente por homens mascarados na noite de São João Batista, sendo caracterizada por danças, ritmos, versos improvisados e peregrinação pelas casas da comunidade.

*Mestre em História Cultural pela UnB (2010); graduado em História pela Faculdade Noroeste de Minas (1999); graduado em Estudos Sociais pela Faculdade Noroeste de Minas (1998); especialista em História do Brasil pela PUC-MINAS (2002). Coordenador do NIC – Núcleo de Iniciação Científica; integrante do grupo de pesquisa (TRANSE) - laboratório transdisciplinar de estudos sobre a performance (Sol/UnB). E-mail: vandeirj@hotmail.com

Justifico o interesse pela pesquisa com dançantes mascarados em festividades nas quais somente homens podem participar do grupo, pois o Noroeste de Minas[1] é um vasto território composto por dezenove municípios, no entanto existem poucas produções historiográficas. Em se tratando de manifestações populares dançadas exclusivamente pelo público masculino, são produções ainda mais escassas e carece de interesse de pesquisadores, um farto campo a ser explorado.

Figura 1: Imagem representando as poções geográficas do Estado de Minas Gerais.Fonte https://www.google.com.br/search?q=mapas+do+noroeste+de+minas. Acesso em 15/03/2015.

O mapa acima tem por finalidade localizar a referida região do Noroeste de Minas, onde se localiza a cidade de Paracatu Minas Gerais.

Para a pesquisa, apresento as seguintes indagações: como é organizada a Festa de Caretagem na comunidade de São Sebastião? Os moradores fazem alguma preparação que antecede a festa em homenagem a São João Batista? A festa tem caráter capitalista? Há participação dos Caretas na celebração da missa? Quais são os instrumentos simbólicos utilizados pelos Caretas? Quais são os instrumentos musicais tocados? Existe algum ritual realizado pelo grupo durante a peregrinação? De que maneira acontece o envolvimento da comunidade com a festa? Qual é o papel das mulheres na realização do festejo?

O objetivo do trabalho é colaborar com a produção historiográfica sobre festas populares de mascarados no Noroeste de Minas.

A metodologia utilizada foi qualitativa, pois compreendo como Richardson (1999) que o pesquisador que lança mão desse procedimento procura aprofundar-se em suas observações para ler os significados do fenômeno estudado.

A hipótese é de que os moradores de São Sebastião realizam a Festa em homenagem a São João Batista como maneira de manter viva a tradição festiva e nela repassar a história e memória de seus antepassados.

A relevância social/científica do trabalho consiste em devolver a produção escrita para a comunidade como maneira de agradecer a participação dos mesmos na pesquisa, bem como alargar possibilidades de debates com meus colegas de ofício sobre festas populares.

[1] O Noroeste mineiro é composto de 19 municípios divididos em duas microrregiões:microrregião de Paracatu, que corresponde a Paracatu, Brasilândia de Minas, Guarda-Mor, João Pinheiro, Lagamar, Lagoa Grande, São Gonçalo do Abaeté, Varjão, Vazante de Minas; e macrorregião de Unaí, correspondente a Unaí, Arinos, Bonfinópolis, Buritis, Cabeceira Grande, Dom Bosco, Formoso, Natalândia, Uruana de Minas e Riachinho.

Perspectivas e silêncios na produção historiográfica sobre a festividade

O plano de observação e de compreensão de um trabalho científico leva o pesquisador a se recolher no ambiente que ele mesmo produz. Este espaço, com diferentes denominações, é o local onde acontece de maneira solitária sua produção intelectual. A tessitura narrativa força o escritor a incursionar pelo seu interior e confrontar o capital de conhecimento com o qual faz ligações entre teoria e empiria. Nesse sentido, não há como deixar de refletir sobre o que vem a ser conhecimento e a que propósito esse conhecimento serve. Assim, o pesquisador está sempre a perseguir o interesse de sua pesquisa e no caso aqui, apresento minha motivação para este estudo, com a pesquisa de campo ao labor de observações e narrativas de participantes da dança de Caretagem em São Sebastião.

Este estudo é um esforço pessoal de produzir o encontro entre teorias lidas sobre festas populares e entrecruzá-las com a festa de Caretagem. Compartilho, nessa perspectiva, meu entendimento sobre esse processo que alinhavo na escrita do artigo, a expressão representada por integrantes que fazem parte da cultura popular manifesta por moradores do povoado de São Sebastião. Essa comunidade todos os anos na noite de 23 para 24 de junho se organiza numa demonstração de fé e diversão dançando para São João Batista.

De acordo com o entendimento dos entrevistados, a prática realizada por eles é a capacidade de ir para além da realidade da condição humana: é ligar-se a um diálogo de intimidade que eles estabelecem com São João Batista, quando ocorre um relacionamento entre o humano e o Divino. Ao refletir sobre essas questões, lembrei-me de um pronunciamento do Papa Francisco afirmando que: "Uma pessoa pode entender uma situação com inteligência humana, com prudência, mas entender uma situação com profundidade, como entende Deus, é ao efeito deste dom!"[2]. Segundo Sua Santidade, o dom da inteligência está estreitamente conectado à fé. Assim, quando o Espírito Santo habita nosso coração e ilumina nossa mente, faz-nos crescer dia a pós dia na compreensão daquilo que o Senhor disse e realizou; é isso que faz o Espírito Santo ser conosco e, segundo o papa, abre-nos a mente para entender melhor as coisas de Deus, as coisas humanas, as situações que acontecem. Francisco ainda reflete que são essas relações que estabelecem a importância para o entendimento da nossa vida cristã.

Em contraponto, nos relatos dos narradores de São Sebastião e mensagem proferida pela a autoridade Papal, existe um significado que une o homem a Deus. Essa atribuição muitas vezes está relacionada à maneira como as pessoas fazem suas escolhas, onde suas ações são justificadas. Na simplicidade dos narradores, eles afirmaram serem protegidos por dois intercessores: São Sebastião, padroeiro local, e São João Batista, santo poderoso que batizou Jesus Cristo. Rememorando a tradição da Festa de Caretagem, José Manoel Teixeira, 67 anos, nascido na comunidade, relata que: "a festa acontece há muitos anos e vem sendo repassada de geração em geração". Atento-me para essa afirmação, pois se há um costume de preservar a tradição nessa localidade, isso ocorre porque tal tradição faz sentido para seus praticantes. Desse modo, viver a festa faz-me refletir sobre as reconstruções que a comunidade vive fazendo parte da mesma, momentos de tensões partilhas onde o velho e o novo buscam espaços para a convivência. Como nos pontua Hoornaert (2013, p. 16), "A história desempenha o papel de ser uma das maneiras de definir um novo presente".

[2]Vídeo que apresenta palestra do Papa Francisco onde estimula pensar sobre os sete dons do espírito - Dom do entendimento. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=j23Kwrbh3Rc. Acesso 20 de março de 2015

Compartilho desse pensamento com o autor, pois o grupo de Caretas é composto por pessoas das mais diferentes idades.

Etnografando a festa de São João Batista na comunidade de São Sebastião

Nos estudos de Perez (2002), a antropóloga descreve a existência de festas populares como Santo Antônio, São Pedro, São Gonçalo do Amarante, Imaculada Conceição, São Jorge, São Sebastião e apresenta São João Batista, cuja crença popular festiva estava ligada àcelebração do amor e da agricultura. Em São Sebastião, a prática Festiva é um marco histórico que os moradores celebram comunitariamente.

Em todo o Brasil, são organizadas festas Juninas em comemoração a São João Batista, atraindo pessoas de diferentes localidades; Rangel (2002, p. 5) afirma que "elas representam uma das mais ricas manifestações culturais brasileiras". Na comunidade estudada, a Festa conta quase exclusivamente com moradores locais e possui estilo próprio de rituais que se estende do início da noite do dia 23 perpassando até meio dia do dia 24. Entendo ritual, nesta pesquisa, como Turner(2005, p. 49), que o vê como "O comportamento formal prescrito para ocasiões não devotadas à tecnologia, tendo como referência a crença em seres ou poderes místicos." Em são Sebastião, é acesa a fogueira para São João Batista, mas reza a lenda que ele não deve ver a mesma.

No dia 23 de junho de 2014, como faço nos últimos treze anos, fui a Paracatu para assistir àapresentação dos Caretas que acontece anualmente. Nos anos de 2013/2014, minha atenção voltou-se também para a comunidade de São Sebastião, que homenageiam São João Batista assim como em São Domingos e Alto do Açude.

O grupo é composto de 24 membros, conhecidos por Cavalheiros e Damas. Desses componentes, 12 dançantes fantasiam-se de cavalheiros. O figurino dos cavalheiros combina camisa de manga comprida e calça enfeitada de fitas de cetim com diferentes cores. Na cabeça, chapéu decorado com papel laminado de diferentes cores e o rosto escondido por máscara, de diferentes aspectos: couro de bode, couro de boi, lobisomem e malha preta. Cada cavalheiro porta uma bengala enquanto o comandante, duas. As bengalas, expressão utilizada pelos dançantes, são construídas com cabos de vassoura enfeitadas com fitas laminadas em tons diferentes. Fazem parte do enfeite espadas e facão, que são presos à cintura.

A outra metade é composta pelas Damas, que se enfeitam com vestidos rodados, coloridos e chapéus ornamentados com fitas. O rosto é coberto por máscaras figurando gorila, bruxa, Medusa e máscaras no estilo europeu. A performance que cada membro constrói para si é uma maneira de chamar a atenção dos companheiros e retirar dos telespectadores admiração, levando-os a verbalizar, seja porque se agradaram da fantasia ou porque não concordam com a mesma, alegando que elas fogem da tradição. A esse respeito, Machado (2000) reflete que o espaço da festa, no ritual religioso, étambém o campo do trabalho do dia a dia, que ora se configura no palco para as apresentações, tendo como intenção revigorar as forças no festejo. De acordo com a historiadora, é nesse intento que:

> Aliavam[-se] o sagrado e o profano, a fé e o festar, o calor da oração coletiva e o riso, a música e a dança, as solidariedades e os (re) encontros que compõem um cenário de esperança por dádivas divinas e o reconhecimento pelas graças recebidas (MACHADO, 2000, p. 56).

Diante dessas possibilidades representativas, concordo com Hoornaert (2013, p. 15), quando escreve sob a responsabilidade do estudioso ao fazer o seguinte apontamento:

> Aqui o pesquisador tem de abandonar a lógica das instituições (igrejas, universidades, governos) e demonstrar independência na aplicação do princípio que o governa: escutar, observar, reparar, não se apressar nas conclusões.

É nesta interface que o pesquisador deve atentar-se para a produção de sentidos e respeito ao seu objeto estudado.

Nesta pesquisa, observei que para o evento, na Praça da Igreja, fora feita fogueira, barracas com armação de ferro recobertas com palha de coqueiro e enfeites de bandeirolas em tons de verde e amarelo. O templo religioso, de aparência simples externamente, guarda em seu interior um magnífico altar no estilo colonial. A poucos metros da porta de entrada da Igreja situa-se o portão do cemitério.

Para o acontecimento festivo anual, Mireli narrou que:

> *Uma organização do evento para o próximo ano. Dessa maneira no dia 14 de junho tem início a novena que finaliza; o grupo de pessoas é convidado ao final da celebração pelos responsáveis pela missa no dia 23 para 24 de junho. Os festeiros do ano de 2014 foram: Micaele, Sabrina, Matheus, Selma, Donato, Reginaldo, Marluce, Francisco, Silmara, Clebson, Fernanda, Marilda, Bené e Guilherme.*

Na proximidade da Festa, esses quatorze membros saíram para conseguir produtos alimentícios para preparar o cardápio do almoço para Caretas e convidados no dia 24, ao meio dia, com o encerramento.

Oficialidade do festejo: a memória como fio condutor da tradição

Recorrendo àmemória de alguns dos moradores de São Sebastião para compreender como acontecia a festa em homenagem a São João Batista, eles afirmaram que esse procedimento acontece há muitos anos e que não sabem datá-lo, mas que essa tradição tem sido repassada de geração em geração. Esse compartilhar torna-se sensível e revitaliza a compreensão, sob as palavras de Costa (2002, p. 146):

> Nesse sentido, tanto as comunidades como os indivíduos tentam, constantemente, atualizar os elementos culturais de sua identidade coletiva, geradora da ressignificação da memória. Indivíduos e grupos recorrem indistintamente a todos um conjunto de técnicas capazes de ajudá-los na reconstituição e na significação de seu passado, pois disso depende, em grande medida, o seu futuro. Assim, vai se recriando a memória, o que possibilita ao artista ressignificar o sentido dos valores, dos mitos, das crenças que constituem o tecido social.

Nas reflexões da historiadora, percebo ser necessário compreender a festa estudada como um elemento compartilhado entre os moradores que a cada ano, de acordo com os

Caretas, procuram realizá-la para dar continuidade à tradição dos seus antepassados.

Dando continuidade àtradição, em 2014, a Santa Missa em homenagem a São João Batista iniciou-se às 19h30, celebrada pelo Pe. Paulo Giovanni Rodrigues de Melo e assistida atenciosamente pelos presentes. O templo não comportou a totalidade de fiéis,tendo alguns permanecidoàporta em pé, outros colocado cadeiras de plástico ao lado do portão do cemitério. Veja a imagem a seguir:

Figura 2: Imagem demonstrando a quantidade de fieis, entre eles idosos, adultos, adolescentes e crianças. **Figura 3:**A imagem permite observar fiéis na porta da igreja e ao lado do portão do cemitério. Fonte arquivo do pesquisador.

Iniciando a celebração, o padre menciona a alegria de fazê-la sendo aquele o terceiro ano de sua participação junto a eles. Em sua pregação, o sacerdote relembrou a vida santa de São João Batista e seu testemunho de fé e coragem na execução da missão divina. Homem de vida simples dispunha-se a ouvir a confissão dos pecadores, após o que os batizava. João Batista pregava sobre a vinda de Cristo e também o batizou. Por ser correto, denunciava a traição como comportamento errado, motivo pelo qual foi decapitado. Na extensão da homilia, salientou a vida santa de São João a serviço do bem, convidando o publico presente a serem sempre seguidores do caminho da santidade. Relembrou aos participantes que o festejo, que é tradição local, é um belo gesto de homenagearem ao Santo, sendo um sinal de união da comunidade.

Após a benção final e avisos paroquiais, o padre chama os festeiros escolhidos no ano de 2103, os quais irão trabalhar em 2014. Ele lhes agradece o empenho e a dedicação na execução do preparo da festa e convida os presentes a darem uma salva de palmas em sinônimo de agradecimento, permanecendo os festeiros à frente do altar. Em seguida, o pároco pergunta aos fiéis quem irá se habilitar a festeiro no ano de 2014, exercício em 2015. Os fiéis ficam agitados e fazem indicações em alta voz, sendo também uma prática dos ministros da eucaristia e dos ex-festeiros. Os indicados foram casais ou solteiro (a). A cada pessoa indicada verbalmente, o padre perguntava se ela aceitava o convite. Aos poucos, formou-se a comissão da festa. Ao final, o padre Paulo Geovane chama os integrantes da comissão para serem abençoados por todos os presentes e receberem oficialmente do grupo que encerra suas atividadesa missão de festeiros. A saudação é realizada com a música, como pode ser observado na letra abaixo:

Esses festeiros serão abençoados, pois o Senhor vai derramar o seu amor,
Esses festeiros serão abençoados, pois o Senhor vai derramar o seu amor.
Confirma Senhor, confirma Senhor, confirma sobre eles o seu amor.
Confirma Senhor, confirma Senhor, confirma sobre eles o seu amor.

Finalizando a missa, a comunidade é convidada a bater palmas para os novos festeiros, abençoando-os. Veja a imagem abaixo:

Figura 4: **Festeiros 2013/ 2014 ao lado esquerdo da imagem. Festeiros 2014/2015 lado direito. Imagem dos fieis abençoando os novos Festeiros**. Figura 5: **Fonte arquivo do pesquisador**

Com o término da escolha dos Festeiros, a comunidade fica à espera dos Caretas entrarem na igreja para receber a benção do padre. Na área externa da Igreja, instalaram barraquinhas nas quais se vendiam diversos tipos de alimentos, entre eles: caldo, pipoca, galinhada e refrigerantes. A renda é revertida para a Igreja de São Sebastião.

À frente da Igreja, a fogueira havia sido acesa, ao redor da qual as pessoas esquentavam-se do frio, como pode ser visualizado a imagem abaixo:

Figura 6: Vista parcial da Igreja de São Sebastião e Barracas enfeitadas. Vendedores a espera dos fiéis; fonte: arquivo do pesquisador.
Figura 7: Participantes esquentando fogo; fonte: arquivo do pesquisador.

Como pode ser visualizado, há todo um preparo para a noite fria de São João para que, na celebração, as pessoas possam socializar ao calor do fogo, aproveitar da gastronomia e participar dos momentos de descontração com as apresentações dos Caretas.

É neste ambiente e sob a parca luz na rua estreita que aparece o grupo de Caretas. À frente, o comandante e um Careta segurando a bandeira de São João Batista, seguidos em fila indiana pelos demais componentes do grupo e acompanhantes. O percurso é feito em tom de

respeito e orações. Essa compenetração marca o tempo do sagrado e faz-me lembrar de Jurkevics (2005, p. 86), ao refletir sobre festas populares, afirmando que:

> Assim, o cortejo é um meio, um instrumento que significa muito mais que o simples fato de um grupo de pessoas marcharem juntas, uma vez que naquele momento estão irmanados. Portanto, a representação é a caminhada espiritual.

Concordo com a autora, pois houve dois momentos da peregrinação em que os moradores evidenciaram o sentimento de compartilhar do ritual com Caretas. O primeiro, ao acompanharem orações realizadas até a porta da igreja. O segundo, no momento em que entram para o interior da igreja, entoando a marcha de São João, na qual as vozes se misturam com os toques de sanfona, violão, pandeiro e tambor, havendo um despertar de sentimentos de satisfação nos presentes que acompanharam a musicalidade. Observe as imagens abaixo:

Figura 8: Comandante e careta levando a bandeira de São João para frente do altar; fonte: arquivo do pesquisador.
Figura 9: Momento em que os Caretas entram na Igreja; fonte: arquivo do pesquisador.

Observe nas imagens oito e nove, a entrada do grupo para o interior da igreja, direcionando para o altar e os Caretas apresentando a bandeira de São João Batista ao padre e aos presentes. Nessa ritualística,o grupo formou duas filas sendo uma de cavalheiros e a outra de damas. Veja a imagem:

Figura 10: Caretas em formação de pares;
Fonte: arquivo do pesquisador.

Nesse momento, é entoada a bênção final pelo padre, que desejou ao grupo, instrumentistas e aos que acompanhariam os Caretas, boas festas.

Essa prática leva-me a refletir que esse ritual é parte das experiências evocadas do passado e revividas no presente. A esse respeito, Passos e Nascimento (2013, pp. 19-20) escrevem que:

> O tempo e o espaço têm itinerários diferentes, mas as promessas e as preces se encontram e alinham histórias, crenças, costumes, saberes e devoções que não se encolhem, "quando percorrem distâncias". A diversidade cultural brasileira retrata a riqueza religiosa do povo onde transborda a fé, as crenças e as festas religiosas repletas de alegria, solidariedade e mistérios.

É nesse sentido que percebo a festa em homenagem a São João Batista, realizada pela comunidade de São Sebastião. Nas entrevistas realizadas, os narradores falam de outro tempo, em que as famílias ajudavam seus dançantes a confeccionarem a fantasia, o preparo da fogueira, a recepção dos dançantes e a reunião para o almoço em comunidade, onde cada um ajudava da maneira que lhe era possível, diante da condição financeira - conduta que tem no presente permanecido no repasse entre as gerações.

Levantamento do mastro e visitas às casas da comunidade

Ao saírem da Igreja, seguidos dos presentes, os Caretas deram voltas entre os presentes, fazendo o mesmo em torno da fogueira, e direcionaram-se para o local onde o mastro estava. Nesse momento, o capitão, com a ajuda de caretas, prende a bandeira no mastro que lentamente é erguido e fogos de artifício iluminam o céu escuro. Esse conjunto de procedimentos organizados é regado a vozes de viva São João Batista, santo que noite em questão tem a atenção dos fiéis. Esse ato de fé e devoção demonstra quebrar a rotina do cotidiano e torna-se também momento de divertimento e descontração. Por ser um espaço onde a presença quase que na sua totalidade são de moradores locais, a festividade pode ser compreendida como oportuna para interação de valores e afirmação da identidade local com a produção da crença Católica. Nesse sentido, Mauro Passos (2013), estudioso do catolicismo popular, afirma serem essas devoções maneiras pelas quais as pessoas constroem representações simbólicas e expõem seus sentimentos. Ainda para o autor (2013, p. 269):

> O catolicismo popular comporta diversas formas de manifestação. No reino mágico das lembranças, as parábolas evocam presenças, pessoas, trajetos. A mística da religiosidade desvenda mistérios de tempos imemoráveis, lavra o fascínio de rituais sagrados, estreita territórios nos afazeres da vida.

A combinação de rituais e percurso do texto escrito pelo pesquisador com a maneira como suas reflexões foram alinhavadas, em específico com a citação acima, iluminou a pesquisa de campo, levando-me a perceber a série de combinações estabelecidas nos rituais, de acordo com os espaços por onde os Caretas passavam. Neste caso, abriu-se um novo momento, em que o comandante Gleidson Francisco Moreira[3], chamou a atenção dos companheiros para iniciarem sete passos de dança sendo eles: contradança, batuquim, lenço, linhavem, roda grande, verso e marcha.

Essas são as danças que durante toda noite e parte do dia 24 os Caretas performatizaram nas portas das casas e praça da igreja ao som dos instrumentos e barulho dos guizos e polacos presos nas pernas e tornozelos dos cavalheiros. Ao final da dança, são realizados versos de improvisos pelos pares que retratam a história do grupo, caretas que faleceram, namoro e flertes durante a homenagem a São João e agradecimento às cozinheiras. Observando as aproximações e afastamentos dos caretas que recitam seus versos frente aos tocadores, percebo o esforço que eles fazem de rememorar também o passado para colocarem em suas rimas companheiros já falecidos, como escreveu Brandão (1989, p.17):

[3] Dançante de 29 anos de idade. Há 19 anos, tornou-se comandante no ano de 2013.

> A festa quer lembrar. Ela quer ser a memória do que os homens teimam em esquecer – e não devem – fora dela. Séria e necessária, a festa apenas quer brincar com os sentidos, o sentido e o sentimento. E não existe nada de mais gratuito e urgentemente humano do que exatamente isto.

É possível perceber como reflete Brandão que há sempre uma intencionalidade no propósito da realização da festa. E em São Sebastião, ela vai cumprindo seu papel, pois logo após as apresentações na porta da igreja, caretas e tocadores sobem na caminhonete para fazer o percurso nos locais mais distantes, passando por fazendas e casas e, em seguida, iniciando a peregrinação a pé pelas ruas da comunidade. Veja a imagem a seguir:

Figura 11: Saída dos Caretas da porta da Igreja; fonte: arquivo do pesquisador.
Figura 12: Chegada na Fazenda Julião; fonte: arquivo do pesquisador.

Esta ação permite-me compreender que a homenagem estendida pelos caretas fora do largo da Igreja, é uma maneira de manter e revigorar os laços internos da comunidade, pois, de acordo com Ricardo Pinto Brandão[4], *"todos os anos fazemos praticamente os mesmos trajetos. As pessoas marcam para nós passarmos na casa delas"*.

Após peregrinarem por toda noite e chegado ao meio dia, é momento do encerramento para o almoço. A última manifestação dançante é finalizada com os versos. O comandante agradece a todos os participantes e diz que conta com o grupo para o próximo ano de 2015.

Gastronomia e sociabilidade: momentos finais da Festa de São João Batista

Como foi dito anteriormente, os Festeiros têm papel fundamental no momento final da Festa: são eles que saem nas casas e comércios pedindo produtos como arroz, feijão, carne de vaca ou porco, frango, macarrão e verduras, para que as cozinheiras possam desempenhar o papel de alimentar caretas, tocadores e acompanhantes. Doações de refrigerantes também são feitas. Segundo Micaele Pinto Brandão, festeira de São João, eles saíram na quinta-feira e finalizaram os pedidos na terça-feira, dia da festa.

Para o preparo da comida, D. Maria José Teixeira Brandão[5] contou com ajuda de sete cozinheiras. Elas improvisaram fogões no quintal de sua casa, dividindo as tarefas para ser possível a quantidade de comida a ser preparada. Diferentes maneiras foram postas em ação. O modo de saber fazer acionou-se diante de cada cozinheira e, como escreve Giard (2007, p. 268), "Como encontrar palavras exatas, palavras simples, comuns e precisas para contar

[4] Dançante de 23 anos iniciou com 14 anos .

[5] Nascida na cidade de Unaí-MG, veio a morar em São Sebastião com idade de 11anos e posteriormente casou-se com morador do local. Hoje possui 55 anos.

aquelas sequências de gestos mil vezes entrelaçados que formam a teia indefinida das práticas culinárias na intimidade das cozinhas?" Difícil essa tarefa, não é possível levar ao leitor a habilidade com as mãos no manuseio com os alimentos e destreza com as facas. Não é possível proporcionar o cheiro que exalava os diferentes aromas que percorriam o ambiente. Mas é possível mostrar ao leitor o resultado deste preparo através das imagens que seguem.

Figura 13: **Fogão improvisado, cozinheiras.** Figura 14: **Frango cozido, macarrão decorado com salsicha.** Figura 15**: Momento da retirada da gastronomia para levar para a mesa. Fonte arquivo do pesquisador**

Ao finalizar o preparo da comida, tachos e panelas são levados para mesa, momento que as cozinheiras e ajudantes iniciam o processo de servir. Vejam as imagens abaixo

Figura 16: Momento em que a gastronomia é servida. **Figura 17**: Panelas e tachos com diferentes tipos de comida. Figura 1**8:** Momento de degustação. Fonte arquivo do pesquisador.

Nesse festejo, onde valores culturais são fortemente cultuados todos os anos, a gastronomia cumpre importante papel, ela integra parentes, amigos e visitantes e proporciona momento de interação social. Ao relacionar a festa e a gastronomia produzida em função dela, entendo como Cunha e Oliveira (2011, p. 2):

> A gastronomia é uma arte na qual quem a executa e quem a aprecia estejam em perfeita sintonia e, por isso, não é fácil compreendê-la apenas como quem oferece algum alimento ao ser humano, pois nela está contido o cotidiano e a história de quem a criou.

É possível notar que as cozinheiras procuram desempenhar o melhor papel possível e nele, demonstram identificar-se socialmente.

Encerrando a festividade, festeiros, caretas e tocadores, junto a seus convivas, exploram os momentos vivenciados durante a peregrinação da noite até o momento final. Histórias dão vivacidade à memória enquanto almoçam. À medida que se saciam, despedem-se e agradecem, mas certos de que no próximo ano tudo se repetirá.

Considerações Finais

Foi possível em São Sebastião compreender na tradição religiosa em homenagem a São João Batista que acontecem rituais no percurso do dia 23 para 24 de junho. Esses acontecem em diferentes locais do Povoado de São Sebastião e tem como finalidade dar

prosseguimento à Festividade iniciada pelos antepassados dos caretas contemporâneos. Ao longo da peregrinação, laços de sociabilidade vão dando continuidade e que nos faz entender que a festa também é um vetor de identidade da comunidade, pois ela proporciona aos integrantes, acompanhantes e moradores que recebem o grupo o partilhamento da experiência através da dança e versos e tendo como finalidade que se revivessem as histórias de seus antepassados.Os versos recitados durante toda noite até o meio dia do dia 24 têm por finalidade contar a história e a memória dos moradores dos antepassados, mantendo na tradição contemporânea a identidade dos mesmos.

Ao final da festa, é servido um almoço, momento em que dançantes, tocadores e seus convivas socializam na gastronomia momentos que vivenciaram durante o Festejo e reafirmam esperanças de dar prosseguimento na tradição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, C. R. **A cultura na rua.** Campinas: Papirus, 1989.

COSTA, C. B. Literatura escravista: uma arte da memória. In: COSTA, C. B. (Org.),**Um passeiocom Clio**. Brasília: Paralelo 15, 2002.

CUNHA, K. B.; OLIVEIRA, L. da V. **A Gastronomia enquanto atrativo turístico.** Anápolis. 2011. Disponível em: <http://www.anapolis.go.gov.br/revistaanapolisdigital/wp-content/uploads/2011/07/A-GASTRONOMIA-ENQUANTO-ATRATIVO-HIST%C3%93RICO-CULTURAL1.pdf>. Acesso em 15/03/2015.

GIARD, L. Artes de nutrir. In.CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. 13.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

HOORNAERT, E.O que há por trás da religiosidade popular? **Vida Pastoral, São Paulo, mar-abr. 2013. Disponível em <http://vidapastoral.com.br/artigos/temas-pastorais/o-que-ha-por-tras-da-religiosidade-popular/>. Acesso em 14/03/2015.**

JURKEVICS. V. I. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 43, p. 73-86, 2005. Ed. UFPR. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/historia/artigo/materialidadedafe.pdf>. Acesso em 14/03/2015.

MACHADO, M. C. T. Pela fé, a representação de tantas histórias. **Estudos de História,** Franca, v. 7, n. 1, 2000. p. 51-63.

PASSOS, M. **Não abandone o home aqueles que Deus chamou. Encomendações de almas na religiosidade popular em Minas Gerais.** In: PASSOS, M.; NASCIMENTO, M. R. do. (Org.). **A invenção das devoções.** Crenças e formas de expressão religiosa.Belo Horizonte: Editora O lutador, 2013.

PASSOS, M.; NASCIMENTO, M. R. do. (Org.). **A Invenção das devoções.** Crenças e formas de expressão religiosa.Belo Horizonte: Editora O lutador, 2013.

PEREZ, L. F. Antropologia das efervescências coletivas. Dionísio nos trópicos: festa religiosa e barroquização do mundo – Por uma antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro (Org.). **A festa na vida:** significado e imagens. Petrópolis: Vozes, 2002.

RANGEL, L. H. V. **Festas juninas.** Origens, tradições e histórias. Festa de São João. São Paulo: Casa do Editor, 2002.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social:** Métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

TURNER, V. **Floresta de símbolos:** aspectos do ritual Ndembu. Niterói: EdUFF, 2005

A RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA COMO PROBLEMÁTICA PARA O SENTIDO DO COTIDIANO DO POPULAR

Gerson de Sousa *

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar o paradoxo da reconstrução histórica da produção de sentido e de significados do cotidiano de homens e mulheres de Uberlândia por meio da memoria ao narrar sua experiencia vivida no cinema como espaço de sociabilidade. Há duas problemáticas que orientam a discussão: trata-se do período em que este era o único meio de comunicação efetivo para o lazer da cidade; e, segundo, como o tempo e espaço do cinema passam a ser articulados ao problema econômico-social e de conflito racial. A discussão é resultado da pesquisa sobre Memória do Cinema em Uberlândia, finalizada em 2014. A entrevista com velhos moradores da cidade possibilitou analisar a relação do progresso materializado no cinema para a sociedade, de 1950 até 2010. A narrativa dos sujeitos sobre o paradoxo do cotidiano por meio do cinema revela como as táticas e as estratégias são renovadas em relação às utilizadas para o enfrentamento dos conflitos vivenciados no social.

Palavras-Chave: Cotidiano; Memória; Cinema; Estudos Culturais; Comunicação

Introdução

Este artigo tem por objetivo analisar o paradoxo da reconstrução histórica da produção de sentido e de significados do cotidiano de homens e mulheres de Uberlândia por meio da memória ao narrar sua experiencia vivida no cinema como espaço de sociabilidade. O contexto do tema está articulado a dois problemas estruturais identificados no histórico da pesquisa: primeiro, trata-se do período em que o cinema era o único meio de comunicação efetivo para o lazer da cidade; e, segundo, é preciso indagar como o tempo e o espaço do cinema passam a ser articulados com o problema econômico-social e de conflito racial no qual permeiam a realidade dos sujeitos no tempo e espaço da cidade.

Este artigo é resultado de dois anos da pesquisa "Memória do Cinema em Uberlândia: relação entre Comunicação e Cultura"[1]. Como produto resultante houve a produção de um livro intitulado Paradoxo do Cotidiano e de documentários sobre os seguintes cinemas: Cine It que passava filme pornográfico, ParaTodos: um cinema popular, Cine Theatro Uberlândia, o cinema dos contrastes, Cine Regente: o espaço intelectual da elite e Cine Éden: a casa do Vileno, somado ao quebra-quebra de 1959.

A realização das entrevistas com velhos moradores da cidade teve o objetivo analisar a relação do progresso material de Uberlândia, por meio da estrutura do cinema, em relação às transformações da sociedade, no período de meados do século XX até o inicio do século XXI. Há primeiro que se esclarecer que esta pesquisa não se trata de um trabalho sobre ou restrito à memória, nem sobre ou restrito à história do cinema. A proposta se funda em construir a pesquisa nesta interface Memória do Cinema e entender como a construção de

*Doutor em Ciências da Comunicação ECA –USP; Prof. Adjunto do curso de Comunicação Social: Jornalismo e prof. permanente do Mestrado profissional de Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Email: g.sousa1971@hotmail.com

[1]Pesquisa realizada no período de 2012 a 2014 com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (Fapemig)

sentido e de significados pelos sujeitos demarcam o ato de ir ao cinema no contexto econômico e cultural de Uberlândia.

Há perguntas que precisam ser realizadas para entender a extensão do sentido da pesquisa: o que significa caminhar para o progresso material subscrito no desenvolvimento tecnológico do cinema em Uberlândia? Será que as angústias exteriorizadas pelos entrevistados permitem identificar a dissociação entre progresso material e progresso social? E em que medida esse distanciamento, ao hierarquizar o progresso material, também compromete a emancipação entendido como construção da identidade dos sujeitos ao articular o processo comunicativo pelo cinema para ser reduzido a mero entretenimento?

Essas perguntas indicam que o ato de ir ao cinema está defendido teoricamente que não pode ser reduzido a mero espaço e tempo de entretenimento. E as entrevistas nos remetem a entender o estado de conflito de significados, principalmente da década de 50. Para alguns o cinema se reduzia a reafirmar o status social, como se o cinema fosse um micro espaço de revelar que o poder aquisitivo econômico define o privilégio e a qualidade de ser espectador; para outros o cinema era mero entretenimento, um entre outros meios possíveis para desfrutar o lazer em meio ao cotidiano de uma cidade que revelava o caminho para o progresso; para outros o cinema era o único espaço de interpretação da realidade mediada pelos meios de comunicação e considerada como valor diante da proposta de futuro.

É nesse contexto que podemos entender a lógica econômica-social em que alguns cinemas da cidade se orientaram até se tornar espaço de controle para o ingresso em diferentes recintos. Em nome da diferenciação econômica amparada pelo discurso de serem destinados a púbicos diferentes, os cinemas possuíam ambientes com preços diferenciados e que exigiam trajes oficiais. Há aqui a amplitude do conceito de cinema: ao se inserir na sociedade de Uberlândia como espaço de comunicação, o cinema se materializa como extensão de conflito e tensão social, agora no plano da cultura. E temos de interrogar sobre o status que se funda a cultura e a memória como valores para a construção de identidade de seus sujeitos e da cidade como sujeito universal.

O progresso subscrito na materialização do cinema era visualizado e frequentado pelo público em pontos diversos da região central da cidade. Aos poucos, o caminhar tecnológico no tempo, de 1950 até 2000, levou a mudanças na estrutura da cidade na qual o espaço cinema se torna problema ao próprio tempo do progresso. Um a um os cinemas foram fechando as portas, desmontados ora em meio à crise econômica, ora por problemas administrativos, ora por ser considerado ofensivo à moral da sociedade. Esse é o fator que denominarei neste artigo de desvelar as camadas históricas: os espaços dos cinemas cederam lugar para setores funcionalmente "úteis" para o progresso material: bancos, lojas de rede de mercado, oficina mecânica, igrejas ou mesmo o abandono para assinalar ao público a inutilidade operante no contexto contemporâneo.

A distância efetiva do tempo presente vivenciado pela nova geração ao tempo do passado dos sujeitos entrevistados demarca o problema da invisibilidade histórica. Há diferença entre esquecer os fatos vivenciados pela sociedade na qual integra, mesmo que seja pela experiência mediada, em relação à outra que é o descompromisso de ser sujeito da própria história que vivencia. E esse diagnóstico remete a outra problemática: qual o sentido das aflições e das angústias de uma geração, considerada velha hoje, que não encontra mais a escuta dos jovens para questionar o próprio movimento do presente? E como dimensionar a concepção de um progresso cujo percurso é levar a negação do valor do outro – valor este que o ampara em sua realidade?

O trabalho da memória

A defesa de ser a memória o fator essencial para a construção de identidade do sujeito, a partir do que POLLAK (1989; 1992) nos apresenta como desafio para problematizar a realidade, se efetiva na pesquisa Memória do Cinema neste movimento de defesa para este reviver. Primeiro, compartilho do pressuposto de que memória não se trata de resgate, como se trouxéssemos ileso um fato do passado para o presente. Esse definir como resgate dimensiona uma articulação positivista: indica a suposta neutralidade do sujeito que pesquisa ou entrevista diante de outro entrevistado cujo único desafio é exteriorizar o passado, como se um fragmento da vida pudesse ser retirado da história do sujeito alheio à sua existência. Há neste comportamento um segundo fator ideológico: é a negação do passado como conflito e a conseqüente afirmativa de ser algo estático, que se encerra no próprio resgate. O passado deve ser contemplado, mas é algo de outro tempo sem qualquer sentido para o presente.

A essência da pesquisa Memória do cinema está em outro fator de defesa teórica sobre a memória. Primeiro, defendo como violência o ato de objetificar o outro ao instigá-lo a reviver o passado tendo como preço duas lógicas negativas: o resgate efetivo do passado pelo passado e a negação das preocupações do presente em que o outro, que efetiva a memória, se encontra. Nada mais que considerar como utilidade o outro somente pelo passado e desconsiderar como importante os conflitos do eu em sua totalidade. É preciso retirar a memória desta condução sistematizada na lógica estrutural positivista a objeto estático para colocá-la na defesa dialética e histórica de movimento.

As construções dos conceitos de memória coletiva de Maurice HALBWACHS (1990), Memória Subterrânea e memória e identidade (POLLAK, 1989; 1992), Memória Individual, de BERGSON (1990) e experiência, de Walter BENJAMIN (1993) nos conduzem a interpretações e interpenetrações sobre o movimento do passado. Em que momento os depoimentos revelam estar diante da saudade como em particularidades vivenciadas pelo sujeito? Como dissociar essa memória individual, de outra a memória coletiva, em que a lucidez de hoje está articulada com o reforço do outro, da releitura no reviver do presente da sociedade na qual o sujeito está mergulhado? E, como articular a análise a partir da sensibilidade de entender que o reviver do sujeito nos revela uma angústia entremeada da denúncia de ter sido vítima da sociedade racista, e portanto, da memória marginalizada?

O primeiro conceito é o de memória coletiva, aqui na concepção de HALBWACHS (1990). Trata-se de entender que a memória da pessoa está ligada à memória do grupo e das relações sociais que construímos. Esse processo modifica a percepção de memória e de realidade devido às diferentes relações sociais. Nessa leitura de memória coletiva podemos recorrer a análise de Ecléa BOSI (1994). BOSI cita que "lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição" (1994, p. 55).

O segundo conceito refere-se à memória individual de Henri Bergson. A problemática apresentada por Bergson está em conceituar a memória a partir da percepção do indivíduo. Bergson trata apresenta duas distinções: a primeira é a memória hábito, aquela da qual as nossas atividades no dia a dia são reproduzidas sem que para isso haja necessidade de sua utilização. Mas há outra memória individual no qual está articulada a experiência vivida pelo sujeito.

> No que concerne à memória ela tem por função primeira evocar todas as percepções passadas análogas a uma percepção presente, recordar-nos o que precedeu e o que seguiu, sugerindo-nos assim a decisãomais útil. Mas não é tudo. Ao captar numa intuição única momentos múltiplos de duração, ela nos libera do movimento de transcorrer das coisas(...). Quanto maisela puder condensar esses momentos num único, tanto mais sólidaserá a apreensão que nos proporcionará da matéria(...). (BERGSON,1990,p.187)

O terceiro aspecto está no conceito de Memória Subterrânea ou memória marginalizada, como propõe POLLAK (1989). Trata-se da memória dos integrantes das culturas minoritárias e dominadas que não foram ouvidas durante o processo de construção da história, e que se opõem à "memória oficial", essa memória criada para definir de forma universal a identidade da cidade. Trabalhar com as memórias coletivas subterrâneas "que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio" (POLLAK, 1989:.04) significa privilegiar os excluídos, os marginalizados e as minorias, oferecendo um novo ponto de vista da história e dos fatos sociais do passado, cuja referência "serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irredutíveis." (POLLAK, 1989, p.09).

POLLAK problematiza outro conceito que devemos recorrer para analisar a narrativa dos entrevistados. Trata-se do enquadramento da memória. Esse trabalho de enquadramento da memória tratado por POLLAK (1989) em **Memória, Esquecimento e Silêncio** se refere à seleção de fatos da memória como pontos de referência para as pessoas e a história, uma vez que esse trabalho depende do material fornecido pela história para existir. Não se trata da simples e pura falsificação do passado, mas de seu rearranjo conforme a necessidade daquele grupo de manter a sua coesão interna e suas fronteiras, pois a memória não pode ser construída de qualquer maneira.

> O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; [...] esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro. [...] o trabalho permanente de reinterpretação do passado é contido por uma exigência de credibilidade que depende da coerência dos discursos sucessivos. (POLLAK, 1989:.09-10)

É preciso considerar que o significado e o constante ressignificado do passado está articulado à leitura e aos conflitos vivenciados no presente pelo sujeito que narra. Está é uma das defesas de Pollack ao apontar que "as preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória". E acrescenta:

> A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 05)

A pesquisa Memória do Cinema se situa nesta defesa de que o reviver dos sujeitos entrevistados questionam, a partir da atribuição de valores e significado construído no presente, uma interpretação sobre o passado. O problema se faz quando se identifica que o progresso material, por meio do cinema, é estendido para outros referentes tecnológicos (TV, Computador) mantendo o distanciamento social e a atribuição de estereótipos do outro. Esse estereótipo é construído a partir da diferença de classe social ou advém da hierarquização qualitativa de sujeitos pela raça. Por esse diagnóstico é necessário tomar o presente como momento para incorporar as camadas históricas como luta ou como fato importante para efetivar a denúncia: o progresso material só ratifica um futuro de marginalização do outro no presente.

A memória e a identidade são construídas historicamente pelos sujeitos marginalizados em estado de tensão e conflitos com o outro que o recusa. Esse outro pode ser entendido como grupos sociais hegemônicos cujas ações têm a pretensão de definir, por um viés ideológico, o que deve ser perpetuado como valor do presente e cultuado como memória da cidade pelo passado. Como se o tempo e espaço do passado emergisse de uma neutralidade em que o discurso legitimador se instaura na dupla violência do outro negado: é preciso valorizar a história da cidade. O pesquisador que mergulha em pesquisa com memória deve estar atento - para dizer o mínimo – sobre os aspectos culturais-políticos envolvidos no seu trabalho de desvelar a memória. Ao considerar a cultura como plural, esta não pode ser confundida com esvaziamento crítico e político.

Um aspecto desse valor está em um fato histórico ocorrido em Uberlândia e que ficou conhecido como o quebra-quebra dos cinemas. Esse fato ocorreu em 18 de janeiro de 1959. Como entender, a partir da estrutura de significado do sujeito no presente, a exteriorização pela memória narrada pelos entrevistados sobre a destruição ocorrida nos quatro cinemas de Uberlândia: Cine Uberlândia, Cine Regente, Cine Éden e Cine Paratodos? Esse fato, que será detalhado adiante, demarca como o cinema era um espaço micro das relações de poder conflitantes na sociedade. O ponto essencial de todos os entrevistados estava em que a Companhia que administrava o cinema da cidade autorizou o aumento do preço do ingresso que passou de "18 para 30 cruzeiros".

A construção da memória pelo reviver de cada entrevistado remete ao valor social que atribui à realidade. Os testemunhos nos revelam pistas para explicar o resultado de todo o quebra-quebra que se estendeu por dois dias em meio a destruição de cinemas – a reforma se estendeu por quatro meses - , saques em mercados, danos à Estação de Trem, combate campal entre população e Polícia Militar e quatro mortes, .

José Rodrigues, conhecido como Zé do Cinema, avisou ao então gerente, Zé Lobato, que o aumento do preço do ingresso iria provocar transtorno. "Ó seu Zé, esse trem não vai dar certo, o povo não vai gostar. O gerente respondeu que nada podia fazer, tinha que obedecer às ordens da Companhia" (Entrevista, José RODRIGUES, 2012) A primeira forma de protesto veio com a chamada fila boba. "As pessoas indignadas com o aumento formaram filas em frente aos cinemas. Era uma 'fila boba' em que as pessoas apenas perguntavam o valor do ingresso e diziam que estava muito caro e não iriam comprar". E voltavam para o final da fila.

Para Maria Eunice GENARI, a 'fila boba' estava distante de ser um ato de diversão, um passar de tempo de ir e vir ao final da fila em um descompromisso com a crítica. Na prática, "a 'fila boba' revelou ser o começo da revolta popular que ficou conhecida como o Quebra-

Quebra de 59". A segunda ação veio com o rasgar dos cartazes retirados das paredes. Qual o fator motivou essa ação? Maria Eunice tem como ponto de referência para análise deste fato o aumento do custo social de Uberlândia. A sistematização do ato de um grupo econômico hegemônico cujo padrão de pagamento de renda salarial define o baixo poder de compra de seus moradores tem na demarcação do aumento do ingresso do bilhete o mesmo sinal de opressão transposto do macro (salário baixo) para o espaço micro do cinema.

O aumento do preço do ingresso se tornou o fator que transpôs o limite do estar subordinado ao econômico, sem o efetivo direito o lazer. Por sinal é o mesmo elemento que assinala ainda hoje, em 2015, a distancia e a quantidade de freqüência ao cinema da população, quando comparado o valor do bilhete em relação ao salário médio pago atualmente em diversos setores da cidade.

O jornalista Alberto Oliveira narra que estava na redação do jornal quando iniciou a revolta. O que era para ser somente o rasgar dos cartazes se estendeu para o interior do cinema. A população, ou para ele, os estudantes, efetivaram a destruição de poltronas, cadeira, banheiros e maquinários. Mas Oliveira tem uma explicação de vertente política sobre o desencadeamento do fato: a infiltração comunista.

> Mas acontece que houve uma infiltração estranha no meio dos estudantes. Os estudantes foram vaquinha de presépio, como os jornalistas gostam de falar ou foi cavalo de Tróia. Então, houve uma infiltração. Eu tenho, eu gosto de falar que é uma infiltração comunista, no meio dos estudantes, eu gosto de falar. E aí, ao invés do protesto de rasgar apenas os cartazes, começaram a depredação. Quebraram as máquinas do Cine Uberlândia, quebraram as poltronas, foram quebrando tudo. Não satisfeitos quebraram o Cine Regente, quebraram o Cine Éden e quebraram o Cine Paratodos. (Entrevista, Alberto OLIVEIRA, 2012)

Outro que compartilha da tese de que houve infiltração comunista é José Ferreira Damazo. Ele explica que "os estudantes começaram com o negócio e depois infiltrou gente no meio e que fez o quebra-quebra". (Entrevista, José Ferreira DAMAZO, 2012). Ao apontar os comunistas como responsáveis pelo quebra-quebra, Damazo reforça que o "comunismo de Luiz Carlos Prestes tinha grande força na cidade". Há outro fator micro: Damazo explica que era vizinho de um comunista que virou até vereador. A materialização de sua fala, infiltração comunista, estava em se defrontar com a presença do vizinho atuando no Quebra-quebra.

Seja pela infiltração comunista, seja pelo custo social, a revolta tomou outras proporções para além do cinema. As grandes casas de comércio foram invadidas e saqueadas e para controlar a fúria precisou solicitar reforço policial. As cenas descritas pelos entrevistados nas ruas eram de pessoas carregando produtos dos saques: revólver, espingarda, violão, sanfona, alimentos. Tudo parecia um cenário de um filme de guerra. Em seguida a revolta e a destruição se estenderam para os trilhos da Estação Mogiana. O resultado da revolta, que só finalizou com o confronto com a polícia, foram de quatro mortes, como confirmam os entrevistados.

Materialismo Cultural

O conflito descrito anteriormente, denominado Quebra-quebra de 59, possibilita um primeiro aspecto interpretativo para considerar a cultura para além de ser mero entretenimento e entendê-la como elemento importante na organização da sociedade. Talvez o desprezo de um pesquisador funcionalista ao valor da cultura, neste caso do cinema em análise, esteja em reduzi-la meramente ao conteúdo do filme. O conteúdo seria o movimento

de provocar o efeito de o espectador incorporar a ideologia dos Estados Unidos, levando-o para uma dimensão exterior à sua realidade vivida no Brasil. Ou em outra leitura, a estrutura econômica imperialista como definidora do elemento de valor – leia-se aqui comportamento - do indivíduo social. Há outros reducionismos que se imperam ao vincular erroneamente culturalismo, - em que a cultura atua como autônoma - , com o valor da cultura definida neste artigo orientada teoricamente pelos Estudos Culturais britânicos, essencialmente na defesa de Raymond WILLIAMS (2011) e Stuart HALL (2003).

Esse, aliás, deve ser o primeiro ponto a ser explicitado: a defesa de cultura na pesquisa Memória do Cinema considera o conflito político ora diante da significação dominante, ora diante de uma estrutura de poder. Em sua análise sobre codificação e decodificação, HALL defende que a análise teórica dos Estudos Culturais está distante de querer um modelo de circuito que exclua a idéia de poder. Ele enfatiza:

> não quero um modelo determinista, mas não quero um modelo sem determinação. Por conseguinte, não creio que as audiências ocupem as mesmas posições de poder daqueles que dão o significado ao mundo para elas. Leitura preferencial é simplesmente um modo de dizer que, se você detém o controle dos aparatos de significação do mundo e do controle dos meios de comunicação, então você escreve os textos – até certo ponto, a leitura preferencial tem uma forma determinante. As decodificações que você faz se dão dentro do universo da codificação. (HALL, 2003, p. 345).

O embate suscitado por Hall estabelece o conflito pelo hegemônico e permite estender a construção teórica de Raymond Williams sobre o materialismo cultural. Primeiro, é preciso articular que a base teórica dos Estudos Culturais está distante do culturalismo porque parte e se efetiva da concepção do Materialismo Histórico Dialético. E segundo, na defesa de Williams, a questão é ver como a cultura, mais do que um mero efeito da superestrutura marxista, é um elemento fundamental na organização da sociedade e, portanto, um campo importante na luta para modificar essa organização. Em outros termos, é preciso considerar a cultura na dimensão da base marxista. A proposta da teoria materialista da cultura tem por objetivo desvelar o seu papel social sem cair no esvaziamento da arte ou cultura pela cultura. A cultura aqui está articulada ao seu papel político econômico para contribuir para a construção de uma alternativa de uma sociedade mais justa e igualitária.

É preciso considerar o desafio de WILLIAMS ao defender com empenho existencial a afirmativa de que a teoria está vinculada à uma base epistemológica. Soaria redundante não estivéssemos diante de construção teórico-metodológica que na busca incessante de ter a crítica a uma realidade "pós-moderna" se vislumbra em se ater ao diagnóstico do presente, distante de qualquer contraponto histórico demarcado em projeto social.

Em cultura e materialismo, WILLIAMS (apud CEVASCO) explicita que

> a interpenetração das atividades econômica, da base, e cultural, da superestrutura, em atividades como o rádio, a televisão, o cinema, a publicidade e a editoração, aliada ao caráter das instituições e agências pelas quais operam, está no centro da produção econômica do capitalismo tardio. (CEVASCO, 2003, p. 112)

E avança na interpretação ao apontar que:

> as artes e as práticas culturais em geral não apenas refletem a situação determinante: elas também produzem significados e valores que entram ativamente na vida social, moldando seus rumos. (CEVASCO, 2003, p. 112)

Como entender a produção de significados dos sujeitos da pesquisa por meio da construção da identidade pela memória do cinema? O primeiro aspecto está na própria concepção metodológica de Análise cultural empreendida na pesquisa: o testemunho e o reviver pela memória do sujeito desvelam a construção de identidade social e retiram as camadas para mergulhar na produção de sentido. José Rodrigues caminhou novamente pelas ruas da cidade, por todos os pontos onde funcionavam os cinemas. É um caminhar que se desloca em outro ritmo no cotidiano. O homem aposentado se confronta no presente com o destino dos espaços no qual se orgulha em ter trabalhado como operador de máquinas por toda a vida para reconhecer o futuro material do progresso indicado pelo cinema.

O primeiro ponto da rota é o cinema Vera Cruz, que hoje está abandonado. Por um pequeno espaço nas madeiras José Rodrigues narra a experiência do seu trabalho, acena com a mão para indicar a bilheteria e explicita como se organizava a fila enorme e outros detalhes que refaz o trabalho do passado. Mas há um ar triste em sua expressão de visualizar somente a estrutura do cinema, em meio ao trânsito veloz da cidade, sem ter qualquer sentido para os transeuntes que passam mergulhados no presente.

Em seguida veio a visita ao Cine Paratodos. Hoje como oficina mecânica, os guindastes e pneus substituem as cadeiras, a tela, a emoção das pessoas. O que era um espaço de cerca de 300 lugares tem de ser aos poucos reconstruído historicamente pelo testemunho de José Rodrigues. Mas o tempo da oficina não para. Enquanto percorre espaço por espaço para refazer a própria história, o mecânico, ao entender que o problema do senhor entrevistado está distante de um conserto de carro, reinicia o seu trabalho. O som da máquina por vezes supera o tom de voz de José Rodrigues. No passado, o Paratodos fechou as portas porque não resistiu a exigência financeira. O então gerente José Damazo explica que as grandes empresas cinematográficas cobravam 50% da bilheteria. E o cinema, sem resistir, foi vendido por 400 cruzeiros.

O avanço no percurso pela avenida Afonso Pena identifica materialmente os novos sinais do progresso em meio ao fechamento dos cinemas: dos carros das oficinas da parada anterior, chegamos aos caixas eletrônicos de uma agência bancária. No passado, tratava-se do Cine Uberlândia. Era preciso autorização do gerente para poder entrar no espaço para reviver e fotografar a reconstrução. Negado. A voz pausada e os detalhes do cinema vieram do lado de fora da agência bancária. Agora trata-se de outro tempo do econômico cuja velocidade mostra como a pausa de José Rodrigues para refazer o cotidiano se torna estranho aos saques e depósitos de um tempo que se movimenta pelo dinheiro. Será que os clientes que movimentam sua parte financeira têm consciência que por trás da camada do banco está o tempo do cinema?

Passos mais adiante na mesma avenida defronta-se com a loja de produtos eletrônicos e em seguida com o Apart Hotel. No espaço em que funcionava o Cine Avenida e que depois se tornou o cinema Bristol se apresenta hoje como loja de eletrodomésticos. Pela Rua Machado de Assis o reviver se faz pelo Cine Regente, por sinal onde funciona um apart hotel. A única referência do Regente é o mesmo nome mantido no Hotel.

O único espaço que se mantinha funcionando durante a pesquisa era o Cine It, próximo da Praça Clarimundo Carneiro. José Rodrigues fez questão de mostrar as saídas, a

fachada, onde eram afixados os cartazes e até o lugar em que era vendido as balas. Tudo ao que parece continua o mesmo no Cine It exceto a sua programação que passou a ser de conteúdo pornográfico. Mas o Cine It, apontado como imoral por sua programação e de envergonhar a cidade por estar em um espaço na região central também fechou definitivamente. Os únicos cinemas sobreviventes de Uberlândia estão agora como parte do pacote de produtos de entretenimento dos shoppings Center.

A segunda concepção metodológica da análise cultural estava em construir com os sujeitos da pesquisa a leitura da realidade de Uberlândia para além do reducionismo de somente identificar o programa de filmes. Como entender a problemática da sociabilidade indicada no início deste artigo. Para direcionar a interpretação selecionei os testemunhos sobre o Cine Theatro Uberlândia, apontado como cinema de contrastes. O testemunho de dois entrevistados, um homem e uma mulher, ambos negros, estabelecem outra mediação para a produção de sentido da realidade micro do cinema em Uberlândia. João Rodrigues e Benedita Pereira de Oliveira.

Mais conhecido por mestre Bolinho, João Rodrigues narra o orgulho de ter caminhado pelo lado direito em meados do século passado. "Pra vocês verem como era Uberlândia naquela época, subindo a Avenida Afonso Pena, do lado esquerdo era o passeio dos brancos, do lado direito dos pretos pobres". (ENTREVISTA, João RODRIGUES, 2012). Benedita Pereira de OLIVEIRA, amiga de Mestre Bolinho, também vivenciou a divisão.

> Então o preconceito aqui em Uberlândia era demais. Eu já viajei em muitos, muitos lugares, pior é aqui, preconceito maior era Uberlândia. Agora já não tá mais, pode ter ainda, mas muito... já não existe mais aquilo, mas era isso daí. (ENTREVISTA, Benedita Pereira de OLIVEIRA, 2012)

A divisão entre negros e brancos que Benedita presenciou não se restringia às calçadas. Os clubes e cinemas foram palco da segregação racial.

Inaugurado no ano de 1937, o Cine Theatro Uberlândia conquistou o título de cinema mais moderno da cidade com a sua ampla sala de exibição com dois andares e um espaço de 1800 metro quadrados. A questão micro está em entender esses dois andares. A primeira exigência de ingresso estava nos trajes que definiam o local em que as pessoas podiam sentar. Terno e gravata: parte de baixo; sem gravata: parte superior no fundo do cinema. José Rodrigues narra como era esse sistema de separação:

> A separação era assim ó, os caras que tinham terno entravam embaixo, as poltronas de baixo, agora quem não tinha subia pra riba. Era bem em cima que tinha a galeria assim ó. Era separado mesmo sô, mas se a pessoa tivesse terno, ela entrava lá embaixo. Agora quem chegava de camisa subia lá pra riba. ENTREVISTA, José RODRIGUES, 2012)

Essa simples divisão, com e sem gravata, nas lembranças do jornalista Alberto Oliveira era também uma divisão entre brancos e negros.

> O cinema que eu mais frequentava era o Cine Uberlândia. O Cine Uberlândia era preferido pela sociedade, a alta sociedade. Mas lá tinha também, eu não lembro bem o nome, não sei se é 'frise'. Tinha o salão embaixo e tinha as frisas em volta, aonde podia sentar também de duas

> cadeiras ao lado e tinha também 'balcão' que eles falavam que era chamado 'poleiro' ou 'galinheiro' que o povo tratava. Ali era o lugar determinado pelo dono do cinema pras pessoas que não usassem gravata e para os negros, os negros ficavam no 'poleiro' entendeu? (ENTREVISTA, Alberto OLIVEIRA, 2012)

Mestre Bolinho fazia parte dos frequentadores do 'poleiro' e relembra os olhares preconceituosos, já que havia fila e preços distintos para a parte superior.

> Eles ficavam é medindo a gente de baixo a cima. Cochichava entre eles lá né, e a gente humildemente caladinho, ficava ali pra entrar no cinema. Uberlândia era uma cidade de muito, preconceituosa demais, demais. Os clubes aqui não entravam negro nem pra trabalhar, nem pra trabalhar eles não chamavam o negro. O negro passava na porta e eles ficavam olhando. Se você ameaçava, quando a gente era criança e se a gente ameaçava entrar eles já 'opa, opa, pra lá, vem pra cá não, é pra lá'. Então a gente levava tudo na brincadeira né? (ENTREVISTA, João RODRIGUES, 2012).

Considerações Finais

O testemunho dos homens e mulheres da pesquisa Memória do Cinema exige afirmar teoricamente a dimensão histórica e complexa da realidade. Recusa-se aqui o culturalismo e traz para o embate contemporâneo a afirmativa de que a cultura está associada diretamente ao estado de tensão e conflito nas relações de poder em consonância com o econômico. Há, num primeiro momento, o distanciamento de entender como o ato de ir ao cinema como mero comportamento de um indivíduo fragmentado cujo máximo de status é ser expectador de conteúdo exibido no cinema. Os relatos da pesquisa permitem identificar como o cinema se apresenta como tempo e espaço da micro relação do conflito social defrontado no plano macro.

O ato de ir ao cinema significa também como o ato de se afirmar pela identidade. O ir e vir de negros e brancos, seja pelo lado direito da calçada, seja pelo esquerdo, é um elemento definidor do valor de tempo e espaço do sujeito que caminha para o cinema. O preço de ingressos diferenciados, o ser barrado por estar sem gravata, o bilhete mais barato para fazer parte do poleiro. E longe de ser pacato, o dilema de quem não tinha dinheiro para pagar ingresso mais caro era subvertido pela ação quando estava no poleiro. O primeiro ato subversivo era romper com o silêncio na estética da recepção. As relações de poder instituídas no ingresso ao cinema não abrem brechas para dúvidas sobre o lugar a ser ocupado por cada classe social, pela renda escrita no poder econômico ou mesmo raça. Desde o passeio público pela calçada até com quem se divide a sensibilidade sobre o filme: o sujeito que entra no cinema é um negro ou uma negra, pobre ou rico, homem ou mulher, condição que não se permite esquecer sobre a condição social.

A narrativa da história na pesquisa Memória do Cinema permitiu verificar como essa construção de identidade altera a concepção do sujeito no presente sobre o passado. Há os dilemas que são reforçados pelos sujeitos para revelar como, por exemplo, o trabalho de operador de máquinas era uma atividade complexa e não valorizada. Ou como a identificação da diferença ao outro permite repensar a realidade. Na luta pelo passado, os testemunhos têm o objetivo de mostrar que o progresso não caminhava em harmonia naqueles anos. E os compromissos revelados pelos entrevistados ao final de cada entrevista, revelam que o presente ainda exige empenho desses homens e mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. V. 1 Trad. Sergio Paulo Roaunet. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória:** Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São

Paulo: Martins Fontes, 1990.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade:** lembrança dos velhos. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CALDAS, Graça. Mídia e Memória: a construção coletiva da história e o papel do jornalista como historiador do cotidiano. In: BEZZON, Lara Andréa Crivelaro. **Comunicação, política e sociedade**. Campinas (SP): Editora Alínea, 2005.

CASTRO, Kellen Cristina Marçal de. **Cinema [manuscrito]: mudanças de hábito e sociabilidade no espaço urbano de Uberlândia - 1980 a 2000**. Dissertação em História. Universidade Federal De Uberlândia, 2008.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

GARCIA, Renisia Cristina. **100 anos de cinema- O aspecto Social da arte cinematográfica em Uberlândia.** Uberlândia: Arquivo Público Municipal e Secretária Municipal de Cultura, 1995.

GERBASE, Carlos. **Impacto das tecnologias digitais na narrativa cinematográfica.** Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunbais, 1990.

HALL, Stuart**. Da Diáspora:** Identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardiã Resende ...(et al). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____ **. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu Silva e Guaracira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Pistas para entre-ver médios y mediaciones. **Médios, mediaciones y tecnologías,** N. 41, v. 21, Julio-diciembre 2002.

_____ . **Dos Meios às Mediações***:* comunicação, cultura e hegemonia. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

PINTO, Luziano Macedo. Situações de cinema [manuscrito] : tramas e imagens de

sociabilidade - Uberlândia 30 a 50. Dissertação em Artes. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2001.

POLLAK, Michel. **Memória e Identidade Social.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p.200-215

_____. **Memória, Esquecimento e Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p.3-15

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Orais: do indizível ao dizível. In: SIMSON, Olga de Moraes Von (Org.) **Experimentos com histórias de vida.** São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988, p. 14-43.

ROAUNET, Sérgio Paulo. **Mal-Estar na Modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
SILVA, Antônio Pereira da. **As histórias de Uberlândia:** volume 3. Uberlândia, 2003.
WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. Trad. André Glasser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
VASCONCELOS, Maria Helena F**. Dias de Violência**. O quebra de Janeiro de 59 em Uberlândia. Tese de Mestrado, 1993. (Mimeo)

MCLAREN CONTA A SUA HISTÓRIA NA FÓRMULA 1: REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DO AUTOMOBILISMO EM *TOONED 50*

Rafael Duarte Oliveira Venancio[3]
Universidade Federal de Uberlândia

Resumo

O presente texto pretende analisar o modo pelo qual a escuderia McLaren de Fórmula 1 contou sua história de cinqüenta anos na categoria através de um desenho animado postado no YouTube intitulado *Tooned 50*. A ideia aqui apresentada é que essa forma pouco usual de contar a sua própria história, inclusive modificando a *mise en scène* para que a narrativa se adapte aos interesses atuais da equipe, apresentam um discurso sobre a McLaren e sobre a Fórmula 1 que emergem de uma construção clara de *ethos* discursivo associada a uma cenografia enunciativa com valorização de sua topografia e sua cronografia.

Palavras-chave: Automobilismo, Análise do Discurso, Ethos, Desenho Animado, Biografia

1. O ronco dos motores

Antes de existir a Fórmula Um, existia o *Grand Prix*. E quando nasce o *Grand Prix*, ele já nasce velho. Afinal, o primeiro *Grand Prix* a ganhar tal nome foi o francês, de 1906, realizado em Le Mans que teve o curioso nome oficial de Nono *Grand Prix* do *Automobile Club de France*.

Isso acontece que os jornais franceses e o próprio ACF quiseram inventar uma tradição, "um ficção saída simplesmente do desejo infantil de estabelecer o *Grand Prix* deles como a corrida mais antiga do mundo" (HODGES, 1967, p. 3). Assim, o primeiro "*Grand Prix*" se torna a corrida Paris-Bordeaux-Paris de 1895, que de fato foi uma pioneira, porém difícil demarcar enquanto primeira, corrida de carros à moda do *Grand Prix.*

Só que o automobilismo não era feito apenas por corredores e mecânicos. Havia também outras funções apaixonadas pela tecnicidade que o esporte envolvia. Eis aqui o começo da Comunicação Esportiva e seu principal braço: o Jornalismo Esportivo. Dessa forma,

> Antes de tudo, o Jornalismo Esportivo é um jornalismo técnico. De números, de fatos, de jogo e de dinâmicas próprias. Possui suas interfaces com a História, com a Sociologia e com a Economia, mas sua atividade-fim é relatar o jogo, opinar de acordo com os parâmetros postos e entrar na lógica de interesse público que o esporte demanda (VENANCIO, 2014, p.2).

Enquanto jornalismo técnico, o Jornalismo Esportivo também é promotor do esporte. Isso fica claro no começo da história do *Grand Prix*. Muito mais do que noticiar, pode até dizer que o Jornalismo Esportivo "criou" o automobilismo enquanto esporte:

---

[3] Doutor em Meios e Processos Audiovisuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e Professor do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia

> Em abril de 1887, apenas dois anos depois de Gottlieb Daimler e Karl Benz mostrarem os seus veículos automóveis na Alemanha, e quatro anos antes de Benz iniciar com 50 operários a fabricação de carros para venda a públio, o jornal *Le Velocipède* promoveu uma "corrida" pelas ruas de Paris numa forma de publicitar as novas máquinas (SANTOS, 2003, p. 13).

O *Le Vélocipède* era um dos jornais esportivos franceses na tradição do *Le Vélocipède ilustre*, fundado por aquele que é considerado o primeiro jornalista esportivo da França, Richard Lesclide. Esses jornais misturavam o esporte com a política de seu pai, sendo todos engajados no caso Dreyfus.

A saída patriótica liderada por Victor Hugo fez jornais tais como o *Le Vélo*, curiosamente feito por ex-funcionários do *Le Petit Journal*, fecharem por antissemitismo. Com isso, abriu espaço para o crescimento do *L'Auto*, que além de fomentar o automobilismo, criou a prova de ciclismo mais famosa do mundo: *Tour de France*. Desse universo primeiro francês, o *L'Auto* foi o único que sobreviveu sob o nome do atual *L'Equipe*.

Essa tradição de jornais promotores de eventos automobilísticos saiu da França para invadir a Europa. Enquanto na Inglaterra e nos Estados Unidos, isso ficava a cargo de jornais gerais, tal como o *Daily Mail* e o *Chicago Times-Herald*, na Itália que, em pouco tempo, se tornaria o centro dos *Grand Prix*, a tradição de fomento, tanto nas corridas de carro como de bicicletas, ficou nos jornais esportivos. Desses, o maior destaque vai para o *La Gazzetta dello Sport*, o jornal esportivo mais antigo em funcionamento na atualidade.

Os jornais esportivos transformavam o automobilismo, antes de tudo, em uma atividade cultural. Os pilotos, os mecânicos, os garagistas não eram apenas esportistas, mas sim pessoas notórias, com histórias dignas de serem contadas. Surge assim a difusão de biografias desses indivíduos.

Uma coleção das biografias desses indivíduos pode contar a história de uma equipe. E essa é a estratégia de *Tooned 50*, uma série de desenhos animados veiculados no YouTube para comemorar os 50 anos da escuderia de Fórmula 1, a McLaren.

A ideia aqui apresentada é que essa forma pouco usual de contar a sua própria história – utilizando um desenho animado – inclusive, modificando a *mise en scène* para que a narrativa se adapte aos interesses atuais da equipe, apresentam um discurso sobre a McLaren e sobre a Fórmula 1 que emergem de uma construção clara de *ethos* discursivo associada a uma cenografia enunciativa com valorização de sua topografia e sua cronografia.

Para isso, faremos uma revisão bibliográfica desses termos da Análise do Discurso de linha francesa. Depois, descreveremos narrativamente, com considerações analíticas, os capítulos de *Tooned 50* e procederemos para as considerações finais mostrando a associação entre *ethos* e cenografia.

2. Montando o grid de largada: Do *Ethos* da Retórica à cena discursiva da enunciação

Definir o que é Retórica com olhos contemporâneos é uma tarefa complicada. O ensino da Retórica, após as reformulações na Idade Média, ficou restrito ao campo das

chamadas Artes Liberais, das quais a Retórica é uma das componentes da metade "linguística" delas: o *Trivium*.

O *Trivium* é formado por três disciplinas: Retórica, Gramática e Lógica (ou Dialética). Segundo Joseph (2008, p. 27), a Retórica é a arte da Comunicação pois, no *Trivium*, "a lógica trata da coisa-tal-como-ela-é-conhecida. A gramática trata da coisa-tal-como-ela-é-simbolizada. A retórica trata da coisa-tal-como-ela-é-comunicada".

Das três, a Retórica é a arte mestra do *Trivium*, já que nessa tradição ela acaba por englobar as duas componentes. Ela também é a mais flexível de todas, pois a "adaptação da linguagem às circunstâncias, que é a função mesma da retórica, requer a escolha de um certo estilo e dicção própria quando alguém fala a adultos, de um outro estilo ao apresentar ideias científicas ao público em geral e de um outro ainda quando essas ideias são apresentadas a um grupo de cientistas" (JOSEPH, 2008, p. 29).

O exemplo mais clássico desse funcionamento seguindo o raciocínio do *Trivium* é o caso dos chamados *níveis de discurso*. Assim, tomando como exemplo o animal cavalo, podemos utilizar diversas palavras para se adequar à situação de nossa audiência ou narrativa. Temos assim a possibilidade de referenciação em um nível de discurso *letrado* ou *literário* (corcel), *comum* (cavalo), *regionalista* (pangaré), *técnico* (*Equus caballus*) e, em algumas línguas, até mesmo o *iletrado* (como o termo *hoss*, em inglês, corruptela de *horse*).

Na tradição clássica da Retórica, ela é dividida em cinco partes: invenção (εὕρεσις, *inventio*), disposição (τάξις, *dispositio*), estilo (λέξις, *elocutio*), memória (μνήμη, *memoria*) e emissão (ὑπόκρισις, *actio*). A primeira parte, a invenção, é considerada a categoria mais importante e está preocupada com o assunto em si e a sua elaboração em oração.

A segunda parte, a disposição, se concentra na estruturação da argumentação, dividindo-a em partes básicas. "As divisões básicas de uma oração reconhecida pelos manuais de retórica se aplicam melhor à oratória judicial. Essas são: (1) prólogo ou introdução (*exordium*); (2) narração (*narratio*), a exposição do *background* e detalhes factuais; (3) prova (*probatio*); e (4) epílogo ou conclusão (*peroratio*)" (KENNEDY, 1963, p. 11).

O estilo, por sua vez, está preocupado com quatro virtudes: correção (gramatical), clareza (sintática), ornamentação e propriedade. Já a quarta parte, memória, está na relação de remissões enre palavras ou atos utilizados durante a oração com um *background* comum ao público. Já a emissão, por sua vez, regula a parte perfomativa da ação oratória (voz, postura, etc.).

Dentro da categoria retórica da invenção – que, junto com a disposição, mais nos interessará na busca por uma caracterização da Retórica como construtora do *locus* da Comunicação Social –, encontramos tanto a investigação do objeto a ser tratado como a questão das provas.

Na *Retórica*, "depois de uma discussão inicial sobre a natureza da retórica, Aristóteles a define como a faculdade de descobrir os meios de persuasão em cada assunto. Ele, então, começa a distinguir dois tipos de provas: artificial e inartificial ou artística e não-artística" (KENNEDY, 1963, p. 88). Enquanto as provas inartificiais/não-artísticas, são aquelas que existem fora do universo do texto – algo que poderíamos chamar de "fatos" –, as

provas artificiais/artísticas são "as provas fornecidas pelo discurso [e] se distinguem em três espécies: umas residem no caráter moral do orador, outras, nas disposições que se criaram no ouvinte; outras, no próprio discurso, pelo que ele demonstra ou parece demonstrar" (ARISTÓTELES, 2005a, p. 33). Elas recebem, receptivamente os nomes de *ethos*, *pathos* e *logos*.

Os fatos formam o que é conhecido como *stasis*. O mais famoso método em retórica para defini-lo é o de Cícero, cujo "o equivalente moderno desse conciso método é o do *lead* do jornalista" (LANHAM, 1991, p. 93). No entanto, para Aristóteles, "as provas factuais estão fora da retórica e uma questão sobre os fatos do caso não faz parte da invenção" (LANHAM, 1991, p. 92). Assim, a investigação de um objeto, baseado em metodologia retórica, está na análise dos argumentos, originados pelo *ethos*, pelo *pathos* e pelo *logos*.

As três categorias denotam uma relação de produção textual – seja do texto escrito ou do discurso falado – que relaciona o produtor do texto ao seu público. Podemos dizer, à luz dos estudos atuais, que o *logos* trabalha com a dimensão dos vários discursos nos quais tanto o autor como a audiência estão envolvidos.

O campo do *logos* é o campo dos entimemas. Entimema é uma espécie de silogismo. Para entendê-lo melhor, precisamos compreender a natureza do silogismo, "que é a forma do raciocínio por excelência. É a relação de formas proposicionais" (JOSEPH, 2008, p. 160).

Os silogismos funcionam na busca da validez ou da invalidez (falácia, fundada em algum processo ilícito de algum dos termos) e, dentro de um processo dialético, seriam a fonte da busca do conhecimento. O entimema, por sua vez, estaria apenas na Retórica e acontece quando as premissas são somente *provavelmente* verdadeiras, principalmente aquela que é a omitida.

Assim encontramos um entimema que é válido, mas não necessariamente verdadeiro. No entanto, por ser tão válido quanto um silogismo (baseado em verdades), possui um poder persuasivo análogo ao da verdade material. Dialética e Retórica, tal como duas disciplinas irmãs em briga para serem o procedimento de busca pela verdade, desenham quadros de validez ou invalidez, tal como aquele que descrevemos a seguir:

Premissas / Procedimentos	Lógicos	Ilógicos
Verdadeiras	Silogismo Válido (Processo Dialético)	Falácia Silogística (Erro, de fácil resolução)
Provavelmente verdadeira	Entimema Válido (Persuasão Retórica)	Falácia Entimêmica (Engano Retórico)

Os greco-romanos posteriores a Aristóteles é que realmente consolidam a distinção de que o entimema está apenas na Comunicação Social e o silogismo enquanto parte do processo científico como um todo, ampliam suas fronteiras para além da Dialética. No entanto, a própria Retórica é libertada também da primazia do *logos* enquanto prova artificial que caracteriza a arte retórica.

A própria prática dos dez oradores, tal como a *ethopoiia* de Lísias, já comprovava isso antes mesmo da *Retórica* aristotélica. É a indicação de que as "provas fornecidas pelo discurso" que poderão formar, em sua lógica própria, algo tal como os entimemas conforme a

possibilidade aberta pelos *Analíticos Anteriores*, quando Aristóteles (2005b, p. 249) considera ser possível que um signo de uma paixão faça parte de um entimema.

Isso será plenamente teorizado por Averróis no século XII que relata claramente que "os chamados artificiais, por eles mesmos, podem ser utilizados como entimemas; por exemplo, o orador pode apresentar um argumento para convencer sua audiência a se tornar furiosa" (BLAUSTEIN, 1992, p. 289-290; cf. AVERROES, 1977a, p. 73).

Dessa forma, podemos ver claramente o funcionamento do *pathos* e do *ethos* dentro do próprio discurso-oração-texto, sem precisar do âmbito da performance. O *pathos*, como já foi colocado, define as técnicas de provocar – Aristóteles (2005, p. 97) utilizaria o termo "inspirar" – paixões na audiência, tal como o sensacionalismo dos antigos jornais populares. Por sua vez, o *ethos* é a construção do caráter do autor pelo autor para a audiência.

Averróis, no campo da Retórica Clássica, representa a legitimação plena dela enquanto "arte do discurso público", principalmente no seu *Pequeno Comentário à 'Retórica' de Aristóteles*. Esse tratado, o primeiro de dois sobre a *Retórica*, mostra "como a retórica é mais adequada para o discurso público que a dialética. A razão básica disso é aludida no *Pequeno Comentário aos 'Tópicos' de Aristóteles*: retórica permite que o orador discorra sobre assuntos difíceis e até enganosos sem desconsiderá-los, sendo que essas práticas jamais seriam aceitas no argumento dialético" (BUTTERWORTH, 1977, p. 29).

No entanto, se o *ethos* e o *pathos* se colocam como revitalização da retórica e enquanto sua característica mais pura dentro do ato comunicativo, a falta de teorização acerca deles – principalmente dentro do âmbito da *inventio*, sendo mais relegados à *elocutio* e à *actio* – na Retórica Clássica abriu oportunidade para que outros campos da Ciências da Linguagem abordassem esse campo

A Análise do Discurso francesa retoma a noção retórica de *ethos*. Entramos aqui ao que Barthes afirmava ser a referência "ao que o público crê que os outros têm em mente", ou seja, o *ethos* (BARTHES, 1970, p. 211). O e*thos* é uma das três categorias – as outras sendo o *logos* e o *pathos* – que a Aristóteles utilizou para dividir os meios discursivos para influenciar um público-alvo. "Entretanto se o *pathos* é voltado para o auditório, o *ethos* é voltado para o orador. Enquanto *tekhnê,* ele é o que permite ao orador parecer 'digno de fé', mostrar-se fidedigno" (CHARAUDEAU, 2006, p. 113).

Conforme afirma Ruth Amossy (2005, p. 125), entrando em consonância com Dominique Maingueneau, há um *ethos* prévio do autor antes da enunciação. "No momento em que toma a palavra, o orador faz uma ideia de seu auditório e da maneira pela qual será percebido; avalia o impacto sobre seu discurso atual e trabalha para confirmar sua imagem, para reelaborá-la ou transformá-la e produzir uma impressão conforme as exigências de seu projeto argumentativo" (AMOSSY, 2005, p. 125).

No entanto, não basta o *ethos* para a Análise do Discurso. Ora, dentro desse poderoso campo metodológico, podemos colocar a *enunciação* enquanto mecanismo mais poderoso de análise pragmática. Esse conceito não só serve para uma caracterização discursiva, mas também para verificar a ação lingüística de determinado sujeito.

Para Maingueneau (2006, p. 52-53), "a enunciação é classicamente definida, após

Benveniste, como 'a colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização'. Ela opõe-se, assim, ao enunciado como o ato distingui-se de seu produto." Com isso, nos colocamos diante de três afirmações:

- A enunciação não deve ser concebida como a apropriação, por um indivíduo, do sistema da língua: o sujeito só acede à enunciação através das limitações múltiplas dos gêneros de discurso.
- A enunciação não repousa sobre um único enunciador: a interação é preponderante. Como lembra Benveniste, "o 'monólogo' deve ser posto, apesar da aparência, como uma variedade do diálogo, estrutura fundamental".
- O indivíduo que fala não é necessariamente a instância que se encarrega da enunciação. Isso leva Ducrot a definir a enunciação, independentemente do autor da palavra, como "o acontecimento constituído pela aparição de um enunciado" (MAINGUENEAU, 2006, p. 53).

Assim, o que estamos analisando aqui é, exatamente, aquilo que Maingueneau descreve enquanto uma *cena da enunciação*, constituída por uma cenografia posta. Afinal, "a situação dentro da qual a obra se enuncia não é um contexto preestabelecido e fixo (...), pois deve ser validada pelo próprio enunciado que permite exibir. O que o texto diz pressupõe um cenário de palavra determinada que ele deve validar através de sua enunciação" (MAINGUENEAU, 1995, p. 122).

Eis aqui a cenografia, composta pela inscrição legitimante de um texto estabilizado. "Ela define as condições de enunciador e de co-enunciador, mas também o espaço (topografia) e o tempo (cronografia) a partir dos quais se desenvolve a enunciação" (MAINGUENEAU, 1995, p. 123).

1. Começa o Grande Prêmio: Tooned 50 e as múltiplas biografias da McLaren

Criada a partir de uma parceria entre a equipe McLaren de Fórmula 1 e o canal britânico SKY Sports F1, o *Tooned* é uma série de desenho animado veiculado na televisão e na Internet inteiramente produzida pela Frameworks, empresa de animação britânica. A ideia seria que a série poderia se caracterizar enquanto uma ação de *branding*, reforçando a marca entre os ingleses.

A primeira temporada de *Tooned*, de 12 episódios, estreou antes da transmissão do Grande Prêmio da Grã-Bretanha de 2012. Todos os episódios foram veiculados antes das corridas posteriores, encerrando no Grande Prêmio do Brasil daquele mesmo ano. O foco da série estava nas aventuras dos dois pilotos da McLaren, os ingleses Lewis Hamilton e Jenson Button (dublados pelos próprios pilotos), dentro do QG da McLaren na cidade de Woking. Em episódios com duração entre 3 e 4 minutos, os pilotos conviviam com o ficcional – e estereotipado em uma mistura do personagem Q dos filmes de James Bond com Steve Jobs – Chefe de Engenharia, o Professor M, dublado pelo ator cômico Alexander Armstrong.

A ideia seria mostrar um cotidiano de uma equipe de Fórmula 1 fora das pistas, de maneira cartunesca e leve. Com uma estética computacional 3D, a série de animação aliava um vislumbre realista (fisionomias dos pilotos e dos carros, vozes dos pilotos) com *settings* surreais. Essa fórmula fez a série se tornar uma atração de sucesso com retorno garantido para

2013.

No meio de 2012, a notícia de que Lewis Hamilton estava de saída para a equipe alemã Mercedes, com o auxílio de um ex-piloto McLaren Niki Lauda, faz o personagem de Lewis ganhar menos espaço nos últimos episódios de 2012 para que, em um *setting* surreal em uma homenagem às regenerações do também inglês *Doctor Who*, finalmente sumisse e desse lugar ao novo piloto da equipe inglesa: o mexicano Sergio Perez.

Em 2013, a segunda temporada de *Tooned* foi posta enquanto uma temporada especial em comemorações aos 50 anos da McLaren, sendo conhecida como *Tooned 50*. Ao invés de um cotidiano, típico das séries, os oito episódios contavam a história de uma única noite: a festa dos 50 anos da McLaren F1 comandados pelo Professor M, auxiliado por Jenson e Sergio. A eles, se soma um mecânico idoso misterioso, denominado oficialmente como Mecânico sem Nome, dublado pelo ator escocês Brian Cox.

No começo do primeiro episódio, o Professor M avisa que deseja contar a história vitoriosa da McLaren, fato esse alcançado desde os primeiros dias de equipe. Nesse momento, o Mecânico sem Nome interrompe dizendo que tal situação é uma bobagem e que ele era o único que podia contar a "Real História da McLaren F1". Após o Professor M perguntar suas credenciais, o idoso responde com um enfático "Eu estava lá".

Nesse momento, o fio narrativo é tomado pelo Mecânico sem Nome, contando a história da equipe através de seus maiores pilotos: o fundador Bruce McLaren (episódio 2), o primeiro campeão, o brasileiro Emerson Fittipaldi (episódio 3), o inglês James Hunt (episódio 4), o francês Alain Prost (episódio 5), o brasileiro Ayrton Senna (episódio 6) e o finlandês Mika Hakkinen (episódio 7). O último episódio demonstra o encerramento narrativo da festa dos 50 anos da McLaren F1.

A ideia seria que a festa representasse as grandes conquistas da McLaren, começando pelo seu fundador e passando pelos pilotos campeões mundiais de Fórmula 1. Com isso, a bem conhecida história da McLaren F1 começa a ser urdida, mesmo tendo preocupações estéticas de cunho realista e de busca por verossimilhança, por pontos diferentes dos tradicionais, usando reelaborações surreais e, até mesmo, omissões que colocam em risco a lembrança de feitos e fatos importantes da equipe na principal categoria do automobilismo mundial. Tal movimento é possível observar em uma análise detida episódio a episódio.

O neozelandês Bruce McLaren é a primeira grande figura a ser representada em *Tooned 50*. Somos transportados para um mundo colorido de sépia, demarcado como a cidade de Remuera, Nova Zelândia, onde um jovem Bruce com um automóvel Austin 7 Ulster treina sua capacidade de reinventá-lo enquanto carro de corrida em um barranco. Isso se caracteriza enquanto uma representação de *setting* fidedigno, pois era o que o jovem Bruce McLaren fazia aos seus 15 anos em 1952.

No entanto, o caráter cômico das investidas de Bruce, semelhantes aos planos mal-sucedidos do Coiote da Warner Bros atrás do seu nêmese Papa-Léguas, mais a presença do Mecânico sem Nome e de um pássaro kiwi, chamado Russell, adicionam o caráter cartunesco da linguagem de desenho animado. A meta do Bruce no desenho animado seria quebrar a marca de velocidade das 100 milhas por hora, algo que para o Mecânico sem Nome seria algo tão fácil quanto o rotundo pássaro neozelandês voar.

No fim do episódio, Bruce consegue fazer o seu Austin 7 Ulster quebrar as 100 mph ao transformá-lo em algo semelhante a um carro fórmula ao, segundo o Mecânico, "ousar em sua aerodinâmica". E, no final, junto com o kiwi voador vemos não só o menino Bruce correndo, mas também o adulto Bruce correndo em um F1 laranja sob a narração que ele, por 40 anos, foi o piloto mais jovem a vencer um grande prêmio de Fórmula 1.

Ao tecer essa história, a McLaren, que atualmente está em sua quarta administração, acaba por amalgamar as diversas categorias em que a McLaren esteve e se desenvolveu nas duas primeiras administrações: a de Bruce McLaren e a de Teddy Mayer.

Primeiramente, não foi como desenvolvedor de carros que Bruce McLaren entrou na Fórmula 1, tal como o desenho animado induz a nossa compreensão, mas sim como piloto, indicado por Jack Brabham e pelo órgão neozelandês de automobilismo, da britânica Cooper-Climax. Ele ganha sua primeira corrida de F1, aquela que garantiria seu recorde, em sua segunda temporada no GP dos Estados Unidos de 1960, correndo com o carro azul marinho da Cooper e não pelo carro laranja da McLaren.

Seria apenas em 1963 que a McLaren seria fundada e em 1966 apenas que correria na Fórmula 1. Inclusive, entre 1963 e 1965, Bruce continuaria na Cooper. Além disso, ironicamente, na Fórmula 1, Bruce McLaren foi mais vitorioso correndo pela Cooper-Climax, com 3 vitórias, 20 pódios e o vice-campeonato de 1960, do que pela sua própria companhia, com 1 vitória, 7 pódios e o terceiro lugar de 1969.

Além disso, o carro mostrado nas cenas finais como o carro de Bruce McLaren que inova em sua aerodinâmica, o McLaren M7A de número 1, não era dirigido por Bruce no campeonato de 1968, quando ele consegue sua única vitória em sua equipe, mas sim pelo também neozelandês Danny Hulme, campeão mundial pela Brabham em 1967, que tanto levou o número 1 para a equipe laranja como foi crucial para o vice-campeonato de construtores da equipe naquele ano.

As maiores vitórias da McLaren com Bruce no volante foram aquelas omitidas por *Tooned 50* na categoria *Libre* Grupo 7 da Can-Am. Após o terceiro lugar no campeonato de 1966, a McLaren domina a categoria, ponto mais alto de desenvolvimento de carros de corrida de sua época, entre 1967 e 1971 com dois campeonatos de Bruce (1967 e 1969), dois campeonatos de Hulme (1968 e 1970) e um campeonato do norte-americano Peter Revson (1971).

Aliás, será Peter Revson também um marco da McLaren omitido por *Tooned 50*. Em 1970, três dias antes da morte de Bruce McLaren em um treino para a Can-Am (fato também omitido em *Tooned 50*), Revson e Carl Williams, substituindo Hulme e o neozelandês Chris Amon (parceiro de Bruce na vitória das 24 Horas de Le Mans de 1966) que tiveram problemas nos treinos, correram a 500 milhas de Indianápolis pela McLaren a bordo do McLaren M15, sendo que Williams conseguiu terminar em 9º lugar.

Seria o começo de uma participação vitoriosa da McLaren nas 500 milhas, sob o comando do sócio de Bruce, Teddy Mayer. Em 1971, o pole Peter Revson ficou com o vice dirigindo o McLaren M16A. Em 1972, o norte-americano Mark Donohue ganha em um McLaren M16B da equipe de Roger Penske. Entre 1973 e 1976, com o norte-americano Johnny Rutherford, a McLaren consegue duas vitórias como equipe (1974 e 1976) e duas poles (1973 e 1976).

Além dessas omissões vitoriosas da McLaren, pulando para a história de Emerson Fittipaldi, *Tooned 50* começa a dar seus sinais de apagamento do caráter de disputa e competição que são protagonistas na trajetória da equipe. Isso começa com o próprio Bruce. Conhecido não só por ser um piloto ousado e experimental – traço esse mostrado no desenho animado de maneira cartunesca –, Bruce é lembrado pelo mundo do automobilismo como alguém altamente destemido.

Em 1965, em sua autobiografia *From the Cockpit*, Bruce se lembra da morte de Timmy Mayer, seu colega e irmão de seu sócio Teddy. No livro, o piloto neozelandês acaba por cunhar aquilo que seria, tanto um epitáfio virtual seu (YOUNG, 1971), bem como um "lema" não-oficial da atitude McLaren no automobilismo:

> A notícia que ele morreu instantaneamente foi um choque terrível para todos nós, mas quem pode dizer que ele não viu mais, fez mais e aprendeu mais em seus poucos anos de vida que muitas pessoas o fazem durante uma vida inteira? Fazer algo bem é fazer algo valer a pena, sendo que morrer fazendo isso melhor não será em vão. Seria um desperdício de vida fazer nada com a sua habilidade porque sinto que a vida é medida em conquistas e não apenas em anos (MCLAREN, 1965)

Tal lema é substituído, no episódio 8, por um simples "Não desista" gravado em um cronômetro de Bruce dentro do Austin 7 Ulster dos tempos de infância. Assim, toda a questão de sacrifício por conquistas, tal como o avanço em outras categorias de automobilismo para além da Fórmula 1, é apagado.

Assim, sem que nada que relatamos aqui tivesse acontecido, *Tooned 50* em seu episódio 3 começa a narrar o papel de Emerson Fittipaldi, o primeiro campeão mundial de Fórmula 1 pela McLaren. Também de maneira surreal e cartunesca, o desenho animado brinca com a questão de Fittipaldi ser conhecido como "Rato", dizendo que ele, na verdade, era uma "fera" – na verdade, um lobisomem – das corridas de Fórmula 1. O caráter surreal se reforça com a busca de realismo da produção audiovisual, seja na construção da *mise en scène*, mas também tendo o próprio Fittipaldi dublando o seu personagem. Inclusive, a cena dos boxes de Interlagos, onde somos apresentados a versão animada de Emerson, possui a precisão de colocar os pilotos nos devidos boxes: o número 5 para o brasileiro, o número 6 para o neozelandês Hulme (na McLaren, em sua única menção em *Tooned* 50 tal como mencionamos anteriormente), o número 4 para o francês Patrick Depailler (Tyrell), o número 16 para o norte-americano Revson (na Shadow, em sua única menção em *Tooned* 50 tal como mencionamos anteriormente), o número 14 para o piloto francês Jean-Pierre Beltoise (BRM), o número 9 para Hans-Joachim Stuck (March), o número 1 para o sueco Ronnie Peterson (Lotus), bem como ultrapassando um carro com piloto, número e características do vice-campeão de 1974, o suíço Clay Regazzoni, da Ferrari (mimetizando a ultrapassagem que garantiu o título para Emerson e a McLaren no GP dos Estados Unidos em Watkins Glen), bem como o carro negro da Shadow do francês Jean-Pierre Jarier.

No entanto, se a *mise en scène* possui tal nível de descrição, ela peca na construção do piloto. Aqui, o passado factual de Fittipaldi é apagado. Em 1974, quando o brasileiro se une a

McLaren, ele já tinha sido campeão mundial pela Lotus em 1972, bem como vice-campeão de 1973 pela equipe. Outro ponto apagado é o próprio mal-estar que Emerson provoca ao sair da McLaren para correr pela equipe de seu irmão, a Copersucar-Fittipaldi em 1976. Como consequência disso, a equipe precisa contratar James Hunt, personagem central do próximo episódio de *Tooned 50*.

No episódio 4, a *mise en scène* é construída de maneira a agregar a bem conhecida imagem de *bon vivant* de James Hunt a um ideário de James Bond, fazendo-o ser um *bon vivant* e um herói britânico, reforçando a imagem da McLaren enquanto equipe da Grã-Bretanha e não da Nova Zelândia, tal como era em sua fundação. Para isso, o *setting* precisa colocar algumas mudanças factuais tais como acrescentar um duplo-zero ao número 11 da McLaren M23 de Hunt, tornando-o agente 0011 de Sua Majestade, bem como colocá-lo em situações semelhantes aos filmes do agente 007.

Com isso, o GP de Mônaco de 1976, onde factualmente Hunt abandona por um problema do motor na volta de número 24, se torna uma aventura digna de ter sido escrita por Ian Fleming. Nessa aventura, há um vilão dirigindo um carro vermelho, com um capacete de mesma cor, denominado Loudfinger, claramente um *portmanteu* entre o austríaco Niki Lauda, piloto da Ferrari em 1976 e principal rival de Hunt, e Goldfinger, um dos mais célebres vilões de James Bond.

A menção de Niki Lauda enquanto vilão é fruto do momento atual vivido pela McLaren F1. Já que Lauda é um dos principais executivos da Mercedes F1 e o pivô da contratação de Lewis Hamilton, nada mais apropriado do que mostrá-lo enquanto vilão de cinema. Além disso, *Tooned 50* e do mesmo ano do filme *Rush* que retrata a temporada de 1976 da Fórmula 1, tornando a citação assim indispensável.

No entanto, *Tooned 50* acha dispensável mostrar que Niki Lauda, depois de 1976, iria se tornar piloto da McLaren e campeão mundial por ela em 1984. Lauda não só não foi retratado pelo desenho animado enquanto um *mclarenista* como, curiosamente, o episódio 5 é focado na temporada do título de Lauda, mas sob a ótica do segundo piloto da McLaren, o francês Alain Prost.

Prost, que ganharia três dos seus quatro títulos de Fórmula 1 pela McLaren, tinha acabado de ser contratado pela equipe em 1984, após o vice-campeonato pela Renault no ano anterior. Em 1984, Prost perderia o título para Lauda por meio ponto, fato mencionado no episódio, mas sem lembrar-se do austríaco e sem a menção de que o título não foi perdido pela McLaren, mas apenas por Prost. Inclusive, o carro mostrado como se fosse de "campeão" é o do vice-campeonato de Prost, o McLaren MP4/2 de número 7, enquanto o MP4/2 de número 8, de Lauda, ganhou o campeonato de F1.

No mundo diegético de *Tooned 50*, Prost perdeu o título por causa das vezes que teve que se retirar da corrida. São mencionadas três vezes: GP de Dallas (pneu), GP da Grã-Bretanha (câmbio) e GP da Itália (motor). Esses problemas, que aconteceram de fato, são atribuídos a um mau exercício da profissão de engenheiro de corrida do Professor M, criando um efeito cômico à perda do campeonato por Prost.

No entanto, Prost, além dessas três vezes, teve que se retirar mais duas: GP da Bélgica (distribuidor de combustível) e GP da Áustria (rodou em pista). Com essas cinco provas não completadas, Prost se retirou uma vez a menos que Lauda (Brasil, Bélgica, San Marino, Mônaco, Detroit e Dallas). Com isso, Prost não perdeu o título porque teve tais problemas de corrida, mas sim por causa do polêmico GP de Mônaco.

Nessa corrida, debaixo de forte chuva, os pontos valeram apenas metade. A prova foi interrompida, oficialmente, na volta 31 quando Prost estava na liderança e o brasileiro Ayrton Senna, da Toleman, estava em segundo. No entanto, a corrida teve uma 32ª volta e, nela, Senna ultrapassa Prost. O suposto erro de comunicação entre o chefe da prova, Jacky Ickx, com o controle de pista foi levado como exercício da má fé, para evitar que Prost perdesse a corrida, já que Ickx também era funcionário da Porsche, fabricante do motor TAG usado na McLaren. Além disso, há suspeitas da intromissão do presidente da FISA, Jean-Marie Balestre, considerado um padrinho de Prost.

Com a prova interrompida antes de 75% da sua totalidade de voltas, metade da pontuação normal foi dada. Com isso, ao invés dos nove pontos pela vitória, Prost levou apenas 4,5. Caso a corrida não fosse interrompida, já que a chuva estava diminuindo, e Prost tivesse ficado na segunda posição atrás de Senna, ele teria recebido seis pontos, o suficiente para ganhar o título de campeão de Fórmula 1 de 1984.

1984 também é considerado o início da rivalidade entre Prost e Senna, que seriam parceiros na McLaren entre 1988 e 1989, com cada um ganhando um título de campeão de Fórmula 1. Senna, dessa maneira, é o foco do episódio 6 de *Tooned 50*, mas toda essa rivalidade, com direito a Prost provocar um acidente com Senna no penúltimo GP de 1989 (Suzuka, Japão) para garantir o título, é modificada no desenho animado.

Senna é retratado tendo uma inimizade com o Professor M que, no episódio anterior, tinha uma amizade íntima com Prost (até o francês saber das más escolhas dele). A inimizade entre os dois não seria por causa de Prost, mas sim pelo jeito metódico do Professor M que atrapalhava o jeito virtuoso e poético de Senna.

O episódio de Senna, até mais do que os demais, é o mais desconectado dos fatos atuais. Aliás, assim como fora com Fittipaldi, Hunt e Prost, nada foi dito sobre Senna, nem antes e nem o depois. Com isso, o episódio 7, sobre o finlandês Mika Häkkinen, acaba encontrando uma desconexão histórica e visual. Acostumados com os carros vermelho e branco de todos os pilotos, graças ao patrocínio da Marlboro, somos apresentados a um carro prata.

Com Häkkinen, a história retorna o surrealismo usado com Fittipaldi e soma a estratégia de vincular com uma figura da indústria do entretenimento tal como foi a questão Hunt-Bond. Assim, Mika ganha a mesma história do Super-Homem. Mesmo com o surrealismo, *Tooned 50* tenta dar um *setting* realista, tal como a presença do segundo carro da McLaren com o capacete do escocês David Coulthard, o mais lembrado parceiro de Häkkinen na McLaren entre 1996 e 2001.

No entanto, o surreal se torna justificativa para as questões que não querem ser ditas. Por exemplo, a cor prata da equipe, ao invés de mostrar sua vinculação na época com a Mercedes que é sua atual rival, seria por escolha do próprio Mika enquanto característica de seus super-poderes. Bem como a aposentadoria precoce do finlandês, causada por uma temporada com muitos acidentes em 2001, é justificada como um retorno ao seu planeta original, mas compensada pela vinda de outro super-homem, identificado apenas pelo nome de Kimi. No caso, estamos falando de Kimi Raikonnen, cujo característico símbolo de tridente é mostrado no macacão do piloto misterioso alienígena, o único não-campeão com a McLaren, em qualquer categoria, a ser representado em *Tooned 50* (foi campeão pela Ferrari em 2007).

No episódio 8, onde deveria ser apresentada a história do último campeão mundial de Fórmula 1 pela McLaren, o inglês Lewis Hamilton, somos apresentados a uma foto do personagem da primeira temporada de *Tooned* junto a uma McLaren MP4-23 destruída. Aqui não há história, há apenas uma menção ao sumiço de Hamilton no simulador apresentado no último episódio da primeira temporada do desenho animado. E o desenho animado é encerrado com uma carnavalização dos pilotos correndo entre si.

2. Rumo ao pódio

Em uma afirmação ousada, podemos nos inspirar em Maingueneau e dizer que as biografias de *Tooned 50* são uma associação clara de *ethos* mais cenografia, tal como qualquer biografia. Seja as ausências de pilotos campeões do mundo de Fórmula 1 pela McLaren tal como Niki Lauda e Lewis Hamilton, seja pela carnavalização típica do desenho animado na biografia dos demais que silencia brigas, tal como a saída de Emerson Fittipaldi que culmina na vinda de James Hunt e o embate entre Ayrton Senna e Alain Prost, *Tooned 50* descreve como a McLaren de agora quer ser vista e não como ela, de fato, foi.

A cenografia de um lado mais cômico da Fórmula 1 (ao contrário daquele posto pelo filme *Rush*, que descreve mais a *ação* do campeonato de F1 de 1976 vencido pela McLaren com James Hunt) se traduz em uma estratégia de memória onde o discurso é calcado pela diversão, pelo apelo ao fã e pelo informal característico das redes sociais, tal como o YouTube.

O *ethos* dos pilotos, misturando com super-heróis (Hunt, Hakkinen), mitos (Fittipaldi) ou gênios do automobilismo (Bruce McLaren, Senna, Prost), é uma estratégia inteligente de analogia. Busca mostrar o que os pilotos possuem e reforçar em uma imagem informal, mas socialmente compartilhada.

Com isso, *Tooned 50* mostra que é possível mostrar a História com o desenho animado. No entanto, tal como qualquer construção histórica é tributária mais das condições discursivas do momento da sua produção do que do momento do fato em si.

Referências bibliográficas

AMOSSY, R. "O *ethos* na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos". In: AMOSSY, R. (org). *Imagens de si no discurso.* São Paulo: Contexto, 2005. / ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005a. / ARISTÓTELES. *Analíticos Anteriores*. In: *Órganon.* Bauru: Edipro, 2005b. / ARISTÓTELES. *Tópicos*. In: *Órganon.* Bauru: Edipro, 2005c. / AVERROES. "Short Commentary on Aristotle's 'Rhetoric'". In. *Three Shorts Commentaries on Aristotle's "Topics", "Rhetoric", and "Poetics"*. Albany: SUNY, 1977. / BARTHES, Roland. "L'ancienne Rhétorique". *Communications*. nº 16, Paris: Seuil, 1970. / BLAUSTEIN, M. "The Scope and Methods of Rhetoric in Averroes' *Middle Commentary on Aristotle's Rhetoric*". In: BUTTERWORTH, C. E. *The Political Aspects of Islamic Philosophy*. Cambridge: CMES, 1992. / BUTTERWORTH, C. E. "The teaching of the text'". In. AVERROES. *Three Shorts Commentaries on Aristotle's "Topics", "Rhetoric", and "Poetics"*. Albany: SUNY, 1977. / CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2006. / HODGES, D. *The French Grand Prix*. London: Temple Press, 1967. / JOSEPH, I. M. *O Trivium*. São Paulo: É, 2008. / KENNEDY, G. *The art of persuasion in Greece*. Princeton: PUP, 1963. / LANHAM, R. A. *A Handlist of Rhetorical Terms*. Berkeley: UCP, 1990. / MAINGUENEAU, D. *O contexto da obra literária.* São Paulo: Martins Fontes, 1995. / MAINGUENEAU, D. *Termos-chave da Análise do Discurso.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006. / MCLAREN, B. *From the cockpit.* London: F. Muller, 1964. / SANTOS, Francisco (ed.) *Grand Prix*. Lisboa: Público, 2003. / VENANCIO, R. D. O. "Jornalismo Esportivo: Nós somos diferentes". *Observatório da Imprensa*. Edição 788. Campinas: OI, 04/03/2014. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed788_nos_somos_diferentes. Acesso em 07/10/2014. / YOUNG, E. *McLaren!*. London: Parkhurst, 1971.

PODER, HISTÓRIA E IDEOLOGIA NOS TEMPOS DA DITADURA: OS DISCURSOS EM VEJA E PASQUIM

Emílio de Sá Vieira[5]
Marcelo Marques Araújo[6]

Resumo: O trabalho analisa e compara os posicionamentos da revista Veja e do jornal O Pasquim sobre a repressão e o crescimento econômico no período do Ato Institucional-5 e do "milagre econômico" da Ditadura Militar. Utilizando parte dos conceitos da Análise Crítica do Discurso e verificando a presença da objetividade jornalística e do silenciamento, a pesquisa busca compreender as posições destes veículos sobre o regime.

Palavras-Chave: Ditadura. Imprensa. Veja. Pasquim. Crescimento econômico. Repressão.

INTRODUÇÃO

Um dos períodos mais fortes, obscuros e controversos da história brasileira foi a ditadura militar brasileira iniciada em 1964. No ano de 2014, fizeram 50 anos do golpe e muito ainda se discute sobre esse marco, historicamente recente, na trajetória do país. Apesar desta fase política ter trazido mortes, torturas, perseguição e censura, ainda é vista com simpatia por uma parcela da população.

Um ponto de extrema importância que é discutido sobre o assunto é o papel e a posição da imprensa brasileira em relação aos militares. A imprensa e os meios de comunicação têm um papel relevante em períodos como esse e podem influenciar e legitimar cenários políticos, dependendo do contexto. Muito se questiona sobre qual foi a parcela da mídia na construção e sustentação do período. Jornais como O Globo e o Jornal Nacional reconheceram em editoriais históricos que apoiaram o golpe militar, porém explicando o que seriam alguns dos motivos para tal posicionamento.

A questão é que normalmente as pessoas já tem sua visão pré-concebida sobre o período e sobre a ação da imprensa no período. E isso prejudica em partes o entendimento, a pesquisa e uma melhor revisão histórica do que aconteceu. Entender os fatos, o contexto e o posicionamento dos veículos traz uma leitura e uma compreensão importante da época, fortalecendo e embasando a construção de uma memória mais clara que temos do regime militar.

É isso que esta pesquisa tenta trazer de forma introdutória. A partir de uma revisão bibliográfica do assunto e da definição de conceitos importantes para o entendimento, busca-se refletir sobre os posicionamentos midiáticos da época. E para avaliar mais claramente a questão midiática e dos discursos da época, são apresentados textos de Veja e do Pasquim para ilustrar e analisar o real comportamento de ambos neste recorte. Veja, como uma das principais revistas da época e a maior atualmente, e o Pasquim, como um dos jornais alternativos de maior destaque e relevância do período.

---

[5] Graduado em Comunicação Social – Jornalismo, pela Universidade Federal de Uberlândia.

[6] Professor do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da UFU. Professor no Mestrado em Comunicação, Educação e Tecnologias (UFU)

A partir do confronto e da comparação de ideias, ideologias, discursos e estilos da revista encaixada na "grande mídia" e do jornal chamado "alternativo", pode-se entender uma série de questões que envolveram as relações de poder e as ideologias dominantes e não-dominantes dos anos de ditadura militar.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O jornalismo, desde a evolução dos meios de comunicação de massa, sempre esteve próximo às mudanças sociais e políticas da sociedade. Acompanhando, informando e opinando. Historicamente, a posição da imprensa e dos jornalistas não foi somente de acompanhar os fatos, mas também de intervir e assumir posicionamentos frente à população, uma vez que o jornalismo se mostra como "[...] uma atividade cuja produção afeta indivíduos e governos, ampliando a capacidade de reflexão e, a partir dela, incentivando o sujeito e as sociedades a agirem para alterar determinados aspectos da realidade que os envolve" (MOL, 2012, p.3).

A partir deste conceito sobre a prática jornalística e seu papel social, entende-se a importância da imprensa, desde seu início, em épocas históricas de grande transformação política e mobilização social. "Fica evidente a natureza eminentemente *política* que o jornalismo assume desde o seu nascimento como processo social" (MELO, 2003, p.21).

A Ditadura Militar, iniciada com o golpe de 1º de Abril de 1964, foi um desses períodos de grande mudança e efervescência política da história brasileira.

> A ascensão dos militares, na verdade apenas alguns poucos oficiais, se devia à forma como os confrontos sociais estavam se desenvolvendo. As classes subalternas haviam se tornado extremamente agressivas em suas reivindicações. O movimento grevista, que contara com 1,5 milhão de participantes em 1960, crescia para 1,6 milhão em 1961, 2 milhões em 1962 e 3 milhões em 1963. Aumentavam as invasões de terras e as ameaças sobre a indústria, surgiam focos de insubordinação nas Forças Armadas. O governo parecia estimular essa situação. Nesse contexto, a classe dominante não viu outra alternativa, para impor seus interesses, que a tomada do poder pelas armas. Ela própria procurou armar-se, nos campos e nas cidades. Mas o Presidente era o "Comandante-em-Chefe das Forças Armadas", pela constituição, e havia oficiais que o apoiariam. Foi nesse contexto que a classe dominante foi buscar apoio entre os militares, comprometendo-se com a realização de medidas em benefício deles, em seu conjunto, ou de seus membros, individualmente (GARCIA, 1990, p. 65).

Após a tomada do poder pelos militares, os meios de comunicação social, nesse contexto, desenvolveram uma atuação diferenciada. Alterando sua abordagem, padrão e foco jornalístico, a grande imprensa modificou seu estilo, se adaptando à nova realidade política, social e governamental que surgia.

Antes do período ditatorial, no governo João Goulart iniciado no ano de 1961, parte da grande imprensa fazia oposição ferrenha e combatia os ideais do governante nas páginas de suas publicações. Era de interesse, por parte de articulistas, editores e jornalistas que trabalhavam nos jornais de grande circulação, que um novo poder fosse instaurado no país a fim de romper com as práticas de Jango, que, pela visão da imprensa conservadora, não seriam saudáveis para a sociedade e nem para a política brasileira.

> É importante [...] lembrar que os principais jornais do país posicionaram-se, naquele momento, a favor do afastamento de Goulart e, com ênfases e envolvimento diferenciados, a favor de um golpe que, ao afastá-lo, restauraria a 'ordem' e protegeria o país da demagogia, do sindicalismo, do comunismo, da subversão de valores, de uma suposta ditadura de esquerda. (BIROLI, 2009, p.277).

Percebemos com isso que parte dos grandes jornais não se ausentaram do debate político nesse período em específico e demonstraram seu posicionamento contra a administração de João Goulart. As opiniões divulgadas pela grande imprensa ecoaram por parte da sociedade, criando um ambiente favorável para a instauração de um sistema político que atuasse mais à direita e que conseguisse romper com as reformas propostas pelo então presidente Jango.

Muitos veículos também acharam importante se alinhar ao novo governo, não só pela concordância com os ideais ou pela simpatia política que tinham, mas também por uma posição privilegiada, caso se alinhassem com os militares, poderiam vir a conquistar. O posicionamento de submissão à Ditadura Militar não se mostrou apenas de cunho político, mas também de interesses pessoais dos chefes dos grandes veículos. Assim percebemos que "[...] um olhar mais cuidadoso permite observar como parte da imprensa (principalmente, mas não só a grande), por conveniência se associou ao novo regime que se instaurou no país e por intermédio dessa parceria conseguiu obter vantagens econômicas e políticas." (NASCIMENTO, 2009, p.2).

Essa aliança foi importante para ambos os lados. Os grandes jornais do país davam suporte ao golpe, tanto por sua preferência política, pelo repúdio ao governo João Goulart e por possíveis vantagens que os militares lhe ofereceriam. E o governo, por sua vez, conquistava legitimidade por meio da imprensa. "Isso significa que o governo militar, que não foi legitimado pelo voto, lança mão da comunicação de massa com o objetivo de criar comportamentos favoráveis e reduzir a resistência popular" (NASCIMENTO, 2009, p.5).

No início da Ditadura Militar, os órgãos do governo não ameaçaram a liberdade de imprensa, visto que a mesma não tinha se configurado como uma ameaça ao poder e à hegemonia dos militares. Nos primeiros anos, os governantes da época não utilizaram da censura de forma veemente. "A princípio, o Governo revolucionário não sentiu necessidade de frear a imprensa, pois a quase totalidade dos grandes jornais havia prestigiado o movimento triunfante e preparado na opinião pública a sua aceitação" (JOBIM, 2003, apud FERREIRA, 2012, p.1).

Com o passar dos anos do governo militar, o espaço para questionamentos e

posições contrárias foi sendo sufocado por parte do Estado e, assim, o jornalismo brasileiro não poderia mais se basear no modelo abertamente opinativo que um dia já havia utilizado. O governo começara a usar a censura como meio de reprimir as opiniões contrárias. Neste cenário, foi conveniente para os jornais adotarem os padrões de objetividade da imprensa do exterior com o fim de se ausentarem de opiniões e debates políticos que poderiam incomodar os órgãos militares.

> A construção do ideal da objetividade do jornalismo brasileiro – naturalizando durante décadas através de estratégias de neutralidade do texto jornalístico, importando padrões estrangeiros – foram a rigor uma estratégia política no sentido de apartar a imprensa o seu papel de instaurar polêmicas (RANGEL, 2003, p.2).

A imprensa brasileira recebeu influência de diversas escolas, mas "O maior impacto que recebemos foi, porém, o do jornalismo norte-americano" (MELO, 2006, p.68). O modelo de objetividade jornalística norte-americano foi, a partir desse período, instaurado como padrão na maior parte da imprensa do país. Adotado esse novo padrão de jornalismo, a grande imprensa brasileira conseguia amenizar os efeitos da censura, da reprovação dos militares e se manter como instituição confiável e legítima perante a opinião pública.

Boa parte da grande imprensa limitou seu conteúdo opinativo e o restringiu, dando mais foco à parte informativa, assim tentando evitar assuntos polêmicos ou de grande repercussão crítica.

> O país poderia viver sob o signo da ditadura e não causaria mais espanto que a imprensa não se ocupasse da questão. O jornalismo agora "se atinha aos fatos" e construía um discurso hegemônico: o discurso da neutralidade, da objetividade e da imparcialidade (RANGEL, 2003, p.2).

A opinião e a contestação ao governo militar não foram completamente extintas da imprensa nacional, mas os jornais que se restringiam ao conceito de objetividade acabavam por conquistar mais credibilidade também, legitimando ainda mais seu próprio conteúdo, pois "a pretensa objetividade do jornalismo implicava em uma certa garantia de não-distorção dos fatos e na não-necessidade de buscar outras fontes de notícia" (RANGEL, 2003, p.3).

Veja e O Pasquim

Nesse contexto do regime militar foram criados dois veículos relevantes para a época. A revista Veja em 1968 e o jornal O Pasquim em 1969. O primeiro se mantém até hoje, sendo a revista de maior circulação nacional atualmente. O segundo foi extinto em 1991.

A revista Veja nasceu no ano de 1968 como uma publicação semanal de abrangência nacional e com temas variados, com foco nas questões políticas, econômicas e culturais. Porém, a revista daquela época não se assemelhava com a que vemos na atualidade segundo as análises de Coelho e Valle (2008).

> Lançada em setembro de 1968, a revista Veja demorou muito tempo para atingir o sucesso editorial que a caracteriza hoje, nem de longe correspondeu às expectativas da Editora Abril em termos de vendagem. Por outro lado, a fórmula contemporânea

> do jornalismo praticado pela revista, que combina posições políticas reacionárias com temas comportamentais, como a busca pelo sucesso, a preocupação com a saúde física e mental e com a boa aparência, estava muito distante do jornalismo praticado pela revista em 1968 marcado pela ambiguidade, consequência de uma indefinição quanto ao seu projeto editorial (COELHO; VALLE, 2008, p. 139).

Veja foi, ao longo dos anos, solidificando sua visão, segundo Silva (2005), liberal do ponto de vista econômico e conservadora no espectro político e cultural. Sobre seu posicionamento em relação ao regime militar, Rautenberg (2011) explica que a revista não confrontava ideologicamente a ditadura, pois, apesar das discordâncias, tinha visões em comum com o governo da época.

> *Veja* declarava-se um órgão de contestação à ditadura militar, que lutou e apoiou a democratização. Porém, com as análises realizadas verificou-se que seus interesses estavam em consonância com os projetos dos governos militares. Portanto, Veja contribuiu com a ditadura militar moldando, formando preferências e construindo adaptações às "regras do jogo capitalista", porque via através desta uma maneira de ver consolidada sua política partidária e concretizada suas estratégias de poder (RAUTENBERG, 2011, p. 74).

Ainda sobre o mesmo assunto, o autor revela a similaridade de Veja com grande parte do que chamou de "imprensa hegemônica" do período. Essa imprensa, por sua vez, tentava não confrontar diretamente o regime militar, mesmo apesar de não completamente satisfeita por causa da censura e do cerceamento à liberdade de expressão que se intensificou após 68.

> *Veja*, bem como toda a imprensa hegemônica, tratou de construir seu discurso de maneira a estabelecer parâmetros que não buscassem um questionamento mais radical da ditadura militar. Os grandes empresários de comunicação estavam insatisfeitos com os rumos do regime militar. Entretanto, eram complacentes, visto o extraordinário crescimento patrimonial advindo de empréstimos e investimentos governamentais. Veja cresceu e se consolidou durante o período da ditadura militar (RAUTENBERG, 2011, p. 74).

Com isso, percebemos que Vejaevitava o confronto ideológico com o governo, hora por concordar, hora por temer o embate e preferir se ausentar do enfrentamento. Além disso, Gazzoti (2001) aponta que uma suposta neutralidade da revista a ajudava a amenizar os atritos com a censura entre o período de 1968 a 1973.

> Durante estes anos, Veja não foi censurada tão rigorosamente, nem sofreu perseguições como outros órgãos de imprensa. Uma explicação para isto pode estar na pretensa neutralidade defendida pela revista. Assim, ela publicava as posições de

> diferentes grupos que participavam do governo ou que pretendiam conquista-lo. Além disso, o semanário possuía alguns princípios liberais que o norteavam, mas era bastante maleável e adaptava-se ao contexto ditatorial, mesmo defendendo a abertura política (GAZZOTI, 2001, p.2).

Ainda sobre a mesma fase, o autor reitera a habilidade de Vejaao saber recuar diante pressões do regime e relembra que um enfrentamento ao governo poderia causar prejuízos financeiros à publicação que, na época, ainda se firmava no mercado.

> Nesta fase, então, a censura instalou-se de forma esporádica e em momentos específicos, pois foram poucas vezes em que Veja publicou sobre assuntos 'espinhosos', que eram proibidos de acordo com o regime. A revista buscou uma pretensa neutralidade frente aos militares e quando enfrentou o regime soube recuar devido a ameaçada de censura prévia. Uma explicação pode estar no fato de que Veja está se firmando no mercado e, com isso, não poderia sofrer perdas com edições apreendidas (GAZZOTI, 2001, p.2).

Apesar de não fazer oposição radical e, muitas vezes, tentar manter uma neutralidade com o governo, Veja, segundo Gazzoti (1998), defendeu a redemocratização, mas de forma conciliadora, conservadora e sem grande agitação social.

> Veja sempre defendeu a redemocratização, mas como resultado da ação do próprio governo. Apenas quando a situação se tornou insustentável com a campanha das "Diretas Já" é que a revista passou a apoiar a participação popular de forma 'pacífica', isto é, dentro da ordem, sem maiores desdobramentos. (GAZZOTTI, 1998, apud TEZINI, 2007, p. 173)

Ainda sobre o mesmo assunto, Nascimento (2013) argumenta que, para a revista Veja "A abertura política deveria ser feita então pelo governo e dentro da ordem. Percebe-se então um temor de que as classes populares ou políticos de esquerda pudessem ter um papel de maior relevância na política e nas decisões do país naquele momento." (NASCIMENTO, 2013, p. 8.)

Percebemos que, mesmo em seu posicionamento contrário ao governo, Veja não compactuava com ações incisivas ou radicais para a tomada da democracia. Preferia a mudança por dentro do próprio governo, sem agitações externas e não abria mão de ideais conservadoras como o da "ordem". Mesmo assim, a revista também sofria atritos com a censura imposta pelo Estado.

O Pasquim, por sua vez, fazia o contraponto ao posicionamento de Veja. O extinto jornal tinha em sua publicação semanal forte conteúdo irônico, humorístico, dialogando com a contracultura da época. O semanário, que se tornou referência como publicação alternativa à mídia tradicional, se posicionava mais à esquerda, fazendo oposição ao regime ditatorial e atuando muitas vezes como um veículo de resistência ao governo e aos costumes da época.

> O jornal, que foi criado inicialmente para criticar os costumes de uma sociedade conservadora e complacente, retratou, ainda, a opressão do regime militar à sociedade e à imprensa, através de ilustrações reflexivas, que abordavam temáticas debatidas, até então, somente por movimentos sociais de resistência política - que através d'O Pasquim ganharam traço e formato de tabloide. (CARDENAL; MULLER, 2010, p.15)

Com isso, percebemos o posicionamento de confrontamento do Pasquim, se localizando como parte da imprensa de oposição, cumprindo o papel político de crítica à Ditadura a vários comportamentos conservadores da época.

Segundo Queiroz (2008, p. 226), o fenômeno principal de contestação que estava se projetando no mundo era o da contracultura. E os jornalistas do Pasquim se apropriaram desse movimento para criticar e se opor ao regime autoritário e às pessoas que o apoiavam. Apesar disso, o veículo não se assumia completamente como um jornal engajado, mas sim um veículo que questionava valores tradicionais com humor.

> O jornal possuía uma linguagem diferente dos outros alternativos da época. A principal ideia era dar voz a uma intelectualidade boêmia da Zona Sul do Rio de Janeiro, mas sem um engajamento político-partidário. Era um grupo interessado em contestar o conservadorismo da classe média, da qual eles mesmos faziam parte (QUEIROZ, 2008, p. 222).

Sobre o surgimento da publicação carioca, Gaspari (2014) explica que O Pasquim nasceu em um contexto de controle dos grandes veículos que, por consequência, favoreceu o surgimento de jornais alternativos mais contestadores, chamados de "nanicos".

> O controle dos principais órgãos de comunicação fez florescer uma imprensa alternativa, denominada 'nanica'. Os dois semanários impressos em papel de jornal que mais se destacavam, *O Pasquim* e *Opinião* (lançado no final de 1972), vendiam em torno de 100 mil exemplares, quase todos nas bancas. Era uma circulação superior à das revistas *Veja* e *Manchete* somadas (GASPARI, 2014, p.223).

Ainda sobre o mesmo assunto, o autor ressalta a importância do jornal carioca, a relevância em termos de tiragem que O Pasquim chegou a alcançar e o estilo irônico que marcou a publicação ao longo dos anos, inserido na cena dos jornais "nanicos".

> Deram ao debate cultural uma inédita característica renovadora. O príncipe e precursor desse fenômeno fora *O Pasquim.* Lançado em junho de 1969 com uma tiragem de 28 mil exemplares, chegara a 250 mil em seis meses. Glorificação da ironia, intitulara-se 'um jornal de oposição ao governo grego', 'corajoso como um rato': 'Na terra de cego, quem lê *O Pasquim* é rei' (GASPARI, 2014, p.223).

Sobre o jornal, o autor ainda relembra sobre a difícil atuação d'O Pasquim, em que "Sobreviveu a boicotes econômicos, censura, duas bombas e à prisão de toda sua redação. Fazia medo por ser engraçado. Fez-se vanguarda, quando era apenas plural" (GASPARI, 2014, p.224).

O posicionamento e a visão de Brasil d'O Pasquimse diferenciava dos grandes jornais e revistas, como Veja. "O Brasil d'*OPasquim* e *Opinião* pouco tinha a ver com aquele dos grandes jornais, revistas e emissoras de televisão. Num misturavam-se o deboche e um cosmopolitismo cético. No outro, vivia-se o 'Brasil Grande'" (GASPARI, 2014, p.224).

Objetividade e Silenciamento

Tão importantes quanto os posicionamentos explícitos de uma publicação jornalística, é relevante entender como funcionam seus posicionamentos implícitos, tanto na forma de dizer como no "não-dizer". Com isso, percebemos a importância de se estudar a objetividade jornalística e o silenciamento do discurso.

Mesmo com o cerceamento à liberdade de opinião na época do regime militar, "os posicionamentos político-ideológicos continuaram existindo nas páginas dos periódicos. Entretanto, eles passaram a exigir um pouco mais de sutileza." (BARBOSA, 1996, Apud RANGEL, 2003, p.10).

No processo sufocamento da liberdade de expressão da época podemos perceber o fenômeno do "silenciamento" no discurso da imprensa. Seja pela censura ou por posicionamentos próprios, o não-dito da mídia constitui uma importante peça de análise da história. Segundo Orlandi (2001), "(...) o silenciamento é a política do silêncio (...) é a prática de processos de significação pelos quais ao dizer algo apagamos outros sentidos possíveis, mas indesejáveis em uma situação discursiva dada" (ORLANDI, 2001 apud ARAÚJO, 2011, p.95). Sobre o mesmo tema, Santos (2000) nos diz que os silêncios representam os "significados velados que se ocultam na dispersão dos sentidos" (SANTOS, 2000apud ARAÚJO, 2011, p.95).

Ou seja, o estudo do não-dito neste período também serve para exibir os posicionamentos velados da época e entender como os veículos analisados se portavam a respeito de determinados temas. Assim, entendemos que "O poder das palavras é enorme, especialmente o poder de *algumas* palavras, talvez centenas, que encerram em cada cultura, mais notadamente nas sociedades complexas como as nossas, o conjunto de crenças e valores aceitos e codificados pelas classes dominantes" (GNERRE, 1998, p. 21).

A partir da fala de Gnerre (1998) percebemos que existem certas palavras que determinam posições quando ditas ou quando não-ditas, reforçando a importância do silenciamento da imprensa a respeito de determinados temas.

A objetividade jornalística é um padrão amplamente usado no jornalismo e, muitas vezes, uma das principais maneiras de se ocultar os posicionamentos de um veículo ou sujeito. Segundo Hernandes (2006), a tentativa de não se posicionar, usar uma linguagem neutra e objetiva no tratamento dos fatos pode passar a impressão de que não existe um lado e uma visão particular de quem escreve.

> A objetividade é um dos recursos jornalísticos para se tentar "apagar" o modo pelo qual a realidade foi filtrada a partir do sistema de valores do jornal que, como empresa ou parte de um conglomerado de informação, não quer se revelar como um

> ator social atuante interessado nos aspectos sociopolíticos e nas consequências do que notícia (HERNANDES, 2006, p.30).

Ou seja, mesmo em um texto supostamente "objetivo" a ideologia e os posicionamentos se fazem presente. O mesmo autor ainda afirma que "A visão de mundo do jornal paira sobre seu produto e é indissociável de qualquer um dos seus recursos expressivos e de seus conteúdos" (HERNANDES, 2006, p.29). Ou seja, a objetividade, nestes casos, acaba por amenizar ou ocultar esta visão, não eliminá-la.

Sobre o mesmo tema, Biroli e Miguel (2012) explicitam que a objetividade tem sua importância no jornalismo, pois é uma ferramenta que legitima e diferencia a prática jornalística.

> O valor da "objetividade" confere legitimidade ao jornalismo, diferenciando-o de outros discursos e práticas sociais. Em torno dele, organizam-se a *ética* que define o jornalismo como profissão e as práticas rotineiras que estabelecem as diferenças entre o bom e o mau jornalismo. Para o público, o registro competente da verdade pelos jornalistas depende de sua capacidade de tomar contato com a realidade sem os vieses que a falta de conhecimento apropriado, de um lado, e o interesse e a parcialidade, de outro, imporiam à ampla maioria dos indivíduos (BIROLI; MIGUEL, 2012, p. 23).

Os mesmos autores ainda reafirmam a importância que a objetividade teve no jornalismo a partir do século XX, se tornando parte habitual da prática jornalística e identidade de seu trabalho.

> No jornalismo, a conexão entre verdade e suspensão da perspectiva social do sujeito assume formas específicas. A partir das décadas iniciais do século XX, o preceito da objetividade passaria a ser central à cultura jornalística, constituindo a identidade dos jornalistas como profissionais e as formas de normatização e controle de suas práticas (BIROLI; MIGUEL, 2012, p. 23).

O padrão de objetividade praticado no Brasil e em muitos lugares do mundo teve os Estados Unidos como um de seus principais sustentadores. De acordo com Biroli e Miguel (2012) o desenvolvimento de algumas tecnologias também possibilitaram a consolidação da objetividade no campo jornalístico do país norte-americano.

> Em geral, a fixação do ideal da objetividade tal como hoje entendido é creditada ao desenvolvimento da imprensa nos Estados Unidos - sobretudo à emergência do jornalismo comercial, sustentado por publicidade, e à introdução de inovações como o telégrafo e a fotografia, que ampliavam a possibilidade do fornecimento de "fatos" ao público e o colocavam diante de informações tidas como fragmentos incontestáveis do mundo real (BIROLI; MIGUEL, 2012, p. 23).

Ainda contextualizando sobre a influência norte-americana no assunto, Rangel (2003) explica que o padrão da objetividade, após certo tempo, passou a ser entendido não como uma entre várias alternativas, mas como a única alternativa razoável para a produção jornalística, se consolidando como referência principal para jornalistas e veículos.

> Nas universidades, o modelo norte-americano passou a ser ensinado como instrumento necessário para o exercício da profissão, deixando de ser visto como arbitrário, e sendo entendido não mais como "um entre outros possíveis", mas como o único: os conceitos mais comuns (lead, objetividade, imparcialidade), então, começaram a ser percebidos, não como os valores de um grupo particular no interior da instituição jornalística, mas como os valores da própria instituição. A técnica era entendida como neutra e se tornava condição indispensável para operar no campo jornalístico (RANGEL, 2003, p.4).

Sobre o padrão de objetividade jornalística inserido no contexto do regime militar, verificamos que, além de retirar da imprensa o papel de contestação, o padrão de objetividade jornalística também contribuía para o *status* da mídia como um instrumento social de divulgação da verdade, pois "A objetividade passa a construir, ainda que pretensamente, a verdade objetiva dos fatos e com isso, a discussão política é retirada dos jornais" (RANGEL, 2003, p.2).

Como já citado no capítulo anterior, Veja e O Pasquim se diferem no estilo jornalístico e no que diz respeito à objetividade jornalística. Por um lado,Rautenberg (2011) em sua análise sobre a atuação de Veja na Ditadura Militar mostra que "A revista Veja [...]defende seus projetos político-empresariais, mascarados de pretensa neutralidade" (RAUTENBERG, 2011, p.64). Já O Pasquimvai no sentido oposto dos valores e das crenças na neutralidade e objetividade jornalística como cita Buzalaf (2009) onde explica que "As provocações do *Pasquim* não eram nada discretas. Pelo contrário. Estavam espalhadas por todas as páginas do semanário: nas manchetes, nas frases-editoriais, nas fotos provocativas, nas ilustrações debochadas e nas constantes referências ao sexo e à boemia" (BUZALAF, 2009, p. 17).

Poder e Ideologia

Em umas de suas análises sobre o conceito de ideologia, Eagleton ([1991] 1997) elabora que o termo pode se referir a "ideias e crenças que ajudam a legitimar os interesses de um grupo ou classe dominante, mediante sobretudo a distorção e a dissimulação." (EAGLETON, [1991] 1997, p.39). Sobre este conceito de Eagleton, Araújo (2005) interpreta que "Neste sentido, as ideias e crenças buscariam legitimar os interesses de uma classe ou grupo subordinado por meio da dissimulação dos seus reais interesses" (ARAÚJO, 2005, p. 92).

Porém, Silva (2009) alerta para a importância de não se afirmar que todo discurso é ideológico. Segundo a autora, isto seria um erro na interpretação das ideias formuladas por Eagleton. "Para Eagleaton, dizer que todo discurso é ideológico implica destituir de força a palavra ideologia. A posição do autor é que nem tudo é ideológico, mas pode vir a ser em virtude do contexto" (SILVA, 2009, p.172).

Eagleton explica a importância de considerar o sujeito, o conteúdo e a finalidade do discurso para entender a ideologia na mensagem. "A ideologia tem mais a ver com a questão de quem está falando o quê, com quem e com que finalidade do que com as propriedades linguísticas inerentes de um pronunciamento" (EAGLETON, [1991] 1997, p. 22).

Em termos de ideologia, para o regime militar, o controle ideológico era de suma importância. Tanto para a formulação da imagem do governo quanto para influenciar a população a convergir com seus ideais. Sobre este assunto, Garcia (1990) explica que "O controle ideológico se caracteriza pelo emprego de um conjunto de recursos e medidas, por determinado setor da sociedade, para impedir que os demais tenham condições de formular outra versão da realidade, além daquela que lhes é apresentada" (GARCIA, 1990, p.113).

Sobre o mesmo tema, o autor explica quais eram os pontos principais e a linha de pensamento desse aparato ideológico do governo.

> O núcleo da ideologia dominante se articulava em torno de quatro componentes básicos: inclinação pelos padrões econômicos, políticos e culturais de origem norte-americana; concepção racional tecnicista em relação à organização e funcionamento da sociedade; postura avessa a quaisquer formas de conflito; tendência à centralização decisória (GARCIA, 1990, p. 70).

O autor ainda acrescenta que a influência de outras ferramentas que o regime usava para tentar criar o controle ideológico que desejava. "Dessa forma, ideologia, propaganda, repressão e censura se integram num só processo, que se desenvolve refletindo e orientando o movimento mais geral da sociedade" (GARCIA, 1990, p.94).

Poder e sua Relação com a Análise Crítica Do Discurso

Em um período tão único como o do Regime Militar é importante perceber a relevância dos poderes e das ideologias que influem tanto no governo como nas posições, atuações e discursos dos meios de comunicação. Sobre a importância do discurso e seu poder social Fairclough (1989) argumenta que "qualquer pedaço de discurso pode ser, simultaneamente, uma parte de uma luta situacional, uma luta institucional, e uma luta social (incluindo a luta de classes)" (FAIRCLOUGH, 1989, p.70, tradução nossa). O mesmo autor ainda ressalta a importância do discurso e da linguagem dizendo que "o exercício do poder, na sociedade moderna, é cada vez mais conseguido através da ideologia e, mais particularmente através dos mecanismos ideológicos da linguagem" (FAIRCLOUGH, 1989, p.2, tradução nossa).

Sobre o mesmo assunto, Frazão (2007), seguindo na linha de pensamento de Fairclough, reitera que "os textos costumam ser espaços de luta uma vez que guardam traços de diferentes discursos e ideologias em disputa pelo controle" (FRAZÃO, 2007, p. 59). Porém, na relação linguagem-poder é necessário indicar que "O poder não surge da linguagem, mas a linguagem pode ser usada para desafiar o poder, garantir sua manutenção, subvertê-lo e/ou alterar sua distribuição a curto e em longo prazo" (FRAZÃO, 2007, p. 60). Porém, Fairclough (1989) não menospreza as outras formas de poder. Sobre isso, o autor afirma que "É importante enfatizar que eu não estou sugerindo que o poder é apenas uma questão de

linguagem" (FAIRCLOUGH, 1989, p. 3, tradução nossa), trazendo também outras formas de poder, como a coerção física. Assim, Fairclough não traz a linguagem como única forma de poder, mas como uma das principais. A partir daí, podemos entender as atuações de órgãos da imprensa, fortes propagadores de discurso, como partes importantes nessas lutas.

Compreender a relevância do estudo do poder e da ideologia no discurso nos permite utilizar parte da Análise Crítica do Discurso (ACD), desenvolvida por Fairclough, como base para permitir uma análise mais eficaz sobre a atuação de Veja e O Pasquim no período da ditadura militar. Uma das justificativas para tal é que "Um dos objetivos da ACD é, por conseguinte, 'desmitificar' os discursos decifrando as ideologias" (FRAZÃO, 2007, p. 59). Essa característica em particular da ACD é relevante para o trabalho pois remete às ideologias implícitas nos textos, o que tem relação direta com o poder, com a ideologia, com o uso do padrão de objetividade jornalística e o silenciamento.

A importância da ACD para o trabalho vem mais no sentido de fornecer base e uma abordagem diferenciada em relação ao poder, visto que "A Análise Crítica do Discurso não oferece um método bem definido de análise linguística, mas sim novas formas de olhar a linguagem, dentro de perspectivas históricas e sócio-políticas" (FIGUEIREDO, 1997 p. 44). Ainda sobre o tema, é importante saber que "Outra característica marcante da ACD é a sua preocupação com o poder como condição central da vida social" (FRAZÃO, 2007, p. 59), reforçando ainda mais sua relação com a pesquisa.

Entendido a importância do poder do discurso na atuação social dos meios de comunicação, temos de compreender como esse poder comunicacional se torna mais forte. Fairclough (1989) diz que a "Ideologia é mais eficaz quando seu funcionamento é menos visível." (FAIRCLOUGH, 1989, p.85, tradução nossa). Ou seja, quando o posicionamento é mais implícito e invisível, o poder da ideologia da mensagem se torna mais ativo. Ainda sobre o tema, o autor argumenta que essa

> invisibilidade é alcançada quando as ideologias são trazidas para o discurso não como elementos explícitos do texto, mas como os pressupostos de fundo que por um lado levam o produtor de texto a 'contextualizar' o mundo de uma forma particular, e por outro lado levam o intérprete a interpretar o texto de uma forma particular.(FAIRCLOUGH, 1989, p.85, tradução nossa).

Como já citado no capítulo "Objetividade e Silenciamento", a principal forma de tentar tornar menos visíveis as ideologias em um texto é a partir da prática da objetividade jornalística. Com um discurso objetivo, o meio de comunicação pode utilizar de um efeito oculto de poder, como cita Fairclough, onde diz que "A ideia de 'poder por trás do discurso' é que toda a ordem social do discurso é montada e realizada em conjunto como um efeito oculto de poder." (FAIRCLOUGH, 1989, p. 55, tradução nossa).

Sobre a mesma ideia o autor ainda explica que "O discurso da mídia de massa é interessante porque a natureza das relações de poder promulgadas muitas vezes não é clara, e há razões para vê-lo como algo que envolve as relações ocultas de poder." (FAIRCLOUGH, 1989, p.49, tradução nossa). Ou seja, muitas vezes as relações de poder não são explícitas, mas isso não significa que elas estejam ausentes. E um dos meios para "ocultar" essas relações é por meio do discurso de objetividade, que ameniza os posicionamentos em um texto.

METODOLOGIA

Como discutido nos capítulos anteriores, o espaço midiático é palco de lutas ideológicas e de poder através dos discursos embutidos nos meios de comunicação. Veja e O Pasquimforam os veículos escolhidos para analisar a divergência ideológica entre os discursos na época da ditadura militar brasileira.

O tema escolhido para a análise foi o crescimento econômico. O período de grandes taxas de crescimento conhecido como "milagre econômico", protagonizado pelo no governo Médici (1969 – 1974). Segundo Martins (1999), o "milagre econômico", junto com a repressão com o Ato Institucional 5, foi o ponto essencial para a imagem do governo Médici e, assim, da ditadura militar.

> Em termos políticos, o período Médici representou, se o compararmos com outros governos militares, para a maior parte dos brasileiros, ao contrário do que vinha se efetivando de fato, um momento de aparente "tranquilidade" e estabilidade política. Essa imagem, criada junto a uma parcela significativa da sociedade civil, pôde ser sustentada por uma combinação ímpar na história brasileira: por um lado, o governo fazia pleno uso do AI-5 para senão eliminar totalmente, pelo menos calar "legalmente" a oposição através da repressão e censura; por outro, o regime colhia, como citamos acima, os frutos do que se convencionou chamar de "milagre econômico", mostrando à sociedade que de fato o futuro promissor de nosso país, tão exaltado pelos militares, havia enfim chegado (MARTINS, 1999, p. 71).

Com base no direcionamento exposto sobre a temática e a escolha do corpus, o diagnóstico dos objetos será realizado analisando a presença ou não de ferramentas da objetividade jornalística no texto e a presença ou não do silenciamento de temas ou discursos. Também será feita análise do poder e das ideologias presentes nos textos, suas linhas antagônicas e a construção enunciativa de valores diluídos e implícitos no jornalismo, levando em conta parte dos conceitos da Análise Crítica do Discurso, trabalhadas em *Languageand Power* de Norman Fairclough, sobre estes temas.

ANÁLISE

Um dos pontos mais exaltados pelo regime, o "milagre econômico", foi fortemente utilizado pelo governo brasileiro na época para fazer sua propaganda, moldar uma imagem positiva e justificar sua permanência no poder. O chamado "milagre econômico" ocorreu entre 1968 e 1973 no país e consistia nas altas taxas de crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) que o Brasil conquistou neste período. De acordo com Martins (1999), o fenômeno serviu de base para uma forte propaganda ideológica do governo militar a seu favor.

> A ditadura militar ocorrida no Brasil, especificamente no governo do General Emílio Garrastazu Médici, promoveu insistentemente a idéia de que o crescimento econômico vivido pelo país, entre os anos de 1969-1973, decorria necessariamente do processo 'revolucionário' iniciado em

> março/abril de 1964. O governo brasileiro revelou, nesta época, uma forte preocupação em conquistar um certo consenso em torno de seu projeto de desenvolvimento econômico que trazia consigo, como já é sabido, uma grande desigualdade com relação à distribuição de renda. O 'milagre econômico' como convencionou-se chamar, atingiu somente os setores economicamente privilegiados, deixando à margem desse 'desenvolvimento' a grande maioria da população brasileira (MARTINS, 1999, p. 8).

O fenômeno de altas taxas de crescimento econômico era (e ainda é) um dos principais argumentos favoráveis ao período militar. Sobre o tema, Veja, na edição 122 de 6 de janeiro de 1971, traz em sua página 30 uma matéria denominada "Previsão de fora".

Figura 5 - Matéria da revista Veja "Previsão de fora"

Previsão de fora

"Um pequeno mas bem informado grupo de observadores na comunidade financeira internacional está começando a perceber um milagre econômico em formação no Brasil." Assim principia um artigo de Antonio Gebauer, vice-presidente assistente da Morgan Guaranty Trust Company of New York, grupo americano ao qual pertence o Morgan Bank, que tem concedido vultosos financiamentos ao Brasil.

Publicado em uma recente edição do "The Journal of Commerce", de Nova York, o referido artigo, depois de destacar o desempenho econômico favorável e em aceleração a partir da Revolução de 1964, prevê que "os anos 70 poderiam constituir a década na qual êste 'gigante adormecido' (como o Brasil é chamado freqüentemente por seus cidadãos) consolidará finalmente a sua lendária promessa econômica".

"O Brasil está alcançando", diz Gebauer, "o que para os administradores financeiros da maioria dos países, tanto desenvolvidos como em desenvolvimento, fôra um alvo esquivo — um alto índice de crescimento econômico num quadro de estabilidade monetária."

Mas, além de "uma extensiva disciplina fiscal e monetária", o equilíbrio orçamentário e o balanço favorável no comércio internacional, o que parece ter impressionado a Gebauer, fundamentalmente, são os incentivos fiscais. A êles atribui um bem sucedido esfôrço para canalizar recursos nas áreas geográficas e econômicas mais necessitadas, no desenvolvimento do mercado de capitais ("enquanto uma série de técnicas engenhosas, como a 'correção monetária' para proteger os investidores da inflação, estimula o mercado de títulos"), na expansão e diversificação das exportações, com o que a dependência em relação ao café foi grandemente reduzida. Por isso, a experiência brasileira dos incentivos constitui, segundo êle, um "modêlo vitorioso, que já está sendo copiado em outras partes da América Latina". O

Fonte: VEJA, nº 122, p.30, 1971.

O título "Previsão de fora" consiste em utilizar opiniões internacionais para legitimar a série de elogios que é feita na matéria. Grande parte das menções positivas como "um milagre econômico em formação no Brasil" no primeiro parágrafo e "um modelo vitorioso" no último, são falas do autor do artigo internacional que Veja cita, e não da própria revista brasileira. Com isso, a revista deixa de forma implícita seus valores diluídos no texto. Veja apenas encaminha a matéria de forma a legitimar o discurso do "The JournalofCommerce" sem nenhum tipo de contraponto ou crítica. Além de elogiar a política econômica do país no período, percebemos que Veja trata o golpe militar como "Revolução de 1964", uma expressão conhecida pelo caráter não-crítico e até mesmo favorável à tomada de poder em 64.

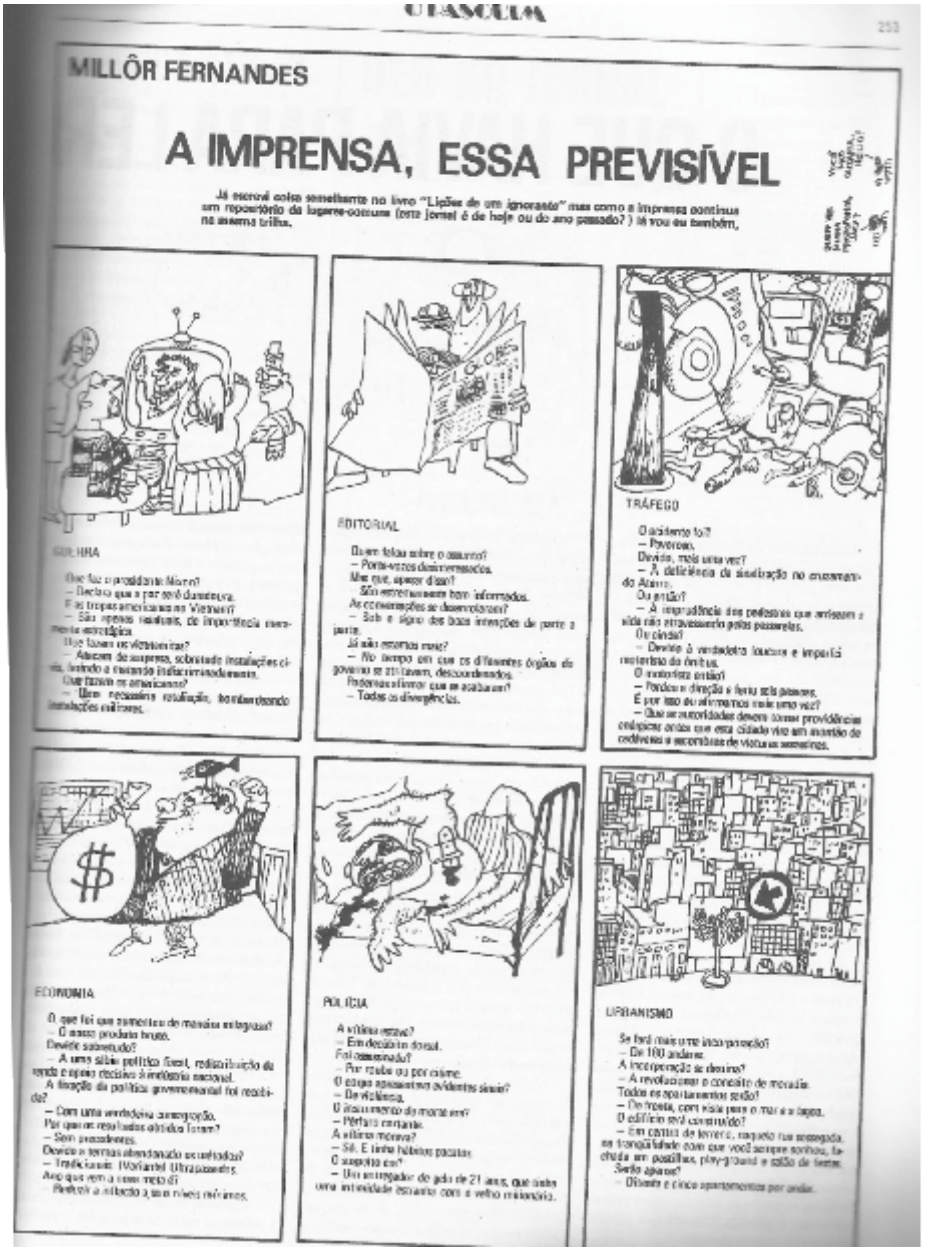
No texto em questão, Veja utiliza de artifícios da objetividade jornalística para legitimar seu discurso elogioso à política econômica do governo militar. A revista usa da estratégia de utilizar de falas e discursos alheios para respaldar o viés favorável, sem precisar opinar claramente no texto como no segundo parágrafo onde diz que "Publicado em uma recente edição do 'The JournalofCommerce', de Nova York, o referido artigo, depois de destacar o desempenho econômico favorável e em aceleração a partir da Revolução de 1964 [...]".

Também percebemos o posicionamento simpático de Veja à política econômica ao verificar o silenciamento da revista sobre os aspectos negativos do "milagre econômico". A publicação não cita, por exemplo, aspectos negativos da economia da época como o aumento da concentração de renda e o arrocho salarial visto que o fenômeno em questão "privilegiava claramente a acumulação de capital por parte de grupos econômicos seletos em detrimento do arrocho salarial da imensa maioria da população brasileira" (MARTINS, 1999, p.87). Ou seja, Veja silencia sobre os aspectos negativos da questão, dando preferência aos pontos positivos e às vozes que elogiam a economia.

Dessa forma, verificamos no discurso de Veja uma tentativa de construção e legitimação do poder dominante a partir do posicionamento favorável que o veículo mostra em relação à política econômica do país. Dentro do que Fairclough (1989, p. 49, tradução nossa) chama de "poder escondido", Veja, no texto apresentado, demonstra um discurso implícito que vai de encontro e se alinha à ideologia do regime militar, reforçando e validando as relações de poder que o governo da época trazia.

Ainda sobre o tema "Milagre econômico", o Pasquim demonstra uma linguagem e um posicionamento diferente do que foi visto em Veja. Na sequência de charges em seguida chamada "A imprensa, essa previsível", o autor ironiza posicionamentos da imprensa brasileira com a legenda onde diz que "[...] como a imprensa continua um repositório de lugares-comuns [...] lá vou eu também, na mesma trilha". No quadrinho situado na parte inferior à esquerda da página, o autor ironiza o chamado "milagre" na economia e a posição pouco crítica da imprensa nacional.

Figura 6 - Charge do jornal O Pasquim: "A imprensa, essa previsível"



Fonte: JAGUAR, 2006, p.253

O desenho tem o título de "ECONOMIA" e critica com uso da ironia a subserviência da imprensa brasileira e questiona os elogios ao crescimento econômico do país. O trecho do quadrinho inicia com "O que foi que aumentou de maneira milagrosa? – O nosso produto bruto. Devido sobretudo? – A uma sábia política fiscal, redistribuição de renda e apoio decisivo à indústria nacional. A fixação da política governamental foi recebida? – Com uma verdadeira consagração".

Levando em conta a legenda no início da charge que se refere à imprensa como "um repositório de lugares comuns", podemos perceber o posicionamento implícito de O Pasquim de questionamento aos valores e às afirmações citadas no trecho. A publicação mostra uma linha ideológica antagônica à apresentada em Veja, criticando o apoio e a não-contestação da imprensa brasileira à política econômica da época. O jornal não deixa de forma totalmente explícita sua crítica, pois usa da ironia como discurso amenizador, mas, ao contrário de Veja que usa falas e análises de terceiros para legitimar seu posicionamento, O Pasquim usa sua própria fala para o retratar o tema.

Como é tradicional da linha editorial de O Pasquim, o jornal abre mão da objetividade jornalística e dos padrões formais de jornalismo. Para fazer a crítica, a publicação usa da ironia como linguagem para contestar tanto os valores da imprensa e sua subserviência, quanto para contestar os valores positivos da política econômica do país e questionar o "milagre econômico".

O silenciamento no Pasquim ocorre pelo dizer. Através da ironia, o autor da charge não explicita em termos verbais sua crítica, mas a coloca de forma implícita. A partir da construção de sentidos da charge e do próprio título e linha-fina da página, percebe-se que o autor é contra os ideais que escreve. Utilizando uma linguagem humorística, o autor não escreve explicitamente suas críticas, mas as deixam implícitas com sua ironia.

Com essas análises, percebemos o posicionamento contrário do Pasquim em relação ao que vimos em Veja. Ao invés de construir e legitimar os poderes dominantes, como faz Veja, O Pasquim desconstrói e ironiza a ideologia do poder vigente, representado pelo governo militar. Com sua crítica irônica, o Pasquim usa em seu discurso uma tentativa de deslegitimar um dos pilares do poder dominante da época: o crescimento econômico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve o intuito de demonstrar mais claramente parte dos posicionamentos de dois importantes veículos da imprensa brasileira no período da ditadura militar. Mas, mais do que isso, refletir sobre conceitos que envolvem estes posicionamentos e checar e/ou quebrar ideias pré-concebidas.

A partir dessas análises de repercussões jornalísticas sobre o crescimento econômico, tema que mais baseou a ideologia e ação do regime militar, pudemos perceber como eram os posicionamentos da imprensa brasileira na época.

A revista Veja, importante veículo já naquele período, seguia uma linha ideológica próxima a do governo, respaldando discursivamente a ação do regime no assunto analisado. Como estudado, Veja não concordava completamente com o que estava posto pelos militares, mas nos pontos principais de sustentação ideológica, era favorável ao regime. A revista, neste caso, representa a atuação de boa parte da chamada "grande mídia" que atuou no período com certa simpatia a muito do que foi imposto pela ditadura.

Já o jornal O Pasquim, uma das publicações de mais destaque e repercussão na chamada imprensa "alternativa", criticava e ia contra a ideologia do governo. Satirizava e ironizava tanto os discursos do regime, quanto à uma linha de pensamento conservadora que existia na classe média da época, uma das bases de apoio e sustentação dos militares.

Sobre o trabalho de uma forma geral, percebe-se que, nos pontos fortes da ideologia militar, o que chamamos de "grande mídia" apoiou sim a ditadura. E muito desses posicionamentos da época, explicam os posicionamentos de hoje da imprensa. Também verificou-se que era possível fazer oposição ao governo e às ideologias vigentes mesmo em pleno AI-5. As perseguições existiam, as sanções eram feitas, as prisões também, mas ainda existia um pequeno espaço queconseguia fazer a crítica ao que estava posto. E O Pasquim utilizava muito da ironia e da sátira para isso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Marcelo Marques. **Comunicação, língua e discurso:** uma análise terminológica discursiva de um dicionário de especialidade. 2011. Tese (Doutorado em Letras e Comunicação) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

_____, Marcelo Marques. **Sincronia da Memória Acadêmica**. 2005. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - ILEEL/Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

BIROLI, Flávia Millena. Representações do golpe de 1964 e da ditadura na mídia: sentidos e silenciamentos na atribuição de papéis à imprensa, 1984-2004. **Varia história**, Belo Horizonte, v.25, n.41, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/vh/v25n41/v25n41a14.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2014

BIROLI, Flávia Milena; MIGUEL, Luis Felipe. Orgulho e preconceito: a "objetividade" como mediadora entre o jornalismo e seu público. **Opin. Publica**, Campinas, v. 18, n. 1, Junho 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762012000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 Out. 2014.

BUZALAF, Márcia Neme. **A Censura no Pasquim (1969-1975)**: As vozes não-silenciadas de uma geração. Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, 2009.

CARDENAL, Jozieli Camila; MULLER, Cláudio Arcidio. A importância do Pasquim na promoção da cidadania durante o período ditatorial. **Rede Brasileira de Mídia Cidadã.** 2010. Disponível em :<http://www.unicentro.br/redemc/2010/Artigos/A%20import%C3%A2ncia%20do%20Pasquim%20na%20promo%C3%A7%C3%A3o%20da%20cidadania%20durante%20o%20per%C3%ADodo%20ditatorial.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2014.

COELHO, Cláudio Novaes Pinto; VALLE, Maria Ribeiro do. A Revista Veja e o Movimento Estudantil em 1968: entre o engajamento e o entretenimento. **Clio – Série Revista de Pesquisa Histórica.** Recife, v. 26, n.1, p.138-154, 2008. Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/revistaclio/index.php/revista/article/viewFile/61/56>. Acesso em: 27 Out. 2014.

EAGLETON, Terry. **Ideologia**: uma introdução. Tradução de Silvana Vieira e Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Editora Boitempo, 1997 [1991].

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. London, Longman, 1989.

FERREIRA, Jean Marcel. A imprensa dos campos gerais no período pré-ditadura militar. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 13., 2012, Chapecó. **Anais...** [chapecó]: Intercom, 2012. p. 1 - 13. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/R30-1481-1.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2015.

FIGUEIREDO, Débora de Carvalho. Gênero e poder no discurso jurídico. **Revista de Ciências Humanas**, [S.l.], v. 15, n. 21, p. 37-52, jan. 1997. ISSN 2178-4582. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/23353>. Acesso em: 17 Nov.

2014.
FRAZÃO, Theresa Christina Jardim. **Análise crítica do discurso jornalístico sobre a implantação do sistema de cotas em universidades públicas brasileiras.** 2007. 167 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Linguagem, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2007. Disponível em: <http://www.unicap.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=129>. Acesso em: 11 nov. 2014.
GARCIA, Nelson Jahr. **Sadismo, Sedução e Silencio:** propaganda e controle ideológico no Brasil (1964- 1980). São Paulo: Loyola, 1990.
GASPARI, Elio. **A Ditadura Derrotada.** 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
_____. **A Ditadura Envergonhada.** 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
_____. **A Ditadura Escancarada.** 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
GAZZOTI, Juliana. A revista Veja e o obstáculo da censura. **Revista Olhar,** São Carlos, v. 03, n. 5-6, p.1-9, jan. 2001. Disponível em: <http://www.ufscar.br/~revistaolhar/pdf/olhar5-6/artcensura.pdf>. Acesso em: 27 out. 2014.
GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**, São Paulo: Martins Fontes, 1998.
HERNANDES, Nilton. **A mídia e seus truques**. São Paulo: Contexto, 2006.
JAGUAR; Sérgio Augusto. (org.). **O Pasquim** – Antologia (1972 – 1973), vol. II. Rio de Janeiro: Ed. Desiderata, 2006.
MARTINS, Ricardo Constante. **Ditadura Militar e Propaganda Política**: A Revista Manchete durante o governo Médici. 1999. 247 f. Dissertação (Mestrado em História) –Centro de Educação em Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo. Disponível em: http://www.arqanalagoa.ufscar.br/tesesdisserta/Disserta__o_de_Mestrado___Ricardo_Constante_Martins.pdf. Acesso em: 24 nov. 2014.
MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo:** gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**.** 3ª edição revista e ampliada. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003. 240p.
_____, José Marques de. **Teoria do Jornalismo.** Identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006. 280p.
NASCIMENTO, Layse. Tramas da imprensa paranaense e o regime militar de 1964. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-3146-1.pdf> Acesso em: 26 jun. 2014
NASCIMENTO, Greyce Falcão do. A imprensa a serviço do golpe: O AI-5 nas páginas da revista Manchete (1968-1979). In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9., 2013, Ouro Preto. **Anais... .** Ouro Preto: Ufop, 2013. p. 1 - 13. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-impressa/a-imprensa-a-servico-do-golpe-o-ai-5-nas-paginas-da-revista-manchete-1968-1979>. Acesso em: 24 nov. 2014.
QUEIROZ, Andréa Cristina de Barros. O Pasquim: embates entre a cultura política e a contracultura. **Revista Eletrônica Cadernos de História**, vol. VI, ano 3, n. 2, p. 218-235, dez. 2008. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria/ojs/index.php/cadernosdehistoria/article/view/126/121>. Acesso em: 27 out. 2014.
RANGEL, Monique Benati. Poder e discurso da imprensa na década de 60: A objetividade a serviço da ditadura militar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte. **Anais... .** [belo Horizonte]: Intercom, 2003. p. 1 - 12. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP02_rangel.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2015.

RAUTENBERG, Edina. A revista Veja durante a ditadura civil-militar brasileira: uma discussão a respeito do seu papel no campo do poder e da luta de classes. **Em Debate**, n. 5, p. 64-85, abr. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emdebate/article/view/1980-3532.2011n5p64/19853>. Acesso em: 16 Out. 2014.
VEJA. Previsão de fora. In: **Acervo digital Veja**, nº122, p.30. São Paulo: Editora Abril, 1971. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/ho-me.aspx>. Acesso: 19 de novembro de 2014.
SILVA, Carla Luciana da Souza. **Veja:** o indispensável partido neoliberal (1989 a 2002). 2005. 652 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Uff / Unioeste, Niterói, 2005. Disponível em: <http://marxismo21.org/wp-content/uploads/2012/08/Veja-Carla-Silva.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2015.
SILVA, Renata. Linguagem e ideologia: embates teóricos. **Ling. (dis)curso**, Tubarão, v. 9, n. 1, Apr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-76322009000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 Nov. 2014.
TEZINI, Julian Caetano Vaccari. O Movimento Estudantil em 1977 e a Atuação Política da Revista Veja. In: **Revista Tempos Históricos**. Vol, 10, 2007, p. 171-205. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/issue/view/26/showToc>. Acesso em: 19 Nov. 2014.

ORDEM DOS NÚMEROS PRIMOS, O TEOREMA DE CHEBYSHEV

Davi José dos Santos[*]
José Fabio Xavier[**]
Willian Reis Moura do Couto[***]

Resumo: Neste trabalho será dada uma demonstração do Teorema de Chebyshev, assim como daremos evidência numérica do comportamento de π (x) / (x/log (x)) para grandes valores de x. Aqui π (x) denota a quantidade de números primos entre 2 e x.

Palavras- chave: Primos. Chebyshev.

Abstract: In this work a demonstration of the Theorem of Chebyshev will be given, as well as will give to numerical evidence of the behavior of π (x) / (x/log (x)) for great values of x. Here π (x) denotes the number of prime numbers between 2 andx.

Keywords: Primes. Chebyshev.

INTRODUÇÃO

Ao contemplar uma tabela de números primos, a primeira impressão que se tem é a de que não há nenhuma ordem entre eles . Às vezes, eles aparecem próximos uns dos outros, às vezes afastados , ou em pequenos grupos, não se divisa qualquer regularidade em sua distribuição. Legendre (1752-1833) ocupou-se dessa questão e, por volta de 1800, formulou uma conjectura que revela certa ordem no que parecia ser um caos completo. Para explicar a conjectura de Legendre, introduzimos o símbolo π (x) como sendo a função que determina a quantidade de números primos, até certo valor x. Na verdade, Legendre conjecturou que π (x) é aproximadamente dado por

$$\frac{x}{Alog(x) + B}.$$

para x muito grande, ver [3], pg.4. Isto mostrou-se incorreto. Gauss em 1792 ou 1793, já tinha realizado outra conjectura na qual π (x) é dado por

$$\frac{x}{log(x)}.$$

Quando x é muito grande, que é o resultado correto.

O Teorema dos Números Primos foi demonstrado em 1896 pelos matemáticos Jacques Hadamard e 20 Charles Jean de la Vallée e estabelece que:

$$\lim_{x \to \infty} \frac{\pi(x)}{\left(\frac{x}{logx}\right)} = 1.$$

[*] Mestrando em Matemática – UFG. E-mail: davijsmat@gmail.com
[**] Mestre em Finanças – FPL. E-mail: fabioparacatu@yahoo.com.br
[***] Mestre em Física da Matéria Condensada – Instituto Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: williancouto@iftm.edu.br

As demonstrações dadas por estes dois matemáticos usam técnicas da Teoria das Funções de uma variável Complexa e foram fortemente motivadas pelas idéias de Bernhardt Riemann o qual sugeriu que a distribuição dos númeors primos estava ligada ao comportamento dos zeros da chamada Função de Zeta de Riemann dada por :

$$\zeta(s) = 1 + \sum_{n=1}^{\infty} \frac{1}{n^s} \qquad (1)$$

com $s \in \mathbb{C}$ e $Re(s) > 1$.

Neste trabalho, provamos um dos resultados anteriores à prova do Teorema dos Números Primos, que é o Teorema de Chebyshev, ver em [1], pg 178-179, no qual é provado que existem onstantes c,C > 0 tais que

$$c\frac{x}{log(x)} < \pi(x) < C\frac{x}{log(x)} .$$

Além disso demos na seção 4 evidência numérica de que

$$\frac{\pi(x)}{\left(\frac{x}{log(x)}\right)} \approx 1$$

Se x é muito grande.

2 RESULTADOS PRELIMINARES

O lema a seguir é de grande importância para a demonstração de teorema de Chebyshev e em [1] encontramos uma demonstração que será dada neste artigo.

Lema 1: Sejam n um número natural e p um número primo. Seja θ_p o inteiro tal que p^(θ_p) ≤ 2n <p^(θ_p+1) . Então o expoente da maior potência de p que divide (2n¦(n)) é menor ou igual a θ_p . Em particular, se p >√2nentão o expoente desta máxima potência de p é menor do que ou igual a 1. Além disso, se 2/3 n < p < n então p não divide (2n¦(n)).

Demonstração. Sejam α e β os expoentes das maiores potências de p que divide (2n)! e n! respectivamente. Vamos provar que:

$$\alpha = \left\lfloor \frac{2n}{p} \right\rfloor + \left\lfloor \frac{2n}{p^2} \right\rfloor + \ldots \qquad \beta = \left\lfloor \frac{n}{p} \right\rfloor + \left\lfloor \frac{n}{p^2} \right\rfloor + \ldots$$

onde $\lfloor x \rfloor$ é o maior inteiro, menor ou igual a x.

De fato, no produto $n! = 1.2.3.\ldots.n$. apenas os múltiplos de p contribuem com um fator p. Há $\lfloor n/p \rfloor$ tais múltiplos entre 1 e n pois $n = \lfloor n/p \rfloor p + r$, com $0 \leq r < p$. Destes os que são múltiplos de p^2 contribuem com um fator p extra e há $\lfloor n/p^2 \rfloor$ tais fatores. Fazendo isso sucessivamente obtemos o resultado $\beta = \lfloor n p \rfloor + \lfloor n p 2 \rfloor + \ldots$. Analogamente obtemos $\alpha = \lfloor 2n/p \rfloor + \lfloor 2n/p^2 \rfloor + \ldots$. Portanto o maior potência de p que divide $\binom{2n}{n}$ é :

$$\alpha - 2\beta = \sum_{i=1}^{\theta_p} \left\lfloor \frac{2n}{p^i} \right\rfloor - 2\left\lfloor \frac{n}{p^i} \right\rfloor \qquad (2)$$

De fato, como $k_1 p^{\alpha} = (2n)!$, com $k_1 \in \mathbb{Z}$, $k_2 p^{\beta} = n!$, com $k_2 \in \mathbb{Z}$ e $(n!)(n!) = p^{2\beta} k_3$, com $k_3 \in \mathbb{Z}$, temos:

$$\frac{(2n)!}{n!\,n!} = \frac{k_1}{k_3}\frac{p^{\alpha}}{p^{2\beta}} = k_4 p^{\alpha - 2\beta}, \text{ onde } k_4 \in \mathbb{Z} \text{ pois } k_1 \in \mathbb{Z} \text{ e } k_3 \in Z \text{ logo } \frac{k_1}{k_3} \in \mathbb{Z}.$$

Como $p \mid k4$ e $\alpha - 2\beta = \left\lfloor \frac{2n}{p} \right\rfloor + \left\lfloor \frac{2n}{p^2} \right\rfloor + \ldots + \left\lfloor \frac{2n}{p^{\theta_p}} \right\rfloor - 2\left(\left\lfloor \frac{n}{p} \right\rfloor + \left\lfloor \frac{n}{p^2} \right\rfloor + \ldots \left\lfloor \frac{n}{p^{\theta_p}} \right\rfloor \right)$ obtemos (2). Sabemos que:

$$\frac{2n}{p^i} \geq \left\lfloor \frac{2n}{p^i} \right\rfloor > \frac{2n}{p^i} - 1 \text{ e } -2\binom{n}{p^i} + 2 > -2\left\lfloor \frac{2n}{p^i} \right\rfloor \geq -\frac{2n}{p^i},$$

assim somando as desigualdades obtemos:

$$\frac{2n}{p^i} - 2\frac{2n}{p^i} + 2 > \left\lfloor \frac{2n}{p^i} \right\rfloor - 2\left\lfloor \frac{n}{p^i} \right\rfloor > \frac{2n}{p^i} - 1 - 2\frac{n}{p^i},$$

isto é,

$$2 > \left\lfloor \frac{2n}{p^i} \right\rfloor - 2\left\lfloor \frac{n}{p^i} \right\rfloor > -1$$

Como a expressão pode tomar valores inteiros 1 e 0, temos que:

$$\alpha - 2\beta \leq \sum_{i=1}^{\theta_p} 1 = \theta_p.$$

Concluindo a primeira parte do lema.
Além disso se

$$p > \sqrt{2n} \Rightarrow \left(\sqrt{2n}\right)^{\theta_p} < p^{\theta_p} \leq 2n = \sqrt{2n}\sqrt{2n} \Rightarrow \frac{\left(\sqrt{2n}\right)^{\theta_p}}{\sqrt{2n}} < \sqrt{2n} \Rightarrow \left(\sqrt{2n}\right)^{\theta_p - 1} < \sqrt{2n} \Rightarrow \theta_p - 1 < 1 \Rightarrow \theta_p < 2$$

então só podemos ter os valores 0 e 1 para θ_p. Consideremos $2n\,3 < p < n$ e p^{β} a maior potência de p que divide $n!$. Se $p = n - k$ então:

$$\frac{2n}{3} < n - k \Rightarrow k < n - \frac{2n}{3} = \frac{n}{3}$$

Seja $n! = n(n-1)\ldots(n-k_1)\ldots(n-k_2)\ldots 1$ se $p \mid (n-k_1)$ e $p \mid (n-k_2) \Rightarrow p \mid k_2 - k_1$ e como $\frac{2n}{3} < p \leq k_2 - k_1 < \frac{n}{3}$ temos uma contradição pois p tem que ser um dos fatores de p. Então

$$p \mid (n-k_1) \text{ e } p \mid (n-k_2).$$

Se $p^2 \mid (n-k_1)$ então $p^2 \leq n - k_1$ como $\frac{2n^2}{3} < p^2 \leq n - k_1$ temos $\frac{4n^2}{9} \leq n - k_1$ assim $k_1 \leq n - \frac{4n^2}{9}$ sendo $k_1 > 0 \Rightarrow n - \frac{4n^2}{9} > 0 \Rightarrow n < \frac{9}{4}$. Disto, segue que n só pode ser 1 e 2, pois $\frac{2}{3} < p < 1$ e $\frac{4}{3} < p < 2$. Portanto $\theta = 1$.

Analogamente faremos para $p^{\alpha} \mid (2n)!$, seja $p = 2n - k \Rightarrow \frac{2n}{3} < 2n - k \Rightarrow k < \frac{4n}{3}$ se $p^2 \leq 2n - k$ então $\frac{4n^2}{3} < p^2 < 2n - k_1 \Rightarrow \frac{4n^2}{9} < 2n - k_2 \Rightarrow 2n - \frac{4n^2}{9} < 0 \Rightarrow n < \frac{18}{4}$ então n pode admitir os valores 1,2,3,4 e com $n = 4$ temos $p = 3$ então $p^2 \mid n - k_1$. Se $p^3 \mid (n - k_1)$ temos que $\frac{2n^3}{3} < p^3 < n - k_1 \Rightarrow \frac{8n^3}{27} < 2n - k_1 \Rightarrow 2n - \frac{8n^3}{27} < 0 \Rightarrow n^2 < \frac{54}{8}$ então n pode admitir os valores 1,2 . Portanto obtemos uma contradição. Logo $\alpha = 2$ então $\alpha - 2\beta = 0$.

3 O TEOREMA DE CHEBYSHEV

O teorema de Chebyshev pode ser considerado como um resultado que antecede o Teorema dos Números Primos. Chebyshev Pafnuty (14/05/1821 − 26/11/1894) o famoso matemático russo, nasceu na aldeia de Okatovo na província de Kaluga e morreu em St. Petersburg. Terminou o curso de matemática em 1841 na Universidade de Moscou, e atuou como professor no período de 1847-1882 na 90 Universidade de St. Petersburg. Apresentamos a seguir a demonstração.

Teorema 1: (Chebyshev): Seja $\pi(x)$ a quantidade de primos menores ou iguais a x. Então existem constantes positivas $c < C$ tais que

$$c\frac{x}{log(x)} < \pi(x) < C\frac{x}{log(x)}$$

para todo $x \geq 2$.

Demonstração. Vamos mostrar inicialmente que $\binom{2n}{n} = \frac{(2n)!}{n!n!}$ é múltiplo de todos os primos p que satisfazem $n < p < 2n$. De fato pois, como $n < p < 2n$ podemos escrever $p = n + k$ com $k > 0$ e ainda temos que o $mdc(p, n!) = 1$pois se $d = mdc(p, n!) > 1$então teríamos que $d = p$, pois p é primo e assim $p \mid n!$, o que é uma contradição, pois $p > n$. Como:

$$\binom{2n}{n} = \frac{(2n)(2n-1)\ldots(n+k+1)(n+k)(n+k-1)\ldots(n+1)}{n!}$$

temos:
$n! \mid |(2n)(2n-1)\ldots(n+k+1)(n+k-1)\ldots(n+1)|$ pois o $mdc(p, n!) = 1$. Desta forma $(n+k)\left[\frac{(2n)(2n-1)\ldots(n+k+1)(n+k-1)\ldots(n+1)}{n}\right] = \binom{2n}{n}$e como $n + k = p$ temos que $p \mid \binom{2n}{n}$.
Como

$$\binom{2n}{n} < \sum_{n<k<2n} \binom{2n}{k} = 2^{2n}$$

então segue que o produto dos primos entre n e $2n$ é menor que 2^{2n}pois temos que $p \mid \binom{2n}{n}$ se p é primo e $n < p \leq 2n$. Sejam $p_1, p_2, \ldots, p_s$ tais primos, ou seja,

$$p_1 \mid \binom{2n}{n}, p_2 \mid \binom{2n}{n}, \ldots, p_s \mid \binom{2n}{n}.$$

Como $mdc(p_i, p_{i+1}) = 1$ então temos

$$(p_1 p_2 \ldots p_s) \mid \binom{2n}{n} \Rightarrow p_1 p_2 \ldots p_s < \binom{2n}{n}.$$

Como há $\pi(2n) - \pi(n)$ primos como p segue que $n\,\pi(2n) - \pi(n) < 2\,2n$. De fato, seja

$$\pi(2n) - \pi(n) = kn, \tag{3}$$

temos que $n < p_1, n < p_2, \ldots, n < p_{k_n}$. Multiplicando cada desigualdade acima obtemos: $n^{k_n} < p_1 p_2 \ldots p_{k_n}$ então $n^{\pi(2n)-\pi(n)} < p_1 p_2 \ldots p_{k_n} < \binom{2n}{n} < 2^{2n}$ donde

$$(\pi(2n) - \pi(n))log(n) < 2n\frac{log(2)}{log(n)}.$$

Então

$$\pi(2n) - \pi(n) < 2n\frac{log(2)}{log(n)}.$$

Vamos provar por indução que :

$$\pi(2^{k+1}) \leq \frac{5(2^k)}{k}, \text{para } k \geq 5.$$

para $k = 5$ temos $\pi(64) = 18 < 2^5 = \frac{5 \cdot 2^5}{5}$, logo é valido para $k = 5$. Agora suponha que seja válido para algum $k > 5$, ou seja, $\pi(2^{k+1}) \leq \frac{5(2)^k}{k}$. Temos que

$$5 < k$$
$$4k - 5 < 5k$$
$$4k < 5k - 5$$

multiplicando 2^k em ambos membros obtemos

$$2^2k(2^k) < 5(k-1)(2^k)$$
$$2(2^{k+1}) < 5(2^k)\left(\frac{k-1}{k}\right)$$
$$\frac{2(2^{k+1})}{k+1} < 5(2^k)\left[\frac{k-1}{(k+1)k}\right]$$
$$\frac{2(2^{k+1})}{k+1} < 5(2^k)\left[\frac{2k-(k+1)}{(k+1)k}\right]$$
$$\frac{2(2^{k+1})}{k+1} < 5(2^k)\left[\frac{2}{k+1} - \frac{1}{k}\right]$$
$$\frac{2(2^{k+1})}{k+1} < \frac{5(2^{k+1})}{k+1} - \frac{5(2^k)}{k}$$
$$\frac{2(2^{k+1})}{k+1} + \frac{5(2^k)}{k} < \frac{5(2^{k+1})}{k+1}$$

Por hipótese de indução $\pi(2^{k+1}) \leq \frac{5(2^k)}{k}$ e como $\pi(2(2^{k+1})) \leq \pi(2^{k+1})$ temos

$$\pi(2(2^{k+1})) < \frac{2(2^{k+1})}{k+1} + \frac{5(2^k)}{k}.$$

Logo

$$\pi(2(2^{k+1})) < \frac{5(2^{k+1})}{k+1}$$

Concluindo assim que $\pi(2^{k+1}) \leq \frac{5(2^k)}{k}$ para todo $k \geq 3$. Daí segue que se $2^k < x \leq 2^{k+1}$ então $\pi(x) \leq \frac{5(2^k)}{k} \leq 5x\frac{log(2)}{log(x)}$ pois como $x \leq 2^{k+1} \Rightarrow \pi(x) \leq \pi(2^{k+1}) \Rightarrow \pi(x) \leq \frac{5(2^k)}{k}$ e como $f(x) = x\frac{log(2)}{log(x)}$ é crescente no intervalo $[3,\infty)$ pois:

$$f'(x) = \frac{(log(2))(log(x)) - log(2)}{(log(x))2} \geq 0$$

no intervalo $[3,\infty)$.
Agora temos que provar que

$$\frac{5(2^k)}{k} \leq 5x\frac{log(2)}{log(x)}$$

De fato pois, suponhamos que

De fato pois, suponhamos que

$$\frac{5(2^k)}{k} > 5x\frac{log(2)}{log(x)} \Rightarrow \frac{2^k}{k} > x\frac{log(2)}{log(x)} \Rightarrow f(2^k) > f(x)$$

Que é uma contradição pois $2^k < x$ e a $f(x)$ é resceute em $[3,\infty)$.
Vamos agora provar a outra desigualdade, ou seja, $c\frac{x}{log(x)} \geq \pi(x)$.
Se

$$\binom{2n}{n} = \prod_{p<2n} p^{\alpha_p}$$

é a fatoração canônica de $\binom{2n}{n}$ então pelo lema anterior temos que $p^{\alpha_p} \leq 2n$, e como log é crescente temos que $p^{\alpha_p} \leq 2n$ se e somente se, $\alpha_p log(p) \leq log(2n)$. Então:

$$log\binom{2n}{n} = \log\prod_{p<2n} p^{\alpha_p} = \sum_{p<2n} \alpha_p \log(p) \leq \pi(2n)\log(2n). \qquad (4)$$

Vamos provar que

$$\sum_{p<2n} \alpha_p \log(p) \leq \pi(2n)\log(2n)$$

Sejam $p_1, p_2, \ldots, p_{\pi(2n)}$ os primos menores que $2n$ da decomposição canônica $\binom{2n}{n}$. Então,
$\alpha_{(p_1)} \log p_1 \leq \log(2n), \alpha_{(p2)} \log p_2 \leq \log(2n), \ldots, \alpha_{p\pi(2n)} \log(p_{\pi(2n)}) \leq \log(2n)$ e assim,

$$\sum_{p \leq 2n} \alpha_p \log(p).$$

Desta forma, de (4) temos $\pi(2n) \geq \frac{\log\binom{2n}{n}}{\log(2n)}$. Como

$$\binom{2n}{n} = \frac{2n\,2n-1}{n\;n-1} \ldots n+1 \geq 2^n, \text{ temos } \log\binom{2n}{n} \geq \log(2^n)$$

então

$$\frac{\log\binom{2n}{n}}{\log(2^n)} \geq n\frac{2}{2n},$$

assim,

$$\pi(x) \geq x\,\frac{\log(2)}{2\log(x)}$$

para todo x par o que implica na mesma estimativa para x inteiro pois $\pi(2k-1) = \pi(2k)$. Logo tomando $c = \frac{\log(2)}{2}$ temos $\pi(x) \geq c\,\frac{x}{\log(x)}$, concluindo a prova desse teorema.

4 EVIDÊNCIA NUMÉRICA DO TEORIMA DOS NÚMEROS PRIMOS

A Tabela 1 mostra valores da função $f(x) = \frac{\pi(x)}{\frac{x}{\log(x)}}$, onde foram computados os valores de $\pi(x)$ de alguns valores para x.

x	$\pi(x)$	$f(x) = \frac{\pi(x)}{\frac{x}{\log(x)}}$
10	4	0.921
50	15	1.173
100	25	1.151
200	46	1.218
300	62	1.178
400	78	1.168
500	95	1.180
10^3	168	1.151
10^4	1229	1.131
10^5	9592	1.104
10^6	78498	1.084
10^7	664579	1.071
10^8	5761455	1.066
10^9	50.847.534	1.054
10^{10}	455.052.511	1.048
10^{11}	4.118.054.813	1.043
10^{12}	37.607.912.018	1.039
10^{13}	346.065.536.839	1.034

Tabela 1: Valores de $\pi(x)$ e $f(x)$

Os cálculos da tabela 1 foram gerado no software Maxima com o seguinte código fonte:

Código fonte:

```
C:0$
x:(número primo)$
for j:2 thru x do (if (primep(j) = true) then C:c + 1); print(c)
float (c/(x/log(x)));
```

O resultado seguinte fornece o "tamanho" aproximado do n-ésimo primo. Para isto introduziremos os conceitos de *lim inf* e *lim sup* dados na seguinte definição.

Definição:

O limite inferior de uma sequência (x_n) é definida por:

$$\lim_{x\to\infty} inf\, x_n = \lim_{x\to\infty} (inf\, x_m) : m \geq n \in n \geq 0$$

O limite superior de uma sequência (xn) é definida por:

$$\lim_{x\to\infty} sup\, x_n = \lim_{x\to\infty} (sup\, x_m) : m \geq n \in n \geq 0$$

Proposição 1: Seja P_n o n-ésimo número primo. Existem constantes $C' > c' > 0$ tais que

$$c'nlog(n) < p_n < C'nlog(n)$$

para todo $n \geq 2$.

Demonstração. Suponhamos que $\frac{p_n}{nlog(n)}$ não é limitada, ou seja ,

$$\lim_{x\to\infty} sup\, \frac{p_n}{nlog(n)} = \infty.$$

Então existe (n_k) , com $n_k \to \infty$ tal que

$$\lim_{x\to\infty} sup\, \frac{p_{n_k}}{n_k log(n_k)} = \infty.$$

Seja $s > 0$ então $\exists k_0$ tal que se $k > k_0$ então $\frac{p_{n_k}}{n_k log(n_k)} > s$. Em particular, se s = C temos $p_{n_k} > C'n + klog(n_k)$. E

como $\lim_{x\to\infty} inf\, \frac{\pi(x)}{xlog(x)} \leq \lim_{k\to\infty} inf\, \frac{\pi(p_{n_k})}{p_{n_k}log(n_k)}$ pois sejam $\lim_{x\to\infty} inf\, \frac{\pi(x)}{xlog(x)} = infS$ e $\lim_{k\to\infty} inf\, \frac{\pi(p_{n_k})}{p_{n_k}log(n_k)} = infS'$ então $S \subset S'$.

Como $\frac{x}{log(x)}$ é crescente e $p_{n_k} > C'n_k log(n_k)$ então:

$$\frac{p_{n_k}}{n_k log(n_k)} > \frac{C'n_k log(n_k)}{log\,(C'n_k log(n_k))}$$

$$\frac{1}{\frac{p_{n_k}}{n_k log(n_k)}} < \frac{1}{\frac{C'n_k log(n_k)}{log\,(C'n_k log(n_k))}}$$

e como $\pi(p_{n_k}) = nk$ então:

$$\frac{\pi(p_{n_k})}{\frac{p_{n_k}}{n_k log(n_k)}} < \frac{\pi(p_{n_k})}{\frac{C'n_k log(n_k)}{log(C'n_k log(n_k))}} = \frac{n_k}{C'n_k log(n_k)} log\big(C'n_k log(n_k)\big) = \frac{1}{C'}\left(\frac{log(C') + log(n_k) + log(log(n_k))}{log(n_k)}\right)$$

$$= \frac{1}{C'}\left(\frac{log(C')}{log(n_k)} + 1 + log\frac{log(n_k)}{log(n_k)}\right)$$

logo

$$\frac{\pi(p_{n_k})}{\frac{p_{n_k}}{n_k log(n_k)}} \leq \frac{1}{C'}\left(\frac{log(C')}{log(n_k)} + 1 + log\frac{log(n_k)}{log(n_k)}\right)$$

e fazendo $k \to \infty$ temos $\lim_{k\to\infty} inf\, \frac{\pi(p_{n_k})}{p_{n_k}log(n_k)} \leq \frac{1}{C'}$ temos uma contradição com a hipótese. Analogamente fazemos para a outra desigualdade ∎

Usando o resultado anterior vamos provar a seguinte proposição, a qual garante que a série

$$\sum_{p\ primo}^{'} \frac{1}{p}$$

diverge.

Proposição 2: Seja $f : [0, +\infty)$ uma função de crescente. A série

$$\sum_{p\ primo}^{'} f(p)$$

converge se, e somente se, a série

$$\sum_{n=2} \frac{f(p)}{log\ (n)}$$

converge. Em particular,

$$\sum_{p\ primo} \frac{1}{p} = \infty$$

Demonstração. Inicialmente provaremos que

$$\sum_{p\ primo} f(p) \text{ convervege} \Longleftrightarrow \sum_{n=1}^{\infty} f\big(C'nlog(n)\big) \text{converge.}$$

Temos que

$$\sum_{p} f(p) = \sum_{n=1}^{\infty} f(p_n)$$

pela proposição(1) temos que $p_n < C'nlog(n)$ então $0 < f\ (C'nlog(n)) \leq f\ (p_n)$ e como

$$\sum_{p\ primo} f\ (p)$$

converge, logo

$$\sum_{n=1}^{\infty} f\big(C'nlog(n)\big)$$

converge.
Reciprocamente suponha

$$\sum_{p\ primo} f\ (p)$$

diverge, pela proposição (1) temos $0 < f\ (C'nlog(n)) \leq f\ (p_n)$ Se f é decrescente no intervalo $[a, b]$ então f é integrável em $[a, b]$, ver em [2].
Seja $f: [0, \infty)$ integrável então

$$\int_a^{\infty} f(x)dx \text{ converge, se e somente se, } \sum_{n=1}^{\infty} f\ (n) \text{ converge}$$

ou seja,

$$\int_a^{\infty} f\big(C'xlog(x)\big)dx \text{ converge, se e somente se, } \sum_{n=1}^{\infty} f(C'nlog(n)) \text{ converge}$$

Com $a > 0$.
Seja $y = C'xlog(x) = g(x)$ como $g(x)$ é crescente então

$$\lim_{x\to\infty} g(x) = \infty\ .$$

E como $g'(x) = C'(log(x) + 1) > 0$ e $g(x)$ é inversível e derivável, então

$$x = g^{-1}(y) \Rightarrow dx = (g^{-1})'(y)dy$$

$$\int_a^{\infty} f\big(C'xlog(x)\big)dx = \int_{g^{-1}(a)}^{\infty} f(y)\ (g^{-1})'(y)dy$$

$$(g^{-1})'(y) = \frac{1}{g'\big(g^{-1}(y)\big)} = \frac{1}{C'(log(g^{-1}(y) + 1)}$$

$$\int_a^{\infty} f\left(C'x\log(x)\right)dx = \int_{g^{-1}(a)}^{\infty} \frac{f(y)}{C'(\log(g^{-1}(y)+1)}dy = \frac{1}{C'}\int_{g^{-1}(a)}^{\infty} \frac{f(y)}{(\log(g^{-1}(y)+1)}dy$$

$$= \frac{1}{C'}\int_{g^{-1}(a)}^{\infty} \frac{f(y)}{\log(y)}\frac{\log(y)}{(\log(g^{-1}(y)+1))}dy$$

Temos que,

$$\lim_{y\to\infty}\frac{\log(y)}{1-\log(g^{-1}(y))} = \lim_{x\to\infty}\frac{\log(g(x))}{1+\log(g^{-1}(g(x)))} = \lim_{x\to\infty}\frac{\log(C'x\log(x))}{1+\log(x)} = \lim_{x\to\infty}\frac{\log(C')+\log(x)+\log(\log(x))}{1+\log(x)}$$

$$= \lim_{x\to\infty}\frac{\frac{\log(C')}{\log(x)}+1+\frac{\log(\log(x))}{\log(x)}}{1+\log(x)} = 1$$

Como $\frac{\log(y)}{1+\log(g^{-1}(y))} \geq k_1 > 0$ e o resultado da desigualdade anterior

$$\int_a^{\infty} f\left(C'x\log(x)\right)dx = \frac{1}{C'}\int_{g^{-1}(a)}^{\infty} \frac{f(y)}{\log(y)}\frac{\log(y)}{(1+\log(g^{-1}(y)))}dy \geq \frac{1}{C'}\int_{g^{-1}(a)}^{\infty} \frac{f(y)}{\log(y)}k_1\,dy \geq \frac{k_1}{C'}\int_{g^{-1}(a)}^{\infty} \frac{f(y)}{\log(y)}$$

$$\Rightarrow \int_{g^{-1}(a)}^{\infty} \frac{f(y)}{\log(y)} \text{converge. Então } \sum_{n=2}^{\infty} \frac{f(n)}{\log(n)} \text{converge.}$$

Portanto temos que se

$$\sum_{p\ primo} f(p) \text{ converge então } \sum_{n=2}^{\infty} \frac{f(n)}{\log(n)} \text{converge.}$$

E assim termina a prova da proposição.

Vamos provar que

$$\sum_{p\ primo} \frac{1}{p}$$

diverge.

Sendo que $f(x) = \frac{1}{C'x\log(x)}$ é decrescente, daí segue da proposição anterior que:

$$\sum_{p\ primo} \frac{1}{p} \text{diverge, se e somente se, } \sum_{n=2}^{\infty} \frac{1}{nlog(n)} \text{diverge.}$$

Sabemos que:

$$\sum_{n=2}^{\infty} \frac{1}{nlog(n)} \text{diverge, se e somente se, } \int_2^{\infty} \frac{1}{xlog(x)}dx \text{diverge.}$$

Como,

$$\int_2^{\infty} \frac{1}{xlog(x)}dx = [\log(\log(x))]_2^{\infty} = \infty. \text{ Então } \sum_{p\ primo} \frac{1}{p} \text{diverge.}$$

Como queríamos demostrar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[1] ENRIQUE, Fabio; GUSTAV, carlos; CORÇÃO, Nicolau; TENGAN, Eduardo. Teoria dos Números **– Um passeio com Primos e outros Números Familiares pelo Mundo Inteiro.** 1 ed. Rio de Janeiro: SBM.

[2] LIMA, Elon Lages**. Análise Real.** Vol. 1. Funções de Uma Variável. Ed 11. Rio de Janeiro: SBM.

[3] EDWARDS, H. M, Riemman's Zeta **Function,** Dover Publication, Mineola, NY, 2001.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Os trabalhos para publicação deverão ser apresentados em CD (devidamente etiquetado, com título do texto, nome do autor e e-mail; editor Word for Windows 6.0 ou superior), acompanhados de duas cópias impressas. A identificação do autor e da instituição deverá constar apenas no *arquivo* em CD, que deverá apresentar claramente o título do trabalho científico. Os artigos devem ter entre 15 e 20 laudas e os ensaios entre 20 e 30 páginas (Times New Roman tamanho 12, folha A4), com espaçamento entrelinhas de 1,5. As resenhas e sínteses não devem ultrapassar a 5 laudas. Os trabalhos científicos devem ser normatizados da seguinte forma:

1) Título com as letras maiúsculas, centralizado, tamanho 12, em português e inglês;
2) Identificação do autor logo abaixo do título, tamanho 12;
3) Identificação e endereço da Instituição a qual pertence(m) completos. Todas as notas deverão constar no rodapé.
4) Resumo em português, tamanho 12 e espaço simples, no máximo de 10 linhas;
5) Palavras – chave (máximo de cinco);
6) Abstract, tamanho 12 e espaço simples, reproduzindo o resumo em português;
7) Keywords;
8) Texto de acordo com as normas da ABNT, sem numeração nos subtítulos. A diagramação dos textos obedecerá às normas da Revista ALTUS CIENCIA. As citações devem ser feitas no corpo do texto: (SOBRENOME DO AUTOR, data) ou (SOBRENOME DO AUTOR, data, página). Ex.: (SAQUET, 2000) ou (SAQUET, 2000, p.31). Caso o nome do autor esteja sendo mencionado no texto, indicar somente a data. Ex.: "Desta forma, Santos (1997), mostra elementos da ...".
9) Referências Bibliográficas conforme a ABNT. Bibliografia: deve constar no final do trabalho científico e em ordem alfabética. a) Livros: SOBRENOME, Nome. Título da obra. Local de publicação: Editora, data. Ex.: CORRÊA, Roberto. A rede urbana. São Paulo: Ática, 1989.; b) Capítulo de livro: SOBRENOME, Nome. Título do capítulo. In: SOBRENOME, Nome (Org). Título do livro. Local de publicação: Editora, data. Página inicial-final. Ex.: IANNI, Octavio. Dilemas da integração regional. In: SOUZA, Álvaro (Org*).* Paisagem território região: em busca da identidade. Cascavel: EDUNIOESTE, 2000. p.133-136.; c) Artigo em periódico: SOBRENOME, Nome. Título do artigo. Título do periódico, local de publicação, volume, número, página inicial-final, mês(es). Ano. Ex.: MACHADO, Lucy. Cognição ambiental, processo educativo e sociedades sustentáveis. Faz Ciência, Francisco Beltrão, vol. 5, n.1, p.131-146, dezembro, 2003.; d) Dissertações e teses: SOBRENOME, Nome. Título da tese (dissertação). Local: Instituição em que foi defendida, data. Número de páginas. (Categoria, grau e área de concentração). Ex.: RIBAS, Alexandre. Gestão político-territorial dos assentamentos, no Pontal do Paranapanema (SP):uma leitura a partir da COCAMP. Presidente Prudente: FCT/UNESP, 2002. 224p. (Dissertação, mestrado em Geografia).
10) Os textos deverão ser enviados após a revisão gramatical e ortográfica.

FCJP
FACULDADE
CIDADE DE JOÃO PINHEIRO